

3.º CICLO DE ESTUDOS EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
[LINGUÍSTICA]

Sobre a semântica da quantificação verbal em Português Europeu

O caso de *muito*

Inês Cantante Cordeiro da Costa Ferreira

D

2026



Inês Cantante Cordeiro da Costa Ferreira

Sobre a semântica da quantificação verbal em Português Europeu

O caso de *muito*

Tese realizada no âmbito do Doutoramento em Ciências da Linguagem (vertente Linguística), orientada pela Professora Doutora Maria de Fátima Oliveira.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2026



Este trabalho está licenciado ao abrigo de uma licença CC BY 4.0

Esta tese foi realizada com o apoio da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., através da atribuição da Bolsa de Doutoramento com a referência BD.2021.4998.

*"Success is not final, failure is not fatal: it is the courage
to continue that counts." (Winston Churchill)*

Para a minha família, para sempre o meu pilar.

Sumário

Declaração de honra	10
Agradecimentos	11
Resumo.....	13
Abstract	14
Índice de Figuras	15
Índice de Tabelas.....	16
Índice de Gráficos.....	17
Lista de abreviaturas e siglas.....	19
Introdução.....	20
1.Capítulo 1: Considerações sobre Aspeto	26
1.1. Introdução	26
1.1.1. Tempo e Aspeto.....	28
1.1.2. Aspeto Lexical e Aspeto Gramatical	29
1.2. Para uma tipologia das classes aspetuais.....	33
1.2.1. Valores aspetuais.....	33
1.2.2. Traços aspetuais	33
1.3. Contribuições teóricas para a definição da categoria gramatical Aspeto	35
1.3.1. Vendler (1957)	35
1.3.2. Dowty (1979)	37
1.3.3. Comrie (1976) e Smith (1991): a classe dos semelfactivos.....	40
1.3.4. Moens & Steedman (1988).....	43
1.3.5. Cunha (2004; 2013)	50
1.3.6. Oliveira & Leal (2015): a classe dos Processos Culmináveis	52
1.4. Para a construção do Aspeto: alguns elementos	57
1.4.1. Verbo e Tempos Verbais.....	57
1.4.1.1.O verbo e o perfil aspetual básico das eventualidades	57
1.4.2. Tempos Gramaticais	58
1.4.2.1.Pretérito Perfeito do Indicativo	58
1.4.2.2.Presente e Pretérito Imperfeito do Indicativo.....	60
1.4.2.3.Pretérito Perfeito Composto	62

1.5. Influência de outros fatores no contexto linguístico.....	67
1.5.1. Presença de objeto direto	67
1.5.2. Presença de modificadores.....	68
1.5.3. Sintagma nominal com função de sujeito	69
1.5.4. Contexto	70
1.5.5. Verbos de operação aspetual	71
1.6. Sumário.....	73
2.Capítulo 2: Algumas considerações sobre Quantificação	75
2.1. Introdução	75
2.2. Algumas perspectivas teóricas sobre quantificação	77
2.2.1. Lógica Aristotélica	77
2.2.2. Frege (1879): uma lógica bidimensional.....	80
2.2.3. Russell (1903): Quantificação e lógica	83
2.2.4. Montague (1970; 1971; 1973; 1974).....	84
2.2.5. Barwise & Cooper (1981): A teoria dos Quantificadores Generalizados.....	88
2.3. Tipos de Quantificação	90
2.3.1. Quantificação-D vs. Quantificação-A.....	90
2.3.1.1. Quantificação-D: Quantificação no domínio nominal	91
2.3.1.1.1. A distinção massivo/contável	92
2.3.1.2. Quantificação adverbial: uma introdução à quantificação de eventualidades	95
2.3.1.3. A oposição quantificação nominal/quantificação verbal	100
2.3.2. Quantificação adjetival: conceitos escalares	104
2.3.3. Quantificação verbal:.....	109
2.3.3.1. Hay <i>et al.</i> (1999): Quantificação de eventos derivados de adjetivos graduáveis....	109
2.3.3.2. Quadros Gomes <i>et al.</i> (2021): interações entre quantificação verbal e as classes aspetuais	113
2.3.3.3. Bosque & Masullo (1998): tipos de quantificação e estrutura lexical dos verbos ..	117
2.4. Perspetivas sobre a classificação de quantificadores.....	123
2.4.1. Para uma classificação dos quantificadores em Espanhol (cf. Sánchez López, 1999).....	123
2.4.2. Quantificadores em PE	125
2.4.3. Considerações sobre <i>muito</i> enquanto quantificador verbal	128
2.5. Sumário.....	133
3.Capítulo 3: Considerações sobre a estrutura dos eventos	136

3.1. Introdução	136
3.2. A noção de eventualidade: de Davidson (1967) às abordagens neo-davidsonianas	139
3.2.1. Davidson (1967): o argumento evento	139
3.2.2. A era neo-davidsoniana	142
3.3. Decomposição de predicados: perspectivas teóricas	143
3.3.1. A noção de primitivos semânticos: Dowty (1979)	145
3.4. Composição aspetual.....	151
3.4.1. Verkuyl (1972): o <i>Plus Principle</i>	152
3.4.2. Rappaport-Hovav & Levin (1998; 2010)	155
3.4.2.1. A complementaridade <i>manner</i> /resultado	157
3.5. Algumas questões sobre estrutura eventiva e telicidade	161
3.5.1. Propostas não escalares	161
3.5.1.1. Tenny (1992; 1994; 2000): o conceito de <i>measuring out</i>	161
3.5.1.2. Krifka (1989): o conceito de homomorfismo incremental	165
3.5.2. Propostas escalares:	171
3.5.2.1. Kennedy (2007; 2012): o conceito de mudança incremental escalar	171
3.5.2.2. Bochnak (2013): fontes de escalaridade no SV	175
3.5.2.3. Beavers (2008; 2012): o conceito de incrementalidade dupla	183
3.6. Sumário:.....	188
4. Capítulo 4: Os dados do PE	190
4.1. Metodologia de Análise.....	191
4.1.1. A constituição do <i>corpus</i>	191
4.1.2. Questionários.....	198
4.2. A quantificação verbal em PE: <i>Muito</i> em interação com as classes aspetuais	203
4.2.1. Estados.....	203
4.2.1.1. Estados faseáveis	206
4.2.1.1.1. Estados psicológicos.....	206
4.2.1.1.1.1. Natureza do Complemento	211
4.2.1.1.2. Verbos estativos com localização espacial.....	213
4.2.2. Processos	218
4.2.2.1. Natureza do Complemento	220
4.2.3. Processos Culminados	221
4.2.4. Processos Culmináveis	222

4.2.4.1. Verbos de Tema Incremental.....	224
4.2.4.1.1. Verbos de Criação e Consumo	225
4.2.4.1.1.1. Comer e Beber.....	225
4.2.4.1.1.1.1. Natureza do Complemento	227
4.2.4.1.1.2. Construir e Destruir.....	234
4.2.4.1.1.2.1. Natureza do Complemento	235
4.2.4.1.1.3. Escrever e Ler	240
4.2.4.1.1.3.1. Natureza do Complemento	242
4.2.4.1.1.4. O caso de <i>pintar</i>	249
4.2.4.1.1.4.1. Natureza do Complemento	249
4.2.4.2. Verbos de movimento	254
4.2.4.3. Verbos de Contacto com Superfícies.....	257
4.2.4.3.1. Natureza do Complemento.....	258
4.2.4.4. <i>Degree Achievements</i>	262
4.2.5. Culminações.....	267
4.2.6. Pontos.....	271
4.3. A quantificação verbal em interação com o contexto	273
4.3.1. A presença de elementos delimitadores	274
4.3.1.1. Localização Espacial	274
4.3.1.1.1. Estados	274
4.3.1.1.2. Processos.....	276
4.3.1.1.3. Processos Culminados e Culmináveis	279
4.3.1.1.4. Culminações e Pontos	289
4.3.1.2. Localização Temporal.....	292
4.3.1.2.1. Estados	292
4.3.1.2.2. Processos.....	303
4.3.1.2.3. Processos Culminados e Processos Culmináveis.....	305
4.3.1.2.4. Culminações e Pontos	320
4.3.2. Alterações provocadas por Tempos Verbais	323
4.3.2.1. Presente e Pretérito Imperfeito: Tempos verbais indutores de leituras habituais .	323
4.3.2.2. Pretérito Perfeito Composto: Tempo verbal indutor de iteratividade.....	335
4.4. Sumário.....	339
5. Para uma proposta explicativa da quantificação em PE	344

5.1. Introdução	344
5.2. A distinção entre verbos escalares e não escalares	349
5.3. Estados e processos quantificados: uma questão de indeterminação	351
5.3.1. Do Karitiana ao PE – a indeterminação escalar aplicada a verbos do PE	351
5.4. O caso dos Processos Culmináveis	359
5.4.1. A noção de escala de consumo (Kardos, 2012; 2016; 2019)	361
5.5. A quantificação de Processos Culmináveis em PE.....	366
5.5.1. A escala de progressão do evento	366
5.5.2. Verbos de criação/consumo	370
5.5.2.1. O caso dos verbos estritamente incrementais:	370
5.5.2.1.1. Verbos de incrementalidade não estrita.....	372
5.5.2.1.1.1. A noção de afetação:	374
5.5.2.1.1.2. Questões sobre frequência.....	381
5.5.3. Verbos de Movimento	389
5.5.4. Verbos de Contacto com Superfícies.....	390
5.5.5. <i>Degree Achievements</i>	392
5.5.6. Uma nota final sobre a classe dos Processos Culmináveis	398
5.6. Sumário.....	402
Conclusão	407
Referências Bibliográficas	418
Anexos	441
Anexo 1: Questionários	441
Anexo 2: Tabelas com resultados (em percentagem).....	473

Declaração de honra

Declaro que a presente tese é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de parte(s) da presente tese, encontrando-se todas as interações (*prompts* e respostas) transcritas em anexo.

[Porto, 19 de janeiro de 2026]

[Inês Cantante Cordeiro da Costa Ferreira]

Agradecimentos

Escrever uma tese de Doutorado é uma viagem longa, tortuosa e não mapeada: aparecem, no caminho, curvas inesperadas, montanhas que parecem impossíveis de escalar e momentos em que a linha do horizonte desaparece. Mas todas estas dificuldades são transponíveis; e são-no pelas pessoas que embarcam connosco.

A minha mais profunda gratidão vai para a Professora Doutora Fátima Oliveira, um pilar de estabilidade, que, a cada passo, guiou o caminho. Agradeço-lhe, não apenas pelos conhecimentos partilhados, mas também pela sua paciência e apoio, pelo privilégio de poder partilhar consigo todos estes anos de trabalho, pela confiança que em mim depositou, e por acreditar, até ao fim, que esta viagem chegaria a bom porto.

Agradeço, também, à Fundação para a Ciência e Tecnologia, cujo financiamento me permitiu dedicar-me inteiramente a uma atividade que verdadeiramente me apaixona; ao Centro de Linguística e a toda a sua estrutura, que me deu o apoio necessário para desenvolver e divulgar a minha investigação; à Faculdade e a todos os seus funcionários, por garantirem as condições para que este investimento pudesse dar frutos.

À minha família, o meu porto seguro, devo mais do que palavras podem dizer. Aos meus pais, por estarem sempre lá, com o amor incondicional de quem acredita – mesmo quando não entende bem o caminho. Às minhas irmãs e cunhados, que pacientemente se encarregaram de tornar a minha vida mais leve, com todos os momentos de boa disposição e união inaudita que só uma verdadeira família pode compreender. À minha irmã Mariana, parceira nesta jornada — obrigada pela tua ajuda com a parte estatística (e tanto mais). Aos meus queridos sobrinhos, que, com os seus risos espontâneos e abraços despretensiosos, me deram ar quando o fôlego me faltou – um ‘obrigada’ nunca será suficiente.

Às minhas amigas Rute e Ana Sofia, que foram companheiras de viagem, mas também porto de abrigo: que privilégio o meu em poder partilhar convosco os altos e baixos deste percurso!

A ti em especial, Rute, a amiga que a Linguística me deu e que o Doutoramento uniu com a cola especial da eternidade - obrigada por me amparares nos dias maus, me incentivares nos dias assim-assim e me elevares nos dias bons. Esta travessia teria sido bem mais difícil sem ti ao meu lado.

À Professora Purificação e ao Professor António que, ao longo da jornada, se tornaram colegas de trabalho e que nunca deixaram de me inspirar.

A todas as colegas de doutoramento, que são agora também amigas, e com quem o meu caminho por sorte se cruzou – obrigada por entenderem a montanha russa de sentimentos que é a investigação.

A todos os docentes e restantes colegas, que sempre tiveram uma palavra de incentivo – obrigada.

Por fim, mas não menos importante, deixo um sincero agradecimento a todas as pessoas que generosamente dedicaram o seu tempo a responder ao (longo!) questionário que desenvolvi.

Esta tese é também vossa.

Resumo

A presente investigação tem como objetivo central o estudo da quantificação no domínio verbal em Português Europeu. Para tal, procurou-se verificar de que modo o quantificador proporcional *muito* interage com as diferentes classes aspetuais propostas para o Português Europeu, com base em Oliveira (2003), Cunha (2004; 2013) e Oliveira & Leal (2015). A partir do comportamento deste quantificador, evidenciou-se a sua compatibilidade com todas as classes aspetuais propostas (embora com restrições de aceitabilidade em alguns casos), e a sua dupla função ao atuar sobre eventualidades, i.e., como modificador de grau, ou como operador de frequência.

No presente estudo, propõe-se uma divisão entre verbos escalares e não escalares, que se diferenciam pela presença de um argumento de grau implícito na denotação verbal, no primeiro caso, e pela sua ausência no segundo. Dentro dos verbos escalares, estados e processos distinguem-se de processos culmináveis pela forma como o argumento de grau é preenchido. No primeiro caso, é preenchido por uma escala indeterminada, selecionada de um conjunto de escalas possíveis, a partir de informação lexical e contextual. Já no caso dos processos culmináveis, o preenchimento do argumento de grau por uma escala depende da presença e natureza do argumento interno e da forma como a entidade por ele denotada é afetada no decurso do evento (afetação direta/indireta e parcial/total). Ao combinar-se com verbos não escalares, aos quais não pode associar-se uma propriedade escalar, a interpretação final é a que envolve uma repetição de eventos.

A tese está dividida em cinco capítulos: nos três primeiros, expõem-se as principais ideias associadas aos três temas orientadores da investigação: Quantificação, Aspeto e Estrutura Eventiva. Nos dois capítulos finais, apresentam-se e analisam-se criticamente os dados e fazem-se algumas propostas para a sua interpretação.

Palavras-chave: Quantificação Verbal; Classes Aspetuais; Escalas; Maximização de eventos; Afetação.

Abstract

The present thesis aims to investigate Quantification in the verbal domain in European Portuguese. To this end, the behavior of the proportional quantifier *muito* was analyzed, particularly in what concerns its interaction with verbs belonging to different aspectual classes in European Portuguese, based on proposals by Oliveira (2003), Cunha (2004; 2013) and Leal and Oliveira (2015). The analyzed data showed that *muito* is compatible with all the proposed aspectual classes (presenting some acceptability constraints in some cases), and has a dual function when acting on eventualities, i.e., as a degree modifier or as a frequency operator.

In this study, a division was proposed between scalar and non-scalar verbs, distinguished by the presence, in the former case, of an implicit degree argument in the verbal denotation, absent in the latter. Within scalar verbs, states and processes are distinguished from activities with culmination by the way in which the degree argument is filled in: in the former case, it is filled by an indeterminate scale, selected from a set of possible scales, based on lexical and contextual information. In the latter, the filling of the degree argument by a scalar argument depends on the presence and the nature of the internal argument and the way in which the entity it denotes is affected in the course of the event (directly/indirectly and totally/partially). When combined with non-scalar verbs, to which no scalar property can be associated, the final interpretation involves a repetition of events.

The thesis is divided into five chapters. The first chapters three present the main ideas related to the guiding themes of the research: Quantification, Aspect and Eventive Structure. The final two chapters present and critically analyse the data, making some proposals for its interpretation.

Keywords: Verbal Quantification; Aspectual Classes; Verbal Classes; Scales; Event Maximalization; Affectedness.

Índice de Figuras

FIGURA 1 – EVENTOS ATÔMICOS E EVENTOS NÃO ATÔMICOS	42
FIGURA 2 – NÚCLEO ASPETUAL.....	46
FIGURA 3 – REDE DE TRANSIÇÕES ENTRE CATEGORIAS ASPETUAIS.....	48
FIGURA 4 - THE TRADITIONAL SQUARE OF OPPOSITION.....	78
FIGURA 5 - ESQUEMA DE ATUAÇÃO DO OPERADOR 'ALWAYS'	96
FIGURA 6 - CLASSES ASPETUAIS E DIMENSÕES ASPETUAIS.....	115
FIGURA 7 – TIPOS DE EXPRESSÕES DE GRAU	131
FIGURA 8 – DIAGRAMA TEMPORAL LINEAR PARA [BECOME ϕ]	147
FIGURA 9 – <i>PLUS PRINCIPLE</i>	152
FIGURA 10 – CANNONICAL REALIZATION RULES	156
FIGURA 11 – TIPOLOGIA QUADRIPARTIDA DE VERBOS	160
FIGURA 12 – LISTA DAS OPÇÕES DE INTERPRETAÇÃO APRESENTADAS AOS FALANTES	200
FIGURA 13 - EXEMPLO DE PERGUNTA RELATIVA À PRESENÇA DE UMA LOCALIZAÇÃO ESPACIAL.....	202
FIGURA 14 - ESCALA POSITIVA DE INTENSIDADE DE SENTIMENTO DEFINIDA POR ESTADOS DERIVADOS DE VERBOS DE ESTADO PSICOLÓGICO.....	210
FIGURA 15 - ESCALA NEGATIVA DE INTENSIDADE DE SENTIMENTO DEFINIDA POR ESTADOS DERIVADOS DE VERBOS DE ESTADO PSICOLÓGICO.....	210
FIGURA 16 – RELAÇÃO ENTRE AS ESTRUTURAS PARTITIVAS DO ARGUMENTO FIGURA E DA ESCALA DE CONSUMO	364

Índice de Tabelas

TABELA 1: CLASSIFICAÇÃO DOS QUANTIFICADORES PROPOSTA POR SÁNCHEZ LOPÉZ (1999)	124
TABELA 2: QUANTIFICAÇÃO EM PE (PERES, 1990; 1992; 1993).....	128
TABELA 3 - COMBINAÇÃO DE <i>MUITO</i> COM AS DIFERENTES CLASSES ASPETUAIS	342
TABELA 4 – FATORES ADICIONAIS QUE INFLUENCIAM A INTERPRETAÇÃO FINAL	343
TABELA 5: TIPOS DE AFETAÇÃO DO ARGUMENTO INTERNO EM PE.....	381
TABELA 6: TIPOS DE PROCESSOS CULMINÁVEIS EM PE.....	398

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1 – RESULTADOS PARA [ADOROU MUITO + COMPLEMENTO]	213
GRÁFICO 2 – RESULTADOS PARA [VIVEU MUITO EM LEIRIA]	216
GRÁFICO 3 – RESULTADOS PARA [ESTEVE MUITO EM + COMPLEMENTO]	218
GRÁFICO 4 – RESULTADOS PARA [BRINCOU MUITO].....	220
GRÁFICO 5 – RESULTADOS PARA [COMEU MUITO + COMPLEMENTO].....	232
GRÁFICO 6 – RESULTADOS PARA [CONSTRUIU MUITO + COMPLEMENTO]	238
GRÁFICO 7 – RESULTADOS PARA [DESTRUIU MUITO + COMPLEMENTO]	239
GRÁFICO 8 – RESULTADOS PARA [LEU MUITO + COMPLEMENTO]	248
GRÁFICO 9 – RESULTADOS PARA [CAIU MUITO]	269
GRÁFICO 10 – RESULTADOS PARA [TOSSIU MUITO]	273
GRÁFICO 11 – RESULTADOS PARA [ADOROU MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO ESPACIAL].....	275
GRÁFICO 12 – RESULTADOS PARA [ESTEVE MUITO (EM) + LOCALIZAÇÃO ESPACIAL]	276
GRÁFICO 13 - RESULTADOS PARA [BRINCOU MUITO + LOCALIZAÇÃO ESPACIAL]	278
GRÁFICO 14 - RESULTADOS PARA [COMEU MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO ESPACIAL]	284
GRÁFICO 15 - RESULTADOS PARA [CONSTRUIU MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO ESPACIAL]	285
GRÁFICO 16 - RESULTADOS PARA [DESTRUIU MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO ESPACIAL]	285
GRÁFICO 17 - RESULTADOS PARA [LEU MUITO + LOCALIZAÇÃO ESPACIAL].....	286
GRÁFICO 18 – RESULTADOS PARA [CAIU MUITO + LOCALIZAÇÃO ESPACIAL].....	290
GRÁFICO 19 – RESULTADOS PARA [TOSSIU MUITO + LOCALIZAÇÃO ESPACIAL]	292
GRÁFICO 20 – RESULTADOS PARA [ADOROU MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL CURTA] ..	295
GRÁFICO 21 - RESULTADOS PARA [ADOROU MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL INTERMÉDIA]	297
GRÁFICO 22 – RESULTADOS PARA [ADOROU MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL LONGA] ..	297
GRÁFICO 23 – RESULTADOS PARA [ESTEVE MUITO EM + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL CURTA] ..	299
GRÁFICO 24 - RESULTADOS PARA [ESTEVE MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL INTERMÉDIA]	301
GRÁFICO 25 - RESULTADOS PARA [ESTEVE MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL LONGA]	301
GRÁFICO 26 – RESULTADOS PARA [VIVEU MUITO (EM) + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL]	303
GRÁFICO 27 – RESULTADOS PARA [BRINCOU MUITO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL]	305
GRÁFICO 28 – RESULTADOS PARA [COMEU MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL CURTA]	309

GRÁFICO 29 – RESULTADOS PARA [COMEU MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL INTERMÉDIA]	310
GRÁFICO 30 - RESULTADOS PARA [COMEU MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL LONGA]	311
GRÁFICO 31 - RESULTADOS PARA [CONSTRUIU MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL CURTA]	312
GRÁFICO 32 - RESULTADOS PARA [CONSTRUIU MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL INTERMÉDIA].....	312
GRÁFICO 33 - RESULTADOS PARA [CONSTRUIU MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL LONGA]	312
GRÁFICO 34 - [DESTRUIU MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL CURTA]	313
GRÁFICO 35 - [DESTRUIU MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL INTERMÉDIA]	313
GRÁFICO 36 - RESULTADOS PARA [DESTRUIU MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL LONGA] .	313
GRÁFICO 37 - RESULTADOS PARA [LEU MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL CURTA]	315
GRÁFICO 38 - RESULTADOS PARA [LEU MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL INTERMÉDIA] ..	315
GRÁFICO 39 - RESULTADOS PARA [LEU MUITO + COMPLEMENTO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL LONGA]	317
GRÁFICO 40 – RESULTADOS PARA [CAIU MUITO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL]	321
GRÁFICO 41 – RESULTADOS PARA [TOSSIU MUITO + LOCALIZAÇÃO TEMPORAL]	323

Lista de abreviaturas e siglas

PE	PORTUGUÊS EUROPEU
PB	PORTUGUÊS DO BRASIL
SN	SINTAGMA NOMINAL
SV	SINTAGMA VERBAL
SPREP	SINTAGMA PREPOSICIONAL
DAS	<i>DEGREE ACHIEVEMENTS</i>

Introdução

A quantificação tem sido alvo de estudo de inúmeros trabalhos. Investigada desde o tempo de Aristóteles até aos dias atuais, a quantificação pode aplicar-se a vários domínios, onde se inclui a quantificação adjetival (*muito bonito*), adverbial (*muito intensamente*) e nominal (*cinco morangos*), mas também os verbos são aptos a receber quantificação (*chorar muito, estudar frequentemente, amar intensamente*).

Apesar dos numerosos estudos no domínio nominal (cf., por exemplo, Montague, 1970; 1971; 1973; 1974; Barwise & Cooper, 1981; Heim, 1982; Partee, 1991, e.o.), a quantificação verbal tem sido bastante menos investigada, com alguns trabalhos a focar as diferenças entre a quantificação-D (*determiner*) e a quantificação-A (*adverbs, auxiliares, affixes*, etc.), oposição tipicamente associada à diferença entre quantificação nominal e adverbial, respetivamente (cf. Lewis, 1975; Heim, 1982; Kamp, 1981; Bach, 1986; Jelinek, 1988; Kratzer, 1989; and Partee, 1989, 1990, 1991, e.o.). A ideia de que a quantificação verbal é realizada por expressões adverbiais está presente nos trabalhos de Fleischhauer (2016), que considera dois tipos de quantificação adverbial: na ‘gradação de grau’, um grau é especificado numa escala, através de um advérbio que modifica o predicado e, na ‘gradação alargada’, foca-se uma propriedade graduável relacionada com o evento (como a sua duração ou frequência). Efetivamente, é neste segundo tipo de quantificação, i.e., a quantificação adverbial, que se inclui, a maior parte das vezes, a quantificação verbal, ilustrada em frases como a que se apresenta em (1) (cf. Lewis, 1975 *apud* Partee, 1991: 161), e que se distingue de (2) pelo facto de, no primeiro caso, quantificar-se sobre o evento (*has two different solutions*), enquanto, no segundo, o que se foca é o número, em proporção, de equações quadráticas, também designadas equações de segundo grau (indicado pela presença de *most*).

(1) A quadratic equation *usually* has two different solutions.

(2) *Most* quadratic equations have two different solutions.

Com o desenvolvimento de teorias sobre Aspeto, por um lado, e de propostas sobre a decomposição lexical diretamente relacionadas com questões sobre estrutura eventiva, por outro, o estudo da quantificação verbal ganhou um novo fôlego. Apesar de praticamente inexistente em Português Europeu (doravante PE), existindo apenas alguns trabalhos pontuais que abordam este assunto (cf. Oliveira, Leal & Silva, 2014; Leal & Oliveira, 2016), a quantificação verbal foi investigada noutras línguas, de diferentes perspectivas. Um dos primeiros trabalhos a focar esta temática foi o de Bosque & Masullo (1998), que consideram, numa perspectiva que se situa na interface entre a semântica e a sintaxe, que a estrutura lexical dos verbos condiciona as interpretações disponíveis na quantificação verbal. Outros autores, como Quadros Gomes *et al.* (2021), optam por analisar a quantificação verbal tendo em conta as diferentes classes aspetuais (cf. Vendler, 1957; Moens, 1987; Moens & Steedman, 1988, Oliveira, 2003; Cunha, 2004, 2013, e.o.), mostrando que os processos culminados, eventos de mudança de estado durativos e delimitados com consequente mudança de estado, são os que apresentam maior dificuldade quanto à aceitação de quantificação, em Português do Brasil (doravante PB).

De facto, a perspetivação das eventualidades do ponto de vista da sua estruturação interna pôs em evidência a importância da presença dos argumentos internos. Nesse sentido, várias propostas de diferentes autores (cf. Verkuyl, 1993; Krifka, 1989, 1992, 1998; Tenny, 1992; 1994) confluíram numa mesma ideia, a de que, com certos verbos, a presença e a natureza de um argumento interno são responsáveis por delimitar, ou ‘medir’, a extensão do evento. Krifka (1989), em particular, propõe a existência de uma relação homomórfica, que garante uma correlação direta entre a estrutura do evento e a estrutura do argumento interno, definindo, assim, uma progressão incremental para o evento. Deste modo, o argumento interno é fundamental para a marcação da telicidade dos eventos, já que um argumento interno com referência quantizada (contável) é capaz de delimitar o evento, ao contrário de um argumento interno com referência cumulativa (não contável). Estas propostas foram posteriormente retomadas nos trabalhos de Beavers (2008; 2010; 2012), que propõe que certos verbos podem ter, não um, mas dois temas incrementais, o que envolve o

estabelecimento de um homomorfismo ternário, esse sim, responsável pela delimitação do evento, que, na perspetiva de Kardos (2008; 2010; 2012) pode ser representado numa escala de criação/consumo, que permite estabelecer, de forma precisa, a forma como o evento progride.

Por fim, adotando uma perspetiva escalar, Hay *et al.* (1999) notam que certos verbos, derivados de adjetivos graduáveis (como os *Degree Achievements*), contêm uma propriedade graduável que permite avaliar o grau de mudança observado na entidade que representa o argumento Tema como consequência da sua participação no evento, ou seja, o seu valor diferencial. Para estes autores, a telicidade depende da delimitação do valor diferencial, ou seja, o que é realmente importante é ser possível delimitar ou precisar o grau de mudança no Tema.

A existência de abordagens que envolvem dimensões e conceitos escalares levou alguns autores a discutir o carácter escalar dos verbos. De facto, Rapaport-Hovav & Levin (2008) demonstram que certos verbos são naturalmente escalares, nomeadamente, aqueles que incluem a noção de resultado na sua estrutura eventiva. Isto significa que, nesta perspetiva, a escalaridade é lexicalmente determinada pela presença de um radical resultativo, como ocorre com verbos de mudança de estado, que lexicalizam uma escala relativa a uma propriedade (graduável) (por exemplo, *freeze* ou *widen*). Por sua vez, Beavers (2002) e Wechsler (2005) associam a escalaridade verbal à noção de duratividade, de tal forma que eventos durativos são escalares e eventos não durativos são pontuais.

Ainda assim, apesar de diversas, as propostas supramencionadas, todas elas para línguas que não o PE, são insuficientes para clarificar o funcionamento da quantificação verbal, particularmente em PE. Por esse motivo, a presente investigação pretende enquadrar a questão da quantificação verbal num quadro teórico abrangente, onde se cruzam questões de Aspeto, estrutura eventiva e quantificação, numa perspetiva semântica. Assim, no presente trabalho, pretende-se investigar o funcionamento da quantificação no domínio verbal em PE, em particular no que concerne à sua aceitabilidade com o quantificador *muito*. Pretende-se se dar resposta às seguintes questões de investigação:

1. Que fatores têm impacto nas interpretações finais de eventualidades quantificadas com *muito*?
2. Qual é a compatibilidade de *muito* com as diferentes classes aspetuais?
3. Como se comporta *muito* enquanto quantificador verbal em PE?
4. Terá a atuação de *muito* um impacto na classificação aspetual das eventualidades (i.e., até que ponto a presença de *muito* poderá influenciar uma mudança de classe aspetual da eventualidade descrita)?
5. Qual a relação entre a quantificação por *muito* e os argumentos verbais, especificamente no que se refere à sua presença/ausência e à sua natureza?
6. De que modo se relaciona *muito* com a estrutura subeventiva, especialmente no caso de eventos complexos, que contêm diferentes subeventos na sua estrutura eventiva?

De modo a responder às questões de investigação, o presente trabalho estruturou-se de acordo com um critério principal orientador, a classificação aspetual das eventualidades, testando-se a compatibilidade com estados, processos, processos com culminação (culminados e culmináveis), culminações e pontos. No entanto, sabendo-se que múltiplos fatores contribuem para o estabelecimento da interpretação final, verificou-se que a natureza semântica dos argumentos internos, quando presentes, interagem com a estrutura eventiva e, conseqüentemente, com a quantificação do verbo, pelo que este configurou um critério de análise relevante. Por fim, também a presença de elementos delimitadores das eventualidades tem conseqüências na sua classificação aspetual, o que, uma vez mais, interage com a aceitabilidade com o quantificador *muito* e com as respetivas interpretações possíveis. Desse modo, enquanto elementos delimitadores, estabeleceu-se uma diferença entre a presença de uma localização espacial, que delimita a eventualidade no espaço, e uma localização temporal, que a delimita no tempo, aqui especificando-se, ainda, a diferença

entre uma localização temporal de duração curta, média ou longa. Correspondendo o Pretérito Perfeito a um tempo neutro, do ponto de vista aspetual, i.e., que não provoca alterações aspetuais (cf. Cunha, 2004; Oliveira, 2003), este foi o tempo verbal selecionado para realizar a recolha e análise dos dados do PE.

Posto de forma simplificada, a presente investigação foca a quantificação verbal em PE, partindo da análise das classes aspetuais quantificadas, para investigar de que forma a presença do quantificador *muito* interage com a estrutura eventiva. Assume-se, na linha da maior parte dos autores consultados, que a interpretação final é estabelecida de forma composicional e, desse modo, vários fatores contribuem com informação linguística relevante.

O trabalho aqui apresentado encontra-se organizado em cinco capítulos, aos quais se acrescenta, ainda, a Introdução e a Conclusão. O primeiro capítulo será dedicado à descrição do Aspeto, apresentando-se algumas propostas fundamentais para a definição desta categoria gramatical, discutindo-se, ainda, a importância de elementos linguísticos e contextuais no estabelecimento da classificação aspetual final das predicções. No segundo capítulo, será abordado o tema da quantificação, resumindo-se a forma como este tema foi abordado ao longo dos anos e apresentando diferentes tipos de quantificação. Na parte final deste capítulo foca-se, particularmente, a questão da quantificação verbal, discutindo também algumas perspetivas sobre a classificação dos quantificadores, em particular o caso de *muito*. No terceiro capítulo, ocupar-me-ei, de modo mais particular, de questões de estrutura eventiva, começando por introduzir os trabalhos de Davidson, bem como abordagens posteriores, fundamentais para estabelecer os conceitos de decomposição de predicados e composição aspetual, discutidos de seguida. A parte final do capítulo dedica-se à análise de algumas propostas que combinam questões de estrutura eventiva e telicidade, divididas em propostas escalares e não escalares. O quarto capítulo é reservado à apresentação dos dados, dividindo-se em duas partes: na parte inicial, faz-se um breve esclarecimento sobre a metodologia utilizada para recolher os dados e para elaborar um questionário, necessário para a validação das respostas; na parte final, apresentam-se os dados, organizados tendo em conta os diferentes critérios enunciados na parte inicial,

e acompanhados da explicitação das interpretações. O quinto capítulo avança com uma proposta explicativa para os dados apresentados no capítulo anterior, e a tese termina com uma secção final, dedicada à Conclusão, seguindo-se a lista de referências bibliográficas e os anexos.

1. Capítulo 1: Considerações sobre Aspeto

1.1. Introdução

Falar sobre Aspeto significa, de um modo geral, falar sobre a “perspectivação” ou “focalização” da estrutura temporal interna das predicções” (Cunha, 2004: 10). Dito por outras palavras, o Aspeto constitui uma categoria verbal que permite definir a estrutura temporal de uma dada situação, de um ponto de vista do seu desenvolvimento interno (ver, a este propósito, Ryle, 1949; Kenny, 1963; Vendler, 1957; Montague, 1968; 1973; Davidson, 1967; Scott, 1970; Verkuyl, 1972; Bennett & Partee, 1972; Comrie, 1976; Mourelatos, 1978; Dowty, 1979; Parsons, 1990; Smith, 1991; de Swaart, 1998; Filip, 1999, 2008; 2012; Oliveira, 1996; 2003; Cunha, 2004; 2013; entre muitos outros). Uma situação, também designada de eventualidade, é entendida como “a representação linguística de um determinado estado de coisas ou acontecimento do mundo num contexto espaço-temporal” (Cunha, 2013: 585). Assim, e em concordância com Comrie (1976), a categoria do Aspeto constitui “different ways of viewing the internal temporal constitution of a situation” (1976: 3), permitindo, assim, compreender de que modo as eventualidades¹ descritas por um determinado sintagma verbal são perspectivadas em termos da sua organização temporal interna. De facto, as diferenças aspetuais das eventualidades permitem distinguir situações durativas (cf. (1)) de situações pontuais (cf. (2)), dinâmicas (cf. (3)) de não dinâmicas (cf. (4)), bem como situações que têm um ponto final bem definido, i.e., télicas (cf. (5)), de situações sem delimitação final (atélicas) (cf. (6)).

(1) O João comeu um hambúrguer.

(2) A Maria desmaiou na escola.

¹O conceito de ‘eventualidade’, no sentido do presente trabalho, deve ser entendido como a descrição de um estado de coisas, i.e., uma situação do mundo. Ao usar o termo ‘eventualidade’, estarei a referir-me a estados e eventos; se, pelo contrário, quiser fazer referência a cada um destes tipos de eventualidade, usarei a designação estado e evento, para cada caso.

- (3) A Teresa escreveu um livro.
- (4) O Pedro vive em Portugal.
- (5) O Rui atravessou a estrada.
- (6) A Luísa trabalha.

Os exemplos em (1), (3), (5) e (6) descrevem situações que decorrem num determinado intervalo de tempo e, por isso, são durativas. Nos casos particulares de (1), (3) e (5), o intervalo de tempo em que elas decorrem tem, obrigatoriamente, de ser delimitado, já que o evento de atravessar a estrada, por exemplo, acaba no momento em que se atinge o outro lado da estrada. A eventualidade em (4) descreve um estado (i.e., uma situação homogénea não dinâmica), ao contrário das restantes, que descrevem eventos (situações dinâmicas). A estabilização destas características permitiu organizar as diferentes eventualidades, através do estabelecimento de um conjunto de classes aspetuais, que serão apresentadas e discutidas ao longo deste capítulo.

O presente capítulo está organizado da seguinte forma: na próxima secção, será feita uma distinção entre as categorias gramaticais Tempo e Aspeto, seguindo-se uma discussão acerca das diferenças entre o Aspeto Lexical, também apelidado de Aktionsart, e o Aspeto Gramatical e da relevância desta distinção para o estudo do Aspeto em PE. Na segunda secção, serão apresentados alguns conceitos fundamentais para a compreensão desta categoria gramatical, mais concretamente, o conjunto de valores aspetuais, conforme definido em Cunha (2004), e o conjunto de traços aspetuais em análise, que permitirão o estabelecimento de uma tipologia de classes aspetuais. Posto isto, serão apresentadas e discutidas algumas das propostas mais relevantes para o estudo e definição do Aspeto enquanto categoria gramatical (cf. Vendler, 1957; Dowty, 1979; Moens & Steedman, 1988; Comrie (1976), Smith (1991), Cunha (2004; 2013) e, por fim, Oliveira & Leal (2015). A quarta secção é justificada pela observação de que a construção da interpretação aspetual não é feita de forma isolada. Por esse motivo, certos elementos linguísticos presentes na frase são determinantes para, por um lado,

ajudar a construir o significado aspetual das eventualidades descritas, ou, por outro, alterar o significado básico dessas mesmas eventualidades. Assim, nesta secção, serão introduzidos e discutidos alguns desses fatores, como, por exemplo, os verbos utilizados e os tempos verbais em que ocorrem, e a presença ou ausência de complementos e/ou modificadores. O capítulo termina com um breve sumário da informação apresentada.

1.1.1. Tempo e Aspeto

O estudo do Aspeto não pode ser totalmente dissociado do estudo do Tempo linguístico, categoria em que se conceptualizam as situações a partir da sua ordenação cronológica (e linear). De facto, em certos casos, os tempos verbais são capazes de influenciar (i.e., condicionar) as leituras aspetuais, sendo por isso apelidados de operadores aspetuais. Se, por um lado, o estudo do Tempo tem como base a ideia de um conjunto linearmente ordenado de unidades temporais, que podem ser instantes ou intervalos, o estudo do Aspeto encara as situações de outro ponto de vista, centrando-se, sobretudo, no modo como as situações se desenvolvem internamente, não se focando, por isso, na forma como elas se ordenam cronologicamente.

Desse modo, uma das principais diferenças entre Tempo e Aspeto é que, no primeiro caso, “tense relates the time of the situation referred to to some other, usually the moment of speaking” (Comrie, 1976: 1-2), i.e., as eventualidades são localizadas em relação a um determinado ponto de referência temporal (que pode ser o momento de enunciação, por exemplo, mas também um tempo passado ou futuro)². Por sua vez, o Aspeto “é independente de qualquer ponto externo de referência” (Cunha, 2013: 585) e está relacionado com a forma como as eventualidades são constituídas, a nível da sua estruturação interna (por exemplo, se têm fases, se são durativas ou se são temporalmente delimitadas).

²Para mais, ver, entre outros, Reichenbach (1947); McCawley (1971); Bennett & Partee (1972); Kamp & Reyle (1973); Comrie (1976); Taylor (1977); Dowty (1979), Bach (1981); Dahl (1985); Bybee *et al.* (1994); Oliveira (2003; 2013); Silvano (2009).

Apesar das claras semelhanças que é possível apontar entre as categorias do Tempo e do Aspeto, nomeadamente a ideia de que utilizam i) os mesmos conceitos básicos, como a noção de intervalo; e ii) os mesmos mecanismos linguísticos, como os adverbiais temporais, que são usados, na categoria do Tempo, como uma forma de localizar uma situação no tempo, e, na categoria do Aspeto, como uma forma de delimitar temporalmente uma situação, ou, até, iii) os próprios tempos verbais, que podem servir propósitos temporais e aspetuais; estas categorias não devem confundir-se, devendo ser consideradas separadamente. De facto, uma das características que as separa é o facto de o Tempo constituir, nas palavras de Travaglia (2016), uma categoria deítica e o Aspeto ser, opostamente, uma categoria não deítica. Esta distinção justifica-se porque o Tempo é relacional (cf. Cunha, 2004), i.e., relaciona a ocorrência de uma situação relativamente ao momento da enunciação, revelando-se o Aspeto bastante mais autónomo deste ponto de vista, já que não necessita de qualquer informação externa, focando-se apenas na perspetivação interna da situação que é descrita. Desta forma, Tempo e Aspeto diferem relativamente à perspetiva com que encaram as situações, no sentido em que o Tempo as focaliza de um ponto de vista externo, enquanto o Aspeto as considera tendo em conta a sua constituição interna.

1.1.2. Aspeto Lexical e Aspeto Gramatical

A categoria do Aspeto é tradicionalmente dividida em duas subcategorias, a do Aspeto lexical, também designada *Aktionsart*, (cf., e.o., Binnick, 1991; Moens, 1987; Kamp e Reyle, 1993), que significa, em termos literais, ‘modo de ação’, e a do Aspeto Gramatical.

Utilizado pela primeira vez por Agrell (1908) para dar conta de um vasto leque de possibilidades de ‘maneiras de ação’ “(e.g., *terminative, resultative, delimitative, perdurative, iterative, semelfactive, attenuative, augmentative*)” (cf. Maienborn *et al.*, 2011: 1187), o termo *Aktionsart(en)* refere-se ao estudo dos meios lexicais utilizados para perspetivar internamente as situações, como os afixos ou os tempos verbais (cf., e.o., Dowty, 1979). Também designado ‘Situation Aspect’ por Smith (1991), o Aspeto

lexical está diretamente relacionado com a organização interna das situações, e é definido pela informação lexical do verbo, ou seja, a partir das propriedades do verbo e dos seus argumentos. Através destas características, é possível organizar os verbos em diversas classes aspetuais básicas (que serão discutidas na secção seguinte).

No entanto, a leitura aspetual final não está dependente apenas do perfil aspetual básico das eventualidades, já que diversos fatores podem contribuir para a alteração da leitura aspetual básica de uma predicação. De facto, olhando para uma frase como (7), a leitura é a de que houve um evento em que *a Maria* foi o sujeito (agente), que decorreu num determinado intervalo de tempo e que teve um ponto final, que corresponde ao momento em que *o jornal* ficou totalmente lido. No entanto, se adicionarmos a esta eventualidade um adjunto adverbial como em (7a.), a leitura aspetual obtida é a de repetição de situações, i.e., a de que, ao longo de uma semana, a Maria repetiu diariamente o evento *ler o jornal de uma ponta à outra*. Neste caso, o Aspeto obtido é um Aspeto derivado, que resulta da interação dos diversos elementos presentes na frase (cf. Cunha, 2004; 2013; e.o.).

(7) A Maria *leu o jornal* do início ao fim.

a. A Maria leu o jornal do início ao fim *todos os dias durante uma semana*.

Esta variação aspetual reflete uma variação na perspetivação da situação por influência de outros fatores que não apenas a classe aspetual básica das diversas eventualidades. Esta interação é comumente designada de Aspeto Gramatical, ao qual Smith (1991) apelida de ‘Viewpoint Aspect’³, associado, precisamente, à possibilidade de mudança na perspetivação interna das situações.

³A diferença entre o termo ‘Situation Aspect’ e o termo ‘Viewpoint Aspect’ é que o primeiro faz referência à estrutura típica de uma eventualidade, enquanto o segundo se refere à presença de certos elementos, que salientam apenas certas partes da situação descrita, servindo, por isso, para mudar ou realinhar a perspetiva com que essa situação é encarada.

De facto, o conjunto dos mecanismos que compõem o Aspeto Gramatical é diverso, podendo incluir i) certos operadores aspetuais, como, por exemplo, os verbos *começar (a)* ou *acabar (de)* (cf. (8)-(8a.)), ii) a presença de certos adjuntos adverbiais, como os de duração temporal (cf. (9)) ou, ainda, iii) a presença de certos afixos, como acontece em Inglês, em que, por exemplo, a presença do sufixo *-ing* dá a indicação de que o evento descrito pelo verbo está a decorrer (cf. (10a.)) (cf. Oliveira, 2003; Cunha, 2013; e.o.). Com efeito, para o Inglês, Rothstein (2004; 2008; 2016) dá particular relevância ao aspeto perfetivo (cf. (10)) e ao aspeto progressivo (cf. (10a.)), indicando que estes se diferenciam pelo facto de, no primeiro caso, o evento ser “perceived from an external viewpoint which is located outside the running event”, ao contrário do segundo, em que esta perspetivação é feita de um ponto de vista interno ao evento, havendo uma coincidência entre o ponto de referência e o tempo do evento (cf. Rothstein, 2016: 360).

(8) A Sara *começou a ler* ‘O Príncipezinho’ ontem.

a. A Sara *acabou de ler* ‘O Príncipezinho’ ontem.

(9) A Sara *nadou* na piscina durante meia hora.

(10) John *built a house* in a week. (Rothstein, 2016: 346)

a. John *is running* now. (Rothstein, 2016: 362)

Os Aspetos Perfetivo e Imperfetivo fornecem informação acerca do carácter terminativo das situações. Nas línguas eslavas, a diferença entre o Aspeto Perfetivo e Imperfetivo é marcada morfológicamente pela presença de afixos verbais, constituindo o Imperfetivo a forma não marcada. Se, para alguns autores (cf. Mourelatos, 1978), a morfologia Perfetivo/Imperfetivo é responsável pela codificação das classes aspetuais, permitindo assim a conceção do Aspeto como uma categoria unificada e universal, a maior parte dos autores concorda com a divisão entre os dois tipos de Aspeto, Lexical e Gramatical, que se justifica pelo facto de constituírem mecanismos de análise diferentes.

Todavia, Cunha (2004) assume que, em PE, esta distinção entre Aspeto Lexical e Aspeto Gramatical talvez não seja absolutamente necessária, dado que, em primeiro lugar, é possível veicular as mesmas informações aspetuais através de diferentes mecanismos e, em sentido oposto, o mesmo mecanismo pode servir diferentes propósitos aspetuais⁴; em segundo lugar, o Português, ao contrário das línguas eslavas, não contém morfemas flexionais que sejam utilizados única e exclusivamente para transmitir valores aspetuais. O autor assume, assim, que a anteriormente referida distinção “parece perder grande parte do seu sentido, na medida em que o Aspecto se reduziria a um conjunto de indicadores, algo dispersos, amalgamados num sistema flexional prioritariamente orientado para a representação de outras funções semânticas” (Cunha, 2004: 14).

Parece, assim, viável assumir, para o PE, a ideia de que os valores aspetuais são construídos composicionalmente, uma posição defendida, também, no presente trabalho. Tendo em conta que o Aspeto, em PE, é construído pela interação entre o verbo e os seus argumentos com outros elementos da frase, torna-se inevitável considerar que as propriedades aspetuais das predicções estão dependentes da forma como todos estes elementos se combinam para formar uma estrutura complexa, o que é tipicamente designado de ‘composição aspetual’ (cf. Krifka, 1989; 1992; Verkuyl, 1993, e.o.).

⁴Para ilustrar estas situações, Cunha (2004) refere a utilização do Presente do Indicativo, de adverbiais temporais ou de certos verbos para transmitir o mesmo valor aspetual – a leitura de habitualidade (ilustrada em (i)), bem como, em sentido inverso, a possibilidade de o Pretérito Imperfeito do Indicativo poder ser utilizado para veicular diferentes valores aspetuais, como a leitura de habitualidade, mas também a leitura de que a eventualidade está a decorrer (cf. (ii)).

- (i) A Rosa Mota **corre** a maratona.
 - a. A Rosa Mota correu a maratona **durante vários anos**.
 - b. A Rosa Mota **costuma/costumava** correr a maratona.
- (ii) Quando era pequeno, o João **bebia** leite.
 - a. Quando entrei em casa, o João **bebia** leite.

(Cunha, 2004: 13-14)

1.2. Para uma tipologia das classes aspetuais

1.2.1. Valores aspetuais

Para o PE, Cunha (2013) distingue algumas possibilidades de valores aspetuais. O Aspeto Ingressivo focaliza o início de uma eventualidade e pode ser marcado, por exemplo, através do verbo de operação aspetual *começar a*; o Aspeto Continuativo focaliza uma parte intermédia ('medial') do evento e é mais facilmente evidenciado através do uso de *continuar a*; por sua vez, o Aspeto Cessativo dá conta da cessação (que poderá ser temporária) de uma situação e distingue-se do Aspeto Terminativo pelo facto de este último se comportar de modo semelhante (embora em sentido oposto) ao Aspeto Ingressivo, já que marca uma focalização da parte final do evento; por fim, o Aspeto Resultativo está diretamente relacionado com a existência de um estado resultante, que deriva do decurso do evento descrito. Vejam-se os exemplos abaixo:

(11) A Sara começou a ler 'O Principezinho'. – Aspeto Ingressivo

(12) A Sara continuou a ler 'O Principezinho'. – Aspeto Continuativo

(13) A Sara parou de ler 'O Principezinho' (enquanto esteve a ajudar a mãe). – Aspeto Cessativo

(14) A Sara acabou de ler 'O Principezinho'. – Aspeto Terminativo

(15) Depois de muito esforço, 'O Principezinho' está finalmente lido. – Aspeto Resultativo

1.2.2. Traços aspetuais

O reconhecimento de uma tipologia de classes aspetuais depende, em grande parte, da possibilidade de estabelecer um conjunto limitado de propriedades, os designados traços aspetuais, cuja presença ou ausência permite a definição do perfil básico de cada uma destas classes. De um modo geral, é possível assumir um conjunto quadripartido de traços aspetuais: duratividade, dinamicidade, telicidade e homogeneidade (cf. Vendler, 1957; Cunha, 2004; 2007; Oliveira, 2003; entre outros).

O traço da duratividade opõe situações durativas (*chorar, fazer um bolo*), ou seja, que decorrem num determinado intervalo de tempo, e situações pontuais (*desmaiar, partir o vidro*), que ocorrem em momentos ou instantes.

A dinamicidade está relacionada com o perfil interno da eventualidade, mais precisamente no que concerne à (possibilidade de) existência de fases, ainda que envolvam uma mudança mínima, que decorrem de uma forma sucessiva e progressiva ao longo de um intervalo de tempo. Uma situação assim diz-se dinâmica (*correr*) e, pelo contrário, se nada se modifica no estado de coisas descrito pela eventualidade em análise, ao longo de um dado intervalo de tempo, então a situação é estática (*amar*), não possuindo dinamicidade.

Quando as fases que constituem uma situação “mantêm basicamente as mesmas características da situação completa” (Cunha, 2013: 590), a eventualidade é descrita como homogénea, inversamente às situações heterogéneas, casos em que o que é descrito nas diferentes fases da eventualidade não corresponde ao que é descrito pela situação como um todo. Uma situação homogénea pode ser dinâmica, na qual é possível assumir-se a possibilidade de divisão em fases, como *trabalhar*, ou não dinâmica, i.e., estativa, como, por exemplo, *ser alto*. No primeiro caso, a consideração de cada uma das fases, individualmente, alinha-se com o que se entende, de forma global, por *trabalhar*, mesmo que, entre as diversas partes do ‘trabalho’, possa haver lugar a intervalos, por exemplo, para comer ou descansar. Contrariamente, uma situação heterogénea como *ler um livro* mantém a dinamicidade, traço comum com situações homogéneas, mas diferencia-se pelo facto de as partes não coincidirem com a globalidade do evento, i.e., ler diversas partes do livro não corresponde à leitura global do livro, por exemplo.

Por fim, um último traço relevante, que opõe as classes aspetuais, é a telicidade, i.e., a possibilidade ou impossibilidade de definir um ponto final para as situações. Se, na situação descrita, é possível conceber um ponto que estabeleça o limite final da mesma, a situação diz-se télica, como é o caso de *ler um livro* ou *atravessar a estrada*. Se, pelo contrário, este ponto final não é integrado na descrição da eventualidade predicada, então a situação diz-se atélica, como acontece com *dormir* e *trabalhar*. Uma

consequência da telicidade é a criação de um novo estado de coisas, o estado resultativo ou consequente, que passa a existir depois de ser atingido o ponto final da situação, designado de ponto de culminação. Efetivamente, no caso de (16), abaixo, por exemplo, a distância entre um lado e o outro da estrada marca o ‘percurso temporal’ do evento, ou seja, o ponto de culminação do evento corresponderá ao momento em que toda a distância entre os dois pontos é percorrida pelo sujeito e, deste evento, resulta um novo estado de coisas, no qual *a Mariana atravessou a estrada de um lado ao outro* ou, dito de outra forma, *a estrada foi atravessada pela Mariana*.

(16) A Mariana atravessou a estrada (completamente/de um lado ao outro).

Tomando em consideração os traços aspetuais que acabaram de ser descritos e que permitem conceber as eventualidades de acordo com as suas características internas, i.e., o seu aspeto lexical, torna-se agora possível conceber uma divisão das eventualidades de acordo com uma tipologia de classes aspetuais que se distinguem entre si pela forma como respondem positiva ou negativamente à presença dos diferentes traços aspetuais.

1.3. Contribuições teóricas para a definição da categoria gramatical Aspeto

1.3.1. Vendler (1957)

Vendler (1957) propôs quatro classes aspetuais, que refletem diferentes formas de relacionar as eventualidades descritas com o seu decurso ao longo do tempo. A primeira, a que chamou *Activity terms* (i.e., Atividades), representa as eventualidades com progressão temporal, ou seja, com duração, que decorrem ao longo de um intervalo temporal não delimitado. Além disso, *atividades* são homogêneas, no sentido em que “any part of the process is of the same nature as the whole” (Vendler, 1957: 146); assim, se é verdade, por exemplo, que *A Sara esteve a nadar durante meia hora*,

também é verdade que *a Sara esteve a nadar* em cada subparte dessa meia hora. No entanto, o mesmo não se verifica noutro tipo de eventos, os *accomplishments*, que, embora à partida possam assemelhar-se às atividades, pelo facto de terem duração, distinguem-se destas, pelo facto de não serem homogêneas, já que, sendo verdade que *A Sara nadou 200 metros em 5 minutos* não é verdade a Sara tenha nadado 200 metros em cada subparte desses mesmos 5 minutos. Além disso, um outro fator que separa atividades de *accomplishments* é o facto de estes últimos implicarem a existência de um momento que marca o seu fim e, por isso, terem um ponto de finalização do evento pré-definido: assim, se A Sara nadou 200 metros em 5 minutos, o evento é considerado como estando finalizado no momento em que a Sara acaba de nadar uma distância equivalente a 200 metros, o que, neste caso concreto, leva cinco minutos a ocorrer.

Uma terceira classe aspetual definida por Vendler (1957) é a dos *achievements* (cf. (18)), que se distingue das anteriores pelo facto de representar eventualidades que não têm duração, sendo, por isso, analisadas como pontuais. Apesar de os *achievements* se aproximarem de *estados* (cf. (20)), a última classe aspetual apresentada por Vendler (1957), pelo facto de ambos serem “verbs lacking continuous tenses” (1957: 146), estas duas classes distinguem-se pelo facto de os *achievements* serem pontuais e os estados poderem ter duração temporal. Os *estados*, ao contrário dos *eventos*, não têm dinamicidade, e podem também caracterizar-se pela sua homogeneidade, que se traduz numa “completa inexistência de “mudança”” (cf. Cunha, 2004: 65). Na verdade, como consequência final das suas características intrínsecas, estas duas últimas classes aspetuais, na perspetiva do autor, não poderão ser consideradas como ações propriamente ditas (cf. Vendler, 1957: 149). Vejam-se, abaixo, alguns exemplos:

(17) O João correu *durante 10 minutos*. – Atividade

(18) A Maria desenhou um círculo *em 2 minutos*. – *Accomplishment*

(19) O Luís ganhou a corrida *às 10h53*. – *Achievement*

(20) O Eduardo ama a Maria. – Estado

Assim, a tipologia de Vendler (1957) permite sumarizar algumas distinções importantes para a análise aspetual, nomeadamente o contraste entre situações homogéneas e não homogéneas, a diferença entre eventualidades com ou sem um ponto final pré-determinado (i.e., télicas ou atélicas), e, ainda, a oposição entre situações com duração (extensão temporal) ou pontuais. Uma forma de testar estas diferenças é a compatibilidade das classes aspetuais com adjuntos adverbiais: localização temporal, no caso dos *achievements* (*a x tempo*); com *accomplishments*, duração temporal delimitada (*em x tempo*); e, por fim, com estados e atividades, duração temporal (*durante x tempo*).

1.3.2. Dowty (1979)

Para Dowty (1979), cuja investigação sobre Aspeto é de grande relevância, os estados parecem ser as eventualidades de tipo mais básico, uma vez que, conforme defende, todas as outras eventualidades derivam destes. Com efeito, baseando-se no trabalho de Vendler (1957), Dowty (1979) assume que as diferentes classes aspetuais são construídas através de mudanças de estado, obtidas por cálculos aspetuais. Nas palavras do autor, “the different aspectual properties of the various kinds of verbs can be explained by postulating a single homogeneous class of predicates – *stative predicates* – plus three or four sentential operators and connectives” (Dowty, 1979: 71). Assim, as situações são todas, na sua base, estativas, sendo posteriormente transformadas noutro tipo de situação, pelo efeito de certos operadores, de entre os quais se destacam DO (operador que indica agentividade), CAUSE (operador que indica uma mudança de estado) e BECOME (operador que indica um estado consequente).

Ainda assim, e apesar de todos os estados serem caracterizados por uma total ausência de mudança, Dowty (1979) verificou a existência de diferenças dentro da classe dos estados. A utilização de alguns critérios, como i) a (im)possibilidade de ocorrerem em construções progressivas (cf. (21)); ii) a interação com o presente, particularmente no que diz respeito à leitura de presente real ou de habitualidade (cf. (22)); iii) a

(in)compatibilidade com o Imperativo (cf. (23)), iv) a (im)possibilidade de ocorrência como complemento de verbos como *convencer, proibir, obrigar*, e outros semelhantes; (cf. (24)), e v) a presença de advérbios indicadores de agentividade, como *propositadamente* (cf. (25)), Dowty (1979) verificou que certos estados apresentam um padrão que os aproxima de eventos (cf. (26))⁵.

(21) *O João está a ser inglês.⁶ – Estado

- a. A Maria está a estudar. – Processo
- b. O jornalista está a escrever um artigo. – Processo Culminado
- c. O professor está a fechar a porta. – Culminação

(22) O João é inglês *habitualmente.

- a. A Maria estuda habitualmente/??agora.
- b. O jornalista escreve um artigo habitualmente/??agora.
- c. O professor fecha a porta habitualmente/??agora.

(23) João, sê inglês!

- a. Maria, estuda!
- b. Miguel, escreve um artigo!
- c. Professor, feche a porta!

(24) #A amiga convenceu o João a ser inglês.

- a. A mãe obrigou a Maria estudar.
- b. O diretor do jornal proibiu o Miguel de escrever um artigo.

⁵Os exemplos apresentados foram construídos com base em literatura consultada (cf. Cunha, 2004; 2013; e.o.).

⁶Ao longo da investigação, utilizarei a seguinte simbologia:

* - Exemplo agramatical

OK – Exemplo gramatical/aceitável

?, ?? – Exemplo de aceitabilidade duvidosa ou bastante duvidosa

- Exemplo gramatical, mas não na interpretação relevante

- c. Os alunos persuadiram o professor a fechar a porta.

(25) #O João foi voluntariamente inglês.

- a. A Maria estudou deliberadamente.
- b. O Miguel escreveu propositadamente um artigo.
- c. O professor fechou a porta voluntariamente.

(26) O repórter *está a ser* antipático.

- a. O teu cão é meigo habitualmente/#agora.
- b. Joana, sê simpática!
- c. A mãe convenceu a criança a ser simpática.
- d. A atriz foi *deliberadamente* rude.

De facto, pela observação dos exemplos em (26), verifica-se que alguns estados parecem aproximar-se de situações eventivas, como o facto de serem compatíveis com a construção progressiva ou de serem compatíveis com expressões indicadoras de agentividade. Tendo em conta este comportamento, Dowty (1979), recorrendo aos trabalhos de Taylor (1977) e Carlson (1977) sobre a diferença entre predicados de tipo *stage-level* e predicados de tipo *individual-level*⁷, distinguiu, dentro da classe dos estativos, três tipos de estado: i) estados de intervalo, e dois tipos de estados momentâneos, especificamente, de ii) tipo *stage-level* e iii) de tipo *object-level*. A verdade dos estados de intervalo avalia-se relativamente a intervalos de tempo, ao contrário dos estados momentâneos, que se avaliam em relação a instantes. Além disso, os estados momentâneos de *stage-level* (cf. (28)) distinguem-se de estados momentâneos *object-level* (cf. (29)) pelo facto de os primeiros serem “obrigatoriamente verdadeiros em todos os “instantes” que os constituem”, enquanto os segundos se

⁷Estes predicados descrevem, de forma diferente, propriedades de indivíduos. Enquanto os predicados de tipo *stage-level* descrevem propriedades que podem ser encaradas em ‘estádios’ (ou fases), representando porções espaço-temporais dos indivíduos, os predicados de tipo *individual-level* descrevem propriedades de indivíduos, que, à partida, são estáveis. Para mais sobre esta distinção, ver Carlson (1977).

relacionam diretamente com “todos os momentos que caracterizam um dado “objecto”” (Cunha, 2004: 527). Vejam-se os exemplos abaixo.

(27) A criança está no jardim.

(28) Aquele aluno gosta de Matemática.

(29) O professor é simpático.

Assim, nos seus trabalhos, Dowty (1979) procurou estabelecer um conjunto de critérios de avaliação para o estabelecimento das classes aspetuais, através da definição de um conjunto de testes linguísticos que permitissem chegar a conclusões relativamente a esta classificação. A construção progressiva, por um lado, e a agentividade, por outro, constituem alguns desses critérios, bem como a duratividade (ou não) das situações.⁸

A reflexão de Dowty (1979) sobre o Aspeto e sobre a construção e interpretação das classes aspetuais, que reúne ideias de diversos autores, desde Ryle (1949), Kenny (1963) e Vendler (1957) a Lakoff (1965), McCawley (1968), Postal (1971), Ross (1972), Carlson (1977), Taylor (1977), e muitos outros, foi fundamental para o desenvolvimento do estudo e da compreensão desta categoria gramatical, na medida em que constituiu uma tentativa de justificar e estabilizar a categoria do Aspeto, através da sua organização de acordo com uma tipologia de classes, que inclui, já, o reconhecimento de vários tipos de eventualidades, incluindo estados.

1.3.3. Comrie (1976) e Smith (1991): a classe dos semelfactivos

A classe dos semelfactivos, primeiramente introduzida por Comrie (1976) e posteriormente analisada por Smith (1991), inclui eventualidades que se distinguem das

⁸Algumas das ideias propostas por Dowty (1979) serão abordadas novamente no capítulo sobre estrutura eventiva (ver capítulo 3).

anteriormente descritas por terem uma extensão temporal muito breve (como, por exemplo, a duração de uma piscadela de olho). Esta classe representa, assim, eventualidades que são breves e delimitadas, sem, no entanto, terem uma parte processual bem definida, nem representarem eventos que envolvem mudanças de estado.⁹ Quando combinados com adverbiais temporais do tipo *durante x tempo*, conforme ilustrado em (30), a interpretação é a de um evento iterado, ou seja, a informação veiculada é a de que, *durante 30 segundos*, a Maria piscou o olho várias vezes.

(30) A Maria piscou o olho *durante 30 segundos*.

a. *A Maria piscou o olho *em 5 segundos*.

De facto, sobre esta classe, Comrie (1976) considera que os semelfactivos podem envolver situações de dois tipos: situações que envolvem um único episódio ou situações que envolvem mais do que um episódio (clarificando, assim, a diferença entre eventos do tipo *piscar o olho* e *saltitar*, respetivamente). Já Smith (1991) aproxima os semelfactivos dos *achievements*, considerando que representam, tipicamente, situações únicas e defendendo que o que distingue estas duas classes é a telicidade, presente nos segundos, mas ausente nos primeiros.

Por sua vez, Rothstein (2004; 2008), ao analisar o Inglês, considera que os semelfactivos podem ser ambíguos entre uma leitura de atividade e uma leitura de verdadeiros semelfactivos. Veja-se (31), abaixo, cuja interpretação pode fazer referência a um evento único (i.e., *a Maria tossiu uma única vez*) ou a uma repetição de ocorrências

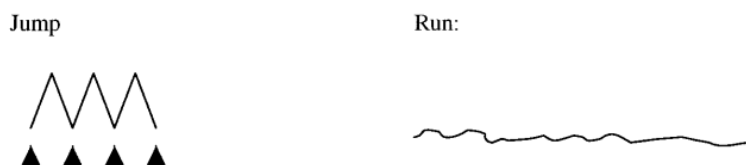
⁹Na verdade, e de acordo com Talmy (1985), os semelfactivos representam duas mudanças de estado seguidas. Assim, um evento como *piscar o olho* seria constituído por uma mudança de estado inicial, em que o olho passa de aberto a fechado, logo seguido de uma mudança de estado no qual o olho passa de fechado a aberto novamente. Ainda assim, apesar de existir uma mudança de estado intermédia, o estado inicial e final do evento são correspondentes.

de *tossir* e, de facto, nesta leitura iterativa, os semelfactivos parecem aproximar-se de processos.

(31) A Maria tossiu.

De acordo com a mesma autora, este comportamento ambíguo parece refletir uma diferença entre eventualidades atómicas e não atómicas. No primeiro caso, representado por verbos como *saltar*, a eventualidade é vista como uma unidade que “has a natural beginning and end point” (Rothstein, 2008: 12), o mesmo não ocorrendo no segundo caso. Com efeito, eventos do tipo *correr*, que representam processos, são constituídos por intervalos de tempo que não são divisíveis em eventos mínimos, conforme mostra a figura abaixo (cf. Rothstein, 2008):

Figura 1 – Eventos atómicos e eventos não atómicos



Fonte: Rothstein (2008: 186).

Esta propriedade está, simultaneamente, relacionada com a consideração dos eventos como cumulativos ou quantizados, à semelhança do que acontece no domínio nominal.¹⁰ A consideração de um evento como cumulativo envolve que a soma de dois subeventos na sua denotação constitua um novo evento, singular, e não uma

¹⁰Ver distinção entre nomes massivos e contáveis e entre predicados cumulativos e quantizados (cf. Jespersen, 1924; Quine, 1960; Pelletier, 1975; Link, 1983, 1987; Krifka, 1989, 1992, 1998; Tenny, 1987; 1994; Chierchia, 1998; Keenan, 1992; 1998; Doetjes, 1997; Ramchand, 1997; Rothstein, 1999; 2004; 2009; Landman, 2004; entre muitos outros).

pluralidade de eventos.¹¹ A mesma autora mostra, em concordância com Kamp (1979), que, para que dois eventos possam ser somados, têm de ser temporalmente adjacentes, o que não acontece com eventos télicos. Estes eventos envolvem uma mudança do estado A para o estado B (o estado consequente da mudança de estado promovida por um evento télico) e, em nenhum momento, o mesmo evento de mudança de estado (i.e., de A para B) pode ocorrer temporalmente adjacente ao primeiro, sem que haja uma mudança de estado intermédia, novamente de B para A, como se mostra em (32), abaixo.¹²

(32) O João partiu o vidro.

- Estado A: O vidro estava intacto.

- Estado B: O vidro ficou partido.

Esta classe é também considerada por Moens & Steedman (1988), que a designam de ‘pontos’, onde se incluem eventos que são atômicos, pontuais e não implicam uma mudança de estado (e, consequentemente, a existência de um estado resultante). A classificação destes autores será analisada de seguida.

1.3.4. Moens & Steedman (1988)

Moens & Steedman (1988), reconhecendo o trabalho prévio de outros autores, como Vendler (1957) e Comrie (1976), apresentam uma análise que se distancia das

¹¹Assim, um verbo como *correr* deverá representar um evento cumulativo, na medida em que, se é verdade, por exemplo, que *o João correu das 15h às 16h*, também é verdade que ele correu em cada intervalo entre esses dois momentos e, por isso, uma frase como *o João correu das 15h às 15h30* também seria verdade. O mesmo não se pode dizer de um evento como *correr 5km*. Note-se que, se for verdade que *o João correu 5km das 12h às 12h30* e que *o João correu 5km das 12h30 às 13h*, não é verdade que *o João correu 5 km das 12h às 13h*. Assim, *correr 5km* não pode ser considerado um evento cumulativo, contrariamente a *correr*, mas antes deverá ser visto como um evento quantizado.

¹²Note-se que, depois de partido, o vidro só poderá ser partido uma segunda vez se, entretanto, for substituído por um novo vidro; repare-se, mesmo assim, que, neste caso, o segundo vidro terá de ser diferente do primeiro, o que implica a existência de um evento diferente.

anteriores. Na verdade, estes autores consideram como relação fundamental para a descrição dos eventos, não apenas a sua sequência temporal (em termos de ordenação linear e sequencial dos acontecimentos descritos), mas a relação de contingência que se estabelece entre os eventos, naquilo que consideram uma “very general class of dependencies between events” (Moens & Steedman, 1988: 16). De acordo com a sua descrição, que envolve a noção de Tempo e Aspeto, bem como o uso de orações temporais (introduzidas por *quando*), os eventos distinguem-se dos estados pelo facto de os primeiros serem delimitados, enquanto os segundos representam estados de coisas que podem, teoricamente, ter uma extensão indefinida (cf. Moens & Steedman, 1988: 17). Por outro lado, a sua classificação é feita com base no contraste entre dois traços aspetuais: a pontualidade ou extensão temporal dos eventos e a presença ou ausência de estado consequente. Estas diferenças permitem aos autores organizar os eventos em diferentes classes: culminações, processos, processos culminados e pontos. As culminações (cf. (33)) correspondem a eventos pontuais que envolvem a criação de um novo estado de coisas, que os autores designam de estado consequente. A existência de um estado consequente é um fator determinante para distinguir culminações de pontos (cf. (34)), que também são vistos como eventualidades instantâneas. Por outro lado, o que distingue culminações de processos culminados (cf. (35)) é o facto de os segundos serem durativos e, por essa razão terem associada uma fase preparatória, prévia ao momento da culminação, designada, no âmbito deste enquadramento teórico, processo preparatório. Esta é a única fase presente na classe dos processos (cf. (36)), que, apesar da sua extensão temporal, não têm uma delimitação inicial e final bem definidas (cf. Moens & Steedman, 1988: 16-17).

(33) A mãe abriu a janela.

a. A janela ficou aberta.

(34) O Henrique espirrou.

a. *O Henrique ficou espirrado.

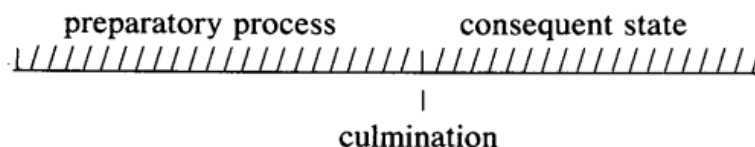
(35) A Maria montou o puzzle.

(36) O atleta correu.

No entanto, como os mesmos autores salientam, estas classes representam um perfil básico aspetual das predicções, mas não são imutáveis. Na verdade, devido ao seu uso fortemente restringido pelo contexto, podem sofrer alterações pelo efeito de outros elementos presentes na frase ou pela ação do conhecimento do Mundo dos falantes. Estes elementos são vistos como modificadores, no sentido em que forçam uma leitura diferente da inicialmente prevista para um determinado tipo de evento.¹³ Como forma de justificar este comportamento, os autores introduzem o conceito de núcleo aspetual, definido como “a structure comprising a culmination, an associated preparatory process, and a consequent state” (Moens & Steedman, 1988: 18). Assim, o núcleo aspetual, representado na imagem abaixo, é visto como a totalidade das fases que podem constituir uma determinada eventualidade, desde a fase preparatória ao estado consequente, envolvendo, ainda, o ponto de culminação. A conceção das eventualidades nesta perspetiva do núcleo aspetual permite considerar, para cada classe, uma configuração nuclear diferente: nos casos em que as eventualidades representam um processo, como *dormir*, o seu núcleo apenas contém a fase do processo preparatório; o núcleo das culminações é constituído pelo ponto de culminação e estado consequente, e assim sucessivamente para todas as classes.

¹³Para ilustrar esta possibilidade, os autores servem-se da compatibilidade do verbo *soluçar* (*hiccup*), que representa, aspetualmente, um ponto, com o uso do Progressivo, afirmando que a frase *A Sandra estava a soluçar* (*Sandra was hiccuping*) só é possível se o ponto for, primeiro, transformado num processo de repetição de situações (várias ocorrências de soluçar, i.e., vários soluços), aplicando-se, posteriormente, o Progressivo a esse mesmo processo, indicando que estava a decorrer num momento anterior ao momento da enunciação (cf. Moens & Steedman, 1988: 17-18).

Figura 2 – Núcleo Aspetual



Fonte: Moens & Steedman (1988: 18)

Este conceito é, também, fundamental para compreender as mudanças aspetuais provocadas por certos operadores aspetuais, como o Aspeto Progressivo ou Perfeito, e os adverbiais temporais do tipo *em x tempo* (*in-adverbials*) e *durante x tempo* (*for-adverbials*), já introduzidos por Vendler (1957). Para que certos eventos possam ocorrer no progressivo, têm de passar, primeiro, por uma transformação (cf. Moens & Steedman, 1988). Assim, uma culminação pode ser transformada num ponto se perder o estado resultante, passando, depois a processo (i.e., um processo em progresso), que resulta num estado progressivo. Do mesmo modo, um processo culminado pode passar a processo se perder o ponto de culminação e o estado resultante (cf. (38)).

(37) O João ganhou a corrida. – Culminação

a. O João está a ganhar a corrida. – Processo

(38) O João correu 1 km. – Processo Culminado

a. O João está a correr. – Processo

Já o perfeito, em Inglês, aceita combinar-se apenas com culminações. Vejam-se os exemplos, adaptados de Moens & Steedman (1988: 19), que demonstram que, quando o perfeito se combina com eventos que não culminações, estes têm de sofrer um processo de ‘coerção aspetual’ para poderem ser interpretados. No caso de (40), o processo de coerção aspetual leva os falantes a interpretarem a culminação e respetivo estado consequente do evento (i.e., *o homem encontra-se no topo da montanha*).

Também em (41), o evento só pode ser interpretado tendo em conta a existência de um estado resultante, dependendo, por isso, do conhecimento que os falantes tenham sobre, por exemplo, um conjunto de tarefas que *o João* tenha de realizar *no jardim*. Por fim, no último exemplo, não é possível conceber nenhum estado resultante possível para o evento pontual *A estrela brilhou*, o que torna a frase bastante difícil de aceitar.

(39) Harry has reached the top. – Culminação

(40) #The man has climbed Mount Everest. – Processo Culminado

(41) #John has worked in the garden. - Processo

(42) ??The star has twinkled. – Ponto

Relativamente aos adverbais temporais, *durante x tempo* distingue-se de *em x tempo* por ser compatível com processos que não envolvam culminações; processos culminados podem combinar-se com *em x tempo*.

(43) O Paulo comeu durante meia hora.

a. ??O Paulo comeu a maçã *durante meia hora*.

(44) O Rui correu a maratona em duas horas e quatro minutos.

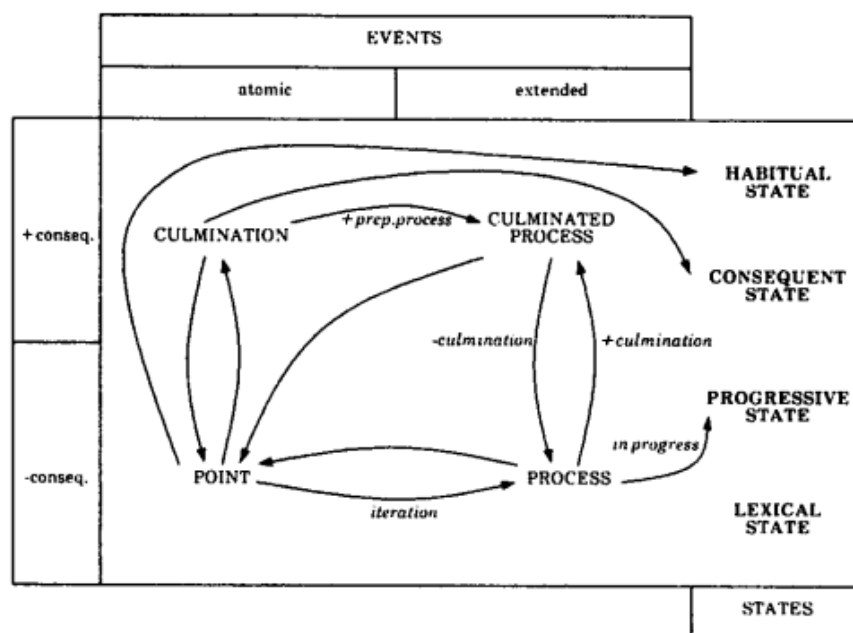
a. #O Rui correu a maratona durante duas horas e quatro minutos.¹⁴

Para demonstrar as possibilidades de transição entre classes aspetuais, os autores propõem um conjunto de ‘caminhos’ possíveis, ilustrados na imagem abaixo. Conforme se verifica, pela análise da Rede de Transições, proposta por Moens & Steedman (1988), eventos que apresentem um perfil básico de ponto, por exemplo,

¹⁴Note-se que o exemplo (44a.) poderia, eventualmente, ser interpretável como um evento que não culminou, se se considerasse que o Rui não chegou ao fim da maratona. Esta leitura é, no entanto, marginal.

podem transformar-se em processos se receberem uma leitura iterativa; um processo culminado pode transformar-se em processo, se perder a culminação ou, alternativamente, em culminação, se perder a parte processual; e assim sucessivamente.

Figura 3 – Rede de transições entre categorias aspetuais



Fonte: Moens & Steedman (1988: 18)

No entanto, em alguns casos, esta descrição parece ter algumas falhas, já que, sempre que não existem outras possibilidades de transição, os autores propõem que os eventos sejam tratados como pontos, para poderem ser posteriormente transformados no tipo de evento que é compatível com a classe aspetual para a qual transitam. Tal explicação tem como consequência a conceção de um evento como *Roger was running a mile* (*O Roger estava a correr uma milha*), que é um processo, como um ponto, sem extensão temporal, sem culminação e sem estado consequente. Apesar de os autores considerarem esta passagem apenas pontual, a verdade é que acaba por contrariar a necessidade do conceito de núcleo aspetual, já que implicaria que todos os eventos pudessem ser encarados como pontos e, por isso, fossem desprovidos da sua

organização estrutural interna básica, o que não se verifica. Veja-se (45), abaixo, semelhante ao exemplo dado pelos autores:

(45) O João correu 5km (todos os dias na semana passada).

- a. Na semana passada, o João estava a correr 5 km todos os dias, mas esta semana já conseguiu correr 10 km.

O exemplo (45) representa um processo culminado, em que a culminação é dada por *5 km*: o evento chega ao fim quando o João acaba de percorrer 5km. Em (46a.), o uso do progressivo promove, de facto, a repetição do evento *correr 5 km*, circunstância que é reforçada pelo uso de *todos os dias*; no entanto, o evento, em si, não deixa de ser constituído por um processo preparatório, uma culminação e um estado consequente.

Por outro lado, os autores analisam as consequências da introdução do núcleo aspetual na conceção temporal das eventualidades, considerando, por exemplo, que a presença de uma oração temporal introduzida por *quando* atua no sentido de mudar o foco da eventualidade para um novo referente temporal, através (i) da decomposição do núcleo do evento nas suas várias fases e consequente focalização numa delas, ou (ii) da perspetivação de todo o evento como uma culminação e posterior composição das fases relativas ao processo preparatório e estado consequente. Desta forma, após o estabelecimento das fases relevantes para a interpretação aspetual, o tempo pode atuar, situando o evento numa dessas possíveis fases. Parece, assim, possível considerar que a referência temporal das eventualidades é feita num momento posterior à sua estruturação lexical interna.

A conceptualização das eventualidades através da perspetiva do núcleo aspetual vai ser de fundamental importância para o presente trabalho, já que poderá ter consequências no momento da aplicação de *muito* às eventualidades descritas pelos verbos analisados. De facto, *trabalhar* representa um processo (e, por isso, é constituído apenas por uma fase, a do processo preparatório), e parece aceitar bem a combinação com *muito* (*A Maria trabalhou muito*). No entanto, um processo culminado não

apresenta a mesma compatibilidade com este quantificador ([?]/_{ok} *O João comeu muito a maçã*) e, por isso, poderá ser relevante compreender se tal facto se deve à existência de um maior número de fases e da forma como elas se relacionam com o escopo destes quantificadores.

1.3.5. Cunha (2004; 2013)

Para o PE, Cunha (2004; 2013) propõe, à semelhança de Vendler (1957) e Dowty (1979), uma classificação aspetual baseada em quatro traços fundamentais: dinamicidade, duratividade, telicidade e homogeneidade. Os estados são classificados como “situações não dinâmicas, cuja estrutura interna se revela inteiramente uniforme” (2013: 592). Além da dinamicidade, Cunha (2004; 2013) apresenta outros critérios para distinguir estados de eventos. Assim, i) o Presente do Indicativo ocorre mais naturalmente com valor temporal de presente com estados do que com eventos (cf. (46)-(46a.)); ii) orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *quando*, seguidas de verbo no pretérito perfeito, representam uma sobreposição temporal com estados, mas uma relação de precedência com eventos (cf. (48)-(48a.)) e, por fim, iii) apenas os eventos são compatíveis com verbos de operação aspetual (como *parar (de)* ou *começar (a)*) (cf. (49)) e apenas os estados são compatíveis com o operador aspetual *passar (a)* (cf. (49a.)).

(46) O João é simpático.

a. #A Maria trabalha.

(47) Quando a Maria morou no prédio castanho, o João visitou-a.

a. Quando a Maria entrou, o João sorriu.

(48) O cão parou de ladrar. / ??A Maria parou de estar doente.

a. A Maria passou a gostar do João. / ??O João passou a beber o copo de água.

Além da distinção entre estados e eventos, Cunha (2004; 2013) considera a existência de quatro tipos de evento, semelhantes aos propostos por Moens & Steedman (1988): Processos, Processos Culminados, Culminações e Pontos. No entanto, em relação aos estados, Cunha (2004; 2013) considera a distinção entre estados estáveis e episódicos (cf. Carlson, 1977, e.o.), por um lado, e faseáveis e não faseáveis, por outro.

Em relação ao primeiro contraste, este é baseado na distinção, inicialmente proposta por Carlson (1977), entre predicados de estágio (*stage-level*) e predicados de indivíduo (*individual-level*). Os estados estáveis fazem, então, referência a estados que têm um caráter estável (cf. Oliveira, 2015), denotando propriedades dos indivíduos que se mantêm estáveis ao longo da vida, não sendo influenciados pelo contexto. Assim, uma frase como (49) descreve o sujeito *A criança*, atribuindo-lhe a característica de *ser inteligente*. Pelo contrário, (50) representa um estado episódico, ao descrever uma característica da *criança* que, em oposição a *ser inteligente*, não é estável e está fortemente condicionada pelo contexto, já que faz referência a um momento específico e temporalmente delimitado.

(49) A criança é inteligente.

(50) O bebê está doente.

A diferença entre estados faseáveis (cf. (51)) e não faseáveis (cf. (52)), por sua vez, relaciona-se com a possibilidade de alguns estados adquirirem certas características eventivas, particularmente, dinamicidade, compatibilidade com expressões de agentividade e, ainda, possibilidade de combinação com verbos de operação aspetual, conforme se demonstra nos exemplos abaixo (retirados de Cunha, 2013: 596-597).

(51) O namorado convenceu a Maria a *viver em Paris*.

- a. A Maria foi *deliberadamente* agressiva com a professora.
- b. O Luís *começou a* gostar de Linguística.

(52) O Pedro tem olhos azuis.

- a. #O João é *deliberadamente* alto.
- b. #A Ana *começou a* ser portuguesa.

Apesar de apresentarem características que os aproximam dos eventos, os estados faseáveis continuam a apresentar um comportamento maioritariamente estativo, na ausência de elementos contextuais que promovam a leitura dinâmica.

Na presente investigação, tomar-se-á como base a proposta de Cunha (2004; 2013), que divide as eventualidades em estados, processos, processos culminados, culminações e pontos, à qual será adicionada uma sexta classe aspetual, apresentada por Oliveira & Leal (2015), a dos processos culmináveis, que será apresentada de seguida.

1.3.6. Oliveira & Leal (2015): a classe dos Processos Culmináveis

Num trabalho onde propõem a existência de um tipo particular de eventualidade, os *Processos Culmináveis*, Oliveira & Leal (2015) começam por discutir a natureza dos *Accomplishments*, uma das classes de mais complexa análise e que mais controvérsia tem gerado na comunidade linguística (cf. Verkuyl, 1972; Mourelatos, 1978; Bach, 1986; e.o.). Moens (1987) e Moens & Steedman (1988) propõem a classe dos *Processos Culminados* (*'culminated processes'*), assumindo que, neste tipo de eventos, o núcleo aspetual é constituído por um processo preparatório, um ponto de culminação e um estado resultante. Rothstein (2004) analisa o problema de outra perspetiva, propondo, para os *accomplishments*, uma estrutura que envolve dois subeventos, um que corresponde a um processo (*activity*) e outro, um evento de mudança de estado, que estão ligados entre si por uma relação de incrementalidade.

De facto, ao observar um exemplo como (53), abaixo, é possível compreender que, apesar de serem construídas a partir do mesmo verbo, *ler*, as situações descritas em (53) e (54) possuem características aspetuais diferentes, já que o primeiro caso

configura uma estrutura aspetual de *Processo*, enquanto, no segundo, trata-se de um *Processo Culminado*. A diferença na classificação aspetual confirma-se pela compatibilidade com os adverbiais temporais.

(53) O João leu (durante meia hora/*em meia hora).

(54) O João leu um livro (#durante quatro horas/em quatro horas).

Para resolver este problema, Filip (1999) considera a existência de eventualidades com tema incremental, propondo que os verbos apresentam duas possibilidades, ou são quantizados ou são não quantizados, os primeiros correspondendo a processos e os segundos correspondendo a estados¹⁵. Dentro desta classificação, a mesma autora propõe que as construções com temas incrementais não são especificadas quanto à quantização e que, por esse motivo, podem ser especificadas de formas diferentes, consoante o argumento com o qual se combinam: um tema de natureza quantizada originaria uma predicação télica, enquanto um tema de natureza cumulativa daria origem a uma predicação atélica. Esta explicação permitiria explicar a diferença, por exemplo, entre (55) e (55a.):

(55) O Luís escreveu *um livro infantil*.

a. O Luís escreveu *livros infantis*.

Em PE, no entanto, esta solução não parece ser adequada, dado que a telicidade nem sempre está diretamente relacionada com a quantização do argumento do verbo, nem a atelicidade com a sua cumulatividade, como o demonstra o exemplo seguinte,

¹⁵O conceito de incrementalidade e a distinção entre cumulatividade e quantização de predicados serão mais detalhadamente discutidos na secção relativa à estrutura eventiva (ver capítulo 3).

apresentado por Oliveira & Leal (2015: 461), em que a presença de um predicado quantizado não garante a telicidade do evento:

(56) O rapaz vagueou até à praia (*em meia hora/durante meia hora).

Assim, Oliveira & Leal (2015) propõem que, em PE, “verbs do carry some information concerning the telicity of the predication they project” (Oliveira & Leal, 2015: 462). Por esse motivo, os autores defendem uma divisão tripartida da telicidade, apontando três possibilidades: verbos [- télicos] (cf. (57)), [+ télicos] (cf. (58)) e [α télicos] (cf. (59)). Esta diferença está relacionada com a informação que é veiculada pelos próprios verbos, assumindo-se, por isso, que a telicidade é marcada lexicalmente.

(57) Verbos [- télicos]: “the verb is lexically atelic and as such it does not permit the construction in which occurs to be telic by aspectual composition in what concerns the inner aspect”;

a. O rapaz **vagueou** durante 10 minutos/*em 10 minutos.

(58) Verbos [+ télicos]: “the verb is lexically telic and as such it does not permit the construction in which occurs to be atelic by aspectual composition in what concerns the inner aspect”;

a. O rapaz **almoçou** em 10 minutos/#durante 10 minutos¹⁶.

(59) Verbos [α télicos]: “the verb is underspecified in what concerns the telicity of the predication, which will be determined by some other elements like, for instance, an internal argument”.

a. O rapaz **bebeu leite** durante 10 segundos.

¹⁶No caso de *almoçar*, a combinação com o adverbial temporal *durante 10 minutos* induz uma interpretação parafraseável por *O João não acabou de almoçar*, o que tem como consequência a transformação do evento num processo (não culminado), mas isto resulta de efeitos pragmáticos, segundo Oliveira & Leal (2015: 464).

- b. O rapaz **bebeu** *um copo de leite* em 10 segundos.

(Oliveira & Leal, 2015: 463)

Assim, a existência de verbos especificados como [α télicos] permite que a telicidade final da predicação possa ser especificada pela presença e pelo tipo de argumento(s) interno(s) do verbo. Esta solução explica a diferença entre (60) e (61), em que a natureza do argumento interno define a natureza aspetual da predicação: no primeiro caso, um processo, que é marcado pela presença de um *bare plural*, e no segundo, um processo culminado, definido pela presença de um numeral cardinal.

(60) A Teresa **escreveu** *livros infantis* (durante toda a sua vida/*em 10 anos).

(61) A Teresa **escreveu** *dois livros infantis* (#durante uma semana/numa semana).

Mesmo assim, os autores consideram que, dentro desta classe, pode haver diferenças, propondo a existência de uma escala para a (a)telicidade. Assim, defendem que certos verbos são mais facilmente télicos, como *beber*, do que outros, como *estudar* (cf. Oliveira & Leal, 2015: 466), o que é justificado pelo facto de os últimos permitirem mais facilmente uma alternância entre leituras télicas e atélicas, na presença de um argumento quantizado. De facto, em (62a.), a interpretação é a de que o Luís não acabou de estudar a nova legislação, enquanto em (62b.), a interpretação é a oposta.

(62) O Luís **estudou** a nova legislação.

a. O Luís **estudou** *a nova legislação* durante dois dias.

b. O Luís **estudou** *a nova legislação* em dois dias.

Convém, ainda, salientar que, na ausência de um argumento interno (cf. (63)), parece estar favorecida uma leitura atélica da eventualidade, o que advoga a favor do tratamento destes predicados como Processos.

(63) O Luís *estudou*.

- a. A Teresa *escreveu*.
- b. O rapaz *vagueou*.

Deste modo, estas eventualidades, designadas de Processos Culmináveis, descrevem eventos que são, na sua base, Processos, mas aos quais pode ser acrescentada uma culminação, caso em que passarão a ser analisados como Processos Culminados. Assim, a classificação aspetual final destes eventos depende da “combination of certain aspectually relevant properties of the verb with some properties of another constituent of the predication” (Oliveira & Leal, 2015: 458).

A introdução desta classe é de extrema relevância para a presente investigação, dado que as eventualidades nela representadas são as que maior complexidade apresentam, quando quantificadas. Vejam-se os exemplos abaixo, com o verbo *comer*, nos quais a presença de argumentos de natureza diferente induz diferentes possibilidades de interpretação.

(64) O João comeu **muito**.

- a. O João comeu **muito** *uma maçã*.
- b. O João comeu **muito** *maçãs*.

Se, em (64), a leitura preferencial parece ser a que introduz uma noção de quantidade (de alimentos ingeridos pelo João), em (64a.), a presença de um argumento interno introduzido por um sintagma nominal indefinido, *uma maçã*, faz do evento um processo culminado, o que tem consequências para a quantificação do evento, obrigando, neste caso, a que a frase seja interpretada com uma leitura de frequência, i.e., um conjunto de repetições do evento *comer uma maçã*. Por fim, o *bare plural* transforma o evento num processo e, neste caso, a quantificação deste evento parece

introduzir uma leitura parafraseável por *a maior parte da atividade do João correspondeu a comer maçãs*, deixando em aberto a possibilidade de que o João possa ter comido outras coisas, o que, por sua vez, pode originar uma leitura contrastiva, como a representada em (65).

(65) O João comeu **muito** maçãs e **pouco** diospiros.

Assim, a presente investigação, basear-se-á na tipologia proposta por Cunha (2004; 2013) e por Oliveira & Leal (2015). Esta opção é justificada pelo facto de, em primeiro lugar, ser uma proposta diretamente aplicada ao PE, o que permite reduzir possíveis diferenças relativamente a propostas feitas para outras línguas, devidas à variação linguística entre línguas. Por outro lado, é também uma proposta muito detalhada e abrangente, que inclui classes propostas por diversos autores, além de dar conta das diferenças entre os vários tipos de estado, reunindo todas estas complexas questões numa única proposta clara e concisa. Além disso, a esta tipologia, será adicionada a classe dos processos culmináveis, apresentada por Oliveira & Leal (2015), que, dito de um modo muito geral, envolve a consideração de um conjunto de eventualidades que são subespecificadas quanto à telicidade, permitindo leituras télicas e/ou atélicas consoante a natureza do argumento interno do verbo. Considero, então, na presente investigação, as seguintes classes aspetuais: estados (faseáveis e não faseáveis), processos, processos culmináveis, processos culminados, culminações e pontos.

1.4. Para a construção do Aspeto: alguns elementos

1.4.1. Verbo e Tempos Verbais

1.4.1.1. O verbo e o perfil aspetual básico das eventualidades

Em PE, o verbo é um dos fatores determinantes na construção do perfil aspetual das predicções. Com efeito, a seleção do verbo é fulcral para a construção aspetual,

pois cada verbo define, em si mesmo, um conjunto de características relativas às eventualidades que descreve, permitindo assim o estabelecimento de um perfil interno básico, específico de cada verbo ou, eventualmente, de cada classe verbal.¹⁷ Com efeito, repare-se na diferença entre as propriedades aspetuais definidas pelos diferentes verbos apresentados em (66)-(70):

(66) A Maria *viveu* em Paris.

(67) A Maria *comeu*.

(68) A Maria *almoçou*.

(69) A Maria *caiu*.

(70) A Maria *espirrou*.

Ainda assim, o tipo de verbo não é o único fator que poderá ter influência no momento da determinação do carácter aspetual das predicacões. Também o tempo em que os verbos estão flexionados é fundamental neste contexto. Apesar de, como já foi mencionado, o Tempo linguístico ser utilizado para localizar temporalmente as situações, é igualmente possível que ele veicule algumas informações aspetuais, como se analisará de seguida.

1.4.2. Tempos Gramaticais

1.4.2.1. Pretérito Perfeito do Indicativo

¹⁷Neste caso, as classes verbais são entendidas como agrupamentos de verbos consoante os seus significados semânticos, em concordância com a organização feita, para o Inglês, por Levin (1993). Assim, por exemplo, verbos que descrevem formas de comunicação, como *gritar*, *falar*, *berrar*, *sussurrar*, *murmurar*, seriam todos agrupados na mesma classe.

O Pretérito Perfeito do Indicativo é tipicamente considerado um tempo aspetualmente neutro (cf. Oliveira, 2003; 2013; Cunha, 2013), por não provocar quaisquer alterações à classe aspetual da eventualidade descrita.

Ainda assim, este tempo gramatical tem algumas especificidades em termos aspetuais, como o facto de obrigar a que a interpretação aspetual das situações sobre as quais predica envolva, obrigatoriamente, a conceção de uma fronteira temporal. A título ilustrativo, vejam-se os exemplos abaixo.

(71) A Mariana viveu em Lisboa (#e ainda vive).

(72) O João fumou (#e ainda fuma).

(73) A Sara atravessou a estrada (#e ainda a está a atravessar).

(74) O Gonçalo caiu (#e ainda está a cair).

(75) A Maria espirrou (#e ainda está a espirrar).

A imposição de um ponto terminal para as situações tem gerado, na literatura, alguma discussão (cf. Garey, 1957; Comrie, 1976; Hopper & Thompson, 1980; Tenny, 1987, 1992, 1994; Levin & Rapaport-Hovav, 1995; Hale & Keyser, 1991; Jackendoff, 1990; Verkuyl, 1993; Krifka, 1989; Dowty, 1988, 1991; Filip, 1999; Filip & Rothstein, 2006; Oliveira, 2003) entre muitos outros), principalmente no que concerne à diferença entre aspeto perfetivo, que refere uma situação finalizada, i.e., totalmente concluída, e imperfetivo, que descreve uma situação ainda em progressão. Para alguns autores (cf., por exemplo, Smith, 1991), esta diferença reside na consubstancialização de pontos finais para as eventualidades, o que tornaria o Pretérito Perfeito um tempo perfetivo, por permitir a conceptualização das eventualidades como terminadas. No entanto, uma outra perspetiva (cf. Kamp & Reyle, 1993) propõe que as situações só podem ser consideradas concluídas se, a elas, estiver associado um estado resultativo ou consequente, definido como “that part of the schema corresponding to the Aktionsart of v[erb] which starts at, but does not include, the culmination point” (cf. Kamp e Reyle, 1993: 566)”. Como se viu, tal não ocorre com o Pretérito Perfeito, em PE. De acordo com

Cunha (2004; 2013), o Pretérito Perfeito do Indicativo é, sem dúvida, terminativo, por impor um ponto terminal, mas não obrigatoriamente perfetivo, por não impor um ponto final com eventual criação de um estado resultativo. De acordo com a mesma perspectiva, as situações perfetivas, em PE, correspondem a situações télicas e, na medida em que o Pretérito Perfeito não é suficiente para garantir a telicidade, “não deverá ser encarado como um operador de perfectividade” (Cunha, 2013: 619)¹⁸.

Os restantes tempos gramaticais, todavia, acarretam, por vezes, mudanças no caráter aspetual das situações, como se verá de seguida.

1.4.2.2. Presente e Pretérito Imperfeito do Indicativo

O Presente do Indicativo, apesar da sua designação, nem sempre é utilizado com um valor de presente real, tal ocorrendo preferencialmente com estados¹⁹. Pelo contrário, com eventos, “o Presente do Indicativo não tem o valor de sobreposição com o momento de enunciação, mas sim uma leitura aspetual de habitualidade, em que existe a descrição da repetição regular de uma situação simples” (Rebouças, 2019: 24). A título ilustrativo, vejam-se os exemplos abaixo, em que a presença de estados parece privilegiar a leitura de presente real (cf. (76)), enquanto a presença de eventos parece

¹⁸ Note-se, contudo, que, como é referido por Oliveira (2003; 2013), em certos casos, o Pretérito Perfeito do Indicativo pode, efetivamente, funcionar como um tempo perfetivo. Mais particularmente, nos casos em que este tempo verbal se combina com eventos télicos, como o são os processos culminados e as culminações (cf. (i) e (ii)) é possível afirmar que “apresenta a situação como concluída na totalidade das fases aspetuais que a constituem” (Oliveira, 2013: 518).

- (i) A Luísa comeu a maçã que a irmã lhe deu.
- (ii) O Leonardo caiu da árvore.

Contudo, tal dever-se-á às características internas do próprio evento, e não à ação do tempo verbal, o que, uma vez mais, comprova o caráter de neutralidade aspetual deste tempo verbal.

¹⁹ Mesmo assim, dentro da classe dos estados, apenas os estados episódicos podem aparecer em construções com leitura de estados habituais, no Presente do Indicativo. Por descreverem situações que se prolongam por um período de tempo considerável, os estados estáveis não aceitam esta leitura. Veja-se, a título ilustrativo, (i) e (ii).

- (i) A Maria está contente (habitualmente).
- (ii) A Beatriz é alta (#habitualmente).

evidenciar uma leitura de habitualidade, que fica, talvez, mais natural na presença de certos adverbiais indicadores de habitualidade (cf. (77)).

(76) O Pedro vive em Lisboa.

a. A Joana é alta.

(77) O Luís bebe café (todos os dias).

a. A Rita fuma (depois das refeições).

De uma forma semelhante ao que ocorre com o Presente, também o Pretérito Imperfeito do Indicativo pode ser responsável pela derivação aspetual do significado básico de uma predicação, transformando, tipicamente, os eventos télicos em eventos atélicos, ou atribuindo-lhes um caráter de estado habitual, ou genérico, no passado (cf. (78)).

(78) O João apanhava o autocarro ao pé da Câmara Municipal.

a. A Luísa andava de bicicleta.

Em termos aspetuais, o Pretérito Imperfeito do Indicativo, pode ademais dar informação acerca de estados não habituais no passado, como uma situação que se encontra em progresso (*A Maria estava a ler*) ou uma situação estativa no passado (*Nesse dia, o sol brilhava*)²⁰. Neste caso, parece ser evidenciada a parte da eventualidade que diz respeito ao processo preparatório (cf. Moens, 1987), mesmo que se trate de

²⁰Note-se que, em línguas como o francês (cf. Kamp & Rohrer, 1983; e Rohrer, 1986), e também como o português (cf. Oliveira, 2003; e Cunha, 2004)), o Imperfeito pode, no contexto linguístico adequado, ser integrado numa relação de sucessividade de eventos, conforme demonstrado por Cunha (2004: 303):

- (i) O João tinha um B.M.W. Vendeu-o para comprar um Ferrari.
- (ii) O meu cão estava no jardim. Saiu a correr e mordeu o carteiro.
- (iii) O comboio atravessou a ponte. Estávamos no Porto.

uma eventualidade que, no seu perfil aspetual básico, contenha outras fases (como um processo culminado) (cf. Cunha, 2013: 616). Veja-se, a título ilustrativo, o exemplo apresentado abaixo, no qual o Pretérito Imperfeito parece ser responsável por retirar a culminação a uma eventualidade que deveria ser, basicamente, um processo culminado.

(79) A Raquel almoçava (quando tocou o telefone).

Desta forma, o Pretérito Imperfeito, tal como o Presente, impõe um aspeto imperfetivo às eventualidades sobre as quais predica. Assim, ambos os tempos verbais podem ser usados em frases genéricas (cf. (80) e (81)), que não têm uma localização temporal ‘precisa’, para descrever “características típicas ou essenciais e atemporais das espécies, ou de outros tipos de entidades” (Oliveira, 2013: 522).

(80) Os cães **ladram**. (*par=ext1236771-clt-97a-1*)²¹

(81) Os mamutes ancestrais típicos **mediam** de três metros a quatro metros de altura (ou mesmo mais) e **pesavam** cerca de seis toneladas. (*par=ext644343-clt-soc-93a-2*, adaptado)

1.4.2.3. Pretérito Perfeito Composto

O Pretérito Perfeito Composto constrói-se a partir do verbo auxiliar *ter* no Presente do Indicativo, seguindo-se um verbo pleno na sua forma participial (*A Maria **tem estudado** a matéria*). Temporalmente, o Pretérito Perfeito Composto denota uma situação que começou no passado e se estende até ao presente (i.e., momento de enunciação), podendo, até, alongar-se para um período posterior a esse momento (cf. Oliveira, 2003; 2013; Oliveira & Leal, 2012; Oliveira, Leal & Silva, 2014). Esta é a leitura

²¹Todos os exemplos referenciados com indicações iniciadas por *par=ext* foram recolhidos da base de dados do Português CETEMPúblico.

prototípica obtida a partir de frases construídas com estados no Pretérito Perfeito Composto (cf. (82)). Note-se, ainda assim, que, com eventos (cf. (83)) e com alguns estados acompanhados de adverbiais de temporais (cf. (83a.)), esta mesma construção pode originar uma interpretação iterativa.

(82) O Rui *tem estado doente* (desde que começou o Inverno).

(83) O Rui *tem estudado* (todos os dias).

a. O João *tem estado doente* todos os meses.

(Oliveira, 2003: 160-161)

Este comportamento parece evidenciar que a presença deste tempo verbal conduz à alteração da classe aspetual básica da eventualidade, desencadeando uma interpretação iterativa que implica um conjunto de “situações que se repetem durante um determinado período de tempo que inclui o momento da enunciação e que se podem prolongar para além dele” (Oliveira, 2013: 529).

Realmente, observando o exemplo abaixo, o que se verifica é que a situação descrita envolve um conjunto de eventos em que o sujeito (não explicitado) realizou um conjunto de visitas, que se prolongou por um período de tempo alargado, explicitado pela presença de *nos últimos meses*.

(84) Nos últimos meses *tem visitado* os lugares mais isolados do distrito, tendo apadrinhado a reactivação de núcleos do PP em lugares tão diferentes como Aguim, Mealhada, Castelo de Paiva ou Espinho. (*par=ext149604-pol-96b-1*)

Note-se, então, que, por não originar interpretações resultativas, este tempo verbal não é perfeitivo²², ao contrário do que afirmam Squartini & Bertinetto (2000), que o consideram perfeitivo, embora com marcas de imperfetividade.

Esta leitura essencialmente iterativa atribuída ao Pretérito Perfeito Composto parece, realmente, ser uma especificidade do PE, já que um comportamento semelhante não se verifica para outras línguas como o Inglês, o Francês ou o Espanhol. Oliveira & Leal (2012), ao refletirem sobre as condições que validam esta interpretação iterativa, apontam as seguintes possibilidades: i) o ponto de perspectiva temporal, ii) o tipo aspetual da predicação, iii) a ocorrência de expressões nominais quantificadas e iv) a ocorrência de modificadores adverbiais. Relativamente ao primeiro ponto, parece evidente que a iteração surge sempre que o ponto de perspectiva temporal (cf. Kamp & Reyle, 1993) e o momento da enunciação são coincidentes (cf. (85)). Quanto ao segundo ponto, a leitura iterativa parece surgir, também, sempre que as situações representem eventos ou estados episódicos (cf. (86) e (86a.)). Em relação ao terceiro ponto, vejam-se, a este respeito, os exemplos (87)-(87d.), ilustrativos de expressões nominais determinadas e quantificadas por diferentes quantificadores. Por último, no quarto ponto, considera-se a modificação adverbial e a sua influência na obtenção de leituras iterativas (cf. (88)-(88a.)), podendo, nestes casos, surgir em construções quantificadas contendo nomes que denotam unidades temporais (*todos os dias* ou *muitas vezes*, por exemplo).

(85) A Maria *tem arrumado* o quarto esta semana.

(86) Na reunião da Comissão Nacional, realizada anteontem à noite no Porto, o secretário-geral dos socialistas terá mesmo reconhecido que o partido " «só *tem feito asneiras* » " nos últimos quatro meses. (par=ext775218-pol-97a-1)

²² Em PE, pode, por vezes, surgir uma confusão entre o Pretérito Perfeito Composto e uma construção complexa, feita com recurso ao verbo *ter* e a um particípio verbal flexionado (cf. (i)). No entanto, esta construção distingue-se do Pretérito Perfeito Composto, precisamente, por apresentar perfeitividade.

(i) O João tem a tese escrita.

- a. Pedro Paraíso ainda não respondeu a estas acusações, uma vez que **tem estado** incontactável desde o início do bloqueio. (*par=ext37818-soc-97a-1*)
- b. *O João **tem sido** alto.

(87) O PS não está satisfeito com a forma como a RTP **tem feito** a cobertura da pré-campanha para o referendo à regionalização, queixando-se de que as iniciativas do partido estão a ser menosprezadas. (*par=ext813683-pol-98b-1*)

- a. No Porto, *têm*, ultimamente, *aparecido* muitos grupos novos e, com eles, novas propostas que trazem alguma animação à cidade. (*par=ext1560691-clt-96a-1*)
- b. O Norte é melhor a espelhar a crise, é de lá que *têm vindo* alguns dos mais fortes ventos de contestação incluindo dentro do PSD (Eurico e Cadilhe que o digam) e é também a zona do país onde o CDS tem mais fé nas autárquicas. (*par=ext546813-pol-93a-1*)
- c. Com anos de atraso em relação a outros países europeus, este modelo começou recentemente a ser comercializado entre nós com um êxito que *tem ultrapassado* todas as expectativas. (*par=ext152188-des-92a-2*)
- d. É dado assente que o primeiro-ministro só se candidatará às presidenciais se *eltsin* se afastar, mas o Presidente *tem dado* sinais de não pretender fazer isso. (*par=ext7900-pol-95b-2*)

(88) Arlene, judia sefardita de ascendência hispânica, conhece Portugal, que *tem visitado* frequentemente nos últimos cinco anos. (J86413)²³

- a. Tem sido esta dificuldade de comunicação que *tem* muitas vezes servido para explicar e justificar a crise em que mergulhámos. (*par=ext319409-eco-92a-2*)

Considerando que o objetivo da presente investigação é analisar eventualidades quantificadas, parece oportuna a consideração deste tempo verbal, particularmente no

²³Todos os exemplos cuja referência seja iniciada por letras e contenha números, sem a presença de *par=ext*, são retirados do Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC).

que concerne à interação com a eventualidade quantificada. De facto, repare-se que, num caso como o ilustrado em (89), e tratando-se *nadar* de um evento, seria de esperar uma leitura iterativa da eventualidade. De facto, essa leitura surge (cf. (89a.)), podendo, no entanto, coexistir com outras possibilidades interpretativas ((89b.)-(89d.)).

(89) A Maria *tem nadado* **muito**.

- a. A Maria tem nadado **muitas vezes**.
- b. A Maria tem nadado **uma grande distância**.
- c. A Maria tem nadado **durante muito tempo**.
- d. A Maria tem nadado **com muita intensidade/velocidade**.

Este comportamento mostra, por um lado, a complexidade associada à interpretação da quantificação verbal, e, por outro, a necessidade de uma reflexão mais aprofundada sobre o papel dos tempos verbais na construção aspetual. Assim, se o quantificador for responsável por tornar acessível um conjunto de interpretações possíveis para a eventualidade quantificada (como a duração ou a intensidade, apresentadas acima), então, a iteração de situações poderia ser devida, neste caso, não ao tempo verbal, mas sim à presença do quantificador. No entanto, observando-se os exemplos abaixo, é possível notar que a presença do quantificador não é incompatível com a explicitação das leituras de duração e intensidade, o que mostra que, nesses casos, o quantificador introduz uma informação diferente. Ainda assim, quando se explicita a leitura de frequência, a frase torna-se bastante menos aceitável (cf. (90c.)) e só pode ser interpretável se se considerar que o quantificador introduz uma informação relativa à distância percorrida pela Maria a nadar, contribuída lexicalmente pelo verbo. Tal comportamento parece, então, demonstrar que o tempo verbal induz, de facto, uma leitura iterativa, tal como demonstrado por Oliveira (2003; 2013), Oliveira & Leal (2012), Oliveira *et al.* (2014), e.o., e que esta informação de repetição de ocorrências interage com a quantificação verbal (ver, a este propósito, Piñon, 2000).

(90) A Maria *tem nadado muito*.

- a. A Maria tem nadado **muito** durante muito tempo.
- b. A Maria tem nadado **muito** com muita intensidade/velocidade.
- c. ?? A Maria tem nadado **muito** *muitas vezes*.

1.5. Influência de outros fatores no contexto linguístico

1.5.1. Presença de objeto direto

Um fator que também influencia a caracterização aspetual é a presença/ausência de complemento direto, particularmente no condicionamento da telicidade da situação descrita. Com efeito, veja-se a diferença entre (91) e (92):

(91) A Madalena *dançou* (durante meia hora/*em meia hora).

(92) A Madalena *dançou o Danúbio Azul* (?/#durante 4 minutos/em 4 minutos).

No primeiro caso, na ausência do complemento direto, mantêm-se as características básicas da eventualidade descrita por *dançar*, que denota um processo. Pelo contrário, a introdução do complemento direto dado pelo sintagma nominal *o Danúbio Azul* impõe um ponto final ao evento denotado por *dançar*, transformando-o num processo culminado. Tal significa que o evento *dançar* passa a ter um ponto final, que corresponde à extensão da valsa (i.e., o Danúbio Azul).

A influência do complemento direto no perfil aspetual da eventualidade não se esgota apenas na sua presença ou ausência, mas o próprio tipo de complemento poderá contribuir de formas diferentes para a caracterização aspetual. Assim, destacam-se aqui quatro possibilidades para a forma como este complemento se apresenta. Por um lado, os nomes contáveis, introduzidos, quer por um artigo definido, quer indefinido (cf. (93)-(93a.)) e, por outro, nomes não contáveis (massivos) e nomes contáveis no plural sem determinante, normalmente designados por *bare plurals* (cf. (94)-(94a.)). Existe, ainda,

uma última possibilidade, nomeadamente, a presença de um sintagma nominal quantificado (cf. (95)-(95a.)).

(93) O João *escreveu* o/um livro.

a. A Maria *comeu* a/uma tangerina.

(94) A Maria *comeu* papas de aveia.

a. O João *escreveu* livros.

(95) O João *escreveu* cinquenta livros.

a. A Maria *comeu* cinco tangerinas.

Assim, enquanto os nomes contáveis e os sintagmas nominais quantificados parecem favorecer leituras télicas dos eventos, o mesmo não ocorre com nomes não contáveis e com *bare plurals*, que parecem tender à indução de leituras atélicas.

1.5.2. Presença de modificadores

O perfil básico das eventualidades pode ser alterado pela presença de modificadores, introduzidos, tipicamente, por sintagmas preposicionais. Com efeito, note-se que, tanto os sintagmas preposicionais que introduzem noções temporais (cf. (96)), quanto os que introduzem noções espaciais (cf. (97)), podem influenciar as interpretações que fazemos das frases.

(96) O João *almoçou*.

a. O João *almoçou* em meia hora.

b. O João *almoçou* durante meia hora.

(97) O João *comeu*.

a. O João *comeu* na cantina.

De facto, em (96), a eventualidade introduzida por *almoçar* representa, tipicamente, um processo culminado, o que é comprovado pela compatibilidade com *em meia hora* (cf. (96a.)). Contudo, a presença de um adverbial do tipo *durante x tempo*, como se verifica em (96b.), não torna a frase agramatical, antes provocando uma alteração ao seu perfil aspetual básico. Assim, a introdução do modificador tem como consequência a perda da culminação e o que era um processo culminado passa a processo, de tal forma que passa a ser possível inferir, a partir de (96b.), que *o João* não acabou de almoçar. O mesmo ocorre, em sentido inverso, em (97), onde se passa de um processo para um processo culminado, como consequência da introdução de um modificador que dá conta de uma localização espacial, que delimita o decurso do evento, por via da localização, impondo-lhe, assim, um ponto final.

Esta imposição de uma delimitação eventiva, atribuída aos modificadores que introduzem noções espaciais, é particularmente visível em casos de eventualidades representadas por verbos de movimento, como os casos de *andar*, *caminhar* ou *nadar*, nos quais a possibilidade de configuração de um percurso tem um impacto semelhante à localização espacial anteriormente descrita, obrigando, também, à modificação aspetual do evento, transformando-o num processo culminado (cf. (98) e (99)).

(98) A Teresa *correu*.

a. A Teresa *correu* até à escola.

(99) O Luís *nadou*.

a. O Luís *nadou* de uma ponta à outra da piscina.

1.5.3. Sintagma nominal com função de sujeito

Também o sintagma nominal com função de sujeito pode influenciar a caracterização aspetual das eventualidades. De facto, o tipo de sujeito pode interagir com a informação veiculada pelo próprio complemento, afetando as leituras finais das frases

nalguns casos, e impondo restrições à seleção do sujeito, noutros, que são, muitas vezes, condicionadas pelo conhecimento do Mundo dos falantes. Vejam-se os exemplos abaixo, em que é possível compreender que a variação do complemento associado ao verbo *subir*, faz variar o grau de aceitabilidade das frases. Assim, em (100), ambas as possibilidades de sujeito são aceitáveis, embora se assuma que a entidade referida por *o carro* envolve a existência de uma entidade humana (que o conduz), o mesmo não acontecendo em (101), em que *o carro* deixa de ser um sujeito aceitável; inversamente, em (102), é o sintagma nominal que representa uma entidade humana que deixa de ser aceitável. Estas interpretações são fortemente condicionadas pelo conhecimento do Mundo, que impede os falantes de assumir que uma entidade humana possa subir no céu, sem qualquer auxílio, ao contrário do que acontece com balões e aviões.

(100) O João/o carro *subiu a rua*.

(101) O João/*o carro *subiu à casa da árvore*.

(102) *O João/o balão/o avião *subiu no céu*.

1.5.4. Contexto

Muitas vezes, é o próprio contexto linguístico que influencia a interpretação aspetual final da eventualidade, ao relacionar-se com o conhecimento extralinguístico dos falantes, contribuindo para o estabelecimento da classe aspetual. Assim, em certos casos, a leitura aspetual básica de um evento não está acessível na ausência de um contexto alargado. Efetivamente, é o que acontece no exemplo abaixo, retirado de Cunha (2013: 606).

(103) A Maria limpou o pó.

a. A Maria *limpou o pó* durante meia hora/em meia hora.

Como se pode verificar, (103) é compatível com os adverbiais temporais que ajudam a diagnosticar tanto processos quanto processos culminados, o que indicia que existe uma ambiguidade de leituras. Esta ambiguidade fica resolvida com a introdução de outros modificadores da frase, como em (104), abaixo. Porém, na sua ausência, não é possível determinar qual é a interpretação aspetual básica da eventualidade descrita.

(104) A Maria limpou *completamente* o pó da sala *em meia hora*.

Tal comportamento parece advogar a favor de uma construção composicional da significação aspetual das eventualidades, que deverá resultar de uma combinação complexa de fatores, entre os quais se podem incluir o tipo de verbo, a presença de complemento ou de modificadores.

1.5.5. Verbos de operação aspetual

Os verbos de operação aspetual são verbos que têm como principal função a alteração da classificação aspetual básica das situações, por realçarem diferentes fases do núcleo aspetual (cf. Oliveira, Cunha & Gonçalves, 2004; Oliveira, 2003; Cunha, 2013). Estes verbos são maioritariamente verbos semiauxiliares e incluem-se, dentro desta classe, os verbos i) *estar (a)*, *andar (a)*; ii) *começar (a)*, *passar (a)* e *continuar (a)*; iii) *deixar (de)* e *acabar (de)*.

O primeiro grupo destaca-se por ser constituído por verbos que focam, particularmente, a parte processual das eventualidades descritas. *Estar (a)* pode ocorrer com todas as classes aspetuais básicas (cf. Cunha, 2013), excetuando-se os estados não faseáveis, que são incompatíveis com a construção no progressivo (cf. (105)), uma vez que a atuação deste operador provoca uma mudança aspetual da qual resulta um estado faseável episódico. *Estar (a)* e *andar (a)* distinguem-se pelo facto de, ao contrário do primeiro, o segundo denotar um padrão de repetição habitual de situações (cf. Cunha, 2013: 608-609):

(105) #A Rita *está a* ser alta/ter cabelo castanho.

a. #A Rita *anda a* ser alta/ter cabelo castanho.

(106) A Maria João *está a* trabalhar.

a. A Maria João *anda a* trabalhar em cafés.

O segundo grupo de verbos de operação aspetual inclui o operador *começar (a)*, que perspetiva o Aspeto Ingressivo, já mencionado anteriormente, e que se refere, essencialmente, à perspetivação de uma situação no seu início. Enquanto *começar (a)* só é compatível com estados faseáveis, processos e processos culminados, por serem classes aspetuais que apresentam duratividade, a compatibilidade de *passar (a)*, por ser um ‘operador de incoatividade’ (cf. Cunha, 2013: 610) que cria um novo estado de coisas, restringe-se a estados. Por fim, *continuar (a)* refere a continuidade de uma situação, exigindo, tal como *começar (a)*, situações durativas.

(107) A Rita *começou a* escrever um livro.

(108) A Rita *passou a* ser antipática.

(109) A Maria *continuou a* comer o bolo.

Por fim, dentro do terceiro grupo, o verbo *deixar (de)* focaliza a parte final de uma situação, incluindo o seu estado resultativo, e ocorre preferencialmente com estados (cf. (110)). *Parar (de)*, por sua vez, aplica-se a eventos, denotando a sua interrupção, e *acabar (de)*, por último, perspetiva as situações do ponto de vista da sua conclusão, aplicando-se, apenas, a processos e processos culminados (cf. Cunha, 2013: 613). Estes dois últimos verbos de operação aspetual – *parar (de)* e *acabar (de)* – diferenciam-se um do outro pelo facto de o primeiro implicar que uma situação acabou, mas não obrigatoriamente que a mesma situação está finalizada ou concluída (cf. (111)), ao contrário do segundo (cf. (112))

- (110) A Maria *deixou de* ser infeliz.
- (111) O João *parou de* almoçar.
- (112) O João *acabou de* pintar o retrato da mãe.

Estes três grupos de verbos têm uma sensibilidade diferente quanto à combinação com eventualidades quantificadas, já que o primeiro parece aceitar bem a combinação com eventos quantificados, como se demonstra em (113). Os verbos do segundo grupo têm uma aceitabilidade mais duvidosa, sendo mais facilmente interpretados se for fornecido um contexto mais alargado (cf. (114)) e, por fim, os verbos do último grupo parecem ter uma aceitabilidade menor quanto à combinação com eventos quantificados (cf. (115)).

- (113) A Maria *está a/anda a* comer **muito**.
- (114) ^{?/ok} A Maria *começou a/passou a* comer **muito**.
- a. A Maria *começou a* **comer muito** quando engravidou.
- (115) *A Maria ^{?/ok}*deixou de/*^{??}*parou de/*^{??}*acabou de* comer **muito**.

1.6. Sumário

O presente capítulo teve como objetivo apresentar o conceito de Aspeto, enquanto categoria gramatical. Assim, pode afirmar-se, breve e resumidamente, que o estudo do Aspeto focaliza a forma como as situações são perspectivadas, do ponto de vista da sua constituição temporal interna, o que o afasta da categoria gramatical Tempo, que se relaciona com a ordenação temporal/cronológica das mesmas. Desse modo, o Aspeto dá conta da forma como as eventualidades se desenvolvem, de um ponto de vista da sua progressão interna, e não da forma como elas se relacionam temporalmente, nem entre si, nem em relação ao momento da enunciação.

O estudo do Aspeto envolve a consideração de variados e complexos fatores em constante interação, mas, tendo em conta propostas de diversos autores, é possível assumir que existem quatro traços fundamentais que ajudam a estabelecer uma tipologia de classes aspetuais, nomeadamente a duratividade, a dinamicidade, a homogeneidade e a telicidade. Adicionalmente, a consideração, proposta por Moens (1987) e Moens & Steedman (1988), de um núcleo aspetual, que se assume (potencialmente) dividido em 3 fases principais – Processo Preparatório, Ponto de Culminação e Estado Consequente –, permite o estabelecimento de uma Rede de Transições Aspetuais, proposta pelos mesmos autores. Esta rede envolve um conjunto pré-definido de transições possíveis entre as diversas fases do núcleo aspetual, que permite explicar a derivação aspetual.

A partir da proposta de Moens (1987) e Moens & Steedman (1988), à qual se acrescenta a divisão entre estados faseáveis e não faseáveis proposta por Cunha (2004; 2013) e, ainda, a classe dos processos culmináveis, avançada por Oliveira & Leal (2015), chega-se a uma tipologia aspetual constituída por seis classes – Estados, Processos, Processos Culmináveis, Processos Culminados, Culminações e Pontos –, obtendo-se, assim, um sistema de classificação aspetual que responde às necessidades da presente investigação.

Sabendo-se, à partida, que a construção do significado aspetual de uma eventualidade não é feita de forma isolada, procurou-se enumerar alguns dos fatores que influenciam a caracterização aspetual das situações, destacando-se o tipo de verbo, a presença de complemento e/ou modificador, a influência dos tempos verbais e, até, do próprio contexto.

Cunha (2004; 2013) propõe uma convergência entre os conceitos de Aspeto Lexical e Gramatical, tipicamente distinguidos na literatura sobre Aspeto, aceitando, apesar disso, que a complexidade da interpretação aspetual justifica a consideração de dois níveis de análise, micro e macro-estrutural, que separa o estabelecimento das diferentes classes pela conjunção dos diferentes traços aspetuais, do estabelecimento da interpretação final, fortemente influenciada pelos restantes fatores contextuais, já mencionados.

2. Capítulo 2: Algumas considerações sobre Quantificação

2.1. Introdução

Falar sobre quantificação, no geral, implica, forçosamente, falar sobre quantidades. No entanto, e apesar de ter vindo a ser investigado desde há muito (cf. Montague, 1970, 1973; Lewis, 1975; Barwise & Cooper, 1981; Chierchia, 1998; Schwarzschild, 1989; Partee, 1991; Higginbotham, 1995; Leal, 2009; Quadros Gomes, 2011, 2018; Oliveira *et al.*, 2014; Leal e Cunha, 2015; Cantante, 2023; entre muitos outros), o tema da quantificação continua a ser bastante complexo (cf. Chierchia & McConnell-Ginet, 1990: 91). Uma das causas que contribui para esta complexidade é o facto de a quantificação poder atuar em vários domínios. Com efeito, embora o domínio nominal tenha sido o mais estudado até agora, é também possível quantificar sobre situações, i.e., estados ou eventos. A quantificação não atua exatamente da mesma forma nestes domínios, já que, tipicamente, a quantificação nominal é utilizada para “expressar a quantidade de entidades ou o tamanho (extensão espacial) de uma entidade”, enquanto no domínio verbal, o que se veicula é a “a quantidade de situações ou a extensão temporal de uma situação” (Leal, 2009: 112).

Para quantificar, os falantes de uma língua recorrem a quantificadores. No caso do Português, os quantificadores não constituem uma categoria uniforme, estando distribuídos por diferentes categorias gramaticais, entre as quais se destacam os determinantes, adjetivos, pronomes e, também, advérbios.

- (1) *Dez alunos* passaram no exame.
- (2) *Vários alunos* tentaram subir a nota no exame.
- (3) *Muitos alunos* foram ao exame. Apenas *alguns* passaram.
- (4) *A maioria* dos alunos passou no exame.
- (5) *Todos os alunos* passaram no exame.

Como é evidente, a quantificação é utilizada para fazer referência, não a um indivíduo ou evento isolado, mas a conjuntos de indivíduos ou eventos, que podem ser agrupados por partilharem conjuntos de características ou propriedades que os aproximam, como acontece no exemplo abaixo (cf. (6)), em que se faz referência a todos os membros que de um grupo que têm a característica comum de serem cães.

(6) Todos os cães ladram.

A quantificação está, tipicamente, associada ao domínio nominal (cf. (7)), adjetival (cf. (8)) e adverbial (cf. (9)), mas pode também aplicar-se ao domínio verbal, atuando sobre estados (cf. (10)) e eventos (cf. (11)), onde são consideradas, não características de entidades, como a sua quantidade, mas características de eventualidades, como a sua duração ou a sua repetibilidade.

(7) O José pouco se importava e, com o dinheiro da semanada, ia à leitaria e comprava *seis bolos de arroz*. (J78829)

(8) Foi uma festa *muito bonita*, com os amigos, a abrir champanhe francês na praia de Copacabana." (par=ext82946-nd-95b-2)

(9) Se me permitem, vou referir *muito rapidamente* três ou quatro casos. (A124860)

(10) Sempre nos ajudou, sempre se *preocupou muito* connosco, os portugueses que lá apareciam. (par=ext308696-clt-92a-1)

(11) A pequenita chorou muito, muito. (L0211)

Tendo em conta estas possibilidades, no presente capítulo, far-se-á, em primeiro lugar, uma breve resenha da forma como a quantificação tem vindo a ser tratada na literatura, desde Aristóteles. Seguidamente, tecer-se-ão algumas considerações sobre os diferentes tipos de quantificação, incluindo-se a distinção entre a quantificação das diferentes categorias gramaticais, desde a nominal à verbal, passando pela adjetival,

onde serão apresentados alguns conceitos escalares. O capítulo terminará com algumas considerações acerca da (possível) classificação dos quantificadores em PE, seguindo-se uma breve discussão sobre o estatuto de *muito* enquanto quantificador. O capítulo termina com um sumário.

2.2. Algumas perspectivas teóricas sobre quantificação

2.2.1. Lógica Aristotélica

Um dos primeiros autores a discutir o tema da quantificação foi Aristóteles, nas suas reflexões acerca da Lógica de Silogismos. Para este filósofo, numa frase quantificada, o que se verifica, na realidade, é uma interação entre dois predicados. Como se demonstra no exemplo abaixo (cf. (12)), o quantificador marcaria uma interação entre o predicado *aluno*, por um lado, e *estudioso*, por outro.

(12) *Todos os alunos são estudiosos.*

Na perspectiva deste filósofo, não só o quantificador *todos*, mas também *alguns*, *nem todos* e *nenhum* permitem estabelecer diferentes tipos de relação entre dois predicados. Dessa forma, o exemplo (12) poderia combinar os mesmos predicados de diferentes formas, apresentando as seguintes variações:

(13) *Alguns alunos são estudiosos.*

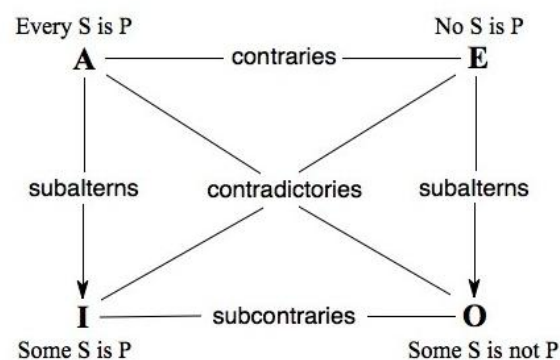
(14) *Nem todos os alunos são estudiosos.*

(15) *Nenhum aluno é estudioso.*

Estas oposições são tipicamente representadas no que ficou conhecido por *Quadrado de Oposições de Aristóteles* (cf. Figura 4), que mostra, não só as diferentes possibilidades combinatórias entre os predicados, mas também as relações lógicas que

se podem estabelecer entre elas. Na lógica aristotélica, as expressões representadas, no Quadrado de Oposições, pelas letras A (*every*) e E (*no*) representam quantificadores *universais*, enquanto as letras I (*some*) e O (*not all*) representam quantificadores *particulares*. Por outro lado, A e I aproximam-se por representarem expressões afirmativas e, inversamente, E e O aproximam-se por serem ambas expressões negativas.

Figura 4 - The Traditional Square of Opposition



Fonte: Stanford Encyclopedia of Philosophy
(<https://plato.stanford.edu/entries/square/>)

Os quantificadores representados em cada um dos cantos do quadrado relacionam-se entre si de formas diferentes, conforme é representado pelas linhas que os ligam. Assim, *todos* (A) e *nenhum* (E) representam expressões que são contrárias, i.e., não podem ser ambas verdadeiras (cf. (16)), enquanto os quantificadores *alguns* e *nem todos* são subcontrários, denotando, assim, expressões que não podem, ambas, ser falsas (cf. (17)).

(16) *Todas* as crianças choram.

a. *Nenhuma* criança chora.

(17) *Algumas* crianças choram.

- a. *Nem todas* as crianças choram.

As linhas diagonais representam relações contraditórias, que não podem, em momento algum, ter os mesmos valores de verdade (cf. (18)), enquanto as linhas verticais representam expressões subalternas. Neste caso, o facto de A ser verdadeiro *implica* que I também tenha de ser verdadeiro (cf. (19)), o mesmo acontecendo com as expressões em O e E (cf. (20)).

(18) *Todas* as crianças choram.

- a. *Nem todas* as crianças choram.

(19) *Todas* as crianças choram. →

- a. *Algumas* crianças choram.

(20) *Nenhuma* criança chora. →

- a. *Algumas* crianças não choram. = *Nem todas* as crianças choram.

No entanto, conforme afirma Gamut (1991: 70), “as soon as you move from predicates to relations, and from simple quantification to sentences in which more than one quantifying expression appears, things become more difficult” e, por essa razão, a lógica de silogismos de Aristóteles acabou por ser adaptada a uma lógica de predicados mais abrangente, que permite tratar expressões mais complexas, do ponto de vista da quantificação, como as seguintes:

(21) *Todos os homens* amam uma mulher.

(22) *Todos os alunos* entregaram um trabalho.

Em cada um dos exemplos acima, há duas expressões, uma quantificacional e outra potencialmente quantificacional: o quantificador *todos* e o indefinido *uma/um*,

presente no SN. Esta dupla quantificação levanta problemas sobre o tipo de relação que é possível estabelecer entre cada uma das expressões quantificadas. Uma das formas de resolver este problema é o cálculo de predicados²⁴, proposto por Frege (1879).

2.2.2. Frege (1879): uma lógica bidimensional

Frege (1879), baseando-se em noções lógicas e matemáticas, propõe que as proposições sejam tratadas como funções, que associam argumentos (variáveis), através de operadores. Assim, de acordo com este autor, existe uma distinção fundamental entre funções e objetos, correspondendo as primeiras a expressões não saturadas, i.e., com espaços por preencher, e que, por sua vez, podem ser saturadas por objetos ou por outras funções. Por outro lado, os objetos, conforme aqui definidos, representam os argumentos das funções e correspondem sempre a valores concretos, que podem ser representados por objetos, números, conjuntos ou outras expressões linguísticas. Deste ponto de vista, os quantificadores representam funções, funcionando como operadores que ligam variáveis.²⁵

Frege (1879) propõe, assim, uma lógica que envolve a noção de predicados, na qual o significado de uma frase quantificada deverá estar associado a uma função que envolve a relação entre uma propriedade e um domínio de objetos, indicando o número de elementos, nesse domínio, que contêm essa propriedade.

²⁴ A propósito de teorias relativas à lógica de predicados, ver também Russell (1903), Carnap (1936), Tarski (1936, 1944), Quine (1960), Davidson (1967), Montague (1970; 1973), Lewis (1973), entre outros.

²⁵ Tipicamente, estes conjuntos relacionam-se também entre si tendo em conta a função que ocupam no sistema de quantificação. De acordo com Heim (1982), uma das expressões quantificadas funciona como *restrictor* (restritor), enquanto a outra constitui o escopo nuclear (*nuclear scope*). Os valores de verdade destas frases analisam-se, também, tendo em conta a relação entre os dois conjuntos, em particular a forma como estes se interseitam. Assim, numa frase como (i), a frase será verdadeira apenas se a cardinalidade da interseção entre o conjunto de cães (expressão que representa o restritor) e o conjunto de seres inteligentes (que represente o escopo nuclear) for superior a 50% da cardinalidade do restritor.

(i) A maior parte dos cães são inteligentes.

Assim, numa frase como (16), repetida abaixo como (23), seria representada como se demonstra em (23a.) e seria parafraseável por *Para todo o x, se x é criança, então x chora*.

(23) Todas as crianças choram.

a. $\forall x (criança(x) \rightarrow chora(x))$

A substituição do quantificador universal por um quantificador existencial obrigaria a uma representação diferente, conforme demonstrado em (24), parafraseável por *Existe, pelo menos, um x tal que x é criança e x chora*. Dito por outras palavras, isto significa que existe, pelo menos, um indivíduo no universo do discurso que contém, simultaneamente, a propriedade de *ser criança* e de *chorar*.

(24) Algumas crianças choram.

a. $\exists x (criança(x) \wedge chora(x))$

A atuação dos quantificadores está, na perspectiva deste autor, dependente de uma oposição entre os conceitos de referência e sentido de uma palavra. O primeiro, i.e., a referência, diz respeito à utilização de uma expressão linguística para fazer referência a uma entidade do mundo real, referindo-se, assim, às características semânticas associadas a um determinado objeto. Já o segundo – o sentido – está diretamente relacionado com a forma como um objeto com uma determinada referência é apresentado ou percebido. Esta distinção permite compreender que a mesma expressão, por exemplo, *o presidente da República*, tenha sempre o mesmo sentido, i.e., o representante máximo da República, mas possa corresponder a diferentes referentes, dependendo dos índices de tempo, espaço, e.o. Contraste-se (25) e (26), que utilizam exatamente a mesma expressão, com sentidos semelhantes, e referências diferentes.

(25) No início da próxima semana, segunda ou terça-feira, o Presidente da Assembleia da República vai reunir com o *Presidente da República*, Mário Soares, e com o primeiro-ministro (...). (par=ext6560-pol-91a-1)

(26) O *Presidente da República*, Marcelo Rebelo de Sousa, afirmou esta terça-feira que se a pré-campanha presidencial para a sua sucessão começar mais cedo do que é habitual isso facilita o seu distanciamento do palco político também mais cedo.²⁶

Da mesma forma, é possível que a mesma expressão possa ter o mesmo referente e sentidos diferentes, como se mostra em (27) e (28), abaixo. Nestes exemplos, tanto *estrela da manhã* quanto *estrela da tarde* fazem referência ao planeta Vénus, isto é, têm a mesma referência. No entanto, o sentido de ambas as expressões é diferente, dado que um dá conta do aparecimento deste astro no céu ao amanhecer e o outro indica que este planeta é visível ao entardecer, fornecendo, assim, informações diferentes para a interpretação.

(27) O planeta Vénus, vulgarmente conhecido como "*«estrela da manhã»*", atingirá em breve a sua maior elongação oeste. (par=ext487959-clt-soc-95a-1)

(28) Se assim fizer, além de ver Vénus em fase -- Vénus aparece nesta época do ano como *estrela da tarde* -- será possível observar os anéis de Saturno. (par=ext508160-clt-soc-92b-1)

Em síntese, então, para Frege (1879), a quantificação pode ser perspectivada com base em conceitos matemáticos que, aplicados às línguas naturais, permitem o

²⁶Agência Lusa. Marcelo: "Pré-campanha presidencial mais cedo facilita o meu distanciamento do palco político", disponível em <https://www.dn.pt/4230061978/marcelo-pre-campanha-presidencial-mais-cedo-facilita-o-meu-distanciamento-do-palco-politico/> [consultado a 29/11/2024].

estabelecimento de relações entre as diferentes expressões, ligadas por operadores, como os quantificadores.

2.2.3. Russell (1903): Quantificação e lógica

Para Russell (1903), os quantificadores permitem relacionar diferentes elementos pertencentes a conjuntos. Para isso, defende que os sintagmas nominais correspondem a elementos denotadores, que atribuem sentido às palavras ou frases, na medida em que "they are symbols which stand for something other than themselves" (Russell, 1903: 47). De acordo com este autor, então, as expressões quantificadoras podem ser representadas, em Inglês, por *all*, *every*, *any*, *a(n)*, *some* e *the*, ou seja, quantificadores universais, existenciais e sintagmas nominais definidos ou indefinidos. De acordo com esta perspectiva, estes sintagmas não têm um significado isolado das frases em que ocorrem e, por esse motivo, dependem de outros elementos, que permitem a sua definição como elementos pertencentes a um conjunto ou classe. Deste modo, então, os sintagmas definidos e também os indefinidos funcionam como descrições (in)definidas, que permitem associar os objetos que descrevem a conjuntos (in)definidos, consequentemente funcionando como quantificadores existenciais. Assim, por exemplo, a frase (29), abaixo, envolve quantificação existencial (pode ser parafraseada por *Existe um rei de França e esse rei é careca* (cf. Russell, 1903)).

(29) O atual rei de França é careca.

a. $\exists x ([\text{king}(x) \ \& \ \forall y (\text{king}(y)) \rightarrow y=x]) \ \& \ \text{careca}(x)$

No entanto, a consideração de uma frase bastante semelhante (cf. (30)) levanta alguns problemas, especialmente relativamente ao escopo do quantificador, i.e., ao(s) objeto(s) sobre o(s) qual(is) atua. De facto, em (30), a frase pode ser verdadeira, se existir um rei de França que não seja careca, mas, no caso de ser falsa, tal pode ocorrer por dois motivos: ou o rei de França não é careca ou não existe rei em França, o que mostra que (30) também pode ser falsa.

(30) O atual rei de França não é careca.

Esta ambiguidade de interpretações deve-se à existência de diferentes possibilidades no que se refere à articulação do quantificador com a negação. Veja-se (31):

(31) O atual rei de França não é careca.

a. $\neg \exists x ([\text{king}(x) \ \& \ \forall y (\text{king}(y) \rightarrow y=x)] \ \& \ \text{careca}(x))$

b. $\exists x ([\text{king}(x) \ \& \ \forall y (\text{king}(y) \rightarrow y=x)] \ \& \ \neg \text{careca}(x))$

Em (31a.), a negação tem escopo largo, ou seja, nega-se a própria existência de uma entidade (x) que denote *o rei de França* e, por isso, esta frase é verdadeira apenas se não existir um rei em França. Já em (31b.), é o quantificador que tem escopo largo, não se negando a existência de um rei em França, mas sim o facto de este ser careca.

As contribuições de Russell (1903) permitiram o tratamento de expressões definidas em termos de quantificação existencial, introduzindo, ademais, questões relevantes sobre o escopo dos quantificadores. No entanto, nesta proposta, quantificadores existenciais e universais recebem o mesmo tipo de tratamento formal. Esta diferença é, no entanto, discutida nos trabalhos de Lewis (1975) e Heim (1982), como se verá adiante.

2.2.4. Montague (1970; 1971; 1973; 1974)

Nos seus trabalhos, Montague (1970; 1971; 1973; 1974), definiu um conjunto de regras sintáticas, com repercussão semântica, para definir a quantificação através de uma linguagem formal e universal. Segundo Montague (1970: 373), as línguas naturais e as línguas artificiais (i.e., lógicas) assemelham-se, sendo, por isso, possível “to

comprehend the syntax and semantics of both kinds of languages with a single natural and mathematically precise theory”.

Um dos princípios fundamentais e orientadores da proposta de Montague (1970; 1971; 1973) é o Princípio da Composicionalidade, herdado de Frege (1879), que dita que as frases são avaliadas de acordo com o seu valor de verdade e que o seu significado depende das expressões que as constituem, por um lado, e, por outro, da forma como estas se organizam. De acordo com esta perspetiva, as línguas naturais devem ser interpretadas com recurso a modelos abstratos, que permitem a conceção de mundos possíveis.

Por sua vez, a atribuição do significado às expressões complexas depende da forma como estas são concebidas. Antes de Montague, as principais teorias linguísticas baseavam-se numa lógica de predicados de primeira ordem, e concebiam as expressões de uma língua como podendo ser de três tipos: “formulas (analogous to sentences), terms (analogous to a subset of noun phrases), and predicates (analogous to nouns, adjectives, and verbs)” (cf. Partee, 2015: 752). Contudo, este autor apresentou uma visão diferente, assumindo que as línguas têm dois tipos básicos de expressões, entidades (*e*) e funções (*t*), que, pela aplicação sucessiva de regras sintáticas e semânticas, podem juntar-se para formar novos tipos de expressões. Esta perspetiva propõe a existência de uma correspondência entre a estrutura sintática e o seu significado semântico, porque, a cada regra de composição sintática, corresponde uma regra de composição semântica, na medida em que “the syntax is an algebra, the semantics is an algebra, and there is a homomorphism mapping elements of the syntactic algebra onto elements of the semantic algebra” (Partee, 2015: 751).

Considerando-se, assim, na linha de Frege (1879), que um predicado corresponde a uma função e um sujeito a um argumento, e que estes se combinam para formar frases, o princípio da Composicionalidade deverá aplicar-se às expressões complexas, de acordo com as regras de aplicação de funções. Simplificando, a proposta de Montague assenta na ideia de que uma unidade semântica só pode corresponder a um argumento, a uma função ou a um valor de verdade: no primeiro caso, os argumentos (*e*) são normalmente denotados por SNs, representando entidades, como

o cão ou *a Maria*; no segundo caso, as funções ($\langle e, t \rangle$) correspondem ao predicado, podendo ser denotadas por verbos, mas também por outras categorias, como adjetivos ou, mesmo, nomes, e associam, a cada argumento de tipo e , um valor de verdade, de tipo t ; por fim, o terceiro caso é o resultado da combinação de uma função com os seus argumentos, e é representado pelos valores de verdade (t) *verdadeiro* ou *falso*.

Seguindo esta linha de raciocínio, o princípio da Composicionalidade aplica-se através da atribuição de uma função a cada uma das partes constituintes da expressão complexa. Numa frase como *A Maria gosta do cão*, as partes que a constituem correspondem a *A Maria*, *o cão* e, ainda, ao verbo *gostar*, e a sua interpretação depende do significado de cada uma delas e da sua ordem, já que, a uma alteração na ordem de palavras (*O cão gosta da Maria*), associar-se-ia uma frase com um significado diferente. O valor de verdade da frase anterior depende da existência de uma função associada ao verbo *gostar* e aos seus argumentos, *a Maria* e *o cão*, que poderá ser marcada como verdadeira ou falsa. Esta avaliação depende das condições de verdade da frase, ou seja, da forma como o mundo deve ser concebido para que a frase possa ser verdadeira.²⁷

Ao analisar expressões quantificadas, Montague (1970; 1971; 1973) nota que estas apresentam algumas semelhanças com expressões de tipo e , nomeadamente o facto de ambas poderem aparecer em posição de sujeito, embora com a diferença que uma expressão quantificada representa tipicamente um conjunto de indivíduos com a mesma propriedade (subconjuntos de entidades) – veja-se a diferença entre *o cão* e *todos os cães*. Tendo em conta estas similitudes, Montague (1970; 1971; 1973) propõe que ambas as expressões sejam tratadas da mesma forma: tal como os SNs são constituídos por um determinante e um nome, também os quantificadores são constituídos por um determinante e por uma expressão representativa de um conjunto e, neste caso, a posição do determinante pode ser ocupada por palavras pertencentes

²⁷Note-se que, para que avaliar as condições de verdade de uma frase, não é obrigatório que a frase seja verdadeira, mas tem obrigatoriamente de ser possível conceber as condições necessárias para que a frase possa ser verdadeira.

a diferentes categorias morfossintáticas (não só determinantes ou pronomes, mas também expressões de quantificação e construções partitivas).²⁸

Por representarem relações entre conjuntos de entidades, os determinantes possibilitam o estabelecimento de uma relação entre nomes e sintagmas verbais, permitindo relacionar o conjunto de entidades denotadas pelo SN sujeito ($\langle e, t \rangle$ ²⁹) e o conjunto de entidades que possuem a propriedade denotada pelo SV ($\langle e, t \rangle$), constituindo, assim, expressões de tipo $\langle \langle e, t \rangle, \langle e, t \rangle, t \rangle$. A sua função é a de permitir que um nome possa ser interpretado como um SN, ou seja, que um conjunto de indivíduos (por exemplo, *cães*) passe a poder ser interpretado como um conjunto de conjuntos de indivíduos (*os cães*). Por sua vez, a função dos quantificadores é a de mapear conjuntos de indivíduos a valores de verdade, o que significa que o seu argumento é uma função de conjuntos de entidades para valores de verdade, à qual se associa um determinado valor de verdade.

Segundo a proposta de Montague (1974), a relação entre nomes e sintagmas verbais é assegurada pelo SN sujeito, que representa uma função cujo argumento corresponde ao conjunto interpretado do SV, e cujo *output* é um valor de verdade. Para clarificar esta explicação, atente-se na frase (32), apresentada abaixo, na qual o quantificador é responsável por atribuir, a cada conjunto possível de entidades denotadas por *todos os cães*, um valor de verdade. O SN sujeito, representado por *todos os cães*, corresponde a uma função que estabelece uma relação entre o conjunto de cães que ladram e um valor de verdade, *verdadeiro* ou *falso*. A frase seria verdadeira se todos os cães do conjunto tivessem a propriedade de ladrar, e falsa na situação oposta (i.e., se pelo menos um cão não ladrar).

²⁸Esta ideia, baseada em trabalhos anteriores de Mostowski (1957), foi posteriormente aprofundada por outros autores, como Barwise & Cooper (1981) e Keenan & Stavi (1986).

²⁹Seguindo-se as denotações tradicionalmente utilizadas na literatura, *e* é utilizado para representar entidades e *t* representa proposições, que relacionam essas entidades com determinados valores de verdade.

(32) Todos os cães ladram.

Relevante para esta proposta é a oposição entre os conceitos de extensão e intensão (ver, a este propósito, Carnap, 1956).³⁰ A intensão de uma expressão, diretamente relacionada com o seu sentido ou significado, representa uma função que associa, a cada mundo possível, uma extensão, que representa o conjunto de entidades a que essa expressão se aplica. A possibilidade de conceber diferentes mundos possíveis³¹ (ver, e.o., Kripke, 1959; 1963) explica a atribuição de diferentes valores de verdade às mesmas frases, uma vez que a oposição entre intensão e extensão permite estabelecer que uma expressão com a mesma intensão possa ter diferentes extensões em diferentes mundos. Esta conceção permite explicar, por exemplo, as diferentes referências para a expressão *o Presidente da República*, que, em diferentes momentos, tem referentes diferentes.

Estas expressões são representadas através de uma linguagem intermédia, designada de *lógica intensional*, que permite representar os significados das expressões através de fórmulas lógicas, tal como previamente sugerido por Russell (1903). Através da correspondência entre as regras da sintaxe e da semântica, definida por Montague (1970; 1971; 1973; 1974), torna-se possível garantir, por um lado, que a estrutura dos constituintes é preservada e, por outro, que o Princípio da Composicionalidade é respeitado.

2.2.5. Barwise & Cooper (1981): A teoria dos Quantificadores Generalizados

³⁰O primeiro diz respeito ao número de indivíduos que possuem uma determinada propriedade, enquanto o segundo está diretamente relacionado com a expressão da propriedade em si. No caso da expressão *mesa*, por exemplo, a sua extensão corresponde ao conjunto de todos os objetos que são, efetivamente, uma mesa; a sua intensão, por outro lado, corresponde ao conjunto de características que permitem aos falantes conceber o conceito de mesa (objeto com pernas, um tampo, concebido para se realizar várias atividades, como comer ou estudar, etc.).

³¹A noção de mundo possível está associada às diferentes possibilidades lógicas de conceber um mundo, o que inclui a conceção de diferentes momentos no tempo. Os diferentes tipos de entidades que podem existir em cada mundo deverão ser definidos e estar descritos num modelo abstrato de linguagem.

Barwise & Cooper (1981), seguindo Montague (1974), desenvolvem a Teoria dos Quantificadores Generalizados (TQG), primeiramente introduzida por Mostowski (1957) (ver também Montague, 1974; Keenan & Stavi, 1986), propondo que “every natural language has syntactic constituents (called “noun-phrases”) whose semantic function is to express generalized quantifiers over the domain of discourse” (Barwise & Cooper, 1981: 177).

Segundo estes autores, o conceito de quantificador generalizado é utilizado para referir conjuntos de conjuntos de entidades, representados por SNs, e não individualmente por determinantes ou quantificadores. Assim, a presença de uma expressão quantificada envolve, em termos semânticos, um quantificador e um conjunto (cf. (33)).

(33)

- a. Todos os estudantes $\rightarrow \lambda Y \lambda X. Y \subseteq X$
- b. O estudante $\rightarrow \lambda Y \lambda X. Y \subseteq X \ \& \ |Y| = 1$
- c. Alguns estudantes $\rightarrow \lambda Y \lambda X. |Y \cap X| \geq 2$

Os Quantificadores Generalizados (QG)³² são vistos, quer como relações entre conjuntos ($\langle \langle e, t \rangle, \langle e, t \rangle \rangle, t \rangle$), quer como funções. No primeiro caso, os determinantes, na sua função de QG, servem para estabelecer uma relação entre a denotação do SN com função de sujeito (ou seja, o conjunto de indivíduos que este representa) e o SV (que representa o conjunto de indivíduos que possuem uma determinada propriedade). Por outro lado, os QG podem representar funções que relacionam conjuntos de indivíduos e valores de verdade.

³²Leal (2009) indica, seguindo Nouwen (2006), que estes quantificadores se relacionam entre si através de *escalas de implicaturas*, que são geradas pragmaticamente. Dessa forma, “existe uma escala de implicatura que indica que ““todos os bolos” implica “muitos bolos”, que, por sua vez, implica “alguns bolos”” e, de forma análoga, “5 bolos” implica “4 bolos”, que, por sua vez, implica “3 bolos”, e assim sucessivamente” (Leal, 2009: 147).

De acordo com a proposta de Barwise & Cooper (1981), os QG apresentam certas propriedades (conservadorismo, extensão, quantidade e variação) que se aplicam em todos os casos e, por esse motivo, podem ser consideradas universais semânticos.³³ Esta ideia, embora inovadora, foi posteriormente rebatida, por ser considerada demasiado restritiva, sendo substituída pela proposta de que existem, de facto, certos SNs que são, essencialmente quantificacionais, mas não obrigatoriamente (cf. Jelinkek, 1988).

2.3. Tipos de Quantificação

2.3.1. Quantificação-D vs. Quantificação-A

Além da distinção tradicional na literatura entre quantificação universal e existencial³⁴, é, também, comum fazer-se uma distinção entre quantificação adverbial e quantificação nominal (cf., entre muitos outros, Carlson, 1983; Bach, 1986; Partee, 1990). Na verdade, a base da distinção entre Quantificação-D e Quantificação-A reside no facto de que “‘D’ is mnemonic for Determiner, ‘A’ for the cluster of Adverbs, Auxiliaries, Affixes, and Argument-structure Adjusters” (cf. Partee, 1990: 8) A quantificação pode, assim, ser feita com recurso a determinantes e/ou a advérbios e, em ambos os casos, os quantificadores são utilizados para expressar relações que se estabelecem entre dois conjuntos de elementos e uma proposição.

No primeiro caso, a quantificação-D, envolve uma intersecção entre os conjuntos de indivíduos ($\langle e, t \rangle$) e proposições, que correspondem a relações pré-estabelecidas entre conjuntos de indivíduos e respetivos valores de verdade ($\langle \langle e, t \rangle, t \rangle$) (cf. Barwise & Cooper, 1981) e, por isso, as funções denotadas são de tipo $\langle \langle e, t \rangle, \langle \langle e, t \rangle, t \rangle \rangle$.

³³Para mais sobre este tema, ver, entre muitos outros, Alves, 1993; Barwise & Cooper, 1981; Gamut, 1991; Keenan 1987, 2002, 2004; Keenan & Stavi, 1986; Partee *et al.*, 1990; Westerståhl, 1999.

³⁴Considerando-se a quantificação como a expressão de quantidades (ou graus), existem, em PE, diferentes mecanismos que permitem quantificar. De um modo geral, toda a quantificação tem um domínio de atuação, o domínio de quantificação, que corresponde a um conjunto constituído por várias entidades às quais se atribui uma determinada propriedade. Desta forma, a quantificação pode ser universal, se se aplicar a todos os membros de um determinado conjunto, ou existencial, quando existe, pelo menos, um membro do domínio de quantificação que possui a propriedade referida. Por não ser o foco principal da presente investigação, optou-se por não se analisar esta oposição no presente capítulo.

Tipicamente, dentro deste tipo de quantificação, opõem-se quantificadores universais, como *todo(s)*, e quantificadores existenciais, como *um* ou *algum(ns)*³⁵:

(34) *Todos os alunos* passaram no exame.

(35) *Um aluno* passou no exame.

a. *Alguns alunos* passaram no exame.

A quantificação adverbial é tipicamente atribuída a uma quantificação sobre situações ou casos (cf., e.o., Lewis, 1975). Esta temática foi discutida por diversos autores (cf. Kamp, 1981; Heim, 1982; Berman, 1987; Diesing, 1992; von Stechow, 1994; Kratzer, 1995), alguns dos quais consideram que certos advérbios, como, por exemplo, os de frequência, não têm restrições relativamente ao tipo de entidade com que se podem combinar (indivíduos ou situações), enquanto outros propõem que estes se aplicam exclusivamente a situações (eventos ou estados).

2.3.1.1. Quantificação-D: Quantificação no domínio nominal

A quantificação nominal diz respeito à quantificação de expressões contendo nomes como núcleo, que representam entidades ou conjuntos de entidades, e, nesse sentido, serve para refletir acerca de características dessas expressões, nomeadamente, “a quantidade de entidades ou o tamanho (extensão espacial) de uma entidade” (Leal, 2009: 112). Assim, e de um modo geral, é possível advogar, em linha com o que é tradicionalmente assumido na literatura, que a quantificação nominal atua essencialmente de duas formas, sendo utilizada para “contar entidades” ou para “medir valores” (Peres, 2013: 769). Também Rothstein (2017: 49) põe em evidência esta

³⁵Uma ideia, defendida por Hinterwimmer (2020), na linha de vários autores (cf. Von Stechow, 1994; Stanley & Szabó, 2000), é a de que os quantificadores deste tipo contêm constituintes pronominais não explícitos, que introduzem variáveis livres que atuam sobre predicados e que podem ser preenchidas por informação fornecida pelo contexto.

distinção, assumindo que *contar* “involves saying ‘how many’ individuated relevant entities or objects there are in a particular context”, enquanto *medir* “involves saying how much of a particular substance there is”. Fundamental para esta oposição é a distinção entre nomes massivos, como *água*, *cerveja* ou *arroz*, e contáveis, como *livro*, *aluno* ou *copo*.

2.3.1.1.1. A distinção massivo/contável

A principal diferença entre nomes contáveis e nomes massivos relaciona-se com o facto de os primeiros poderem ser modificados por numerais cardinais, (como em *cinco livros*) e outras construções que indiquem números ou quantidades específicas (por exemplo, *uma tablete de chocolate* ou *uma chávena de café*), o que é designado por Chierchia (2010) de ‘signature property’. Pelo contrário, os segundos rejeitam esta possibilidade, não aceitando esta modificação (como *#cinco mobílias*, **dez farinhas*, **três paciências*). Veja-se a diferença entre (36) e (37), abaixo. No primeiro caso, é possível contabilizar de forma exata o número de livros com capa vermelha comprados pela Maria, enquanto, no segundo, não é possível determinar a quantidade exata de *farinha* que *a Maria* comprou.

(36) A Maria comprou *três livros* com capa vermelha.

(37) A Maria comprou *farinha*.

De acordo com vários autores (cf. Bosque, 1999; Duarte & Oliveira, 2003; Peres, 1992, 1993), os nomes contáveis podem ser contados, enquanto os nomes massivos apenas podem ser medidos. Conforme mostra Brito (2003: 355), “por vezes, a quantificação pode ser dada simplesmente pela forma plural de um nome, os chamados “meros plurais” ou “plurais simples””. A possibilidade de pluralização de entidades também dá algumas pistas sobre a oposição entre nomes contáveis e massivos, já que esta pluralização parece ser mais facilmente aceitável com nomes contáveis (38) e (39) do que com nomes massivos (38a.) e (39a.).

(38) Comprei *revistas*.

a. #Comprei *águas*.

(39) Comi *bolachas*.

a. #Bebi *cafés*.

Ainda assim, a pluralização de nomes não contáveis é possível, mas implica uma recategorização dos mesmos em nomes contáveis (cf. (40)), envolvendo uma “alteração do valor semântico extensional do nome em questão” (Leal, 2009: 99), como se explicita em (40a.)³⁶.

(40) O João bebeu *três cafés* hoje.

a. O João bebeu três chávenas (ou medidas) de café.

Em termos semânticos, a principal diferença entre nomes contáveis e não contáveis reside no facto de os contáveis terem uma cardinalidade específica (cf. (41)), ao contrário dos não contáveis (cf. (42)), que não podem ser individualizados e, por isso, não denotam um conjunto de entidades, mas um contínuo, em que as entidades não são individualizáveis.³⁷

³⁶De acordo com Chierchia (1998), Bosque (1999), Leal (2009), e.o., existem alguns critérios sintáticos que permitem justificar esta distinção, como, por exemplo, o facto de, em posição de objeto direto ou predicativo do sujeito, nomes não contáveis ocorrerem no singular, sem determinante (cf. (i)), ao contrário dos nomes contáveis, que podem ocorrer no singular ou no plural, com artigos definidos ou indefinidos, bem como com numerais ou outras expressões quantificadoras (cf. (ii)).

(i) A mãe comprou *farinha* para fazer um bolo.

(ii) O João comeu a maçã/uma maçã/três maçãs/muitas maçãs.

³⁷Existem, contudo, certas construções, designadas por Selkirk (1977) de *pseudopartitivos*, que apresentam complexidades acrescidas, pelo facto de poderem combinar-se com nomes contáveis e com nomes não contáveis (como em *3kg de café moído* e *3kg de livros*).

(41) O Paulo comeu *três bolachas*.

- a. Existe um conjunto específico de bolachas, com cardinalidade igual a 3, que foram comidas pelo João.

(42) O pai bebeu *vinho* ao jantar.

- a. Existe uma quantidade indeterminada da substância vinho que foi bebida pelo pai ao jantar.

A partir desta distinção, Link (1983) reflete sobre as propriedades constitutivas do objeto, nomeadamente no que diz respeito ao contraste entre entidades atómicas e não atómicas. Em última instância, o que os seus trabalhos permitem é estabelecer uma diferença ontológica entre dois tipos de entidades: um que representa matéria e outro que representa objetos.³⁸ Na sua proposta, Link (1983) associa a diferença entre nomes massivos e nomes contáveis à diferença entre predicados massivos e contáveis.

Com base nesta proposta, Krifka (1989; 1995) estabelece uma distinção entre predicados cumulativos e quantizados, respetivamente. Assim, aos nomes massivos são tipicamente associadas duas propriedades, a da cumulatividade³⁹ e a da divisibilidade, definidas tendo em conta uma operação de soma (*sum operation*) dos referentes, obtendo-se, a partir desta soma, um resultado cujo referente está também na denotação do nome massivo. Desse modo, se alguém juntar *uma quantidade indeterminada de farinha* a *uma outra quantidade indeterminada de farinha*, o que se obtém é uma *quantidade (indeterminada) de farinha*. O mesmo acontece com a divisão

³⁸Apesar de constituir um marco importante, a proposta de Link (1983) foi posteriormente discutida por Landman (2011), que torna evidente a existência de alguns problemas. De facto, algumas entidades representadas por nomes massivos, como *café*, *farinha* e outros semelhantes, podem ser consideradas numa perspetiva atómica, já que pode considerar-se que são constituídas por grãos ou moléculas. Por outro lado, certos nomes permitem, efetivamente, uma subdivisão em subpartes, como é o caso de *clothing*, que denota um conjunto fisicamente representado por diferentes peças de roupa (*outfits*).

³⁹De facto, a cumulatividade é definida por Rothstein (2010; 2017) conforme se apresenta em (i), i.e., “P é cumulativo apenas e só se, quando x e y pertencem a P, então a sua soma também pertence a P” (cf. Rothstein, 2010: 350).

(i) $\forall x \forall y [x \in P \wedge y \in P \rightarrow x \sqcup y \in P]$

de *duas quantidades de farinha*, que resulta, também, *numa quantidade de farinha*. Pelo contrário, os nomes contáveis têm um comportamento díspar, já que a soma das entidades na denotação de nomes contáveis não resulta numa entidade cujo referente também se encaixa na mesma denotação. Veja-se, por exemplo, que “the sum of two entities in the denotation of *cup* cannot itself be in the denotation of *cup* (but only in the denotation of the plural *cups*)” (Rothstein, 2017: 91).⁴⁰

Estas diferenças refletem a complexidade do estudo da quantificação. Ainda assim, e apesar de, em PE, se encontrarem divididos por várias classes gramaticais, os quantificadores apresentam certos comportamentos invariáveis que os interligam, nomeadamente o facto de i) expressarem quantidades de entidades ou graus de propriedades; ii) não serem responsáveis pelo estabelecimento referencial das entidades, apenas contribuindo para a sua cardinalidade; e iii) funcionarem sempre em interação com outros elementos linguísticos no seu escopo, com os quais estabelecem relações (cf. Leal, 2009: 114).

2.3.1.2. Quantificação adverbial: uma introdução à quantificação de eventualidades

Ao analisar um conjunto de advérbios, onde se inserem, por exemplo, *usually* e *seldom*, Lewis (1975) mostra que estes funcionam como quantificadores sobre eventos, (cf. Lewis, 1975: 10). Ao analisar frases como a apresentada em (43) (cf. Lewis, 1975:

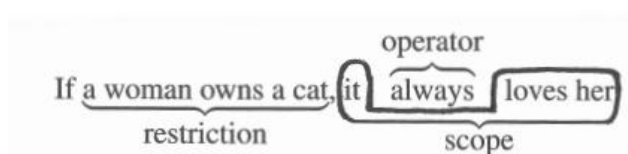
⁴⁰Tal como apontado anteriormente, certos nomes apresentam um comportamento ambíguo, não sendo claramente contáveis ou não contáveis. A dúvida, relativamente a estes nomes, de que é exemplo *sequência*, surge pelo facto de poderem ser divisíveis e cumulativos. Se se considerar o nome *sequência*, por exemplo, é possível conceber que uma sequência possa ser dividida tendo em conta as suas partes constitutivas (por exemplo, os números ou letras que a constituem), tal como pode, também, ser adicionada a outras sequências, continuando em ambos os casos a constituir *uma sequência*. Mesmo assim, *sequência* é um nome claramente contável, dado que pode ser pluralizado, como em *A Maria escreveu 10 sequências (numéricas)*. Esta possibilidade é explicada por Rothstein (1999), que argumenta que nomes como este podem ser interpretados como atômicos, na medida em que, por si só, o nome *sequência* não especifica como é que a sequência denotada é constituída internamente. Dessa forma, não há nada que impeça a conceção de uma subsequência, que corresponda a uma parte da sequência maior, diferente da sequência maior e que, por isso, torne o predicado quantizado, e não cumulativo. Com efeito, a sequência [1,2,3,4,5,6,7,8,9,10] pode ser subdividida na subsequência [3,4,5,6], e esta subsequência não é, simultaneamente, a sequência (maior) denotada pelo nome.

12), o autor afirma que a frase modificada pelo advérbio de quantificação *usually*, por exemplo, só poderá ser verdadeira se ocorrer na maioria dos casos (ou situações).

(43) [Usually] If x is a man, if y is a donkey, and if x owns y, x beats y now and then.

Ao longo da sua discussão, Lewis mostrou que os advérbios de quantificação, como *always*, *usually* e *seldom*, podem atuar sobre diferentes elementos de uma frase, o que o levou a considera-los ‘*unselective quantifiers*’. Por exemplo, no caso de frases condicionais (*if-clauses*), este autor considera que os advérbios de quantificação funcionam como operadores, selecionando dois argumentos: o restritor (que corresponde à oração condicional) e o escopo (a oração principal), conforme se mostra na Figura 5.

Figura 5 - Esquema de atuação do operador ‘always’



Fonte: Rooth (2019: 3)

Heim (1982), retomando frases semelhantes às anteriores (cf. (44))⁴¹, atribui ao indefinido a função de introduzir uma variável livre no discurso, assumindo que este não tem nenhuma função quantificacional, já que “what appears to be the quantificational force of an indefinite is always contributed by either a different expression in the

⁴¹Estas frases, comumente designadas *donkey sentences*, primeiramente mencionadas por Geach (1962), com base em ideias apresentadas por filósofos medievais, foram amplamente analisadas na literatura, por apresentarem um problema de anáfora, relacionado com a presença do pronome *it* (e com a ligação ao respetivo referente). Este problema foi retomado em vários trabalhos, estando na base de aspetos, por exemplo, da DRT (Kamp, 1981) e da File Change Semantics (Heim, 1983).

indefinite's linguistic environment, or by an interpretive principle that is not tied to the lexical meaning of any particular expression at all" (Heim, 1982: 81).⁴²

(44) *Every man who owns a donkey beats it.*

a. If a man owns a donkey, he always beats it.

Também Doetjes (2007) discute o comportamento dos advérbios enquanto expressões de quantificação, servindo-se da análise de *beaucoup* e *souvent* para mostrar que, apesar de apresentarem significados semelhantes, estes dois advérbios pertencem, na verdade, a duas classes diferentes: *beaucoup* é um advérbio de grau e *souvent* é um advérbio de frequência (cf. Doetjes, 2007: 686).

(45) Il a plu *beaucoup*.

Choveu *muito*.

(46) Il a plu *souvent*.

Choveu muitas vezes.

(47) Il a plu *trois fois*.

Choveu três vezes.

A diferença entre estes dois tipos de advérbios prende-se com o facto de que os advérbios de grau modificam expressões que podem corresponder a nomes (cf. (48)), adjetivos (cf. (49)) e também verbos (cf. (50)), apresentando os últimos a restrição de só

⁴²Baseando-se nos trabalhos de Lewis acerca dos advérbios quantificacionais, a autora assume que a função do indefinido é contribuir com uma variável livre, que está associada ao seu significado lexical. O mesmo ocorre com os artigos definidos e com os pronomes relativos, que, segundo a mesma autora, se assemelham por terem, todos eles, ausência de informação quantificacional, contrariamente aos quantificadores universais *todo(s)* e *nenhum(ns)*, que efetivamente funcionam como expressões quantificadoras, aceitando, aliás, combinar-se com as anteriores (cf. Heim, 1982).

serem compatíveis com o uso adverbial de *beaucoup* “in contexts where the VP has cumulative reference, which means that it allows for either a plural or a mass interpretation” (cf. Doetjes, 2007: 697) (cf. (50)-(50a.)), o que explica a dificuldade de aceitação de (50b.).⁴³

(48) *beaucoup* de livres

a. *beaucoup* de soupe

(49) *peu/un peu* difficile (cf. Doetjes, 2007: 709)

(50) Jean va *beaucoup* au Louvre.

a. Il a plu *beaucoup*.

b. #Jeanne a écrit *beaucoup* la lettre.

(Doetjes, 2007: 697)

Os advérbios de frequência, por sua vez, implicam uma leitura que envolve cardinalidade, mais concretamente definida como iteratividade (repetição de ocorrências) (cf. (51)).

(51) Sylvie va *souvent* au cinéma.

A Sylvie vai *muitas vezes* ao cinema.

(Doetjes, 2007: 686)

A autora defende que as expressões de frequência “are semantically complex in the sense that they contain a Q element and a restriction, which corresponds to the

⁴³A autora apoia esta proposta nos trabalhos de Bach (1986), onde se assume que os domínios nominal e verbal se aproximam, na medida em que, tal como os nomes podem ser singulares, plurais ou massivos, também os predicados podem corresponder a uma ocorrência única (*escrever a carta*), ocorrências singulares pluralizadas (*ir ao cinema*) ou, ainda, ter referência massiva (*chover*) (cf. Doetjes, 2007: 697).

element *fois* ‘times’ in *trois fois*” (Doetjes, 2007: 700). Isto significa que a função dos advérbios de frequência é a de impor uma leitura de repetição abstrata (pluralidade indefinida de episódios) às situações que modificam, conforme esquematizado em Doetjes (2007):

(52) *trois fois*:

a. *trois*: [_{restriction} *fois*] [_{nuclear scope} VP/IP]

(53) *souvent* (Q+restrictions):

a. *Q* (*abstract many*): [_{restriction} abstract *fois*] [_{nuclear scope} VP/IP]

Segundo esta perspectiva, *beaucoup* corresponde sempre a um advérbio de grau, ao contrário de *souvent*, que representa sempre um advérbio de frequência⁴⁴, o que é demonstrado pelo exemplo (54) (cf. Doetjes, 2007: 15), em que *souvent* e *beaucoup* veiculam informações diferentes (repetição de episódios e quantidade de chuva, respetivamente).

(54) Il a plu *souvent*, mais il n’a pas plu *beaucoup*.

Choveu *muitas vezes*, mas não choveu *muito* (= com muita intensidade).

Note-se que, contrariamente ao que ocorre com *beaucoup* e *souvent*, *multo* pode ser utilizado de forma indiferenciada para quantificar eventos singulares ou

⁴⁴A questão de possíveis ambiguidades interpretativas, apresentada por esta autora, é resolvida com recurso à noção de recategorização do predicado. Assim, nos casos em que *beaucoup* introduz uma leitura de frequência (como em (i)), a explicação reside no facto de o predicado ser recategorizado, passando a ser interpretado como um massivo. O mesmo ocorre em sentido oposto (cf. (ii)), caso em que *souvent* poderá, numa leitura não preferencial, “describe a large amount of time spent in the cinema watching movies” (Doetjes, 2007: 15-16).

(i) Sylvie va beaucoup au cinéma.

(ii) Sylvie va souvent au cinéma.

plurais, e, em muitos casos, na ausência de um contexto alargado, a interpretação da frase não é clara, não sendo possível definir com precisão se se trata de uma leitura de frequência, intensidade, duração ou outras.

(55) Choveu **muito**.

(56) Os estudantes estudaram **muito** para o exame.

(57) A Rita nadou **muito**.

Este comportamento mostra que vários fatores deverão confluir para a construção da interpretação final da eventualidade. O facto de o quantificador *muito*, em PE, poder ser usado para quantificar, quer expressões nominais ou adjetivais, quer expressões verbais, levanta algumas questões sobre os fatores que permitem distinguir ou aproximar estas duas classes, alguns dos quais serão apresentados na subsecção seguinte.

2.3.1.3. A oposição quantificação nominal/quantificação verbal

A quantificação verbal e a quantificação nominal apresentam algumas características distintivas. Uma diferença que parece ser relevante para as distinguir é a posição do quantificador: enquanto, no domínio nominal, o quantificador tende a aparecer antes do nome (*dez crianças*), no domínio verbal, o comportamento é o oposto, com o quantificador a aparecer depois do nome (*comeu bastante*) (cf. (58)-(59)). Este comportamento mostra que “in general, verbal quantification is more highly marked than nominal quantification” (Gil, 1993: 278).

(58) *Dez crianças* saltaram para a piscina.

a. **Crianças dez* saltaram para a piscina.

(59) A Luísa saltou para a piscina *dez vezes*.

- a. ??A Luísa *dez vezes* saltou para a piscina.

Além disso, para Guimarães⁴⁵ (2007; 2008; 2010), o tipo de objeto a que a quantificação nominal se aplica é distinto do tipo de objeto da quantificação verbal. De acordo com este autor, os quantificadores-A (cf. Partee, 1995) aplicam-se a objetos que representam eventualidades e têm, essencialmente, duas funções: transmitir uma frequência de eventos, ou denotar comparações.

Ainda assim, a maior parte dos quantificadores, incluindo os proporcionais não universais, como é o caso de *muito*, aqui investigado, apresentam uma complexidade acrescida, por quantificarem de forma vaga e imprecisa, podendo atuar sobre diferentes partes da frase (ou seja, ter diferentes escopos). Veja-se, a título ilustrativo, o exemplo abaixo (cf. Partee, 1990: 26), que levanta a questão de saber onde atua o operador *almost* (i.e., se atua sobre conjuntos de pares de indivíduos (par *mulher-cão*) ou se atua apenas a nível individual (número de *mulheres* ou número de *cães*)).

(60) **Almost every** woman who *owns* a dog talks to it.

- a. Almost, every x1 is a woman and x2 is a dog, x1 owns x2 and x1 talks to x2.
b. Almost every, x1 is a woman and x2 is a dog, x1 owns x2 and x1 talks to x2.

⁴⁵Este autor apresenta uma divisão dos advérbios consoante a função que desempenham quando modificam verbos em advérbios aspectualizadores (i) e advérbios de quantidade (ii), podendo estes últimos subdividir-se em comparativos (cf. (iia.)) e advérbios de julgamento de valor (cf. (iib.)) (cf. Guimarães, 2007; 2008).

(i) Viajo **semanalmente** (...) para Montes Claros.

(ii)

- a. E ainda que tenha sido o nono estado do Brasil que mais diminuiu a mortalidade infantil nos últimos 20 anos, o Piauí trabalhou **menos** que outros estados do Nordeste.
b. Ele foi um homem que trabalhou **muito** e com certeza contribuiu muito para a literatura em Goiás.

(Guimarães, 2010: 232)

Uma distinção fundamental, que se correlaciona com a oposição entre quantificação nominal e verbal, é a que opõe predicados de tipo *individual-level* (*I-level*) e predicados de tipo *stage-level* (*S-level*). Segundo Partee (1991), “D-quantification and individual-level predication favor quantifying over individuals, while A-quantification and stage-level predication favor quantifying over episodes or cases” (Partee, 1991: 443).⁴⁶

Para o PE, em particular, Cunha, Leal & Silvano (2007) sugerem, ao analisar orações consecutivas, a existência de três tipos de quantificação, de acordo com o tipo de estruturas utilizadas: quantificação sobre indivíduos (cf. (61)), quantificação sobre situações (cf. (62)) e quantificação sobre propriedades (cf. (63)).

(61) Mas tenha paciência, porque o "«site»" tem **tantos visitantes que** está a demorar muito tempo a carregar. (*par=ext818754-com-98b-1*)

(62) Ouvi-as **tantas vezes que** ficaram gastas. (*par=ext246615-nd-98a-2*)

(63) Não acredito que Portugal e Escócia sejam **tão perigosos quanto** a Suíça." (*par=ext218861-des-93a-1*)

⁴⁶Partindo de uma ideia apresentada por Stump (1981; 1985), Partee (1991) assume que a introdução de informação contextual fora do escopo do quantificador é responsável por estabelecer uma espécie de limitação para a interpretação da quantificação. De facto, assumindo, na linha de Stump (1981; 1985) que alguns adjuntos podem funcionar como restritores de operadores de quantificação, Partee (1991) demonstra que apenas os predicados de tipo *S-level* podem funcionar como restritores. Este comportamento justifica-se pelo facto de, contrariamente ao que ocorre com adjuntos contendo predicados de tipo *I-level* (cf. (i)), os adjuntos contendo predicados de tipo *S-level* podem ocorrer em orações condicionais (*if-clauses*) ou temporais (*when-clauses*) (cf. (ii)).

- (i) Being a master of disguise, Bill **would** fool everyone.
 - a. If Bill was a master of disguise, he would fool everyone.
 - b. ??When Bill is a master of disguise, he fools everyone.
- (ii) Wearing that outfit, Bill **would** fool everyone.
 - a. If Bill was wearing that outfit, he would fool everyone.
 - b. When Bill is wearing that outfit, he fools everyone.

(Partee, 1991: 446/451)

No primeiro caso, a quantificação diz respeito à existência de uma quantidade de entidades individuais que estão envolvidas no evento denotado; no segundo, a quantificação implica a conceção de uma eventualidade repetida um determinado número de vezes⁴⁷; por fim, a quantificação sobre propriedades atua sobre uma escala que representa uma determinada propriedade, passível de ser organizada numa dimensão escalar qualitativa (por exemplo, *perigosidade*).⁴⁸

Silva (2005) propõe, ainda, uma análise para *parte*, assumindo, para o PE, que esta palavra funciona como um operador de quantificação mereológica, ao atuar sobre uma parte (indefinida) de uma entidade ou conjunto de entidades (cf. (64)). Por outro lado, segundo a mesma autora, *parte* pode, ainda, funcionar como um operador de quantificação sobre “as partes estruturais da entidade do discurso e não sobre a sua matéria constitutiva” (Silva, 2005: 205), em casos em que a entidade denotada pelo nome possa ser concebida como um conjunto de subpartes definidas e ordenáveis. Nestes casos, parece ser de fulcral relevância a presença de modificadores nominais, como *última* ou *final* (cf. (65)).

(64) O alarme naquela **parte do museu** só funciona à noite. (*par=ext1231316-clt-94b-2*)

(65) Uma personalidade que marcou imenso a **parte final** deste século em Portugal.
(*par=ext8190-nd-98a-1*)

⁴⁷Note-se que, se o quantificador selecionado for *tanto*, a quantificação sobre eventualidades pode apresentar uma ambiguidade de interpretações entre quantificação sobre situações e quantificação sobre propriedades. Em (i), abaixo, a interpretação relativa a quantificação sobre situações diria respeito a um número indeterminado de treinos realizados pelo Luís, enquanto a interpretação relativa a quantificação sobre propriedades estaria relacionada com a intensidade dos treinos realizados pelo Luís.

(i) O Luís treinou tanto que conseguiu atingir o seu peso ideal.

⁴⁸A complexidade deste último tipo de quantificação advém do facto de a escala poder ser fornecida por um adjetivo (cf. (i)), um advérbio (cf. (ii)) ou, em certos casos, por um nome, desde que este denote uma propriedade graduável (cf. (iii)) (cf. Cunha *et al.* 2007).

(i) É tão *gira* que a empresa que a comercializa se chama Coisas Giras. (*par=ext414-nd-94a-2*)

(ii) No entanto, os números eram apresentados tão *lentamente* que os locutores se viam aflitos para manter a desejável vivacidade do ritmo. (*par=ext241640-clt-91b-2*)

(iii) São autênticas raridades... tão *raridades* que ambos os donos são do Belenenses. (*par=ext164730-nd-95b-1*)

Por fim, ao analisar a modificação de SVs por advérbios de quantidade, em especial *muito* e *pouco* , Guimarães (2007) aponta que um fator fundamental para a interpretação final de predicados quantificados parece ser a interação entre estes advérbios e as classes a que pertencem os verbos modificados. Com efeito, e apesar das diferentes perspectivas, uma das considerações mais consensuais na literatura é a de que a quantificação de eventos está diretamente relacionada com as classes a que os verbos modificados pertencem, por um lado, e com informação contextual, por outro. Quanto à interação com as classes verbais, os autores parecem divergir quanto à forma como a perspectivam, assumindo diferentes possibilidades explicativas para justificar as diferenças encontradas, como se verá de seguida.

2.3.2. Quantificação adjetival: conceitos escalares

Ao analisar certas construções adjetivais, Kennedy (2007: 3) refere que certos adjetivos, os graduáveis, representam, na sua forma positiva (não marcada), uma relação entre “the degree to which an object possesses some gradable concept measured by the predicate and a context dependent standard of comparison based on this concept”. Deste ponto de vista, a interpretação de (66) estará relacionada com a altura de entidade denotada por *o João* (uma propriedade graduável), e depende da consideração de um valor-padrão, para comparação. Desse ponto de vista, o valor de verdade da frase depende da forma como o *standard de comparação* é fixado, podendo ser verdadeira para um *standard* fixado, por exemplo, na altura média de um homem português, mas falsa se o *standard* selecionado disser respeito à altura média de um jogador de basquetebol.

(66) O João é *alto* .

Kennedy (2007) considera, assim, em concordância com muitos outros autores (Bartsch & Vennemann, 1973; Bierwisch, 1989; Cresswell, 1976; Heim, 1985, 2000;

Hellan, 1981; Kennedy, 1999, Kennedy & McNally, 2005; Klein, 1991; Seuren, 1973; von Stechow, 1984), que os adjetivos graduáveis correspondem a funções que relacionam os seus argumentos com um conjunto de graus (considerados representações abstratas de medição), e que estes graus são ordenados numa escala, definida como “a set of degrees totally ordered with respect to some dimension (height, cost, etc.)” (Kennedy, 2007: 4). Dessa forma, adjetivos como *alto*, *caro*, *bonito*, *largo* (i.e., os qualificativos, em geral) denotam uma propriedade escalar (*g*) de uma entidade *x*, indicando que essa entidade contém a propriedade denotada num grau, pelo menos igual a um valor contextualmente determinado como *standard*, *d_s*, conforme se denota em (67) (cf. Kennedy, 2007: 7). O morfema de grau *pos* mede, assim, o grau mínimo necessário de uma determinada propriedade que uma entidade deve possuir para sobressair, no contexto, em relação às restantes entidades, i.e., permite dividir as entidades que possuem uma determinada característica, por exemplo, *ser alto*, das entidades que não a possuem.

$$(67) \llbracket [\text{Deg pos}] \rrbracket = \lambda g \lambda x. g(x) > \mathbf{d}_s$$

Tendo em conta a importância que o valor do *standard* de comparação tem no estabelecimento da interpretação final de adjetivos graduáveis, o autor procura investigar de que forma é possível estabelecê-lo, o que o leva a propor uma distinção fundamental entre adjetivos graduáveis de *standard* absoluto e adjetivos graduáveis de *standard* relativo. Esta distinção está diretamente relacionada com os tipos de escala projetadas pelos adjetivos.

De acordo com o mesmo autor, e ainda com Kennedy & McNally (2005), as escalas projetadas por adjetivos graduáveis têm de ser definidas quanto a três parâmetros: i) o conjunto de graus; ii) a dimensão de avaliação (a propriedade graduável); e iii) a relação de ordenação (que impõe uma ordenação crescente ou decrescente para os graus). Estes parâmetros permitem estabelecer diferenças tipológicas entre as escalas, especialmente no que concerne à oposição entre escalas

abertas e fechadas. As primeiras podem ser abertas no limite inferior, se não definirem um grau mínimo, no limite inferior, caso em que não será possível determinar o grau máximo, ou em ambos, enquanto as segundas têm de ser delimitadas em ambos os limites (cf. Kennedy & McNally, 2005: 352).

Um teste para avaliar se um adjetivo graduável possui uma escala aberta ou uma escala fechada é a sua aceitabilidade com os *proportional modifiers* (literalmente, modificadores proporcionais) (cf. Kennedy & McNally, 2005), de que são exemplo *parcialmente*, *totalmente*, *meio*, entre outros. Conforme se comprova pela análise dos exemplos abaixo, *cheio* constitui um adjetivo de escala fechada, ao contrário de *alto*, que deverá estar associado a uma escala aberta.

(68) ??O João é meio/parcialmente/totalmente alto.

(69) A caixa está meio/parcialmente/totalmente cheia.

No caso de adjetivos que projetam escalas fechadas, o valor do *standard* de comparação parece estar fixado no grau mínimo ou máximo de uma escala. Vejam-se (70) e (71) (adaptados de Kennedy & McNally, 2005: 356). Nestes casos, para que as frases sejam verdadeiras, as entidades *porta* e *haste* apenas têm de ter um grau mínimo da propriedade graduável que dá conta do grau de abertura da *porta* e do grau de ‘plano’ da *haste*, respetivamente. O cenário é semelhante em (70a.) e (71a.), embora, aqui, o *standard* pareça estar fixado no grau máximo, ou seja, para se poder afirmar que uma porta está fechada, ela tem de estar completamente fechada, o mesmo acontecendo com a haste, que deverá conter o grau ‘100% plano’.

(70) A porta está *aberta*.

a. A porta está *fechada*.

(71) A haste está *dobrada*.

a. A haste está *esticada*.

De acordo com Kennedy (2007), os adjetivos de escala fechada apresentam uma correlação direta com *standards* de comparação fixados no grau mínimo ou máximo, enquanto os adjetivos de parâmetro relativo estão dependentes da avaliação do contexto para o estabelecimento de uma classe de comparação relevante, que forneça um valor para a fixação do *standard* de comparação.⁴⁹

Finalmente, tendo ficado evidenciado que os adjetivos graduáveis constituem expressões escalares, que contêm argumentos de grau na sua denotação, parece possível conceber que estes são compatíveis com modificação de grau, podendo, por isso, ser quantificados por expressões como *muito* ou *pouco*, ou, como mostram Kennedy & McNally (2005) para o Inglês, *very*, *many* e *well*.⁵⁰

⁴⁹A fixação do *standard* de comparação é garantida pela existência de um Princípio de Economia Interpretativa, que tem como função “maximize the contribution of the conventional meanings of the elements of a sentence to the computation of its truth conditions” (Kennedy, 2007: 36). Assim, se houver várias possibilidades lógicas para a fixação do *standard*, como ocorre, por exemplo, com o adjetivo dobrado (*bent*), em que o *standard* pode ser fixado no grau mínimo ou, eventualmente, num valor contextualmente definido, Kennedy (2007) defende que, pelo Princípio da Economia Interpretativa, e como o *standard* de grau mínimo está codificado lexicalmente no adjetivo graduável, essa deverá ser a interpretação selecionada, preterindo-se a leitura de *standard* contextual (cf. (ib.)):

- (i) *The rod is bent.* (Kennedy, 2007: 22)
 - a. O *standard* implica que o grau de ‘dobrado’ da haste é superior a 0;
 - b. O *standard* implica que o grau de ‘dobrado’ da haste é superior a um grau contextual que faz a haste sobressair em relação aos elementos de uma classe de comparação (contextualmente definido), e que separa os objetos que pertencem à classe ‘hastes dobradas’ dos objetos que não pertencem a essa classe.

⁵⁰Kennedy & McNally (2005) mostram que, ao modificarem adjetivos graduáveis, como *caro* ou *alto*, os modificadores de grau em Inglês parecem especializar-se quanto ao tipo de expressão que podem modificar. Assim, *much* só poderá combinar-se com adjetivos de grau cuja escala seja fechada na extremidade inferior (cf. (i)), *well* deverá combinar-se com adjetivos de grau com escala fechada na extremidade superior (cf. (ii)) e, por fim, *very* deverá combinar-se com adjetivos graduáveis de escala aberta, cujo parâmetro é relativo, precisando de informação contextual adicional (cf. (iii)).

- (i) a **much** *talked about* program
 - a. ?The meat is **much** *done*.
- (ii) The bud was **well** *open*.
- (iii) The international space station is **very** *expensive*.
 - a. ??I always leave the door to my office **very** *open*.

(cf. Kennedy & McNally, 2005)

Por fim, uma questão relevante é a possibilidade de relacionar as escalas projetadas por adjetivos graduáveis com a estrutura dos eventos (cf. Hay *et al.*, 1999 e Kennedy & McNally, 2005). Ao analisarem adjetivos deverbais, os autores mostram que, “if a participial adjective has a totally closed scale, it is derived from a verb with an incremental argument” (Kennedy & McNally, 2005: 363), hipótese que parece ser validada pela diferença entre os exemplos em (72), representativos de verbos de Tema incremental, e (73), que denotam verbos não incrementais.

(72)

- a. *half* eaten cookies
- b. a *partially* written novel
- c. a *completely* severed connection

(73)

- a. ??a *completely* hated/loved/envied/admired neighbor
- b. ??a *partially* kissed/met/punched young man
- c. ??a *fully* worried mother

Efetivamente, a aceitabilidade de adjetivos derivados de verbos de Tema incremental com modificadores proporcionais (cf. (74)) parece demonstrar que a telicidade dos eventos determina que os adjetivos correspondentes projetem uma escala fechada.

(74) O João comeu uma pizza inteira *em dez minutos*.

- a. #O João comeu uma pizza inteira *durante dez minutos*.

Pelo contrário, eventos atélcos deverão derivar de adjetivos de uma escala aberta, embora apenas no limite superior, já que “the minimal (sub)event or state that

supports the truthful application of the adjectival property to its argument will map onto the lower endpoint of the scale” (Kennedy & McNally, 2005: 364).

De um modo geral, os trabalhos de Kennedy & McNally (2005) e Kennedy (2007) sobre adjetivos graduáveis trouxeram importantes contributos ao estudo da quantificação. Por um lado, as definições propostas para os conceitos escalares (escala, grau, parâmetros escalares, standards de comparação, etc.) foram adotadas em inúmeras propostas subsequentes, tendo este constituído um dos estudos mais influentes sobre quantificação numa perspetiva escalar. Por outro lado, a introdução de uma tipologia escalar permitiu estabelecer uma correlação entre a estrutura da escala projetada pelos adjetivos com a fixação do *standard* de comparação, impulsionando um novo campo de investigação no domínio da quantificação: a quantificação verbal de um ponto de vista escalar. Esta perspetiva escalar foi adotada na proposta de Hay *et al.* (1999) que, ao analisar *Degree Achievements*, verbos deadjetivais, mostraram que as diferenças nos adjetivos de que derivam contribuem para esclarecer a interpretação final das frases em que entram. Esta proposta será analisada de seguida.

2.3.3. Quantificação verbal:

2.3.3.1. Hay *et al.* (1999): Quantificação de eventos derivados de adjetivos graduáveis

Os *Degree Achievements* (doravante DAs) (cf., também, Dowty, 1979; Abusch, 1986; Hay, 1998; Hay *et al.*, 1999; Kennedy & McNally, 2005; Kennedy, 2012; Kennedy & Levin, 2008; Rothstein, 2008; Leal *et al.*, 2015) são verbos graduáveis, tipicamente deadjetivais, que herdaram a sua estrutura escalar dos adjetivos (graduáveis) de que derivam. Estes verbos apresentam a particularidade de serem ambíguos entre leituras télicas e atélicas, como se pode observar nos exemplos abaixo.

(75) O céu escureceu.

a. O céu ficou escuro.

- b. O céu escureceu, mas não ficou escuro.

Esta ambiguidade de leituras é comprovável pela compatibilidade com os adverbiais de duração, teste usado para distinguir predicados télicos, compatíveis com *em x tempo* ((76a.)), de predicados atélicos, compatíveis com *durante x tempo* ((76b.)).

(76) O céu escureceu.

- a. O céu escureceu *em 10 minutos*.
- b. O céu escureceu *durante 10 minutos*.

Observando este padrão comportamental, Hay *et al.* (1999: 132) proporem uma função INCREASE, ϕ , associada ao verbo, como se apresenta abaixo, para explicar a mudança verificada num objeto (x), numa determinada propriedade graduável, como consequência da sua participação num evento (e).

$$(77) \llbracket \text{INCREASE} \rrbracket (\phi)(x)(d)(e) = \text{iff } \phi(x)(\text{SPO}(e)) + d = \phi(x)(\text{EPO})(e)^{51}$$

Esta relação permite denotar que, num determinado momento, o indivíduo possui uma certa propriedade, diretamente relacionada com a componente graduável do verbo, num determinado grau. Uma escala é, nesta proposta, definida como um conjunto ordenado de graus, i.e., “points or intervals partially ordered along some dimension (e.g. height, cost, weight, and so forth; we provide a more detailed account below)” (Kennedy & McNally, 2005: 349). Ao proporem que os adjetivos graduáveis, de que derivam os DAs, representam funções que relacionam os seus argumentos com

⁵¹Em palavras, a função INCREASE aplica-se a um evento e apenas e só se a entidade x possuir uma determinada propriedade no início do evento e , no fim do mesmo evento, o grau dessa propriedade tiver aumentado num determinado valor (d), correspondendo o grau final ao grau inicial mais d .

dimensões escalares (o que se verifica no caso, por exemplo, do verbo *aquecer*), a propriedade que se avalia é a temperatura, que se mede numa escala constituída por graus de temperatura, escala esta que é herdada do adjetivo *quente*, de que este verbo deriva.

Hay *et al.* (1999) assumem que, uma vez que estes verbos envolvem uma mudança no grau de uma propriedade possuída por um determinado indivíduo, é necessário definir, também, funções que marquem o início (SPO) e o fim do evento (EPO), dado que, em ambos os momentos, o grau desta propriedade deverá diferir, devido à atuação da função INCREASE. O grau desta mudança, que os autores designam de *valor diferencial*, pode estar explícito (cf. (78)) ou implícito (cf. (79)).

(78) O Rodrigo aqueceu a sopa 20°C.

a. $\exists e [increase(aquecer)(a\ sopa)(20^{\circ}C)(e)]$

(79) O Rodrigo aqueceu a sopa.

a. $\exists e [increase(aquecer)(a\ sopa)(d)(e)]$

(cf. Hay *et al.*, 1999: 132)

Na verdade, segundo os mesmos autores, a ambiguidade de leituras, no que à telicidade diz respeito, está diretamente relacionada com este valor diferencial. Com efeito, se este valor estiver explícito, como em (78), acima, o evento é télico, dado que o grau de mudança é definido pela expressão de medição (20°C): assim que este grau é atingido, ou seja, quando a sopa tiver atingido uma mudança de exatamente 20°C na sua temperatura, o evento atingiu o seu ponto de culminação. Contudo, se este valor não estiver explícito, o evento pode ser atélico ou télico. Nestes casos, é o contexto que fornece a informação relevante para estabelecimento do valor diferencial, que pode corresponder ao topo máximo da escala, caso se trate de verbo derivado de um adjetivo graduável de escala fechada, ou a um valor definido contextualmente tendo em conta o parâmetro (ou *standard*) de comparação selecionado.

Tendencialmente, DAs derivados de adjetivos de escala aberta (como *quente* ou *aberto*) denotam eventos não delimitados, i.e., atélcos e, em sentido inverso, adjetivos de escala fechada (*cheio*) projetam eventos que são interpretados de forma télica, por terem uma delimitação escalar máxima imposta pelo adjetivo-base. Ainda assim, em ambos os casos, os eventos podem ter uma leitura ambígua quanto à telicidade, como o comprova a compatibilidade com os adverbiais de duração ilustrada em (80) e (81).

(80) O funcionário do bar aqueceu o leite [durante 3 minutos].

a. O funcionário do bar aqueceu o leite em 3 minutos.

(81) O funcionário do hotel encheu a banheira [em 10 minutos].

a. O funcionário do hotel encheu a banheira durante 10 minutos.

Este comportamento é possível porque, de acordo com Hay *et al.* (1999), a introdução de um valor diferencial, nestes casos, resulta de uma implicatura conversacional e, por esse motivo, pode ser cancelada. Com efeito, note-se que, sempre que o valor diferencial está explícito, não é possível cancelar o ponto de culminação (cf. (82)).

(82) O alfaiate alargou as calças, mas não completamente.

a. ??O João alargou as calças 10 cm, mas não completamente.

Os autores consideram que a sua proposta, que garante que a telicidade é estabelecida tendo em conta as características do valor diferencial, pode ser estendida a predicados de diferentes tipos (cf. Hay *et al.*, 1999: 142), incluindo os predicados construídos com verbos de Tema incremental, verbos de movimento e verbos de criação (cf. (83)-(85), respetivamente, adaptados de Hay *et al.*, 1999).

(83) A Maria **comeu** uma sanduíche em 5 minutos.

- a. A Maria **comeu** uma sanduíche *durante 10 minutos*.
- (84) O Rui **correu** a maratona *em duas horas e meia*.
- a. O Rui **correu** a maratona *durante duas horas e meia*.
- (85) A arquiteta **desenhou** o projeto *em três dias*.
- a. A arquiteta **desenhou** o projeto *durante três dias*.

A proposta destes autores apresenta algumas vantagens, por permitir, por um lado, relacionar diretamente eventos quantificados a propriedades escalares e, por outro, abrir caminho a uma unificação da análise da quantificação verbal. No entanto, algumas das propostas ficam por explicar, nomeadamente a forma concreta como o tema incremental interage com a telicidade em termos escalares, não sendo, também, analisadas diferenças na constituição interna do argumento Tema. Note-se que, em (86) e (87), ambos os eventos são delimitados, i.e., télicos. No entanto, apenas (87) parece ser compatível com a quantificação por *muito*, numa leitura sobretudo de frequência, o que poderá indiciar que a delimitação do valor diferencial poderá não ser suficiente para explicar a interação entre a telicidade e a escalaridade dos verbos.

(86) ??O João comeu **muito** *a maçã*.

(87) O João comeu **muito** *uma maçã*.

Esta proposta, pondo em evidência as diferenças na telicidade dos eventos, parece evidenciar que as classes aspetuais poderão ter influência na forma como a quantificação atua e nas interpretações que origina. Também Quadros Gomes *et al.* (2021) parecem seguir esta linha de raciocínio, propondo uma visão alternativa que será apresentada de seguida.

2.3.3.2. Quadros Gomes *et al.* (2021): interações entre quantificação verbal e as classes aspetuais

Considerando, à semelhança de Hay *et al.* (1999) e Kennedy & McNally (2005), que a propriedade da gradabilidade não é exclusiva de adjetivos, podendo, igualmente, aplicar-se a nomes e verbos, Quadros Gomes *et al.* (2021) investigaram, para o Português do Brasil (PB), a modificação de grau aplicada a verbos. Para isso, serviram-se da classificação de Vendler (1957), que distingue *estados* de *eventos*, por um lado, e, dentro dos eventos, *atividades* de *accomplishments* e *achievements* (ver Capítulo 1).

Tendo em conta esta categorização das eventualidades, Quadros Gomes *et al.* (2021) investigam os efeitos de *muito/pouco*, *bastante* e *bem* na modificação de verbos, considerando que, consoante a classe aspetual a que pertencem, os verbos projetam dimensões aspetuais, que constituem escalas quantitativas, sobre as quais os modificadores atuam⁵². Estes autores defendem, então, que, “assim como a quantidade (em cardinalidade e volume) é uma dimensão gradual de indivíduos denotados por sintagmas nominais como *carros* e *água* (...), há dimensões aspetuais graduais ligadas aos eventos quando o verbo não é escalar, nem inerentemente nem por conta da concepção da eventualidade denotada” (Quadros Gomes *et al.*, 2021: 81). Estas escalas opõem-se às escalas de qualidade, que, segundo os autores, envolvem “intensificação de propriedades qualificadoras da entidade descrita” (Quadros Gomes *et al.*, 2021: 82), e podem ser ilustradas, a título de exemplo, pela escala de intensidade associada a verbos psicológicos (cf., também, Fleischhauer, 2016).

De acordo com os autores, as escalas relacionadas com as dimensões aspetuais podem ser de três tipos: frequência, duração e progressão para a culminância. A primeira, que representa “uma pluralidade de episódios sem uma cardinalidade definida” (Quadros Gomes *et al.*, 2021: 84), constitui uma escala aberta e poderá estar associada aos vários tipos de eventos, mas não a estados, porque, segundo os autores, estes não podem, sob nenhuma circunstância, ser encarados como télicos, o que

⁵²As escalas qualitativas e quantitativas, conforme apresentadas em Quadros Gomes *et al.* (2021), são baseadas na divisão proposta em Fleischhauer (2016) entre gradação de tipo inerente (*degree gradation*) e gradação alargada (*extent gradation*). Segundo esta autora, o primeiro tipo de gradação verbal é caracterizado por envolver a especificação de um valor numa escala, diretamente relacionada com o verbo, enquanto, na gradação alargada, o valor é especificado numa escala que se relaciona com uma propriedade da descrição eventiva, como a sua duração, e não com o verbo em si.

constitui uma condição necessária para a possibilidade de repetição (i.e., um evento só pode ser repetido se for delimitado). Já a segunda, que diz respeito à “duração medida entre o princípio e o término de um episódio” (Quadros Gomes *et al.*, 2021: 85), pode ser aberta ou fechada, consoante se trate de uma eventualidade com culminação e, por isso, com delimitação temporal definida, ou não. Por fim, a progressão para a culminância, presente apenas em classes aspetuais com culminação, representa uma escala totalmente fechada. As relações entre as escalas projetadas e as diferentes classes aspetuais apresentam-se de forma esquemática na Figura 6, abaixo

Figura 6 - Classes aspetuais e dimensões aspetuais

	Frequência	Duração	Progressão para a culminância
estados	não apresenta	geralmente não é medida	não apresenta
atividades	escala aberta	escala aberta	não apresenta
<i>accomplishments</i>	escala aberta	escala totalmente fechada	escala totalmente fechada
<i>achievements</i>	escala aberta	não apresenta	escala totalmente fechada

Fonte: Quadros Gomes *et al.* (2021: 84)

Tendo em conta a tipologia escalar proposta, os autores defendem que *muito* é sensível ao tipo de escala com que pode combinar-se, sendo compatível apenas com escalas abertas. Segundo esta perspetiva, as únicas dimensões aspetuais que, possivelmente, projetam escalas abertas são a frequência e a duração. Desse modo, as únicas classes potencialmente compatíveis com *muito* deverão restringir-se a Processos (cf. (88)), por um lado, e, por outro, Processos Culminados (cf. (89)) e Culminações (cf. (90)), apenas com interpretação de Frequência.

(88) Nadei *muito/pouco* nessa piscina quando estudava aqui.

(89) Fiz *muito/pouco* a pintura da casa toda eu mesma na juventude.

(90) Ele ganhou *muito/pouco* na loteria nos últimos meses.

(Quadros Gomes *et al.*, 2021: 88)

Também a classe dos pontos (*semelfactivos*), que “projetam escalas abertas tais como a de frequência/iteratividade” (Quadros Gomes *et al.*, 2021: 90) pode ser quantificada por *muito/pouco*:

(91) O João espirrou *muito/pouco*.

A última classe analisada pelos autores é a dos DAs, que sugerem que a quantificação por *muito/pouco* tem a capacidade de eliminar a ambiguidade de interpretações, forçando, em todos os casos, uma interpretação de processo. Veja-se o contraste entre (92) e (93) (Quadros Gomes *et al.*, 2021: 90)

(92) A Ana aqueceu a sopa.

- a. A sopa ficou alguns graus mais quente. (Processo - atético)
- b. A sopa atingiu a temperatura almejada. (Processo Culminado – tético)

(93) A Ana aqueceu *muito* a sopa.

- a. A temperatura mudou para um grau mais alto, mas não atingiu um grau máximo. (Processo – atético)

Os autores mostram, ainda, que os estados não projetam escalas aspetuais. Apesar de se poder argumentar que os estados projetam uma escala de duração, os autores defendem uma distinção fundamental entre a duratividade, traço aspetual que distingue eventualidades que se alongam no tempo de eventualidades pontuais, e a duração medida, que diz respeito ao tempo decorrente entre o momento inicial e final de uma eventualidade. Para que haja duração medida, terá de haver uma mudança de estado. No caso de processos, estes são perspectivados como ocorrendo em coordenadas temporais definidas, na medida em que “uma atividade tem *onset* [momento inicial], e sua interrupção lhe confere um momento de término, o que permite a medição de sua duração” (Quadros Gomes *et al.*, 2021: 88).

Nesta perspetiva, deveria ser possível quantificar estados faseáveis para a duração medida, o que, segundo os autores, não parece ocorrer, já que consideram agramaticais frases como (94) (Quadros Gomes *et al.*, 2021: 88), cuja agramaticalidade parece advir do conflito entre a informação de frequência dada por *muito/pouco* e a indicação de uma localização temporal precisa (*hoje*).

(94) Pedro vive (**muito*/**pouco*) no litoral hoje.⁵³

Ainda assim, em PE, exemplos semelhantes parecem, de facto, aceitar quantificação por *muito*, tanto numa leitura de duração medida, quanto de frequência, caso em que emerge também uma leitura contrastiva, que evidencia que *o Henrique* vive noutro sítio algumas vezes.

(95) O Henrique vive ***muito*** em Lisboa.

- a. O Henrique vive em Lisboa *a maior parte do tempo*.
- b. O Henrique vive em Lisboa *muitas vezes*.

Estes autores defendem, então, que, enquanto quantificador verbal, “*muito* toma escalas aspectuais abertas e produz com elas uma comparação de superioridade” (Quadros Gomes *et al.*, 2021: 87).

2.3.3.3. Bosque & Masullo (1998): tipos de quantificação e estrutura lexical dos verbos

⁵³Note-se que, neste caso, se *hoje* tiver uma interpretação semelhante a *hoje em dia/atualmente*, o exemplo é também agramatical em PE. Por outro lado, se o conflito advier apenas da presença de *hoje*, seria relevante avaliar a gramaticalidade da frase *Pedro vive muito no litoral*, em PB, algo que os autores não fizeram.

Bosque & Masullo (1998) apresentam uma perspectiva abrangente da quantificação verbal em Espanhol, embora a fundamentem essencialmente em critérios sintáticos. Baseando-se na proposta de Hale & Keyser (1991; 1992; 1993; 1994), onde se assume que as relações temáticas são restringidas a nível sintático, os autores mostram que a interpretação semântica das frases é condicionada pela sintaxe do sintagma verbal em causa. Analisando frases como as apresentadas abaixo (cf. (96) e (97) (adaptadas de Bosque & Masullo, 1998), os autores designam os quantificadores de *modificadores de grau* e consideram que estes atuam, não sobre todo o SV, mas sobre “a component of the sub-lexical structure, more specifically, the lowest predicate available in a lexical relational structure” (Bosque & Masullo, 1998: 20).

(96) *Choveu* muito pouco.

(97) O avião *subiu* **bastante**.⁵⁴

A proposta destes autores assenta, assim, na defesa de duas ideias principais. A primeira é a de que os verbos, em si, não são, basicamente, graduáveis ou não graduáveis, e que o facto de poderem aparecer em construções de grau depende da presença de um componente graduável na sua estrutura sub-lexical. A segunda é a de que existem diferentes tipos de quantificação verbal: i) a quantificação eventiva, que quantifica sobre o evento denotado; ii) a quantificação durativa atua sobre verbos de atividade; iii) a quantificação argumental, que atua diretamente sobre os argumentos do verbo e, por fim, iv) a quantificação inerente, na qual a quantificação opera sobre um elemento predicativo que se encontra na estrutura lexical do verbo.

⁵⁴Apesar de poderem induzir uma leitura de intensidade, os mecanismos de quantificação não deverão ser confundidos com advérbios ou adjuntos indicadores de intensidade, dado que apenas os primeiros respondem afirmativamente a critérios específicos dos quantificadores, nomeadamente a presença de um operador, uma variável e um restritor (ver, e.o., Lewis, 1975; Heim, 1982; e Kamp, 1981). Consequentemente, a leitura de intensidade é apenas uma das interpretações possíveis para as frases apresentadas, e parece, nestes casos, tratar-se de uma especificidade dos verbos em análise, já que a operação de quantificação não está necessariamente relacionada com a leitura de intensidade, estando apenas dependente da estrutura interna do verbo modificado, que tem de ser não delimitada.

A quantificação eventiva corresponde à quantificação do evento em termos de número de repetições, que origina uma leitura iterativa. Uma vez que a única condição necessária para que este tipo de quantificação possa operar é a presença de um argumento evento, então, todas as classes aspetuais⁵⁵ deverão, em princípio, ser compatíveis com esta interpretação iterativa (cf. Bosque & Masullo, 1998: 25).

(98) O bebé cantou **muito** aquela canção.

Quanto à quantificação durativa, esta ocorre mais naturalmente com eventos que representam processos e sempre que é introduzido um advérbio de duração, como em (99) e (100):

(99) Os festivaleiros *esperaram* **bastante** pelo primeiro concerto do dia.

(100) Alguns aproveitaram para *dormir* **um pouco**.

De acordo com os autores, esta leitura só é possível com verbos que denotam situações eventivas atéticas (i.e., processos), o que significa que a diferença entre verbos como *mirar* e *ver* (semelhantes a *olhar* e *ver*, em PE) terá, em Espanhol, a consequência de os primeiros aceitarem este tipo de quantificação e os segundos não:

(101) Lo *miró* **mucho**.

a. ??Lo *vio* **mucho**.

⁵⁵Note-se que os predicados de indivíduo não têm argumento evento (cf., e.o., Kratzer, 1995 e Oliveira, 2015), pelo que se excluem desta possibilidade. A tentativa de quantificar este tipo de estado com o advérbio *muito* também não é produtiva, na medida em que o quantificador não atua diretamente sobre o verbo, mas antes sobre a propriedade atribuída ao indivíduo (*altura*, em (i)):

(i) #O João é muito alto.

(adaptado de Oliveira, 2015: 12)

Note-se, contudo, que em PE, o mesmo não ocorre, talvez devido a diferenças sintáticas (*olhar para algo*, em vez de *mirar algo*), dado que ambos os casos podem interpretar-se, embora de formas diferentes. Veja-se que (102) pode ter uma leitura de duração, mas também uma leitura iterativa⁵⁶, enquanto (103) apenas pode ser interpretado numa leitura que envolve iteração.

- (102) Ele *olhou* **muito** para a rapariga.
- a. Ele olhou para a rapariga *muitas vezes*.
 - b. Ele olhou para a rapariga *durante muito tempo*.
- (103) Ele *viu* **muito** a rapariga.
- a. Ele viu a rapariga *muitas vezes*.
 - b. ??Ele viu a rapariga *durante muito tempo*.

Por sua vez, na leitura argumental, o quantificador surge como parte da estrutura argumental do verbo, consubstanciando-se como argumento verbal (veja-se (104)-(106), (adaptados de Bosque & Masullo, 1998: 27):

- (104) A rapariga devia estar esfomeada, porque *comeu* **bastante**.
- (105) Os estudantes hoje em dia *leem* **muito pouco**.
- (106) Aquela situação difícil *durou* **muito**.

A análise de exemplos deste tipo leva os autores a questionar “whether *mucho* in *comer mucho* (‘eat a lot’) means “in great quantities”, so that it is to be analyzed as

⁵⁶Para alguns falantes do PE, a leitura iterativa parece ser preferencial relativamente à leitura de duração, o que poderá indiciar que *olhar* tem um comportamento semelhante a *ver*. Esta conclusão, contudo, carece de maior investigação.

an adverbial, or it rather means “a lot of food”, that is, it is a quantificational pronoun bearing the grammatical function of direct object” (Bosque & Masullo, 1998: 27). Dito por outras palavras, a discussão que se levanta é acerca do possível carácter argumental dos quantificadores ou, mais exatamente, se os quantificadores funcionam, realmente, como argumentos verbais ou se, pelo contrário, a estrutura argumental contém um sintagma nominal como argumento, e o quantificador recupera essa informação (que se assume, nestes casos, estar implícita). Uma solução encontrada pelos autores é a possibilidade de se assumir que o material implícito pode ser recuperado anaforicamente. Para isso, assumem que *muito* funciona como um pronome neutro, que permite recuperar informação lexicalmente relacionada com o verbo. Por esse motivo, numa frase como (107), *muito* pode querer dizer *comida, alimentos, substâncias que se podem ingerir*, ou outros com o mesmo significado.

(107) A Sara *comeu muito*.

Por fim, a quantificação inerente ocorre sempre que os quantificadores operam sobre um elemento predicativo presente na estrutura sublexical dos verbos. Desta forma, Bosque & Masullo (1998: 18) defendem que a gradabilidade dos verbos está diretamente dependente do seu conteúdo lexical, na medida em que “verbal gradability is compositionally determined and derivable in a restrictive way from the grading properties of the basic predicates that make up their lexical structure”. De facto, baseando-se em trabalhos anteriores de Cresswell (1973; 1976), Zwarts (1992), Corver (1997), e.o., os autores assumem que não delimitação (*unboundedness*) dos predicados é uma característica necessária para a definição da gradabilidade, porque implica uma extensão, relativa a uma propriedade (ou dimensão escalar) sobre a qual é possível quantificar. Pelo contrário, os predicados delimitados, ao terem pontos marcados de forma precisa, impedem ou condicionam a atuação dos quantificadores. Baseando-se em critérios sintáticos, os autores mostram, assim, que a quantificação inerente não se restringe unicamente a uma interpretação relativa a intensidade (ou um conceito semelhante), mas depende do elemento quantificado que, conforme demonstram, é o

elemento predicativo mais baixo na estrutura relacional lexical (ver Hale & Kayser, 1991; 1993; 1994). Desse modo, na quantificação inerente, os quantificadores têm a função de modificadores de grau, e atuam ao nível do SV.⁵⁷

Apesar de uma análise sintática estar fora do escopo da presente investigação, algumas ideias deste trabalho são importantes para a compreensão da quantificação verbal em PE. Em primeiro lugar, salienta-se o conceito de quantificação inerente e a ideia de que este tipo de quantificação depende da estrutura lexical dos verbos. De facto, o que aqui se defende é que não há uma correlação direta entre a quantificação dos verbos e as classes aspetuais a que pertencem, conforme apresentado por Quadros Gomes *et al.* (2021) para o PB. Assim, em vez de estar dependente das classes aspetuais e das suas características, a quantificação dos verbos depende da sua estrutura lexical, dado que os quantificadores atuam apenas numa parte dessa estrutura lexical. Por fim, os autores servem-se de diferenças no elemento predicativo para estabelecer os diferentes tipos de quantificação, assumindo que, i) na quantificação inerente, o elemento predicativo deverá corresponder a uma propriedade ou um nome massivo, conforme se demonstra em (108); ii) na quantificação durativa, o elemento predicativo deverá designar uma noção abstrata de tempo (cf. (109)); iii) na quantificação argumental, o elemento predicativo corresponde a um SN e, consequentemente, denota entidades (cf. (110)); e, por fim, iv) na quantificação eventiva, o elemento predicativo deverá ser um elemento nominal do tipo *x* vezes (cf. (111)).

(108) O Pedro trabalha **muito**.

a. O Pedro *faz* [**muito** *trabalho*].

⁵⁷Na visão destes autores, apesar de certos advérbios também atuarem ao nível do SV, como ocorre em (i), o seu comportamento distingue-se claramente da quantificação inerente, por não quantificarem sobre uma parte da estrutura (sub)lexical dos verbos, atuando antes como advérbios de modo (ou, eventualmente, frequência).

(i) Este libro es interesante *en gran medida*.

(cf. Bosque & Masullo, 1998: 24)

- (109) Esperei **muito** pela data do concerto.
- a. Esperei *durante* **muito** *tempo* pela data do concerto.
- (110) A Maria leu **muito**.
- a. A Maria leu [**uma grande quantidade de/ muitas** ‘coisas legíveis’].
- (111) A Maria anda **muito** de bicicleta.
- a. A Maria [anda de bicicleta [**muitas** vezes]].

Algumas das propostas apresentadas por estes autores têm relevância para a presente investigação, como a ideia de que quantificadores como *muito* “are capable of modifying gradable adjectives, verbs and prepositions alike without further restrictions” (Bosque & Masullo, 1998: 19), o que significa que as classes aspetuais, e mesmo as classes verbais (conforme definidas em Levin, 1993) não são suficientes para definir a compatibilidade com o tipo de quantificador em análise. No entanto, o comportamento da quantificação em PE e Espanhol não é exatamente igual, e a aceitabilidade com a quantificação parece decorrer de uma confluência de fatores (como a natureza do SN), mas também os diferentes tempos verbais e a presença de outros elementos contextuais na frase (como a localização espacial ou intervalos de duração de diferentes extensões).

- (112) A Maria *correu* **muito**.
- a. A Maria correu **muito** à beira-mar.
- b. A Maria *correu* **muito** *de manhã*.
- c. A Maria correu **muito** o ano passado.

2.4. Perspetivas sobre a classificação de quantificadores

2.4.1. Para uma classificação dos quantificadores em Espanhol (cf. Sánchez López, 1999)

Apesar de complexa, por conter elementos pertencentes a diferentes categorias, a divisão dos quantificadores é possível, como o demonstrou Sánchez López (1999), para o Espanhol. Ao discutir uma possível classificação dos quantificadores, em Espanhol, a autora mostra que estes podem dividir-se em i) próprios (ou propriamente ditos) e ii) focais ou pressuposicionais, conforme se apresenta, de forma esquemática, na tabela seguinte.

Tabela 1: Classificação dos quantificadores proposta por Sánchez López (1999)

Quantificadores		
Tipo		
Próprios	Numerais	Cardinais
		Ordinais
		Partitivos
		Multiplicativos
		Coletivos
	Indefinidos	Universais
		Não Universais
		Afirmativos
		Negativos
	Gradativos	Comparativos
		Proporcionais
Focais/Pressuposicionais	Inclusivos	
	Exclusivos	

É dentro da classe dos quantificadores próprios, mais propriamente na subclasse dos gradativos, que a autora inclui os quantificadores proporcionais (cf. (113)), onde se insere *muito*, foco da presente investigação. Com efeito, os quantificadores gradativos distinguem-se dos restantes por indicarem um grau, denotando um ponto numa determinada escala.⁵⁸

⁵⁸Além dos proporcionais, incluem-se, nesta classe, os quantificadores comparativos:

(i) Li **mais** livros do que revistas.

(113) Li bastante.

a. Li *muito*.

2.4.2. Quantificadores em PE

Assumindo que a forma mais básica de quantificar, em PE, é a utilização de uma expressão plural (como em *Comi bolos*), Brito (2003: 356) reconhece que os quantificadores não são uma classe estanque, já que “incluem diversos tipos de elementos”, que podem estar divididos em diferentes categorias. Segundo esta autora, os quantificadores podem classificar-se, de acordo com critérios sintáticos, como i) existenciais, ii) discretos e iii) universais. Dentro dos primeiros, encontram-se elementos como *um*, *uns*, *algum* e *alguns* e, para Brito (2003), nesta classe, opõem-se os quantificadores aos determinantes artigos e demonstrativos. Os segundos, ou seja, os quantificadores discretos, incluem dois subgrupos, nomeadamente o dos numerais, utilizados para expressar uma cardinalidade precisa, e o dos plurais, utilizados para expressar quantidades imprecisas indicadoras de pluralidade, como *muitos*, *inúmeros*, *bastantes*, entre outros. Por fim, os quantificadores universais, nesta perspetiva, são *todos* e *ambos*. Por sua vez, Oliveira (1996) e Duarte & Oliveira (2003: 231) reconhecem a existência de um leque mais vasto de quantificadores universais, onde se inserem *todo*, *todos*, *cada*, *ambos*, e *qualquer*, que atuam “sobre conjuntos encarados na sua totalidade”, e podem subdividir-se em distributivos, quando atribuem uma propriedade a cada um dos elementos do conjunto (ou seja, a propriedade é aplicada a todos os elementos, de forma distributiva) (cf. (114)), ou não distributivos, quando a entidade à qual atribuem a propriedade em questão é encarada de forma coletiva (cf. (115)).

(114) **Cada** átomo tem uma estrutura altamente complexa.

(115) **Todos** os músicos se reuniram na sala.

De qualquer forma, conforme nota também Brito (2003), além do recurso aos quantificadores propriamente ditos, a quantificação pode ser feita através do uso de

outros elementos linguísticos, como os pronomes (cf. (116)), expressões quantitativas nominais (cf. (117)) e, ainda, expressões partitivas (cf. (118)).

(116) **Ninguém** veio às aulas.

(117) O João comeu **uma fatia** de bolo.

(118) **Alguns dos** livros que a Maria leu estavam escritos em Inglês.

Além disso, o uso de estruturas partitivas permite fazer referência a uma parte de uma entidade, quantificando forma imprecisa. Veja-se, a este propósito, (119), caso em que não é possível saber quantos bolos foram comidos pelo João, apenas se sabendo que a maior parte desses bolos eram de chocolate.

(119) **Muitos dos** *bolos* (que o João comeu) são de chocolate.

Uma outra perspectiva apresentada para o PE é a de Peres (2013: 769), segundo a qual “os sistemas de quantificação das línguas naturais organizam-se em função de dois processos de caráter matemático: contar entidades e medir valores”. Assim, tomando como base a distinção entre *contar* e *medir*, por um lado, e a diferença entre nomes massivos e nomes contáveis, por outro, Peres (2013) organiza os processos de quantificação, subdividindo-os em três tipos:

- i) Quantificação de contagem – quantificação descontínua / discreta
- ii) Quantificação de medição – quantificação contínua
- iii) Quantificação escalar – quantificação de graus/ escalar

O primeiro caso diz respeito à quantificação de entidades representadas por nomes contáveis, enquanto, no segundo caso, quantifica-se sobre substâncias,

tipicamente representadas por nomes massivos. Por fim, a quantificação escalar distingue-se das anteriores, precisamente pelo facto de não ser possível inseri-la nas mesmas categorias, já que representa um grau, mais precisamente o grau com que uma determinada propriedade se aplica a uma entidade.

Ao assumir que a quantificação não se restringe apenas a expressões nominais, Peres (1993) estende-a a expressões não nominais, onde inclui a quantificação de verbos, o que justifica a consideração de uma subdivisão dentro da quantificação de medição absoluta, em física e não física. Assim, para o autor, frases que envolvem quantificação de eventualidades, como exemplificadas em (120)-(122), deverão inserir-se na quantificação de medição absoluta não física, que “envolve a determinação de um valor numa escala de valores aplicáveis a realidades não-físicas, como atitudes, sentimentos, qualidades, estados (mormente psíquicos) ou valores éticos e estéticos” (Peres, 1993: 26).

(120) Gostei **muito** deste filme.

(121) A Maria é **mesmo** bonita.

(122) O Pedro correu **depressa**.

Peres (1999) prevê, ainda, casos em que a quantificação de um evento envolve frequência (cf. (123)), inserindo-a na quantificação de contagem (absoluta), por indicar um conjunto de repetições de ocorrências.

(123) O João correu a maratona **frequentemente**.

A proposta de Peres (1990; 1992; 1993) sobre a quantificação em Português pode, assim, ser organizada conforme se apresenta resumidamente na tabela abaixo.

Tabela 2: Quantificação em PE (Peres, 1990; 1992; 1993)

Quantificação		
De contagem (descontínua)	Absoluta	
	Relativa	
De medição (contínua)	Absoluta	Física
		Não física
	Relativa	
Escalar		

2.4.3. Considerações sobre *muito* enquanto quantificador verbal

Em PE, *muito* pode ser utilizado com uma vasta gama de expressões, como o demonstram as frases abaixo.

- (124) *Gosto muito* desta época do ano.
- (125) *Está muito* calor.
- (126) *É* altura das férias, posso fazer tudo *muito sossegadamente* .
- (127) Posso usar aquele vestido que acho *muito bonito* .

Conforme notam Duarte & Oliveira (2003: 237), *muito* e *pouco* podem combinar-se com expressões não contáveis e, “tendo como ponto de partida um todo contínuo, extraem dele uma dada porção ou quantidade, sem a considerarem explicitamente constituída por moléculas ou átomos”. Desse modo, na frase (128), *pouco* indica uma quantidade indefinida (baixa) da substância *vinho* , do mesmo modo que, em (129), a quantificação de *bolo* por *muito* tem como consequência a recategorização de um nome contável em não contável, permitindo, assim, a denotação de uma quantidade indefinida (alta) de *bolo* , aqui encarado como uma porção de uma substância, ‘matéria comestível’ (*ibidem* : 238). Por denotarem uma porção indefinida de uma substância não

delimitada, ou melhor, uma *proporção*, defenderemos, na presente investigação, que estes quantificadores são proporcionais.

(128) Bebi **pouco** *vinho* ao jantar.

(129) Comi **muito** *bolo* ao jantar.

Caudal & Nicolas (2005) sugerem que, em Inglês, modificadores de grau como *a lot*, equivalente a *muito*, parecem combinar-se, apenas, com escalas abertas, i.e., com predicções atéticas (veja-se a diferença entre (130) e (130a.)). Na perspetiva dos autores supramencionados, este tipo de modificador de grau, que parece ter a função de intensificar as expressões que modifica, deverá atuar sobre expressões indicadoras de uma escala aberta, ou seja, não delimitada (cf. (131)), tendo como consequência a obtenção de uma escala fechada, i.e., um predicado télico ou delimitado (131a.)).

(130) Yannig *walked a lot*.

a. *Yannig *ate his pancake a lot*.

(131) Yannig *walked a lot for two hours*.

a. Yannig *walked a lot in two hours*.

(Caudal & Nicolas, 2005: 7)

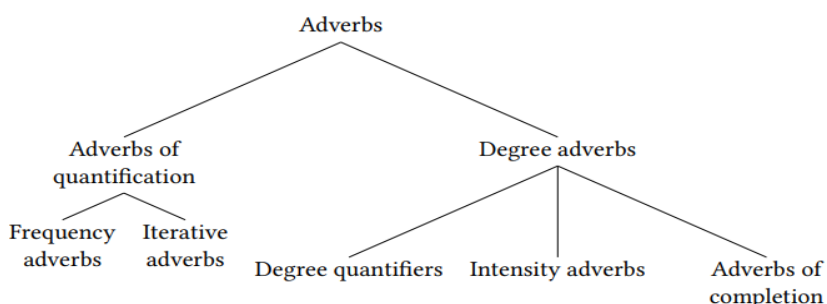
Também Quadros Gomes (2011) analisa estas questões, verificando que, em PB, contrariamente ao que ocorre em Inglês, os modificadores de grau não apresentam qualquer limitação quanto ao tipo de expressões com que podem combinar-se, antes apresentando restrições quanto ao tipo de resultado que esta modificação origina. Dessa forma, *muito* parece originar expressões que não são delimitadas (cf. (132a.)-(134a.) e, inversamente, *bem* origina expressões delimitadas (cf. (132b.)-(134b.)).

- (132) A Maria é *bonita*.
- a. A Maria é **muito** *bonita*.
 - b. A Maria é **bem** *bonita*.
- (133) O copo está *cheio*.
- a. O copo está **muito** *cheio*.
 - b. O copo está **bem** *cheio*.
- (134) O copo está *sujo*.
- a. O copo está **muito** *sujo*.
 - b. O copo está **bem** *sujo*.

Assim, e tratando-se de uma forma de quantificação imprecisa, parece possível concluir que *muito* está dependente da presença de informação contextual, nomeadamente a existência de um parâmetro de comparação, para fixar a interpretação. Esta noção de parâmetro de comparação parece transversal a várias propostas, como a de Fleischhauer (2016: 36), que, ao analisar expressões de grau, considera que estas são usadas para “specify the comparison degree to which the argument of a gradable property is compared”, o que pode ser feito através da introdução de um valor preciso ou da comparação entre dois valores. De acordo com a mesma autora, tendencialmente, as expressões de grau dividem-se em advérbios de quantificação, usados para contar eventos, denotando expressões que indicam frequência ou iteração, e advérbios de grau, que, por sua vez, são subdivididos em três subclasses: quantificadores, intensificadores e advérbios de completude (*totally*)⁵⁹ (cf. Abeillé *et al.*, 2004; de Swart, 1993 ; Doetjes, 1997, e.o.).

⁵⁹De acordo com esta tipologia, tanto os advérbios de completude, quanto os advérbios de intensidade, indicam o valor de um grau numa escala. A diferença é que, no primeiro caso, esse valor corresponde ao ponto final da escala e, no segundo, esse valor não está *a priori* definido. A classificação tipológica acima apresentada parece levantar a questão sobre o lugar de *muito* (e *pouco*) nesta proposta, particularmente ao quantificar eventualidades, na medida em que este apresenta um comportamento ambíguo entre advérbio de quantificação (cf. (i)) e advérbio de grau (cf. (ii)).

Figura 7 – Tipos de expressões de grau



Fonte: Fleischhauer (2016: 44)

Para o PE, Peres (2013) assume que, por nunca exprimir valores exatos, *muito* corresponde a um quantificador vago, perspectiva que defendemos, também, na presente investigação. Dessa forma, quantificadores deste tipo, de acordo com o mesmo autor, transmitem valores subjetivos, que dependem do contexto e da avaliação que os falantes possam fazer de frases com expressões quantificadas com quantificadores vagos, como a que se representa abaixo:

(135) O João *comeu* **muito**.

Efetivamente, neste caso, a avaliação do valor de verdade da frase depende da existência de um parâmetro de avaliação, que deverá corresponder à *quantidade normal de comida ingerida pelo João*, contra o qual se avaliará a quantidade como elevada. Ainda de acordo com Peres (2013: 779), este tipo de quantificador não é muito restritivo quanto à seleção dos valores possíveis para este parâmetro de avaliação, sendo este, talvez, um dos critérios que lhe atribui o fator de vagueza que o caracteriza.

-
- (i) O Pedro *saltou/caiu/desmaiou* **muito**.
 - (ii) O bebé *chorou/cantou/leu* **muito**.

Apesar de, em certos casos, o quantificador surgir a concordar em género e em número com o nome (cf. (136)), apresentando o comportamento típico de um quantificador de contagem, *muito* e *pouco* podem surgir sem variação de número e género, caso em que deverão ocorrer como quantificadores de medição (cf., e.o., Peres, 2013).⁶⁰

(136) **Muitas** maçãs estavam podres.

a. Precisei de **muito** azeite para cozer a massa.

Tendo em conta o comportamento de *muito* nas expressões focadas na presente investigação, parece-me viável assumir que, enquanto quantificador de eventos, *muito* deverá corresponder, efetivamente, a um modificador proporcional, vago, não apresentando qualquer tipo de restrição quanto às classes aspetuais com que pode combinar-se (cf. (137)-(140)), em concordância com Peres (2013) e Quadros Gomes (2011).

(137) O Henrique chorou **muito**.

(138) A Joana saltou **muito** à corda.

(139) O Rui andou **muito** de autocarro.

(140) O Miguel atravessou **muito** a ponte (de carro).

⁶⁰Ainda assim, *muito* e *pouco* podem apresentar um comportamento ambíguo, dado que, em certos contextos, podem ocorrer como quantificadores de contagem. Vejam-se os exemplos abaixo, retirados de Peres (2013: 722), em que se transmite informação sobre um número de entidades, que é indicado de forma imprecisa. Estes casos podem, contudo, ser explicados se se tiver em atenção que *gente* e *povo* correspondem a nomes coletivos, o que parece evidenciar uma concordância em género e número. Quanto ao exemplo (ib.), este parece tratar-se de um uso coloquial, correspondente a *Há muitos estudantes que raramente pegam num livro* .

(i) **Pouca** gente sabe em que dia da semana nasceu.

(ii) Juntou-se **muito** povo para assistir ao comício.

a. Há **muito** estudante que raramente pega num livro.

Assim, de acordo com as ideias apresentadas até aqui, defender-se-á que muito deverá classificar-se como um quantificador vago e proporcional, analisando-se, na presente investigação, numa perspetiva escalar.

Ainda assim, em PE, frases com verbos quantificados não apresentam todas o mesmo grau de aceitabilidade, como se comprova abaixo:

(141) A Luísa e o João estudaram **muito** a matéria.

(142) A empregada esfregou **muito** a banheira.

(143) ??A Madalena comeu **muito** a maçã.

(144) ??O empreiteiro construiu **muito** o hospital.

Todos os casos acima representam processos culminados, e todos são construídos com um argumento interno definido, mas apenas alguns deles aceitam receber quantificação (cf. (141)-(142)), que poderá originar leituras relativas a frequência (repetição de ocorrências) ou outras, como intensidade e duração. Uma hipótese explicativa para este comportamento poderá residir na estruturação interna dos eventos, mais concretamente, na sua decomposição lexical, conforme afirma Filip (1996: 43), ao sugerir que “there is yet another factor that determines the semantic structure of quantified sentences: namely, the argument structure”.

2.5. Sumário

O presente capítulo ocupou-se do tema da quantificação. Começando por uma breve introdução à quantificação como um mecanismo que permite a medição ou contagem, tanto de entidades quanto de eventualidades, procedeu-se, em primeiro lugar, à apresentação de um conjunto de perspetivas centrais sobre o tema, que começou a receber atenção na Filosofia, particularmente, no sistema de silogismos de Aristóteles, e foi continuamente estudado até à atualidade, por diversos autores como,

por exemplo, Montague (1970; 1971; 1973; 1974), Barwise & Cooper (1981), Heim (1982) e, ainda, Partee (1991). As suas propostas foram apresentadas e explicitadas brevemente, por constituírem reflexões essenciais à compreensão do funcionamento da quantificação, mas também por permitirem obter uma perceção abrangente sobre a forma como este tema foi abordado, bem como a sua evolução, que permitiu resolver, cumulativamente, problemas das propostas anteriores, ou preencher lacunas no seu desenvolvimento. Seguiu-se a apresentação de diferentes tipos de quantificação, incluindo-se a explicitação da distinção entre quantificação nominal e quantificação adverbial. O que se pode concluir é que a oposição entre nomes massivos e contáveis constitui um fator distintivo relevante, no caso da quantificação nominal. Porém, na quantificação adverbial, os fatores que podem confluír para o estabelecimento da interpretação final parecem ser diversos e dispersos, o que torna o estudo deste tipo de quantificação bastante mais complexo. Posteriormente, tentou-se fazer uma aproximação entre a quantificação de eventualidades e alguns desses fatores, como a classificação aspetual das eventualidades. Passou-se, posteriormente, à discussão sobre uma possível classificação dos quantificadores, começando-se por discutir o carácter proporcional de *muito*, a partir dos trabalhos de Sánchez López (1999), tendo depois sido realizada uma reflexão sobre a organização dos quantificadores em PE, com base, essencialmente, nos trabalhos de Peres (1990; 1992; 1993). O capítulo termina com uma reflexão sobre o papel do quantificador *muito* e, particularmente, sobre a sua classificação, discutindo-se, para isso, algumas propostas gerais da classificação de quantificadores em Espanhol e PE.

De acordo com as várias propostas apresentadas no presente capítulo, assume-se, na presente investigação, que *muito* é um quantificador vago, por não ser possível obter frases quantificadas com este quantificador que possuam um valor de verdade fixo. Com efeito, a fixação deste valor de verdade depende de informação contextual, que permita fixar o *standard* de comparação. A função de *muito*, neste caso, é a de aumentar o grau de uma propriedade, colocando-o num ponto elevado, mas não máximo, de uma escala, relativa a uma determinada dimensão de avaliação escalar. Contudo, particularmente na quantificação de eventualidades, *muito* apresenta uma

outra função, especificamente relacionada com a multiplicação de ocorrências, que se assemelha a uma interpretação de frequência, e que tem como consequência colocar este quantificador numa posição intermédia entre os advérbios de quantificação e os advérbios de grau, na tipologia proposta por Fleischhauer (2016). Este capítulo evidenciou, uma vez mais, a dificuldade associada ao estudo da quantificação, destacando, por um lado, a complexa rede que relaciona os quantificadores aos elementos no seu escopo, mas também a importância que a informação contextual e a estrutura eventiva têm para a estabilização da interpretação de uma expressão quantificada. Por esse motivo, no capítulo seguinte, far-se-á uma introdução aos conceitos de estrutura eventiva, decomposição lexical e composição aspetual, muitas vezes associados ao estudo da quantificação verbal.

3. Capítulo 3: Considerações sobre a estrutura dos eventos

3.1. Introdução

De uma forma simples, a noção de estrutura eventiva refere-se à estruturação das eventualidades e à forma de representá-las, tendo em conta a sua conceptualização como um conjunto de propriedades codificadas nos predicados. Esta ideia de que os eventos podem ser representados de forma estruturada foi observada por diferentes autores (Van Valin, 2005; Van Vallin & LaPolla, 1997; Wunderlich, 1997; Rappaport-Hovav & Levin, 1998; 2010; e.o.). No entanto, a forma de encarar a estruturação dos eventos e, consequentemente, de classificar as estruturas eventivas, depende, em última análise, de saber “which properties of event descriptions determine the grammatical behavior of verbs” (Fleischhauer, 2016: 66), o que significa que as classificações podem ser tão díspares quanto as propriedades que se podem atribuir aos verbos.

Assim, como já visto, a estruturação temporal interna dos eventos poderá ser feita através da classificação aspetual dos mesmos, que põe em evidência as diferentes ‘fases’ em que, internamente, um evento pode ser dividido: processo preparatório, culminação e estado consequente (cf. Capítulo 1). Outros autores, todavia, perspetivam esta estruturação de outro ângulo, apontando que as características lexicais dos verbos são responsáveis pela estruturação dos mesmos, através da decomposição de predicados (cf., por exemplo, Lakoff, 1965; McCawley, 1968; Rappaport-Hovav & Levin, 1988).

Deste ponto de vista, o que parece fundamental para refletir sobre a estrutura dos eventos é a consideração da estrutura argumental dos verbos, sendo esta última responsável pela determinação das relações que se estabelecem entre o verbo e os restantes elementos que com ele se combinam. A estrutura argumental de um verbo, ou elemento predador em geral, diz respeito ao número de argumentos por ele selecionados, mas contém, também, informação semântica relativa ao papel temático de cada argumento, à classe a que os argumentos pertencem, integrando, ainda, informação sobre a função sintática que estes deverão desempenhar. Tipicamente, o

argumento que desempenha a função de sujeito, em frases ativas, e que pode ser representado por um sintagma nominal, corresponde ao argumento externo dos verbos. Os restantes argumentos, que correspondem aos complementos verbais, são designados de argumentos internos, já que, contrariamente ao que acontece com o argumento externo, estes são gerados dentro do sintagma verbal (SV). Assim, na frase apresentada abaixo (cf. (1)), o argumento externo corresponde ao sintagma nominal *A Rita*, e representa o sujeito da frase, que tem o papel temático de agente do evento. Já o argumento interno, que corresponde ao sintagma nominal *a maçã*, desempenha a função sintática de complemento/objeto direto e relaciona-se com o evento através do papel temático de paciente (cf., e.o., Paiva Raposo, 2013: 383-393).

(1) *A Rita comeu a maçã.*

Torna-se, então, possível compreender que a estrutura eventiva não poderá ser considerada separadamente da estrutura argumental dos verbos, que, ao referir-se ao conjunto de argumentos selecionados pelo elemento predicator, e contendo informação relativa aos mesmos (cf., e.o., Paiva Raposo, 2013: 383-384), “is a structured representation over which prominence relations are defined” (Pustejovsky, 1991: 33).

Parece, assim, possível estabelecer uma correlação direta entre a estrutura argumental e a estrutura eventiva, dado que as relações que se estabelecem entre o verbo e os seus complementos parecem influenciar a representação conceptual do evento. Vejam-se os exemplos abaixo. Em (2), a estrutura argumental do verbo *adormecer* prevê a existência de um único argumento com função de sujeito, e o evento denotado corresponde a uma culminação (cf. (2a.)). No entanto, em (3), o verbo transitivo *comer* exige a presença de dois argumentos: o sujeito, que corresponde ao agente do evento, e deverá ser preenchido por um SN; e o complemento direto, que corresponde ao paciente do evento e que deve, também ele, corresponder a um SN. Um evento como o representado em (3) corresponde, então, a um processo culminado, o

que significa que, a uma estrutura argumental mais complexa, está também associada uma estrutura eventiva mais complexa.

(2) O bebé adormeceu.

a. O bebé adormeceu *às 15h35m15s.*

(3) O bebé *comeu* a papa.

Davidson (1967) propõe que os eventos devem ser tratados como argumentos verbais, estando previstos na estrutura argumental dos verbos, e que, tal como ocorre com SNs, aceitam modificação (cf. (4)-(5)).

(4) O bebé adormeceu *rapidamente.*

(5) O bebé comeu a papa *na cozinha com uma colher.*

A partir dos trabalhos de Davidson (1967), surgiram várias propostas subsequentes, normalmente designadas de abordagens neo-davidsonianas. Estas dividiram-se em duas grandes linhas de investigação: a primeira relaciona-se com a estruturação temporal interna dos eventos, i.e., informação aspetual, que foi já explorada no capítulo anterior; por sua vez, a segunda relaciona-se com a decomposição de predicados, i.e., com a divisão dos eventos tendo em conta a informação lexical neles contida, conforme proposto, entre outros, por Dowty (1979) ou Parsons (1990) (secção 3.1.1). A decomposição de predicados refere-se, assim, à possibilidade de decompor os predicados em predicados mais pequenos, i.e., predicados mínimos, atómicos ou primitivos (cf. Parsons, 1990; Levin & Rappaport-Hovav, 2006).

É, precisamente, desta segunda linha de investigação que se ocupará o presente capítulo. Nele, começar-se-á por uma breve introdução à semântica de eventos, conforme definida em Davidson (1967), bem como aos trabalhos que se seguiram, fundamentais para a alteração do paradigma relativamente ao que, até então, se

considerava acerca da estruturação semântica da informação contida nos eventos. Posteriormente, far-se-á uma análise abrangente de várias perspectivas teóricas acerca da decomposição de predicados, apresentando-se de forma breve os diferentes pressupostos teóricos em que as mesmas assentam. Na secção seguinte, serão postos em evidência alguns trabalhos complementares sobre a composição eventiva, necessários para compreender que a construção do significado é feita com recurso a informação fornecida pelo verbo e também pelos correspondentes argumentos. Finalmente, o capítulo terminará com a análise de algumas propostas que evidenciam a importância da estrutura eventiva na construção do significado verbal, especialmente no que concerne à definição da telicidade em diferentes tipos de verbos, como os verbos de Tema incremental. Uma das questões frequentemente discutida neste domínio diz respeito à escalaridade dos verbos, pelo que se optou por subdividir a secção final do capítulo em duas partes, que correspondem a duas grandes linhas de análise: numa, a telicidade é perspectivada como uma consequência direta das relações que se estabelecem entre o verbo e os seus argumentos; na outra, esta mesma perspetivação é feita com recurso a noções escalares. O capítulo terminará com um sumário das ideias apresentadas.

3.2. A noção de eventualidade: de Davidson (1967) às abordagens neo-davidsonianas

3.2.1. Davidson (1967): o argumento evento

Davidson (1967) propõe a introdução de uma posição adicional na estrutura argumental para introduzir os eventos, que funcionam como argumentos verbais. Assim, uma frase contendo um verbo transitivo, como (6), seria, anteriormente a esta proposta, representada como uma relação entre dois indivíduos, o sujeito, *o Alexandre*, e o objeto direto, *a maçã*, conforme se demonstra em (6a.).

(6) O Alexandre comeu a maçã.

a. comer(joão, maçã)

Contudo, de acordo com Davidson (1967), esta estrutura não dá nenhum tipo de informação sobre a forma como a atividade *comer* decorre, embora tal possa fazer-se através da introdução de um modificador, como fica patente em (7).

(7) O Alexandre comeu a maçã *devagar/sofregamente/na escola*.

A partir da atuação de modificadores adjetivais sobre argumentos nominais (*A casa azul é minha*), o mesmo autor notou que os modificadores adverbiais podem atuar de forma similar sobre predicados que denotam ações, no sentido de permitir a sua especificação, como se demonstra abaixo, o que parece comprovar que os eventos podem ser conceptualizados de acordo com certas propriedades que dão conta da forma como decorrem.

(8) O João varreu o chão no café com a vassoura.

De modo a permitir a introdução de informação adicional sobre os eventos, Davidson (1967) defende que os '*action verbs*' (verbos de ação) possuem, na sua estrutura, uma posição livre para a inserção de um argumento evento. Nesta perspetiva, defende-se, então, que a relação entre os verbos e os seus argumentos deve incluir a relação entre um argumento evento, implícito, e os restantes argumentos, explícitos. Desta forma, o que anteriormente era representado como um verbo de dois lugares (ou seja, com lugar para dois argumentos), passa agora a ser encarado como um verbo de

três argumentos, um dos quais corresponde ao argumento evento⁶¹, como se ilustra de seguida⁶²:

(9) $\exists e$ [varrer (joão, o chão, e)]

Esta representação permite a inserção de informação adicional sobre o evento descrito no verbo, através da atuação dos modificadores adverbiais, como explica Davidson (1969: 167), ao afirmar que, nestes casos, “what adverbial clauses modify is not verbs but the events that certain verbs introduce” (cf. (10)).

(10) $\exists e$ [varrer (joão, o chão, e) $\wedge$ em(café, e) $\wedge$ com(vassoura, e)]

A introdução do argumento evento traz algumas vantagens, permitindo explicar a retoma anafórica que ocorre em (11), em que *o que* recupera a informação dada por *varrer o chão à meia-noite*, ou, ainda, a possibilidade de os eventos serem utilizados com advérbios que indiquem cardinalidade e/ou frequência (cf. (12)).

(11) O João varreu o chão do café à meia-noite, *o que* se repetiu todos os dias durante uma semana.

(12) O João varreu o chão do café *cinco vezes*.

⁶¹ Como referido em Leal (2009), o argumento evento está associado a um quantificador existencial, o que significa que Davidson (1967) assume, da mesma forma que Carlson (1998), que os verbos representam, basicamente, eventos episódicos, ou seja, singulares.

⁶² Os exemplos apresentados são versões adaptadas ao Português do exemplo clássico de Davidson (1969: 82):

- (i) Jones buttered the toast in the bathroom with the knife at midnight.
 - a. $\exists e$ [BUTTER (jones, the toast, e) & IN (e, the bathroom) & WITH (e, the knife) & AT (e, midnight)].

- a. O João varreu o chão do café *muitas/várias/demasiadas vezes*.

Ainda assim, e apesar de ter constituído um importante marco no estudo e representação da estrutura dos eventos, particularmente por ter permitido clarificar que “events are things in the real world like objects; they can be counted, they can be anaphorically referred to, they can be located in space and time, they can be ascribed further properties” (Maienborn, 2011: 806), esta proposta foi posteriormente reformulada por vários autores com diferentes perspetivas (cf., e.o., Higginbotham, 1985; Parsons, 1990; Kratzer, 1995).

3.2.2. A era neo-davidsoniana

Partindo da proposta de Davidson (1967), Higginbotham (1985) observou que “there seem to be strong arguments in favour of, and little to be said against, extending Davidson’s idea to verbs other than verbs of change or action” (Higginbotham, 1985: 10). Assim, o argumento evento não deverá aplicar-se apenas aos verbos que denotam ‘ações’, no sentido adotado por Davidson (1967), mas, na verdade, a todos os verbos (cf. Higginbotham, 1985; 1995; Parsons, 1990; 2000; Chierchia, 1995), bem como a elementos predicativos pertencentes a outras categorias, como nomes, adjetivos e preposições (cf., e.o., Higginbotham & Ramchand, 1997).

Além disso, uma das principais diferenças das abordagens neo-davidsonianas relativamente à proposta original reside na forma de relacionar o evento argumento com os restantes argumentos da estrutura eventiva. De facto, Davidson (1967) considera que este argumento corresponde a uma posição adicional na estrutura eventiva, o que tem consequências relativamente à classificação dos verbos quanto ao número de argumentos que possuem (n , $n+1$, $n+2$, etc.). Pelo contrário, nas abordagens neo-davidsonianas, os verbos são encarados como denotando predicados de apenas um argumento e, contrariamente ao que tinha sido proposto em Davidson (1967), não denotam eventos singulares, mas sim conjuntos de eventos. Os eventos ligam-se, depois, aos argumentos e/ou adjuntos, através de relações temáticas (por exemplo,

Agente, Paciente, Instrumento, e.o.). De acordo com esta reformulação, a representação lógica para a frase em (8) passaria a ser a seguinte (ver Parsons, 1990):

(13) $\exists e$ [varrer (e) $\wedge$ agente (e, João) $\wedge$ paciente (e, chão) $\wedge$ em (e, café) $\wedge$ instrumento (e, vassoura)]

Também Kratzer (1995) assume a presença de um argumento evento na estrutura eventiva de alguns verbos, nomeadamente aqueles que representam predicados de fase (*stage-level*), opondo-os assim aos predicados de indivíduo (*individual-level*). Esta distinção remonta a Carlson (1977) e Milsark (1974; 1977) e distingue, respetivamente, predicados que dizem respeito a eventualidades temporárias e transitórias de predicados que denotam eventualidades estáveis (e que caracterizam as entidades). De acordo com a proposta de Kratzer (1995), os predicados de fase contêm um argumento evento, ao contrário dos predicados de indivíduo. Também Chierchia (1995) parece concordar com a presença deste argumento evento, assumindo, até, que, “in a way, having this extra argument slot is part of what makes something a VP, whatever its inner structure” (Chierchia, 1995: 204).

Uma forma de conceptualizar esta estruturação interna dos eventos, para além da informação sobre estrutura aspetual (cf. Capítulo 1), é a que se baseia na noção de decomposição de predicados que explica que eventos complexos são “built up from their constitutive parts, where those parts include the verb itself and optional adjuncts, but also participant relations” (Ramchand, 2019: 314). Esta nova forma de perspetivar os eventos foi amplamente investigada na literatura, conforme se verá na secção seguinte, onde se procedeu a uma seleção de algumas propostas, justificada pelo facto de, por um lado, constituírem propostas que se inter-relacionam em alguns pontos, e, por outro, permitirem compreender a evolução das perspetivas teóricas sobre esta temática.

3.3. Decomposição de predicados: perspetivas teóricas

A decomposição de predicados assenta na ideia de que os eventos podem ser subdivididos tendo em conta a sua constituição interna. Além da já mencionada classificação aspetual (cf. Capítulo 1), emergiram, também, na literatura outras formas de conceptualizar esta divisão interna dos eventos (cf. McCawley, 1971; Dowty, 1979; Jackendoff, 1990; Hale & Keyser, 1993; Rapaport Hovav, 2008; Rapaport Hovav & Levin, 1998; 2010; Fleischhauer, 2016, entre muitos outros), que se relacionam com a consideração de uma estrutura constituída por subeventos. O facto de as propostas neo-davidsonianas introduzirem um argumento evento permite a consideração de uma subestrutura em que os eventos podem ser decompostos em itens semânticos mais pequenos. Estes subeventos, por sua vez, deverão fornecer informação acerca das partes do significado fundamentais para o estabelecimento do significado final do predicado. De acordo com Levin & Rappaport-Hovav (2006), a vantagem de se considerar uma tal estrutura prende-se com o facto de se poder agrupar certas componentes de significado (*meaning components*), ou seja, certas propriedades que os verbos partilham entre si, tornando possível que sejam usadas como “primitive predicates chosen to represent components of meaning that recur across significant sets of verbs” (Levin & Rappaport-Hovav, 2006: 69).

De um modo geral, o que se assume nestas propostas é, por um lado, que cada uma das componentes contém um significado próprio e, por outro, que estas componentes se combinam entre si para originar significados complexos. Este comportamento permite encontrar regularidades nas estruturas eventivas de verbos de diferentes tipos, o que, por sua vez, torna possível fazer algumas previsões acerca do seu comportamento em determinados contextos semânticos⁶³. Assim, a frase (14) implica a frase (14a.).

⁶³De facto, a noção da decomposição de predicados parece derivar das observações iniciais de que os verbos tendem a combinar-se com outros elementos da frase de acordo com certos padrões regulares, como o demonstram as inferências ilustradas abaixo (adaptadas de Pullman, 2005: 156).

- (i) X matou Y $\rightarrow$ Y morreu
- (ii) X derreteu Y $\rightarrow$ Y derreteu
- (iii) X pôs Y na mesa $\rightarrow$ Y está na mesa

(14) O agente da polícia *matou* os bandidos.

a. Os bandidos *morreram*.

De acordo com o significado intrínseco de (14), existe um evento em que o *agente da polícia* é o agente de *matar*, *os bandidos* representa o paciente do evento, e o evento denotado por *matar* tem como consequência uma mudança de estado dos *bandidos* (i.e., a sua morte). Dessa forma, a frase (14) poderia ser representada como se ilustra abaixo (adaptado de Pullman, 2005: 3):

(15) X matou Y $\rightarrow$ Y morreu

a. X matou Y = X causou [Y morto]

b. X cause Y $\rightarrow$ Y [estado resultativo]

Segundo esta perspetiva, certas componentes representam predicados ‘primitivos’, por apresentarem significados básicos e, possivelmente, comuns aos eventos de diferentes tipos, funcionando como operadores (como é o caso de CAUSE e BECOME, conforme proposto, por exemplo, em Dowty (1979)). De seguida, apresentar-se-ão algumas propostas que abordam esta temática, nomeadamente os trabalhos de Dowty (1979), Jackendoff (1990) e Rappaport-Hovav & Levin (1998; 2010).

3.3.1. A noção de primitivos semânticos: Dowty (1979)

Os trabalhos de Montague (1970; 1971; 1973) permitiram que as frases de uma língua natural pudessem ser transformadas em fórmulas lógicas, a partir de princípios e regras, numa linguagem intermédia que permitiria a interpretação das mesmas de acordo com os seus valores de verdade relativamente a um modelo teórico. Tendo como base esta proposta, Dowty (1979) assume que estas estruturas lógicas, que se

relacionam com as estruturas sintáticas correspondentes, são fundamentais para o estabelecimento da decomposição lexical das frases e, em particular, dos eventos.

Partindo da tipologia de Vendler (1957), Dowty (1979) relaciona cada uma das classes definidas por este autor com decomposições lexicais de configuração específica. De acordo com Dowty (1979), o significado das expressões é constituído partindo de “a certain fixed set of primitive semantic operations (here represented by the interpretations of operators such as *cause* and *become*) and stative properties” (Dowty, 1979: 199). Este comportamento tem como consequência o facto de que todas as classes podem, à partida, ser construídas com recurso a um conjunto restrito de operadores semânticos, designados de ‘primitivos’, em conjunção com propriedades estativas.

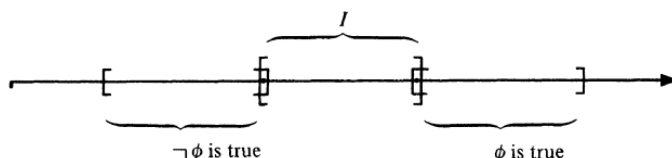
Esta perspetiva assenta na proposta teórica do cálculo de predicados e, de acordo com a mesma, os predicados estativos correspondem a constantes e os restantes operadores têm uma interpretação fixa, podendo constantes e operadores combinar-se uns com os outros para originar as diferentes interpretações (cf. Dowty, 1979: 201). A proposta de Dowty (1979) integra, ainda, a linguagem formal introduzida por Montague (1970; 1971; 1973), que permite que o processamento da linguagem natural possa ser feito através de uma linguagem intermédia, que funciona como uma espécie de tradução para a linguagem lógica. Desta forma, um predicado como *morrer* seria representado como em (16) (que denota um evento de mudança de estado, no qual a entidade *x* passa a ‘não viva’, i.e., morta).

$$(16) \lambda x [\text{BECOME} \neg \text{alive}'(x)]$$

Os três principais operadores utilizados na proposta de Dowty (1979) são *DO*, *CAUSE* e *BECOME*. O operador *BECOME* permite introduzir a noção de mudança de estado, tipicamente associada a processos culminados e culminações, estando, por isso, diretamente relacionado com a noção de telicidade e de estado consequente. Em termos esquemáticos, o operador *BECOME* é representado em Dowty (1979) conforme se

apresenta na Figura 8., onde se pode verificar a ausência da propriedade em causa no segmento anterior ao intervalo temporal I , e a presença da referida propriedade, no segmento posterior.

Figura 8 – Diagrama temporal linear para [BECOME ϕ]



Fonte: Dowty (1979: 140)

O operador *CAUSE*, por sua vez, está diretamente associado à noção de causalidade, com base na definição proposta por Lewis (1973). A relação de causalidade envolve uma relação de dependência entre duas frases, ϕ e ψ , de tal modo que “each member of the series depends causally on the previous member” Dowty, 1979: 108). Desta perspectiva, o operador *CAUSE* é definido tendo em conta a relação [ϕ *CAUSE* ψ].⁶⁴

Por fim, para introduzir o operador *DO*, Dowty (1979) baseou-se nos trabalhos de Ross (1972), que tinha já notado, para o Inglês, que os designados ‘action verbs’ incluíam, na sua estrutura lógica, uma configuração contendo este operador. Adotando uma perspectiva semelhante, Dowty (1979: 112) propõe que a presença deste operador permite opor “a stative sentence from an activity sentence in logical structure”. Isto significa que o operador *DO* deverá entrar na constituição de verbos

⁶⁴Para Dowty (1979), os verbos causativos contêm, na sua denotação, um verbo que corresponde a uma atividade (ou processo), P , e que envolve quantificação existencial sobre propriedades. Assim, um verbo como *kill* (*matar*) teria a representação ilustrada abaixo, e seria concebido como um evento em que a entidade y fez *alguma coisa* que causou uma mudança de estado na entidade x , que passou de viva a não viva (cf. (ia.)).

- (i) John *kills* Bill.
 - a. $\forall P [P\{j\} \text{ cause become } \neg \text{alive}'(b)]$

(Dowty, 1979: 203)

pertencentes a classes aspetuais que contenham uma parte relativa ao processo preparatório, ou seja, na tipologia de Vendler (1957), *atividades* e *accomplishments*. Porém, enquanto, para Ross (1972), verbos ativos e estativos distinguir-se-iam por serem formados a partir de diferentes primitivos, para Dowty (1979), os primitivos correspondem sempre a predicados de tipo estativo, sendo os operadores os principais responsáveis pela introdução de predicados não estativos. Uma vez que os predicados não estativos podem corresponder a diferentes tipos de ‘verbos de ação’, este autor assume que, independentemente do tipo de verbo, o operador DO contribui com a noção de intencionalidade ou volição, conforme representado abaixo (cf. (17)).

$$(17) \square [\text{DO}(\alpha, \phi) \leftrightarrow \phi \wedge \text{u.t.u.c.o.a.}(\phi)]^{65}$$

A tipologia de Dowty (1979) mostra, assim, que a construção das diversas classes aspetuais pode estar relacionada com as respetivas decomposições lexicais⁶⁶.

⁶⁵ *u.t.u.c.o.a.* é a forma abreviada de ‘under the unmediated control of the agent (individual denoted by α)’ e representa uma implicatura conversacional (cf. Dowty, 1978: 118).

⁶⁶ Vejam-se os exemplos e respetivas formulações retirados de Dowty (1979):

- (i) John knows the answer.
 - a. $\pi_n(\alpha_1, \dots, \alpha_n)$
- (ii) John’s living nearby causes Mary to prefer his neighbourhood.
 - a. $[\pi_m(\alpha_1, \dots, \alpha_m) \text{ cause } \rho_n(\beta_1, \dots, \beta_n)]$
- (iii) John is walking.
 - a. $\text{DO}(\alpha_1, [\pi_n(\alpha_1, \dots, \alpha_n)])$
- (iv) John discovered the solution.
 - a. $\text{BECOME}[\pi_n(\alpha_1, \dots, \alpha_n)]$
- (v) John murdered Bill.
 - a. $[[\text{DO}(\alpha_1, [\text{DO}(\alpha_1, \pi_n(\alpha_1, \dots, \alpha_n)) \text{ CAUSE } \phi])]$
- (vi) John broke the window.
 - a. $[[\text{DO}(\alpha_1, [\pi_n(\alpha_1, \dots, \alpha_n)])] \text{ CAUSE } [\text{BECOME}[\rho_m(\beta_1, \dots, \beta_m)]]]$

De um modo geral, e apesar de alguns autores terem notado algumas inconsistências na proposta de Dowty (1979), como Filip (1993)⁶⁷, a verdade é que a mesma permite conceber que todas as classes aspetuais se construam a partir das mesmas constantes e de um número limitado de operadores, acomodando uma vasta gama de verbos.

Os trabalhos de Dowty (1979) serviram de inspiração para estudos posteriores. Jackendoff (1990), por exemplo, assume que o significado é decomposto com recurso à noção de primitivos, afastando-se de Dowty (1979) pelo facto de basear as suas ideias numa semântica conceptual. Nesta proposta, a noção de *conceito* é associada a uma “mental representation that can serve as the meaning of a linguistic expression” (Jackendoff, 1990: 11) e, por esse motivo, os primitivos funcionam como *primitivos conceptuais*, e não exatamente como primitivos semânticos. Estes primitivos combinam-se entre si, originando estruturas complexas, *as estruturas conceptuais*, que permitem mapear todos os conceitos ao mundo real⁶⁸, distribuídos por categorias como *Eventos, Estados, Coisas, Lugares, Caminhos, Quantidades*, entre outros. Estas categorias podem, depois, funcionar como argumentos de funções semânticas, como GO, BE OU CAUSE, como se exemplifica em (18) (cf. Jackendoff, 1990: 46).

(18) O João correu para dentro da sala. (*John ran into the room.*)

a. [Event GO ([Thing JOHN]), [Path TO ([Place IN ([Thing ROOM])])]]

⁶⁷Esta autora nota, por exemplo, que nem sempre verbos causativos têm paráfrases equivalentes com o verbo *cause* explícito, como se verifica em (i), caso em que a segunda frase pode não ter como causa direta a atuação do João (por exemplo, se este tiver caído em direção à porta).

- (i) John opened the door.
- (ii) John caused the door to become open.

(Filip: 1993, 73)

⁶⁸Esta forma de encarar os eventos tem duas consequências principais, na opinião do próprio autor: a primeira, é que deixa de ser um modelo semântico baseado em condições de verdade, passando a estar totalmente dependente das intuições cognitivas dos falantes; a segunda é que, por essa razão, deixa de ser ‘*universalmente aceite*’ (Jackendoff, 1990: 11).

Nesta perspetiva, a estrutura conceptual não inclui apenas a representação das estruturas cognitivas associadas aos eventos e às entidades que neles participam, integrando também informação sobre as estruturas sintática e fonológica (cf. Jackendoff, 1990: 45)⁶⁹. Tal parece acrescentar uma complexidade demasiado elevada ao processamento das decomposições lexicais, por conter uma vasta gama de informação e um elevado conjunto de possibilidades combinatórias entre as diversas informações relacionadas.

Van Valin (1993; 2005), baseando-se também nos trabalhos de Dowty (1979), defende a combinação de três operadores (*ingr*, *become* e *seml*⁷⁰) para originar eventos com características aspetuais diferentes⁷¹. No entanto, considera que os predicados

⁶⁹Jackendoff (1990: 46) salienta o papel central dos papéis temáticos, que, na sua perspetiva, “are part of the level of conceptual structure, not part of syntax”. De acordo com este autor, então, os papéis temáticos representam relações entre o verbo e os seus argumentos, e são definidos com base na estrutura conceptual que, por sua vez, é condicionada pela estrutura sintática. Este comportamento justifica que os papéis temáticos não possam funcionar como primitivos, uma vez que “every putative thematic role assignment must be justified on the grounds of its place in conceptual structure” (Jackendoff, 1990: 50).

⁷⁰O operador *ingr*, associado ao aspeto ingressivo, foca o início de uma mudança de estado, permitindo estabelecer o significado de *achievements* (cf. (i)). O operador *become* é utilizado para construir o significado de *accomplishments* (cf. (ii)), por indicar uma mudança de estado que tem extensão temporal. Por fim, o operador *seml* é utilizado para marcar eventos pontuais (cf. (iii)).

- (i) Achievements:
 - a. *ingr* predicate'(x) (ou *ingr* predicate'(x,y))
 - b. *ingr* do'(x, predicate'(x)) (ou *ingr* do'(x, predicate'(x,y)))
- (ii) Accomplishments:
 - a. *become* predicate'(x) (ou *become* predicate'(x,y))
 - b. *become* do'(x, predicate'(x)) (ou *become* do'(x, predicate'(x,y)))
- (iii) Semelfactives:
 - a. *seml* predicate'(x) (ou *seml* predicate'(x,y))
 - b. *seml* do'(x, predicate'(x)) (ou *seml* do'(x, predicate'(x,y)))

⁷¹Van Valin (1993; 2005) prevê, ainda, um outro operador, *cause*, que, contrariamente aos anteriores, não é utilizado para derivar eventos pertencentes às diferentes classes aspetuais, mas para introduzir uma relação de causalidade entre dois subeventos (α e β), como se demonstra abaixo (adaptado de Van Valin, 2005: 14):

- (i) α cause β : [do'(x, $\emptyset$)] cause [become estado consequente'(y)]
 - a. derreter: [do'(x, $\emptyset$)] cause [become derretido'(y)]

básicos (a partir dos quais derivam todos os tipos de eventos), podem ser de dois tipos, estados e atividades. De acordo com esta proposta, e tendo em conta as representações das estruturas apresentadas para cada tipo de predicado básico, atividades distinguem-se de estados por conterem o predicado *do'*, que prevê uma estrutura bi-argumental (na qual um dos argumentos representará o agente, e o outro, o elemento predicativo).

(19) Estados: *predicate'(x)* (ou *predicate'(x,y)*)

(20) Atividades: *do'(x, [predicate' (x)])* ou *do'(x, predicate'(x,y))*

As propostas apresentadas mostram que a consideração da estrutura eventiva dos verbos permite estabelecer a constituição interna dos eventos, estando diretamente relacionada com a sua decomposição lexical. Ainda assim, e apesar de permitirem identificar as características lexicais primitivas dos predicados, as decomposições lexicais não são suficientes para garantir a interpretação das frases, já que o significado final destas depende da forma como os diversos componentes se organizam entre si, fenómeno tipicamente designado *composição aspetual*.

3.4. Composição aspetual

Numa frase como (21), o verbo *correr* representa um processo; todavia, a presença de um sintagma preposicional que indica o fim do percurso (cf. (22)) ou a indicação de um tipo de corrida, como em (23), origina uma interpretação de processo culminado, apesar de o verbo utilizado ser o mesmo.

(21) A Maria correu.

(22) A Maria correu *até casa*.

(23) A Maria correu *a meia-maratona*.

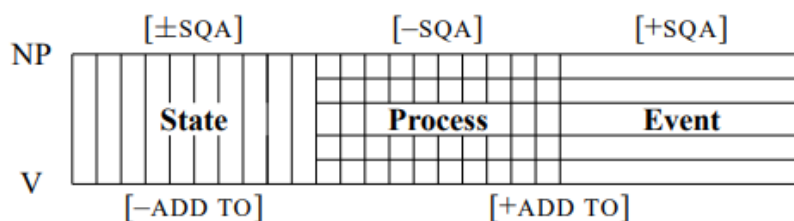
Este comportamento comprova que a interpretação final de uma frase está dependente da interação entre o verbo e os seus argumentos, o que significa que a classificação aspetual das predicções é determinada a partir da conjunção do significado dos verbos com o significado das expressões nominais e/ou preposicionais que constituem os seus argumentos ou modificadores, fenómeno conhecido por *composição aspetual* (cf., e.o., Tenny (1992, 1994), Verkuyl (1993, 2000), Krifka (1992, 1998), Ramchand (1997), Rothstein (2004) Borer (2005)).

3.4.1. Verkuyl (1972): o *Plus Principle*

Para Verkuyl (1972), o fenómeno da composição aspetual materializa-se na interação entre os verbos, responsáveis por veicular informação temporal, e os respetivos argumentos, que apesar de não contribuírem com informação temporal, contêm informação igualmente relevante para a constituição do aspeto final da frase.

Segundo esta perspetiva, os verbos são responsáveis pela determinação da propriedade $[\pm\text{ADDT0}]$, enquanto as expressões nominais contêm informação relativa ao traço $[\pm\text{SQA}]$. Enquanto a primeira é responsável por estabelecer a distinção entre situações estativas e dinâmicas, o segundo relaciona-se com informação quantitativa associada ao sintagma nominal (veja-se a diferença entre *comer bolos* e *comer uma fatia de bolo*, por exemplo). Dessa forma, Verkuyl (1972) adota uma classificação tripartida das eventualidades (Estados, Processos e Eventos), que resulta do conjunto de configurações possíveis, tendo em conta estes traços, conforme se demonstra na imagem abaixo.

Figura 9 – *Plus Principle*



Fonte: Verkuyl (1972: 23)

As três classes aspetuais propostas por Verkuyl (1972; 1993; 2005) resultam assim, de uma forma previsível, das diferentes possibilidades combinatórias entre a informação veiculada pelo verbo e a informação veiculada pelos respetivos argumentos: os estados são projetados por verbos que marcam negativamente o traço [ADD TO], independentemente da caracterização dos respetivos argumentos; quanto aos processos, estes são projetados por verbos com o traço [+ADD TO] e argumentos [-SQA]. Por fim, os eventos resultam da combinação entre os traços [+ADD TO] e [+SQA].

Assim, por exemplo, numa frase como *A Maria comeu dois hambúrgueres*, o SN *dois hambúrgueres* deverá conter o traço [+SQA], por se tratar de um argumento quantizado e o verbo *comer* deverá marcar positivamente o traço [ADD TO], por representar uma situação não estativa. A combinação destas duas informações, ao nível do SN, originará uma situação eventiva, conforme se pode depreender da figura apresentada acima, denotando também uma situação culminada, que advém do facto do SN ser quantizado. De acordo com Verkuyl (2005), o argumento interno é responsável pela marcação da culminação dos eventos, pois, apesar de não conter o ponto de culminação na sua denotação, é capaz de estabelecer a delimitação final de um percurso (*Path*). A culminação do evento está, então, relacionada com a impossibilidade da sua continuação, i.e., o evento acaba porque não é possível continuá-lo. Por outro lado, sempre que um SN não contenha informação relevante sobre a cardinalidade do SN ([-SQA]) (cf. (24)) ou sobre o ponto final do percurso estabelecido para a progressão do evento (cf. (25)), as frases deixam de poder ser terminativas (cf. Verkuyl, 2000).

(24) A Maria escreveu *poemas*.

(25) A Teresa caminhou *para a escola*.⁷²

Este comportamento levou o autor a propor o *Plus Principle*, que prevê que, para que uma predicação seja *terminativa* (e, conseqüentemente, delimitada), todos os seus elementos devem ser marcados de forma positiva.

De acordo com o mesmo autor, a informação aspetual é, então, estabelecida de forma composicional, tendo em conta três níveis informacionais, o primeiro dos quais está diretamente relacionado com informação relativa a progressão temporal e mudança de estado, codificadas (ou não) pelo verbo, como acontece com *escrever*, em que “the kernel meaning of *write* includes a lower level activity as part of the way to bring about a structured written object” (Verkuyl, 2005: 31). O segundo destes níveis diz respeito à combinação entre o verbo e o seu argumento interno para formar o nível informacional relativo ao SV. Por fim, o terceiro e último nível informacional é relativo à frase, e obtém-se através da combinação do SV com o argumento externo (podendo conter, ou não, um valor final *terminativo/culminativo*).

Apesar de constituir uma proposta relevante, que permite relacionar diretamente as informações contidas nos argumentos verbais (especificamente a sua quantização) com as informações lexicalmente projetadas pelos verbos, analisando as diferentes possibilidades de interação entre eles, a proposta de Verkuyl (1972) enfrentou algumas críticas⁷³, o que resultou no surgimento de propostas alternativas, como a de Rappaport-Hovav & Levin (1998; 2010).

⁷²Leal & Oliveira (2016) notaram que, particularmente no que se refere a verbos de movimento, a preposição selecionada é responsável pela diferença entre o caráter télico e atélico dos eventos. Com efeito, a preposição *até*, numa frase como *A Luísa caminhou até casa*, denota um evento télico, enquanto a preposição *para*, em *A Luísa caminhou para casa*, apenas dá indicação sobre a direccionalidade do movimento, não contendo qualquer informação acerca do ponto final do percurso.

⁷³Veja-se, por exemplo, que esta proposta não explica casos em que tanto o verbo como o argumento são marcados positivamente e, ainda assim, a predicação pode não ser télica, conforme previsto pelo *Plus Principle* (veja-se o contraste entre as duas versões de cada um dos exemplos apresentados).

- (i) A criança comeu a maçã *em dois minutos*.
 - a. #A criança comeu a maçã *durante cinco minutos*.

3.4.2. Rappaport-Hovav & Levin (1998; 2010)

Para Rappaport-Hovav & Levin (1998; 2010) o significado de um verbo é constituído por duas componentes: a primeira relaciona-se com a sua estrutura e corresponde à parte “relevant to determining the semantic classes of verbs that are grammatically relevant”; a segunda, idiossincrática, “distinguishes that verb from other members of the same class” (Rappaport-Hovav & Levin, 1998: 106). Esta distinção tem como consequência o facto de que apenas a primeira componente é gramaticalmente relevante para a definição das diferentes classes aspetuais. Seguindo esta linha de raciocínio, as autoras defendem que a parte estrutural do verbo é constituída por predicados primitivos, enquanto a parte idiossincrática é uma constante, e estas informações combinam-se entre si para construir o significado verbal.

A parte idiossincrática do significado verbal constitui o seu radical (ou raiz) e pode entrar na estrutura eventiva do verbo como i) um estado – um verdadeiro estativo (*state*) ou um estado resultante (*result*), i.e., o argumento de um evento de mudança de estado –; ou como ii) um modificador de um predicado de atividade (ACT), dando assim informação acerca do modo como a atividade foi realizada. Estas informações organizam-se em ‘*templates*’, que resultam da combinação dos diversos predicados primitivos e originam as várias classes aspetuais (cf. (26)-(29)).

(26) Estados: [x <*state*>]

(27) Atividades: [x ACT <*manner*>]

(28) Achievements: [BECOME [x <*result*>]

-
- (ii) O João pintou a parede *em meia hora*
a. #O João pintou a parede *durante meia hora*.

(29) *Accomplishments*: [x CAUSE [BECOME [y <result>]]]⁷⁴

a. [[x ACT<manner>] CAUSE [BECOME [y <state>]]]

Uma vantagem desta proposta, relativamente às restantes, é que prevê a existência de predicados complexos e permite acomodá-los, através do ‘Princípio de Aumento de Templates’ (*Template Augmentation*), que possibilita a combinação de vários subeventos no mesmo *template*. Por corresponderem à parte idiossincrática dos verbos, as constantes são sempre lexicalizadas pelos verbos e posteriormente integradas nas entradas lexicais dos mesmos. De acordo com Rappaport-Hovav & Levin (1998), a integração das constantes está dependente de conjuntos definidos de regras, as ‘*canonical realization rules*’, ilustradas na Figura 10, nas quais a constante (definida do lado esquerdo da fórmula) aparece especificada, ou como argumento, ou como modificador (caso em que aparece em posição inferior à linha).

Figura 10 – Canonical realization rules

```
manner → [ x ACT<MANNER> ]
(e.g., jog, run, creak, whistle, ...)
instrument → [ x ACT<INSTRUMENT> ]
(e.g., brush, hammer, saw, shovel, ...)
placeable object →
[ x CAUSE [ BECOME [ y WITH <THING> ] ] ]
(e.g., butter, oil, paper, tile, wax, ...)
place → [ x CAUSE [ BECOME [ y <PLACE> ] ] ]
(e.g., bag, box, cage, crate, garage, pocket, ...)
internally caused state → [ x <STATE> ]
(e.g., bloom, blossom, decay, flower, rot, rust, sprout, ...)
externally caused state →
[ [ x ACT ] CAUSE [ BECOME [ y <STATE> ] ] ]
(e.g., break, dry, harden, melt, open, ...)
```

Fonte: Rappaport-Hovav & Levin (1998: 109)

⁷⁴Contrariamente ao que ocorre em Van Valin (1993; 2005) e concomitantemente com o que é defendido por Dowty (1979), a causalidade volta a ter, nesta proposta, um papel central quanto à distinção entre *achievements* e *accomplishments*, presente nos segundos, mas não nos primeiros.

Para estas autoras, o significado de um verbo obtém-se composicionalmente, tendo em conta três critérios fundamentais: i) a estrutura básica de cada tipo de evento, ii) o aumento dos *templates*, ou seja, as diferentes possibilidades de aumentar a estrutura básica de cada um dos *templates* e, por último, iii) o conjunto de regras que permitem regular esta adição de eventos.

3.4.2.1. A complementaridade *manner*/resultado

Segundo as mesmas autoras (1998; 2010), o conceito de radical verbal (*root*) é fundamental para explicar a escalaridade dos verbos. As autoras defendem que cada predicado lexicaliza um e apenas um radical, que poderá ser de dois tipos: i) *manner*, no qual os verbos “lexically specify or “lexicallize” the manner in which the action denoted by the verb is carried out”; ou ii) *result* (resultativo), caso em que os verbos “lexicallize the result of the action denoted by the verb” (Rappaport-Hovav & Levin, 1998: 100). Segundo esta proposta, a única classe aspetual que lexicaliza *manner*, é a dos Processos e, neste caso, os verbos correspondentes parecem ser bastante menos restritivos do que os verbos resultativos, relativamente à possibilidade de terem diferentes configurações ou estruturas argumentais. Os eventos de tipo resultativo estão associados às Culminações e aos Processos Culminados. Assim, e apesar de os verbos poderem ser usados de formas diferentes, como é o caso de *varrer* e *comer* - processos que se podem transformar em processos culminados na presença de um argumento interno objeto direto (*comer uma maçã, varrer o chão*) –, a sua configuração básica deverá ser sempre a mesma (neste caso, um processo) (cf. Rappaport-Hovav & Levin, 1998).

As autoras defendem, assim, que a construção de significados complexos é feita através da adição de elementos a um significado básico, primitivo, e nunca pela eliminação de elementos de uma estrutura complexa. Este comportamento permite explicar por que razão os processos culminados são, nesta perspetiva, mais restritivos do que as restantes classes aspetuais: o seu significado básico é complexo e, por isso, a sua estrutura eventiva inclui dois subeventos, um causativo e um resultativo (cf. (30)),

que não podem ser eliminados. Os processos culminados distinguem-se, então, das culminações pelo facto de os primeiros terem uma estrutura básica complexa, ao contrário das segundas, que, apesar de também estarem associadas a uma mudança de estado, têm uma estrutura básica simples (um estado), por não conterem um evento causativo (cf. (31)).

(30) [x CAUSE [BECOME [y <result>]]]

(31) [BECOME x <state>]

Na perspectiva das autoras, esta proposta também permite explicar o motivo pelo qual não se podem obter leituras processuais a partir de uma culminação, dado que isso implicaria que a parte resultativa fosse eliminada, o que não é possível. Note-se, contudo, que a presente investigação parece levantar uma questão relacionada com este comportamento das culminações, já que a sua quantificação parece resultar numa leitura de repetição de ocorrências (cf. (32)). Esta questão será devidamente debatida no capítulo destinado à análise dos dados, onde se discutirá a leitura de frequência que surge nestes casos, numa tentativa de compreender se esta é responsável por transformar os eventos em processos.

(32) A Maria *caiu* **muito**.

- a. A grávida *desmaiou* **muito**.
- b. O bebé *adormeceu* **muito** (ao colo da irmã).

Em suma, a complementaridade modo/resultado impede que um verbo dinâmico lexicalize mais do que um radical e, conseqüentemente, cada verbo só poderá conter informação relativa a *modo* ou a *resultado*, e nunca a ambos em simultâneo. Mais importante do que a própria distinção entre verbos de modo e verbos de resultado, contudo, parece ser a consequência que esta tem na consideração da escalaridade

verbal, já que, segundo as autoras, os verbos resultativos são naturalmente escalares, ao contrário dos verbos que lexicalizam *manner*. A motivação para uma tal afirmação resulta da observação de que a mudança introduzida por verbos resultativos pode ser acomodada numa escala, por estar associada a uma dimensão de avaliação e por ser orientada, de forma progressiva, em direção a valores mais elevados nessa escala. Pelo contrário, verbos que lexicalizam *manner* “involve a complex change and not a change in a simple attribute, and, in addition, the change entailed by these verbs is not an ordered one” (Rappaport-Hovav, 2008: 18).⁷⁵ Veja-se o exemplo (33) (cf. Beavers & Koontz-Garboden, 2017: 55), no qual a escala adequada é a que mede o grau de ‘plano’ do metal.

(33) Kim hammered the metal **flat** *in five minutes*.

Ainda assim, como demonstram Duarte & Oliveira (2010), em PE, esta leitura resultativa, que ocorre muito mais raramente do que em Inglês, é obtida em construções muito específicas, nomeadamente no caso de verbos factitivos:

(34)

- a. O arquitecto construiu a cisterna **oculta**.
- b. A estilista desenhou o modelo **esburacado**.
- c. O pintor pintou a paisagem **esfumada**.

(Duarte & Oliveira, 2010: 404)

⁷⁵Tendo em conta esta perspetiva escalar, é, ainda, sugerido que verbos de diferentes tipos projetam escalas, também elas, diferentes: verbos de mudança de estado deverão estar associados a escalas de propriedades; verbos de movimento direccionado projetam escalas de percurso e, por fim, verbos de criação e consumo (tipicamente, verbos de Tema incremental) estão associados a escalas de extensão ou volume (cf. Rapaport Hovav, 2008). Para Rappaport-Hovav (2008: 17), no entanto, o último tipo de escala distingue-se dos restantes pelo facto de não ser lexicalizado pelo verbo, “but rather provided by the entity in the denotation of the object of the verb”. Esta observação tem como consequência o facto de que, nesta proposta, os verbos de Tema incremental não são escalares.

Deste modo, a proposta de Rapaport Hovav & Levin (1998; 2010; e.o.) parece não se aplicar totalmente ao PE, já que construções resultativas do tipo apresentado só muito raramente parecem ser lexicalizadas pelos verbos. Como se pode verificar nos exemplos abaixo, apenas (35a.) representa um evento télico, cuja telicidade é dada pela construção resultativa (*até ele ficar plano*), ou seja, não é lexicalizada pelo verbo.

(35) Eu martelei o metal (durante 10 minutos).

a. Eu martelei o metal *até ele ficar plano* (em 10 minutos).

Também Beavers & Koontz-Garboben (2017) apresentam motivos para discordar desta complementaridade modo/resultado, já que, ao analisarem o comportamento do verbo *climb* (*trepar*), mostram que certos verbos que lexicalizam informação relativa a *modo* (*manner-of-motion verbs*) podem, também, conter informação sobre uma mudança escalar, embora não envolvam a criação de um novo estado de coisas. Com efeito, de acordo com os autores mencionados, “while no sense of *climb* entails scalar result, they do all entail scalar change” (cf. Beavers & Koontz-Garboben, 2017: 19), motivo pelo qual se distinguem de verbos como *break* ou *cool*, que implicam sempre um estado resultativo escalar, i.e., envolvem a existência de um grau numa escala (especificado ou não), conforme fica explícito na figura abaixo.

Figura 11 – Tipologia quadripartida de verbos

	Scalar change	
	Scalar result (nonmotion)	Unspecified for scalar result (motion)
quantized change	New result entailed	No new result entailed
	Specified state reached (e.g. <i>break</i>)	Specified state reached (e.g. <i>climb_{tr}</i>)
nonquantized change	New result entailed	No new result entailed
	No specified state reached (e.g. <i>cool</i>)	No specified state reached (e.g. <i>climb_{tr+PP}/climb_{itr}</i>)

Fonte: Beavers & Koontz-Garboben (2017: 22)

Os autores sugerem assim uma espécie de enfraquecimento da noção de ‘verbo resultativo’, tal como definida por Rappaport-Hovav & Levin (1998; 2010), assumindo a existência de verbos semelhantes a *trepar* (*climb*), i.e., verbos que podem induzir uma mudança escalar, sem especificar um estado resultativo final concreto.

De um modo geral, o que se pretende demonstrar é que a obtenção de leituras télicas pode ser explicada a partir da estrutura eventiva, podendo ou não estar inserida numa perspetiva escalar. No restante do presente capítulo, serão expostas algumas das principais perspetivas sobre o modo como a telicidade emerge, tendo em conta a estrutura eventiva, tanto de um ponto de vista escalar como não escalar.

3.5. Algumas questões sobre estrutura eventiva e telicidade

A estrutura eventiva permite explicar a forma como os subeventos são combinados para formar eventos complexos e, consequentemente, quais os fatores que têm influência nesta construção composicional. Um dos fatores fundamentais relaciona-se com a existência (ou não) de um subevento de mudança de estado e, consequentemente, da presença (ou ausência) de um estado resultativo, que resulta num evento télico. A telicidade e, em particular, a sua relação com a estrutura eventiva têm sido analisadas de duas perspetivas: não escalar e escalar.

3.5.1. Propostas não escalares

3.5.1.1. Tenny (1992; 1994; 2000): o conceito de *measuring out*

Tenny (2000) defende que as estruturas eventivas estão dependentes das estruturas sintáticas, assumindo a existência de dois tipos de eventos estruturalmente diferentes, os eventos internos (‘core events’), associados a estatividade e incoatividade, e os eventos externos (‘outer events’), associados aos mecanismos de causalidade (cf. Tenny, 2000: 292). Assim, num exemplo como (36), o evento externo (*wipe*) corresponderia ao primeiro subevento da estrutura eventiva, e estaria ligado ao

evento interno (a mudança de estado que levou a que o chão ficasse limpo), através de uma relação causativa (cf. (36a.)). Parece, assim, existir uma correlação direta entre verbos com eventos internos e predicados de mudança de estado, ou seja, verbos que contêm eventos de tipo BECOME na sua estrutura eventiva.

(36) He *wiped* the floor clean.

a. [x CAUSE [floor BECOME (AT) *clean*] BY [x 'wipe' *floor*]]

(Tenny, 2000: 292)

Na visão de Tenny (1992; 2000), a presença de um evento interno na estrutura eventiva de um verbo permite que este codifique “a measure or path component”, o que tem importantes consequências no que concerne à sua gradabilidade. Assim, na presença desta componente, “the final state for the core event is a gradable predicate, admitting degree modification” (Tenny, 2000: 296). Nesta perspectiva, então, verbos de mudança de estado, verbos de tema incremental e verbos de movimento direcionado (i.e., verbos que contêm eventos internos) estão associados a propriedades graduáveis, relacionadas com a mudança de estado denotada e, por esse motivo, são elegíveis para serem modificados por advérbios de medição (Tenny, 2000).

(37) A Madalena comeu *parcialmente* a maçã.

(38) O Pedro fechou a porta *parcialmente*.

(39) O Rui correu *parcialmente* a maratona.

Em cada um dos casos apresentados acima, o advérbio de medição permite avaliar a progressão do evento, através da modificação do estado final, que reflete uma propriedade graduável relacionada com o objeto direto (cf. (37)-(38)) ou com o percurso (cf. (39)). A possibilidade de a progressão de um evento ser medida através da definição

de um ponto final de um percurso ficou conhecida nos trabalhos de Tenny (1992; 2000) como ‘measuring out’, e é constrangida pela estrutura argumental do evento.⁷⁶

Parece, assim, possível assumir que um fator que condiciona a forma como os eventos são estruturados é a presença e natureza dos argumentos verbais, que pode impor a definição de um ponto final do evento (como ocorre tendencialmente na presença de um argumento interno com referência quantizada (contável), em (40)), ou privilegiar uma leitura atélica dos eventos, na ausência de argumento interno (cf. (41)) ou na presença de um argumento interno com referência cumulativa (cf. (42)).

(40) A Maria comeu uma sanduíche (*em quinze minutos*).

a. #A Maria comeu uma sanduíche *durante quinze minutos*.

(41) O João trabalhou *durante oito horas*.

a. ??O João trabalhou *em oito horas*.

(42) O João descascou laranjas *durante duas horas*.

a. ??O João descascou laranjas *em duas horas*.

Tenny (1994) defende, assim, que a delimitação de um evento depende da presença de um verbo capaz de projetar uma escala que avalia o grau de mudança numa propriedade, bem como estabelecer um ponto final para a mesma; caso contrário, não se tratará de um ‘measuring-out verb’ (cf. Tenny, 1994 e Smollet, 2005).

⁷⁶Na verdade, para Tenny (1992: 2), existe uma “correspondence between the argument in a semantic representation which has the special aspectual role of “measuring out the event”, and the syntactic argument which may be characterized as the verb’s internal argument”. A existência de três tipos de verbos conduz à consideração de diferentes possibilidades para o conceito de ‘measure out’:

- (i) Verbos de criação e consumo: a progressão do evento mede-se relativamente à progressão ‘pelo’ (*through*) objeto;
- (ii) Verbos de mudança de estado: a progressão do evento mede-se relativamente ao grau de mudança numa propriedade do objeto;
- (iii) Verbos que indicam performance: a progressão do evento mede-se relativamente à extensão física de um objeto.

Smollett (2005), por exemplo, defende, contrariamente a Tenny (1992; 1994; 2000), que os objetos diretos quantizados não são os responsáveis pela determinação da telicidade de um predicado. Com efeito, esta autora defende que, embora os objetos diretos sejam, de facto, responsáveis por estabelecer uma escala, não são capazes de lhe impor um limite, não sendo possível garantir, em todos os casos, que a presença de um objeto direto quantizado seja suficiente para obter um predicado télico. Dessa forma, propõe que “all measuring verbs allow both non-delimited and delimited readings” (Smollett, 2005: 46), sendo o conhecimento do Mundo dos falantes o responsável máximo por essa delimitação, em todos os casos.

Também Jackendoff (1996) discute esta questão, afirmando que a capacidade de um verbo delimitar um evento está relacionada com a projeção de uma escala, mas que o estabelecimento de um ponto final para a mesma é apenas opcional. Com efeito, na perspetiva deste autor, sempre que um *measuring verb* se liga a um objeto quantizado, são projetados três eixos, que estão interligados: o primeiro codifica informação relativa à mudança verificada no objeto; no segundo, representa-se a progressão do evento e, por fim, o terceiro contém informação temporal. Assim, a possibilidade de haver duas leituras, télica e atélica, está relacionada com o facto de todos os eixos terem, ou não, um ponto final. Na perspetiva deste autor, os verbos de mudança de estado comparam-se aos verbos de movimento, ideia também presente em Krifka (1989) e Beavers (2008; 2012), na medida em que, tal como os últimos projetam uma escala que denota um percurso espacial percorrido ao longo do evento, também os primeiros projetam uma escala que mede a progressão da mudança sofrida, no decurso do evento, pela entidade que representa o objeto direto.

A importância da quantização dos objetos diretos para a determinação da telicidade das predicções tem sido bastante discutida na literatura (cf. Krifka, 1989; Tenny, 1992, 1994; Verkuyl, 1993, entre muitos outros). Um dos trabalhos mais influentes sobre a relação entre a estrutura eventiva e a telicidade dos eventos, tendo em conta a sua estrutura argumental, é o de Krifka (1989), que propõe a existência de um homomorfismo, ou seja, uma correlação direta, entre a estrutura partitiva de um

evento e a estrutura partitiva do seu argumento interno, que com ele estabelece uma relação incremental.

3.5.1.2. Krifka (1989): o conceito de homomorfismo incremental

Para Krifka (1989), a importância dos argumentos internos numa predicação verbal consubstancia-se no estabelecimento de uma relação temática⁷⁷ com o verbo, que garante uma correspondência exata entre a constituição partitiva do argumento interno e a constituição partitiva do evento. Esta relação assegura “a transfer of reference properties due to a series of homomorphic θ -relations that relate events and incremental themes such that constraints on the mereological properties of one are reflected in the other” (Beavers, 2012: 25).

A relação de incrementalidade estrita, que garante que o Tema é afetado numa propriedade de forma gradual no decurso do evento, depende da existência de duas propriedades, definidas por este autor, o mapeamento a subeventos (MSE) (cf. (43)) e o mapeamento a subobjetos (MSO) (cf. (44)).⁷⁸

$$(43) \forall x, y \in U_P \forall e \in U_E [\theta(x, e) \wedge y <_P x \rightarrow \exists e' [e' <_E e \wedge \theta(y, e')]]$$

- a. Por palavras: “se x é o tema de e , e y é uma parte de x , então existe uma parte única de e (e') cujo tema é y ”

$$(44) \forall x \in U_P \forall e, e' \in U_E [\theta(x, e) \wedge e' <_E e \rightarrow \exists y [y \leq_P x \wedge \theta(y, e')]]$$

⁷⁷De acordo com Parsons (1990) (e.o.), os papéis temáticos são vistos como funções que relacionam os eventos com os seus participantes.

⁷⁸A estas condições acrescentam-se, ainda, a unicidade de objetos e unicidade de eventos, conforme definidas em Krifka (1989: 92):

- (i) Uniqueness of objects captures the fact that an event is related to a specific object; for example, a drinking of a glass of wine is related only to this glass of wine as patient, and to nothing else.
- (ii) Uniqueness of events says that there is only one event related to the object by the thematic relation; for example, for a specific glass of wine there can be only one drinking event

- a. Por palavras: “se x é o tema de e , e e' é uma parte de e , então existe uma parte única de x que constitui o tema de e' ”

(cf. Krifka, 1998: 211-212)

Através destas propriedades, o autor mostra que a telicidade é explicada pela presença de um predicado nominal com referência quantizada. De facto, numa frase como a exemplificada em (45), o evento *comer uma sanduíche* contém um conjunto de subeventos, da mesma forma que o SN *uma sanduíche* pode ser subdividida em partes mais pequenas. Deste modo, o homomorfismo entre evento e argumento interno implica que cada subevento esteja associado a uma parte (única) do argumento Tema e , complementarmente, a cada parte do objeto direto corresponde um subevento único do evento. Uma vez que, pelos princípios do homomorfismo estrito apresentados na proposta de Krifka (1989), a mesma parte do objeto direto não pode funcionar como argumento Tema de dois subeventos diferentes, quando todas as partes do objeto tiverem sido utilizadas como Tema de algum subevento, o objeto deixa de existir e, a partir desse momento, o evento deixa de progredir.

(45) A criança comeu uma sanduíche.

O ponto de culminação do evento depende, então, da presença de um Tema incremental, i.e., um argumento com função de objeto direto, cuja extensão possa ser definido, como já observado por Leal (2009: 236), ao afirmar que “o predicado verbal é télico se se estabelecer a necessária relação incremental e o argumento nominal denotar uma quantidade especificada de entidade, i.e., se for um predicado quantizado”. Com efeito, a substituição do argumento interno quantizado por um argumento interno com referência cumulativa, como o nome massivo *café* ou o *bare plural sanduíches*, inibe a leitura télica dos eventos, que passam a ser interpretados como atélicos (cf. (46)-(47)).

(46) O funcionário bebeu *café* (durante dez minutos).

(47) A criança comeu *sanduíches* (durante dez minutos).

Do mesmo modo, se um evento não estabelecer uma relação homomórfica com o seu argumento interno, como *empurrar o carrinho* (cf. Krifka, 1989: 12), também falha na marcação da telicidade, denotando um evento atético, mesmo que o argumento interno tenha referência quantizada (cf. (48)).

(48) A criança empurrou o carinho *durante 10 minutos*.

a. *A criança empurrou o carrinho *em dez minutos*.

Isto significa que, na proposta de Krifka (1989), a telicidade é obtida pela quantização do argumento interno (ou seja, um evento é tético se o seu argumento interno tiver referência quantizada) e, simultaneamente, pela presença de uma relação homomórfica entre o evento e o seu argumento interno, que garante uma progressão do evento onde este argumento (com função de Tema) é afetado gradualmente. O mesmo autor desenvolve a sua proposta em trabalhos subsequentes (cf. Krifka, 1998), notando que o mesmo raciocínio pode ser aplicado a verbos de outros tipos, nomeadamente verbos que envolvem mudança numa propriedade (como *cozinhar o bife*) e verbos que envolvem movimento espacial (como *correr da escola até casa*).

No caso de predicados de movimento espacial, o autor prevê a existência de, pelo menos, três argumentos (o evento, o objeto e o percurso percorrido), que se relacionam por uma *strict movement relation* (SMR). Neste caso, a incrementalidade é garantida por uma propriedade, designada de adjacência temporal, que garante que “temporal adjacency of movement events is reflected in spatial adjacency of the paths, and vice versa” (Krifka, 1998: 23). Deste modo, numa frase como (49), é possível especificar que o percurso se estabelece entre dois pontos, uma fonte (a *faculdade*) e um alvo (a *Câmara Municipal*), e que é percorrido de forma ‘incremental’ pela Maria.

(49) A Maria caminhou desde a faculdade até à Câmara Municipal.

a. $\lambda e \exists x [\text{walk} (M, x, e) \wedge \text{SOURCE} (x, F, e) \wedge \text{GOAL} (x, C, e)]$

Por fim, os verbos que refletem uma mudança numa propriedade são analisados da mesma forma que os verbos de movimento. Significa isto que um verbo de mudança de estado pode ser conceptualizado como um movimento espacial, mas numa dimensão relativa a uma propriedade graduável (por exemplo, temperatura, largura, comprimento, etc.). Seguindo este raciocínio, uma entidade que mude de estado relativamente a uma propriedade graduável (por exemplo, a sua largura), pode ser vista como uma espécie de percurso, percorrido pela entidade que sofre a mudança de estado, entre os estados inicial e final. Vejam-se os exemplos abaixo, adaptados de Krifka (1998: 27).

(50) A Maria aqueceu a água *dos 30°C aos 90°C*.

a. $\lambda e [\text{heat} (M, W, e) \wedge \text{SOURCE} (e, 30^\circ\text{C}) \wedge \text{GOAL} (e, 90^\circ\text{C})]$

Apesar da sua relevância no estudo da telicidade, a proposta de Krifka (1989) apresenta algumas questões problemáticas, conforme nota o próprio autor (1998) e também Rothstein (2004). Em primeiro lugar, note-se que, em certos casos, como *descascar a maçã*, a extensão espacial da entidade denotada pelo objeto direto não é responsável por definir a extensão temporal do evento, porque a entidade, em si, não é diretamente afetada. Segundo o autor, o que parece contribuir para a definição da telicidade, nestes casos, é apenas um aspeto desta entidade, como a sua superfície externa (a casca). Um outro problema prende-se com a existência de casos em que a incrementalidade não está garantida. De facto, em certos casos, existem partes do Tema que não são diretamente afetadas por partes correspondentes do evento. Veja-se o caso de (51), que envolverá um conjunto de subeventos (por exemplo, a montagem das infra-estruturas de apoio à construção), que ocorrem antes mesmo de o Tema, *a casa*,

começar a ser criado. Casos opostos, em que diferentes subeventos podem relacionar-se mais do que uma vez com a mesma parte do argumento Tema (cf. (52)), também são possíveis, como se verifica no caso da leitura de um livro, em que pode repetir-se várias vezes o mesmo conjunto de frases, parágrafos ou, até, ler repetidamente o mesmo capítulo.

(51) O construtor construiu *a casa*.

(52) A Mariana leu O Monte dos Vendavais.

Rothstein (2004) mostra, ainda, que certos verbos, como *esfregar* (*wipe*) ou *polir* (*polish*), podem ser ambíguos entre uma leitura télica e uma leitura atélica, o que não se coaduna com a perspetiva de que a quantização do objeto é suficiente para garantir a telicidade do evento.

(53) A funcionária poliu a panela *durante dez minutos*.

a. A funcionária poliu a panela *em dez minutos*.

Este comportamento leva a autora a concluir que a possibilidade de estabelecer uma relação de homomorfismo com o argumento interno parece ser fundamental na definição da telicidade. O estabelecimento do homomorfismo depende do verbo, havendo verbos em que esta relação é obrigatória (*construir*), outros em que ela não é necessária (como *empurrar*) e outros, ainda, em que esta pode emergir, de forma opcional, mas não é obrigatória (como *esfregar* ou *polir*).

Por fim, em certos eventos, indubitavelmente télicos, a telicidade não parece depender da extensão física do objeto direto, nem mesmo do estabelecimento de uma relação homomórfica entre a estrutura mereológica do evento e a estrutura partitiva do objeto direto. Um exemplo deste problema é a frase (54), na qual o objeto direto, o

computador, sofre uma mudança de estado que é denotada de forma pontual, sendo precedida de um processo preparatório (que constitui ‘a reparação do computador’).

(54) O informático reparou o *computador* (em duas horas).

De acordo com a autora, uma forma de solucionar este problema é considerar que a incrementalidade deste tipo de eventos depende do processo que a precede, esse sim, incremental. Rothstein (2001; 2012) sugere, ainda, que existem diferentes fontes para a estruturação do evento de mudança de estado, o que resulta na possibilidade de distinguir três tipos de processos culminados: i) processos culminados lexicalmente especificados; ii) processos culminados complexos, ou prototípicos; e iii) processos culminados de mudança de estado. No primeiro caso, ilustrado por eventos como *ler o livro*, o Processo Culminado é estruturado tendo em conta o ‘tipo de atividade’ especificado no evento processual. Retomando as palavras da autora, “a lexically specified accomplishment has an activity subevent which is similar in the relevant way to simple activities, namely it consists of a single minimal event pattern (...) which is repeated more or less continuously while the event is going on” (Rothstein, 2012: 87). No segundo caso, de que é exemplo o evento *construir a casa*, a autora defende que o Processo Culminado é definido tendo em conta um conjunto de subeventos diferentes entre si, que correspondem a diferentes tipos de atividade (como *escavar o terreno* para acomodar a construção, *colocar tijolos* ou *realizar os acabamentos finais*). A interpretação de um evento deste tipo requer, então, um conhecimento prévio sobre o conjunto prototípico de atividades a realizar para que o evento chegue ao seu ponto final, i.e., culmine. Por fim, no terceiro e último caso, ilustrado por eventos como *reparar o computador*, que, para a autora, é o único em que o Tema não é gradual ou incrementalmente afetado, a estruturação do Processo Culminado depende da existência de um processo que conduz a uma mudança de estado instantânea (Rothstein, 2012: 90).

Apesar de configurar uma ideia inovadora e potencialmente relevante, a proposta de que os processos culminados podem ser subdivididos em três subtipos parece carecer de maior análise, na medida em que se torna difícil compreender as diferenças exatas entre os diferentes subtipos mencionados. Com efeito, repare-se que, tanto os processos culminados lexicalmente especificados, como os processos culminados prototípicos são estruturados tendo em conta o tipo de atividade denotado na fase processual do evento, distinguindo-se pelo facto de que, no primeiro caso, esta atividade é lexicalmente definida, enquanto, no segundo, a definição é contextual. Outro problema parece consistir em perceber de que forma é que o processo ‘prototípico’ é diferente num evento de *construir uma casa* ou *reparar um computador*, eventos que a autora alega pertencerem a diferentes subclasses. Além disso, também não parece ficar claro o que separa os verbos do terceiro subtipo de processo culminado das culminações simples, dado que, como afirma, nestes, a mudança de estado é instantânea e definida de forma independente da fase processual.

Apesar de não concordar em absoluto com a proposta de Rothstein (2001; 2004; 2012) aqui apresentada, esta levanta uma questão relevante no âmbito da presente investigação, nomeadamente a consideração de diferentes tipos de *accomplishments*, pondo em evidência a necessidade de analisar esta classe, a mais complexa, de forma mais aprofundada.

Até agora, todos os trabalhos apresentados têm em comum a particularidade de explicarem a telicidade dos eventos tendo em conta a forma como os verbos e os seus argumentos se relacionam. No entanto, existe um conjunto de propostas alternativo, nas quais a telicidade é explicada com recurso a conceitos escalares, como se verá de seguida.

3.5.2. Propostas escalares:

3.5.2.1. Kennedy (2007; 2012): o conceito de mudança incremental escalar

De facto, como nota Kennedy (2012), apesar da existência de várias propostas sobre a composição aspetual, a maioria baseia-se na noção de incrementalidade para explicar a (a)telicidade dos eventos, excetuando-se os trabalhos de Hay *et al.* (1999) e de Kennedy & Levin (2008), que apresentam uma proposta explicativa baseada em noções escalares. Ainda assim, mesmo estas propostas restringem-se à análise de *Degree Achievements* (DAs), verbos que, por derivarem de adjetivos graduáveis, são naturalmente escalares. Apesar de sugerirem que a sua proposta deverá ser abrangente o suficiente para explicar o comportamento de verbos de movimento e de verbos de Tema incremental (cf. Kennedy & Levin, 2008), a verdade é que os autores não explicitam esta extensão. Além disso, uma dificuldade acrescida prende-se com o facto de, no caso dos verbos de Tema incremental, ser necessário ter em consideração a presença e natureza dos argumentos internos, que têm impacto na telicidade final dos eventos.

Reconhecendo esta lacuna, Kennedy (2012: 105) estende a análise dos autores supramencionados a verbos de Tema incremental, assumindo que “the change scale comes from a measure function associated with the incremental theme argument itself”. Este autor concorda, assim, com a proposta de Rappaport-Hovav (2008) e Rappaport-Hovav & Levin (2010), que assumem que os verbos de Tema incremental não são inerentemente escalares, ou seja, não lexicalizam escalas. Kennedy (2012) propõe, então, que a escalaridade associada a este tipo de verbos advém da semântica do próprio Tema incremental.

Gawron (2007) mostra que verbos como *escrever*, *beber*, *ler* e similares (i.e, os designados processos culmináveis) têm algumas restrições quanto à aceitabilidade com frases construídas com expressões graduáveis (cf. (55)-(57)). Baseando-se nesta análise, Kennedy mostra que a explicitação de uma construção partitiva associada ao argumento interno com função de objeto direto (cf. (55a)-(57a.)) parece resolver este problema.

(55) ??Jones wrote the paper more than Smith did.

a. Jones wrote more *of* the paper than Smith did.

(56) ??Jones wrote the paper too much.

a. Jones wrote *too much* of the paper.

(57) ??Jones wrote the paper two sections.

a. Jones wrote *two sections* of the paper.

(Kennedy, 2012: 114-115)

De acordo com estas observações, o autor propõe a existência de uma função de medição, m_{Δ} , associada ao Tema incremental, particularmente, à sua estrutura mereológica, que permite avaliar a quantidade do objeto representado pelo argumento Tema que muda ao longo do evento.⁷⁹ Esta função de medição deverá estar associada à presença de um morfema partitivo incremental, $part_{inc}$, que “takes an individual x and returns an expression that measures the degree to which a portion of its constitutive parts change (increase or decrease) as a result of participation in an event e ”, segundo a fórmula apresentada em (58) (Kennedy, 2012: 119).

$$(58) [[part_{inc}]] = \lambda x \lambda d \lambda y \lambda e. partof_{\Delta}(x)(y)(e) = d$$

Esta função de medição pode combinar-se com uma expressão de medição explícita, que satura o argumento de grau (d) (cf. (59)), permitindo, assim, dar conta da extensão da mudança sofrida pelo argumento Tema no decurso do evento.

⁷⁹O autor assume, na mesma linha de Cresswell (1976), Krifka (1989; 1992) e Schwarzschild (2005), que todos os sintagmas nominais estão associados a uma função de medição, que mede os objetos de acordo com a noção de ‘unidades naturais’ herdada de Krifka (1989) (cf. (i)), e que essa mesma função pode ser convertida numa função que mede a mudança de estado incremental (cf. (ii)).

(i) $[[dumpling(s)]] = \lambda d \lambda x \lambda s. dumplings(x) \wedge \text{NU}(dumplings)(x)(s) = d$

(onde a variável denotada por s representa, de um modo abrangente, situações, ou seja, eventualidades)

(ii) $[[dumpling(s)_{inc}]] = \lambda d \lambda x \lambda e. dumplings(x) \wedge \text{NU}_{\Delta}(dumplings)(x)(e) = d$

(cf. Kennedy, 2012: 116-117)

(59) A Maria comeu três fatias da pizza.

- a. $\lambda e. \exists x [\text{comer}(e) \wedge \text{partof}_{\Delta}(\text{pizza})(x)(e) = 3 \text{ fatias}]$

Similarmente, a expressão de medição pode não estar explícita e, neste caso, a avaliação da mudança sofrida pelo argumento Tema depende da existência de um *standard* de comparação implícito. De acordo com Kennedy (2012), a função de medição associada ao morfema partitivo corresponde a uma escala fechada⁸⁰, o que tem como consequência o facto de o *standard* de comparação pode ser definido no valor mínimo ou máximo dessa mesma escala. Este comportamento parece constituir uma explicação para a telicidade variável de eventos como (60).

(60) O menino comeu a maçã *em cinco minutos*. – Evento télico

- a. O menino comeu a maçã *durante cinco minutos*. – Evento atélico

Segundo a perspectiva defendida por Kennedy (2012), então, a forma como o *standard* de comparação é fixado é fundamental para explicar a interpretação final dos eventos, devendo ser fixado no valor máximo da escala, no caso dos eventos télicos (cf. (61)), ou no valor mínimo, no caso dos eventos atélicos (cf. (62)).

(61) O menino comeu a maçã (*em cinco minutos*).

- a. $\lambda e. \exists x [\text{comer}(e) \wedge \text{partof}_{\Delta}(\text{maçã})(x)(e) = 1]$

(62) O menino comeu a maçã (*durante cinco minutos*).

- a. $\lambda e. \exists x [\text{comer}(e) \wedge \text{partof}_{\Delta}(\text{maçã})(x)(e) > 0]$

⁸⁰A justificação para se tratar de uma escala fechada prende-se com o facto de que esta escala mede o grau de pertença de uma quantidade indefinida de matéria a um indivíduo, pelo que, conceptualmente, este grau pode ser 0 – *nenhuma parte pertence a x* – ou 100 – *todas as partes pertencem a x*.

Apesar de constituir uma proposta importante, na medida em que permite estabelecer uma correlação direta entre a estrutura partitiva do evento e a estrutura partitiva do objeto denotado pelo sintagma nominal, numa perspetiva escalar, algumas questões ficam, ainda, sem resposta. Uma questão que fica por analisar é o comportamento dos verbos de movimento, que também envolvem uma mudança de estado (neste caso, de localização espacial) e, por esse motivo, a escala de medição correspondente deverá medir um percurso, que pode ou não estar explícito (cf. (63)-(63a.)), ou uma distância (cf. (63b.)).

(63) O menino correu (*durante meia hora*).

- a. O menino correu *da escola até casa*.
- b. O menino correu *10 km*.

Além disso, assumindo-se a presença de argumentos de grau que podem ou não ser saturados por expressões de medição explícitas, o trabalho de Kennedy (2012) não parece dar conta de casos como o estudado na presente investigação, em que a presença de uma expressão de medição explícita, como o caso de *muito*, pode estar relacionada com escalas de diferentes tipos (em (64), por exemplo, *distância*, *duração* ou *intensidade*).

(64) O menino correu **muito**.

- a. O menino correu durante muito tempo.
- b. O menino correu uma grande distância.
- c. O menino correu *muito intensamente*.

3.5.2.2. Bochnak (2013): fontes de escalaridade no SV

Bochnak (2010; 2013) também estuda os verbos de Tema incremental de uma perspectiva escalar, propondo, ao analisar frases como a apresentada em (65), a existência de duas fontes de escalaridade dentro do sintagma verbal, que originam escalas de diferentes tipos, nomeadamente, uma escala de quantidade e uma escala de qualidade.

(65) Keelin *half read* the book.

(Bochnak, 2013: 105)

A escala de quantidade, como defende o autor, está diretamente associada à presença de um Tema incremental e, em particular, às suas partes constituintes. Estas deverão relacionar-se com esta escala através de um núcleo funcional, μ , originando uma leitura eventiva, que dá conta do número de partes do Tema envolvidos no evento (numa perspectiva semelhante à de ‘measuring out’, proposta por Tenny (1992)). A segunda origina uma interpretação avaliativa do evento, por se relacionar com uma escala de qualidade (ou de ‘prototipicalidade’), dando conta da aproximação do evento a um evento ideal, ou prototípico, descrito pelo verbo em causa.

O autor propõe, assim, que os verbos de Tema incremental não são escalares, mas podem ganhar um argumento de grau, se se combinarem com um argumento Tema. Segundo o mesmo autor, o Tema incremental é apenas opcionalmente selecionado pelo verbo, podendo não estar presente, caso em que o verbo deverá comportar-se como um verbo intransitivo (cf. (66), adaptado de Bochnak, 2010).

(66) Ontem, nós comemos/lemos/esfregamos.

O comportamento destes verbos, especialmente a não obrigatoriedade de seleção de um argumento Tema, levou o autor a assumir que as escalas de quantidade não são lexicalizadas pelo verbo, mas pelo próprio argumento Tema, tal como tinha sido

já notado por outros autores (cf. Krifka, 1998, Smollett, 2005, e.o; Kennedy, 2012.). O mesmo não ocorre com as escalas de qualidade, que forçosamente dizem respeito a uma propriedade prototípica do evento descrito e, por esse motivo, fazem parte do significado do verbo.

Seguindo o raciocínio proposto, então, só os Temas incrementais com referência quantizada deverão constituir elementos delimitados e, por isso, implicar a existência de uma escala fechada, que é imposta ao evento. Só depois de estabelecida esta escala, ao nível do SV, se torna possível a modificação verbal por adverbiais de quantificação, os *proportional modifiers*, como *muito, pouco, meio, completamente, totalmente*, e outros semelhantes. De facto, ao analisar a compatibilidade com *half*, um modificador proporcional, Bochnak (2013) nota que a interpretação eventiva (associada a uma escala de quantidade) só ocorre quando o argumento Tema está explícito e tem referência quantizada (cf. (67a.) e (68a.)), ao contrário da interpretação avaliativa (associada a uma escala de qualidade), que pode ocorrer na ausência de argumentos (cf. (67b.)) ou na presença de argumentos com referência quantizada (cf. (67a.)-(89a.)) ou cumulativa ((68b.)).

(67)

- a. Ann *half sang* the opera. – Leitura eventiva ou avaliativa.
- b. Ann *half sang*. – Leitura avaliativa apenas

(68)

- a. Alana *half ate* a stack of pancakes. – Leitura eventiva ou avaliativa
- b. Alana *half ate* pancakes. – Leitura avaliativa apenas

(Bochnak, 2013: 103)

A telicidade surge associada à leitura eventiva, enquanto a atelicidade surge associada à leitura avaliativa. Consequentemente, a telicidade continua a estar relacionada com a quantização do Tema, como acontece na maioria das propostas sobre

telicidade de eventos representados por verbos com Temas incrementais. O que Bochnak (2013) parece acrescentar é a perspetiva escalar. Assim, enquanto operador escalar, a função de *half* é a de saturar o argumento de grau (presente em predicados graduáveis), atribuindo-lhe um valor. Como *half* mede, precisamente, o ponto médio da escala (ou seja, um valor exato entre os valores mínimo e máximo), este pode ser representado da seguinte forma, na qual **mid** (S_G) representa a função que permite calcular este valor intermédio⁸¹:

$$(69) [[half]] = \lambda G \lambda x. G(x)(\mathbf{mid}(S_G))$$

(Bochnak, 2013: 107)

Na leitura eventiva, i.e., a leitura que mede a extensão do evento, o modificador atuará numa escala de quantidade, que se baseia na estruturação interna da entidade referida pelo argumento Tema, ou seja, nas suas subpartes. Esta possibilidade é justificada pela existência de uma função graduável μ , definida em (70) (cf. Bochnak, 2013: 112), que relaciona um sintagma nominal (i.e., o Tema incremental) com uma descrição eventiva graduável, cujo Tema corresponde às partes desse sintagma nominal, medidas numa escala de quantidade, com grau igual a d . Ou seja, para Bochnak (2013), a estrutura escalar está relacionada com uma propriedade do Tema (a sua quantidade) e não com o Tema em si, o que significa que, nesta proposta, o argumento Tema é

⁸¹Na ausência de um modificador de grau, que sature o argumento de grau do predicado graduável, a saturação é feita com recurso a informação contextual, através de um morfema de grau nulo *pos* (conforme definido em Kennedy & McNally, 2005; ver Capítulo 2). Quando o argumento interno corresponde a um sintagma nominal definido, como em (i), a escala que projeta é delimitada e, por esse motivo, o morfema nulo *pos* fixa o valor do argumento de grau no grau máximo da escala, de onde resulta uma leitura télica. No caso de a escala ser aberta, como acontece com argumentos internos não quantizados (cf. (ii)), o grau máximo da escala não está definido, dado que argumentos desta natureza projetam escalas abertas. Tal comportamento tem como consequência o facto de que o argumento de grau terá de ser preenchido com recurso a um standard ‘contextual’, que resulta numa interpretação vaga.

- (i) A Maria comeu *a maçã*.
- (ii) A Maria comeu *maçãs*.

reconceptualizado, de tal modo que é sempre perspectivado como o conjunto de “parts of the nominal that constitute the incremental theme argument” de um evento (Bochnak, 2013: 112).

$$(70) [[\mu]] = \lambda x \lambda d \lambda e. \exists y [y \leq x \wedge \text{theme}(e)(y) \wedge \text{quantity}(y) = d]$$

Assim, a interpretação de um evento do tipo *half eat an apple* depende, em primeiro lugar, da combinação de $[[\mu]]$ com o sintagma nominal que denota o Tema (cf. (71)). Desta combinação, resulta uma propriedade graduável associada ao evento (nomeadamente, a quantidade d de partes da maçã).

$$(71) [[\mu \quad \text{the} \quad \text{apple}]] = \lambda d \lambda e. \exists y [y \leq \text{the apple} \wedge \text{theme}(e)(y) \wedge \text{quantity}(y) = d]$$

De seguida, o modificador de grau (neste caso, *half*) atua no sentido de saturar o argumento de grau, d , de onde resulta o estabelecimento de uma descrição eventiva graduável:

$$(72) [[\text{half } \mu \text{ the apple}]] = \lambda e. \exists y [y \leq \text{the apple} \wedge \text{theme}(e)(y) \wedge \text{quantity}(y) = \mathbf{mid}(S_{apple})]$$

Esta pode, por fim, combinar-se com o verbo:

$$(73) [[\text{eat} \quad \text{half} \quad \mu \quad \text{the} \quad \text{apple}]]^{82} = \lambda e. \text{eat}(e) \wedge \exists y [y \leq \text{the apple} \wedge \text{theme}(e)(y) \wedge \text{quantity}(y) = \mathbf{mid}(S_{apple})]$$

⁸²Note-se, ainda, que, segundo esta proposta, “when *half* or other proportional modifiers combine with μ , those modifiers move to a position above the verb to arrive at the correct word order (i.e., *half eat the*

Este comportamento dos *proportional modifiers*, nomeadamente o facto de aceitarem combinar-se apenas com predicados graduáveis de escala fechada, permite explicar por que é que não podem ocorrer com argumentos com referência cumulativa, como os *bare plurals* ou nomes massivos (**A Ana comeu meio/metade maçãs*) uma vez que, “when a bare plural or mass noun combines with μ , the resulting set of degrees corresponds to an open scale” (Bochnak, 2013: 115). Estes modificadores também não são aceitáveis quando o argumento está ausente (*A Ana trabalhou meio/metade*), dado que, nesse caso, não existe nenhuma escala disponível sobre a qual o modificador de grau possa atuar.

Deste modo, e dito de forma resumida, a função de medição μ é responsável por introduzir, na estrutura eventiva, o argumento de grau gerado pela presença do argumento Tema e, conseqüentemente, atribuir uma escala ao predicado. A função dos modificadores proporcionais é a de preencher o argumento de grau, que é preenchido por informação contextual na ausência destes. O facto de a escala ser lexicalizada pelo Tema, por um lado, e estes verbos poderem ser utilizados de forma intransitiva, por outro, leva Bochnak (2013: 22) a assumir que os verbos de Tema incremental não contêm, na sua denotação, um argumento de grau e, por esse motivo, não são escalares, correspondendo basicamente a processos (intransitivos), que podem receber um elemento capaz de os delimitar. Conseqüentemente, o modificador não pode modificar diretamente o verbo, o que comprova que “all the action of degree semantics is internal to the VP” (Bochnak, 2013: 14).

Quanto à leitura avaliativa proposta pelo autor, esta relaciona-se com uma escala de qualidade, não sendo responsável por medir a extensão dos eventos, antes avaliando a proximidade do evento descrito ao evento prototípico designado pelo

apple) and μ is unpronounced, whereas for other degree constructions, the degree word stays in situ, and μ is spelled out as *of*” (Bochnak, 2013: 15). Este comportamento demonstra que, na interpretação eventiva, a construção *half eat the apple* é equivalente a *eat half of the apple*.

verbo. Assim, a interpretação avaliativa de um evento *half eat the apple* determina que este evento não se aproxima de um evento prototípico (*eat the apple*). O autor propõe que esta segunda interpretação advém de uma atuação diferente do quantificador, dado que, neste caso, *half* combina-se diretamente com o verbo. A consequência desta proposta é que, na vertente avaliativa, estes verbos lexicalizam uma escala de qualidade, sendo, realmente, escalares, ao contrário do que tinha sido assumido na interpretação eventiva.

Em termos gerais, a ideia de que existem dois tipos de escala, uma lexicalizada pelo verbo e outra lexicalizada pelo argumento Tema⁸³, parece explicar o motivo pelo qual os modificadores proporcionais aceitam combinar-se com predicados télicos e atélicos: quando o modificador proporcional atua ao nível do verbo, as propriedades aspetuais básicas do verbo são mantidas e a telicidade não é marcada, o que significa que, nestes contextos, depende da presença (e da natureza) de um argumento interno⁸⁴. A telicidade do evento obtém-se, assim, ao nível do SV pela presença de um argumento Tema quantizado, que projeta uma escala obrigatoriamente fechada.

A proposta em análise apresenta a vantagem de conseguir explicitar o papel do argumento Tema na construção da telicidade, partindo de uma perspetiva escalar e comprovando, uma vez mais, que “telicity is compositional” (Bochnak, 2013: 21). Ainda

⁸³Esta proposta é posteriormente discutida, com base nas ideias de Rappaport-Hovav (2008), por Kwapiszewski (2020), que analisa verbos de Tema incremental em construções do tipo *começar SN*, notando que, com argumentos plurais (como *oito filmes*), a leitura do SV é obrigatoriamente distributiva (i.e., existem *oito eventos de começar a ver um filme*). A partir desta análise, então, o autor demonstra que as escalas de extensão dependem, não só da existência de um argumento Tema, mas da atomicidade deste. O autor defende, tal como Kennedy (2012), a existência de um morfema partitivo (*PART_{inc}*), que atribui uma estrutura partitiva ao argumento Tema, acrescentando a esta ideia o facto de que “the atomicity restriction is hard-wired into the meaning of *part_Δ*” (Kwapiszewski, 2020: 492). Esta proposta permite explicar a interpretação distributiva de frases como *começar oito filmes*, que só pode ser analisado de forma incremental se se assumir uma perspetiva atómica, i.e., de que *começar* se aplica a cada um dos átomos na denotação de *oito filmes*, o que significa que “for each film *x* there exists an initial subevent *e'* of an event *e* such that *e* incrementally affects the extent of *x* in some unspecified manner” (Kwapiszewski, 2020: 493).

⁸⁴Bochnak (2013) defende, ainda, que, na ausência de quantificadores, a informação relativa ao grau é introduzida pelo contexto, dado que “a null verbal *pos* morpheme supplies the degree argument with a contextual standard” (Bochnak, 2013: 21).

assim, e apesar de representar uma tentativa explicativa da modificação proporcional aplicada diretamente à estrutura eventiva, o autor acaba por associar, ao mesmo verbo, um comportamento escalar e um comportamento não escalar. Esta ideia não parece ser muito plausível, particularmente porque restringe a escalaridade verbal apenas a escalas avaliativas, que medem a ‘prototipicalidade eventiva’. Porém, os dados do PE mostram que diferentes verbos parecem estar associados a diferentes escalas, especialmente perante modificação proporcional:

(74) A Maria brincou **muito**. – Escala de intensidade

- a. O João dormiu **pouco**. – Escala de duração
- b. O atleta correu **bastante**. – Escala de distância
- c. O bebé tossiu **imenso**. – Escala de intensidade ou frequência

Além disso, na perspectiva do autor, a leitura eventiva de *half* é acompanhada de um movimento “from the position within the VP close to the theme argument where I claimed it occurred at LF to the position left of the verb where it is pronounced in English” (Bochnak, 2013: 22). Esta explicação permite fazer a transposição do comportamento destes modificadores do Inglês para outras línguas, nomeadamente o PE, o que justifica que, em PE, *half eat the apple* possa ser traduzido para *comer meia maçã*, na leitura eventiva (cf. Bochnak, 2013). No entanto, esta transposição não funciona para a leitura avaliativa, cuja tradução deveria corresponder a *meio comer uma maçã*, ou seja, um evento que não ilustra o evento prototípico *comer uma maçã*.

Um último problema que se verifica para a presente proposta é a impossibilidade de explicar de forma adequada o comportamento de outros modificadores proporcionais, como o caso de *muito*, *imenso*, *bastante*, *parcialmente*, que não implicam a medida de um valor exato, como acontece no caso de *half*. Na proposta do autor, *half* é representado por $\text{mid}(S_G)$, uma função que seleciona o valor intermédio exato entre os valores máximo e mínimo de uma escala. No entanto, não fica claro qual seria a função correspondente no caso de *muito* ou *parcialmente*, nem que valor seria

selecionado por esta mesma função, mesmo que se estivesse perante uma escala fechada, cujos valores mínimo e máximo estivessem definidos.

3.5.2.3. Beavers (2008; 2012): o conceito de incrementalidade dupla

Partindo da observação de que, além da informação lexicalizada pelos verbos, “it is known that certain participants also enter into aspectual composition and partly determine the predicate’s aspectual class” (Beavers, 2012: 24), Beavers (2008; 2012) assume, na linha de Krifka (1989: 213), que existe um homomorfismo que relaciona o evento e o seu argumento interno, através de uma relação estritamente incremental (Strictly Incremental Relation, doravante SINC). Ao definir que, a cada parte única do paciente corresponde uma única parte do evento (e vice-versa), esta relação garante a telicidade da predicação.

Beavers (2008; 2012) nota, ao analisar verbos de movimento, que estes definem um evento em que um percurso é percorrido de forma gradual (i.e., incremental) por uma dada entidade. Defende, por isso, que também é possível definir uma relação de tipo SINC para verbos de movimento. Neste caso, a *relação de movimento estrito* (Strict Movement Relation, doravante SMR) (cf. (75), em Krifka, 1989: 224) “preserves spatial/temporal adjacency: progress of the event involves progress along the path, where temporally adjacent progress through the event corresponds to spatially adjacent progress along the path” (Beavers, 2008: 93), assegurando a propriedade CP (*connected paths*) (cf. (76), em Beavers, 2012: 30).

(75) Event e is ϑ -related to path p such that every unique part of e is ϑ -related to a unique part of p and vice versa and temporal adjacency in e corresponds to spatial adjacency in p and vice versa.

(76) $\forall x \in U_H \forall e \in U_E [\theta(x, e) \rightarrow x \in P_H]$

- a. Por palavras: Para toda a entidade x , relacionada com o evento e por uma relação θ , x é uma parte de uma estrutura que contém percursos interligados.

A partir destes pressupostos teóricos, o autor nota que certos predicados podem conter, não um, mas dois argumentos Tema, ambos afetados de forma incremental no decurso do evento. Efetivamente, analisando frases com as apresentadas em (77) e (78), Beavers (2012: 25) demonstra que, no caso de verbos de movimento, não são apenas as alterações nas características internas do argumento Tema (quantização vs. cumulatividade) que têm influência na telicidade final da predicação, mas também a delimitação (ou não) do percurso conflui para atribuir uma interpretação final télica (ou atélica) aos predicados.

(77)

- a. The earthquake shook *a book* off the shelf *in a few seconds*.
- b. The earthquake shook *books* off the shelf *for a few seconds*.

(78)

- a. The earthquake shook *a book* *for a few seconds*.
- b. The earthquake shook *books* *for a few seconds*.

De facto, tendo em conta os exemplos apresentados, é possível perceber que apenas (77a.) representa um argumento télico, por envolver a presença de um argumento interno quantizado e, simultaneamente, um percurso delimitado. No caso de (77b.), a delimitação do percurso não é suficiente para garantir a telicidade, dado que a cumulatividade do argumento interno implica, neste caso, a atelicidade do evento. Ainda assim, o percurso parece ter um papel relevante na definição da telicidade, já que, na sua ausência, o evento é atélico, independentemente da quantização do argumento interno (cf. (78)). Estas considerações levaram Beavers (2012) a assumir a existência uma dupla incrementalidade (ver, também, Jackendoff, 1996), que envolve o argumento Tema e o conceito (abrangente) de percurso.

Começando por restringir a sua análise a verbos de movimento, que codificam explicitamente a noção de percurso, o autor propõe a existência de uma relação designada FPR (*Figure/Path Relation*), que representa “an inherently three-place, mutually-constraining relation between a figure x , a path p , and an event e ” (Beavers, 2012: 37). A proposta deste autor segue o modelo de Krifka (1989; 1992; 1998), no qual se considera que os eventos, e também as entidades, têm uma estrutura interna partitiva. Daqui, é possível estabelecer que uma relação FPR garante que, a cada subparte da figura ($x_i < x$), corresponde um único subevento de movimento ($e_i < e$), no qual essa subparte atravessa uma única subparte do percurso, p_i . De acordo com esta perspectiva, então, num exemplo como (79) (Beavers, 2008: 98), a interpretação relevante é aquela que permite conceber que “all of the wine crosses all of the path”, ou seja, a porção de vinho na totalidade fez todo percurso entre o ponto inicial, *o jarro*, e o ponto final, *o chão*.

(79) Wine flowed from the jar to the floor (for five minutes).

a. $\lambda e \exists p \exists w [flow'(w, p, e) \wedge wine'(w) \wedge SOURCE(jar, p, e) \wedge GOAL(floor, s, e)]$

Como mencionado anteriormente, a telicidade é definida tendo em conta cada uma destas estruturas, através de uma relação homomórfica que garante a correspondência exata entre as partes do evento e as partes da entidade denotada pelo Tema. Uma vez que se considera, agora, a existência de dois argumentos Tema, a entidade que sofre a mudança de estado e o percurso⁸⁵, torna-se possível compreender que ambos têm influência no momento de definir a telicidade do evento. De facto, de acordo com Beavers (2012: 43), cada um dos argumentos Tema projeta uma escala, e as duas escalas relacionam-se com a escala mereológica do evento, de tal forma que

⁸⁵Conforme é possível notar, ao conceito de FPR, está subjacente a noção de *GOAL* (ou seja, Alvo), que corresponde à subparte final do percurso e permite a delimitação do mesmo, responsável por atribuir uma leitura télica aos eventos.

“the FPR represents multiple decompositions of (or perspectives on) the event: one by the subparts of the theme, another by the subparts of the path, and the third (...) a criss-crossing of the two”⁸⁶.

Os verbos de movimento representam apenas um subtipo de verbos que envolve a mudança de estado. Na verdade, de acordo com Beavers (2012), esta proposta deverá ser extensível a todos os tipos de verbos que envolvam mudanças de estado, incluindo verbos de Tema incremental, já que estes denotam eventos “in which some patient argument x “moves” abstractly along some property scale s until reaching some final goal state g on some scale s ” (Beavers, 2008: 101).

Significa isto que, nos verbos de mudança de estado, a telicidade está também dependente da delimitação escalar, conforme fica patente na análise dos exemplos abaixo (cf. Beavers, 2012: 53). Efetivamente, no primeiro caso, o estado resultante (*clean*) é interpretado contextualmente, tendo em conta um valor padrão para uma escala de ‘limpeza’, assumindo-se que *a mesa* atingiu um grau (contextualmente definido como) máximo de limpeza. Pelo contrário, em (81), o resultado final não é definido e, por esse motivo, o ‘percurso’ não é delimitado, o que implica a existência de um evento atélico.

(80) Caesar wiped the table clean.

a. $\lambda e \exists s [wipe'(\mathbf{caesar}, \mathbf{table}, s, e) \wedge GOAL(\mathbf{clean}, s, e)]$

(81) Caesar wiped the table cleaner and cleaner.

a. $\lambda e \exists s \exists x [wipe'(\mathbf{caesar}, \mathbf{table}, s, e) \wedge GOAL(x, s, e)]$

⁸⁶Veja-se uma definição alternativa, também proposta em Beavers (2011a: 14):

- (i) Figure/Path Relations: Every unique part of x corresponds to a unique subevent $e' <_E e$, and the sum of all such subevents constitutes e . For each such e' , every unique part of e' corresponds to a unique part of p and vice versa; temporal adjacency in e' corresponds to spatial adjacency in p .

A proposta de Beavers (2008; 2012) parece apresentar algumas vantagens, relativamente às anteriores, em primeiro lugar, por permitir uma visão unificada dos diferentes tipos de predicados, já que, nesta perspetiva, todas as escalas passam a poder ser conceptualizadas, de um modo mais abrangente, como percursos, que se relacionam com a estrutura mereológica que define entidades e eventos (cf., e.o., Link, 1983; Bach, 1986). Desta forma, todos os verbos acabam por ser vistos como uma movimentação da entidade referida pelo Tema ao longo de um percurso (real ou abstrato, representativo de uma propriedade do Tema).⁸⁷

Por fim, o trabalho em foco tem a grande vantagem de permitir encarar a telicidade de uma forma abrangente, integrando informações relativas à estrutura interna do argumento Tema, mas também ao estado inicial e final da entidade que é afetada, que têm relevância na delimitação do percurso (abstrato) percorrido. O autor mostra que a telicidade depende de dois fatores fundamentais: a quantização do argumento Tema, por um lado, e a delimitação do percurso, por outro. Ainda assim, nesta proposta, a uniformidade preconizada para os diferentes tipos de predicados acaba por se esbater um pouco. Com efeito, apesar de considerar que o ‘mecanismo’ de marcação da telicidade funciona da mesma forma em todos os casos, o autor acaba por evidenciar diferenças entre os verbos, ao defender que, dependendo do tipo de verbo selecionado (movimento, mudança de estado ou criação/consumo), o ‘tipo’ de percurso é baseado em escalas de diferente natureza: percurso físico, propriedade ou consumo, respetivamente.

As ideias de Beavers (2008; 2012) serão retomadas posteriormente, particularmente no trabalho de Kardos (2012; 2016; 2019), onde se explora melhor a noção de escala de consumo, que servirá de base à proposta apresentada na presente investigação.

⁸⁷Nesta perspetiva, a telicidade passa a poder ser encarada de uma forma menos restritiva, implicando, apenas, a consideração da parte final da escala, ou seja, do subevento final, o que permite que um evento como o representado em (i) seja considerado télico, apesar de não se saber qual é a localização inicial da entidade denotada por *O João*.

(i) O João nadou até à margem.

3.6. Sumário:

O presente capítulo foi dedicado a uma reflexão sobre a decomposição de predicados, começando por fazer uma breve introdução à noção de estrutura eventiva, i.e., a forma como os eventos são compostos internamente, não de uma perspectiva temporal interna, como ocorre na classificação aspetual, mas tendo em conta os diferentes tipos de ‘subeventos’ que constituem, ou compõem, um evento. Para a compreensão desta temática, parece ser de fundamental relevância a análise da proposta de Davidson (1967), na qual se considera a existência de um argumento evento, bem como das propostas subsequentes, que, partindo de um olhar crítico, permitiram colmatar algumas das lacunas verificadas para a análise davidsoniana.

Apresentaram-se alguns quadros teóricos sobre decomposição de predicados, que se consideram relevantes para a compreensão da proposta explicativa dos dados do PE sobre a quantificação verbal, apresentados e analisados nos capítulos subsequentes. Numa perspectiva complementar, são discutidas algumas questões sobre a noção de composição aspetual, nas quais se assume que, para o estabelecimento do significado verbal final, contribuem diferentes fatores (tal como havia já sido defendido por Frege (1879), entre muitos outros).

Uma vez que certas línguas, como o Inglês, o PE e outras, não têm partículas capazes de marcar a telicidade, esta marcação é feita com recurso a diferentes mecanismos. Salienta-se, por isso, a relevância da análise empreendida na parte final do capítulo, que esclarece a importância da consideração da estrutura eventiva no estabelecimento de interpretações télicas ou atélicas dos eventos. Por constituir um problema bastante investigado, são vários os enquadramentos teóricos que tentam estabelecer uma correlação entre a estrutura eventiva e a (a)telicidade dos eventos.

Enquanto alguns trabalhos abordam a questão da telicidade com base na estrutura eventiva de uma perspectiva não escalar, outros fazem-no tendo por base conceitos e fundamentos escalares. Destes últimos, destaca-se, particularmente, a proposta de Beavers (2008; 2012), que faz corresponder à relação de homomorfismo,

previamente proposta por Krifka (1989; 1998), um conjunto de escalas relevantes que se relacionam entre si.

O presente capítulo serve, assim, para introduzir e esclarecer conceitos que serão fundamentais para a análise dos dados do PE, que serão apresentados no capítulo seguinte.

4. Capítulo 4: Os dados do PE

A quantificação verbal, em PE, não tem sido amplamente investigada, apesar de constituir um mecanismo utilizado para cumprir diferentes objetivos comunicativos, como indicar uma repetição de ocorrências ((1)), dar informação adicional sobre uma eventualidade, incluindo questões sobre duração ou intensidade ((2)-(3)), ou, até, dar uma indicação de grau ((4)-(5)).

- (1) Vi-o **brincar frequentemente** no pátio, mas a sua mãe costumava chamá-lo para dentro de casa muito antes de o seu pai chegar a casa do trabalho." *(par=ext979590-pol-95b-1)*
- (2) "«Ela **estudou imenso** e sabe muito mais da História dos Estados Unidos do que eu»", diz o marido, que em Portugal era contabilista e agora trabalha numa fábrica de tintas em Newark. *(par=ext399704-pol-95b-2)*
- (3) Olharapos -- Quase 10 por cento apreciaram-nos **pouco**, enquanto 48,9 diz ter apreciado e 41,5 **apreciado muito**. *(par=ext909438-soc-98b-2)*
- (4) Enquanto durou a urografia (que se prolongou por mais de uma hora), e porque a sala estava muito fria e o tampo da mesa onde estava deitado para me tirarem as radiografias era de metal, **arrefeci imenso** e queixei-me que estava cheio de frio. *(par=ext5641-nd-94a-2)*
- (5) Assim, a venda de droga e o consumo (na via pública) diminuiu **consideravelmente** - - respectivamente, menos 9,5 e menos 15,3 por cento. *(par=ext3913-soc-97a-2)*

Em muitos casos, na ausência de informação contextual específica, não é possível definir com precisão a interpretação preferencial, o que significa que as várias leituras podem sobrepor-se:

- (6) O João nadou **muito**.
 - a. O João nadou durante muito tempo.
 - b. O João nadou com muita intensidade.

- c. O João nadou uma grande distância.
- (7) A Maria trabalhou **imenso**.
- a. A Maria trabalhou **durante muito tempo**.
 - b. A Maria trabalhou **arduamente**.
- (8) O Diretor Comercial viajou **bastante**.
- a. O Diretor Comercial viajou **muitas vezes**.
 - b. O Diretor Comercial viajou **para muitos locais**.
 - c. O Diretor Comercial **passou muito tempo** a viajar.

Tendo esta questão em mente, pretende-se, na presente investigação, analisar a quantificação verbal em PE. Como os mecanismos de quantificação são muito vastos, e a quantificação verbal, em particular, pode ser feita recorrendo a vários advérbios (*imenso, bastante, frequentemente, muito, pouco, raramente, geralmente, etc.*), considerou-se necessário restringir a análise, inicialmente, apenas aos advérbios *muito* e *pouco*, tendo-se posteriormente focado apenas o advérbio *muito*. Esta escolha justifica-se pela observação de que *muito* pode contribuir com informações de diferentes tipos, incluindo intensidade, quantidade e grau. Além disso, este quantificador aparece em praticamente todos os estudos consultados sobre quantificação verbal noutras línguas (cf., por exemplo, Bosque & Masullo, 1998; Sanchez-Mendes, 2015; Quadros Gomes *et al.*, 2021).

4.1. Metodologia de Análise

4.1.1. A constituição do *corpus*

Decidido o quantificador a utilizar, partiu-se para a seleção dos critérios de análise, começando-se pela escolha dos verbos a investigar. Seguindo Quadros Gomes *et al.* (2021), um dos fatores que deverá influenciar a quantificação verbal é a classe aspetual a que pertencem os verbos, o que, seguindo a classificação aspetual adotada

para o PE (Oliveira, 2003; Cunha, 2004, 2013; Oliveira & Leal, 2015), motivou a seleção de verbos pertencentes a estados, processos, processos culmináveis, processos culminados, culminações e pontos.

Assim, numa primeira fase de seleção, recorreu-se a alguma bibliografia existente sobre quantificação verbal, em PE e noutras línguas (cf. Oliveira, 2003; Oliveira & Cunha, 2004; 2013; Oliveira & Leal, 2015; Fleischhauer, 2016; Hay *et al.*, 1999; Bosque & Masullo, 1998; Quadros Gomes *et al.*, 2021), com o objetivo de selecionar verbos representativos das diferentes classes aspetuais para recolha de exemplos. Desta primeira seleção resultou uma recolha que rapidamente tornou claro que, dentro de cada uma das classes aspetuais, os verbos não apresentavam todos o mesmo comportamento.⁸⁸

De facto, vejamos os exemplos abaixo, todos construídos com verbos que denotam eventos pertencentes à mesma classe aspetual (i.e., processos). Conforme se confirma pela explicitação das leituras, os verbos não apresentam todos o mesmo comportamento.

(9) Vítor Paneira fez mesmo uma exibição de raiva, **correu muito** e mostrou que continua a ter uma relação fácil com a bola, tendo estado na construção dos golos de Quim Berto. (*par=ext295351-des-96a-1*)

- a. Vítor Paneira correu **muito depressa**.
- b. Vítor Paneira correu **uma grande distância**.

(10) Nos 72' que se seguiram, o Marítimo **atacou muito** mas quase sempre mal e o Sporting **defendeu muito** e com eficácia. (*par=ext187562-des-97b-1*)

- a. O Marítimo atacou/o Sporting defendeu **durante muito tempo**.
- b. O Marítimo atacou/o Sporting defendeu **com muita intensidade**.

⁸⁸Os exemplos foram inicialmente recolhidos apenas no CETEMPúblico (Corpus de Extratos de Textos Eletrónicos MCT/Público), uma base de dados constituída por exemplos, em Português Europeu, retirados do jornal *Público* na década de 1990-2000.

(11) Quem os viu garante que Fernando Lima **falou muito** e o secretário de Estado muito ouviu. (*par=ext177902-pol-95a-1*)

- a. Fernando Lima **falou** *muitas vezes*.
- b. Fernando Lima **falou** *durante muito tempo*.
- c. Fernando Lima **falou** *sobre muitas coisas*.

O comportamento acima observado atesta que a classificação aspetual, encarada isoladamente, constitui um critério insuficiente para o objetivo da presente investigação, o que levou à consideração de que existem outros fatores que parecem interagir com a quantificação. Esta questão motivou uma segunda seleção, desta vez tendo em conta uma classificação baseada, não somente na classe aspetual, mas também no significado dos verbos, como proposto em Levin (1993: 17). Esta autora classifica os verbos do Inglês tendo em conta o seu comportamento lexical, sintático e semântico, concluindo que esta língua “presents a large number of semantically coherent classes of verbs whose members pattern in the same way with respect to diathesis alternations and other properties”. Tratando-se de um trabalho muito extenso, e específico para o Inglês, o primeiro passo consistiu em fazer uma tradução exaustiva dos verbos presentes na lista proposta pela autora. Esta tradução permitiu eliminar, de imediato, alguns verbos que, ou não tinham tradução direta para Português, ou cuja tradução era demasiado específica em Inglês e menos restritiva em Português (*to bicycle* → *andar de bicicleta*). A partir desta segunda seleção, procedeu-se a uma pesquisa no CETEMPúblico, que incluiu um total de 2238 verbos, testando-se a compatibilidade com os quantificadores *muito* e *pouco*, dos quais 83 não tiveram qualquer ocorrência com *muito*, havendo, ainda, um grande número de casos em que existiam poucas ocorrências ou as ocorrências eram irrelevantes (*muito bem/muito tempo/muito antes*, etc.), tendo sido, por isso, eliminadas.

Mesmo assim, a listagem obtida era de uma extensão considerável, o que impossibilitava uma análise aprofundada dos dados, devido ao seu elevado volume. Por esse motivo, a fase seguinte da definição do *corpus* consistiu numa análise cuidada dos

exemplos recolhidos, acompanhada de uma consulta constante de bibliografia, numa tentativa de selecionar os verbos mais representativos de cada classe e que, simultaneamente, apresentassem diferenças aspetuais entre si, de modo a constituir um *corpus* o mais abrangente possível, para obter resultados, também eles, o mais representativos possível. Uma vez que os processos, independentemente da classificação relativa ao significado, apresentavam grande compatibilidade com *muito*, não foi necessário proceder a nenhuma restrição nesta classe, o mesmo acontecendo com verbos representativos de culminações e pontos, que, independentemente do seu significado semântico, apresentavam sempre uma grande regularidade quanto à aceitabilidade com (e resultado da) quantificação por *muito*. No entanto, considerou-se necessário distinguir, dentro da classe dos estados, estados psicológicos e estados envolvendo uma localização espacial, por apresentarem alguns traços distintivos.

De acordo com Landau (2010: 402), um verbo psicológico é aquele que “carries psychological entailments with respect to one of its arguments (the Experiencer)” e, desta perspetiva, “a psychological entailment involves an individual being in a certain mental state”. Isto significa, então, que os verbos psicológicos descrevem estados mentais e apresentam características distintivas, que justificam que se possam considerar dentro da mesma classe. Para Dowty (1991), o experienciador consiste num participante ‘senciente’, que se caracteriza por não participar no evento de forma voluntária. Tendo em conta esta noção básica de experienciador, os verbos de tipo psicológico podem ser divididos em três subclasses (Belletti & Rizzi, 1988):

- i) Verbos de tipo *Object Experiencer* (OE), nos quais a entidade que denota o experienciador ocorre na posição de objeto direto, como ocorre em *Os fantasmas assustam o João*.
- ii) Verbos de tipo *Subject Experiencer* (SE), nos quais o experienciador surge em posição de sujeito e, segundo Fleischhauer (2016: 269), tem uma determinada atitude relativamente a um estímulo, como acontece em *O João teme fantasmas*.

- iii) Verbos de tipo *Dative Experiencer*, nos quais o experienciador surge em posição dativa, como se verifica em *O almoço agrada à Maria*.

A estatividade deste tipo de verbos é confirmada por Seres & Espinal (2018) que, ao analisarem os verbos de tipo SE, defendem que estes correspondem a predicados de indivíduo, demonstrando que contêm certas características próprias, como o facto de serem incompatíveis com o progressivo (**Juan está amando a María*), com modificadores que atuem diretamente sobre a parte dinâmica de um evento (**Juan detesta a María poco a poco*) e com modificadores temporais que tenham como objetivo indicar o ponto inicial de uma eventualidade (*??Tan pronto como admires a tu hermano, nos vamos.*) (cf. Seres & Espinal, 2018: 30).⁸⁹

Note-se, ainda, que, segundo as mesmas autoras, este tipo de verbos também se revela incompatível com quantificação de tipo temporal (**Cada vez que odia las películas de terror, se va del cine/*De cada vez que odeia os filmes de terror, o João sai do cinema*) e com modificação espacial/locativa (*??A Ana adora o seu cão em casa*). Esta característica distingue-os, precisamente, dos estados construídos com uma localização espacial (como *estar (em)*) (que correspondem a estados de tipo *stage-level*), especialmente porque a localização espacial parece contribuir para uma delimitação da eventualidade, o que, em princípio, deverá ter consequências quanto ao resultado da quantificação (veja-se a diferença entre (12) e (13)).

(12) A Sara *amou muito* o seu cão.

- a. A Sara amou o seu cão **muito intensamente**.

(13) O Presidente da República esteve muito na faculdade de Letras.

⁸⁹Note-se que as frases apresentadas, para o Espanhol, por Seres & Espinal (2018) podem, em certos casos, ser aceitáveis em PE (*Estou a adorar este filme*) ou em PB (*Estou amando esse filme*). Também no caso de admirar, por poder ter, em PE, um sentido semelhante a *ver com interesse*, pode haver casos em que a frase “Assim que admirares/Logo que admires o quadro, vamos embora” é aceitável.

- a. O Presidente da República esteve na faculdade de Letras **muitas vezes**.
- b. O Presidente da República esteve na faculdade de Letras **durante muito tempo**.

Uma das classes aspetuais que parece apresentar mais irregularidades na combinação com *muito* é a dos processos culmináveis e, por esse motivo, uma tentativa de encontrar padrões regulares levou a uma distinção, bastante comum na literatura (cf. Krifka, 1989; Rappaport-Hovav & Levin, 2004; Rappaport-Hovav, 2008; Beavers, 2008; 2010; 2012; e.o.), entre i) verbos de criação e consumo, onde se incluíram verbos de incrementalidade estrita e não estrita (cf. Filip, 2008, 2011), ii) verbos de movimento, onde se distinguiram, ainda, verbos de movimento direcionado (*subir*, por exemplo) e verbos de modo de movimento (*dançar*), e, por último, iii) verbos de mudança de estado, onde se incluíram os verbos de contacto com superfícies e os *Degree Achievements*.

Deste modo, os verbos selecionados para análise estabilizaram-se no seguinte conjunto: i) estados psicológicos: *gostar, adorar, amar, detestar, odiar*; ii) estados com localização espacial (i.e., de tipo *stage-level*): *estar (em), viver (em)*; iii) processos: *trabalhar, dormir, brincar*; iv) processos culminados: *almoçar*; v) processos culmináveis: *construir/destruir, comer/beber, ler/escrever, pintar, correr, dançar, subir/descer, limpar, varrer, esfregar, aquecer, molhar, encher e secar*; vi) culminações: *cair, engravidar, desmaiar*; e vii) pontos: *tossir, bater à porta*.⁹⁰

Por fim, após uma análise de diversos exemplos, tornou-se claro que certos elementos tinham influência nas leituras obtidas, por favorecerem uma leitura delimitada dos eventos. Dois destes elementos, bastante comuns nos exemplos analisados, relacionam-se com a presença de indicadores de localização espacial e localização temporal (cf. (14)-(16)).

⁹⁰Ainda assim, os exemplos não se esgotam exclusivamente nestes verbos e, sempre que necessário, procedeu-se à introdução de outros verbos na análise.

(14) P - *Trabalhou **muito** nas férias?*

JP - Um pouco, não muito. (J31096)

(15) **Nos meus tempos** de rapaz **brinquei muito** aos polícias e ladrões. (A11425)

(16) O quarto cheirava a tinta e óleo de linhaça. **Nesse tempo pintei muito**, sem cavalete, **no chão**. Guevara acompanhava-me da parede os charros a charuto. (L0062)

Por esse motivo, a presença destes dois elementos foi utilizada como critério para tentar sistematizar uma possível relação entre eventos espacial ou temporalmente delimitados e interpretações relativas a frequência (repetição de ocorrências). Dentro da localização temporal, a extensão do intervalo utilizado para localizar um evento poderá ser relevante, pelo que se optou por fazer uma distinção entre uma extensão curta (*ontem*), média (*a semana passada*) e longa (*o ano passado*), dado que o primeiro, contrariamente aos seguintes, não deverá permitir uma leitura de frequência em eventos com duração (alargada).

Depois da recolha a partir do CETEMPúblico, e tendo-se compreendido que a falta de um contexto alargado dificultava ou mesmo impedia a compreensão completa dos exemplos, o que tinha consequências na interpretação final atribuída à frase, justificou-se a necessidade de proceder a uma segunda recolha, num *corpus* diferente, o CRPC (Corpus de Referência do Português Europeu), que, além de texto jornalístico, contém, também, textos de tipo literário, textos técnicos, exemplos da oralidade, entre outros. A opção por aumentar o *corpus* da investigação com exemplos desta segunda base de dados justifica-se por dois motivos: o primeiro, relaciona-se com a possibilidade de analisar o contexto abrangente em que o exemplo em causa se encontra referido, o que contribui, na maioria dos casos, para precisar as leituras; o segundo tem a ver com a possibilidade de consultar outros tipos de texto que poderão ser menos restritivos quanto às possibilidades combinatórias entre os verbos (especialmente os processos culmináveis) e o quantificador *muito*. Uma última nota serve para chamar a atenção para o facto de que, inicialmente, todas as pesquisas foram feitas para os quantificadores *muito* e *pouco*. Contudo, por acrescentar demasiada complexidade à

análise, não só pelo elevado volume de dados, mas especialmente porque, em certos casos, *muito* e *pouco* induziam leituras diferentes, optou-se por deixar de parte o quantificador *pouco*, que terá de ser analisado em trabalho posterior.

Após a recolha dos dados, selecionaram-se os casos mais representativos para apresentar e desenvolver a análise, tendo-se estabelecido, para cada um dos exemplos, as interpretações possíveis. Ainda assim, porque, em certos casos, houve hesitações ou dúvidas relativamente às interpretações possíveis para os exemplos, e de forma a garantir que as leituras propostas eram, de facto, aceitáveis para os falantes do PE, optou-se por garantir a validação das mesmas através da distribuição de questionários e consequente análise das respostas, conforme se explicitará abaixo.

4.1.2. Questionários

Tal como mencionado acima, a necessidade de validação das interpretações obtidas nos diferentes exemplos levou ao estabelecimento e distribuição de um questionário por 25 falantes, que permitiram confirmar as leituras pré-estabelecidas.

A preparação do questionário envolveu, em primeiro lugar, o estabelecimento de um conjunto de frases exemplificativas das eventualidades em análise. O objetivo era tornar as frases o mais claras possível, para avaliar as interpretações que os falantes atribuíam a cada uma delas, sem interferência de outros fatores. Essa necessidade levou a que não se utilizassem os exemplos dos *corpora* consultados, por serem de análise bastante complexa, antes sendo utilizadas frases construídas, como as que se apresentam abaixo ((17)-(19)).

(17) O Henrique viveu **muito** em Leiria.

(18) A Joana comeu **muito** a sanduíche.

(19) O aluno leu **muito** o livro na biblioteca.

Foram, para isso, selecionados vários verbos pertencentes a cada uma das classes aspetuais, tendo-se construído frases simples para cada um deles. No caso dos estados, optou-se por colocar, numa primeira versão, quatro estados psicológicos de significados similares, mas de polaridade oposta (*gostar, adorar, detestar, odiar*), com o objetivo de tentar perceber se algum destes verbos poderia corresponder a um topo de escala, e, ainda, três estados envolvendo uma localização espacial (*estar (em), viver (em), morar (em)*), para verificar se os verbos *viver* e *morar*, pelas suas semelhanças em termos de significado, induziam as mesmas leituras. Os processos selecionados foram *brincar, dormir, viajar* e *trabalhar*, para tentar verificar se verbos com significados diferentes poderiam induzir leituras preferenciais diferentes. Dentro dos processos culmináveis, incluíram-se *correr, comer, pintar* e *ler* e, tendo-se, ainda, inserido quatro verbos relativos a processos culminados, escolheu-se analisar *almoçar, atravessar (a ponte), construir (o hospital)* e *destruir (a casa)*. As culminações selecionadas foram *cair* e *desmaiar*, enquanto os pontos foram *bater à porta* e *tossir*.

Inicialmente, o questionário foi estruturado em três grupos, cada um contendo duas perguntas, tendo em conta os três critérios de análise. Assim, o primeiro grupo testava a presença/ausência de argumento interno: na pergunta 1., os verbos ocorriam sem complemento, à exceção dos verbos que não aceitam a omissão do argumento interno (como ocorre com *adorar, construir* e semelhantes), que foram combinados com argumentos internos definidos; na pergunta 2., utilizaram-se os mesmos exemplos, acrescentando-se, sempre que possível, um argumento interno com as variações SN definido, SN indefinido ou *bare plural*. Os grupos seguintes mantêm as características do primeiro, marcando a diferença, por um lado, entre presença e ausência de complemento (*A Joana comeu muito/A Joana comeu muito a sanduíche*) e, por outro, entre argumentos internos de natureza diferente (como em *A Joana comeu muito uma sanduíche/A Joana comeu muito sanduíches*), mas acrescentando, ainda, a presença de uma localização espacial (2.º grupo) (por exemplo, *A Joana comeu muito no café*) e de uma localização temporal curta, média e longa (3.º grupo) (como em *A Joana comeu muito ontem*).

A pergunta principal do questionário, explicitada em (20), foi formulada com o intuito de dar indicações de forma direta e clara, de forma a evitar qualquer ambiguidade para os falantes sobre as tarefas a realizar.

(20)

Os exemplos a seguir são sobre aceitabilidade (A) e interpretação (B).

A. Em todos os exemplos, assinale com uma cruz a opção que lhe parece mais adequada: ‘Sim’ para frases aceitáveis, ‘Não’ para frases inaceitáveis e ‘Não sei’, caso não tenha a certeza.

B. Em cada um dos exemplos a que tenha respondido ‘Sim’, assinale com uma cruz **qual** ou **quais** as interpretações. **Pode seleccionar mais do que uma.**

A tarefa pedida aos falantes era, então, que indicassem, em primeiro lugar, se aceitavam ou não as frases apresentadas e, em segundo lugar, quais as interpretações que atribuíam às frases que aceitavam. As interpretações apresentadas nas opções de preenchimento resultam da análise previamente realizada, que permitiu definir um conjunto principal de interpretações possíveis (nos vários casos), tendo-se acrescentado, ainda, uma opção (‘Outra’) que permitia aos falantes introduzirem uma interpretação diferente das apresentadas (cf. Figura 12). A mesma lista de opções foi apresentada em todos os verbos, para não condicionar as respostas dos falantes.

Figura 12 – Lista das opções de interpretação apresentadas aos falantes

- () Intensidade (muito intensamente)
- () Duração (durante muito tempo)
- () Frequência (muitas vezes)
- () Quantidade (grande quantidade)
- () Distância (grande distância)
- () Partes (muitas partes de)
- () Outra: _____

Fonte: Questionário para validação das respostas (ver Anexo 1)

Após esta primeira estruturação do questionário, este foi distribuído por cerca de seis falantes, que o preencheram de forma a testar a clareza, fluidez, adequação ao objetivo e facilidade de preenchimento. O *feedback* recebido deu conta de um problema já antecipado, a grande extensão do questionário. A pergunta principal, sendo bastante clara, não apresentou problemas de compreensão, mas a grande extensão do questionário constitui-se como um problema, por provocar uma grande complexidade no preenchimento e consequente fadiga, o que poderia levar muitos falantes a desistir do preenchimento.

Por esse motivo, numa segunda versão do questionário, reduziu-se o número de verbos em análise, mantendo-se a estrutura anterior. Depois de nova distribuição pelos mesmos falantes, a sua opinião, desta vez, pôs em causa a estruturação das perguntas. De facto, a redução do número de exemplos a analisar enfatizou o facto de os mesmos verbos serem utilizados em perguntas diferentes, apenas com pequenas alterações relativas aos diferentes critérios, o que aumentava a complexidade de preenchimento do questionário, porque, para os falantes, os exemplos aparentavam ser iguais, o que tornava o preenchimento aborrecido e cansativo.

Assim, na terceira (e última) versão do questionário, além da redução do número de verbos, houve uma alteração na estruturação do questionário, tendo-se modificado a ordem das perguntas. Dessa forma, nesta versão final do questionário, todos os exemplos foram agrupados sob a mesma pergunta, com diferentes alíneas. Desse modo, todas as alíneas (de uma pergunta) dizem respeito ao mesmo verbo. Na primeira pergunta, (1), testou-se a presença e natureza do argumento interno com as seguintes alíneas a. (artigo definido), b. (artigo indefinido) e c. (*bare plural*); na segunda, (1.1.), testou-se a presença de uma localização espacial (com as mesmas alíneas) e, por fim, na terceira pergunta, (1.2.), testou-se a presença de uma localização temporal. Como, neste último caso, existem três possibilidades (extensão temporal curta, média e longa), esta terceira pergunta tem três subperguntas (1.2.1., 1.2.2., 1.2.3.), cada uma com as mesmas três alíneas (a., b. e c.). Esta nova estruturação permitiu obter um questionário

com um total de 10 perguntas, correspondente ao número de verbos a testar, cada uma contendo várias subperguntas com alíneas, conforme se ilustra abaixo.⁹¹

Figura 13 - Exemplo de pergunta relativa à presença de uma localização espacial

5.1.

A Joana comeu muito no café.

() Sim () Não () Não sei

- () Intensidade (muito intensamente)
- () Duração (durante muito tempo)
- () Frequência (muitas vezes)
- () Quantidade (grande quantidade)
- () Distância (grande distância)
- () Partes (muitas partes de)
- () Outra: _____

a. A Joana comeu muito a sanduíche no café.

() Sim () Não () Não sei

- () Intensidade (muito intensamente)
- () Duração (durante muito tempo)
- () Frequência (muitas vezes)
- () Quantidade (grande quantidade)
- () Distância (grande distância)
- () Partes (muitas partes de)
- () Outra: _____
- () Frequência (muitas vezes)
- () Quantidade (grande quantidade)
- () Distância (grande distância)
- () Partes (muitas partes de)
- () Outra: _____

c. A Joana comeu muito sanduíches no café.

() Sim () Não () Não sei

- () Intensidade (muito intensamente)
- () Duração (durante muito tempo)
- () Frequência (muitas vezes)
- () Quantidade (grande quantidade)
- () Distância (grande distância)
- () Partes (muitas partes de)
- () Outra: _____

Fonte: Questionário para validação das respostas (ver Anexo 1)

⁹¹De notar, apenas, que as perguntas relativas aos processos culmináveis eram as mais complexas, dado que estes verbos podem ocorrer com ou sem complemento.

Depois de ser preenchido (e aprovado) pelos mesmos seis falantes que preencheram as versões de teste (1 e 2), o questionário (cf. Anexo 1) foi distribuído por mais dezanove falantes nativos do PE, totalizando 25 respostas. Os resultados destas respostas foram organizados em tabelas do Excel, tendo em conta os critérios definidos para análise e, posteriormente, utilizou-se o GraphPad Prisma para transformar os dados obtidos, que apresentavam uma grande complexidade, em gráficos simplificados, capazes de tornar visíveis os padrões de resposta apresentados pelos falantes. Estes dados serão apresentados na próxima secção.

4.2. A quantificação verbal em PE: *Muito* em interação com as classes aspetuais

4.2.1. Estados

Como mencionado anteriormente, alguns estados aceitam bem a quantificação por *muito*. Na presente investigação, foram analisados estados faseáveis, tendo sido selecionados para essa análise estados psicológicos, e estados não faseáveis de tipo *stage-level* relativos a uma localização especial (como *estar em*). Além destes, foram também estudados outros estados não faseáveis, com o objetivo de verificar se existia alguma diferença entre verbos pertencentes à mesma subclasse e, em segundo lugar, se existia alguma diferença entre os dois tipos de estado.

Apresentaram-se, nos capítulos introdutórios do presente trabalho, algumas investigações prévias que se ocuparam do estudo da quantificação de eventos, a partir de diferentes posicionamentos teóricos. A proposta de Quadros Gomes *et al.* (2021), por exemplo, assenta na ideia de que as características aspetuais das eventualidades projetam um conjunto de dimensões escalares e, por isso, as escalas (verbais) são selecionadas semanticamente. Segundo os autores, a seleção semântica das escalas condiciona a distribuição dos modificadores de grau e, relativamente a *muito*, em particular, a proposta é que estes são compatíveis apenas com escalas abertas. Seguindo esse raciocínio, estes modificadores de grau serão, então, compatíveis com eventualidades que possam ter frequência, i.e., todas menos os estados. Além da

frequência, também a duração representa uma escala aberta e, desse ponto de vista, *muito* deverão aceitar a combinação com todas as eventualidades durativas, ou seja, estados, processos e processos culminados. Contudo, a distinção entre o conceito de ‘duratividade’, relativa à caracterização aspetual dos verbos, e ‘duração medida’, que define “o tempo decorrido entre o início e o fim da eventualidade” (cf. *ibidem*: 88) retira os estados desta equação.⁹² De acordo com estes autores, então, os estados são “inaptos para a interpretação de frequência sob modificação de graus, resistem à medição de duração e não culminam” (*ibidem*: 86). Com efeito, como se comprova pela análise dos exemplos abaixo, alguns estados em PE não parecem aceitar bem a combinação com o quantificador *muito*, como é o caso dos estados de indivíduo⁹³ não faseáveis⁹⁴ (cf. (21)-(23)).

(21) *O meu camelo **tem muito** duas bossas.

(22) ??O João **é muito** português.

(23) #A Ponte da Arrábida **é muito** larga.

Embora, à partida, possa parecer que os estados de indivíduo faseáveis aceitam bem a quantificação verbal (cf. (24)-(25)), na verdade, a adição de um quantificador não

⁹²Este comportamento é justificado pelo facto de só ser possível marcar o início e o fim de uma eventualidade se houver uma mudança de estado: em (i), existe um momento antes do início do evento em que *a Carolina* não estava a dançar e, a partir do momento em que ela inicia o primeiro passo da dança, dá-se uma mudança de estado. Esta mudança torna-se mais visível no exemplo (ia.), com o verbo de operação aspetual *começar* (*a*).

(i) A Carolina dançou.

a. A Carolina começou a dançar.

⁹³Os termos *estado de estádio* e *estádio de indivíduo* correspondem a uma adaptação, na gramática portuguesa, dos termos do Inglês (*stage-level* e *individual-level*, respetivamente), adotada, entre muitos outros autores, por Cunha (2004; 2013).

⁹⁴Estados de indivíduo faseáveis denotam propriedades estáveis de uma entidade, ao contrário dos estados de estádio, que dizem respeito a características temporárias ou transitórias das entidades (cf. Cunha, 2004: 528). Os dois tipos de estado podem ser faseáveis ou não, correspondendo os primeiros aos que permitem a conceção de fases, o que os aproxima do comportamento de processos, enquanto os segundos mantêm o seu caráter indubitavelmente estativo.

resulta na quantificação do verbo, mas sim do adjetivo. Assim, nos exemplos, retirados e adaptados de Cunha (2004: 358), o quantificador atua diretamente sobre o adjetivo, para aumentar o grau de *preguiça* do Miguel, em (24), ou o grau de *abundância* da chuva, em (25).

(24) O Miguel **foi muito** preguiçoso.

(25) A chuva **foi muito** abundante.

Observando-se, agora, os estados de estágio não faseáveis, talvez seja possível conceber uma frase em que o quantificador é responsável por induzir uma leitura de duração; ainda assim, a frase em (26) (adaptado de Cunha, 2004: 362) é de aceitabilidade duvidosa, e não corresponde à forma mais natural de transmitir a informação (cf. (26a.)).

(26) ??O Pedro **teve muito** 40°C de febre.

a. O Pedro teve 40°C de febre **durante muito tempo**.

O mesmo ocorre em (27), caso em que a única leitura possível parece ser a que estende a duração do estado, indicando que o carro esteve avariado *durante muito tempo*. Também aqui, a frase parece difícil de processar.

(27) ??O meu carro esteve **muito** avariado.

a. #O meu carro esteve avariado **durante muito tempo**.

(adaptado de Cunha, 2004: 362)

Este comportamento parece comprovar que os estados não faseáveis apresentam, realmente, bastantes restrições quanto à combinação com *muito*: apenas

os estados de estágio não faseáveis parecem aceitar a possibilidade de combinação com este quantificador, exclusivamente numa leitura de duração, e mesmo estes casos são de aceitabilidade duvidosa, como se verifica em (26) e (27).

Por outro lado, e num comportamento que contraria a proposta de Quadros Gomes *et al.* (2021), os estados de estágio faseáveis parecem ser totalmente compatíveis com *muito*. Entre outros, incluem-se, nesta classe, verbos de estado psicológico e verbos que indicam uma localização espacial, que serão analisados de seguida.

4.2.1.1. Estados faseáveis

4.2.1.1.1. Estados psicológicos

Ora, em PE, pelo menos alguns estados, como os psicológicos, parecem ser compatíveis com quantificação:

(28) "«Nem a Aliança nem o Governo desejam um banho de sangue aqui, onde toda a gente sabe que a população já **sofreu muito**»", acrescentou o diplomata.
(*par=ext197997-nd-97a-1*)

(29) **Gostei muito** dessa experiência. (*par=ext678533-clt-94a-1*)

(30) Não temeu que a chuva lhe pudesse prejudicar o contra-relógio?

Sim, **temi muito**, mas o que acontece é que a chuva quando cai é para todos.
(*noCOD_1069860*)

Ao analisar verbos de tipo psicológico (particularmente a classe dos *experiencer verbs*), Fleischhauer (2016: 285) conclui que, quando quantificados, estes apresentam um comportamento estável, “always related to an intensity scale” que “measures the

intensity of the feeling of the experiencer".⁹⁵ Os dados do PE parecem confirmar essa conclusão, dado que a única leitura disponível para as frases anteriores parece ser a de intensidade: (28), por exemplo, poderá ser parafraseável por *A intensidade do seu sofrimento foi muito elevada*. Este comportamento não é surpreendente se se considerar que verbos deste tipo transmitem sentimentos, sensações ou disposições mentais. Dessa forma, parece existir uma condicionante lexical, que impõe uma restrição às interpretações possíveis.

A aceitabilidade dos exemplos acima poderia levar-nos a concluir que os estados psicológicos aceitam a modificação por *muito* sem restrições. Note-se, contudo, que tal não é verdade. De facto, casos como os representados em (31)-(33) mostram que, com certos estados psicológicos como *estar feliz*, o quantificador não se aplica diretamente ao verbo, mas ao adjetivo, *feliz*, que projeta uma escala de felicidade, sobre a qual o quantificador atua para indicar que o grau de felicidade do sujeito é superior ao seu grau normal (contextualmente definido) de felicidade. O mesmo ocorre em (32), com uma escala de cansaço, e em (33), com uma escala de dificuldade. Em todos os casos, a função do quantificador é a mesma, nomeadamente, aumentar o grau de uma propriedade escalar lexicalizada pelo adjetivo, colocando-o num ponto elevado, não máximo, mas indefinido, da mesma escala.

(31) "«Estou **muito** feliz! (par=ext2081-nd-95b-1)

(32) "«A banda está **muito cansada** e quer descansar» ", dizem da BMG, a multinacional que edita o grupo. (par=ext32878-clt-92b-1)

(33) "«Sei que para ele isto está **a ser muito difícil**. (par=ext1187106-des-98b-2)

⁹⁵Ainda assim, como mostra, certos verbos desta classe podem apresentar um comportamento diferente, que também se relaciona com intensidade, embora não do sentimento, mas da atividade em si, como ocorre em *A criança está a aborrecer muito o homem*. A razão para este comportamento relaciona-se com uma questão de agentividade, que distingue estes casos de casos como *O filme está a divertir muito o homem*.

No caso de verbos como *amar*, *adorar*, *odiar* e *detestar*, estes parecem conter, no seu significado lexical, o conceito de grau muito elevado ou máximo de uma escala relativa a sentimentos⁹⁶. Essa especificidade torna a aceitabilidade com *muito* bastante mais difícil, como o comprova a escassez de exemplos nos *corpora* consultados. De facto, encontraram-se apenas alguns exemplos fora destes *corpora*, nomeadamente em comentários de opinião pessoal ou crónicas, que comprovam, de qualquer das formas, que os falantes parecem, até certo ponto, ser capazes de interpretar frases deste tipo, embora não as utilizem frequentemente (cf. (34)-(36)). Esta dificuldade de aceitação advém de uma incompatibilidade entre a função do quantificador e a informação lexical transmitida pelo verbo. De facto, a função deste quantificador é aumentar o grau de uma propriedade, colocando-o num ponto elevado, mas não máximo da escala. Ora, se o significado lexical dos verbos contém já a informação de grau máximo ou, pelo menos, muito elevado, a atuação do quantificador passa a estar vedada, por ser irrelevante (e, até, redundante).

⁹⁶As entradas do Dicionário da Língua Portuguesa da Real Academia de Ciências (*online*) dos respetivos verbos comprovam esta afirmação:

(i) *Odiar*:

1. Ter um sentido **fortíssimo** de desagrado, de aversão, de repulsa; sentir ódio
2. sentir **enorme** desagrado

(ii) *Detestar*:

1. não ser capaz de suportar qualquer coisa; ter um sentimento **muito forte** de desagrado por alguém ou por alguma coisa; sentir horror ou **aversão**

(iii) *Adorar*:

1. render culto a uma divindade, venerá-la; prestar honras divinas a
2. amar apaixonadamente; venerar **em extremo**
3. sentir um **enorme** agrado

(iv) *Amar*:

1. sentir um **grande** afeto por alguém; ter-lhe amor
2. ter sentimentos **muito fortes** para com alguém, sentindo-se sexualmente atraído por essa pessoa; estar apaixonado ou enamorado; sentir amor, paixão
3. sentir **grande** apreço por alguma coisa que se considera importante e se quer defender, proteger, respeitar
4. gostar **muito** de alguma coisa

(34) A história é espetacular, **adorei muito** ter lido.⁹⁷

(35) É preciso rejeitar e **detestar muito** o “sistema” para eleger um Presidente que fez a campanha que vimos.⁹⁸

(36) Eu já **odiei muito** o dia dos namorados há muitos anos atrás.⁹⁹

O único destes verbos que, nos *corpora* consultados, surge frequentemente quantificado por *muito* é o verbo *amar* (cf. (37)). Esta maior aceitabilidade poderá advir do facto de *amar* ser equivalente a *gostar muito*, o que permite que o grau de intensidade do sentimento seja, mesmo assim, aumentado, para indicar um sentimento mais forte, ao contrário do que ocorre com *adorar*.¹⁰⁰

(37) Podia ter-te contado a história de uma adolescente que, muito jovem, se apaixonou por um inadaptado e que aos 17 anos reincidiu e se apaixonou (desta vez mais a sério, mas, nessa idade, a paixão é sempre um caso sério) por outro, que **amou muito**, e durante muitos anos. (*par=ext293509-opi-96a-2*)

Assim, o que a análise dos verbos de tipo psicológico parece demonstrar é que os estados por eles denotados projetam, todos eles, a mesma escala, uma escala de

⁹⁷Sofia Freitas (2023). [Comentário em blogue]. Disponível em: <https://cordeldeprata.pt/produto/o-reflexo-das-lagrimas-de-sangue/> [consultado: Novembro 2024]

⁹⁸José Ribeiro e Castro (2016). November surprise. *Público*. [Crónica]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2016/11/09/mundo/opiniao/november-surprise-1750542> [consultado: Novembro 2024]

⁹⁹Vânia Duarte (2017). Dia dos Namorados – Memórias de uma Ex Gorda [Publicação em blogue] Disponível em: <https://vaniaduarte.pt/dia-namorados-memorias-de-ex-gorda/> [Consultado: Novembro 2024]

¹⁰⁰Note-se, no entanto, que amar se apresenta mais restritivo quanto à natureza do argumento interno com que aceita combinar-se, dado que, em PE, só pode ser utilizado com complementos diretos que denotem entidades animadas:

- (i) A Maria amou *o João*.
- i. *A Maria amou *o filme*.

‘intensidade de sentimento’, embora contenham, no seu significado lexical, diferentes graus para essa intensidade, conforme se mostra de forma esquemática abaixo¹⁰¹.

Figura 14 - Escala positiva de intensidade de sentimento definida por estados derivados de verbos de estado psicológico

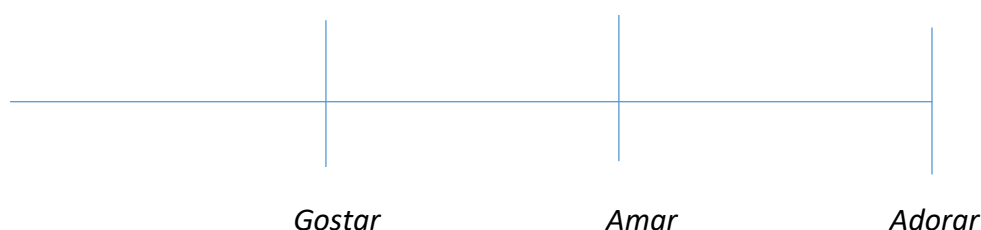
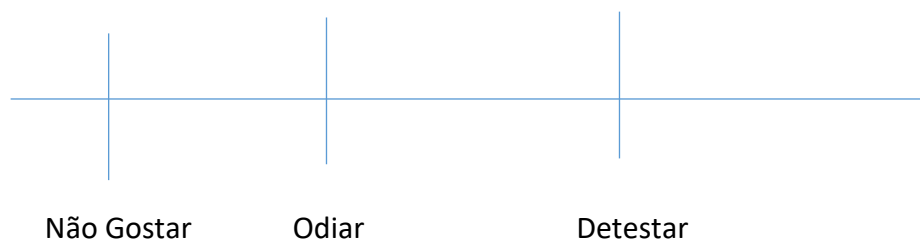


Figura 15 - Escala negativa de intensidade de sentimento definida por estados derivados de verbos de estado psicológico



Supõe-se, então, que os verbos que apresentam menor compatibilidade com o quantificador *muito* deverão ser os que se encontram no limite superior das escalas, o que parece advogar a favor do seu caráter de topo de escala. Pelo contrário, os verbos que se encontram na posição mais baixa da escala aceitam a modificação por *muito* sem restrições. A presença de todos os verbos numa escala com a mesma dimensão de avaliação (i.e., intensidade de sentimento) parece contribuir para comprovar que os

¹⁰¹Por questões de clareza da informação, optou-se por representar os verbos em escalas separadas, para evidenciar que *adorar* e *detestar* parecem ambos comportar-se como topos de escala, mas, na verdade, todos os verbos analisados poderiam ser combinados na mesma escala: *adorar* indicaria o limite máximo da parte positiva da escala de intensidade de sentimento, ao contrário de *detestar*, que indicaria o limite máximo da parte negativa da mesma escala e corresponderia, nessa perspectiva, ao topo inferior da escala.

verbos contêm, no seu significado, pelo menos de forma implícita, um conjunto de informações lexicais relativas a informação escalar.

4.2.1.1.1.1. Natureza do Complemento

Se alguns verbos psicológicos podem ocorrer sem complemento (cf. (38)), a maior parte deles parece ocorrer mais naturalmente na presença de um complemento direto, como se verifica em (38)-(40).

(38) A Maria **sofreu** muito.

(39) Uma derrota que serve de castigo aos receios infundados dos algarvios, que **temeram muito** os madeirenses (...). (par=ext761516-des-98a-1)

(40) No belo e justo dizer de Ramalho, D. Carlos **amou muito** a sua pátria como rei e amou-a talvez mais enternecidamente ainda como paisagista e como lavrador.
(A24273)

A possibilidade de coocorrerem com argumento interno levanta questões sobre a influência que a presença deste argumento, por um lado, e a sua natureza, por outro, têm na interpretação final das frases. Vejam-se os exemplos abaixo, construídos com um argumento interno denotado por um sintagma nominal definido (41), indefinido (41a.) e *bare plural* (41b.).

(41) O João gostou **muito** do livro sobre Linguística.

a. O João gostou **muito** de um livro sobre Linguística.

b. ^{?/ok}O João gostou **muito** de livros de sobre Linguística.

Os exemplos parecem mostrar que a diferença entre o sintagma definido e indefinido não é relevante para a interpretação final, já que tanto (41) e (41a.) parecem ser interpretados da mesma forma: *há um livro sobre Linguística de que o João gostou*

muito. A única diferença entre os dois prende-se com a especificidade da referência atribuída ao SN argumento interno, que deverá tratar-se de um livro específico, no primeiro caso, sendo a referência ambígua entre específico ou não específico, no segundo.

Estas leituras foram confirmadas por informantes nativos do PE (ver tabela 1 do Anexo 2), que, ao avaliarem a aceitabilidade das frases em (42), aceitaram tendencialmente (42) e (42a.) (72% e 76% dos falantes, respetivamente)¹⁰², com leituras de intensidade (*A Teresa adorou intensamente a escultura*) (100% dos falantes que aceitaram o exemplo, indicaram uma leitura de intensidade) e duração (*A Teresa adorou a escultura durante muito tempo*) (27%), mas rejeitaram, na sua maioria (ou, mais concretamente, 52% dos falantes), (42b.), conforme se ilustra no Gráfico 1.

(42) A Teresa adorou **muito** a escultura.

a. A Teresa adorou **muito** uma escultura.

b. ?A Teresa adorou **muito** esculturas.¹⁰³

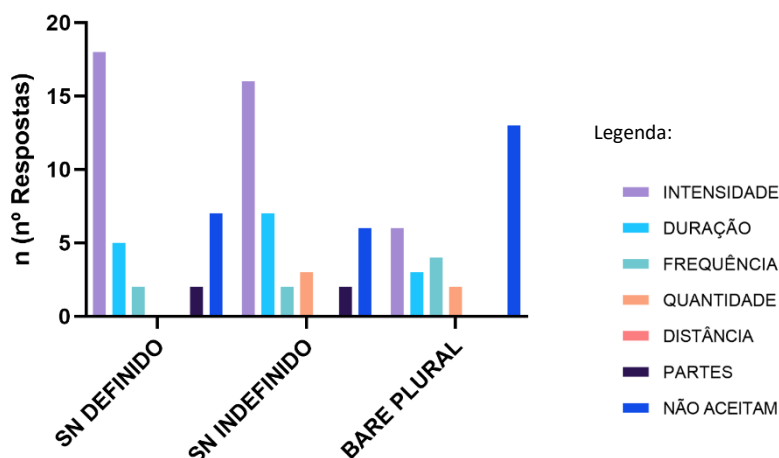
¹⁰² Todas as percentagens apresentadas no presente capítulo foram calculadas tendo em conta o número de falantes consultados e as respostas por eles apresentadas, de duas formas:

- i) Para avaliar a aceitabilidade total e padrões interpretativos gerais, considerou-se o número total de respostas (25);
- ii) Para avaliar as interpretações preferenciais, considerou-se, para cálculo das percentagens, apenas o número total de respostas dadas por informantes que consideravam as frases aceitáveis.

Estes dados estão apresentados de forma sistemática no Anexo 2 da presente investigação.

¹⁰³ Note-se que, para testar a aceitabilidade das frases, optou-se por colocar todos os verbos no Pretérito Perfeito do Indicativo, por ser considerado um tempo verbal aspetualmente neutro. No entanto, se as frases em análise estivessem noutro tempo verbal, neste caso, em particular, no Presente do Indicativo, a aceitabilidade das frases seria, certamente, diferente.

Gráfico 1 – Resultados para [*adorou muito* + complemento]



Este comportamento é justificável, se se tiver em conta que a presença de um *bare plural*, tipicamente, transforma as eventualidades, mesmo os eventos culminados, em processos, i.e., atividades dinâmicas e homogêneas. Ora, os estados também correspondem a eventualidades homogêneas, não dinâmicas, pelo que a presença de um *bare plural* não deverá ter nenhuma função relevante neste contexto, e, por isso, apenas traz uma complexidade adicional desnecessária ao processamento da frase.

Note-se que, neste caso em concreto, a leitura de duração é tipicamente preterida relativamente à intensidade, porque parece estar associada à segunda aceção do verbo, na qual *adorar* corresponde a ‘venerar’ ou ‘render culto a’, associada, não à intensidade de um sentimento, mas a uma duração mais ou menos alongada no tempo.

4.2.1.1.2. Verbos estativos com localização espacial

Um segundo tipo de estados a analisar na presente investigação corresponde aos estados de estágio (*stage-level*) construídos com um sintagma preposicional indicador de localização espacial. A escolha desta classe justifica-se pelo facto de que este tipo de verbos “descrevem propriedades tipicamente transitórias ou episódicas, na total dependência de intervalos de tempo mais ou menos longos” (Cunha, 2004: 528), o que significa que, em princípio, deverão ser compatíveis com o quantificador *muito*, o que é

confirmado pelos exemplos (43) e (44). Os estados seleccionados para a análise foram *estar (em)* e *viver (em)*. Nestes casos, a modificação por *muito* parece estar relacionada com uma leitura de frequência, representada em (43a.) e (44a.), ou com uma leitura de duração, que dá informação sobre a extensão temporal do estado ((43b.)-(44b.)).

(43) O Pedro *esteve* **muito** na Austrália. (adaptado de Cunha, 2004: 323)

- a. O Pedro *esteve muitas vezes* na Austrália.
- b. O Pedro *esteve* na Austrália *durante muito tempo*.

(44) A Maria *viveu* **muito** na Holanda. (adaptado de Cunha, 2004: 530)

- a. A Maria *viveu muitas vezes* na Holanda.
- b. A Maria *viveu durante muito tempo* na Holanda.

Na proposta de Cunha (2004; 2013), *viver* representa um estado de estágio de tipo faseável, ao contrário de *estar (em)*, que corresponde a um estado de estágio não faseável. Esta distinção parece ter como consequência o facto de que a leitura de duração deverá ocorrer de forma preferencial no primeiro tipo de estados (i.e., **estados de estágio faseáveis**), numa interpretação que denota a extensão temporal do estado (veja-se (45) e (46)).

(45) Os andaluzes em geral -- e os sevilhanos em particular -- *vivemos* **muito** ao ar livre, porque o clima proporciona que as pessoas se reúnam. (*par=ext691945-clt-92a-1*)

- a. *Vivemos durante muito tempo/a maior parte do tempo* ao ar livre.

(46) O Orador: - *Vivi* **muito** a seu lado e conheço a sua meditação sobre a providência para dizer e agradecer aqui, como português, como Deputado e como médico, o grande serviço que vai prestar ao País. (*A23050*)

- a. *Vivi durante muito tempo* a seu lado.

Note-se, ainda, que o verbo *viver* tem uma segunda aceção¹⁰⁴ que, por vezes, parece influenciar as interpretações atribuídas a frases com o verbo quantificado. Se, em (47), a leitura pode ser relativa a uma duração (*viveste durante muitos anos*), pode também evocar a quantidade de situações experienciadas pela entidade representada pelo sujeito da frase, que corresponde à leitura preferencial (e única) da frase (47a.). Já em (47b.), a leitura parece ser ambígua entre duração, frequência ou quantidade de experiências.¹⁰⁵

(47) Afinal, viveste **muito**." (*par=ext663442-nd-95a-1*)

- a. Uma mulher da noite que *viveu muito* e se transformou. (*par=ext1126752-nd-92a-1*)
- b. A mais antiga, onde o Sérgio se lembra ainda de ter estado com António Botto (que *viveu muito* em Alfama, sempre a frequentou, ...) (*L0294*)

As respostas obtidas no questionário mostram que 73% dos falantes aceitam a frase (48) com uma interpretação preferencial de intensidade (cerca de 76% dos informantes que consideraram a frase aceitável), só depois surgindo a leitura de duração (53%) (ver tabela 6 do Anexo 2). Esta tendência aponta para o facto de que os falantes parecem servir-se, precisamente, desta segunda aceção, para realizar o processamento das frases. Como, de um modo geral, assumem que *viver* está associado a um conjunto de experiências, os falantes assumem que a forma mais fácil de quantificá-las é através de uma leitura de intensidade.

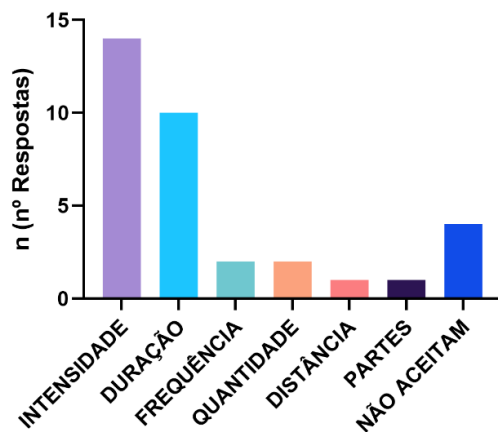
¹⁰⁴'passar por determinada experiência', conforme definido no Dicionário da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa [Online, disponível em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=viver>].

¹⁰⁵Verbos deste tipo não requerem a presença de um argumento interno, embora possam, por vezes, ocorrer com objetos diretos, como se ilustra em (i) e (ii). Nestes casos, a leitura preferencial para ser a que aponta para uma intensidade da experiência vivida (*vivi muito intensamente a experiência x*):

- (i) Isto quer dizer que já *vivi muito a vida* e que adquiri aquela sensibilidade própria dos velhos que lhes faz adivinhar, com facilidade, as tempestades. (*A158303*)
- (ii) «Eu *vivi muito os Beatles!*..." (*par=ext991336-clt-95b-1*)

(48) O Henrique **viveu muito** em Leiria.

Gráfico 2 – Resultados para [*viveu muito em Leiria*]



Pelo contrário, com *estar (em)*, a interpretação preferencial parece ser a que envolve uma frequência, ou seja, a repetição de ocorrências de uma dada situação. A leitura de intensidade deixa de figurar nesta situação (o que, uma vez mais, parece demonstrar que o verbo *viver* foi interpretado pelos falantes numa segunda aceção semelhante a *experienciar*). A interpretação de duração parece ser possível, embora deixe de ser preferencial. Com este verbo, é ainda possível testar a influência da presença e natureza do argumento interno, ao contrário do que ocorre com *viver (em)* (veja-se o contraste entre (49) e (50))¹⁰⁶.

(49) O primeiro-ministro esteve **muito** na faculdade de Letras.

- a. O primeiro-ministro esteve **muito** numa faculdade de Letras.
- b. O primeiro-ministro esteve **muito** em faculdades de Letras.

¹⁰⁶Note-se que estas leituras poderão ser influenciadas pela própria seleção dos complementos, podendo discutir-se a aceitabilidade de casos como (i):

(i) O Miguel viveu muito *na aldeia/numa aldeia/em aldeias*.

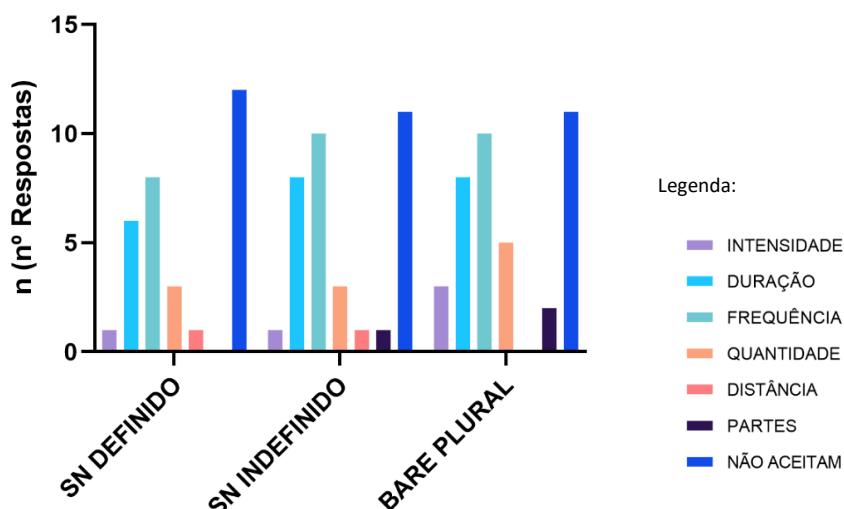
(50) O Miguel viveu **muito** no Porto/na casa dos pais.

- a. ??O Miguel *viveu* **muito** num Porto/numa casa dos pais.
- b. ??O Miguel *viveu* **muito** em Portos/em casas dos pais.

Ainda assim, conforme se verifica pela análise do Gráfico 3, a maior parte dos falantes aceita os exemplos fornecidos no questionário, tanto construídos com argumento interno definido (52%), como com argumento interno indefinido (56%) e com *bare plurals* (56%). As alterações na natureza do argumento interno não parecem ter qualquer influência nas interpretações obtidas, que apresentam sempre o mesmo padrão: uma maior aceitabilidade dos exemplos numa interpretação de frequência (com percentagens entre 62% e os 71%), seguindo-se uma leitura de duração, com uma margem de aceitabilidade mais baixa (entre os 46% e os 57%). Além disso, contrariamente ao que ocorria com os estados analisados anteriormente, neste caso, aumenta o número de falantes que não aceitam, de todo, os exemplos dados, quer com argumento interno definido e indefinido, quer com *bare plurals* (ver tabela 10 do Anexo 2).¹⁰⁷

¹⁰⁷Este comportamento poderá estar relacionado com a própria frase apresentada aos falantes, já que a frase *O Primeiro-ministro esteve muito em Faculdades de Letras* não parece, realmente, uma frase muito natural. Optou-se por mantê-la desta forma, todavia, para manter a conformidade com os restantes exemplos.

Gráfico 3 – Resultados para [esteve muito em + complemento]



4.2.2. Processos

Em PE, a classe dos processos, onde se incluem verbos como *trabalhar*, *dormir* e *estudar*, entre muitos outros, parece aceitar a quantificação por *muito* sem restrições de aceitabilidade, mas com diferenças nas interpretações possíveis. Com efeito, vejamos os exemplos abaixo (e respetivas interpretações).

(51) O Eduardo **estudou muito**, fez exames rigorosos, foi o melhor da turma e acabou com média de 15. (noCOD_1002738)

- O Eduardo *estudou muito intensamente*.
- O Eduardo *estudou durante muito tempo*.

(52) Agora, se os senhores vêm dizer que com a segurança e com a droga não se brinca, tenho de esclarecer que os senhores **brincaram muito**, brincaram demasiado! (noCOD_1002219)

- Os senhores *brincaram muito intensamente*.
- Os senhores *brincaram durante muito tempo*.
- Os senhores *brincaram muitas vezes* (com a segurança e com a droga).

(53) «Foi uma viagem magnífica. **Dormimos muito**, mergulhámos, andámos de barco, nadámos e descansámos. Adoro a bela água azul de Bora-Bora e as suas atraentes palmeiras. (J68412)

- a. *Dormimos* **muitas horas/durante muito tempo**.
- b. *Dormimos* **muito intensamente/profundamente**.

Se, em (51) e (52), as leituras preferenciais parecem ser as que envolvem intensidade e/ou duração, no caso de *dormir* ((53)), a interpretação preferencial parece ser a que envolve duração, mas a leitura de intensidade não é impossível, como se comprova em (53b.). Note-se, ainda, uma possibilidade de leitura, que advém da presença, no contexto linguístico, do enquadramento temporal dado por *foi uma viagem magnífica*. Por interferência do conhecimento do Mundo, sabe-se que, ao longo de uma viagem, não se passa toda a sua duração a dormir, o que demonstra que a interpretação adequada é a que indica que houve vários episódios de *dormir* e, de cada vez que dormiram, dormiram *durante muito tempo/muito profundamente*. Em (52c.), a possibilidade de uma interpretação de frequência surge também por influência do contexto, particularmente pela presença do complemento *com a segurança e com a droga*, que delimita/especifica o evento. Ainda sobre o verbo *brincar*, poderia argumentar-se que, em (52), o sentido é metafórico, mas a interpretação mantém-se inalterada relativamente a casos literais do uso do verbo:

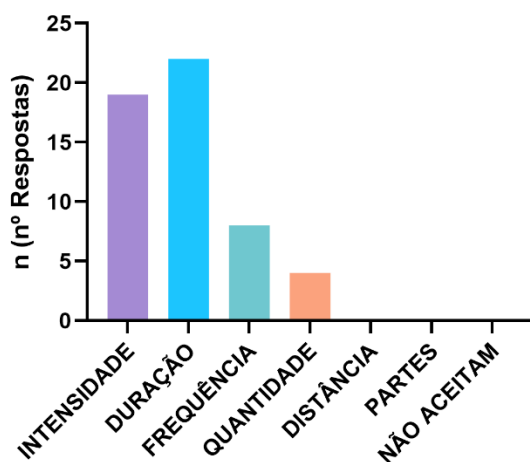
(54) Nos meus tempos de rapaz **brinquei muito**. (A11425, adaptado)

- a. Nos meus tempos de rapaz, passei **muito tempo** a brincar.
- b. Nos meus tempos de rapaz, brinquei **muito intensamente/entusiasticamente**.
- c. Nos meus tempos de rapaz, brinquei **muitas vezes** [a alguma coisa].

Note-se que, também neste caso, a presença de uma localização temporal (*nos meus tempos de rapaz*) contribui para delimitar o evento, permitindo uma leitura de frequência (cf. (54c.)), que não invalida as anteriores.

Estes dados são confirmados pelas respostas dadas pelos falantes para exemplos com o verbo *brincar*. Todos os falantes aceitaram a frase *A criança brincou muito*, com leituras preferenciais de duração (88%) e intensidade (76%), às quais se seguiu uma leitura de frequência (com uma aceitabilidade bastante menor) (cf. tabela 15, Anexo 2).

Gráfico 4 – Resultados para [*brincou muito*]



4.2.2.1. Natureza do Complemento

A análise dos exemplos anteriores mostra que, na maioria dos casos, os processos correspondem a verbos intransitivos, que não necessitam de qualquer complemento para especificar a interpretação. Contudo, como se ilustra nos exemplos abaixo, existem casos em que estes complementos poderão estar presentes.

(55) **Estudei muito o problema**; meditei-o bem em todos os seus aspectos e creio poder afirmar que fiz um trabalho consciencioso e sério. (A20062)

- a. Estudei o problema muitas vezes/durante muito tempo/muito aprofundadamente.

(56) «**Trabalhei muito** a corrida de balanço nos últimos dias», disse Carlos Calado, salientando que agora «para a final vou mais confiante, e espero passar os oito metros». (noCOD_1039772)

- a. Trabalhei (i.e., treinei) a corrida de balanço **muitas vezes/durante muito tempo/muito intensamente**.

(57) «O meu tio **trabalhou muito** com os portugueses." (par=ext263334-soc-91b-2)

- a. O meu tio trabalhou com os portugueses **muitas vezes/durante muito tempo/?muito intensamente**.

(58) Debaixo da cama uma estatueta-boneca de Nossa Senhora: " «Em pequeno, ele **brincou muito** com essa figura da virgem. (par=ext1325902-clt-98a-1, adaptado)

- a. Em pequeno, ele brincou com essa figura da virgem **muitas vezes/durante muito tempo/?muito entusiasticamente**.

O que acontece nestes casos é que, além das leituras previamente mencionadas, nas quais se incluem a duração e a intensidade, a presença de um complemento parece evidenciar a possibilidade de uma leitura de frequência, que denota que um evento do mesmo tipo foi repetido um número impreciso e elevado de vezes. Isto parece mostrar que a leitura de frequência é imposta pela presença, no contexto, de elementos que permitam uma delimitação espaço-temporal do evento (como os próprios complementos) e, também, de elementos como *nos últimos dias*, em (56) ou *em pequeno* (cf. (58)), que contribuem, assim, para o estabelecimento de fronteiras, o que, no caso dos processos, permite que o evento seja repetido.

4.2.3. Processos Culminados

Os Processos Culminados, que contêm, no seu núcleo aspetual, as fases relativas ao processo, ao ponto de culminação e ao estado resultante, apresentam, geralmente, dificuldades relativamente à quantificação por *muito*, já que nem todos os falantes aceitam esta construção, especialmente quando seguidos de um complemento direto, como se verá de seguida. Exemplos prototípicos de eventos deste tipo são os verbos

almoçar ou *jantar* (cf. (59)), que podem ocorrer sem argumento interno explícito. A serem interpretáveis, estes exemplos deverão induzir preferencialmente uma leitura de quantidade, que parece decorrer do conhecimento do Mundo dos falantes – já que *almoçar* e *jantar* correspondem a refeições, i.e., eventos em que se ingerem determinadas *quantidades de comida*.

(59)^{?/ok} O João *almoçou muito*. / O João *jantou muito*.

- a. ?O João *almoçou muito a sopa*. / O João *jantou muito a sopa*.

Como se observa em (60), *almoçar muito* poderá ser compatível com o adverbial temporal *em 10 minutos* (tipicamente utilizado para indicar processos culminados), se a presença do quantificador indicar a frequência da eventualidade *almoçar em dez minutos*. Pelo contrário, na presença do adverbial *durante 10 minutos*, o exemplo é de aceitabilidade duvidosa, e a interpretação do mesmo relaciona-se com a *quantidade de comida* ingerida pelo rapaz durante o almoço (que não chegou a acabar).

(60)^{?/ok} O rapaz *almoçou muito em 10 minutos*.

- a. ?O rapaz *almoçou muito durante 10 minutos*.

A maior parte dos processos culminados, porém, é representada por verbos que ocorrem ou podem ocorrer com argumento interno explícito, que serão analisados de seguida.

4.2.4. Processos Culmináveis

Retomando as ideias de Leal (2009) e Oliveira & Leal (2015), apresentadas no Capítulo 1, os processos culmináveis, ou *atividades com culminação*, correspondem a eventualidades indefinidas quanto à telicidade, dado que, na ausência de argumento interno, representam processos (*atividades*) e, na presença de um argumento interno,

são subespecificados quanto à telicidade, podendo ser téllicos ou atélicos, o que comprova que “the telicity of the predication is not determined at V level in all cases” (cf. Oliveira & Leal, 2015: 467).

Como se pode constatar pelos exemplos abaixo (cf. Oliveira & Leal, 2015), com processos culmináveis, diferentes verbos parecem aceitar a combinação com *muito* de forma diferente e, aceitando-a, as interpretações obtidas também diferem de uns verbos para os outros. No primeiro caso, a interpretação de *vagueou muito* (61a.) poderá estar relacionada com a *quantidade de sítios* por onde *o rapaz* vagueou, ou a *distância* por este percorrida. Já nos últimos dois exemplos com eventos quantificados ((62)-(63)), o quantificador parece introduzir uma noção de *quantidade* (de líquidos/de pinturas), mais natural na leitura atélica ((62a.)-(63a.)). Nestes casos, no entanto, também é possível obter-se uma leitura téllica, comprovada pela compatibilidade com o adverbial *em x tempo* (cf. (62b.)-(63b.)), responsável pela delimitação do evento. Neste caso, o quantificador parece continuar a impor uma interpretação de quantidade, parafraseável por *O rapaz bebeu muitas bebidas* (i.e., em grau superior ao normal) *em meia hora* e *O artista pintou/fez muitas pinturas em meia hora*.

(61) O rapaz *vagueou* durante 15 minutos/*em 15 minutos.

- a. O rapaz *vagueou* **muito** durante 15 minutos.
- b. *O rapaz *vagueou* **muito** em 15 minutos.

(62) O rapaz *bebeu* durante meia hora/*em meia hora.

- a. O rapaz *bebeu* **muito** durante meia hora.
- b. O rapaz *bebeu* **muito** em meia hora.

(63) O artista *pintou* durante 2 horas/*em 2 horas.

- a. O artista *pintou* **muito** durante 2 horas.
- b. O artista *pintou* **muito** em duas horas.

De acordo com estas observações, é possível compreender que, contrariamente ao que ocorria no caso de alguns verbos sem quantificação, a introdução de um quantificador parece influenciar as interpretações possíveis, especialmente no que se relaciona com a codificação da telicidade. Este comportamento comprova a relevância da análise da quantificação de Processos Culmináveis por *muito*.

Tipicamente, na literatura, os processos que aceitam culminação são classificados, consoante o tipo de escala a que estão associados, em: i) verbos de movimento (escala de percurso); ii) verbos de criação/consumo (escala de extensão/volume do referente); e iii) verbos de mudança de estado (escala de propriedade). Servir-me-ei da presente distinção para realizar a análise desta classe aspetual, distinguindo, nos verbos de Tema incremental, verbos de incrementalidade estrita e verbos incrementais não estritos (cf., e.o., Filip, 2008); nos verbos de movimento, os que representam movimento direcionado e os representam modo de movimento; e, por fim, nos verbos de mudança de estado, focar-me-ei nos verbos de contacto com superfícies e nos *Degree Achievements*.

4.2.4.1. Verbos de Tema Incremental

Conforme analisado em capítulos anteriores, os verbos de Tema Incremental caracterizam-se por impor uma afetação gradual ao seu argumento interno com função de Tema, como ocorre em *beber um copo de sumo*, *construir uma moradia*, *escrever um artigo* ou *fumar um cigarro*, entre muitos outros. Nestes casos, a quantificação parece envolver uma complexidade acrescida, dado que, com alguns verbos, a aceitabilidade com o quantificador é difícil (cf. (64)), mas, com outros, é aceitável ((65)-(66)).

(64) ??O engenheiro *construiu muito* o hospital.

(65) O avô *bebeu muito* um vinho (ao longo da sua vida).

(66) A criança *leu muito* o/aquele livro.

Tendo em conta a forma como se relacionam com o seu argumento interno, estes verbos apresentam diferentes padrões de incrementalidade, conforme definido por Filip (2008: 230), que distingue verbos estritamente incrementais de verbos incrementais simples, considerando que “the difference between strictly incremental verbs like *eat* and incremental verbs like *wash* is correlated with distinct grammatical reflexes related to telicity”. Veja-se a diferença entre (67) e (68) (adaptados de Filip, 2008: 230-231). Com efeito, apenas *comer* parece forçar uma leitura obrigatoriamente télica do evento; pelo contrário, o predicado *lavar três janelas* poderá representar um evento télico (cf. (68)), mas a telicidade pode ser cancelada, como se pode verificar pela análise de (68a.).¹⁰⁸

(67) A Maria comeu três sanduíches, ??mas só acabou duas.

a. Comi a fatia de pizza toda, ??mas não acabei de a comer.

(68) O João lavou três janelas *numa hora*.

a. O João lavou três janelas *durante uma hora*, mas nenhuma ficou completamente limpa/lavada.

Esta distinção parece relevante para o estudo da quantificação verbal, já que verbos de Tema estritamente incremental deverão envolver eventos obrigatoriamente télicos e irrepetíveis. Por esse motivo, eventos deste tipo deverão ser incompatíveis com o quantificador *muito*.

4.2.4.1.1. Verbos de Criação e Consumo

4.2.4.1.1.1. Comer e Beber

¹⁰⁸Filip (2008) justifica este comportamento com a possibilidade de se associar, ao predicado introduzido por *lavar*, duas escalas: uma, responsável por projetar uma escala de limpeza, e outra, responsável pela introdução do número de janelas lavadas.

Os verbos de incrementalidade estrita, geralmente, representados por verbos de consumo/destruição (*comer/beber* e *destruir*) ou criação (*construir*) (cf. Dowty, 1991; Krifka, 1992, Filip, 2008; e.o.), são verbos que promovem uma mudança de estado no argumento interno, através do estabelecimento de uma relação homomórfica com o mesmo. O que se verifica é que, com estes verbos, a aceitabilidade da quantificação por *muito* parece estar dependente da natureza do argumento interno.

Do mesmo modo que os processos culmináveis se caracterizam por poderem ocorrer com ou sem qualquer complemento (cf. (69)-(69a.)), frases quantificadas por *muito* podem ocorrer com estes verbos na ausência de complemento (cf. (70)-(71)), originando uma leitura de quantidade, que parece recuperar informação implícita sobre o argumento interno. O que parece ocorrer, nestes casos, é que a presença do quantificador, de certa forma, repõe o complemento, introduzindo um Tema implícito, sob a forma de uma quantidade abstrata ('matéria bebível/comestível')¹⁰⁹.

(69) O bebé (já) comeu.

a. O bebé comeu *a sopa*.

(70) Gambas pela entrada, pato com laranja a secundar, pudim francês como remate: fui incapaz de resistir; **comi muito** e bem. (L0979)

a. Comi uma grande quantidade de *comida*.

(71) Tivemos problemas específicos com os adeptos ingleses, que chegaram sem bilhete e **beberam muito**. (J26941)

a. Os adeptos ingleses *beberam uma grande quantidade de bebida*.

¹⁰⁹Note-se que, com *beber*, por influência do conhecimento do Mundo dos falantes, assume-se que esta quantidade é relativa à substância *álcool* (ou seja, *bebidas alcoólicas*) (cf. (71a.)), como se confirma, aliás, em (i), pela presença de *vamos apanhar um pifo!*.

(i) «Uma tipa bestial é o que tu és», disse Adelaide, e resolveram cear, **beberam muito**, «vamos apanhar um pifo! (L0699)

A presença do quantificador parece, de certo modo, ativar a introdução de uma escala de quantidade, simultaneamente colocando o grau dessa quantidade num ponto elevado da mesma ($d > d_s$). Consequentemente, deverá indicar que a quantidade (d) de alimentos que o João comeu é superior a uma quantidade considerada ‘normal’ para o indivíduo *João* (o grau *standard* (d_s), contextualmente definido), sendo a interpretação altamente condicionada pelo conhecimento do Mundo dos falantes. Uma vez que não é possível definir a quantidade inicial e final, nem indicar um valor preciso para a quantidade exata de alimentos ingeridos, a escala, neste caso, é aberta, e *muito* apresenta o comportamento prototípico de um quantificador vago.

Note-se, ainda, que, desta perspectiva, os eventos descritos continuam a envolver uma mudança de estado, dado que a quantidade inicial de alimentos/líquidos ingeridos é menor que a quantidade final. Os exemplos em (72) comprovam essa mudança, por um lado, e, por outro, mostram que a mesma é relativa a um argumento Tema que não está explícito, não podendo envolver uma mudança no argumento externo (*o João*). Quando o evento acaba, uma quantidade indefinida de alimentos é consumida, deixando de existir, i.e., mudando de estado (de existente para não existente), porque foi ingerida pelo João.

(72) ?O João *comeu muito*, mas nada mudou.

- a. ??O que aconteceu ao João foi que comeu muito.
- b. P: O que é que o João fez? R: Comeu muito.

4.2.4.1.1.1.1. Natureza do Complemento

A presença de um argumento interno parece alterar este comportamento, desde logo porque os eventos passam a ser interpretados como processos culminados, o que reduz significativamente a sua aceitabilidade com o quantificador¹¹⁰, de tal modo que

¹¹⁰Ao serem confrontados com casos problemáticos deste tipo nos questionários realizados, os falantes demonstraram uma tendência evidente para a não aceitabilidade, embora tenham existido algumas

não foram encontrados exemplos representativos nos *corpora* consultados (e, por isso, o exemplo apresentado resulta de uma manipulação).

(73) ??Num relâmpago, o bando dos lobos dispersou, espavorido, e a cabra e o bode gozaram o calorzinho do lume e **comeram muito a sopa toda**. (L1002, adaptado)

A dificuldade de aceitação do exemplo (73) relaciona-se com o conflito gerado pela presença de *muito* – quantificador que tem como função indicar um grau não máximo –, e *toda*, que indica, precisamente, o topo da escala (relativa ao volume da substância *sopa*).

Veja-se, ainda, a frase em (74). Neste caso, a entidade representada pelo SN definido (*as tainhas*) não é interpretada de forma específica, dado que este está a ser utilizado para indicar um tipo de prato (i.e., funciona como um termo de espécie). Nesse caso, então, de cada vez que a entidade denotada por *eles* come *as tainhas*, come um conjunto de tainhas diferentes, o que permite que a frase seja interpretada numa leitura de frequência, sendo parafraseável por *A maior parte das vezes que comem, comem as tainhas*. O mesmo ocorre em (75), onde *tamago koke gohan* é utilizado para designar um tipo de prato.

(74) "«Eles **comem muito as tainhas**, mas o pitéu que mais gostam são os chocos.
(*par=ext798401-soc-93b-2*)

(75) Acabei de voltar do Japão e **comi muito o tamago kake gohan**, mas os ovos do Japão não têm cheiro.¹¹¹

respostas em sentido contrário. Ainda assim, os poucos falantes que consideraram estes casos aceitáveis evidenciaram uma clara dificuldade de processamento da frase, ao indicarem leituras de intensidade e duração, o que demonstra que assumiram que a atuação do quantificador se focava exclusivamente na parte processual do evento, a única acessível a estas interpretações, ignorando, por isso, a presença do complemento.

¹¹¹'alexandre'. (2018). [Comentário em blogue]. Disponível em: <https://www.clubotaku.org/niji/artigos/tamago-kake-gohan/> [Consult. Janeiro de 2025]

Esta dificuldade de aceitabilidade mantém-se na presença de um SN indefinido, se este for interpretado de forma específica, como se demonstra em (76). Pelo contrário, se a entidade representada pelo SN não for específica (cf. (77)), a frase passa a ser interpretável numa leitura de frequência, que parece ser indissociável de uma noção de quantidade, já que, a cada evento de *comer um hambúrguer*, deverá corresponder exatamente uma unidade de *hambúrguer* (que foi comido) (cf. (77a.))¹¹².

(76) ^{??}"Uma colega minha, que está a soro no Hospital, *comeu muito uma sandes de frango* e uma outra, também bastante doente, *comeu muito um hamburger* simples sem maionese. (J0036, adaptado)

(77) O meu filho *comeu muito um hambúrguer simples*.

a. O meu filho *comeu **muitas vezes** um hambúrguer simples*.

→ O meu filho *comeu **muitos** hambúrgueres simples*

Também com artigos indefinidos, uma outra interpretação, que não elimina a leitura de frequência, mas que pode com ela coexistir, é a de 'tipo' ou subespécie (cf. (78)), na qual se assume que *a Teresa comeu muitas vezes um tipo específico de maçã*, como, por exemplo, *maçã de Alcobaça* ou *maçã reineta*. Nesta interpretação, contudo, o que se pretende é indicar uma 'tipologia' de eventos, tornando-se irrelevantes as características internas de cada um desses eventos, ou seja, a frase seria parafraseável por *A Teresa comeu muitas vezes uma maçã do tipo A*. Neste caso, a leitura mais natural parece ser aquela em que se assume que, em cada um dos eventos, *a maçã foi totalmente comida*. Com o verbo *beber*, as interpretações são idênticas (cf. (79)).

¹¹²Esta indecisão é confirmada pelas respostas dos falantes, que tendem a não aceitar este tipo de construção, mas, quando aceitam, revelam uma indecisão no momento de selecionar entre uma leitura de quantidade e frequência. A leitura de intensidade, que também surge em mesma proporção nas respostas obtidas, parece, novamente, relacionar-se com a quantificação (apenas) da parte processual do evento.

(78) A Teresa *comeu* **muito** uma maçã (a reineta).

- a. A Teresa *comeu* **muitas vezes** um tipo de maçã.

(79) ??O João **bebeu muito** um copo de vinho (específico) *durante 10 minutos*.

- a. ^{ok}O João **bebeu muito** um copo de vinho (específico) *em 10 minutos*.

Parece, ainda, possível conceber que um evento quantificado em que o argumento interno é interpretado de forma específica, como ocorre em (80) e (81), pode eventualmente receber uma leitura partitiva, que envolve um consumo parcial do argumento Tema, parafraseável por (80a.) e (81a.).

(80) A Clara *comeu* **muito** o bolo.

- a. A Clara *comeu* **muito** do bolo.

(81) A Clara *comeu* **muito** um bolo.

- a. A Clara *comeu* **muito** de um bolo.

Sendo interpretáveis, então, processos culmináveis com complementos específicos, introduzidos por SNs definidos ou indefinidos (que passam a denotar processos culminados), só podem ser interpretados numa leitura que envolve um evento único (irrepetível), caso em que a quantificação do evento força a perda da culminação do mesmo. De facto, tratando-se *muito* de um quantificador vago e impreciso, que tem a capacidade de transformar uma escala fechada num conjunto aberto de parâmetro relativo (cf. Quadros Gomes, 2011), este poderá ter como função

a abertura da escala, anulando o seu o topo máximo. Resta, então, saber, que escala será esta.¹¹³

Por fim, a combinação de verbos estritamente incrementais com *bare plurals*¹¹⁴, como em (82), não permite a conceção dos eventos descritos como processos culminados. Repare-se que, neste caso, não está reunida nenhuma das condições necessárias para que o evento seja considerado télico: *sanduíches de frango*, *hambúrgueres* ou *bolos* não têm referência quantizada, o que impossibilita a delimitação do evento e tem como consequência a sua transformação em processo, já compatível com adverbiais temporais do tipo *durante x tempo* (cf. (82a.) e (82b.)). Consequentemente, a relação que se estabelece entre o verbo e o argumento Tema deixa de ser estritamente incremental, porque não é possível definir a estrutura partitiva de *bolos* e, consequentemente, os subeventos relativos às diferentes subpartes. Assim, a única interpretação possível para as frases abaixo é a de que, *a maior parte das vezes*, o que *a minha colega* comeu foi *sanduíches de frango* ou, em (84), *a maior parte das vezes*, *os adeptos ingleses beberam cervejas*. Esta leitura implica a existência de uma

¹¹³ Uma vez que a mudança de estado denotada é relativa ao estado de consumo da maçã, defenderemos, no próximo capítulo, que esta escala corresponde a uma escala de progressão do evento, que permite avaliar o grau de consumo da maçã, em cada subevento do evento.

¹¹⁴ Note-se que, apesar de, tanto os *bare plurals* como os nomes massivos terem referência cumulativa, só os primeiros são relevantes para a presente análise. De facto, como se mostra nos exemplos abaixo, a quantificação de eventos construídos com argumentos internos representados por nomes massivos parece indicar que o quantificador atua diretamente sobre a referência do nome, indicando uma quantidade (indefinida e elevada) da substância denotada pelo nome, como se evidencia em (i) (veja-se, ainda, a este propósito, Oliveira, 2017).

- (i) "(...) Bebeu **muito vinho**; e cantou vinte canções. (...) Não se divulgou ainda o que ela disse; pensa -se que se irão passar coisas estranhas. (R1055)

Note-se, contudo, que, em certos casos, a interpretação é ambígua entre uma leitura de quantificação do nome massivo e uma leitura de quantificação sobre o evento, que parece, até, preferencial (cf. (ii) e (iii)). Em (iv), ambas as leituras são possíveis, mas, por ausência de informação contextual, não é possível definir qual das duas é preferencial.

- (ii) Por via da velhice, que vinha vindo, melada, com pés de lã, a grande coira, **comi muito caldo sem unto**. (L0111)
- (iii) Mas não resistiu às ideias feitas: "«Os portugueses **comem muito peixe seco e salgado**»". (par=ext661513-soc-97a-1)
- (iv) **Comi muito pão**. (L0416)

repetição de eventos, i.e., frequência, mas contém informação adicional acerca dessa frequência, indiciando que houve outras repetições do evento nas quais a mesma entidade comeu ou bebeu outra coisa que não *sanduíches de frango* (cf. (83)) ou *cervejas* (cf. (84a.)).

(82) A minha colega *comeu* **muito** sanduíches de frango (*durante 3 dias*).

- a. O meu filho *comeu* **muito** hambúrgueres (*durante a adolescência*).
- b. A Clara *comeu* **muito** bolos (*durante as duas semanas de férias*).

(83) A minha colega *comeu* muito sanduíches de frango e *pouco* sanduíches de atum.

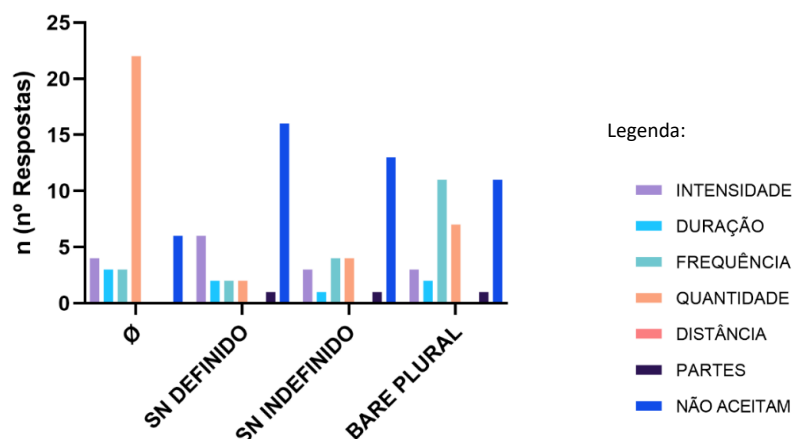
- a. O meu filho *comeu* **muito** hambúrgueres e *pouco* pizzas.
- b. A Clara *comeu* **muito** bolos e **pouco** peras.

(84) Os adeptos ingleses *beberam* **muito** cervejas.

- a. Os adeptos ingleses *beberam* **muito** cervejas e **pouco** sumos.

Estas interpretações foram validadas por falantes nativos do PE, e encontram-se ilustradas no gráfico abaixo, onde $\emptyset$ indica ausência de argumento (como em *A Joana comeu muito*).

Gráfico 5 – Resultados para [*comeu muito* + complemento]



Como se pode observar, a frase selecionada para representar a classe dos Processos Culmináveis (*A Joana comeu muito*) é aceite consensualmente, ou seja, na ausência de argumento, todos os falantes aceitaram o exemplo, ao qual 88% atribuiu uma leitura de quantidade. Contudo, o grau de aceitabilidade dos exemplos diminuiu significativamente com a introdução de um argumento interno com referência quantizada (SN definido ou SN indefinido), havendo uma ligeira tendência dos falantes para aceitarem uma leitura de intensidade na presença de um SN definido. Mais concretamente, na presença de um argumento interno definido, embora apenas 28% dos falantes tenham aceitado a frase, 75% destes atribuíram ao exemplo uma leitura de intensidade. A leitura de intensidade parece mostrar uma dificuldade dos falantes no processamento da frase, que deverá resultar do conflito entre a presença de um evento télico (*comer a sanduíche*) e *muito*, que tipicamente indica um grau elevado (não máximo), ou, neste caso, um evento não culminado. Assim, na presença de um evento télico, os falantes tendem a interpretar a frase focando a parte processual do evento (*A Joana comeu a sanduíche com muita intensidade/vontade/sofreguidão*), ignorando por completo a relação homomórfica entre o evento e o argumento interno.

Na presença de um argumento indefinido, a aceitabilidade da frase aumenta ligeiramente, subindo para 36%, continuando, ainda assim, a maioria dos falantes a não aceitar o exemplo (52%); dos que aceitam a frase, as interpretações dividem-se em frequência (44%) e quantidade (44%), o que evidencia, uma vez mais, que os falantes estão, nestes casos, a assumir uma leitura de ‘tipo’ (*A Joana comeu muitas vezes uma maçã do tipo A*).

Por fim, na presença de um *bare plural*, que transforma o evento, novamente, num processo (*A Joana comeu muito sanduíches*), a frase passa novamente a ser aceitável pela maior parte dos falantes (52%), havendo, ainda assim, uma grande taxa de rejeição (44%). Neste caso, os falantes dividem-se quanto à interpretação: cerca de 85% dos falantes que aceitam a frase, interpretam-na numa leitura de frequência, e os restantes 54% aceitam-na com uma leitura de quantidade (cf. tabela 20, Anexo 2).

4.2.4.1.1.2. *Construir e Destruir*

Os verbos *construir* e *destruir* também representam verbos de incrementalidade estrita, com a diferença, relativamente aos anteriores, que não parecem ocorrer bem sem argumento interno, o que advoga a favor do seu carácter preferencialmente culminado:

(85) *O empreiteiro construiu.

(86) *A tempestade destruiu.

Contudo, a presença de *muito* torna as frases aceitáveis (cf. (87) e (88)), mesmo na ausência de complemento. Neste caso, tal como ocorria com os verbos *comer* e *beber*, o quantificador deverá cumprir a função do argumento interno, introduzindo informação sobre a(s) entidade(s) afetada(s) no decurso do evento. Este comportamento parece justificar a aceitabilidade com adverbiais indicadores de eventos télicos (cf. (89)), o que mostra que se comportam como processos culminados.

(87) Vítor Figueiredo quer fazer obras como as rochas e as árvores. Trabalha há muitos anos, **construiu muito**. Nada do que fez é fotogénico ou exuberante. (J4868)

a. Vítor Figueiredo construiu **muitas coisas** ('edifícios').

(88) Mas, se a pilhagem de antiguidades no princípio do século XIX " «**destruiu muito**,¹¹⁵ também muito salvou» ", diz o arqueólogo e antigo director do IFAO, Jean Vercoutter. (par=ext1265162-clt-92a-2)

¹¹⁵Uma leitura que também poderá ser possível é aquela em que a quantificação do verbo *destruir* pode dar informação sobre o grau de destruição, o que poderá estar relacionado com as próprias características lexicais do verbo, dado que este parece lexicalizar uma escala de destruição. Nesta perspetiva, o estado inicial deverá corresponder ao grau 0 de destruição, enquanto o estado final deverá corresponder a uma destruição total. Esta interpretação, no entanto, carece de validação.

- a. A pilhagem destruiu **muitas coisas** ('antiguidades').

(89) O Vítor construiu **muito** ??durante os últimos anos/nos últimos anos.

- a. A pilhagem de antiguidades destruiu **muito** ??durante os últimos anos/nos últimos anos.

4.2.4.1.1.2.1. Natureza do Complemento

Na presença de um argumento interno explícito definido, tal como ocorria nos verbos anteriores, a estrutura partitiva deste argumento interfere com a estrutura subeventiva, diminuindo significativamente a aceitabilidade das frases com *muito*, particularmente com o verbo *construir*, que estabelece uma relação homomórfica estrita com o argumento interno, denotando um evento télico:

(90) No que diz respeito à sua localização, ocupa uma ótima posição em Pequim. O povo antigo reparou a casa e **construiu muito o jardim**.¹¹⁶

- a. O povo antigo reparou a casa e **construiu muito um jardim**.
b. O povo antigo reparou a casa e **construiu muito jardins**.

→ O povo antigo reparou a casa e construiu **muitos jardins**.

Como o evento *construir o jardim* é de ocorrência única (*um jardim* em específico só pode ser construído uma única vez; mesmo que seja destruído e reconstruído, o evento não é o mesmo¹¹⁷), a quantificação não permite a repetição de ocorrências, o que impede a leitura de frequência. Assim, no caso de (90), a única interpretação possível é a que envolve um evento não culminado, indicando-se, assim, uma leitura partitiva, parafraseável por *o povo antigo construiu uma grande parte/muitas partes do*

¹¹⁶Disponível em <https://gutx.pt/story/dntnngyrflee.html> [Consult. Janeiro 2025]

¹¹⁷Por outras palavras, tal significa que, de cada vez que houve uma reconstrução, tem de ter havido uma destruição intermédia, ou seja, cada jardim construído é diferente do anterior, constituindo, por isso, eventos diferentes.

jardim, ou, eventualmente, uma leitura durativa, parafraseável por *o povo antigo construiu o jardim durante muito tempo*. Esta questão desaparece se o argumento interno não tiver referência específica, como ocorre com SNs indefinidos (cf. (90a.)). Nestes casos, passa a estar disponível uma leitura de frequência, que implica que, em cada evento, foi construído exatamente um jardim (de um determinado tipo). Com *bare plurals* (cf. (90b.)), a esta leitura de frequência, que indica que, na maior parte das vezes, o que *o povo antigo* construiu foi *jardins*, parece adicionar-se, ainda, uma leitura de quantidade: existem tantos jardins quanto o número de eventos.

O verbo *destruir* apresenta um comportamento menos restritivo, já que, na presença de um argumento interno definido (cf. (91)), é possível interpretar o evento com uma leitura de intensidade, que indica o grau de destruição verificado no argumento interno no final do evento (91a.). Pode, também, obter-se uma leitura de evento não culminado (91b.), que implica que a fragata não ficou *totalmente* destruída, ou, dito de outra forma, as subpartes da fragata não foram todas afetadas no decurso do evento. Esta leitura partitiva é confirmada pela existência de exemplos como (92), no qual a indicação desta leitura é evidenciada pela presença da partícula partitiva *de*.

(91) O Sr. Deputado Júlio Evangelista referiu-se ao incêndio que destruiu **muito a fragata**

D. Fernando. (A10101, adaptado)

- a. O incêndio *destruiu muito intensamente a fragata D. Fernando*.
- b. O incêndio *destruiu muitas partes da fragata D. Fernando*.

(92) O Estado Islâmico *destruiu muito do património* no norte do Iraque (...).¹¹⁸

No caso de *destruir*, contrariamente a *construir*, a possibilidade de uma leitura de duração, quando o evento é interpretado de forma atética, depende da existência de um evento durativo, i.e., que pode alongar-se por um período mais ou menos alargado

¹¹⁸Morais, V. (2016). *Estado Islâmico destrói património histórico do Nínive*. Disponível em: <https://observador.pt/2016/04/18/estado-islamico-destroi-patrimonio-historico-ninive/>

no tempo, como acontece, por exemplo, com a destruição do património de um povo/civilização (cf. (93)).

(93) As tropas foram chegando, incluindo novos reforços de quem se dizia que estavam a chegar a França. Muitos foram abatidos na batalha de Mount Street Bridge. Dublin tornou-se um pequeno canto da Frente Ocidental, a artilharia pesada *destruiu muito o centro da cidade*.¹¹⁹

- a. A artilharia pesada *destruiu muitas partes* (i.e., edificações) do centro da cidade.
- b. A artilharia *destruiu muito intensamente o centro da cidade*.
- c. A artilharia *destruiu durante muito tempo o centro da cidade*.

→ Durante o tempo da ocupação, a artilharia pesada foi destruindo o centro da cidade.

Por fim, quando combinados com *bare plurals*, os verbos *construir* e *destruir* aceitam bem a quantificação por *muito*, embora com restrições de interpretação. De facto, nos exemplos abaixo, a presença do argumento interno parece contribuir com informação sobre um ‘tipo’ de evento (*construir hospitais* e *destruir fragatas*). A presença do quantificador, nestes casos, indica que o tipo de evento referido foi predominante, contribuindo, assim, para uma leitura de frequência e, consequentemente, de quantidade: a maior parte das edificações realizadas por *Vítor Figueiredo* foram *hospitais*, o que significa que houve várias ocorrências de um evento em que um hospital foi (totalmente) construído (e, similarmente, várias ocorrências de um evento em que *uma fragata* – diferente em cada evento – foi totalmente destruída por causa de *um incêndio*). Esta interpretação parece ter como consequência o surgimento de uma leitura contrastiva (cf. (94a.)-(95a.)), exatamente como ocorria com os verbos *comer* e *beber*.

¹¹⁹Ramos, M. G. (2013). *O Conflito Anglo – Irlandês. Aspetos Políticos e Religiosos*. [Dissertação de Mestrado], pp. 32.

(94) Vítor Figueiredo construiu **muito** hospitais.

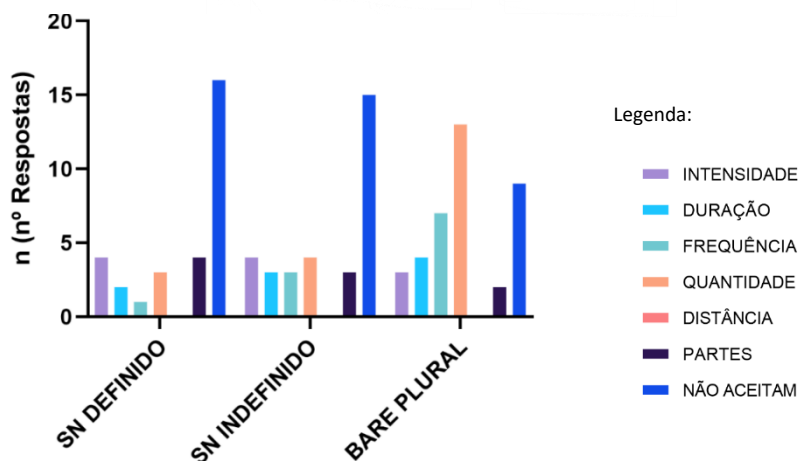
- a. Vítor Figueiredo construiu **muito** hospitais e **pouco** escolas.

(95) O incêndio destruiu **muito** fragatas.

- a. O incêndio destruiu **muito** fragatas e **pouco** navios.

Estas leituras foram também confirmadas pelos falantes consultados (cf. Gráfico 6 e tabela 25 do Anexo 2).

Gráfico 6 – Resultados para [*construiu muito* + complemento]

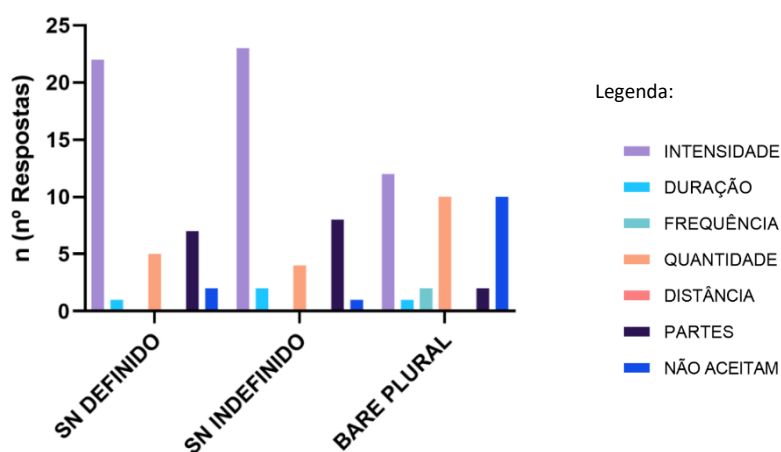


Com o verbo *construir*, na presença de um argumento interno definido, que transforma o evento num processo culminado, a maior parte dos falantes rejeita a frase (64%), e apenas 24% dos falantes a aceitam, revelando uma indecisão entre uma leitura de intensidade (67%), de partes mereológicas (67%) ou de quantidade (67%). A presença de um argumento interno indefinido parece revelar um padrão semelhante, mantendo-se o número de falantes que não aceita a frase, mas aumentando o número de indecisos (12% revelaram não saber responder). Este comportamento parece evidenciar a dificuldade de processamento destas frases, por parte dos falantes. Por fim, com *bare plurals*, a aceitabilidade aumenta consideravelmente, passando a registrar-se 60% de falantes que aceitam o exemplo dado (*O Rui construiu muito hospitais*), dos quais 87%

aceitam uma leitura de quantidade e 47% interpretam a frase como envolvendo frequência (cf. tabela 25 do Anexo 2).

Quanto ao verbo *destruir*, na presença de um complemento construído com artigo definido, os falantes revelam uma grande aceitabilidade da frase (*A tempestade destruiu muito a casa*), o que poderá indiciar uma tendência para interpretar este evento como um processo. De facto, 92% dos falantes consideram que a frase é aceitável, especialmente numa leitura de intensidade (96%), aceitando, também, uma leitura partitiva (28%). O padrão mantém-se na presença de um argumento interno indefinido, cuja aceitabilidade sobe para os 96%, mantendo-se as leituras de intensidade (96%) e partes mereológicas (33%). Neste caso, a presença de um *bare plural* reduz significativamente a aceitabilidade da frase, o que poderá estar relacionado com o facto de o exemplo ser muito específico e não ter informação contextual, tornando a frase pouco natural, o que, conseqüentemente, restringe as interpretações possíveis (*A tempestade destruiu muito casas*). Ainda assim, a maior parte dos falantes (52%) aceita a frase, que é interpretada numa leitura de intensidade (92%) ou quantidade (77%) (ver tabela 30 do Anexo 2).

Gráfico 7 – Resultados para [*destruiu muito* + complemento]



Conforme fica patente pela observação dos gráficos acima, *destruir* é bastante mais aceitável com *muito* do que *construir*, mesmo na presença de um argumento interno, dado que passa a ser possível a consideração de uma intensidade para o evento,

que envolve o grau de destruição provocado na entidade que sofre a mudança de estado.¹²⁰ Novamente, o que parece ocorrer no caso de *destruir* é que, tal como ocorria com *comer*, os falantes parecem ignorar a presença do argumento interno, focando-se, apenas, na parte processual do evento para conseguiram processar a frase.

4.2.4.1.1.3. *Escrever e Ler*

Do mesmo modo que os verbos de consumo representam eventos em que uma entidade é consumida (ou destruída), os verbos de criação apresentam o padrão oposto, ou seja, a entidade é criada no decurso do evento. Um exemplo deste tipo de verbo é *escrever*, que, ao ser quantificado por *muito*, recebe uma interpretação preferencial de quantidade, o que, como visto anteriormente, parece indiciar que o quantificador assume, nesse caso, a função do argumento Tema (cf. (96a.)).¹²¹ O verbo que se contrapõe a *escrever* é *ler*, que corresponde a um verbo de consumo (cf. (97)).

(96) Fui um publicitário a tempo inteiro, portanto **escrevi muito!** (par=ext781407-clt-95b-1)

- a. Fui um publicitário a tempo inteiro, portanto **escrevi muitas coisas** (= *produzi muito conteúdo escrito*).

(97) Li **muito**, escrevi **muito**. (par=ext945942-pol-94a-1)

- a. *Li muitas coisas, escrevi muitas coisas.*

¹²⁰Ainda assim, a interpretação de intensidade carece de maior explicação, especificamente no sentido de tentar processar exatamente o que é que os falantes consideram quando aceitam a frase *a tempestade destruiu muito intensamente a casa*: estarão a considerar o grau de destruição verificado na casa (encarada como um todo) ou estarão a considerar a destruição de muitas partes da casa ou, ainda, um elevado grau de destruição em cada uma das partes afetadas? Estas questões terão de ser deixadas para investigar em momento posterior.

¹²¹Esta leitura é evidenciada se se introduzir informação contextual sobre o tema das matérias escritas, conforme se evidencia em (i).

- (i) Mais uma vez, e muito resumidamente, pois já escrevi **muito sobre os incêndios**, não posso deixar de manifestar a minha mágoa e angústia por esta catástrofe estival a que já nos habituaram. (par=ext1209003-nd-95b-1)
 - a. Já escrevi **muitas coisas sobre os incêndios**.

Assim, na ausência de um argumento interno explícito, a quantificação deste tipo de eventos (cf. (98)-(101)) envolve tipicamente uma interpretação relacionada com quantidade (*li uma grande quantidade de 'material legível' e escrevi uma grande quantidade de 'material escrito'*). Note-se, ainda, (101), em que é possível obter-se uma leitura de duração (cf. (101b.)), dado que o contexto denota um intervalo de tempo alargado, simultaneamente através da presença do verbo *crescer* e de elementos contextuais como *mudei de voz*.

(98) Eu sempre **li muito** e a minha aprendizagem das línguas é estritamente aquela que fiz no liceu. (*par=ext295336-pol-95b-2*)

a. Eu sempre *li* **muitas coisas**.

(99) Cunhal afirmou, a propósito da sua faceta de escritor, num colóquio organizado em Maio: "São muito raras as ocasiões em que me apresento como escritor. E **escrevi muito**". (*J38859*)

a. *Escrevi* muitas coisas.

(100) **Escreveu muito**, num estilo denso, sentencioso, vivo, amaneirado por vezes. Os seus escritos, repetidamente editados, tiveram funda repercussão na educação e vida social de Espanha e tb de Portugal. (*L0867*)

a. *Escreveu* muitas coisas.

(101) Depois, cresci. Arrojei o colarinho fora. Estiquei as calças até os canos das botas. **Li muito**. Mudei de voz. Li mais. Espanjei o pó do coração. (*L0241*)

a. *Li* muitas coisas.

b. *Li* durante muito tempo.

Os testes para a telicidade parecem mostrar que, na ausência de informação contextual específica, como em (102), estes eventos são preferencialmente interpretados como atélidos (cf. (102a.)), mas, em casos específicos, podem receber

uma leitura télica, como em (102b). Aí, a interpretação das frases depende da existência, no contexto linguístico ou no conhecimento partilhado dos falantes, de informação acerca da quantidade habitual de textos que a Maria é capaz de ler/escrever em duas horas. Dessa forma, a paráfrase mais adequada para um exemplo como (102b.) parece ser *A Maria leu/escreveu ‘material legível/escrito’ em quantidade superior ao que é normal ela escrever em duas horas.*

(102) A Maria *leu/escreveu* muito.

- a. A Maria *leu/escreveu* **muito** durante duas horas.
- b. A Maria *leu/escreveu* **muito** em duas horas.

4.2.4.1.1.3.1. Natureza do Complemento

No caso de *escrever*, na presença de um argumento interno construído com SN definido, a aceitabilidade torna-se um pouco mais difícil:

(103) ?Com efeito, o Dr. Freitas do Amaral (...) empenhou-se vivamente nesta questão, encabeçou o movimento da regionalização e *escreveu muito o livro*. (A138325, adaptado)

- a. O Dr. Freitas do Amaral (...) *escreveu muitas partes do livro*.
- b. O Dr. Freitas do Amaral (...) *escreveu o livro durante muito tempo*.

No exemplo apresentado acima, de aceitabilidade duvidosa, a interpretação não pode envolver frequência, dado que *escrever o livro* é um evento único: o mesmo livro não pode ser (totalmente) escrito mais do que uma vez. Por esse motivo, se aceitável, a única interpretação disponível é a que envolve a anulação da culminação, indicando que o evento não chegou ao fim (*o livro não foi totalmente escrito*). Em termos concretos, isto evidencia a estrutura partitiva do argumento interno, indicando que, no mesmo evento, o Dr. Freitas do Amaral *escreveu muitas partes* do livro (cf. (103a.)). Por outro

lado, e dado que o evento não é culminado, a estrutura subeventiva fica restrita à parte processual, o que disponibiliza, também, uma interpretação relativa à duração do evento (cf. (103b.)).

Note-se, uma vez mais, a importância que o contexto tem no estabelecimento da interpretação final das frases e, conseqüentemente, na sua aceitabilidade com a quantificação por *muito*. No exemplo abaixo, realmente, a quantificação parece bastante mais aceitável que no caso anterior. Ora, o evento *escrever a tese de doutoramento* deverá, em princípio, ser um evento único, o que, logicamente, impediria, em princípio, a quantificação. Contudo, o conhecimento do Mundo dos falantes permite conceber este como um evento que envolve a escrita gradual (e partitiva) de diferentes capítulos, com conseqüente leitura, análise, correção e eventual reescrita dos mesmos. Desse modo, a frase abaixo poderá ser interpretada numa leitura que envolve a consideração de um evento não culminado (*a Helena não escreveu totalmente a tese de doutoramento*), daqui surgindo uma interpretação partitiva (cf. (104a.)), ou de repetição de subeventos, característica típica de verbos não estritamente incrementais (cf. (104b.)).

(104) A Helena **escreveu muito** a tese de doutoramento.

- a. A Helena **escreveu muitas partes** da tese de doutoramento.
- b. A Helena **escreveu muitas vezes** diferentes partes da tese de doutoramento (= escreveu e reescreveu).

Quando o argumento interno corresponde a um SN indefinido, a aceitabilidade das frases vai depender da especificidade da entidade referida: se se tratar de uma entidade específica, como fica claro em (105), pela explicitação do conteúdo da carta (*na qual acusava o PS de fazer promessas irresponsáveis que iriam aumentar os impostos*), a aceitabilidade é muito reduzida ou mesmo nula.

- (105) ??Aplausos do PS. Há quatro anos, Durão Barroso *escreveu muito uma carta aos lisboetas*, na qual acusava o PS de fazer promessas irresponsáveis que iriam aumentar os impostos (...). (A0357, adaptado)

No entanto, se a referência não for específica, pode surgir uma interpretação de frequência, com uma leitura de quantidade implicada, o que significa que cada um dos subeventos na denotação do verbo corresponde a um processo culminado (i.e., de todas as vezes que *Durão Barroso* escreveu um discurso, escreveu um discurso completo).

- (106) Durão Barroso *escreveu muito um discurso político*.
a. Durão Barroso *escreveu muitas vezes um discurso político*.

Por fim, na presença de um *bare plural*, a aceitabilidade das frases volta a aumentar, dado que este tipo de argumento, por conter referência cumulativa, permite a interpretação do evento como um processo (cf. (107)). Neste caso, note-se, o argumento introduzido pelo *bare plural* dá informação sobre o tipo de *matéria escrita*, indicando uma leitura simultânea de frequência e quantidade, parafraseável por *A maior parte das vezes que ele/ela escreveu, escreveu livros*. Por pressupor a existência de eventos completos (i.e., culminados), a leitura de frequência impõe que, a cada evento de *escrever um livro*, corresponda a existência um livro totalmente escrito (cf. (107a)).¹²²

¹²²Note-se, ainda, a importância da presença de modificadores, como os introduzidos pelo SPrep *sobre*, ilustrados abaixo, que parecem ter como consequência a indução de uma leitura de quantidade (ia.) e (iia.), que tem como consequência a definição de um ‘tipo de evento’, na qual se indica o tipo de matéria escrita (*escrever sobre os dramas dos vienenses; escrever sobre os incêndios*), justificando, também, a leitura de frequência (ib.)-(iib.)).

- (i) No período que separa a I da II Grande Guerra, o escritor Ödön von Horvath *escreveu muito sobre os grandes e pequenos dramas dos vienenses*. (*par=ext299684-clt-97a-1*)
a. Ödön von Horvath *escreveu muitas coisas sobre os dramas vienenses*.
b. Ödön von Horvath *escreveu muitas vezes (alguma coisa) sobre os dramas vienenses*.

(107) Agora tem coluna fixa nos jornais, *escreveu muito livros* (...) (par=ext31168-pol-95a-2, adaptado)

- a. *Escreveu muitas vezes livros*. → *Escreveu muitos livros*.

Por fim, salienta-se, novamente, a importância da informação contextual presente na frase, como acontece em (108), em que a presença de ‘o livro que a Relógio d'Água vai editar foi todo escrito este ano, muito depressa’ parece pôr em evidência uma leitura de frequência ou duração, que permitiu ao escritor escrever um livro completo *muito depressa* e no período de um ano.

(108) Depois recomecei a *escrever muito*: o livro que a Relógio d'Água vai editar foi todo escrito este ano, muito depressa. (par=ext918032-clt-93a-1)

- a. Recomecei a *escrever* muitas vezes/durante muito tempo.

Do mesmo modo, com *ler*, a introdução de um argumento interno transforma o processo em processo culminado (cf. (109)). No entanto, neste caso, *muito* passa a ser compatível com um argumento interno com referência quantizada e específica, denotado por SNs definidos e/ou indefinidos.¹²³

(ii) Mais uma vez, e muito resumidamente, pois já *escrevi muito sobre os incêndios*, não posso deixar de manifestar a minha mágoa e angústia por esta catástrofe estival a que já nos habituaram. (par=ext1209003-nd-95b-1)

- a. *Escrevi muitas coisas sobre os incêndios*.
b. *Escrevi muitas vezes* (alguma coisa) *sobre os incêndios*.

¹²³ Este comportamento põe em evidência uma diferença crucial que separa verbos de Tema estritamente incremental de verbos de Tema incremental não estrito, relacionada com o grau de afetação do Tema. Realmente, ao contrário do que ocorre no caso de *comer uma maçã*, em que a maçã desaparece à medida que o evento progride, a leitura de *um livro* não afeta, de forma nenhuma, *o livro* em si, antes impondo uma mudança no sujeito. Veja-se, a este propósito, a diferença entre (i) e (ii).

- (i) ??A Maria comeu **muito** *uma maçã*, mas nada mudou nela_[a maçã].
(ii) A Maria leu **muito** *o livro*, mas nada mudou nele.

(109) É nessa altura que me cruzo também com outras filosofias, li **muito** o “Tao Te King”, que me tocou muito com a filosofia “zen”.¹²⁴

- a. Li **muitas vezes** o Tao Te King.
- b. Li o Tao Te King durante muito tempo.
- c. Li **muitas partes** do Tao Te King (mas ainda não consegui chegar ao fim).

Neste caso, *ler* também representa um verbo de consumo, mas, diferentemente dos casos anteriores, corresponde a um verbo de Tema incremental não estrito, porque, como afirma Filip (2008: 222), denota um evento em que “parts of ‘incremental’ objects can be subjected more than once”. Por outras palavras, um evento como *ler o livro* envolve um conjunto de subeventos associados às diferentes subpartes desse livro. Porém, uma vez que, de cada vez que se lê um livro, não se verifica nenhum tipo de alteração no livro lido, tal significa que uma mesma subparte do livro pode relacionar-se com diferentes subeventos (i.e., é possível ler várias vezes a mesma frase, parágrafo ou, até, página) e, como tal, o evento *ler o livro* pode ser repetido. Com efeito, a leitura mais natural para os exemplos apresentados acima parece ser a que envolve frequência, indicando que o evento *ler o Tao Te King* foi repetido um número indeterminado e elevado de vezes (cf. (109a.). O mesmo evento pode, todavia, receber uma interpretação atélica, que pode estar relacionada com a duração do evento (cf. (109b.) ou com a estrutura partitiva do argumento interno (109c.). Nos dois últimos casos, a introdução do quantificador parece ter como consequência a anulação da telicidade do evento, que passa a permitir a conceção do mesmo como um processo (não culminado).

Note-se, novamente, a importância da informação contextual para a definição da interpretação final das frases. Como se verifica em (110), a presença de outros

-
- a. ??A Maria leu muito o livro, mas nada mudou nela.

¹²⁴Resina, L. *Astrologia. Somos uma civilização sem pernas para andar*. [Entrevista]. Jornal I [Online]. Disponível em: <https://ionline.sapo.pt/2017/11/13/astrologia-somos-uma-civilizacao-sem-pernas-para-andar/> [Consult. 08/01/2025]

elementos na frase pode clarificar as diferentes interpretações: neste caso, a presença das expressões temporais *pelo menos dez minutos por dia* e *durante dez anos* retira a ambiguidade à frase, permitindo, exclusivamente, uma leitura de frequência.

(110) Li **muito** a Bíblia, pelo menos dez minutos por dia, durante dez anos. (L0939)

No caso de argumentos internos indefinidos, pode, ainda, haver lugar a uma segunda possibilidade de interpretação, a frequência, quando o indefinido recebe uma leitura não específica (semelhante a *um livro qualquer*) (ver, e.o., Czardybon & Fleischhauer, 2014) (cf. (111)).

(111) A Maria leu **muito** *um livro* (qualquer).

Por fim, com *bare plurals* (*livros*), o quantificador parece adicionar informação relativa à parte processual do evento, na medida em que a interpretação mais natural parece ser aquela que refere que a Maria leu maioritariamente *livros sobre Linguística*, mas também leu outras coisas, embora em menor quantidade (cf. 112a.). Novamente, esta leitura parece induzir uma outra interpretação, obtida por inferência, e, portanto, indireta, que envolve uma quantidade, parafraseável por *A Maria leu uma grande quantidade de livros sobre Linguística* (cf. (112b.)).

(112) A Maria leu **muito** livros sobre Linguística.

- a. A Maria leu **muitas vezes** livros sobre Linguística e **poucas vezes** jornais.
- b. A Maria leu **muitos** livros sobre Linguística, e **poucos** jornais.

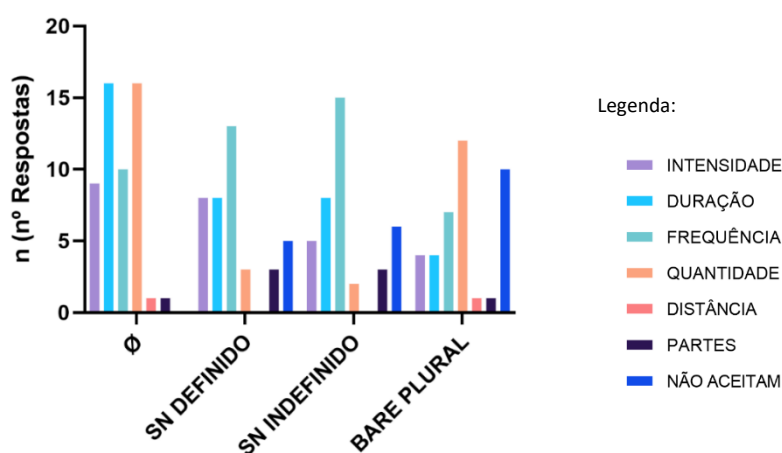
Dessa forma, a presença de um *bare plural*, novamente, evidencia uma referência plural (indefinida) das entidades na denotação do SN, o que contribui para

aumentar a complexidade de processamento das frases. O Gráfico 8 mostra as respostas dadas pelos falantes para o conjunto de frases apresentado em (113).

(113) O aluno *leu muito*.

- a. O aluno *leu muito* o livro.
- b. O aluno *leu muito* um livro.
- c. O aluno *leu muito* livros.

Gráfico 8 – Resultados para [*leu muito* + complemento]



Os dados mostram que, na ausência de argumento interno, a totalidade dos falantes aceita a frase em (113), à qual 64% atribui interpretações de quantidade e, simultaneamente, duração, e 40% considera a possibilidade de uma leitura de frequência. Quando se acrescenta um argumento interno definido (113a.), o valor da aceitabilidade do exemplo reduz ligeiramente, para 80%. Dos falantes que aceitam a frase, 65% considera que a interpretação se refere a uma frequência e 40% indica uma leitura de duração. Com argumento interno indefinido, 76% dos falantes consideram a frase aceitável, dos quais 79% selecionam a frequência como interpretação preferencial, e 42% indicam uma leitura de duração. Por fim, com *bare plurals* (cf. (113c.)), a aceitabilidade passa para os 60% e, dentro dos falantes que aceitam, 80% preferem uma

leitura de quantidade¹²⁵ e 47% interpretam o exemplo como envolvendo uma frequência (cf. tabela 35, Anexo 2).

4.2.4.1.1.4. O caso de *pintar*

Tal como ocorria com os verbos anteriormente analisados, também *pintar* pode ocorrer sem complemento (cf. (114)), aceitando a quantificação por *muito*. Neste caso, o quantificador parece preencher a informação relativa ao argumento interno, indicando uma grande quantidade de *material pintado* (cf. (115)) – como, aliás, o comprova a continuação da frase (para poder oferecer *quadros*).

(114) O artista *pintou* (durante toda a tarde).

(115) *Pintei muito*, especialmente, antes do Natal, para poder oferecer quadros à família, aos amigos... (*par=ext1562183-des-93a-1*)

a. *Pintei* muitas coisas.

À semelhança dos casos anteriores, *pintar* corresponde a um verbo de criação que afeta o Tema de forma incremental, o que significa que deverá comportar-se de forma semelhante aos restantes verbos de criação e de consumo analisados. Veja-se, então, o que ocorre quando está explícito um argumento interno.

4.2.4.1.1.4.1. Natureza do Complemento

Na presença de um complemento com referência quantizada específica (o *quadro/um quadro específico*), *pintar* deverá aceitar com relativa facilidade a leitura de evento não culminado (cf. (116)), porque, por interferência do conhecimento do

¹²⁵A interpretação de quantidade poderá indiciar uma estratégia em que os falantes optam por transferir a quantificação do verbo para o argumento interno (*livros*), no sentido de facilitar o processamento da frase.

Mundo, sabe-se que a pintura de um quadro envolve vários subeventos em que, em cada um, se pinta uma parte do quadro; mas também vários subeventos de pausa, para, por exemplo, deixar a tinta secar. Ou, por outras palavras, a pintura de um quadro pode levar várias horas, dias ou mesmo semanas.

(116) *Pintei **muito** o quadro.*

- a. Pintei **muitas partes** do quadro.
- b. Pintei o quadro durante muito tempo.
- c. **Pintei muito** o quadro, mas (ainda) não acabei.

No entanto, se o argumento interno fizer referência a um ‘tipo’ de pintura, como ocorre em (117) e (118), onde o argumento interno não se refere à entidade que está a ser criada ao longo do evento, mas sim à imagem que se pretende representar através da pintura, que, em princípio, não deverá sofrer nenhuma mudança de estado, a interpretação mais natural parece ser a que se refere a uma frequência (i.e., existe uma repetição de eventos completos em que, em cada um deles, a pintora fez, várias vezes, um quadro onde representava a paisagem que via da janela).

(117) "Eu morava em um apartamento minúsculo, mas tinha uma janela para o Tejo e eu *pintei **muito** a vista dessa janela*.¹²⁶

- a. *Pintei **muitas vezes** a vista dessa janela*.

¹²⁶Isabelle Ribot (2025). *Isabelle Ribot apresenta “Idoru Forever” no Museu do Oriente, em Lisboa*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2025/02/08/publico-brasil/noticia/isabelle-ribot-apresenta-idoru-forever-museu-oriente-lisboa-2121821> [Consult. 08/02/2025]

(118) Naquela residência, *pintei muito a cópia em bronze de 'O Desterrado'*, que está no MNAC, cujo original faz agora 150 anos. Emília Ferreira, directora do MNAC, desafiou-me a fazer algo a propósito da efeméride.¹²⁷

a. *Pintei muitas vezes* (do início ao fim) a cópia em bronze de 'O Desterrado'.

Se o argumento interno for indefinido e tiver referência não específica (cf. (119)), então, além das interpretações supramencionadas, poderá obter-se, também, uma leitura de frequência (e quantidade), tal como se verificou nos restantes verbos em análise.

(119) *Pintei muito um quadro* [não específico].

a. *Pintei muitas vezes um quadro*.

b. *Pintei muitos quadros*.

A presença de um *bare plural* novamente parece indicar uma ‘tipologia’ de eventos (*pintar quadros*); a interpretação desta frase indica que o tipo de eventos denotado é predominante relativamente a eventos de um tipo diferente, implicando, assim, uma leitura contrastiva:

(120) *Pintei muito quadros, e pouco retratos*.

Até aqui, o comportamento de *pintar* em nada se distingue dos casos anteriores, dado tratar-se de um verbo de criação que denota um evento em que o Tema é afetado gradualmente, e surge no decurso do evento. Contudo, na presença de um argumento

¹²⁷Nelson Ferreira (2022). *Nelson Ferreira expõe no Museu Nacional Soares dos Reis*. Disponível em: <https://www.jornaldeleiria.pt/noticia/nelson-ferreira-expoe-no-museu-nacional-soares-dos-reis> [Consult. 08/02/2025]

interno de outro tipo, como *a parede*, *pintar* parece apresentar um comportamento ligeiramente diferente, já que *a parede* não é criada à medida que o evento progride, antes sendo afetada de forma indireta, numa propriedade: neste caso, a sua cor (cf. (121))¹²⁸:

(121) Pinte **muito** *a parede/uma parede* [específica].

a. Pinte **muitas vezes** *a/uma parede* (totalmente).

Também neste caso, o quantificador poderá atuar no sentido de anular a culminação do evento (cf. (122)), indicando que várias subpartes da área *da parede* foram pintadas, ou que o sujeito passou muito tempo a pintar a parede.

(122) Pinte **muito** *a parede/uma parede* [específica].

a. Pinte **muitas partes** da parede.

b. Pinte a parede durante muito tempo.

No entanto, uma vez que a entidade denotada por *a parede*, em si, só é afetada de forma indireta, e não aparece nem desaparece à medida que o evento decorre, então, a leitura de frequência passa a ser possível sem qualquer restrição. O evento é, assim, repetido um número indefinido de vezes, e, em cada repetição, a totalidade da área da parede é pintada:

(123) Pinte **muito** a parede/uma parede [específica].

¹²⁸De notar que, no evento *pintar a parede*, que envolve uma mudança de estado, pode não haver uma mudança de cor, no sentido literal, se a parede for pintada com a mesma cor que já apresenta antes do evento. Contudo, por questões de clareza da explicitação, assumir-se-á que *pintar a parede* envolve uma mudança da cor A para a cor B.

- a. *Pintei **muitas vezes** a parede/uma parede [específica] toda.*

Tal como ocorria anteriormente, na presença de um argumento interno indefinido não específico, as leituras possíveis mantêm-se as mesmas: anulação da culminação, com foco na estrutura partitiva da entidade (cf. (124a.)) ou na duração do evento (cf. (124b.)) e, por último, frequência (cf. (124c.)).

(124) *Pintei **muito** uma parede [não específico].*

- a. *Pintei **muitas partes de** uma parede.*
b. *Pintei uma parede **durante muito tempo** (mas não acabei).*
c. *Pintei **muitas vezes** uma parede. → Pintei **muitas** paredes.*

Por fim, a presença de um *bare plural* mantém a leitura de tipo de evento:

(125) *Pintei **muito** paredes.*

- a. *Pintei **muitas vezes** paredes e **poucas vezes** portas. → A maior parte do que pintei foi *paredes*.*

De forma semelhante ao que ocorria com *ler*, em que o Tema, em si, não era de todo afetado, este comportamento de *pintar* mostra que o Tema pode ser afetado apenas indiretamente (i.e., numa propriedade), o que parece evidenciar, não só que, em certos casos, a existência de uma relação incremental não é suficiente para definir as leituras estabelecidas, mas também que o conceito de afetação tem importância na construção do significado, especialmente no que diz respeito à (im)possibilidade de anulação da culminação.

4.2.4.2. Verbos de movimento

Com verbos de movimento, optou-se por distinguir dois tipos de verbo: verbos de modo de movimento e verbos de movimento direcionado. Esta distinção justifica-se pelo facto de que verbos do primeiro tipo são tradicionalmente considerados não escalares, por envolverem mudanças não específicas que “express some kind of motion in space which, however, is not directed towards a goal so that verbs of this type denote an undirected change” (Fleischhauer & Gamerschlag, 2014: 31). Pelo contrário, nos segundos, a direccionalidade do movimento deverá ser suficiente para garantir a presença de uma escala de percurso (cf. Rappaport-Hovav & Levin, 2010; Fleischhauer & Gamerschlag, 2014).

Os dados do PE mostram que, na ausência de argumento interno, os verbos de modo de movimento (cf. (126)) e os verbos de movimento direcionado parecem aceitar a combinação com *muíto* (cf. (127)).

(126) É que convém não esquecer que a época é longa", continuou Edmilson, que sobre a sua substituição revelou: "**Corri muíto** e porque me sentia algo cansado achei por bem dar o meu lugar a outro. (J56597)

a. Os estudantes ouviram e **dançaram muíto**. (par=ext445380-soc-93a-2)

(127) Os preços subiram **muíto**./ O Pedro *subiu* **muíto**.

a. Os preços desceram **muíto**./ A Joana *desceu* **muíto**.

4.2.4.2.1. Natureza do Complemento

Na presença de um argumento interno, estes verbos aceitam bem a quantificação por *muíto*, tal como ocorria com os verbos de criação e de consumo de incrementalidade não estrita, com a diferença de que, nestes casos, o argumento interno denota um percurso, que marca a extensão máxima do evento, contribuindo para transformar os eventos em processos culminados. Este comportamento mantém-se, independentemente de os verbos indicarem modo (cf. (128)-(129)) ou direção do movimento (cf. (130)-(131)). Nestes casos, que representam processos culminados, em

virtude da presença de um complemento, a interpretação final parece envolver uma frequência, que denota uma tipologia de eventos, ou seja, uma repetição em número elevado e indefinido de ocorrências do mesmo tipo.

(128) Domingos *correu* **muito** a maratona em menos de 2h08 minutos. (*par=ext192558-des-97a-2*, adaptado)

a. Domingos *correu* **muitas vezes** a maratona (toda).

(129) Eu próprio espero mais um filho porque *dancei* **muito** o tango", disse, numa das muitas piadas "picantes" que foi largando ao longo das mais de duas horas de espectáculo. (*noCOD_1084666*)

a. Eu dancei **muitas vezes** o tango.

(130) O Pedro *subiu* **muito** a montanha.

a. O Pedro *subiu* **muitas vezes** a montanha.

(131) A Joana *desceu* **muito** a rua.

a. A Joana *desceu* **muitas vezes** a rua.

A introdução de um argumento interno indefinido também é possível, desde que o SN tenha referência não específica, denotando, uma vez mais, uma leitura de frequência (cf. (132a.)-(133a.)). Neste caso, a presença de um SN não específico contribui com o mesmo tipo de informação que o SN definido, i.e., especifica o percurso, indicando um tipo de eventos.

(132) Domingos *correu* **muito** uma maratona.

a. Domingos *correu* **muitas vezes** uma maratona (em menos de 2h08 minutos).

(133) A Maria *dançou* **muito** uma valsa.

a. A Maria *dançou* **muitas vezes** uma valsa.

Repare-se, ainda, que, no caso dos verbos de movimento, o argumento interno deverá especificar o percurso, mesmo que seja um percurso específico, indicando, novamente, um tipo de eventos (*maratona/valsa*), mantendo-se a leitura de frequência (cf. (134) e (134a.)).

(134) Domingos *correu* **muito** uma maratona (= a maratona da Europa).

a. A Maria *dançou* **muito** uma valsa (= o Danúbio Azul).

No caso dos argumentos internos construídos com SNs definidos e indefinidos, com verbos de movimento, parece haver uma segunda possibilidade de leitura, embora não preferencial, que indica um evento não culminado. Esta leitura é mais natural se for explicitada pelo contexto, como se ilustra nos exemplos em (135a.)-(138a.).

(135) Domingos *correu* **muito** a maratona.

a. Domingos *correu* **muito** da maratona (mas não chegou ao fim).

(136) Eu próprio espero mais um filho porque *dancei* **muito** o tango".

a. Eu dancei **muito** do tango "La Cumparsita" (mas não até ao fim).

(137) O Pedro *subiu* **muito** a montanha.

a. O Pedro *subiu* **muito** da montanha (mas não chegou ao topo).

(138) A Joana *desceu* **muito** a rua.

a. A Joana *desceu* **muito** da rua (mas parou na casa da avó).

A presença de um *bare plural* transforma o evento num processo e a quantificação passa, neste caso, a indicar que, a maior parte das vezes, o que o João correu foram *maratonas*, ou seja, um tipo de corrida, gerando-se simultaneamente uma leitura contrastiva (correu maratonas e não, por exemplo, meias-maratonas).

- (139) Domingos *correu* **muito** maratonas.
- a. Domingos *correu* **muitas vezes** maratonas.
- (140) A Maria *dançou* **muito** valsas.
- a. A Maria *dançou* **muitas vezes** uma valsa.
- (141) O Pedro *subiu* **muito** montanhas.
- a. O Pedro *subiu* **muitas vezes** montanhas.
- (142) A Joana *desceu* **muito** ruas.
- a. A Joana *desceu* **muitas vezes** ruas.

Este comportamento parece aproximar os verbos de movimento dos verbos de Tema incremental, com a diferença de que, nestes casos, a progressão do evento é determinada pela progressão gradual (i.e., incremental) ao longo da extensão espacial de um percurso.

4.2.4.3. Verbos de Contacto com Superfícies

Os verbos de contacto com superfícies, aqui ilustrados por *limpar*, *varrer* e *esfregar*, também denotam processos culmináveis, dado que podem ocorrer sem ou com complemento, como o demonstram os exemplos abaixo (cf. (143)-(145)).

- (143) A Maria *limpou* durante duas horas.
- a. A Maria *limpou* a cozinha em duas horas.
- (144) A Luísa *esfregou* durante meia hora.
- a. A Luísa *esfregou* a banheira em meia hora.
- (145) O Diogo *varreu* durante 15 minutos.
- a. O Diogo *varreu* o chão da sala em 15 minutos.

Ao serem quantificados por *muito*, na ausência de argumento, os três verbos em análise apresentam duas possibilidades de interpretação: numa, assume-se que o verbo denota um processo, e as escalas disponibilizadas são, tipicamente, as de intensidade ((146a.)-(148a.) e duração ((146b.)-(148b.)). Contudo, *muito* pode, à semelhança do que ocorria com verbos de criação e de consumo, ocupar a função do argumento interno, fornecendo informação sobre uma quantidade (indefinida), conseqüentemente denotando um evento télico ((146c.)-(148c.)).

(146) A Maria *limpou muito*.

- a. A Maria limpou **muito intensamente** (*durante duas horas*)
- b. A Maria limpou **durante muito tempo**.
- c. A Maria limpou **muitas coisas** (*em duas horas*).

(147) A Luísa *esfregou muito*.

- a. A Luísa esfregou **muito intensamente** (*durante meia hora*).
- b. A Luísa esfregou **durante muito tempo**.
- c. A Luísa esfregou **muitas coisas** (*em meia hora*).

(148) O Diogo *varreu muito*.

- a. O Diogo varreu **muito intensamente** (*durante 15 minutos*).
- b. O Diogo varreu **durante muito tempo**.
- c. O Diogo varreu **muitas coisas** (*em 15 minutos*).

4.2.4.3.1. Natureza do Complemento

A introdução de um argumento interno definido ou indefinido específico transforma estes eventos em processos culminados, e essa mudança traz conseqüências quanto às interpretações possíveis. Assim, a presença do quantificador poderá anular a culminação, conforme ocorria em casos anteriores, originando uma leitura partitiva (cf. (149a.)-(151a.)). Alternativamente, está também disponível uma leitura de frequência,

que implica incrementalidade estrita, ou seja, todo o evento (processo culminado) é repetido um número indeterminado de vezes (cf. (149b.)-(151b.)). No caso dos verbos de contacto com superfícies, todavia, existe ainda uma terceira possibilidade de interpretação, que se refere à atuação do quantificador diretamente sobre a parte processual do evento, de onde surge uma leitura de intensidade (cf. (149c.)-(151c.)). Como, neste último caso, o argumento interno parece não ter relevância na interpretação atribuída à frase, tal poderá indiciar que a relação homomórfica entre o evento e o argumento interno não é obrigatória nestes verbos.

(149) *Limpei muito o convés (...).* (noCOD_1057283, adaptado)

- a. *Limpei muitas partes do convés.*
- b. *Limpei muitas vezes o convés (todo).*
- c. *Limpei o convés com muita intensidade.*

(150) (...) O empregado de limpeza de uma galeria alemã *esfregou muito a banheira suja.* (noCOD_1058291, adaptado)

- a. O empregado de limpeza *esfregou muitas partes da banheira.*
- b. O empregado de limpeza *esfregou muitas vezes a banheira (toda).*
- c. O empregado de limpeza *esfregou muito intensamente a banheira.*

(151) O trolha **varreu muito o** telhado com uma vassoirinha (...). (L0223, adaptado)

- a. O trolha *varreu muitas partes do telhado.*
- b. O trolha *varreu muitas vezes o telhado (todo).*
- c. O trolha *varreu muito intensamente o telhado.*

Novamente, quando o contexto apresenta mais informação, as leituras tornam-se um pouco mais claras. Veja-se a diferença entre (152) e (153), abaixo. No primeiro caso, é possível interpretar a frase numa leitura que envolve a anulação da culminação do evento, indicando-se que *muitas partes do tapete* foram esfregadas, mas também pode ocorrer uma leitura de intensidade, que parece focar a parte processual do evento.

Por fim, o *tapete puzzle* pode ser esfregado (na sua totalidade) várias vezes, o que significa que a leitura de frequência está também disponível. Por outro lado, no segundo caso, a leitura de frequência envolve a repetição de um gesto e, além disso, parece difícil atribuir uma estrutura partitiva à *cabeça*, que é já uma parte constitutiva do corpo, o que contribui para impedir ou, pelo menos, dificultar a leitura partitiva (cf. (153d.)). Tal significa que as leituras preferenciais deverão ser as de intensidade e duração, relativas à parte processual do evento, o que indicia que não se estabelece uma relação homomórfica entre o evento e o seu argumento interno.

(152) Lavei e **esfreguei muito** o tapete puzzle, meti em água com lixívia uma vez na banheira, depois limpei e sequei muito bem e deixei-me de paranóias...¹²⁹

- a. Esfreguei o tapete puzzle **muito intensamente**.
- b. Esfreguei **muitas partes** do tapete puzzle.
- c. Esfreguei o tapete puzzle **muitas vezes**.

(153) (...) por exemplo esta noite para o adormecer **esfregou muito** a cabeça e pensei que fosse alguma sensação que gostasse então tentei fazer-lhe maminhos para adormecer, mas não o deixou especialmente satisfeito.¹³⁰

- a. Esfregou a cabeça **muitas vezes**.
- b. Esfregou a cabeça **durante muito tempo**.
- c. Esfregou a cabeça **muito intensamente**.
- d. ??Esfregou **muitas partes** da cabeça.

A presença de um argumento interno indefinido mantém as interpretações anteriores, desde que o SN seja interpretado de forma específica. Porém, se for

¹²⁹“Videl86”. [Publicação em blogue]. Disponível em: <https://demaeparamae.pt/forum/tapetes-puzzle-para-bebes> [Consult. 08/01/2025]

¹³⁰Tita Andrade. [Publicação em blogue]. Disponível em: <https://demaeparamae.pt/forum/bebe-esfrega-cabeca-com-maos> [Consult. 08/01/2025]

interpretado de forma não específica, a única leitura possível é a que envolve frequência (repetição de todo o evento), como se ilustra abaixo.

(154) O Rodrigo *limpou* **muito** um terreno.

a. O Rodrigo *limpou* **muitas vezes** um terreno (todo).

(155) (...) O empregado de limpeza *esfregou* **muito** uma banheira.

a. O empregado de limpeza *esfregou* **muitas vezes** uma banheira (toda).

(156) O trolha *varreu* **muito** um telhado com uma vassourinha (...). (L0223, adaptado)

a. O trolha *varreu* **muitas vezes** um telhado (todo).

Por fim, com *bare plurals*, a referência cumulativa do Tema, tal como ocorria anteriormente, impede o estabelecimento de uma relação homomórfica, e o evento perde a culminação, passando a ser interpretado como um processo, como se comprova pela compatibilidade com o adverbial temporal *durante x tempo* (cf. (157)).

(157) O Rodrigo *limpou* terrenos durante 8 horas/??em 8 horas.

A presença do quantificador induz uma leitura que denota a frequência de um ‘tipo’ de evento (cf. (158)-(160)), o que tem como consequência a emergência de uma leitura contrastiva (cf. (158a.)-(160a.)).

(158) (...) *Limparam* **muito** teias de aranha, caganitas de rato e camadas de pó (...).

(*par=ext1152135-nd-91b-2*, adaptado)

a. Limparam **muitas vezes** teias de aranha, caganitas de rato e camadas de pó e **poucas vezes** cascas de banana.

(159) A João *esfregou* **muito** escadas. (*par=ext768554-soc-96b-1*, adaptado)

a. A João *esfregou* **muitas vezes** escadas e **poucas vezes** jardins.

(160) A Juliana varreu **muito** cafés, pastelarias e residências particulares. (par=ext253930-soc-96a-2, adaptado)

- a. A Juliana varreu **muitas vezes** cafés, pastelarias e residências particulares e **poucas vezes** hospitais e pavilhões desportivos (par=ext253930-soc-96a-2, adaptado)

Assim, ao atuar sobre um predicado com referência cumulativa, o quantificador indica que a maior parte do processo consistiu na repetição de um ‘tipo’ de atividade: *limpar teias de aranha, caganitas de rato e camadas de pó; esfregar escadas; ou varrer cafés, pastelarias e residências particulares*.

4.2.4.4. Degree Achievements

Os *Degree Achievements* correspondem a verbos que derivam de adjetivos graduáveis, o que tem como consequência o facto de herdarem as propriedades escalares dos adjetivos de que derivam. Com efeito, *quente* e *largo* correspondem a adjetivos de escala aberta (ver secção 2.3.3. do capítulo 2), o que significa que os eventos derivados destes adjetivos deverão ser atélicos ((161a.)-(162a.)), enquanto *cheio* e *seco*, que representam adjetivos de escala fechada, originam eventos basicamente télicos ((163a.)-(164a.)). Contudo, como já notado por diversos autores (cf. Abusch, 1986; Dowty, 1979; Cantante, 2023; Hay, 1998; Hay et al., 1999; Kennedy, 2012; Kennedy & Levin, 2008; Kennedy & McNally, 2005; Leal et al., 2011; Rothstein, 2008; e.o.), os mesmos eventos podem apresentar, respetivamente, uma variante télica, em que o evento atinge um grau *contextualmente definido* como máximo ((161b.)-(162b.)), e atélica, em que o grau máximo da escala é anulado pela presença de material linguístico ((163b.)-(164b.)).

(161) Quente → Aquecer

- a. O Miguel aqueceu a sopa *durante 10 minutos*.
b. O Miguel aqueceu a sopa *em 10 minutos*.

(162) Largo → Alargar

- a. A costureira alargou a saia *durante 45 minutos*.
- b. A costureira alargou a saia *em 10 minutos*.

(163) Cheio → Encher

- a. A chuva encheu a piscina *em três dias*.
- b. A chuva encheu a piscina *durante três dias*.

(164) Seco → Secar

- a. O sol secou a roupa *em 15 minutos*.
- b. O sol secou a roupa *durante 15 minutos*.

Estes eventos aceitam a quantificação por *muito*, independentemente de derivarem de escalas abertas ou fechadas, evidenciando uma leitura “em que se avalia o grau de mudança sofrido, ao longo do evento, pela entidade representada pelo argumento verbal” (cf. Cantante, 2023: 90). Ao atuar sobre DAs de escala aberta, o quantificador atua sobre o conjunto de graus da escala, indicando que, no fim do evento, a entidade possui a propriedade em questão – TEMPERATURA, em (165) e (166)), e LARGURA, em (167)) – num grau superior ao grau *standard* (definido contextualmente) (cf. (165a.)-(167a.)).¹³¹

(165) O João *aqueceu muito o leite*.

- a. O leite atingiu um grau de temperatura superior ao *standard*.
- b. O João *aqueceu demasiado o leite*.

¹³¹Na presente investigação, optou-se por analisar os *Degree Achievements* acompanhados de um argumento interno, para denotar que a entidade causadora é diferente da entidade que sofre a mudança de estado, evitando-se, sempre que possível, exemplos como o seguinte:

- (i) A paisagem da Terra é árida e cor de fogo, porque o planeta *aqueceu muito* e os recursos hídricos estão a esgotar-se. (*par=ext700857-com-97b-1*)

(166) O facto de não ter ar condicionado, tornou impossível descansar pela manhã. O calor a incidir no vidro, **aqueceu muito** o quarto.¹³²

- a. O quarto atingiu um grau de temperatura superior ao *standard*.
- b. O calor aqueceu **demasiado** o quarto.

(167) A costureira alargou **muito** a saia.

- a. A saia atingiu um grau de largura superior ao *standard*.
- b. A costureira alargou **demasiado** a saia.

Note-se o caso particular de (168), que mostra que a aplicação do verbo *alargar* a uma edificação corresponde a um uso particular deste verbo, que, neste contexto, tem o sentido de ‘aumentar’. Esta interpretação parece dificultar a leitura em (168b.). Dito de outra forma, as obras feitas no Palácio serviram para o tornar maior (e, nesse sentido, mais largo), o que, uma vez mais, comprova a interferência que o conhecimento do Mundo dos falantes tem na interpretação final das frases.

(168) D. Pedro III **alargou muito** o palácio de Queluz (...). As obras duraram de 1775 a 1786, em que faleceu aquele monarca (...).¹³³

- a. O Palácio de Queluz atingiu um grau de largura superior ao *standard*.
- b. #D. Pedro II alargou **demasiado** o Palácio de Queluz. → O Palácio de Queluz ficou *largo*.

Segundo Quadros Gomes (2011), “quando aplicado a adjetivos graduáveis, *muito* produz sempre um complexo que tem escala aberta e parâmetro relativo” (Cantante,

¹³²‘Diana’. [Comentário em *site*]. Disponível em: <https://www.booking.com/reviews/pt/hotel/florindo-lafoes-guest-house.pt-pt.html> [Consult. 08/01/2025]

¹³³Cyrillo Volkmar Machado e Pereira Júnior: Uma parceria (improvável) no canal do Palácio de Queluz. Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/50023/1/Artis%206.pdf> [Consult. 08/01/2025]

2023: 83), o que significa que, ao combinar-se com DAs de escala fechada, que contêm um limite máximo pré-definido, o quantificador deverá atuar no sentido de abrir a escala, indicando que o grau máximo não foi atingido. À partida, pela análise dos exemplos abaixo (cf. (169)-(171)), esse não parece ser o caso, já que as leituras são semelhantes às observadas no caso de DAs derivados de escalas abertas, i.e., uma mudança numa propriedade, num grau superior ao grau *standard*.

(169) A chuva *encheu muito* a piscina.

- a. A piscina *atingiu* um grau de volume de ocupação superior ao *standard*.
- b. A chuva *encheu demasiado* a piscina. → A piscina ficou ***muito cheia***.

(170) Não parava de chover e o poço encheu muito, a Oleodina fugiu por um lençol de água e viajou até ao rio.¹³⁴

- a. O poço atingiu um grau de volume de ocupação superior ao *standard*.
- b. A chuva encheu ***demasiado*** o poço. → O poço ficou ***muito cheio***.

(171) O Nuno *encheu muito* o copo.

- a. O copo atingiu um grau de volume de ocupação superior ao *standard*.
- b. O Nuno encheu ***demasiado*** o copo. → O copo ficou ***muito cheio***.

Todavia, este comportamento mostra, precisamente, que a presença de *muito* parece forçar a abertura da escala, confirmando as ideias de Quadros Gomes (2011), o que permite explicar as leituras obtidas: a presença de *muito* indica que o grau final da propriedade (*d*) é superior ao grau *standard* (*d_s*) e, simultaneamente, o grau *standard* é inferior ao grau máximo ($d_s < d < d_{\text{máx}}$).

O mesmo ocorre com *secar*, que envolve uma escala, não de HUMIDADE (que corresponderia a uma escala com uma relação de ordenação decrescente e, por isso, o

¹³⁴Diana Travassos. *Amizade impensável*. Disponível em: https://api.cm-vilanovadepoiars.pt/uploads/1/1/Boletins/Boletim_24.pdf [Consult. 08/01/2025]

grau *standard* deveria corresponder a 0% de humidade), mas de *SECURA*. A consideração desta escala torna possível conceber que a ausência de humidade tem graus e, desse ponto de vista, o que se mede é o grau de *secura* da roupa (cf. (172)-(174)).

(172) O sol *seco* **muito** a roupa.

- a. A roupa atingiu um grau de *secura* superior ao *standard*.
- b. O sol *seco* **demasiado** a roupa. → A roupa ficou **muito** seca.

(173) como tenho muitas marcas pós acne e estava a fazer um tratamento que me *seco* **muito** a pele, a Rute não só analisou a melhor maquilhagem para eu me sentir bonita e confortável, como viu as necessidades da minha pele.¹³⁵

- a. A pele atingiu um grau de *secura* superior ao grau *standard*.
- b. O tratamento *seco* **demasiado** a pele. → A pele ficou **muito** seca.

(174) Julgo que a utilização excessiva e diária do vinagre no cabelo da E. *secaram* **muito** o seu cabelo.¹³⁶

- a. O cabelo atingiu um grau de *secura* superior ao grau *standard*.
- b. O vinagre *seco* **demasiado** o cabelo da E. → O cabelo ficou **muito** seco.

Conforme observado em Cantante (2023), podem surgir leituras de frequência, mas esse tipo de interpretação depende da presença de informação contextual ou da influência do conhecimento do Mundo, como se demonstra em (175) e (176)).

(175) O João aqueceu **muito** a sopa, até atingir a temperatura ideal.

¹³⁵“Mariana”. [Comentário em blogue]. Disponível em: <https://www.casamentos.pt/beleza-noivas/make-up-by-rute-mendes-e153337/opinioes> [Consult. 08/01/2025]

¹³⁶ Susana Chalante. (2014). [Publicação em blogue]. Disponível em: <https://memoriadascotes.blogs.sapo.pt/como-hidratar-os-cabelos-cacheados-das-48150> [Consult. 08/01/2025]

- a. O João *aqueceu* muitas vezes a sopa, antes que esta atingisse a temperatura ideal.
- (176) Durante a última semana, o João encheu **muito** a banheira.
- a. *Durante a última semana*, o João *encheu* (completamente) a banheira **muitas vezes**.

Note-se, ainda, que, no caso de verbos de criação e de consumo, a presença de *todo*, ao indicar que todas as subpartes da entidade estiveram envolvidas no evento, parece confirmar que o evento corresponde a um processo culminado, como se verifica em (177). No caso dos DAs, a telicidade pode ser testada pela presença do *proportional modifier* que seleciona o grau máximo da escala, ou seja, *complemente*, como se verifica em (176a.), acima.

- (177) A Maria leu **muito** *o/um livro*.
- a. A Maria leu **muitas vezes** *o/um livro* (**todo**) em duas horas.

Este comportamento demonstra que estes verbos não são iguais aos verbos de criação e de consumo, o que deverá estar relacionado com o facto de, por derivarem de adjetivos graduáveis, os DAs lexicalizarem todos os parâmetros escalares, o que, por sua vez, significa que a atuação de *muito* poderá ocorrer diretamente sobre essa escala projetada, sem haver interferência da estrutura partitiva do SN argumento interno.

4.2.5. Culminações

As culminações constituem eventos de mudança de estado pontuais, o que significa que, no seu núcleo aspetual, contêm apenas as fases estritamente necessárias para evidenciar esta mudança, nomeadamente, o ponto de culminação e o Estado Resultante. A atuação do quantificador *muito* parece evidenciar que, quando quantificados, estes eventos recebem exclusivamente uma interpretação de frequência:

(178) (...) Mendes não perdeu a pedalada, mostrando-se exímio na barracada: gesticulou, vibrou, fez caretas, *saltou muito*, atirando uma perna para o lado, depois a outra e, por vezes, num arrojo de acrobacia, as duas ao mesmo tempo. (*par=ext519788-clt-92b-1*)

- a. Mendes *saltou muitas vezes*.
- b. ??Mendes *saltou muito intensamente/durante muito tempo*.

(179) O garoto *caiu*¹³⁷ **muito**.¹³⁸

- a. O garoto *caiu muitas vezes*.
- b. ??O garoto *caiu muito intensamente/durante muito tempo*.

(180) Tive uma queda de pressão, a minha pressão é 9 por 6, então sempre que diminui, eu fico tonta, tenho que sentar. Já *desmaiei muito*.¹³⁹

- a. Já *desmaiei muitas vezes*.
- b. ??Já *desmaiei muito intensamente/durante muito tempo*.

Esta leitura foi confirmada pelos falantes consultados (cf. Gráfico 9 e tabela 40 do Anexo 2), cuja maioria, mais especificamente 92%, considerou aceitável a frase *A criança caiu muito*. Destes, 96% consideraram que a interpretação mais adequada para este exemplo era a que envolvia uma frequência. Isto significa que a quantificação de culminações não envolve quaisquer questões relativamente à sua aceitabilidade, bem como à interpretação obtida.

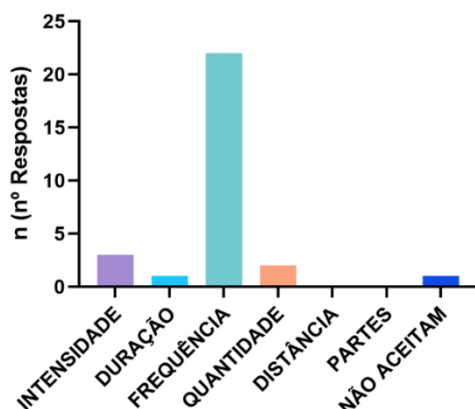
¹³⁷Note-se que, na maior parte dos casos, o verbo *cair* é utilizado com o sentido de *decair*, como se mostra em (i), que não parece constituir uma culminação, mas sim um processo, pelo que esses casos são irrelevantes para a presente argumentação.

(i) A dupla portuguesa começou com um ritmo muito forte, passou na segunda posição aos 500 metros, mas **caiu muito** na parte final. (*par=ext129026-des-96b-2*)

¹³⁸Exemplo adaptado do Dicionário Online da Porto Editora [Infopedia]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pelarem> [Consult. 26/01/2025].

¹³⁹Deborah Secco. [Publicação em blogue]. Disponível em <https://deborahsecco.blogs.sapo.pt/tag/f%C3%A9> [Consult. 08/01/2025]

Gráfico 9 – Resultados para [*caiu muito*]



Uma vez mais, salienta-se a importância do contexto para especificar a leitura final, conforme se demonstra em (181). Neste exemplo, na ausência da continuação da frase – *Fomos saindo e fomos voltando* –, poderia existir uma ambiguidade entre uma leitura de frequência ou de duração, caso em que o quantificador atuaria diretamente sobre o estado consequente, numa leitura de evento único, para indicar a duração do tempo passado fora do país, impedindo assim a possibilidade de repetição do mesmo.

(181) Faz parte que uma geração que também **saiu muito** do país... Fomos saindo e fomos voltando.¹⁴⁰

Assim, a aceitabilidade das frases depende, não somente, das características internas da eventualidade, mas pode, também, ser afetada pelo conhecimento que os falantes têm do Mundo. Veja-se o exemplo abaixo, com um sujeito não animado: a presença de *o avião* altera a leitura da frase, uma vez que a leitura de frequência fica vedada pela impossibilidade de conceber um conjunto de ocorrências repetidas que

¹⁴⁰Vera Mantero. [Entrevista ao Jornal de Negócios]. Disponível em <https://www.jornaldenegocios.pt/weekend/detalhe/as-entrevistas-que-marcaram-o-ano-vera-mantero> [Consult. 08/01/2025]

envolvam *o mesmo avião* a cair várias vezes. Neste caso, o quantificador parece medir a diferença entre dois momentos em que o avião se encontrava em altitudes diferentes, indicando-se que, no segundo momento, a altitude do avião era muito inferior à sua altitude no primeiro momento.

(182) O avião *caiu muito*.

Note-se, ainda, que as culminações que correspondem a predicados de existência única (*once-only*) (cf. (183)-(185)) são incompatíveis com a quantificação por *muito*, dado que, por não poderem ser repetidas, também não podem ser quantificadas.

(183) ??O bebé *nasceu muito* (às 10h03m53s).

(184) ??O João morreu *muito* (à porta do hospital).

(185) A bomba explodiu *muito* (no meio do mar).

Por último, observem-se os exemplos abaixo, que demonstram que o quantificador pode, em certos casos, induzir uma interpretação que não se relaciona com frequência. De facto, tanto em (186), como em (187), o quantificador parece estar a atuar, não no sentido de multiplicar o número de ocorrências, mas sim no sentido de modificar o estado resultante, indicando que um determinado '*standard*' foi ultrapassado: no primeiro caso, o carro ultrapassou a berma num limite superior ao esperado e, no segundo, o que se avalia é o estado final de inclinação da árvore.

(186) Mas nem tudo correu bem à Lancia que viu Andrea Aghini baixar do 4.º ao 7.º posto, devido a um pneu danificado, quando o italiano *entrou muito numa berma* para fugir a uma pedra. (*par=ext824021-des-92a-2*)

a. O carro ficou *muito 'dentro'* da berma.

(187) A árvore *caiu muito*.

- a. A árvore ficou muito inclinada.

Os exemplos apresentados são, todavia, fortemente condicionados, quer por informação presente no contexto linguístico (que, em (186), indica uma corrida específica), quanto pelo conhecimento do Mundo, que força uma leitura de evento único em (187).

4.2.6. Pontos

Os pontos constituem eventos instantâneos e, quando quantificados, a principal (senão mesmo a única) interpretação possível, na maior parte dos casos, é a que envolve repetição.

(188) A presidente do BCE, que *tossiu muito* durante a conferência de imprensa por causa “da estúpida da Covid”, termina a conferência de imprensa desejando boas festas a quem a ouve.”¹⁴¹

- a. A presidente do BCE *tossiu muitas vezes* durante a conferência.
b. A presidente do BCE *tossiu muito intensamente* durante a conferência.
c. #A presidente do BCE *tossiu durante muito tempo* durante a conferência.

(189) *Toquei muito à campainha*, mas ninguém abriu a porta.¹⁴²

- a. *Toquei muitas vezes* à campainha, mas ninguém abriu a porta.
b. *Toquei muito intensamente/com muita força* à campainha, mas ninguém abriu a porta.

¹⁴¹Edgar Caetano [Artigo publicado no Observador]. Disponível em: <https://observador.pt/liveblogs/bce-deve-manter-as-taxas-de-juro-inalteradas/> [Consult. 26/01/2025]

¹⁴²Exemplo adaptado de (i), retirado do Dicionário Online da Academia das Ciências de Lisboa. Disponível em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=campainha> [Consult. 26/01/2025]

(i) *Toquei montes de vezes à campainha, mas ninguém abriu a porta.*

- c. *#Toquei durante muito tempo* à campainha, mas ninguém abriu a porta.

(190) *Pestanejou muito*, ao sentir a luz do sol.¹⁴³

- a. *Pestanejou muitas vezes* ao sentir a luz do sol.
- b. *Pestanejou muito intensamente/com muita força* ao sentir a luz do sol.
- c. ??*Pestanejou durante muito tempo* ao sentir a luz do sol.

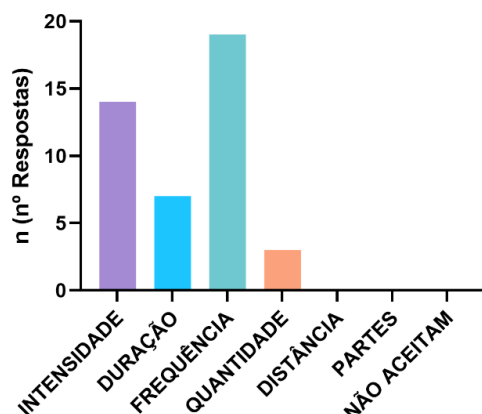
Parece relevante notar, ainda, que, pelo menos nos dois primeiros casos apresentados, parece haver lugar a uma outra interpretação, não preferencial, relacionada com uma percepção de intensidade: no primeiro caso, esta intensidade é respeitante à possibilidade de se tossir de forma intensa/alta; quanto ao segundo caso, é possível conceber um evento em que alguém prima várias vezes e de forma mais ou menos contínua o botão da campainha, embora essa não seja a interpretação mais natural para a frase. Por fim, em (190), embora bastante mais difícil, uma leitura de intensidade envolveria piscar os olhos com muita força (até ficarem franzidos). Estas possibilidades não anulam, ainda assim, a leitura de frequência, já que, um evento de *tossir com intensidade* não corresponderá a uma única tossidela muito forte, da mesma forma que *tocar à campainha com intensidade*, mesmo premindo longamente o botão, não deverá ser concebido como um único clique no botão.

Estas leituras foram também validadas pelos falantes. Os dados do Gráfico 10, abaixo, mostram que, com pontos, a aceitabilidade das frases contendo pontos quantificados é total, com 76% dos falantes a selecionarem uma leitura de frequência, seguindo-se a leitura de intensidade, indicada por 56% dos falantes (cf. Tabela 45 do Anexo 2).

¹⁴³ Exemplo adaptado de (i), retirado do Dicionário Online da Academia das Ciências de Lisboa. Disponível em <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=pestanejar> [Consult. 26/01/2025]

(i) Pestanejou, ao sentir a luz do sol.

Gráfico 10 – Resultados para [tossiu muito]



As interpretações de intensidade e duração que se seguem à Frequência parecem evidenciar que os falantes interpretam estes eventos quantificados como processos, o que deverá resultar da repetição sucessiva dos pontos num número indefinido de vezes.

(191) Toquei **muito** à campainha.

- a. Toquei **muitas vezes** à campainha *durante 5 minutos*.
- b. ??Toquei **muitas vezes** à campainha *em 5 minutos*

Ao serem interpretados como processos, estes eventos passam a poder receber leituras de intensidade e duração. Estas, no entanto, não parecem ser preferenciais, mas sim derivadas, resultantes da presença do quantificador.

4.3. A quantificação verbal em interação com o contexto

Conforme observado de forma quase sistemática na maior parte dos exemplos analisados ao longo do presente capítulo, a presença de informação contextual mostrou-se relevante para uma maior definição das condições de ocorrência dos eventos, o que, consequentemente, tem efeitos no estabelecimento das leituras finais.

Por isso, a presente subsecção destina-se a avaliar, por um lado, qual a influência da presença de certos elementos na frase, nomeadamente elementos delimitadores, como a presença de localizações espaciais e temporais, e, por outro, qual o possível efeito que a alteração dos Tempos verbais utilizados pode provocar nas frases, focando-se especialmente a diferença entre o Pretérito Perfeito e o Presente/Imperfeito, em primeiro lugar, e o Pretérito Perfeito e o Pretérito Perfeito Composto, em segundo.

4.3.1. A presença de elementos delimitadores

4.3.1.1. Localização Espacial

4.3.1.1.1. Estados

Quando, a verbos de estado psicológico, se adiciona uma localização espacial, que se espera ser capaz de contribuir para a delimitação das coordenadas espaço-temporais das situações, as leituras não se alteram significativamente face ao que foi apresentado na subsecção anterior.

Com efeito, os exemplos em (192) são aceites pela maioria dos falantes (60%), dos quais 93% atribuem à frase uma leitura de intensidade e 27% considera que a frase pode ser interpretada com uma leitura de duração. Quando o argumento interno é construído com artigo indefinido (192a.), a aceitabilidade das frases aumenta ligeiramente (76%), mantendo-se as interpretações de intensidade (79%) e duração (32%).¹⁴⁴ Por fim, a presença de um *bare plural* (cf. 192b.) torna a frase não aceitável para a maioria dos falantes (52%). Dos 44% falantes que aceitam a frase em (192b.), 64% interpreta a frase numa leitura de intensidade e 45% consideram que a frase pode ser

¹⁴⁴Este comportamento parece demonstrar que, no caso particular do verbo *adorar*, a interpretação é a que corresponde a uma situação delimitada no tempo, relacionada com a segunda aceção do verbo, i.e., *venerar*. De facto, a substituição deste verbo por outros do mesmo tipo demonstra que a introdução de uma localização espacial reduz significativamente a aceitabilidade das frases, o que reforça o carácter estativo (não delimitado) destas situações.

- (i) ??O Miguel *gostou muito* de chocolate no café.
- (ii) ??A Maria *amou muito* o João no pavilhão gimnodesportivo.
- (iii) ??A Maria *detestou muito* o filme no restaurante.

interpretada numa leitura de duração ou, eventualmente, de quantidade (ver tabela 2 do Anexo 2). Estes dados demonstram assim que, no caso dos *bare plurals*, o processamento da frase torna-se mais complexo, possivelmente porque a referência plural do argumento interno leva a que os falantes hesitem entre a quantificação do evento ou da entidade denotada pelo argumento interno.

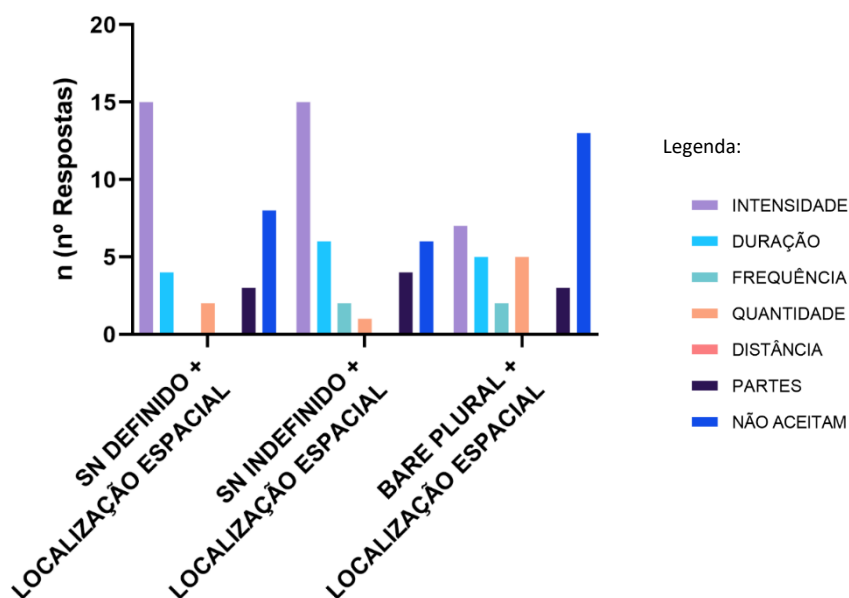
(192) A Teresa adorou **muito** *a escultura* no museu de Serralves.

a. A Teresa adorou **muito** *uma escultura* no museu de Serralves.

b. ?A Teresa adorou **muito** *esculturas* no museu de Serralves.

Estes dados são confirmados pela análise do Gráfico 11.

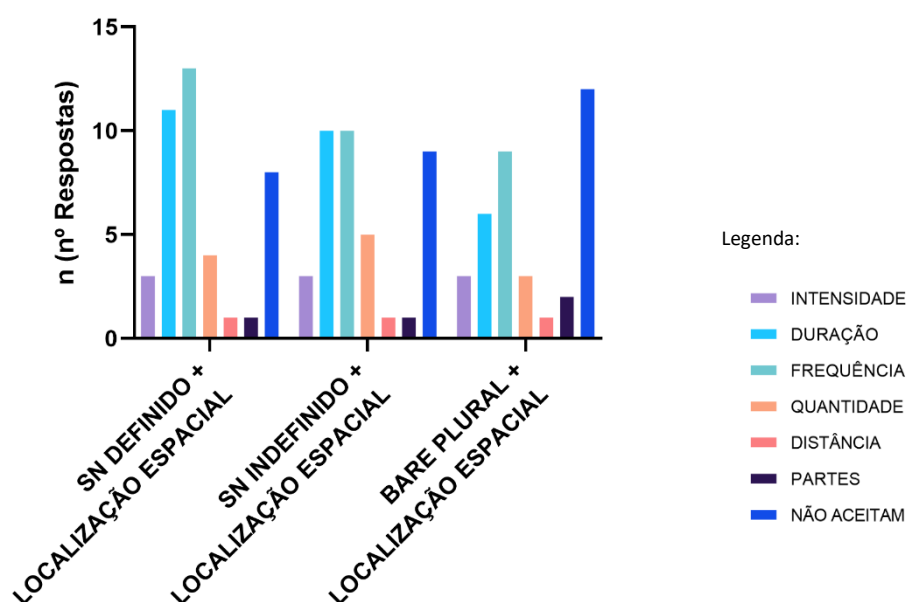
Gráfico 11 – Resultados para [adorou muito + complemento + localização espacial]



Os estados faseáveis construídos com sintagmas preposicionais *estar (em)* e *viver (em)* já contêm uma localização espacial na sua denotação. Ainda assim, frases como *O primeiro-ministro esteve muito na Faculdade de Letras em Lisboa* são possíveis em PE. Por esse motivo, essas frases foram, também, apresentadas aos falantes, de modo a

testar a sua compatibilidade com o quantificador *muito*, apresentando-se os resultados no Gráfico 12 (e na tabela 11 do Anexo 2). Dos resultados obtidos, verificou-se que, com SN Definido, 68% dos falantes aceitaram a frase, preferencialmente com leituras de frequência (76%) e duração (65%), o que pode mostrar alguma hesitação entre uma leitura de repetição de ocorrências ou uma leitura de episódio único. Com SN Indefinido (*O primeiro-ministro esteve muito numa Faculdade de Letras em Lisboa*), 64% dos falantes consideraram a frase aceitável, tanto numa interpretação de frequência (63%), como de duração (63%). Por fim, com *bare plurals* (*O primeiro-ministro esteve muito em Faculdades de Letras em Lisboa*), a taxa de aceitabilidade iguala a taxa de rejeição (48%). Dos falantes que aceitam a frase, 75% selecionam uma leitura de frequência e 50% a indicam a leitura de duração.

Gráfico 12 – Resultados para [esteve muito (em) + localização espacial]



4.3.1.1.2. Processos

No caso dos Processos, a presença de uma localização espacial parece introduzir a possibilidade de uma interpretação de frequência, conforme ilustrado nos exemplos

abaixo, sem excluir, mesmo assim, as interpretações de duração e intensidade previamente mencionadas (cf. (193)-(195)).

(193) Mas **trabalhei muito** no teatro Sá da Bandeira.¹⁴⁵

- a. *Trabalhei muito intensamente* no teatro Sá da Bandeira.
- b. *Trabalhei durante muito tempo* no teatro Sá da Bandeira.
- c. *Trabalhei muitas vezes* no teatro Sá da Bandeira.

(194) «Foi uma viagem magnífica. **Dormimos muito** na praia. (J68412)

- a. *Dormimos* muitas horas/durante muito tempo na praia.
- b. *Dormimos* muito intensamente/profundamente na praia.
- c. *Dormimos muitas vezes* na praia.

(195) O Eduardo **estudou muito** na biblioteca.

- a. O Eduardo *estudou* **muito intensamente** na biblioteca
- b. O Eduardo *estudou* **durante muito tempo** na biblioteca.
- c. O Eduardo *estudou* **muitas matérias/assuntos** na biblioteca.
- d. O Eduardo *estudou* **muitas vezes** na biblioteca.

De facto, os dados recolhidos dos falantes (cf. Gráfico 13 e tabela 16 do Anexo 2) mostram que a presença de uma localização espacial permite uma leitura de frequência, mas que, mesmo assim, esta é claramente preterida em relação às leituras de duração e intensidade. De facto, relativamente a este critério, dos 92% dos falantes que consideram que a frase com o verbo *brincar* é aceitável, 80% interpretam-na numa

¹⁴⁵Adaptado de (i):

(i) Mas **trabalhei muito** no teatro onde às vezes esse excesso é adequado. (*par=ext259843-clt-92a-2*)

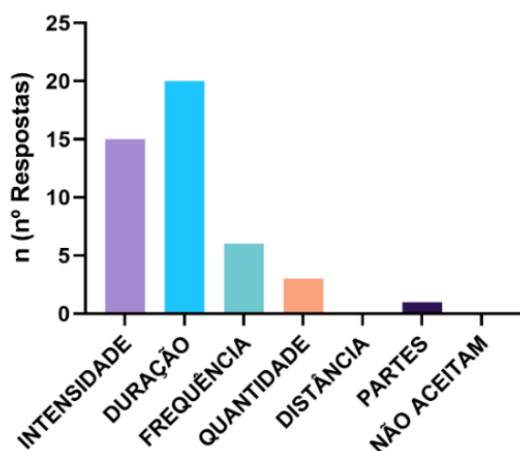
leitura de duração, 60% consideram que esta pode envolver intensidade, e apenas 8% indicam a frequência como uma possibilidade de leitura.

Embora, em certos casos, pareça claro que as leituras de duração e intensidade são independentes da leitura de frequência, noutros, não é possível perceber se existe uma sobreposição entre as leituras de intensidade/duração e frequência, conforme se demonstra abaixo.

(196) ETIENNE DAHO -- **Trabalhei muito em Londres**, em álbuns anteriores.
(par=ext217224-clt-92a-2)

- a. *Das várias vezes que trabalhei em Londres*, trabalhei com intensidade ou durante muito tempo.

Gráfico 13 - Resultados para [brincou muito + Localização Espacial]



Tipicamente, a informação fornecida no contexto linguístico contribui para esclarecer estas questões, como ocorre em (197), onde a presença de *comer uma maçã*, bem como *pintar os azulejos* e *as caras* fornece um enquadramento único para o evento *brincar*. Nesse caso, a presença da localização espacial apenas contribui para especificar ainda mais as suas condições de ocorrência, não sendo possível, por isso, obter uma leitura de frequência. Contudo, como se verifica em (198), na ausência de um contexto

mais alargado, verifica-se que as leituras obtidas são as mesmas que nos casos apresentados acima.

(197) Conta que comeram uma maçã, **brincaram muito** na praia fluvial, pintaram azulejos e as caras também. (J33997)

(198) As crianças **brincaram muito** no jardim.

- a. As crianças *brincaram* **muito intensamente** no jardim.
- b. As crianças *brincaram* **durante muito tempo** no jardim.
- c. As crianças *brincaram* **muitas vezes** no jardim.

4.3.1.1.3. Processos Culminados e Culmináveis

Com Processos culmináveis (e culminados), na ausência de um complemento (cf. (199)-(200)), não parece haver qualquer problema quanto à aceitabilidade das frases. Nestes casos, a leitura preferencial parece ser a que envolve, já não uma quantidade, mas uma frequência, o que poderá ser explicado pelo facto de a localização espacial delimitar o evento, tornando-o específico. Por esse motivo, a introdução de *muito* leva a uma repetição do evento completo (cf. (199a.)-(200a.)). Note-se, ainda assim, que, em (200), a leitura de quantidade parece continuar disponível (não sendo, todavia, preferencial).

(199) O João *almoçou/jantou* **muito** no restaurante do primo.

- a. O João *almoçou/jantou* **muitas vezes** no restaurante do primo.

(200) Nunca mas NUNCA comi uma pizza tão MÁ!!! Estava intragável!!! Já *comi muito* na Domino's quando apareceu em Portugal, e hoje arrependi-me de encomendar de novo!¹⁴⁶

a. Já *comi muitas vezes* na Domino's.

A introdução de uma localização espacial parece manter as mesmas dificuldades de leitura verificadas anteriormente, particularmente nos casos em que o SN é interpretado com referência definida (ou seja, há exatamente uma entidade, específica, que está a ser afetada no decurso do evento) (cf. (201)).¹⁴⁷ Uma vez que, depois de ser consumida na totalidade, uma entidade não pode ser reconstituída para ser consumida novamente, a leitura de frequência mantém-se vedada nestes casos.

(201) ?A minha colega *comeu muito a* sanduíche de frango no bar da faculdade.

a. ?O meu filho *comeu muito o* hambúguer no café.

b. ?A Clara *comeu muito o* bolo em casa dos avós.

No entanto, as frases acima são aceitáveis se forem interpretadas numa leitura de 'tipo' (de alimento), essa sim, envolvendo uma repetição de situações, onde deixa de ser considerada a constituição interna do evento, passando, apenas, a ser relevante que a entidade denotada pelo SN em posição de sujeito comeu várias vezes *um determinado tipo de alimento* na localização especificada.¹⁴⁸

¹⁴⁶Ferreira, B. (2022). [Comentário em blogue]. Disponível em: <https://portaldaqueixa.com/brands/dominos-pizza/complaints/dominos-pizza-qualidade-pessima-propaganda-enganosa-82681122> [Consult. Janeiro de 2025]

¹⁴⁷O exemplo seria aceitável se *a sanduíche de frango* fosse interpretada como um tipo de sanduíche ou, mais exatamente, um tipo de prato vendido no bar da faculdade.

¹⁴⁸Esta interpretação, no entanto, envolve a existência de um conhecimento prévio, partilhado pelos falantes, sobre a entidade denotada pelo argumento interno (*o hambúguer do café*).

Note-se que, na presença de um SN indefinido com referência não específica, a localização espacial facilita a interpretação de frequência, que envolve a repetição de toda a ocorrência (cf. (202)-(204)).

(202) A minha colega *comeu* **muito uma** sanduíche de frango *no bar da faculdade*.

- a. A minha colega *comeu* **muitas vezes** *uma sanduíche de frango* (do início ao fim) no bar da faculdade.

(203) O meu filho *comeu* **muito** um hambúrguer *no café*.

- a. O meu filho *comeu* **muitas vezes** um hambúrguer (*todo*) no café.

(204) A Clara *comeu* **muito** um bolo *em casa dos avós*.

- a. A Clara *comeu* **muitas vezes** um bolo (*completo*) em casa dos avós.

Isto poderá significar que, nestes casos, a presença de *muito* parece ter como consequência a retoma da incrementalidade estrita, na medida em que, ao verificar-se uma multiplicação de toda a ocorrência (verbo e respetivos argumentos), assume-se que cada uma das repetições corresponde a um processo culminado, ou seja, a um evento télico. Este comportamento será explicado com recurso à noção de eventos máximos proposta por Filip (2008, e.o.) no capítulo seguinte.

Note-se, ainda, que, nos casos anteriores, poderá existir uma segunda possibilidade de interpretação, que envolve a existência de um evento (único) não culminado, desde que seja possível conceber que as entidades representadas pelo argumento interno têm uma estrutura partitiva que pode ser afetada, apenas, parcialmente. Esta leitura, no entanto, não é preferencial e envolve uma complexidade acrescida no processamento da informação, como se evidencia em (205), pela adição de informação contextual alargada, que torna a frase bastante mais difícil de aceitar.

(205) ?Hoje, ao almoço, o meu filho *comeu* **muito** um hambúrguer *no café*, mas, como sempre, deixou uma parte no prato.

Por fim, com *bare plurals*, a aceitabilidade das frases parece melhorar consideravelmente, já que a pluralização das entidades, presente na referência cumulativa do SN, parece indissociável de uma pluralização dos eventos (cf. (206)-(208)), ou seja, não é viável assumir que, por exemplo em (207), terá existido um único evento em que a entidade denotada por *o meu filho* comeu *uma grande quantidade de hambúrgueres*.

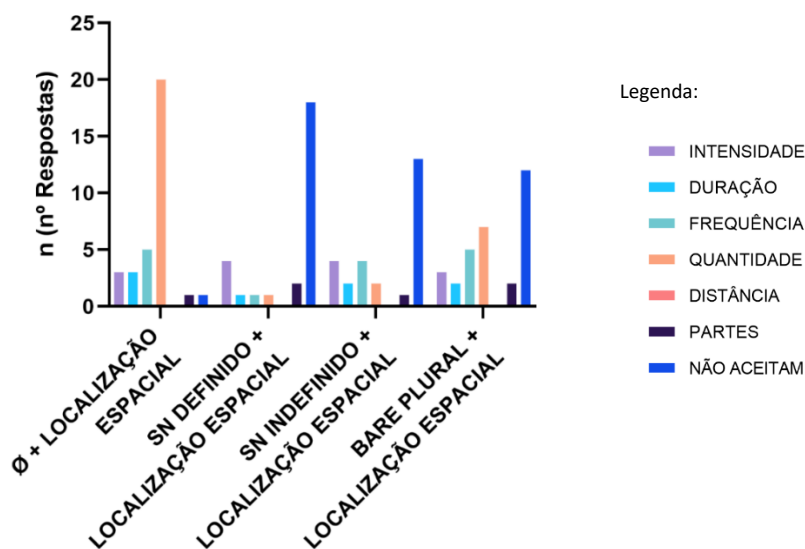
- (206) A minha colega *comeu muito sanduíches de frango no bar da faculdade*.
- a. A minha colega *comeu muitas sanduíches de frango no bar da faculdade*.
 - b. A minha colega *comeu muitas vezes sanduíches de frango no bar da faculdade*.
- (207) O meu filho *comeu muito hambúrgueres no café*.
- a. O meu filho *comeu muitos hambúrgueres no café*.
 - b. O meu filho *comeu muitas vezes hambúrgueres no café*.
- (208) A Clara *comeu muito bolos em casa dos avós*.
- a. A Clara *comeu muitos bolos em casa dos avós*.
 - b. A Clara *comeu muitas vezes bolos em casa dos avós*.

Veja-se, a este propósito, o Gráfico 14 abaixo (e a tabela 21 do Anexo 2), no qual se verifica que, na presença de uma localização espacial e na ausência de complemento (i.e., primeira coluna, sinalizada por $\emptyset + \textit{Localização Espacial}$), a aceitabilidade das frases é praticamente total (96%), verificando-se o padrão oposto quando se introduz um argumento interno. No primeiro caso, i.e., na ausência de complemento, 83% dos falantes que aceitam a frase admitem uma leitura de quantidade e apenas 21% considera que esta pode ser interpretada com uma leitura de frequência. Este comportamento revela que os informantes assumem que o evento *comer muito no café* corresponde a um episódio único. Na presença de um argumento interno definido, dos 20% dos falantes que aceitam a frase, 80% admite uma leitura de intensidade para a

mesma, correspondendo as leituras de frequência, duração e quantidade a apenas 20% das respostas dadas (respetivamente). Ora, esta leitura de intensidade revela que os falantes não foram capazes de processar a frase que disseram aceitar, tendo-se focado, para a interpretação, apenas na frase processual do evento, o que significa que optaram por ignorar a presença do argumento interno, num comportamento semelhante ao que se verifica na ausência de uma localização espacial.

A aceitabilidade aumenta ligeiramente quando o SN é indefinido (36%), mas, novamente, nestes casos, os falantes assumem uma leitura de intensidade (44%). Neste caso, ainda, a mesma percentagem de falantes (44%) considera a possibilidade de uma leitura de frequência, e esta interpretação sugere que, de facto, a introdução de um argumento interno indefinido permite uma leitura não específica do referente, o que significa que o evento pode ser multiplicado, estabelecendo-se, assim, uma tipologia de eventos (que, neste caso, tem a particularidade de ocorrer sempre na mesma localização espacial). Quanto aos *bare plurals*, apenas 40% dos falantes aceitam o exemplo dado, com 70% dos mesmos a indicar uma leitura de quantidade e 50% a considerar que a interpretação adequada é a que envolve uma frequência. Este comportamento revela, precisamente, a dificuldade em dissociar a pluralidade da referência de uma pluralidade de eventos, como mencionado anteriormente.

Gráfico 14 - Resultados para [comeu muito + complemento + Localização Espacial]



Os verbos *construir* (Gráfico 15) e *destruir* (Gráfico 16) apresentam comportamentos diferentes entre si, particularmente porque *destruir* pode ser interpretado numa leitura de intensidade (i.e., causou muitos estragos/destruição), contrariamente a *construir*. Assim, com *construir* (cf. tabela 26 do Anexo 2), na presença de uma localização espacial, com SN Definido, a maior parte dos falantes (56%) não aceita o exemplo dado e os 28% que aceitam dividem-se entre leituras de intensidade e de duração (ambas com 57%). Com SN Indefinido, o padrão mantém-se, com 52% dos falantes a rejeitarem o exemplo, e 32% a aceitarem-no, com leituras de duração (63%) e de intensidade (50%). Com *bare plurals*, a aceitabilidade do exemplo aumenta (52%), com os falantes a indicarem leituras de quantidade (77%) e duração (38%). Já com *destruir* (cf. tabela 31 do Anexo 2), na presença de uma localização espacial, os exemplos construídos com SN Definido e com SN Indefinido foram aceites por 96% dos falantes, com uma interpretação de intensidade (96%), seguida de uma leitura partitiva (29%), o que, uma vez mais, parece indicar que o evento está a ser interpretado como um processo. No caso dos *bare plurals*, a taxa de aceitabilidade baixa para 52%, mantendo-se a intensidade como leitura preferencial (85%), seguida da quantidade (69%).

Gráfico 15 - Resultados para [*construiu muito* + complemento + Localização Espacial]

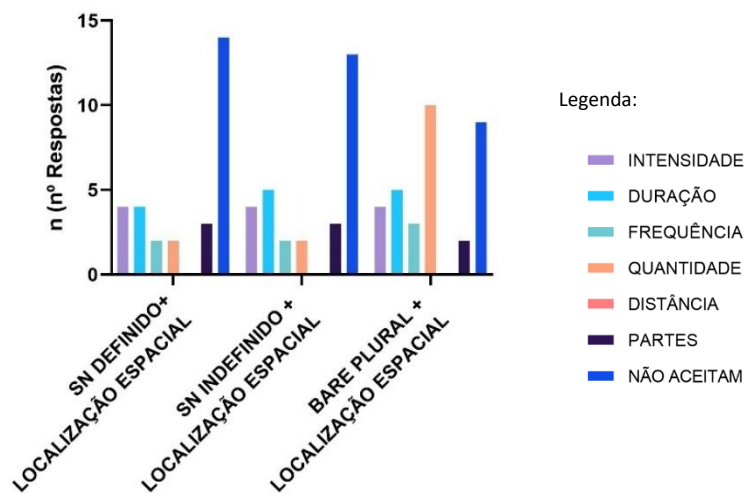
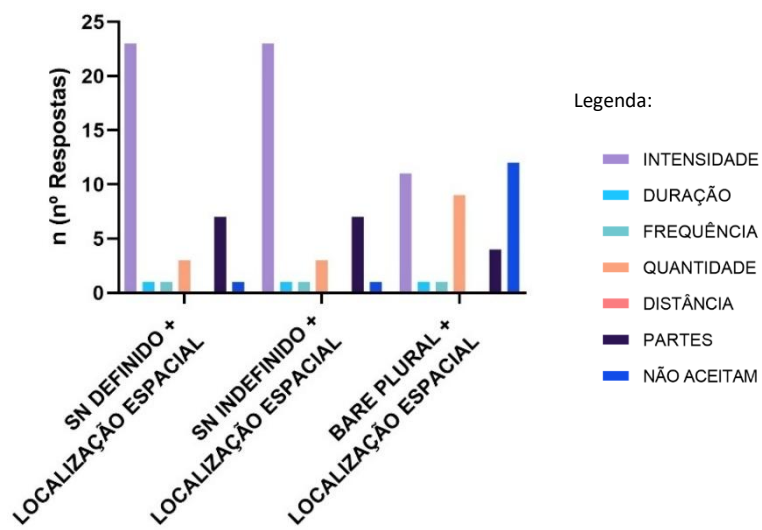


Gráfico 16 - Resultados para [*destruiu muito* + complemento + Localização Espacial]



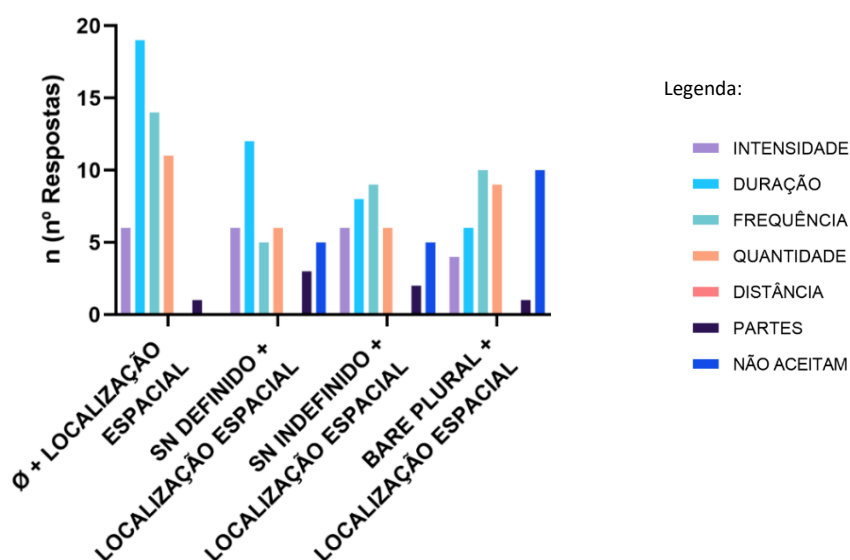
No caso de *ler* (Gráfico 17), que representa um verbo de consumo de incrementalidade não estrita, a presença de uma localização espacial não interfere com a aceitabilidade das frases, mas altera a leitura preferencial, que deixa de ser relativa a

uma quantidade abstrata elevada. Assim, na ausência de complemento, a frase (209) foi aceita por todos os falantes consultados, sem exceção, cuja maioria indicou como leitura preferencial a duração (76%) e, seguidamente, frequência (56%) (cf. tabela 36, Anexo 2). Isto parece indicar que, em cada um dos casos, os informantes consideram o evento de formas diferentes: na leitura de duração, parecem focar a interpretação na parte processual do evento e, na leitura de frequência, parecem conceber que todo o evento é multiplicado (independentemente das suas características internas). Tal poderá querer dizer que a localização espacial, ao contribuir para a delimitação do evento, faz com que os informantes o considerem episódico, ou seja, nesse caso, o evento passa a ser interpretado como um processo culminado.

(209) O aluno *leu muito* na biblioteca.

- a. O aluno *leu durante muito tempo* na biblioteca.
- b. O aluno *leu muitas vezes* na biblioteca.

Gráfico 17 - Resultados para [*leu muito* + Localização Espacial]



Quando se acrescenta, à frase anterior, um argumento interno definido, a frase continua a ser amplamente aceite (80% dos falantes), com leituras de duração (60%), de intensidade (30%) e de quantidade (30%). Este comportamento indica que os falantes tendem a interpretar a frase *O aluno leu muito o livro na biblioteca* como uma ocorrência episódica, focando, por isso, apenas, a parte processual do evento, e ignorando a presença do argumento interno. Na presença de um SN construído com argumento interno indefinido, a frase continua a ser aceite pela grande maioria dos falantes (76%), dos quais 47% interpreta a frase numa leitura de frequência e 42% indica uma leitura de duração. Este comportamento revela que, conforme esperado, a presença de um argumento interno indefinido permite uma leitura de repetição de eventos e, simultaneamente, uma leitura de evento não culminado. No caso dos *bare plurals*, a frase continua a ser tendencialmente aceite, mas parece causar mais dúvidas nos falantes, passando a verificar-se uma taxa de aceitabilidade de 60%. Quanto aos informantes que aceitam o exemplo, também as leituras se dividem, com 67% a aceitar a frase numa leitura de frequência (relacionada com uma ‘tipologia de eventos’) e 60% a indicar uma leitura de quantidade, que pode relacionar-se com a referência plural da entidade (ver tabela 36, Anexo 2).

Relativamente aos verbos de movimento, a presença de uma localização espacial não parece trazer quaisquer alterações às leituras observadas anteriormente, na medida em que apenas indica a localização do evento. Assim, a leitura de frequência mantém-se (cf. (210)), porque, nestes casos, a presença do complemento indica tipos de percursos e não percursos específicos.

(210) A Rosa Mota *correu* **muito** *a maratona* em Lisboa.

- a. O João *nadou* **muito** *os 500 metros* na Piscina Municipal.
- b. A Maria *dançou* **muito** *a valsa* no estúdio.

Quanto aos verbos de contacto com superfícies, a presença de uma localização espacial só parece ser relevante na ausência de complemento interno, para indicar uma

quantidade de entidades não especificadas (i.e., ‘coisas’) que foram limpas/esfregadas/varridas num determinado episódio com localização específica. Com argumento interno explícito, independentemente de ser definido, indefinido ou *bare plural*, a presença de uma localização espacial apenas serve para indicar a localização da entidade denotada pelo SN argumento interno, ou seja, por exemplo, em (211a.), o SPrep *na escola* indica a localização das *escadas*, não contribuindo com nenhuma informação concreta que especifique ou delimite o evento, em si.

(211) Limpei **muito** *na escola*.

- a. Limpei **muito** as escadas *na escola*.
- b. Limpei **muito** umas escadas *na escola*.
- c. Limpei **muito** escadas *na escola*.

(212) O empregado de limpeza *esfregou* **muito** *no hotel*.

- a. O empregado de limpeza *esfregou* **muito** a banheira *no hotel*.
- b. O empregado de limpeza *esfregou* **muito** uma banheira *no hotel*.
- c. O empregado de limpeza *esfregou* **muito** banheiras *no hotel*.

(213) O trolha **varreu muito** *na obra de Lisboa*.

- a. O trolha **varreu muito** o chão *na obra de Lisboa*.
- b. ??O trolha **varreu muito** um chão *na obra de Lisboa*.
- c. ??O trolha **varreu muito** chãos *na obra de Lisboa*.

Por fim, com DAs, a localização pode não interferir na interpretação dos eventos, como acontece (214), em que o evento é interpretado como uma ocorrência única, e a localização espacial apenas indica a sua localização, não tendo impacto na leitura final da frase, que diz respeito a uma diferença de grau elevada, que se obtém pela presença de *muito*. Ainda assim, em certos casos, pode, além desta leitura de diferença de grau, haver uma segunda interpretação, relacionada com frequência dos eventos. Veja-se

(214a.) e (215), em que, na presença de uma localização temporal, as frases podem ser interpretadas com uma leitura de repetição de ocorrências (*O João aqueceu muitas vezes o leite na cozinha* e *A costureira alargou muitas vezes a saia no ateliê*). Esta segunda leitura dificilmente se verifica em (214), o que poderá estar relacionado com o facto de, neste caso, *o calor* ser o causador, ao contrário de (214a.) e (215), em que *o João* e *a costureira*, respetivamente, são agentes.

(214) O calor **aqueceu muito** o quarto em Itália.

a. O João **aqueceu muito** o leite na cozinha.

(215) A costureira alargou **muito** a saia no ateliê.

4.3.1.1.4. Culminações e Pontos

As culminações parecem poder coocorrer sem quaisquer problemas com sintagmas preposicionais indicadores de localização espacial, conforme se demonstra de seguida, onde se mantém a interpretação de frequência.

(216) Mendes *saltou* **muito** no meio dos colegas.

a. Mendes *saltou* **muitas vezes** no meio dos colegas.

(217) O garoto *caiu* **muito** na escola.

a. O garoto *caiu* **muitas vezes** na escola.

(218) Já *desmaiei* **muito** no meu local de trabalho.¹⁴⁹

a. Já *desmaiei* **muitas vezes** no meu local de trabalho.

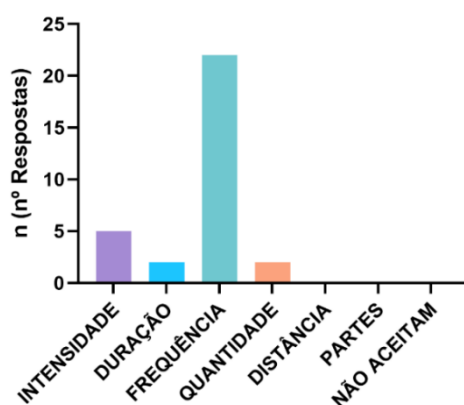
¹⁴⁹No caso de *entrar na berma*, passa, agora, a ser possível obter-se uma leitura de frequência (cf. (i)) (embora esta leitura continue a ser difícil, e nunca preferencial), se se considerar que, no desporto automóvel, existem campeonatos onde os mesmos circuitos, agora possivelmente indicados pela localização espacial, são realizados anualmente. O mesmo não se verifica em (ii), dado que a mesma árvore só pode cair uma vez, independentemente da localização espacial em que esse evento ocorra.

(i) O italiano **entrou muito** numa berma em Monte Carlo. (*par=ext824021-des-92a-2*)

(ii) ??A árvore *caiu* **muito** no Algarve.

Estas interpretações foram validadas pelos falantes consultados, que aceitaram, todos eles, a frase *A criança caiu muito na escola* (cf. tabela 41, Anexo 2). Destes, 88% indicaram uma interpretação de frequência, com 20% a considerar uma leitura de intensidade, que revela uma interpretação de episódio único, para a qual apenas se pode considerar uma frase parafraseável por *A criança caiu* [uma única vez] *com muita força na escola*.

Gráfico 18 – Resultados para [*caiu muito* + Localização Espacial]



Tal como as culminações, também os pontos são compatíveis com a presença de uma localização espacial, que não parece provocar alterações às leituras anteriormente identificadas para esta classe aspetual (cf. (219)-(221)), ou seja, frequência (e intensidade).

(219) A presidente do BCE *tossiu muito* no Parlamento Europeu.¹⁵⁰

a. A presidente do BCE *tossiu muitas vezes* no Parlamento Europeu.

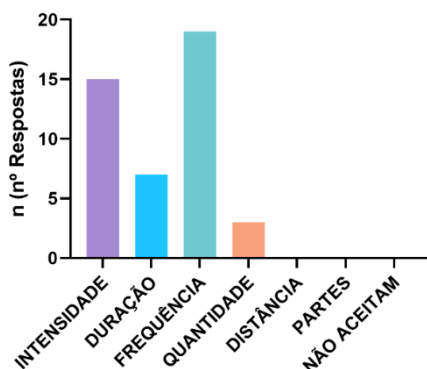
¹⁵⁰Veja-se, uma vez mais, a importância do contexto. Em (i), a presença em simultâneo de uma localização espacial e de um enquadramento temporal (*durante o passeio*) contribui para uma leitura de evento único:

- (i) (...) Tem um bocadito de tosse, parece que *tossiu muito no jardim* durante o passeio (alergias?), pode ser uma tossita de canil, vamos a ver as notícias que vão vindo!

- b. A presidente do BCE *tossiu* **muito intensamente** no Parlamento Europeu.
 - c. #A presidente do BCE *tossiu* **durante muito tempo** no Parlamento Europeu.
- (220) *Toquei* **muito** *à campainha* no prédio da minha irmã no Algarve, mas ninguém abriu a porta.
- a. *Toquei* **muitas vezes** *à campainha* no prédio da minha irmã no Algarve, mas ninguém abriu a porta.
 - b. *Toquei* **muito intensamente/com muita força** *à campainha* no prédio da minha irmã no Algarve, mas ninguém abriu a porta.
 - c. #*Toquei* **durante muito tempo** *à campainha* no prédio da minha irmã no Algarve, mas ninguém abriu a porta.
- (221) *Pestanejou* **muito** no banco do jardim, ao sentir a luz do sol.
- a. *Pestanejou* **muitas vezes** no banco do jardim ao sentir a luz do sol.
 - b. [?]*Pestanejou* **muito intensamente/com muita força** no banco do jardim ao sentir a luz do sol.
 - c. ^{??}*Pestanejou* **durante muito tempo** no banco do jardim ao sentir a luz do sol.

Com efeito, em todos os exemplos, a presença de uma localização espacial não anula a leitura de frequência, nem acrescenta novas leituras. Estas interpretações foram validadas também pelos falantes consultados (cf. Gráfico 17), que aceitam na totalidade (100%) o exemplo fornecido para testar a quantificação dos pontos, 76% aceitando uma leitura de frequência e 60% indicando uma interpretação de intensidade (ver tabela 46, Anexo 2). A leitura de duração, a terceira mais indicada pelos informantes, pode, eventualmente, ser possível, mas parece derivar, precisamente, da frequência, i.e., *tossir durante muito tempo*, *tocar à campainha durante muito tempo* ou *pestanejar durante muito tempo* envolve, obrigatoriamente, um conjunto de repetições elevado, que se estendem por um período mais ou menos alargado no tempo. Este comportamento poderá indiciar que, nestes casos, os falantes tendem a interpretar o evento como um processo.

Gráfico 19 – Resultados para [tossiu muito + Localização Espacial]



4.3.1.2. Localização Temporal

4.3.1.2.1. Estados

Por denotarem situações durativas, os estados quantificados aceitam combinar-se com adverbiais temporais, mas esta combinação não parece ter um impacto relevante na interpretação final das frases, que continua a ser, preferencialmente, intensidade.

(222) O Miguel *gostou* **muito** do bolo de chocolate *ontem*.

(223) A Maria *amou* **muito** o João *na juventude*.

(224) O meu filho *detestou* **muito** a sobremesa *na semana passada*.

Em certos casos, os adverbiais temporais dão informação sobre a duração da eventualidade, o que tem como consequência o facto de que o quantificador passa a contribuir exclusivamente com uma escala de intensidade (do sentimento) (cf. (225) e (226)).

(225) "«Mas, coitada, ela já **sofreu muito** *durante este tempo todo*»" - ripostou a mulher, reformada, espectadora assídua dos julgamentos da Boa-Hora. (*par=ext6112-soc-*

91a-1)

- a. Ela sofreu **intensamente** *durante muito tempo*.

(226) Podia ter-te contado a história de uma adolescente que, muito jovem, se apaixonou por um inadaptado e que aos 17 anos reincidiu e se apaixonou (desta vez mais a sério, mas, nessa idade, a paixão é sempre um caso sério) por outro, que **amou muito**, e durante muitos anos. (*par=ext293509-opi-96a-2*)

- a. Ele *amou* [alguém] **intensamente** *durante muitos anos*.

Alternativamente, os advérbios temporais podem fazer o enquadramento temporal de uma situação, não dando nenhuma informação sobre a duração dos eventos. Assim, no caso do verbo *adorar*, com sintagmas nominais definidos (cf. (227)) e indefinidos (cf. (228)), a leitura mais natural parece ser a de intensidade, que se relaciona com a existência de um estado delimitado, localizado em momentos diferentes: um momento mais próximo com *ontem*, mais distante com *a semana passada* e mais distante ainda no caso de *o ano passado* (cf. Gráficos 18 a 20, abaixo). No caso de (229), já com o verbo *detestar*, a frase parece estranha na ausência de um contexto alargado, mas, se se acrescentar um contexto linguístico adequado, a frase passa a ser interpretável com uma leitura de intensidade: *a Luísa detestou muito o Rui ontem, porque este lhe atirou com a bola na cara*.

(227) #A Luísa *adorou muito* o Rui ontem.

- a. A Luísa *adorou muito* o Rui a semana passada.
b. A Luísa *adorou muito* o Rui o ano passado.

(228) A Teresa *adorou muito* uma *escultura* ontem.

- a. A Teresa *adorou muito* uma *escultura* a semana passada.
b. A Teresa *adorou muito* uma *escultura* o ano passado.

(229) A Luísa *detestou muito* o Rui ontem.

- a. A Luísa *detestou muito* o Rui a semana passada.
b. A Luísa *detestou muito* o Rui o ano passado.

(230) O Miguel *gostou muito da sobremesa* ontem.

a. O Miguel *gostou muito da sobremesa* a semana passada.

b. ?O Miguel *gostou muito da sobremesa* o ano passado.

Note-se ainda que, nos casos de (227b.)-(229b.), a presença de *o ano passado*, que indica uma extensão temporal longa, poderá permitir uma leitura de frequência, mas esta não parece ser uma possibilidade interpretativa no caso de (230), que se refere a um evento tipicamente interpretado como único (como, por exemplo, em *o João foi ao restaurante e gostou da sobremesa*).¹⁵¹ Este comportamento parece demonstrar que, na presença de um enquadramento temporal explícito, estes estados podem receber interpretações delimitadas, próximas à dos eventos, o que comprova, ademais, o seu carácter faseável.¹⁵²

Com *bare plurals*, a presença de um enquadramento temporal aumenta a aceitabilidade das frases entre os informantes, comparativamente ao que ocorria na ausência deste elemento delimitador, preferencialmente com leituras de intensidade e duração, independentemente de o intervalo temporal ser curto, médio ou longo (cf. (231)).

(231) ?A Teresa adorou *muito esculturas* ontem.

a. ?A Teresa adorou *muito esculturas* a semana passada.

b. ?A Teresa adorou *muito esculturas* o ano passado.

¹⁵¹Veja-se que, na presença de um indefinido, esta leitura talvez fosse possível. Ainda assim, numa frase como *O João gostou muito de uma sobremesa o ano passado*, a localização espacial parece indicar o momento em que o evento ocorreu, e não que esse evento se repetiu várias vezes ao longo do período temporal correspondente a um ano.

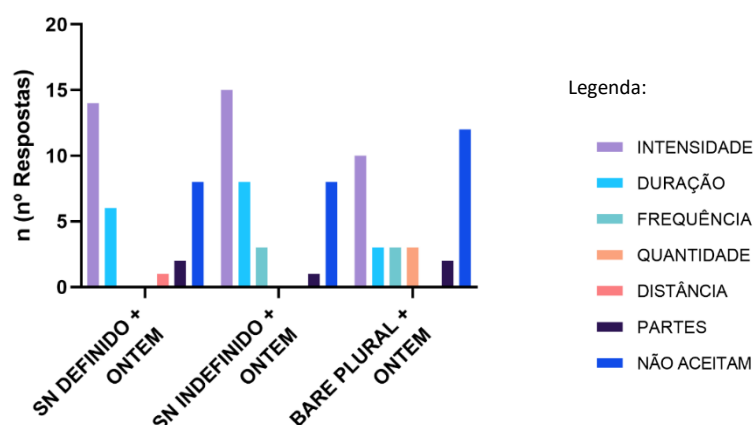
¹⁵²Com efeito, num contexto que permitisse pôr em evidência a não faseabilidade do estado (cf. (i)) ou a sua homogeneidade ao longo do tempo (ii), a frase deixaria de ser aceitável.

(i) ??O carro **foi** muito **espaçoso** ontem.

(ii) ??D. Pedro **amou** muito Inês de Castro *ontem*.

Ainda assim, as frases em (231) parecem dificilmente aceitáveis, já que a presença de um *bare plural*, com referência cumulativa, não permite estabelecer um conjunto de intervalos temporais para a delimitação das fases do estado. A maior aceitabilidade destas frases pelos falantes poderá justificar-se pela consideração (exclusiva) da segunda aceção do verbo *adorar*. Confrontados com a dificuldade de interpretação da frase (o que é comprovado pela existência de respostas de tipo NS (*não sabe*) ou NR (*não responde*)), os falantes poderão ter optado pelo verbo nesta aceção, por possibilitar uma leitura parafraseável por *A Teresa passou muito tempo a adorar/venerar esculturas*.

Gráfico 20 – Resultados para [*adorou muito* + complemento + localização temporal curta]



De acordo com as respostas dadas pelos falantes, a presença de uma localização temporal não inviabiliza a aceitabilidade das frases. Assim, com o SPrep indicador de uma localização temporal curta (*ontem*), com o verbo estativo *adorar*, 64% dos falantes aceitaram a frase em (232), dos quais 88% indicaram uma leitura preferencial de intensidade e apenas 38% interpretaram a frase como envolvendo uma duração (relativa a um evento único). Quanto à frase (232a.), foi aceite por 68% dos falantes, dos quais 88% consideravam que a interpretação adequada era a de intensidade, e 47% indicaram a leitura de duração; já em (232b.), a taxa de aceitabilidade desce

ligeiramente (52%), continuando a leitura principal a ser a que envolve uma intensidade (77%) (consultar tabela 3, Anexo 2).

(232) A Teresa *adorou* **muito** a escultura *ontem*.

a. A Teresa *adorou* **muito** uma escultura *ontem*.

b. A Teresa *adorou* **muito** esculturas *ontem*.

Com um intervalo temporal intermédio (*a semana passada*) (cf. Gráfico 21) e com um intervalo temporal longo (*o ano passado*) (cf. Gráfico 22) (consultar tabelas 4 e 5 do Anexo 2, respetivamente), as leituras são muito semelhantes, com 56% dos falantes a aceitarem as frases construídas com um argumento interno definido, nos dois casos, indicando como leitura preferencial a intensidade (71% e 79%, respetivamente). Com argumento interno indefinido, a taxa de aceitabilidade aumenta ligeiramente (para os 64%), mantendo-se a leitura de intensidade como preferencial (81% e 88%, respetivamente). Por fim, na presença de *bare plurals*, a taxa de aceitabilidade é ligeiramente mais elevada com um intervalo de longa duração (cerca de 56% dos falantes aceitaram a frase) do que com uma duração intermédia (52%), mas as leituras preferenciais mantêm-se a intensidade (77% e 79%, respetivamente) e a duração (56% e 64%, respetivamente).

Gráfico 21 - Resultados para [*adorou muito* + complemento + localização temporal intermédia]

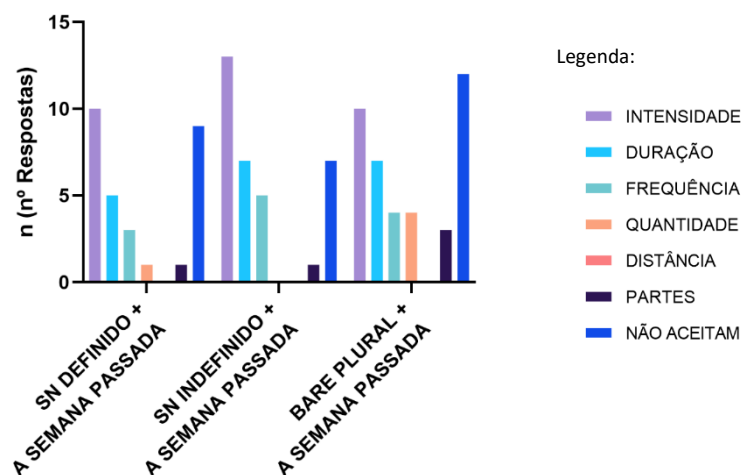
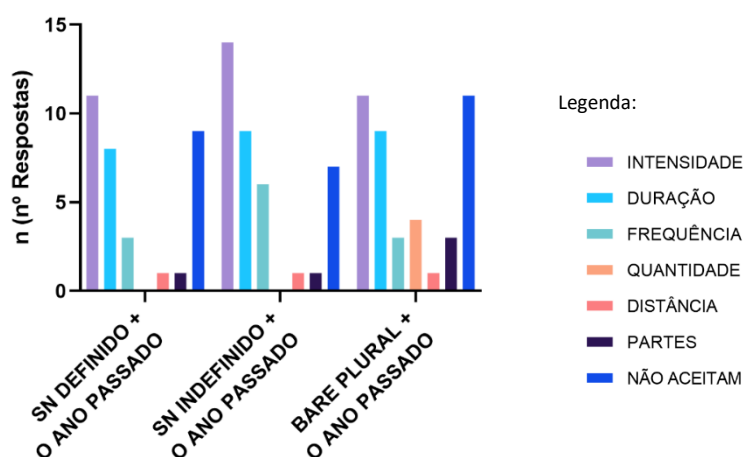


Gráfico 22 – Resultados para [*adorou muito* + complemento + localização temporal longa]



Relativamente aos estados construídos com uma localização espacial (Gráfico 23), estes podem conter intervalos na sua denotação, o que os torna aptos a receber

quantificação por *muito*, com interpretações relativas a frequência (*estar muitas vezes em*) e duração (*estar durante muito tempo em*)¹⁵³:

- (233) *Estive **muito** na zona do Douro e do Minho.* Braga, Guimarães, Monção, Fafe, Lamego. Porto, obviamente. Vila Real também.¹⁵⁴
- a. *Estive **muitas vezes** na zona do Douro e Minho.*
 - b. *Estive na zona do Douro e Minho **durante muito tempo**.*

Por constituírem situações que se estendem ao longo de um período temporal mais ou menos alargado, a presença de um adverbial de localização temporal de extensão curta, como *ontem*, deverá interagir com as leituras possíveis, no sentido de impedir uma leitura de frequência, como se verifica nos exemplos abaixo. De facto, estas leituras foram confirmadas pelos falantes consultados (ver tabela 12, Anexo 2), já que, com SN definido e SN indefinido, na presença de uma localização temporal curta, o exemplo fornecido no questionário foi aceite por 56% e 52% dos falantes (respetivamente), dos quais 92% indicam uma leitura de duração.

- (234) *Estive **muito** na zona do Douro e do Minho ontem.*
- a. *??Estive **muitas vezes** na zona do Douro e do Minho ontem.*
 - b. *Estive na zona do Douro e do Minho **durante muito tempo** ontem.*

¹⁵³Chama-se a atenção para exemplos como os seguintes, que ocorreram frequentemente nos *corpora* consultados, em particular no CETEMPúblico, que não serão analisados na presente investigação, por constituírem expressões idiomáticas fixas (*estar na moda*):

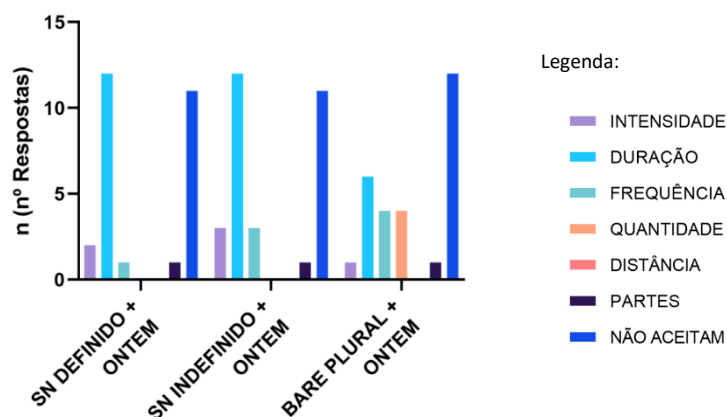
- (i) Este é um pensamento (...) altamente nocivo, que **está muito** na moda hoje em dia. (*par=ext1128010-nd-91b-2*)
- (ii) Actualmente **estão muito** em voga as contas poupança habitação e os empréstimos para aquisição de casa própria. (*par=ext1024724-soc-93a-2*)

¹⁵⁴Luís Severo. [Entrevista]. Jornal Expresso. Disponível em: <https://expresso.pt/cultura/2017-03-30-O-amor-que-nao-se-esquece-a-pensar-que-amanha-se-ha-de-esquecer> [Consult. 26/01/2025]

Neste caso, a presença de um *bare plural* não foi muito bem aceite pelos falantes (com uma taxa de rejeição de 48%), o que se justifica tendo em conta que, num curto intervalo de tempo (como *um dia*), não parece fazer sentido fazer referência a uma grande quantidade de eventos do mesmo tipo (cf. (235)).

(235) ??O primeiro-ministro *esteve muito em faculdades de Letras ontem*.

Gráfico 23 – Resultados para [*esteve muito em* + complemento + localização temporal curta]



Esta dificuldade desaparece quando se aumenta a extensão temporal do intervalo dado para marcar o enquadramento temporal do estado. Com efeito, como se verifica em (236) e (237), a leitura de frequência passa a ser possível, tal como a de duração.¹⁵⁵

(236) *Estive muito na zona do Douro e do Minho a semana passada*.

¹⁵⁵De um modo geral, os falantes rejeitam a leitura de frequência na presença de *ontem*, preferem a leitura de frequência na presença de *o ano passado*, e aceitam de forma muito próxima as leituras de duração e frequência na presença de *a semana passada*.

- a. *Estive muitas vezes/durante muito tempo* na zona do Douro e do Minho a semana passada.
- (237) *Estive muito* na zona do Douro e do Minho o ano passado.
- a. *Estive muitas vezes/durante muito tempo* na zona do Douro e do Minho a semana passada.

De acordo com os dados recolhidos dos informantes, na presença de uma localização temporal intermédia (tabela 13 do Anexo 2) e longa (tabela 14, Anexo 2), todos os tipos de argumento interno apresentam boas taxas de aceitabilidade. Assim, com argumento interno definido, a taxa de aceitabilidade é de 64% e 72%, respetivamente, com a frequência a ter taxas de aceitabilidade entre os 75% e os 78% e a duração a obter valores entre os 56% e os 50%. Já com argumento interno indefinido, a taxa de aceitabilidade desce para os 60%, com *a semana passada*, mantendo-se nos 64% com *o ano passado*. Nestes casos, as leituras preferenciais são diferentes: com localização temporal intermédia, a duração é preferencial (67%), seguindo-se a frequência (53%), o que mostra que, neste caso, os falantes tendem a interpretar uma única ocorrência de um evento que se localizou *na semana passada*. Pelo contrário, com localização temporal longa, a leitura de frequência é indicada por 88% dos falantes, passando a duração para segundo plano (44%). Já com *bare plurals*, a taxa de aceitabilidade é de 60%, com localização temporal intermédia, e de 68% com localização temporal longa e, dos falantes que aceitam o exemplo dado, as leituras preferenciais são as mesmas, apresentando resultados muito semelhantes: 80%/76% dos falantes indicam uma leitura de frequência, enquanto 60%/53% indicam uma leitura de duração. Estes dados estão ilustrados nos Gráficos 24 e 25.

Gráfico 24 - Resultados para [*esteve muito* + complemento + localização temporal intermédia]

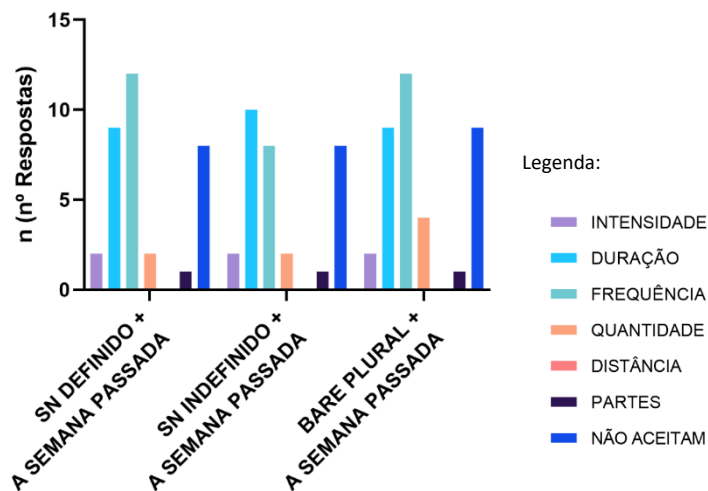
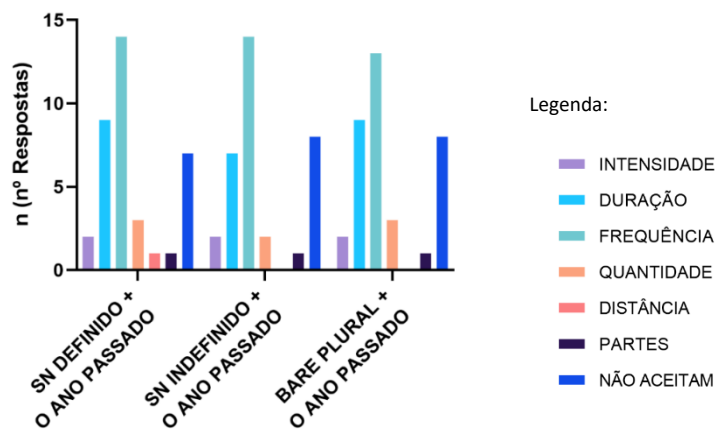


Gráfico 25 - Resultados para [*esteve muito* + complemento + localização temporal longa]



O caso do verbo *viver* parece ser um pouco mais restritivo, já que, com *ontem*, nenhuma das interpretações parece válida (cf. (238)). De facto, como a leitura de frequência parece ficar vedada pela presença de *ontem*, a única leitura disponível deveria ser a que mede a extensão temporal de cada um dos subeventos na denotação do evento. Contudo, como a presença de *ontem* entra em conflito com essa

interpretação, a maior parte dos falantes consultados no questionário indicaram uma leitura de intensidade (cf. (238c)).

(238) ??A Maria *viveu* **muito** na Holanda ontem.

- a. ??A Maria viveu **muitas vezes** na Holanda ontem.
- b. ??A Maria viveu **durante muito tempo** na Holanda ontem.
- c. A Maria viveu **muito intensamente** na Holanda ontem.

Na verdade, com *viver*, a leitura de intensidade parece ser a mais comumente aceite pelos falantes, independentemente da extensão da localização temporal, o que significa que, perante a dificuldade de processamento das frases, os falantes optaram por interpretar o verbo *viver* no sentido de *experienciar*, ou seja, as frases seriam parafraseáveis por *A Maria experienciou muito a vida na Holanda*.

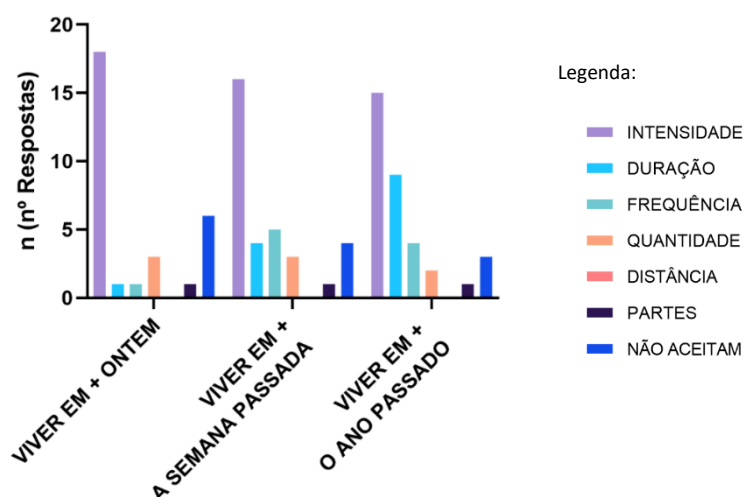
(239) A Maria *viveu* **muito** na Holanda a semana passada/o ano passado.

- a. ?A Maria viveu **muitas vezes** na Holanda a semana passada/o ano passado.
- b. ?A Maria viveu **durante muito tempo** na Holanda a semana passada/o ano passado.
- c. A Maria viveu **muito intensamente** na Holanda a semana passada/o ano passado.

Estes dados podem ser observados no Gráfico 26 (cf. tabelas 7-9, Anexo 2). Com uma localização temporal curta, 72% dos falantes aceitam o exemplo dado e, destes, a totalidade considera uma leitura de intensidade. O mesmo ocorre com uma localização temporal intermédia, aceite por 76% dos falantes, dos quais 84% indicam uma leitura de intensidade, e o padrão mantém-se com uma localização temporal longa, na qual 84% dos falantes aceitam o exemplo, com 71% a optar pela leitura de intensidade. Isto demonstra que o evento foi interpretado no sentido de *vivenciar/experienciar*. Ainda

assim, no caso dos intervalos de tempo mais prolongados (intermédio e longo), os falantes demonstram maior variabilidade de interpretações, assumindo a possibilidade de obter leituras de frequência e duração.

Gráfico 26 – Resultados para [viveu muito (em) + Localização Temporal]



4.3.1.2.2. Processos

Também com Processos, a presença de um enquadramento temporal é possível, como se comprova nos exemplos abaixo.

(240) Para Octávio Machado, este encontro é importante: "**Trabalhámos muito durante a época passada** para aqui chegar, vamos fazer tudo para não deixar fugir esta oportunidade. (noCOD_1039962)

a. o que é que eu hei-de fazer, um homem que **trabalhou muito toda a vida?**
(par=ext1518314-soc-98b-2)

(241) Por fim, Gonçalo deixa escapar: "**Estudei muito...ontem!**"¹⁵⁶

¹⁵⁶Andrea Cunha Freitas (2011). "Estudei muito para Matemática... ontem!". [Artigo]. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2011/06/27/portugal/noticia/estudei-muito-para-matematica-ontem-1500382> [Consult. 26/01/2025]

(242) Costumo dizer que **brinquei muito** na minha infância e é das melhores memórias que guardo desses tempos.¹⁵⁷

Como mostram os exemplos, os verbos pertencentes a esta classe aspetual parecem aceitar a combinação com adverbiais temporais de localização com diferentes extensões, desde *ontem*, a *infância* e, até, *toda a vida*. Este comportamento não é estranho, se se considerar que, na ausência de elementos delimitadores, os processos constituem situações homogêneas, que se estendem no tempo. Por não contribuírem para impor uma delimitação temporal ao processo, mas sim para localizá-lo no tempo, os elementos que fazem a localização temporal não parecem, assim, interferir com as interpretações típicas dos processos, incluindo as que são comuns a todos, duração e intensidade.

Os falantes consultados confirmaram, também, estas interpretações, aceitando muito bem o exemplo fornecido (cf. (243)). Assim, com *ontem*, 92% dos falantes aceitam a frase, indicando as leituras de duração e intensidade (ambas com 70%); com *a semana passada*, a taxa de aceitabilidade sobe para os 96%, com 67% dos falantes a indicarem uma leitura de intensidade e 63% a optarem por uma leitura de duração, havendo, ainda, 50% dos falantes que consideraram a frase aceitável a indicar uma frequência. Por fim, com *o ano passado*, a taxa de aceitabilidade situa-se nos 92%, dividindo-se as interpretações em duração (78%) e intensidade (65%) (ver tabelas 17-19 do Anexo 2).

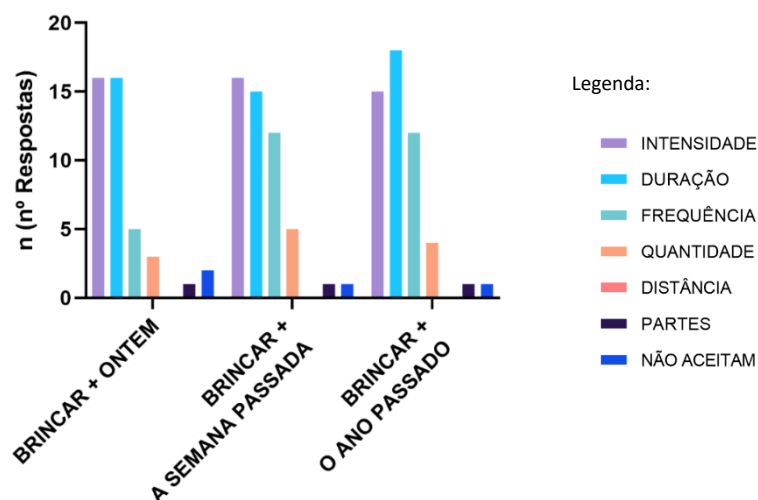
(243) A criança *brincou muito* ontem.

- a. A criança *brincou muito* a semana passada.
- b. A criança *brincou muito* o ano passado.

¹⁵⁷Ines R (2023). [Comentário em blogue]. Disponível em: <https://educarcomvida.blogs.sapo.pt/a-importancia-dos-intervalos-416867?thread=4096867> [Consult. 26/01/2025]

Note-se que as interpretações de duração e intensidade são, precisamente, as que se obtêm mais frequentemente com estados quantificados, o que significa que estados e processos apresentam comportamentos semelhantes quanto à compatibilidade e ao resultado da quantificação por *muito*. Este comportamento não é surpreendente, se se considerar, tendo em conta a sua constituição temporal interna, que estas classes são muito semelhantes, distinguindo-se, apenas, pela dinamicidade, ausente nos primeiros e presente nos segundos.

Gráfico 27 – Resultados para [brincou muito + Localização Temporal]



4.3.1.2.3. Processos Culminados e Processos Culmináveis

Quanto aos Processos Culmináveis e Culminados, a aceitabilidade e interpretação das frases contendo um elemento temporal delimitador parece depender, por um lado, da extensão temporal do intervalo fornecido para o enquadramento e, por outro, da própria estrutura do sintagma verbal, incluindo a presença/ausência e tipo de complementos. Assim, em (244), bem como em (245), a quantificação do evento induz uma leitura de quantidade, porque, quer *o dia do seu aniversário*, quer *a noite de Natal* são responsáveis por delimitar o evento, indicando uma ocorrência única, o que impede a leitura de frequência. Já em (245a.), contrariamente a (244a.), a presença de uma extensão temporal alargada, permite que, à leitura de quantidade, se associe uma frequência.

(244) O João *almoçou* **muito** no dia do seu aniversário.

a. ??O João *almoçou* **muito** no mês do seu aniversário.

(245) Não **comi muito** na noite de Natal. Vi na televisão jantares de carenciados e de sem-abrigo onde serviram pratos de bacalhau com couves que tinham o triplo do meu.¹⁵⁸

a. Tinha feito duas digressões, duas centenas de espectáculos, **bebi muito** nessa época. (*par=ext1215609-clt-94a-1*)

Do mesmo modo, veja-se a diferença entre (246) e (246a.): no primeiro caso, a presença de um argumento interno impõe uma leitura de frequência, parafraseável por *No meu terceiro trimestre de gravidez, comi muitas vezes espinafres salteados em azeite (como topping da sopa)*. Já em (246a.), em que se retirou o argumento interno, evidencia uma leitura de quantidade, que enquadra temporalmente o evento no ‘terceiro trimestre de gravidez’.

(246) [Espinafres salteados em azeite]. Uma coisa que **comi muito** no meu terceiro trimestre de gravidez como topping da sopa.¹⁵⁹

a. **Comi muito** no meu terceiro trimestre de gravidez.

Ontem, advérbio indicador de uma extensão temporal curta, impõe que os processos culmináveis, especialmente os estritamente incrementais, só possam ser quantificados por *muito* na ausência de complemento, implicando, nesse caso, uma interpretação de quantidade, que, novamente, parece introduzir informação implícita

¹⁵⁸ *O Mirante* [Seminário]. Disponível em: <https://omirante.pt/semanario/2013-12-24/e-mails-do-outro-mundo/2013-12-23-indulgente-serafim-das-neves> [Consult. 26/01/2025]

¹⁵⁹ ‘Go Carol’. [Publicação em blogue]. Disponível em: <https://gocarol.blogs.sapo.pt/espinafres-salteados-em-azeite-1429475> [Consult. 26/01/2025]

sobre o Tema (cf. ((247)-(251)). A função de *ontem* é a de induzir uma leitura de evento único. Repare-se, a título ilustrativo, (249), em que *ontem* apenas localiza o evento (*os incêndios*) no dia anterior ao momento da enunciação e, por isso, a única interpretação possível é a que envolve um episódio (i.e., ocorrência única). O mesmo ocorre nos restantes exemplos.

(247) A Clara *comeu muito ontem*.

- a. A Clara *comeu uma grande quantidade de comida/‘matéria comestível’* ontem.

(248) Vítor Figueiredo (...) construiu *muito ontem*. (J4868, adaptado)

- a. Vítor Figueiredo construiu *uma grande quantidade de ‘matéria edificável’* ontem.

(249) Os incêndios destruíram *muito ontem*.

- a. Os incêndios (que ocorreram *ontem*) destruíram *muitas ‘coisas’*.

(250) Li/escrevi *muito ontem*.

- a. Li/escrevi *uma grande quantidade de ‘material legível/escrito’* ontem.

(251) O artista pintou *muito ontem*.

- a. O artista fez *muitas pinturas*/pintou *muitas ‘coisas’* ontem.

A presença de uma leitura de evento único dificulta, também, a interpretação das frases abaixo, dado que, nestes contextos, parece difícil conceber que, num mesmo dia, a Clara tenha comido muitas vezes *uma maçã inteira*, o que implica, ainda, uma dificuldade acrescida na compreensão de exemplos com *bare plurals*, como em (252b.), que, a ser interpretáveis nestas condições, só poderiam induzir uma leitura de quantidade contrastiva (*A maior parte do que a Maria comeu ontem foi maçãs, e não peras*).

(252) ??A Clara *comeu muito a maçã ontem*.

- a. ??A Clara *comeu* **muito** *uma maçã ontem*.
- b. A Clara *comeu* **muito** *maçãs ontem*.

Quando o intervalo temporal fornecido é alargado, tanto com *a semana passada*, como com *o ano passado*, passa a estar disponível uma leitura de frequência, especialmente no caso de SNs indefinidos com referência não específica (veja-se o contraste entre (253) e (254)), que pode ser relativa à quantidade de eventos (*comer muitas vezes uma maçã completa*) (254a.) ou ao tipo de argumento interno (*comer muitas vezes um tipo de maçã*) (254b.). A leitura de frequência é também a única disponível no caso dos *bare plurals* (cf. (255)).

(253) ??A Clara *comeu* **muito** *a maçã a semana passada/o ano passado*.

(254) A Clara *comeu* **muito** *uma maçã a semana passada/o ano passado*.

- a. A Clara *comeu* **muitas vezes** uma maçã *a semana passada*.
- b. A Clara *comeu* **muitas vezes** um tipo de maçã *a semana passada*.

(255) A Clara *comeu* **muito** *maçãs a semana passada/o ano passado*.

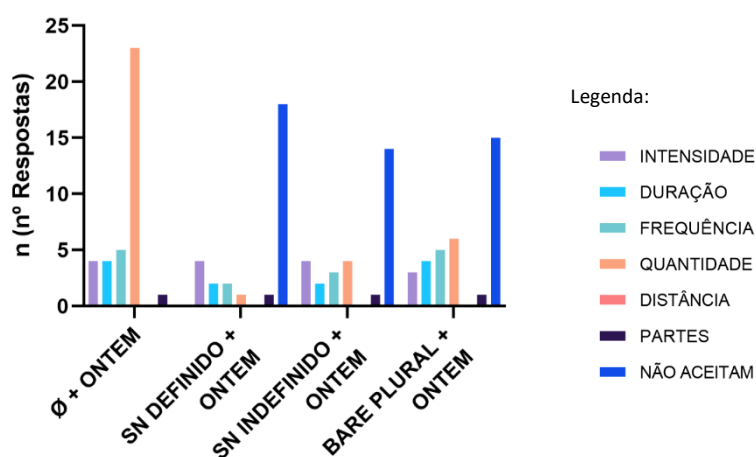
- a. A Clara *comeu* **muitas vezes** *maçãs a semana passada (em vez de peras)*.

Assim, com processos culmináveis em que o Tema é afetado de forma estritamente incremental, a presença de uma localização temporal de extensão curta parece privilegiar uma leitura de evento único, já que, tendencialmente, é difícil assumir que um evento deste tipo (*ler o livro, comer a maçã, etc.*) possa ser repetido várias vezes na extensão temporal correspondente a um dia. Por esse motivo, nestes casos, são privilegiadas as leituras de duração e partes mereológicas. Pelo contrário, advérbios indicadores de uma localização mais longa (*a semana passada* e *o ano passado*), tipicamente induzem leituras de frequência. No caso de *construir um hospital*, em particular, apenas a presença de uma extensão longa permite uma leitura de frequência,

como consequência do conhecimento do Mundo dos falantes, que impõe a conceção de um evento de *construir o hospital* como um evento prolongado no tempo.

Como se verifica pelas respostas dadas pelos falantes consultados, na ausência de complemento, as frases são aceites por todos, com todos os intervalos temporais testados, numa leitura preferencial de quantidade (91% dos falantes indicam esta leitura com *ontem*; 92% indicam esta leitura com a semana passada, e 80% com *o ano passado*) (cf. Gráfico 28 e tabelas 22-24 do Anexo 2).

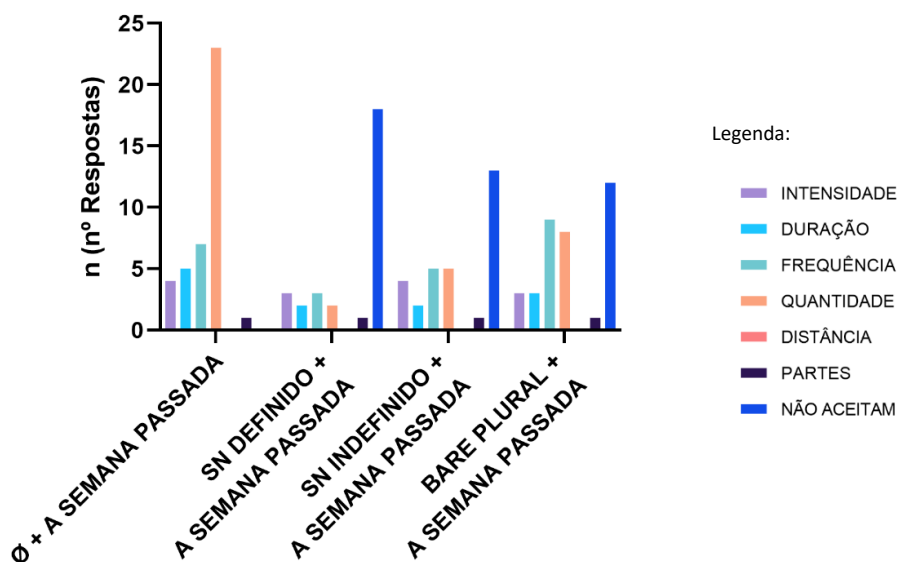
Gráfico 28 – Resultados para [*comeu muito* + complemento + localização temporal curta]



Contudo, a inserção de um argumento interno dificulta consideravelmente a aceitação dos exemplos, independentemente da natureza do argumento interno e, aparentemente, também da extensão do intervalo temporal. Assim, com *ontem*, 72% dos falantes não aceitam a combinação com um argumento interno definido; 56% dos falantes não aceitam a combinação com um argumento interno indefinido e 60% dos falantes não aceitam a combinação com *bare plurals*. Com *a semana passada* (cf. Gráfico 27), 72% dos falantes rejeitam a frase construída com um argumento interno definido,

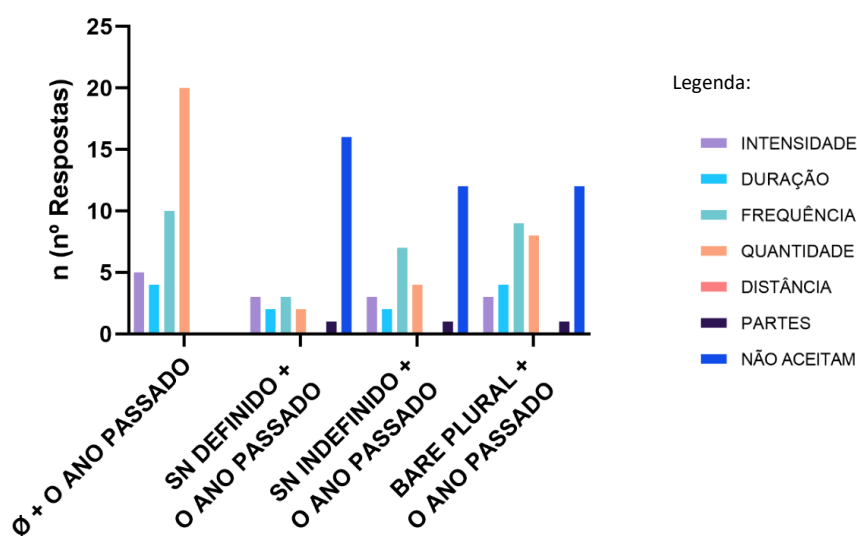
52% rejeitam-na com um argumento interno indefinido e a taxa de aceitação iguala a taxa de rejeição no caso de *bare plurals*.

Gráfico 29 – Resultados para [*comeu muito* + complemento + localização temporal intermédia]



Quanto a *o ano passado* (ver Gráfico 30; tabela 24 do Anexo 2), 64% dos falantes não aceitam o exemplo dado com argumento interno definido, 48% não a aceitam com argumento interno indefinido e, mais uma vez, os falantes dividem-se quanto à aceitação (48%) ou rejeição (48%) do exemplo construído com um *bare plural*. A maior aceitabilidade dos exemplos construídos com *bare plurals*, especialmente com leituras de frequência e quantidade, demonstra que, nestes casos, a tendência é considerar uma repetição de ‘tipos’ de eventos. Ainda assim, alguns falantes aceitam estas frases, hesitando sobretudo entre leituras de intensidade, frequência ou quantidade, o que parece revelar uma dificuldade de processamento com as frases.

Gráfico 30 - Resultados para [*comeu muito* + complemento + localização temporal longa]



No caso de *construir*, na presença de uma localização temporal curta (ver tabela 27 do Anexo 2), as frases apresentadas não foram bem aceites pelos falantes, independentemente da natureza do complemento (cf. Gráfico 31). Assim, com SN definido, 64% dos falantes rejeitaram a frase e apenas 24% consideraram o exemplo aceitável, hesitando entre interpretações de intensidade (50%), duração (50%) e quantidade (50%). Com SN indefinido, 60% dos falantes considera a frase não aceitável; dos 28% que a aceitaram, a duração revelou-se a leitura preferencial (57%), seguida da intensidade, frequência e quantidade (43%, cada uma). Por fim, com *bare plural*, as percentagens de aceitabilidade e rejeição mantiveram-se, embora a leitura preferencial tenha passado a ser de quantidade (75%), seguida da intensidade (50%). O padrão mantém-se com uma extensão temporal intermédia (Gráfico 32, tabela 28 do Anexo 2). Quanto à extensão temporal longa (Gráfico 33, tabela 29 do Anexo 2), as taxas de rejeição mantêm-se, com valores entre os 52% e os 56%, mas a leitura preferencial altera-se, passando a ser a de duração, com SN definido e indefinidos, e de quantidade (91%), no caso dos *bare plurals*. Este comportamento poderá indicar que os falantes consideraram que *construir muito hospitais* tem um sentido equivalente a *construir muitos hospitais*.

Gráfico 31 - Resultados para [*construiu muito* + complemento + localização temporal curta]

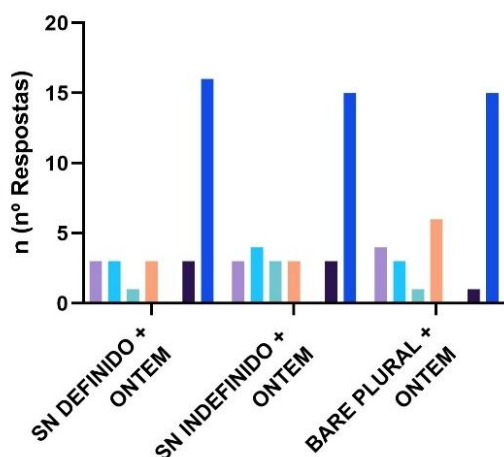


Gráfico 32 - Resultados para [*construiu muito* + complemento + localização temporal intermédia]

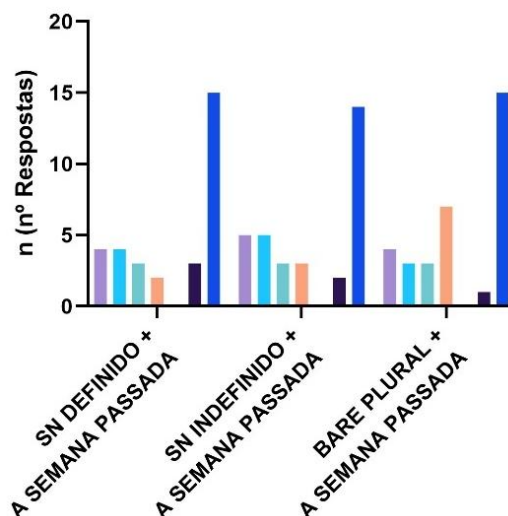
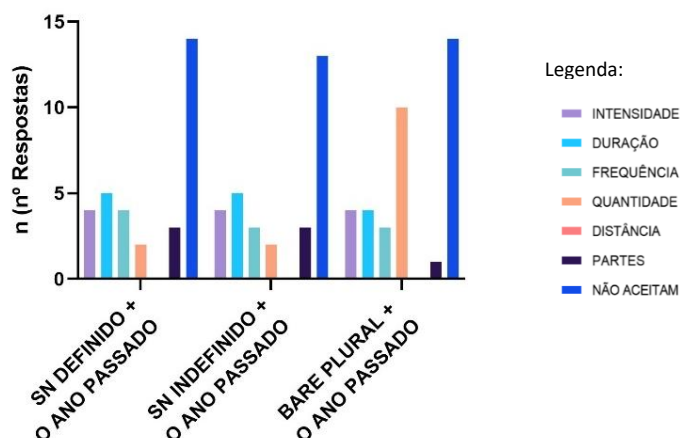


Gráfico 33 - Resultados para [*construiu muito* + complemento + localização temporal longa]



O verbo *destruir*, uma vez mais, apresenta um comportamento diferente, não só porque a taxa de aceitabilidade aumenta consideravelmente, sendo aceite pela maioria dos falantes, independentemente de a extensão do intervalo temporal ser curta, intermédia ou longa, e da natureza do complemento, mas também porque a leitura preferencial passa a envolver uma intensidade (Gráficos 34-36 e tabelas 32-34 do Anexo 2). Só os *bare plurals* apresentam um comportamento ligeiramente mais restritivo, já que, com *ontem*, 52% dos falantes rejeitam o exemplo apresentado. Dos 48% falantes que o aceitam, todos interpretam a frase numa leitura de intensidade. No caso de *a*

semana passada e *o ano passado*, 48% dos falantes aceitam os exemplos, mantendo-se a taxa de 100% relativamente à leitura de intensidade. Este comportamento parece evidenciar que os falantes tendem a interpretar a construção *destruir muito* com um sentido semelhante a *causar grande destruição*, ou seja, *destruir muito intensamente*.

Gráfico 34 - [*destruiu muito* + complemento + localização temporal curta]

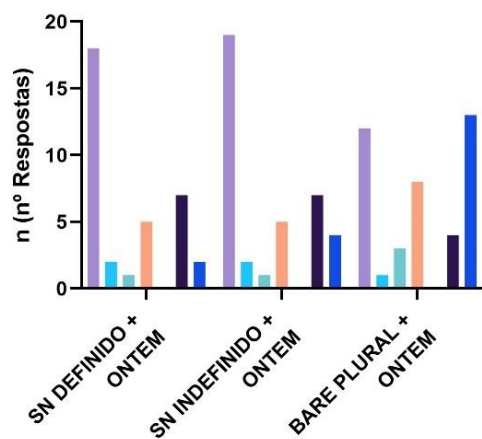


Gráfico 35 - [*destruiu muito* + complemento + localização temporal intermédia]

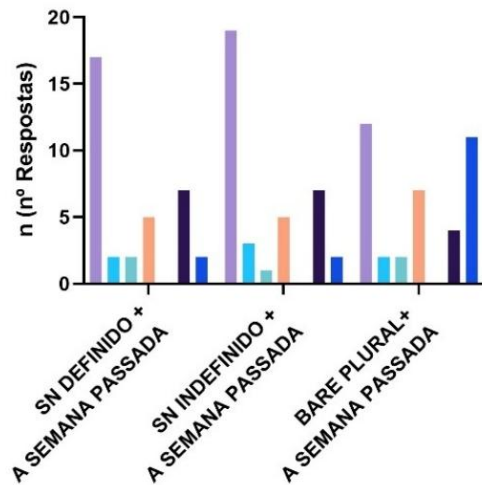
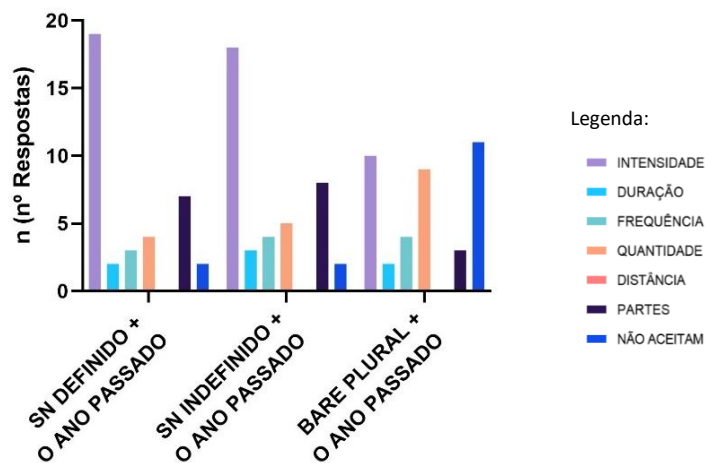
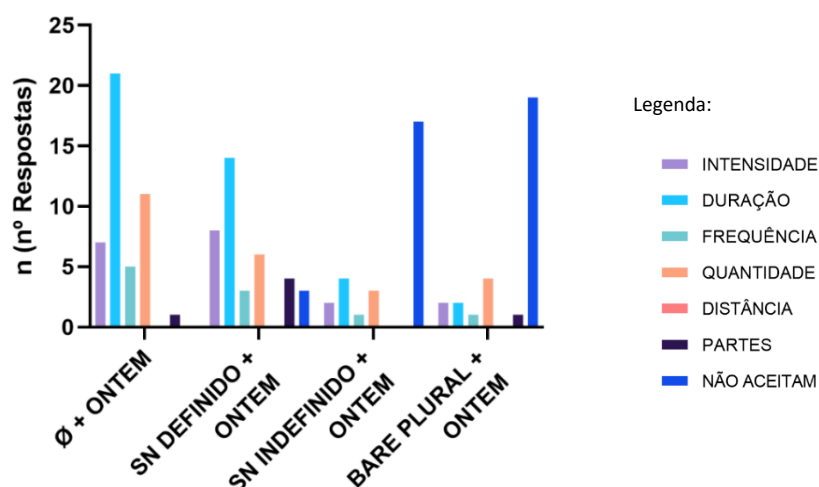


Gráfico 36 - Resultados para [*destruiu muito* + complemento + localização temporal longa]



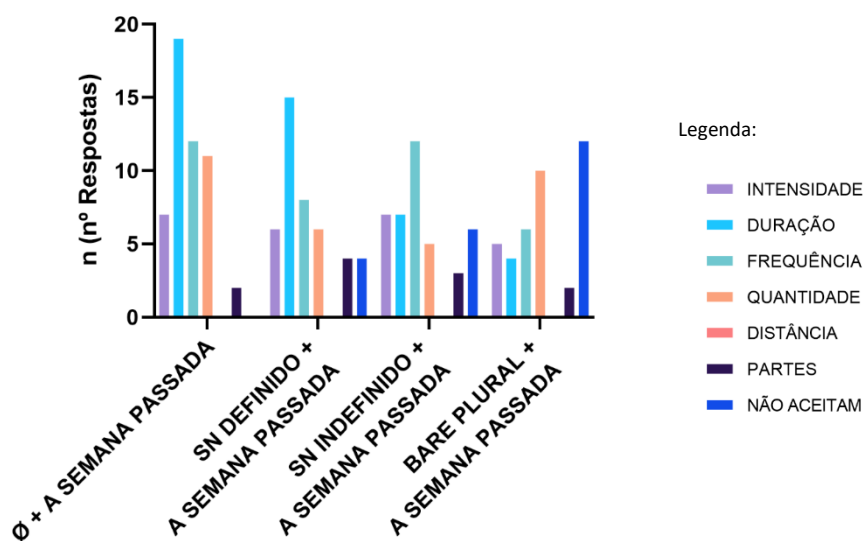
Com verbos de incrementalidade não estrita, como *ler o livro*, a aceitabilidade deverá ser maior, já que o argumento interno não é afetado de forma direta ao longo do evento, o que significa que pode existir uma repetição do mesmo. De facto, com um intervalo de tempo de extensão curta, como *ontem* (tabela 37 do Anexo 2), os falantes aceitam sem restrições a construção sem argumento interno explícito, com leituras de duração (84%) e quantidade (44%), o que mostra que, neste caso, o evento está claramente a ser interpretado como um processo, podendo ser seleccionadas diferentes escalas (ou dimensões escalares) para a interpretação do mesmo. Opostamente ao que ocorria com *comer uma sanduíche*, no caso de *ler o livro*, as taxas de aceitabilidade dos falantes são muito maiores na presença de um argumento interno definido (84%), especialmente com leituras de duração (67%) e intensidade (38%). No caso do exemplo construído com argumento interno indefinido, a taxa de aceitabilidade baixa para os 32%, com leituras de duração (50%) e quantidade (38%), o que parece mostrar que, nestes casos, os falantes têm dúvidas quanto à interpretação do evento como um processo ou um processo culminado. O mesmo acontece com *bare plurals*, em que a taxa de rejeição sobe para os 76%. Quanto aos 20% de falantes que aceitam o exemplo, 80% indica uma interpretação relativa a quantidade e 40% selecciona leituras de intensidade e de duração. Esta dificuldade de processamento deverá advir da presença de um intervalo de curta extensão, que parece levantar problemas à leitura de frequência, já que parece difícil conceber que, num mesmo dia, a mesma pessoa possa ter lido várias vezes livros diferentes (completos).

Gráfico 37 - Resultados para [*leu muito* + complemento + localização temporal curta]



Com um intervalo temporal intermédio (cf. Gráfico 38, tabela 38 do Anexo 2), todos os falantes aceitam a frase sem argumento interno explícito, com leitura preferencial de duração (76%), o que revela que o evento, nesse caso, é realmente interpretado como um processo, como aliás, era expectável. Na presença de um argumento interno definido, 84% dos informantes aceitam o exemplo, dos quais 71% preferem uma leitura de duração, havendo 38% que indica uma leitura de frequência, o que mostra uma preferência para a interpretação do evento como processo. O padrão

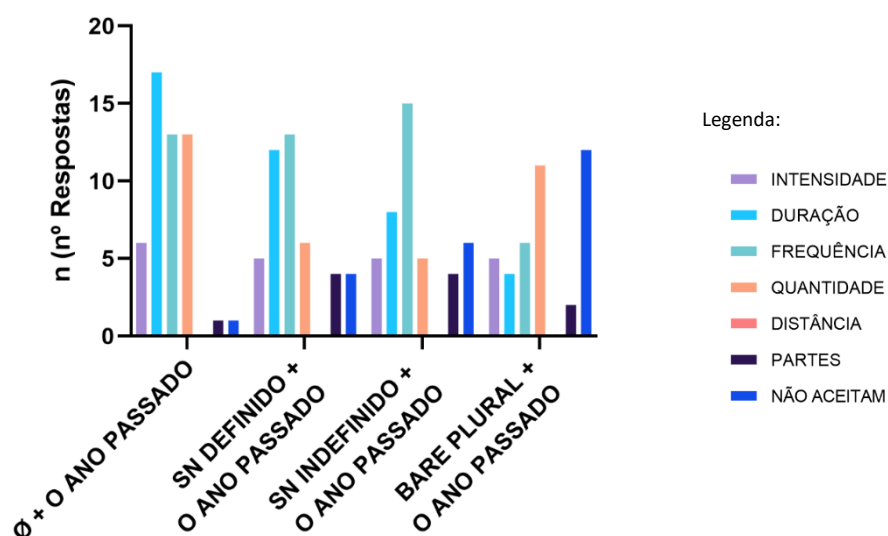
Gráfico 38 - Resultados para [*leu muito* + complemento + localização temporal intermédia]



de aceitabilidade mantém-se quando a frase é construída com um argumento interno indefinido, passando a frequência a ser preferencial (63%) e a duração secundária (37%). Isto mostra que a presença de um argumento interno indefinido privilegia a interpretação não específica da entidade denotada, o que tem como consequência a leitura preferencial de ‘tipo de evento’, que envolve a repetição de ocorrências. Por fim, com *bare plurals*, a taxa de aceitabilidade (52%) aproxima-se da taxa de rejeição (48%) (ver tabela 38, Anexo 2). Mais uma vez, a presença de uma entidade com referência plural cumulativa aumenta a complexidade do processamento da frase, o que leva os falantes a preferirem uma interpretação de repetição de eventos, denotando-se uma tipologia de eventos, mas a revelarem alguma hesitação em compreender se essa tipologia envolve uma quantidade (77%) ou uma frequência (46%).

A extensão temporal longa (cf. Gráfico 39, tabela 39 do Anexo 2) também apresenta bons valores de aceitabilidade. Na ausência de um argumento interno, 96% dos falantes aceita o exemplo, dos quais 71% indica uma leitura de duração e 54% indica leituras de frequência e quantidade, o que parece revelar que os informantes tendem a interpretar o evento como um processo. Porém, a longa extensão do intervalo de tempo permite também a concepção de um processo culminado, que é repetido várias vezes ao longo da extensão temporal alargada. Com um argumento interno definido e indefinido, os falantes aceitam bem a frase (80% e 72%, respetivamente), com leituras preferenciais de frequência e duração. Já com *bare plurals*, os falantes que aceitam o exemplo (52%) consideram, na sua maioria, uma interpretação de quantidade (85%) e frequência (46%). Uma vez mais, a leitura de quantidade parece indicar uma tipologia de eventos (i.e., *A Joana comeu muitas vezes um alimento do tipo A*).

Gráfico 39 - Resultados para [/leu muito + complemento + localização temporal longa]



Quanto aos verbos de movimento, na ausência de complemento, apenas os verbos de modo de movimento aceitam bem a combinação com *muito* (veja-se o contraste entre (256) e (257)). Com uma localização temporal de curta extensão, o evento é interpretado como um processo e as interpretações podem ser relativas a uma duração (*corri/dancei durante muito tempo*) ou a uma intensidade (*corri/dancei muito intensamente*) e, ainda no caso de *correr*, a uma distância (*corri uma grande distância*) ou velocidade (*corri muito depressa*). Quando a localização temporal passa a ser intermédia (*a semana passada*) ou longa (*o ano passado*), passa a ser possível uma leitura de frequência, que parece implicar, pelo menos de forma implícita, a existência de um argumento interno (*corri uma determinada distância/dancei uma determinada dança muitas vezes*).

(256) Domingos *correu* **muito** ontem/a semana passada/o ano passado.

a. Eu próprio *dancei* **muito** ontem/a semana passada/o ano passado.

(257) ??O Pedro *subiu* **muito** ontem/a semana passada/o ano passado.

a. ??A Joana *desceu* **muito** ontem/a semana passada/o ano passado.

Na presença de um argumento interno definido e indefinido, a compatibilidade de uma localização temporal curta parece ser difícil, especialmente nos casos em que a tipologia de eventos denotada não se coaduna com a repetição de ocorrências num curto intervalo de tempo, como ocorre com *correr a/uma maratona* (cf. (258) e (258a.)) ou *subir a/uma montanha* (260) e (260a.)) Nesses casos, também a extensão temporal intermédia (ver exemplos em b.) parece difícil, apenas sendo aceitável com intervalos de tempo alongados (como *o ano passado*). Com *dançar o tango* (259)-(259a.) e *descer a rua* ((261) e (261a.)) por outro lado, como estes eventos têm uma duração mais curta do que os supramencionados, passa a ser possível uma leitura que envolve a frequência, tanto em intervalos curtos, quanto com intervalos intermédios e longos. Com *bare plurals*, os padrões mantêm-se os mesmos, com a exceção de que a aceitabilidade parece diminuir no caso de *descer ruas*, possivelmente por interferência do conhecimento do Mundo, dado que, ao marcar uma tipologia de eventos, torna-se difícil conceber um conjunto de eventos em que a Joana tenha descido muitas vezes ruas, mas poucas vezes outra coisa.

(258) ??Domingos correu **muito** a maratona ontem/a semana passada/o ano passado.

- a. Domingos correu **muito** uma maratona ?ontem/?a semana passada/o ano passado.
- b. Domingos correu **muito** maratonas ??ontem/??a semana passada/o ano passado.

(259) Eu próprio dancei **muito** o tango ontem/a semana passada/o ano passado.

- a. Eu próprio dancei **muito** um tango ontem/a semana passada/o ano passado.
- b. Eu próprio dancei **muito** tangos ontem/?a semana passada/?o ano passado.

(260) O Pedro subiu **muito** a montanha ?ontem/?a semana passada/o ano passado.

- a. O Pedro subiu **muito** uma montanha ??ontem/??a semana passada/o ano passado.
- b. O Pedro subiu **muito** montanhas ??ontem/??a semana passada/o ano passado.

- (261) A Joana desceu **muito** a rua ontem/a semana passada/o ano passado.
- A Joana desceu **muito** uma rua ontem/a semana passada/o ano passado.
 - ?A Joana desceu **muito** ruas ontem/a semana passada/o ano passado.

Quanto aos verbos de contacto com superfícies (cf. (262)-(264)), a presença de uma localização temporal não parece alterar as leituras previamente estabelecidas, apenas contribuindo para enquadrá-las temporalmente. Assim, na ausência de complemento, a leitura preferencial continua a ser a que envolve uma quantidade; na presença de um argumento interno com referência quantizada (definida ou indefinida), a leitura de frequência parece ser preferencial e, por fim, com *bare plurals*, as leituras possíveis relacionam-se com uma tipologia de eventos, que pode envolver frequência e/ou quantidade.

- (262) Limpei **muito** ontem/a semana passada/o ano passado.
- Limpei **muito** as escadas ontem/a semana passada/o ano passado.
 - Limpei **muito** umas escadas ontem/a semana passada/o ano passado.
 - Limpei **muito** escadas ontem/a semana passada/o ano passado.
- (263) O empregado de limpeza esfregou **muito** ontem/a semana passada/o ano passado.
- O empregado de limpeza *esfregou* **muito** a banheira *ontem/a semana passada/o ano passado*.
 - O empregado de limpeza *esfregou* **muito** uma banheira *ontem/a semana passada/o ano passado*.
 - O empregado de limpeza *esfregou* **muito** banheiras *ontem/a semana passada/o ano passado*.
- (264) O trolha **varreu muito** ontem/a semana passada/o ano passado.
- O trolha **varreu muito** o chão ontem/a semana passada/o ano passado.
 - ??O trolha **varreu muito** um chão *ontem/a semana passada/o ano passado*.

- c. ??O trolha **varreu muito** chãos ontem/a semana passada/o ano passado.

Por fim, também com DAs (cf. (265)-(267)), a localização temporal não parece influenciar a interpretação final das frases, dado que, uma vez mais, esta depende, apenas, dos parâmetros escalares lexicalizados pelo verbo. A quantificação do evento indica uma diferença acentuada entre o grau da propriedade verificado na entidade que sofre a mudança de estado no início e no final do evento. A presença de uma localização espacial, uma vez mais, parece servir apenas para fazer o enquadramento temporal das situações relativamente ao momento da enunciação.

(265) O João aqueceu **muito** o leite ontem/a semana passada/o ano passado.

(266) O calor **aqueceu muito** o quarto ontem/a semana passada/o ano passado.

(267) A costureira alargou **muito** a saia ontem/a semana passada/o ano passado.

4.3.1.2.4. Culminações e Pontos

No caso de culminações (cf. (268)-(270)), que, na ausência de qualquer elemento delimitador, induzem já interpretações de frequência, a presença de uma localização temporal parece não alterar estas leituras, conforme fica patente nos exemplos abaixo. Nestes casos, a localização temporal parece contribuir apenas para localizar os eventos num momento específico, mais ou menos distante do momento de enunciação, mas a contribuição do quantificador continua a ser a mesma, ou seja, induz uma repetição de ocorrências.

(268) Mendes *saltou* **muito** ontem/a semana passada/o ano passado.

- a. Mendes *saltou* **muitas vezes** ontem/a semana passada/o ano passado.

(269) O garoto *caiu* **muito** ontem/a semana passada/o ano passado.

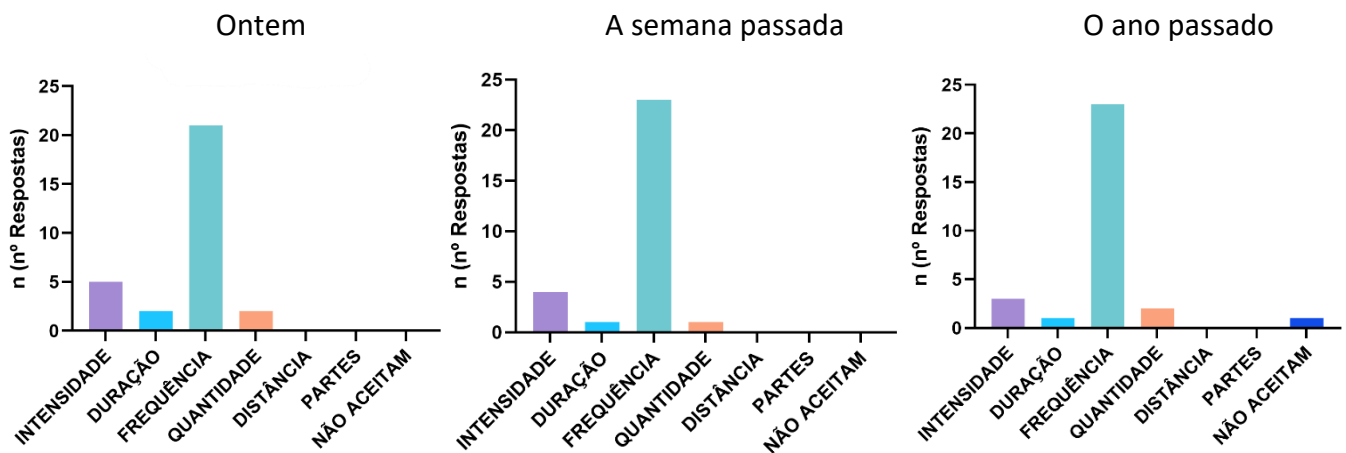
- a. O garoto *caiu* **muitas vezes** ontem/a semana passada/o ano passado.

(270) *Desmaiei muito* ontem/a semana passada/o ano passado.

a. *Desmaiei muitas vezes* ontem/a semana passada/o ano passado.

Estes dados foram confirmados pelos falantes, que aceitaram, na totalidade, a combinação com o adverbial temporal indicador de extensões temporais curtas e intermédias, aceitando, também quase na totalidade (96%), a combinação com o adverbial temporal indicador de uma localização longa. Em todos os casos, a leitura preferencial é de frequência, com valores de aceitabilidade entre os 84% a 96%, seguindo-se a intensidade, entre os 13% e os 20% (ver tabelas 42-44, Anexo 2).

Gráfico 40 – Resultados para [*caiu muito* + Localização Temporal]



Quanto aos pontos, como visto anteriormente, a quantificação por *muito* tinha permitido obter, além de uma leitura de frequência, uma leitura (não preferencial) de intensidade, e ambas parecem manter-se na presença de uma localização temporal (cf. (271)-(273)).

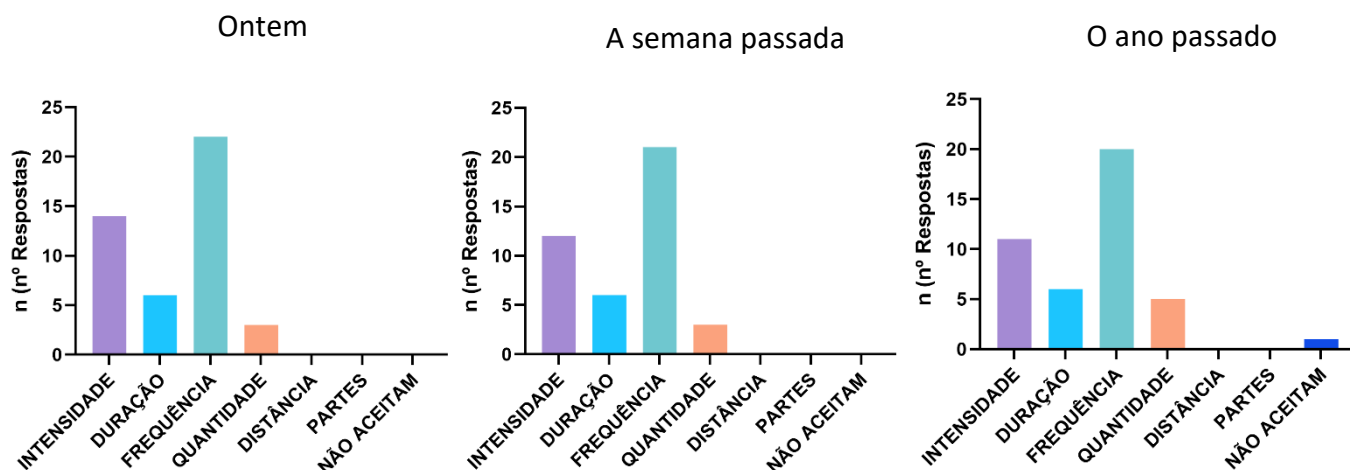
(271) A presidente do BCE *tossiu muito* ontem/a semana passada/o ano passado.

- a. A presidente do BCE *tossiu muitas vezes* ontem/a semana passada/o ano passado.
 - b. A presidente do BCE *tossiu muito intensamente* ontem/a semana passada/o ano passado.
 - c. #A presidente do BCE *tossiu durante muito tempo* ontem/a semana passada/o ano passado.
- (272) *Toquei muito à campanha* ontem/a semana passada/o ano passado, mas ninguém abriu a porta.
- a. *Toquei muitas vezes à campanha* ontem/a semana passada/o ano passado, mas ninguém abriu a porta.
 - b. *Toquei muito intensamente/com muita força à campanha* ontem/a semana passada/o ano passado, mas ninguém abriu a porta.
 - c. #*Toquei durante muito tempo à campanha* ontem/a semana passada/o ano passado, mas ninguém abriu a porta.
- (273) *Pestanejou muito* no banco do jardim, ao sentir a luz do sol.
- a. *Pestanejou muitas vezes* ontem/a semana passada/o ano passado ao sentir a luz do sol.
 - b. [?]*Pestanejou muito intensamente/com muita força* ontem/a semana passada/o ano passado ao sentir a luz do sol.
 - c. ^{??}*Pestanejou durante muito tempo* ontem/a semana passada/o ano passado ao sentir a luz do sol.

Estas respostas foram comprovadas pelos falantes consultados (cf. Gráfico 41). De facto, 100% dos falantes aceitaram o exemplo apresentado com *ontem*, dos quais 88% indicaram uma interpretação de frequência e 56% seleccionaram a leitura de intensidade; com *a semana passada*, todos os falantes aceitaram a frase, 84% dos quais optaram pela leitura de frequência e 48% indicaram uma interpretação de intensidade. Por fim, com *o ano passado*, 96% dos informantes aceitaram a frase, dos quais 80% com

uma interpretação de frequência e 44% com uma leitura de intensidade (cf. tabelas 47-49, Anexo 2).

Gráfico 41 – Resultados para [tossiu muito + Localização Temporal]



Assim, o que os exemplos acima permitem demonstrar é que, independentemente da extensão temporal do intervalo utilizado para fazer a localização dos eventos, a quantificação das culminações e pontos preserva as leituras de frequência, nas culminações, e frequência possivelmente associada a intensidade nos pontos.

4.3.2. Alterações provocadas por Tempos Verbais

Tendo-se verificado o que ocorre na presença de certos elementos delimitadores, responsáveis por indicar uma localização temporal ou espacial para os eventos, resta, agora, verificar se os tempos verbais têm alguma influência no estabelecimento das interpretações finais atribuídas às frases contendo eventos quantificados.

4.3.2.1. Presente e Pretérito Imperfeito: Tempos verbais indutores de leituras habituais

O Presente e o Pretérito Imperfeito do Indicativo podem funcionar como operadores aspetuais, na medida em que, muitas vezes, impõem leituras habituais às situações com as quais se combinam (cf. Oliveira, 2003; 2013; Cunha, 2013; Rebouças, 2019; e.o.). Ao interagir com estados psicológicos quantificados por *muito* (cf. (274)-(275)), o Presente e o Pretérito Imperfeito não parecem influenciar a interpretação de intensidade que advém da presença do quantificador, antes contribuindo para uma caracterização das entidades (ou seja, *o tio tinha a característica de ser amante de ópera*, e *a criança tem a característica de amar os seus pais*, respetivamente

(274) "«Nessa altura um tio, que **amava muito a ópera**, era meu patrocinador e fez-me gravar, pagando, estas duas árias. (par=ext1317310-clt-93a-2)

(275) "«É uma criança feliz, que **ama muito os pais**» ", comenta a irmã Isabel (...). (par=ext476448-soc-96b-1)

Já com estados faseáveis construídos com sintagmas preposicionais indicadores de uma localização espacial, o Presente e o Pretérito Imperfeito impõem, efetivamente, uma leitura de habitualidade, como se depreende da análise de (276) e (277). Nestes casos, novamente, a leitura de habitualidade é contribuída pelo tempo verbal, enquanto *muito* parece contribuir para a ativação de uma escala relativa a uma propriedade do evento.

(276) A Maria está **muito em casa dos avós**.

a. A Maria *tem o hábito* de estar **muitas vezes/durante muito tempo** em casa dos avós.

(277) Tenho fases -- passei fases em que tocava violão e cantava o dia inteiro, mas eram alturas em que eu não estava **muito no palco**, porque o palco exige uma dedicação total e uma pessoa tem de poupar a outros níveis. (par=ext643588-nd-91b-1)

a. Eram alturas em que eu *não tinha o hábito* de estar **muitas vezes/durante muito tempo** no palco.

Mais uma vez, note-se a importância do contexto: em (277), a ideia de que *o palco exige uma dedicação total e uma pessoa tem de poupar a outros níveis* surge como uma forma de justificar a razão pela qual o sujeito da frase não podia estar muitas vezes no palco (i.e., para poupar a voz). Essa informação, combinada com a presença de um tempo verbal indicador de habitualidade (Pretérito Imperfeito) torna a leitura de frequência preferencial, indicando que o falante se refere a uma altura em que (habitualmente) não repetia muitas vezes o evento de *passar muito tempo no palco*.

No caso dos processos, estes tempos verbais parecem, também, atribuir um valor aspetual de habitualidade às eventualidades (cf. (278)-(79)). Veja-se que, também nestes casos, a informação contribuída pelo tempo verbal e por *muito* é diferente: enquanto o tempo verbal contribui para estabelecer um padrão de repetição de situações (habituais), o quantificador seleciona uma dimensão escalar do evento, como intensidade ou duração. Em (278), o contexto linguístico alargado serve para caracterizar a entidade denotada por *irmãs*, indicando que estas trabalhavam *com muita intensidade* ou *durante muito tempo*.¹⁶⁰ Note-se que, em (278a.), o evento serve para caracterizar *os alemães* como um povo trabalhador e, pela influência do conhecimento do Mundo, sabe-se que a leitura de intensidade deverá estar associada à eficácia do trabalho dos alemães, e não exatamente ao esforço que estes investem no mesmo. Com *brincar*, em (279), as leituras mantêm-se, e fica visível o papel caracterizador das entidades que o Presente tem, já que caracteriza *o Álvaro* como uma pessoa brincalhona

(278) "«Há que ter em conta que cada religiosa contribui para o convento com o seu dote, a herança dos seus pais, que as irmãs *trabalhavam muito*, bordavam, vendiam hortaliças, possuíam terras e, como tinham uma vida humilde, não gastavam

¹⁶⁰Note-se que a leitura de duração não implica que *as irmãs* trabalhavam durante todas as horas do dia, sem pausas, já que os processos podem ser vistos como contendo fases em que elas paravam para descansar, comer ou, até, dormir. Veja-se, a este propósito, Kratzer (1989; 1995; e.o.).

praticamente nada» ", contrapõe Julia Lozano, habitante de Espinosa de Henares.

(par=ext1338876-soc-97b-1)

a. ALEMANHA: Os alemães trabalham **muito**. (par=ext24523-clt-93a-1)

(279) «O Álvaro é divertidíssimo e *brinca muito*, sobretudo se estiver num ambiente familiar», revela uma amiga. (J58180)

a. Gosto do Carnaval por que *brinco muito*. (J82479)

No caso do verbo *dormir*, a interpretação preferencial parece ser a que envolve uma duração, sendo, mais uma vez, a leitura de habitualidade veiculada pelo Pretérito Imperfeito do Indicativo.

(280) Miriam, a irmã mais velha, guardou segredo. O menino *dormia muito*, e quando chorava, a mãe logo o fazia calar. (L1036)

Na presença de modificadores ou elementos delimitadores, parece haver uma sobreposição entre a função destes elementos e a função do tempo verbal: assim, por exemplo, em (281), a presença do complemento permite a obtenção de uma leitura de frequência, além das de intensidade e duração, que torna a frase parafraseável por *Sempre que venho aqui* (informação contribuída pelo tempo verbal), *brinco intensamente/durante muito tempo com os meus amigos* (informação contribuída pelo quantificador). Já em (282), o tempo verbal garante um carácter de habitualidade, que se sobrepõe à leitura de frequência, imposta não somente pelo SPrep indicador de localização espacial, mas também pela interferência do conhecimento do Mundo, que permite conceber que a pessoa de quem se fala não pode trabalhar simultaneamente (i.e., no mesmo evento) em Nova Iorque e em Paris.

(281) "Gosto de vir aqui porque *brinco muito com os meus amigos*. (J82479)

(282) *Trabalha muito em Nova Iorque e em Paris*. (par=ext53323-nd-94a-2)

Por outro lado, em certos casos específicos, a presença de informação contextual pode contribuir para precisar a interpretação, como ocorre em (283). Neste caso, a presença de *um poema podia levar-lhe semanas, meses e até anos a burilar* indica que o evento denotado envolve, não apenas uma leitura de frequência, mas também uma leitura de duração.

- (283) Ao contrário do que consta -- a aparente facilidade da sua maneira poética contribuiu para o mito --, Lorca *trabalhava muito os textos*: Um poema podia levar-lhe semanas, meses e até anos a burilar. (*par=ext744697-clt-96b-2*)

Com processos culminados sem argumento interno explícito, especificamente nos casos de *almoçar* e *jantar*, estes verbos dão conta de refeições específicas que, por si só, já se preveem habituais e repetitivas. Por esse motivo, os tempos verbais em análise continuam a atuar como indutores de habitualidade, mantendo-se a leitura de quantidade (induzida pela presença de *muito*). A frase (284), por exemplo, poderia ser parafraseada por *O João tem o hábito de comer uma grande quantidade de comida ao almoço/jantar*. Quanto aos processos culmináveis, mais uma vez, a leitura de hábito é garantida pelo tempo verbal, mas a interpretação relativa à presença do quantificador continua a ser a que envolve uma quantidade abstrata, especialmente quando os verbos aparecem sem complemento. Assim, a frase em (285) pode ser parafraseável por *O Álvaro tinha o hábito de comer uma grande quantidade de comida*. O verbo *beber* apresenta um comportamento idêntico a *comer* (cf. (286)).

- (284) O João *almoça/janta muito*.

- (285) O Álvaro *comia muito*, tinha um apetite devorador, mas ainda não era gordo, era forte, conseguiu ficar por cima dele e lhe encheu a cara de tanta porrada que o nariz achatado ainda ficou mais, o sangue começou a jorrar. (*par=ext129488-nd-95a-2*)

- a. " «Aquele malta come **muito**. (*par=ext531590-soc-92a-1*)

(286) "«*Bebem muito*, estouraram o dinheiro todo em copos. (par=ext228749-soc-98b-2)

- a. Um grande poeta, que viveu durante o califado abássida e *bebia muito*.
(par=ext1417789-pol-92a-2)

Tal como ocorria no Pretérito Perfeito, também no Presente e no Pretérito Imperfeito, a presença de um argumento interno condiciona a aceitabilidade das frases (cf. (287)-(289)), principalmente com verbos de criação e de consumo estritamente incrementais, de tal forma que não foram encontradas ocorrências nos *corpora* consultados. Neste caso, a dificuldade parece advir do conflito resultante da conjugação entre um tempo verbal que induz repetição de situações (o Presente ou o Pretérito Imperfeito) e um evento que tem, obrigatoriamente, de ser delimitado (o processo culminado que resulta da presença do argumento interno definido).

(287) ??A Maria *come/comia muito a maçã*.

(288) ??O engenheiro *constrói/construía muito o hospital*.

(289) ??O Miguel *escreve/escrevia muito o artigo*.

Esta dificuldade parece desaparecer com argumentos internos não específicos (cf. (290)-(291)), caso em que a interpretação final parece ser a que indica um hábito relativo a um ‘tipo de evento’ (cf. (290a.)-(291a.)), o que significa que o quantificador dá uma indicação relativa a frequência (ou seja, repetição de situações). Note-se, ainda, que, no caso de (291), existe uma segunda possibilidade de interpretação, em que o *artigo* mantém uma referência fixa, i.e., é sempre o mesmo artigo, e a leitura de frequência indica que o artigo foi escrito e reescrito muitas vezes (cf. (291b.)); aqui, a leitura de habitualidade contribuída pelo tempo verbal indica que, sempre que escrevia um artigo, o Miguel tinha o hábito de escrevê-lo e reescrevê-lo muitas vezes.

(290) A Maria *come/comia muito uma maçã*.

- a. A Maria *tem/tinha o hábito de comer* **muitas vezes** um tipo de maçã.

(291) O Miguel **escreve/escrevia muito** um artigo.

- a. O Miguel *tem/tinha o hábito de escrever* **muitas vezes/habitualmente** um tipo de artigo.
- b. O Miguel *tem/tinha o hábito de escrever* **muitas vezes/habitualmente** o mesmo artigo.

Com o verbo *construir*, a aceitabilidade da frase parece ser um pouco mais duvidosa (cf. (292)) já que parece difícil definir uma tipologia de eventos relativos a *construir um apartamento*; ainda assim, na presença de informação contextual que defina esta tipologia, esta interpretação já é possível (cf. (292a.)).

(292) ?O engenheiro **constrói/construía muito** um apartamento.

- a. O engenheiro *tem/tinha o hábito de construir* **muitas vezes/habitualmente** um apartamento: um T3.

Já com verbos de incrementalidade não estrita (cf. (293)-(294)), os exemplos parecem bastante mais aceitáveis, com ou sem complemento, numa leitura que indica uma repetição habitual de ocorrências (i.e., frequência) (cf. (294a.)).

(293) O Sr. Jerónimo de Sousa (PCP): - Olhe o Narana *lê* **muito** o Avante! (A150780)

- a. Mas se se lerem biografias e eu, quando estou a escrever, *leio* **muito** biografias dos escritores de que gosto: Hemingway, Scott Fitzgerald, Faulkner, por aí fora vê-se a forma vesga como muitas vezes eles foram recebidos no país de origem, com críticos a desancálos sistematicamente de cada vez que saía um livro. (R3947)

(294) A Maria *pinta/pintava* **muito** a parede.

- a. A Maria *pinta/pintava* **muitas vezes** a parede (toda).

Com verbos de movimento, como visto anteriormente, o argumento interno define um percurso (delimitador do evento) e, por esse motivo, a leitura é exclusivamente de frequência. Com tempos verbais indicadores de habitualidade, o padrão parece manter-se o mesmo: enquanto o tempo verbal indica um hábito e contribui para uma caracterização da entidade denotada, o quantificador contribui com uma dimensão escalar associada ao evento. Assim, por exemplo, em (295), o quantificador pode indicar velocidade ou distância percorrida, e o tempo verbal contribui para caracterizar a entidade (= *és corredor*).

- (295) O Tomás Paquete uma vez desafiou-me. Era o campeão nacional dos 100 metros. "Tens a mania que *corres muito*, um dia vem aqui que eu dou-te um bigode". Um dia fui lá mesmo. (1105399)

Na presença de um argumento interno definido ou indefinido, a leitura preferencial é a que envolve um hábito e, simultaneamente, uma frequência (como se clarifica nas respetivas paráfrases), com o artigo definido a indicar um percurso específico (cf. (296a.)-(297a.)), ao contrário do indefinido (cf. (296b.)-(297b.)).

- (296) A Rosa Mota *corre/corria muito* a/uma maratona.
- a. A Rosa Mota *tem/tinha o hábito de correr muitas vezes* a maratona do Porto.
 - b. A Rosa Mota *tem/tinha o hábito de correr muitas vezes* uma maratona (qualquer).
- (297) A Joana *dança/dançava muito* a/uma valsa.
- a. A Joana *tem/tinha o hábito de dançar muitas vezes* o Danúbio Azul.
 - b. A Joana *tem/tinha o hábito de dançar muitas vezes* uma valsa (qualquer).

Com *bare plurals*, as frases são aceitáveis e, tal como ocorria com o Pretérito Perfeito, neste caso, a leitura de frequência parece indicar uma tipologia de eventos, de onde emerge uma leitura contrastiva (cf. (298a.) e (299a.)).

(298) A Rosa Mota *corre/corria* **muito** maratonas.

a. A Rosa Mota *tem/tinha* o hábito de *correr* **muitas vezes** maratonas, e não trails.

(299) A Joana *dança/dançava* **muito** valsas.

a. A Joana *tem/tinha* o hábito de *dançar* **muitas vezes** valsas, e não tangos.

No caso dos verbos de contacto com superfícies, na ausência de um complemento explícito, no Presente/Pretérito Imperfeito, apenas *varrer* parece funcionar bem com *muito*, talvez por ter um significado mais preciso do que os restantes.¹⁶¹ No caso de *limpar*, (300a.) parece ser parafraseável por *a funcionária do hotel tem/tinha o hábito de limpar muitas coisas*, ou seja, *estava sempre a limpar*. No entanto, essa leitura não parece possível com *esfregar* (cf. (300b.)).

(300) A funcionária do hotel *varre/varria* **muito**.

a. ?A funcionária do hotel *limpa/limpava* **muito**.

b. ??A funcionária do hotel *esfrega/esfregava* **muito**.

Na presença de um argumento interno definido, a questão da aceitabilidade deixa de se colocar, e o tempo verbal continua a contribuir para a construção de um valor de habitualidade, mas a interpretação final das frases depende da consideração

¹⁶¹Note-se que, conforme definido no Dicionário da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa, *varrer* implica “passar uma vassoura por determinada superfície para limpar o lixo ou a poeira”, o que significa que envolve sempre a utilização de um instrumento específico, i.e., uma vassoura, para tirar a sujidade de uma determinada superfície.

(ou não) do evento como um processo culminado. Veja-se a diferença entre (301a.) e (301b.)).

(301) A funcionária *esfrega/esfregava* **muito** a/uma banheira.

- a. A funcionária *esfrega/esfregava* **muitas vezes** a/uma banheira (toda).
- b. A funcionária *esfrega/esfregava* **muito intensamente** a/uma banheira.

Assim, se se considerar que, de cada vez que *a funcionária* esfregou a banheira, *a banheira* foi esfregada de uma ponta à outra (cf. (301a.)), então a leitura é apenas de frequência, e o tempo verbal contribui para estabelecer um número mínimo de situações para a consideração de um hábito. Se, pelo contrário, se considerar uma leitura de intensidade (cf. (301b.)), que foca exclusivamente a parte processual do evento, então, o tempo verbal contribui com a informação de habitualidade, e o quantificador contribui com a ativação da escala de intensidade, sendo a frase parafraseável por *A funcionária tem/tinha o hábito de esfregar a banheira com muita intensidade*. O mesmo ocorre com o verbo *limpar*:

(302) A funcionária do hotel *limpa/limpava* **muito** a casa de banho.

- a. A funcionária do hotel *limpa/limpava* **muitas vezes** a casa de banho.

Com *varrer*, talvez seja possível, além da frequência, uma interpretação em que o quantificador introduz uma leitura de intensidade, parafraseável por *Sempre que varre/varria a receção, a funcionária do hotel varre/varria-a muito intensamente*, mas essa leitura não é preferencial.

(303) A funcionária do hotel *varre/varria* **muito** a receção.

- a. A funcionária do hotel *tem/tinha o hábito de varrer* **muitas vezes** a receção.

- b. A funcionária do hotel *tem/tinha o hábito de varrer* **muito intensamente** a recepção

Com argumento interno indefinido, as frases passam a ser mais difíceis de aceitar (cf. (304)), a não ser que se considere uma entidade específica. Mesmo assim, se aceitáveis, as leituras mantêm-se semelhantes às anteriores: o tempo verbal contribui com uma leitura de habitualidade e, consoante se considere o evento um processo ou um processo culminado, o quantificador pode contribuir com leituras de intensidade ou frequência, respetivamente.

(304) ?A funcionária *esfrega/esfregava* **muito** uma banheira.

- a. ?A funcionária do hotel *tem/tinha o hábito de limpar* **muito** uma casa de banho.
b. ?A funcionária do hotel *tem/tinha o hábito de varrer* **muito** uma recepção.

No caso dos *bare plurals*, deixa de haver qualquer restrição quanto à aceitabilidade (cf. (305)-(307)), indicando-se que, na maior parte das vezes, *a funcionária do hotel* *esfrega banheiras* (e não escadas) (cf. (305a.)), *limpa casas de banho* (e não cozinhas) (cf. (306a.)) e *varre escadas* (e não balcões) (cf. (307a.)).

(305) A funcionária *esfrega/esfregava* **muito** banheiras.

- a. A funcionária *tem/tinha o hábito de esfregar* **muito** banheiras

(306) A funcionária do hotel *limpa/limpava* **muito** casas de banho.

- a. A funcionária do hotel *tem/tinha o hábito de limpar* **muito** casas de banho.

(307) A funcionária do hotel *varre/varria* **muito** escadas.

- a. A funcionária do hotel *tem/tinha o hábito de varrer* **muito** escadas.

Com *Degree Achievements*, uma vez que os parâmetros escalares já estão definidos no verbo, na presença do Presente e do Pretérito Imperfeito, que contribuem para identificar um padrão de repetição de situações, *muito* parece contribuir para definir o tipo de situação que é repetida (*aquecer a sopa para o bebé/secar as camisas ao sol*) (cf. (308a.)-(309a.)). Assim, a interpretação final é a que envolve a repetição das situações, contribuída pelo tempo verbal, e que indica que a situação constitui um hábito característico da entidade referida pelo sujeito. Poderá haver, ainda, uma interpretação de diferença de grau (cf. (308b.)-(309b.)), associada especificamente à função de modificador de grau do quantificador.

(308) A mãe *aquece/aquecia* **muito** a sopa (para o bebé).

- a. A mãe *tem/tinha* o hábito de aquecer **muitas vezes** a sopa para o bebé.
- b. A mãe *tem/tinha* o hábito de aquecer **demasiado** a sopa para o bebé.

(309) O Miguel *seca/secava* **muito** as camisas (ao sol).

- a. O Miguel *tem/tinha* o hábito de secar **muitas vezes** as camisas ao sol.
- b. O Miguel *tem/tinha* o hábito de secar **demasiado** as camisas ao sol (porque se esquece sempre delas no estendal).

Com culminações e pontos, no Pretérito Perfeito, a presença de *muito* induzia uma leitura de frequência, que envolvia a repetição de ocorrências do evento, em número abstrato e elevado. No Presente e no Pretérito Imperfeito, a contribuição do tempo verbal parece estabelecer um número mínimo de ocorrências para que se possa considerar que a situação é repetida um número de vezes suficiente para se tornar um hábito, contribuindo, em simultâneo, para caracterizar as entidades denotadas pelo sujeito (dando informação sobre uma característica/traço habitual das mesmas). Veja-se o caso específico de (311), em que *aquele velhote* é identificado, precisamente, pela sua característica habitual de *tossir muito*, o que, neste caso, poderá significar *muitas vezes* e/ou *muito intensamente*, como já observado anteriormente.

(310) Zulle **cai muito** e levanta-se sempre. (par=ext1051688-des-97b-2)

a. era em pequena que Eu vomitava e **caía muito**, houve tantas solicitudes (L0216)

(311) - Não sei , mas o seu Tonecas, aquele velhote que **tosse muito** lá da outra rua, mandou um piropo quando eu voltava das compras. (noCOD_1034939)

a. Ultimamente, queixava-se de dores e **tossia muito**. (par=ext710473-soc-92a-1)

4.3.2.2. Pretérito Perfeito Composto: Tempo verbal indutor de iteratividade

Quanto ao Pretérito Perfeito Composto (doravante PPC), em PE, este apresenta a característica de induzir uma leitura iterativa, que se relaciona com a repetição de situações (cf. Oliveira, 2003; 2013; Oliveira & Leal, 2012). Efetivamente, com eventualidades quantificadas por *muito*, o que parece ocorrer é que o padrão de repetição de situações é dado pelo tempo verbal e, desse ponto de vista, *muito* continua a selecionar uma dimensão escalar, diretamente relacionada com o significado do verbo.

De acordo com Oliveira (2013: 528), “com predicados que correspondem a estados episódicos, representa-se uma situação que se prolonga desde o seu início nalgum momento do passado (...), prolongando-se no presente, com a possibilidade de continuar no futuro”. De facto, com estados psicológicos, conforme se verifica pelos exemplos abaixo, com o PPC, mantém-se a leitura de intensidade, contribuída pela presença do quantificador *muito*, e o tempo verbal parece indicar uma repetição de situações, que começa no passado, e continua até ao presente. Desse modo, (312) é parafraseável por *Ultimamente/nos últimos tempos, de todas as vezes que comemos, gostamos muito (=intensamente) da comida*; do mesmo modo, em (312a.), a frase pode parafrasear-se por *Desde que comecei a trabalhar com Almodôvar, tenho gostado muito (=intensamente)*.

(312) *Temos gostado muito* da comida, porque há muito marisco, que nós adoramos e nunca nos cansamos de comer. (jpub_970823_II02)

- a. *Tenho gostado **muito** de trabalhar com Almodóvar.* (J9311)

No caso dos estados faseáveis, a interpretação mais evidente parece ser a que envolve uma frequência, sendo também possível uma leitura de duração. Em ambos os casos, existe uma ideia de prolongamento no tempo, i.e., o estado repete-se desde um momento inicial no passado até um momento do presente (o momento da enunciação).

(313) *Temos estado **muito** em casa da avó.*

- a. *Temos estado **muitas vezes/durante muito tempo** em casa da avó.*

Com situações eventivas, o tempo verbal em análise “introduz uma leitura aspetual de iteração, i.e., de situações que se repetem durante um determinado período de tempo que inclui o momento da enunciação e que se podem prolongar além dele” (Oliveira, 2013: 528-529). Ora, a partir dos exemplos apresentados, é possível verificar que, com processos, a interpretação das frases parece, realmente, estar associada a uma iteração, contribuída pelo tempo verbal, mas o quantificador continua a induzir leituras de duração e intensidade, ou, eventualmente, uma outra leitura (lexicalmente) pré-determinada pelo verbo, como ocorre com *correr*, que pode indicar distância. Veja-se (314), em que *muito* parece dar informação acerca do número de horas passadas a dormir, enquanto o PPC simplesmente indica uma repetição de ocorrências, ou (315), em que, além da iteração, a interpretação envolve uma intensidade ou duração, contribuída pela presença do quantificador.

(314) "«Não *temos dormido **muito***, aproveitamos todo o tempo para gozar a viagem e os sítios, e temos encontrado locais espectaculares, alguns que parecem ainda virgens» ", descreve um participante. (*par=ext78564-soc-94a-2*)

(315) Devo lembrar que ainda ontem aqui foi acentuado por um responsável do Partido Socialista a relativa celeridade dos trabalhos desta Assembleia

Comparativamente com outras constituintes, na verdade nós *temos trabalhado muito*. (A7758)

No caso dos processos culminados, no PPC, as frases já parecem bastante mais aceitáveis, indicando-se uma leitura combinada em que, pelo tempo verbal e pela quantificação, a interpretação obtida é a de que, de todas as vezes que *almoça/janta*, o *João* come uma grande quantidade de comida. Quanto aos processos culmináveis, na ausência de complementos, a leitura preferencial continua a ser a que envolve a seleção de uma escala de quantidade (abstrata), relacionada com o verbo e, mais especificamente, com o evento em questão. Novamente, a iteração advém da presença do PPC, que pode indicar, ou que a quantidade aumenta com a ocorrência de cada subevento (como em *tenho lido muito*), ou que a quantidade é elevada em cada um dos subeventos na denotação do evento (como em (318), que é parafraseável por *De cada vez que como, como uma grande quantidade de comida*).

(316) O João tem almoçado/jantado **muito**.

(317) Olhe que *tenho lido muito* ... (L0952P0305)

- a. *Tenho escrito **muito** sobre tudo quanto rodeia a fotografia* e tenho escrito menos sobre os fotógrafos. (J68941)

(318) Desde que engravidei, *tenho comido muito*!

(319) O João *tem comido muito* ??o frango/?um frango/frangos, desde que decidiu que queria aumentar a massa muscular.

- a. O João *tem comido muito* o frango que a nutricionista recomendou.

Note-se, que, no caso de (319), a presença de um complemento interno torna a frase particularmente difícil de aceitar, pelo conflito existente entre a leitura de iteração

e o evento delimitado denotado por *comer o/um frango* ou mesmo *frangos*.¹⁶² No entanto, se for possível conceber *o frango* como um ‘tipo de prato’, como se evidencia em (319a.), a frase torna-se aceitável, porque a iteração passa a ser possível.

Com culminações e pontos ((320)-(322)), a leitura de frequência mantém-se, passando a haver uma conceção iterativa dos eventos (*as crianças têm caído muitas vezes*), contribuída pelo tempo verbal, que indica que esta frequência se estende ao longo de um período temporal minimamente alargado. Veja-se, também, que a possibilidade de uma leitura de intensidade no caso dos pontos (321)-(321a.) e (322)-(322a.), como ocorria com o Pretérito Perfeito, demonstra, uma vez mais, que o quantificador e o PPC contribuem de formas diferentes para a interpretação frásica.

(320) As crianças/a minha avó/as judocas portuguesas *têm caído* **muito**.

(321) O meu filho *tem espirrado* **muito**. Deve estar a ficar doente.

a. *Tenho tossido* **muito** (desde que apanhei Covid).

(322) *Tenho tocado* **muito** à campainha.

a. *Tenho batido* **muito** à porta.

Uma nota final deve ser feita para salientar o facto de que a análise da interação dos tempos verbais realizada na presente subsecção não é exaustiva, mas permite intuir que, na presença de tempos verbais indutores de habitualidade e iteração, o quantificador e o tempo verbal deverão contribuir com informações de tipo diferente. Como foi visto, na maior parte dos casos, o tempo verbal é responsável por introduzir um padrão de repetição de situações, ao contrário do quantificador, que parece manter a função de preencher o argumento de grau com uma dimensão escalar (intensidade, duração, entre outras). Esta reflexão poderá ser relevante para compreender, em trabalhos futuros, qual a interação entre os tempos verbais e a quantificação.

¹⁶²A frase seria perfeitamente aceitável se, em vez do *bare plural*, se utilizasse o nome simples no singular, como em *O João tem comido muito frango*, para indicar o tipo de alimento.

4.4. Sumário

O presente capítulo ocupou-se da apresentação dos dados sobre quantificação verbal do PE, estando dividido em duas grandes secções. Na primeira secção, foi explicitada a metodologia de recolha de dados, bem como as decisões que acompanharam a seleção dos verbos a analisar. Posteriormente, evidenciou-se a necessidade de elaboração de um questionário para validação das respostas por falantes nativos do PE, tendo-se explicado a forma como este foi realizado, incluindo as versões-teste, prévias à distribuição pelos 25 informantes que aceitaram ser inquiridos.

Na segunda parte do capítulo, procedeu-se à apresentação dos dados em PE, incluindo-se, nesta secção, exemplos recolhidos dos *corpora* consultados, bem como, em situações específicas, exemplos construídos ou manipulados, para melhor ilustrar as interpretações obtidas. Os dados foram apresentados tendo em conta as diferentes classes aspetuais e, em cada uma delas, salientou-se, sempre que possível, a diferença entre a presença/ausência de um complemento, bem como a natureza semântica do mesmo, opondo-se argumentos internos representados por SNs definidos, indefinidos e *bare plurals*. Por fim, reservou-se uma última subsecção para discutir a influência de elementos delimitadores na interpretação dos eventos quantificados, nomeadamente, a presença de uma localização espacial e de uma localização temporal de extensão variável (curta, média e longa).

De um modo geral, parece possível afirmar que todas as classes aspetuais aceitam combinar-se com *muito*, embora com diferentes graus de aceitabilidade e também com diferentes possibilidades interpretativas. Quanto aos estados, parece possível afirmar que tanto os estados de indivíduo faseáveis, quanto os estados de estágio aceitam bem a quantificação por *muito*, contrariamente ao que afirmaram Quadros Gomes *et al.* (2021), que não consideraram a distinção indivíduo/estádio e faseável/não faseável. No que se refere aos estados de indivíduo, a quantificação por *muito* mostra-se irrelevante, no âmbito da presente investigação, dado que o quantificador atua diretamente sobre a propriedade individual em questão (por

exemplo, *ser alto*), contribuindo para aumentar o seu grau. Nesse sentido, nestes casos em particular, a quantificação por muito funciona como quantificação adjetival. Já os estados de estágio faseáveis, aqui ilustrados por verbos psicológicos, parecem mostrar uma tendência clara para uma interpretação que se refere a uma escala de intensidade (do sentimento). Por outro lado, a análise de estados com localização espacial, como *estar (em)* e *viver (em)*, permitiu pôr em evidência que os estados faseáveis são mais facilmente interpretáveis nas interpretações de frequência e duração. Uma nota deve ser feita para o facto de que o verbo *viver*, em particular, mostra uma dificuldade acrescida no momento da interpretação, que se relaciona com a possibilidade de uma aceção semelhante a *experienciar*, que leva os falantes a hesitar entre as leituras de frequência/duração e uma leitura de intensidade (relativa às experiências vividas pelas entidades denotadas pelo sujeito). Também os processos aceitam bem esta quantificação, induzindo, em todos os casos, leituras de intensidade e duração. Além destas, em certos casos, os processos quantificados poderão induzir outras interpretações, diretamente relacionadas com o seu significado (como *distância*, para o verbo *correr/caminhar*), tendo o contexto um papel fulcral para a definição da interpretação final, particularmente nestes casos.

Os processos culmináveis (e culminados) são os que apresentam mais restrições quanto à aceitabilidade com este quantificador, particularmente na presença de um argumento interno explícito. Dentro desta classe aspetual, os verbos analisados inserem-se em quatro subclasses de verbos: verbos de criação e de consumo, verbos de movimento, verbos de contacto com superfícies e, por fim, *Degree Achievements*. Os verbos mais restritivos quanto à combinação com *muito* são os verbos de criação e consumo, cuja aceitabilidade depende da possibilidade de repetição do evento, que viabiliza uma interpretação de frequência, ou da possibilidade de se interpretar o evento como um processo não culminado, caso em que a presença do quantificador anula a culminação. No caso dos verbos de contacto com superfícies, os eventos quantificados parecem apresentar diferentes possibilidades interpretativas: frequência ou evento não culminado, à semelhança do que ocorre com verbos de criação e de consumo; mas também intensidade ou duração, numa leitura que retoma a interpretação relativa ao

processo. Por fim, no caso dos *Degree Achievements*, estes verbos lexicalizam já uma escala, que fica disponível para ser modificada por modificada por *muito*, cuja função, nestes casos, é a de indicar um grau elevado (mas não máximo) da propriedade em questão, sendo irrelevante, nestas situações, o estabelecimento de uma relação homomórfica. Por fim, culminações aceitam ser quantificadas por *muito* sem grandes restrições de aceitabilidade, mas com restrições interpretativas, dado que recebem, exclusivamente, uma leitura que envolve frequência. O mesmo ocorre com pontos, aos quais se adiciona, ainda, uma possível leitura de intensidade, que não pode, ainda assim, ser dissociada da frequência.

Por fim, na subsecção final, apresentou-se uma breve reflexão sobre a influência que certos elementos delimitadores poderão ter na interpretação final das frases quantificadas, nomeadamente a presença de expressões indicadoras de uma localização espacial ou temporal. Verificou-se que estes elementos parecem favorecer, na maior parte dos casos, uma leitura delimitada dos eventos, consubstanciada numa leitura de frequência, que interfere, especialmente, na aceitabilidade dos Processos Culmináveis. Este comportamento é justificado pela impossibilidade de repetição de certos eventos (??*comeu muito a maçã*), ou pelo conflito que, por vezes, surge entre a duração do evento e a duração do intervalo temporal (como ocorre com *leu muito um livro ontem*).

Verificou-se, ainda, o que ocorria quando as eventualidades eram construídas com tempos verbais responsáveis por provocar alterações aspetuais, como o Presente e o Pretérito Imperfeito, por um lado, e o Pretérito Perfeito Composto, por outro. Desta análise, resultou a observação de que os tempos verbais parecem induzir um padrão de repetição de situações, mantendo o quantificador *muito* a sua função de selecionar uma dimensão escalar relevante, relativa a uma propriedade do evento, indicando, para a mesma, um grau elevado, mas não máximo.

Os dados podem ser apresentados, sintetizadamente, da seguinte forma:

Tabela 3 - Combinação de *muito* com as diferentes classes aspetuais

Classe Aspetual	Subclasse/ Tipo de verbo			Aceitabilidade com <i>muito</i>	Leituras/ Interpretações
Estados	De Indivíduo			Aceitável, mas com restrições interpretativas	<i>Muito</i> atua como quantificador adjetival
	De estádio	Não faseáveis	<i>Estar em</i>	Aceitável	Leituras de frequência e/ou duração
		Faseáveis	<i>Viver em</i>	Aceitável	Leituras de duração e/ou intensidade
			Psicológicos	Aceitável	Leitura relacionada com uma escala de intensidade do sentimento
Processos				Aceitável	Leituras comuns: duração e intensidade
					Leituras específicas, dependentes do verbo (ex.: quantidade com <i>comer</i> , distância com <i>correr</i>)
					Na presença de um complemento: leitura preferencial envolve frequência
Processos com culminação	Processos culminados			Geralmente, não aceitável ou de difícil aceitabilidade	Leitura preferencial, quando aceitável: intensidade, duração e/ou frequência
					<i>Almoçar/jantar</i> : leitura (adicional) de quantidade
	Verbos de criação e/ou consumo			Dependente da possibilidade de repetição do evento	Leituras de frequência e/ou anulação da culminação
	Verbos de movimento			Aceitável	Argumento interno indica percurso, i.e., tipo de evento
					Leitura de frequência
	Verbos de contacto com superfícies			Aceitável	Ausência de argumento interno torna os eventos processos: leituras de intensidade, duração e/ou quantidade
					Presença de um argumento interno definido ou indefinido induz leituras de anulação da culminação e/ou frequência
	<i>DAs</i>			Aceitável	Leitura preferencial: modificação de grau, com grau final superior ao <i>standard</i> e inferior ao grau máximo.
Culminações				Aceitável	Leitura de frequência
Pontos				Aceitável	Leitura de frequência e, em certos casos, intensidade

Tabela 4 – Fatores adicionais que influenciam a interpretação final

Elementos delimitadores	Consequências na interpretação com <i>muito</i>
Localização Espacial	Delimita o evento. As leituras finais dependem da consideração de: - Evento como episódio único: leituras de intensidade, duração e quantidade; - Evento repetido: leitura de frequência
Localização Temporal	Delimita o evento. As leituras finais dependem da consideração de: - Evento como episódio único: leituras de intensidade, duração e quantidade; - Evento repetido: leitura de frequência
	Extensão temporal curta favorece leitura de episódio único, apenas permitindo uma leitura de frequência em eventos de curta duração e repetíveis no mesmo intervalo (como <i>A Maria comeu muito uma maçã ontem</i>), bem como culminações e pontos.
Diferentes tempos verbais	Presente/Pretérito Imperfeito: leituras de habitualidade
	Preterito Perfeito Composto: iteração

No capítulo seguinte, apresentar-se-á uma proposta explicativa para estes resultados.

5. Para uma proposta explicativa da quantificação em PE

5.1. Introdução

A análise empreendida no capítulo anterior permitiu tirar algumas ilações sobre o comportamento dos verbos no que respeita à aceitabilidade com o quantificador *muito*. Apesar de, à partida, todas as classes aspetuais aceitarem combinar-se com este quantificador, como se ilustra nos exemplos abaixo (cf. (1)-(5)), as interpretações não são transversais a todos os casos, o que significa que a estrutura eventiva é fundamental para o estabelecimento da interpretação final dos eventos quantificados, interagindo, assim, com a quantificação. Como se verificou, a classe que apresenta maior complexidade, quando quantificada, é a dos processos culmináveis, o que pode ser explicado pela também maior complexidade da sua estrutura (sub)eventiva e, em particular, pela interação entre o quantificador e a codificação da telicidade, especialmente no caso de processos culmináveis construídos com argumento interno explícito (cf. (3a.)).

- (1) Como Paulo Sousa ficou muito ligado a Itália e nunca **gostou muito** de Dortmund, foi fácil a concretização da transferência porque o Inter resolveu abrir os cordões à bolsa. (J92227)
- (2) Ex.^a **falou muito** mas não disse nada (A0337)
- (3) (...) fui incapaz de resistir; **comi muito** e bem. (L0979)
 - a. **Li muito** a Bíblia, pelo menos dez minutos por dia, durante dez anos. (L0939)
- (4) Telma Monteiro: começou tarde, **caiu muito** e levantou-se sempre.
- (5) Quando o João visitou o jardim botânico, **espirrou muito**. (Silvano, 2011: 266).

Na presente investigação, procurarei apresentar uma proposta explicativa para o comportamento dos verbos quantificados que se enquadra no domínio escalar, assente na ideia de que as escalas são constituídas pelos parâmetros δ (dimensão escalar), S (conjunto de graus) e R (relação de ordenação) (cf. Hay *et al.*, 1999; Kennedy, 1999; Kennedy & McNally, 2005; Kennedy & Levin, 2008, entre muitos outros). Sobre este assunto, e conforme já mencionado no Capítulo 3 da presente tese, Rappaport-Hovav (2008: 17) defende uma distinção entre verbos escalares e não escalares baseada na noção de mudança escalar, ou seja, uma mudança que “involves an ordered set of changes in a particular direction of the values of a single attribute”. Esta linha de raciocínio segue as ideias defendidas por Rapaport-Hovav & Levin (1998; 2010; e.o.) e Levin & Rappaport-Hovav (1995; 2005; e.o.), que propõem uma relação direta entre os radicais lexicalizados nos verbos e a possibilidade (ou não) de entrarem em construções escalares. Partindo da observação de que tanto os verbos dinâmicos que lexicalizam modo de ação, quanto os que lexicalizam resultado da ação denotam mudanças de estado, as autoras defendem que apenas os verbos resultativos denotam uma mudança escalar. De acordo com estas autoras, a mudança denotada por ‘*manner verbs*’ não é escalar, por não ser possível organizar os valores associados à mudança de estado descrita (ou seja, os graus) numa escala.¹⁶³

Por sua vez, os verbos que lexicalizam o resultado de uma mudança de estado, como o caso de *partir*, no seu uso transitivo (como em *A Maria partiu o copo*)¹⁶⁴, são, nesta proposta, vistos como escalares¹⁶⁵, por terem uma dimensão de avaliação cujos

¹⁶³Na mesma proposta, estes verbos podem representar dois tipos de mudança: mudança não direcionada, como ocorre no verbo *atravessar*, em que se denota um movimento, mas sem especificar a sua direccionalidade; ou mudança em múltiplas direções, exemplificada pelo verbo *correr*, na qual não é possível identificar que dimensão está a ser seleccionada (como as diferentes posições sucessivamente ocupadas pelos braços ou pelas pernas do atleta, como exemplificam as autoras) para avaliar a mudança.

¹⁶⁴Este uso diferencia-se do uso intransitivo do verbo *partir*, como em *O João partiu (para Londres)*.

¹⁶⁵Os verbos escalares não permitem a eliminação do objeto direto com função de Tema (cf. (i)), ao contrário dos verbos não escalares (cf. Rappaport-Hovav, 2008; Fleischhauer, 2016), que aceitam que o objeto direto seja omitido, mas não reagem da mesma forma à omissão do argumento com função de Agente (cf. (ii)-(iia.)).

- (i) O Miguel partiu o vidro.
- a. #O Miguel partiu.

graus sucessivos de mudança podem ser organizados numa escala, de forma progressiva, na medida em que “the notion of ‘scalarity’ is relativized to the expression of directed changes in a single dimension” (Fleischhauer, 2016: 91). Desta forma, as escalas envolvidas neste tipo de avaliação podem ser de dois tipos, constituídas i) apenas por dois pontos, um representando o estado anterior à mudança e outro representando o estado posterior (por exemplo, *não partido* → *partido*); ou ii) por vários pontos (graus), se for possível definir, para diferentes momentos no decurso do evento, diferentes valores na escala (cf. Beavers, 2008, 2012; Rappaport-Hovav, 2008; Rappaport-Hovav & Levin, 2010; ver também Chief, 2007).

Esta distinção está também presente em Beavers (2008, 2011b, 2013), que assume a diferença entre escalas simples (com apenas dois pontos) e escalas complexas (contendo três ou mais pontos), as primeiras codificadas por culminações e pontos, e as segundas respeitantes a eventos mais complexos, como processos culminados e *Degree Achievements*. Nesta proposta, as escalas complexas associam-se a eventos com “multiple discernible subparts” (Beavers, 2012: 3), que incluem um ponto inicial, um conjunto de pontos intermédios e, por fim, um ponto que marca a subparte final do evento. Pelo contrário, escalas simples são projetadas por eventos que contêm apenas duas subpartes, consubstanciadas no ponto inicial e final do evento (cf. Beavers, 2012). Porém, contrariamente a Rappaport-Hovav & Levin (1998; 2010) e Rappaport-Hovav (2008), para Beavers (2012), a escalaridade está diretamente relacionada com a noção de mudança de estado, ou seja, para que um evento seja escalar, bastará que denote uma mudança de estado.

É, normalmente, assumido que diferentes tipos de verbo estão associados a diferentes tipos de escalas: i) verbos de mudança de estado contêm uma escala de PROPRIEDADE, que se relaciona com características do argumento Tema (como a mudança do estado *inteiro* para *partido*) (cf. (6)); ii) verbos de movimento contêm escalas de

-
- (ii) O Gonçalo **comeu** a maçã.
a. O Gonçalo **comeu**.
b. *Comeu a maçã. / *A maçã comeu.

PERCURSO, diretamente relacionadas com o percurso percorrido pelo referente do argumento Tema até atingir um ponto definido como final (cf. (7)); e, por fim, iii) verbos de tema Incremental contêm escalas de VOLUME ou EXTENSÃO (cf. (8)), diretamente relacionadas com o argumento Tema, especialmente quanto ao grau em que este é afetado no decurso do evento (cf., também, Rappaport-Hovav & Levin, 2010).

(6) A tempestade *partiu* o vidro.

(7) O Luís *nadou os 500m* em tempo recorde.

(8) O Pedro *comeu* a maçã.

Para o Português, Leal & Oliveira (2016) reconhecem, também, esta divisão escalar, embora afirmem que a escala de percurso não é exclusiva dos verbos de movimento direcionado, podendo, também, aplicar-se a verbos de modo de movimento (cf. Leal & Oliveira, 2016: 533). Efetivamente, com base na proposta de Fleischhauer & Gamerschlag (2014), que indica que a informação escalar relacionada com os verbos pode ser dada por via lexical, mas também através do contexto ou, ainda, de um argumento que contenha, ele próprio, uma escala, Leal & Oliveira (2016) mostram que as escalas de percurso, quando associadas a verbos de modo de movimento, já contêm informação relativa à dimensão de avaliação (percursos), mas não contêm informação sobre os graus e os seus valores, nem sobre a relação de ordenação (segundo os parâmetros de Kennedy & McNally (2005) para a definição de uma escala).¹⁶⁶ Desse modo, em (9), abaixo, verifica-se que o verbo *caminhar* está associado a uma dimensão

¹⁶⁶Segundo os autores, a informação em falta é preenchida por sintagmas preposicionais do tipo *para* e *até* da seguinte forma: “*para* fornece informação relativa à relação de ordenação, enquanto *até* fornece informação relativa ao conjunto de graus” (Leal & Oliveira, 2016: 536). Assim, apenas a preposição *até*, ao definir o conjunto de graus, é capaz de marcar o grau máximo, definindo, assim, um ponto de culminação, determinando, conseqüentemente, a telicidade do evento:

- (i) O rapaz caminhou *para* a escola.
- (ii) O rapaz caminhou *até* à escola.

escalar, correspondente a um percurso, mas não especifica mais nenhuma informação, nem relativa aos graus, nem relativa à dimensão de ordenação.

(9) [A senhora Aninhas] **Caminhou** para a aldeia. (L0111)

Quanto aos verbos que contêm um Tema incremental, estes têm gerado alguma discussão relativamente à origem da sua escalaridade, mas a maioria dos autores tende a concordar que são os argumentos (incrementais) os responsáveis pela introdução de uma escala, obtendo-se, assim, um predicado escalar derivado de forma composicional (Rappaport-Hovav, 2008; Rappaport-Hovav & Levin, 2010; Beavers, 2012; Bochnak, 2013; Kwapiszewski, 2020).

Exporei, no presente capítulo, algumas ideias fundamentais que permitirão conceber que, em PE, os verbos podem subdividir-se em escalares e não escalares, assumindo, com Wechsler (2005) e Beavers (2002), que a escalaridade dos verbos está associada à sua duratividade, o que significa que verbos durativos são tendencialmente escalares e verbos pontuais são tipicamente não escalares. Defende-se que a escalaridade dos verbos é definida pela presença de um argumento de grau na denotação do verbo. Desta perspetiva, as classes aspetuais que definem verbos escalares são: estados, processos, processos culminados e processos culmináveis. No entanto, estas classes não respondem da mesma forma à quantificação por *muito*, o que demonstra que a estrutura eventiva tem, de facto, relevância na quantificação verbal. Assim, a diferença entre estados e processos, por um lado, e processos culmináveis, por outro, deverá residir na forma como o argumento de grau é preenchido: no primeiro caso, recorre-se ao conceito de indeterminação escalar (cf. Kennedy, 2007; Sanchez Mendes, 2015) e, no segundo, à noção de escala de percurso, conforme definida por Beavers (2008; 2012) e Kardos (2012; 2016; 2019).

O capítulo encontra-se organizado da seguinte forma: após esta breve introdução, serão apresentadas algumas ideias sobre a leitura de frequência, naturalmente (mas não exclusivamente) associada às classes pontuais (culminações e

pontos). Seguidamente, analisar-se-ão os estados e processos, sob o ponto de vista da sua quantificação por *muito*, acompanhados de uma explicitação das ideias fundamentais presentes nos trabalhos de Kennedy (2007; 2012) e Sanchez-Mendes (2015), sobre o conceito de indeterminação escalar. Na secção seguinte, proceder-se-á à análise dos processos culmináveis, introduzindo-se, nesse momento, as propostas de Beavers (2012) e de Kardos (2012; 2016; 2019), que aprofundam o estudo das relações homomórficas, apresentando a noção de ‘escala de consumo’, fundamental para a explicação do padrão comportamental nesta classe aspetual. Por fim, apresentar-se-á uma proposta de subdivisão dos verbos que denotam processos culmináveis em quatro subgrupos, decorrente da análise empreendida. O capítulo termina com um sumário.

5.2. A distinção entre verbos escalares e não escalares

Na presente investigação, propõe-se uma distinção entre verbos escalares e não escalares, seguindo uma linha de pensamento semelhante à de Wechsler (2005) e Beavers (2002; 2005), que assumem uma “correlation between the durativity of the event and the gradability of the scale of change” (Beavers, 2005: 2). Desta perspetiva, proponho uma divisão baseada na duratividade dos eventos descritos pelos verbos, o que significa que os verbos não escalares serão aqueles que denotam eventos pontuais, que respondem negativamente ao traço da duratividade, i.e., pontos e culminações. Pelo contrário, os verbos escalares são aqueles que denotam eventos durativos, ou seja, todas as outras classes aspetuais: estados, processos, processos culmináveis e processos culminados.

A análise empreendida no presente trabalho parece pôr em evidência a pertinência desta divisão, já que, de todos os verbos analisados, os que melhor aceitam a quantificação por *muito* correspondem, precisamente, a culminações e pontos. Notem-se os exemplos (181) e (190) do Capítulo 4, aqui renumerados como (10) e (11).

(10) O garoto *caiu* **muito**.¹⁶⁷

(11) A presidente do BCE, que *tossiu* **muito** durante a conferência de imprensa por causa “da estúpida da Covid”, termina a conferência de imprensa desejando boas festas a quem a ouve.”

Note-se que os pontos não são marcados (em termos aspetuais), e o núcleo aspetual das culminações é constituído, apenas, pelo ponto de culminação e pelo estado resultante. Estas são, por isso, as únicas fases sobre as quais o quantificador pode atuar. Como estes eventos não são durativos, não existe nenhuma escala que se lhes possa associar. Veja-se a estranheza dos exemplos (12) e (13), manipulados de modo a obter leituras associadas a uma escala de duração (12a.) e quantidade (13a.).

(12) ??O garoto *caiu* durante muito tempo.

a. ??O garoto *caiu* em grande quantidade.

(13) ?A presidente do BCE, que *tossiu* **durante muito tempo** durante a conferência de imprensa.

a. ??A presidente do BCE tossiu **em grande quantidade** durante a conferência.

Este comportamento mostra que, ao atuar sobre estes eventos, pontuais e, por isso, não escalares, o quantificador apenas poderá contribuir para uma interpretação em que se considera que o evento denotado foi repetido um número indeterminado, mas elevado (informação contida no quantificador *muito*) de vezes. Assim, neste caso, o quantificador é responsável por multiplicar o número de ocorrências de eventos do

¹⁶⁷Exemplo adaptado do Dicionário Online da Porto Editora [Infopedia]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pelarem> [Consult. 26/01/2025].

mesmo tipo, daqui surgindo a leitura de frequência, parafraseável por *caiu muitas vezes* ou *tossiu muitas vezes*.

5.3. Estados e processos quantificados: uma questão de indeterminação

De acordo com a divisão previamente mencionada entre verbos não escalares e verbos escalares, assume-se, na presente tese, que a escalaridade dos verbos deverá estar associada à presença de um argumento de grau na denotação do verbo (cf. Wechlser, 2005; e Beavers, 2002; 2005; e.o.). Assim, defende-se, na presente investigação, que os verbos durativos – estados, processos e processos culminados e culmináveis –, aqui considerados escalares, deverão caracterizar-se por conterem um argumento de grau implícito na sua denotação, cujo preenchimento envolve a introdução de uma escala. A análise dos dados do PE evidenciou uma semelhança clara entre o comportamento de estados e processos, que projetam sempre escalas de duração e/ou intensidade, embora, nalguns casos, possam projetar outras escalas além destas. Para explicar este comportamento, servir-me-ei da ideia introduzida em Sanchez-Mendes (2015), com base em Kennedy (2007), de que o argumento de grau pode ser preenchido por uma variável de dimensões, cuja especificação depende da presença de informação contextual, responsável pelo estabelecimento da interpretação final.

5.3.1. Do Karitiana ao PE – a indeterminação escalar aplicada a verbos do PE

Ao analisar o modificador de grau¹⁶⁸ *pitat*, em Karitiana¹⁶⁹, Sanchez-Mendes (2015) nota que este pode combinar-se com predicados télicos e atélicos, originando, em cada um dos casos, diferentes interpretações: com predicados atélicos, a leitura é de intensidade, num comportamento semelhante a *muito*; pelo contrário, ao modificar predicados télicos, a tradução de *pitat* já não se relaciona diretamente com *muito*, antes sendo utilizado para reforçar o que é dito, num sentido epistémico semelhante a ‘mesmo’, que frisa que o ponto final do evento foi atingido (cf. Sanchez-Mendes, 2015). Observando estes padrões comportamentais, e notando especialmente que, ao serem quantificados por *pitat*, certos verbos podem originar diferentes interpretações (como ocorre com *correr*, que pode indicar distância percorrida, intensidade da corrida, velocidade da corrida, entre outras leituras possíveis), a autora assume que “as escalas, nesse caso, em vez de estarem disponíveis no léxico, são construídas contextualmente” (Sanchez-Mendes, 2015: 138). A autora adota, assim, o conceito de indeterminação escalar, inicialmente proposto por Kennedy & McNally (2005) e Kennedy (2007), adaptando-o à análise de predicados quantificados, propondo que predicados atélicos apresentam a possibilidade de serem interpretados de diferentes formas, porque são indeterminados quanto à escala que projetam. Desse modo, ao atuar sobre estas escalas (indeterminadas), o adverbial *pitat* funciona como um modificador escalar, responsável por indicar um grau localizado num ponto elevado da escala.

Na proposta de Sanchez-Mendes (2015), a indeterminação das escalas é dada por μ , designada de *variável de dimensões*, que é preenchida lexicalmente no caso de predicados télicos, e deixada em aberto no caso de predicados atélicos, para ser

¹⁶⁸Os modificadores de grau introduzem uma relação entre predicados e estruturas escalares (Hay *et al.*, 1999; Caudal & Nicolas, 2005; e também Kennedy & McNally, 2005). Como já visto, a maior parte dos estudos sobre predicados graduáveis baseia-se na análise de predicados derivados de adjetivos graduáveis, onde se assume que estes adjetivos relacionam indivíduos com graus numa escala (cf. Hay *et al.*, 1999, Kennedy & McNally, 2005; Kennedy & Levin, 2008), dada lexicalmente, relacionando-se com o significado do verbo. Geralmente, predicados télicos são associados a escalas fechadas, contrariamente a predicados atélicos, que costumam ser associados a escalas abertas, por não terem um ponto de culminação que marque o limite máximo da escala (cf. Caudal & Nicolas, 2005).

¹⁶⁹Língua indígena do Brasil, em que *pitat* corresponde a uma expressão adverbial semelhante a *muito*, em PE, e *beaucoup* em Francês.

preenchida pelo contexto. Para o Karitiana, a autora assume que “*pitat* é uma função que pede um argumento graduável (*G*) de tipo <*d*, <*e*, <*s*,*t*>>> (o verbo graduável), um argumento de indivíduos *x* de tipo *e* e um argumento de eventos *e* de tipo *s* e devolve uma sentença que aplica o verbo graduável em *d*, *x* e *e* e afirma que existe um grau *d* que é maior ou igual ao grau *d_s*¹⁷⁰” (Sanchez-Mendes, 2015: 141). Assim, a transformação de um predicado atético, como *correr* (cf. (14)), num predicado graduável depende, em primeiro lugar, da aplicação da função *Deg*. Esta função, já presente em Caudal & Nicolas (2005), permite relacionar uma variável graduável com uma escala, conforme ilustrado abaixo (cf. Sanchez-Mendes, 2015: 141) (onde *P* designa o predicado, *x* é utilizado para designar uma entidade, *e* denota o evento e *d* denota um argumento de grau).

$$(14) [[pykyn]] = \lambda x \lambda e. \text{correr}(x)(e)$$

$$\begin{aligned} (15) [[pykyn_{deg}]] &= [[Deg]] ([[pykyn]]) \\ &= [\lambda P \lambda d \lambda x \lambda e. P(x)(e) \ \& \ \mu(e) = d] (\lambda x \lambda e. \text{correr}(x)(e)) \\ &= \lambda d \lambda x \lambda e. \text{correr}(x)(e) \ \& \ \mu(e) = d \end{aligned}$$

Este predicado, agora graduável (*G*), contém um argumento de grau na sua denotação (*d*), disponível para ser modificado por *pitat* (2015: 142-143).

(16) O João correu **muito**.

$$a. [[ipykynat^{171} \text{ pitat}]] = [[pitat]] ([[ipykynat_{deg}]])$$

¹⁷⁰ Este grau representa o morfema de grau nulo *pos*, introduzido por Kennedy (2007), presente em todos os predicados graduáveis.

¹⁷¹ A forma verbal *ipykynat*, em Karitiana, deriva do verbo *pykyn*, que significa *correr*, e ao qual se adicionam os morfemas -i (particípio), -a- (concordância absoluta) e t (adverbializador), conforme indicado por Sanchez-Mendes (2015: 125):

(i)	João	i-	pykyn	- <a>-t	pita-t.
a.	João	PART-	correr	— ABS	pita-ADV

$$\begin{aligned}
&= [\lambda G \lambda x \lambda e. \exists d [G(d)(x)(e) \ \& \ d \geq d_s]] (\lambda d \lambda x \lambda e. \text{correr}(x)(e) \ \& \ \mu(e)=d) \\
&= \lambda x \lambda e. \exists d [\text{correr}(x)(e) \ \& \ \mu(e) = d \ \& \ d > d_s]
\end{aligned}$$

Assim, uma frase como (16) só seria verdadeira se, para o evento *e* (um evento de *correr* realizado pelo *João*), que projeta uma escala indeterminada (μ), o grau *d* em que o evento foi realizado pelo João é superior a um grau *standard* (d_s), cujo valor é definido contextualmente:

(17)

a. [[João ipykynat pitat]] <t> = 1

sse $\exists e \exists d [\text{correr}(\text{João})(e) \ \& \ \mu(e) = d \ \& \ d > d_s]$

(cf. Sanchez Mendes, 2015: 143)

A consequência máxima desta proposta é a de que, na verdade, todos os verbos podem ser transformados em predicados graduáveis, desde que recebam um argumento de grau. No caso do Karitiana, o comportamento dos verbos relativamente à modificação por *pitat* distingue-se pela sua (a)telicidade: apenas os eventos atéllicos deverão conter escalas indeterminadas; com eventos téllicos, a presença de *pitat* serve, apenas, para estabelecer um reforço epistémico, num significado semelhante a *mesmo* (como em *O João correu mesmo a maratona*). Contudo, em PE, conforme observado no capítulo anterior, este critério não é suficiente para determinar a compatibilidade com *muito*, nem as leituras resultantes desta combinação.

Se se considerar, conforme previamente mencionado, que verbos escalares, tendencialmente associados a verbos durativos (cf. Wechsler, 2003; Beavers, 2002), se distinguem de verbos não escalares por conterem um argumento de grau na sua denotação, a proposta de Sanchez Mendes (2015) pode ajudar a explicar a atuação de *muito* com estados e processos. Assim, assume-se que, em PE, os verbos contêm um argumento de grau implícito na sua denotação, que é ‘ativado’ pela presença de *muito*.

No caso de estados e processos, que não têm nenhuma dimensão escalar pré-definida disponível para ser modificada por *muito*, este argumento é preenchido por uma variável de dimensões, responsável por indicar o conjunto de escalas possíveis para o evento em causa. A seleção de uma escala em detrimento de outra depende da presença de informação contextual. Depois de selecionada a escala, *muito* atua diretamente sobre a mesma, no sentido de modificar o grau de uma propriedade, fixando-o sempre num ponto elevado, mas não máximo. Esta característica, indiretamente, prevê que a definição dos graus e da relação de ordenação sejam asseguradas pela atuação do modificador, já que este contém informação sobre um grau *standard* e, simultaneamente, um grau superior a esse *standard*, obrigando a que a relação de ordenação seja crescente, conforme se define abaixo (adaptado de Sanchez-Mendes, 2015: 141).

$$(18) [[\textit{muito}]] = \lambda G \langle d, \langle e, \rangle \rangle \lambda x \lambda e \lambda d [G(d)(x)(e) \wedge \mu(e) = d \wedge d > d_s]$$

Muito é, então, encarado como um modificador de grau que atua sobre um predicado graduável (*G*) (que inclui um argumento de grau, *d*), sobre uma entidade individual (*x*) e sobre uma entidade eventiva (*e*), e o argumento de grau é preenchido por uma dimensão escalar (μ) associada ao evento. Desta modificação, resulta um evento graduável em que o grau *d* é obrigatoriamente maior do que um grau contextualmente relevante (*d_s*).

De facto, em PE, ao modificar verbos que representam estados e processos e que, conseqüentemente, definem eventos sem qualquer tipo de delimitação, *muito* não tem quaisquer restrições à sua atuação, dado que a variável de dimensões (μ) não está definida e, por isso, está livre para poder ser preenchida por informação contextual (de onde decorrerá, também, a definição do grau *standard*, *d_s*).

(19)

a. Trabalhei **muito**.

- i. $[[trabalhar\ muito]] = \lambda x \lambda e. \exists d [trabalhar(x)(e) \ \& \ \mu(e) = d \ \& \ d > d_s]$
- b. Trabalhei **durante muito tempo**.
 - i. $[[trabalhar\ muito]] = \lambda x \lambda e. \exists d [trabalhar(x)(e) \ \& \ DURAÇÃO(e) = d \ \& \ d > d_s]$
- c. Trabalhei **muito intensamente**.
 - i. $[[trabalhar\ muito]] = \lambda x \lambda e. \exists d [trabalhar(x)(e) \ \& \ INTENSIDADE(e) = d \ \& \ d > d_s]$

Note-se ainda (20), em que a presença do sintagma preposicional (*por Viseu*) reduz as possibilidades de interpretação, indicando que houve *um conjunto (indefinido) de pessoas* que trabalhou *muito arduamente* para o desenvolvimento da cidade, numa leitura de intensidade (cf. (20a.)) ou duração (cf. (20b.)).

(20) Tinha duas instituições muito importantes que formaram um conjunto de pessoas que **trabalhou muito por Viseu**, no sentido do seu desenvolvimento.

- a. $[[trabalhou\ muito]] = \exists e \exists d [trabalhar\ (um-conjunto-de-pessoas)(e) \ \wedge \ intensidade(e) = d \ \wedge \ d > d_s]$
- b. $[[trabalhou\ muito]] = \exists e \exists d [trabalhar\ (um-conjunto-de-pessoas)(e) \ \wedge \ duração(e) = d \ \wedge \ d > d_s]$

Este comportamento demonstra, uma vez mais, a importância do contexto no estabelecimento das interpretações. De facto, na ausência de informação contextual, não há forma de saber qual é a interpretação preferencial: em (21), *muito* pode indicar a intensidade da chuva, mas também pode dar informação sobre a duração do evento.

(21) **Choveu muito** e não se pode esperar milagres», disse Tony Johnstone (Zimbabwe), que venceu a prova em 1984. (*par=ext64385-des-96a-2*)

- a. Choveu muito **intensamente**.

b. Choveu **durante muito tempo**.

Em suma, então, estados e processos, por serem eventos homogêneos e não apresentarem qualquer tipo de delimitação, aceitam a quantificação por *muito* sem restrições quanto à compatibilidade com este quantificador, apresentando, todavia, algumas diferenças quanto às possibilidades de interpretação. Desse modo, ao atuar sobre eventos pertencentes a estas classes aspetuais, *muito* preenche o argumento de grau presente na denotação destes verbos com uma variável de dimensões. O conceito de indeterminação das escalas (cf. Kennedy, 2007; Sanchez Mendes, 2015) permite explicar as diferentes interpretações possíveis, associadas a estes verbos, através da seleção de diferentes dimensões escalares. Contudo, esta seleção não é totalmente aleatória, algo que não parece ficar claro nos trabalhos de Sanchez Mendes (2015). De facto, se a leitura de intensidade e duração parecem ser comuns a todos os estados e processos analisados, certos verbos apresentam outras possibilidades de interpretação, como a leitura de distância, no caso de *correr*, ou de quantidade, no caso de *comer*, o que significa que as dimensões escalares parecem estar, pelo menos parcialmente, lexicalizadas nos verbos.

Efetivamente, *comer*, tal como *correr*, representa um processo culminável, que pode ocorrer com ou sem complemento e, neste último caso, apresenta características processuais. Quando quantificados por *muito*, verbos deste tipo apresentam dois padrões comportamentais: num primeiro caso, o argumento de grau é preenchido por uma variável de dimensões, e a seleção de uma escala em detrimento de outra é simultaneamente determinada pelo léxico e pelo contexto. De facto, note-se o caso do verbo *correr*, em que a introdução de *muito* parece abrir a possibilidade de várias interpretações, permitindo uma leitura relativa à intensidade ou à duração do evento, mas também à distância percorrida¹⁷².

¹⁷²A presença de mais informação no contexto linguístico, contudo, parece restringir a seleção da escala, como se comprova pela análise de (i), em que não só *partiu*, como também *até que chegou a uma antiga*

(22) O João correu **muito**.

a. O João correu **uma longa distância**.

i. $[[\textit{correr muito}]] = \exists e \exists d [\textit{correr}(\textit{João})(e) \wedge \textit{DISTÂNCIA}(e) = d \wedge d > d_s]$

b. O João correu **durante muito tempo**.

i. $[[\textit{correr muito}]] = \exists e \exists d [\textit{correr}(\textit{João})(e) \wedge \textit{DURAÇÃO}(e) = d \wedge d > d_s]$

c. O João correu **com muita intensidade/com grande velocidade**.

i. $[[\textit{correr muito}]] = \exists e \exists d [\textit{correr}(\textit{João})(e) \wedge \textit{INTENSIDADE}(e) = d \wedge d > d_s]$

Noutros casos, todavia, o quantificador preenche o argumento de grau com uma escala de quantidade (cf. (23) e (24)), que contém informação relativa ao Tema. Por outras palavras, a presença de *muito* contribui para a explicitação do argumento interno, que é interpretado de forma abstrata (por exemplo, beber uma grande quantidade de ‘matéria bebível’ ou escrever uma grande quantidade de ‘material escrito’), através da indicação de uma quantidade indefinida (cf. (23a.)). Particularmente, em (24), o conhecimento do Mundo dos falantes interfere, também, no estabelecimento da interpretação, contribuindo para definir que esta ‘*matéria bebível*’ corresponde a *bebidas alcoólicas*.

(23) Fui um publicitário a tempo inteiro, portanto **escrevi muito**! (*par=ext781407-clt-95b-1*)

a. Escrevi uma grande quantidade de ‘coisas escrevíveis’.

i. $[[\textit{escrever muito y}]] = \exists e \exists y \exists d [\textit{escrever}(eu)(e) \wedge \textit{QUANTIDADE}(y) = d \wedge d > d_s]$

floresta constituem elementos responsáveis pela delimitação do evento, impondo uma leitura relativa à distância percorrida.

(i) Partiu o moço, **caminhou muito**, até que chegou a uma antiga floresta. (*L0627*)

(24) **Bebeu muito**, sabe que pode dormir, abre a janela para o céu mal claro, respira, a humidade do ar abriga-o. (L0440)

a. Bebeu uma grande quantidade de bebidas alcoólicas.

- i. $[[beber\ muito\ y]] = \exists e \exists y \exists d [beber(e)(x)(y) \wedge bebidas-alcoólicas(y) \wedge QUANTIDADE(y) = d \wedge [d > d_s]]$

Note-se que, neste caso, a estrutura eventiva é mais complexa do que nos casos anteriores, e essa complexidade parece advir, precisamente, da presença do quantificador, já que, ao contribuir com informação relativa a uma quantidade, explicita a presença do argumento interno (cf. Dowty, 1979).¹⁷³

Este comportamento parece evidenciar, uma vez mais, a necessidade de distinguir processos simples de processos que envolvem culminação, indiciando ainda que, dentro da classe dos processos culmináveis, os verbos deverão apresentar distinções entre si, conforme se confirmará de seguida.

5.4. O caso dos Processos Culmináveis

Por constituírem verbos naturalmente durativos, os processos culmináveis e culminados, sendo escalares, deverão conter um argumento de grau na sua denotação. De facto, uma possibilidade que poderá explicar a diferença entre estados e processos, por um lado, e processos culmináveis e culminados, por outro, prende-se com a forma como o argumento de grau é preenchido em cada caso. Assim, enquanto nos primeiros,

¹⁷³Note-se que este é também o comportamento do processo culminado *almoçar* (cf. (i)). No entanto, os verbos *almoçar* e *beber* são diferentes, na medida em que *beber* tem um complemento que pode não estar explícito (*beber um copo de água*), contrariamente a *almoçar*, que não tem complemento. No caso de *almoçar* e *jantar*, todavia, é possível pressupor que a culminação do evento deverá estar associada à ingestão de uma quantidade indefinida de alimentos (cf. (ia.)).

(i) O Pedro *almoçou muito*.

a. O Pedro *ingeriu uma grande quantidade de comida ao almoço*.

- i. $[[almoçar\ muito]] = \exists e \exists y \exists d [almoçar(e)(x)(y) \wedge alimentos(y) \wedge QUANTIDADE(y) = d \wedge [d > d_s]]$

como acabou de ser explicitado, a escala parece ser preenchida por uma variável de dimensões, sendo restringida por informação lexical e contextual, no caso dos processos culmináveis, a presença de um argumento interno explícito torna-os processos culminados, interagindo com a estrutura escalar destes verbos, o que implica, como consequência, alterações na forma como o argumento de grau é preenchido. De facto, a ideia de que os processos culminados (como o caso dos processos culmináveis com argumento interno quantizado explícito) são escalares está já presente em Rothstein (2012: 96), que afirma que “accomplishment predicates are all scalar, but their scales are determined in different ways”. A mesma autora acrescenta, ainda, que, quanto ao argumento interno, “we can define an *ad hoc* scale for that entity by dividing their unit into contextually relevant subunits” (*ibidem*: 96), o que parece advogar a favor da hipótese de que o argumento interno contribui com uma escala própria, que interfere na interpretação final do evento.

A subdivisão tipológica definida por Krifka (1989) – e diversos autores depois deste, incluindo Rapaport Hovav (2008), que associa a diferentes tipos de verbos incrementais diferentes tipos de escala (cf. (25)-(27)) – servirá de orientação à presente análise, na qual se mostrará que, mais importante que o tipo de escala associado aos diferentes tipos de verbos de Tema incremental, é o estabelecimento de uma relação homomórfica, que permite a uniformização sob uma mesma conceptualização escalar: *a escala de progressão do evento*. A forma como esta escala é definida, em cada caso, vai ter importantes consequências na compatibilidade das construções em análise com o quantificador *muito*.

(25) A Rosa Mota correu a maratona do Porto ontem.

a. Escala de percurso (*a maratona do Porto*)

(26) A criança bebeu o sumo que estava no copo.

a. Escala de volume (do líquido *sumo*)

(27) O alfaiate alargou o casaco.

a. Escala de largura (da entidade *o casaco*)

5.4.1. A noção de escala de consumo (Kardos, 2012; 2016; 2019)

A conceptualização de uma escala capaz de definir a progressão dos eventos está já presente nos trabalhos de Beavers (2012) e Kardos (2012; 2016; 2019), segundo os quais os eventos representados por verbos de Tema incremental podem conter, na sua denotação, não um, mas dois argumentos incrementais – a *figura*, entidade que sofre uma mudança de estado; e o *percurso*, que pode corresponder a um percurso físico ou abstrato –, e estabelecer, com cada um deles, uma relação de homomorfismo. Esta relação, designada de FPR (cf. (28)), considera que a existência de uma entidade que sofre, no decurso de um evento, uma mudança numa determinada propriedade (graduável) implica a definição de uma escala responsável por avaliar a progressão deste mesmo evento¹⁷⁴. Estabelece-se, assim, uma relação homomórfica ternária entre a estrutura mereológica da entidade que sofre a mudança, a estrutura mereológica do percurso e a estrutura mereológica do evento, conforme descrito por Kardos (2016: 12), com base em Beavers (2011b).

(28) **Figure/Path Relations:** Every unique part of a figure argument x corresponds to a unique subevent e' , a proper part of e , and the sum of all such subevents constitutes e . For each such e' , every unique part of e' corresponds to a unique part of path p and vice versa; temporal adjacency in e' corresponds to spatial adjacency in p .

De acordo com esta conceção escalar dos predicados, a telicidade de um evento definido por um verbo de Tema incremental depende, em última instância, da existência de informação contextual que dê conta de uma delimitação do evento. Uma vez que, tanto a Figura como o Percurso entram na relação homomórfica, a telicidade “obtains

¹⁷⁴De acordo com Beavers (2008a: 103), “the underlying thematic relation relating scales to events is just another type of movement relation, what Beavers [2008b] refers to as a Generalized Movement Relation (GMR) which has the same mereological preservation properties as a normal movement relation but which covers both physical paths and abstract scales”.

just in case the figure and the path have specific, well-definable properties such that the figure is quantized and the path is bounded” (Kardos, 2012: 2). Ao analisar o Húngaro, Kardos (2012; 2016; 2019) defende, pelo Princípio de Marcação da Telicidade, que, nesta língua, a telicidade é marcada explicitamente pela presença de elementos capazes de delimitar o evento (contidos em partículas telicizantes, SNs resultativos ou expressões de medição¹⁷⁵). Para assumir esta posição, a autora baseia-se nas ideias de Filip (2008; 2012, e.o.) e Filip & Rothstein (2006), de que estes elementos contêm um operador de maximização (MAX_E) (cf. (29)) que atua na denotação dos eventos, no sentido de selecionar o evento máximo¹⁷⁶:

(29) “It is a monadic operator, such that $MAX_E(\Sigma) \subset \Sigma$, which maps sets of partially ordered events Σ onto sets of maximal events $MAX_E(\Sigma)$

(cf. Filip & Rothstein, 2006: 139).

A operação de maximização permite, assim, selecionar “the most informative proposition among the alternatives in a given context” (Filip, 2008: 6), o que significa que, por exemplo, num evento de *comer 10 laranjas*, o evento máximo (i.e., télico) é o que corresponde à ingestão de (exatamente) *10 laranjas*. Para Filip (2008), a aplicação deste operador aos predicados implica a conjunção de duas condições:

¹⁷⁵Em Húngaro, a telicidade é marcada pela presença obrigatória de objetos com referência quantizada (cf. Kardos, 2012; 2016; 2019). Com base em trabalhos sobre línguas eslavas, nos quais se propõe que certas partículas funcionam como operadores de perfeitivização, tornando os predicados perfeitivos, Kardos, em linha com outros autores (cf. Kiss, 2008), mostra que, em Húngaro, estas partículas atuam, na verdade, no domínio do Aspeto Lexical, por promoverem a delimitação dos eventos.

¹⁷⁶Note-se que, de acordo com Filip (2004; 2005; 2008; 2012, e.o.), esta operação de maximização pode ser cancelada, como se comprova pelo exemplo em (i), o que significa que a interpretação télica promovida pela operação de maximização resulta de uma implicatura (cf. Filip, 2008: 6).

(i) A Maria comeu 10 laranjas; na verdade, ela comeu 12 laranjas!!

- i) O predicado tem obrigatoriamente de conter um verbo que promova o estabelecimento de uma relação de homomorfismo;
- ii) Tem de ser possível identificar uma escala de medição (que pode ser fornecida pelo verbo ou pelo tema incremental), de forma a estabelecer um critério de ordenação dos (sub)eventos que se encontram na denotação do predicado verbal.

Para Kardos (2012; 2016; 2019), na mesma linha de Beavers (2012), as duas condições necessárias para que o operador de maximização possa atuar correspondem à existência de uma relação homomórfica de tipo FPR, bem como de um Tema construído com recurso a um SN quantizado. Estas duas condições garantem a relação de ordenação, na medida em que “the events are partially ordered relative to the part structure of the figure argument and the part structure of the scale, which is lexically specified by the head verb” (Kardos, 2016: 18). Logo, ao atuar diretamente na denotação do SV, este operador seleciona “the largest unique event” (Kardos, 2016: 19), impondo a quantização do predicado, o que, pela relação de homomorfismo, impõe a quantização do argumento Figura e, conseqüentemente, a delimitação da escala de consumo.

Tendo definido que, em Húngaro, a telicidade é explicitamente marcada pela presença de partículas verbais que restringem ou delimitam o evento através de uma operação de maximização de eventos, Kardos (2019: 510) mostra que, no caso dos verbos de criação e de consumo, os argumentos Tema com referência quantizada são suficientes para garantir a telicidade do evento, na medida em que impõem uma delimitação à escala de consumo, enquanto os argumentos Tema com referência cumulativa induzem uma interpretação atélica do evento, por não serem capazes de definir uma delimitação escalar.

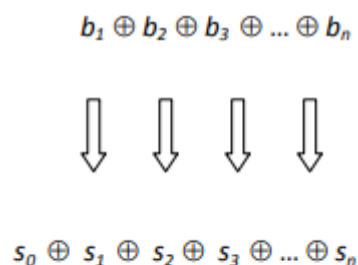
De acordo com esta proposta, a telicidade é, então, marcada pela conjugação entre a estrutura partitiva da entidade que denota a Figura e a estrutura da escala que representa o Percurso. Nesta designada ‘escala de consumo’ (*s*) (cf. Kardos, 2019: 511), também ela partitiva, “atomic subparts of a scale *s* are totally ordered states (...), which

correspond to states of affairs wherein arbitrary units of the theme [a figura] have been consumed”. Esta ideia está de acordo com Beavers (2012), que considera que a escala de percurso é constituída por subpercursores (*‘connected, directed paths’*) e cada um desses subpercursores corresponde a uma mudança de estado parcial. Veja-se, a título ilustrativo, o caso do evento *comer a maçã*, representado em (30).

(30) O Guilherme comeu a maçã.

Neste evento, o argumento Figura é denotado por *a maçã*, que, conceptualmente, pode subdividir-se num determinado número de pedaços mais pequenos. Por sua vez, o argumento Percurso pode ser conceptualizado como o conjunto de ‘dentadas’ (*bites*) necessárias para comer todos os pedaços da maçã. Em cada subpercurso, há uma mudança de estado (total) num determinado pedaço da maçã. Por fim, estas estruturas relacionam-se com a estrutura eventiva, dado que, em cada subevento, *o Guilherme* dá uma dentada na maçã e, simultaneamente, por cada dentada dada, há uma parte da maçã que desaparece completamente. O evento só é télico se todos os pedaços da maçã forem completamente consumidos. A determinação da estrutura partitiva da escala de consumo (*s*) relaciona-se com a estrutura partitiva da Figura conforme esquematizado na Figura 16.

Figura 16 – Relação entre as estruturas partitivas do argumento Figura e da escala de consumo



Fonte: Kardos (2019: 512)

Desta perspetiva, as condições que garantem a telicidade são, então, a quantização do argumento Figura e a delimitação da escala relativa ao Percurso, que, juntas, definem uma escala de consumo fechada. Esta possibilidade determina a configuração em (31), onde $f'(x)$ corresponde a uma função capaz de seleccionar a subparte final da escala de consumo¹⁷⁷.

(31) O Pedro comeu *duas peras* em duas horas.

$$a. \exists s \exists x \exists e [comer'(pedro, x, s, e) \wedge SOURCE(s, s, e) \wedge GOAL(f'(x), s, e) \wedge 2peras'(x)]$$

(adaptado de Kardos, 2019: 515)

Este comportamento justifica a leitura atélica atribuída a (32): a escala de consumo não é delimitada, como consequência da cumulatividade da Figura, o que significa que não existe uma subparte final da escala definida que possa ser seleccionada pela função $f'(x)$. Por esse motivo, o resultado final é subespecificado (g), ou seja, existe uma mudança de estado, mas não pode definir-se com precisão.

(32) O Pedro comeu *peras* durante duas horas.

$$\exists s \exists x \exists g \exists e [comer'(pedro, x, s, e) \wedge GOAL(g, s, e) \wedge peras'(x)]$$

(adaptado de Kardos, 2019: 515)

¹⁷⁷Note-se que esta nova conceção dos predicados escalares tem como consequência o facto de a telicidade poder ser encarada de uma forma menos restritiva, implicando, apenas, a consideração da parte final da escala, ou seja, do subevento final, o que permite que um evento como *O João nadou até à margem* seja considerado télico, mesmo não se sabendo qual é a localização inicial da entidade denotada por *O João*. Tendo isto em conta, Kardos (2019: 515) assume a existência de uma função f' , utilizada para seleccionar a subparte final da escala de criação/consumo, o que só pode ocorrer se a Figura tiver referência quantizada, permitindo, assim, que se reúnam as condições necessárias para que a telicidade seja calculada.

(i) $f'(x) = s\#(x)$, where $\#(x)$ equals the state of affairs where there is complete disappearance of the theme.

Seguindo esta linha de raciocínio, as diferentes escalas associadas a verbos de Tema incremental (i.e., movimento, criação/consumo e mudança de estado) podem ser tratadas da mesma forma, já que todas elas são concebidas como um percurso (físico ou abstrato), que se relaciona com a estrutura mereológica que define entidades e eventos (cf., e.o., Link, 1983; Bach, 1986), o que permite a uniformização do tratamento de predicados escalares. Desta perspectiva, todos os verbos acabam por representar uma movimentação da entidade denotada pelo argumento interno ao longo de um percurso (real ou abstrato), denotado por uma escala, entre um ponto ou estado inicial e um ponto/estado final (cf. (33)-(35)).

(33) John walked from *the store* to *the cafe*.

a. $\exists e \exists s [walk'(j, s, e) \wedge SOURCE(s, store, e) \wedge GOAL(s, cafe, e)]$

(34) John warmed the pie from *0°* to *100°*.

a. $\exists e \exists s [warm'(j, p, s, e) \wedge SOURCE(s, 0^\circ, e) \wedge GOAL(s, 100^\circ, e)]$

(35) John ate *the apple*.

a. $\exists e \exists s [eat'(j, a, s, e) \wedge SOURCE(s, whole, e) \wedge GOAL(s, 0, e)]$

(adaptado de Beavers, 2013: 686)

Na presente investigação, adotar-se-á uma proposta baseada nesta noção de escala de consumo para explicar o comportamento de processos culmináveis, em PE, conforme será apresentado de seguida

5.5. A quantificação de Processos Culmináveis em PE

5.5.1. A escala de progressão do evento

A consideração dos verbos durativos como escalares, conforme proposto em Wechsler (2005) e Beavers (2002), pressupõe que os processos culmináveis deverão

relacionar o seu argumento evento (e) com uma entidade (x), contendo, ainda, um argumento de grau (d), que deverá ser preenchido por uma escala (s), como se ilustra em (36).

$$(36) [[\text{comer}]] = \lambda x \lambda e \exists d. [\text{comer}(e)(x) \wedge s(e) = d]$$

Tomando como base a proposta previamente delineada, parece possível explicar os dados do PE relativos aos processos culmináveis (e culminados), apresentados no capítulo anterior, à luz do conceito de escala de percurso, que passarei a designar de *escala de progressão do evento* (ou, apenas, escala de progressão, PROG), por considerar um termo mais abrangente, capaz de incluir, não só escalas de percurso, associadas a verbos de movimento, mas também escalas de propriedades, relativas a verbos de mudança de estado (onde se incluem os verbos de criação e de consumo). De um modo geral, parece viável assumir que os verbos de Tema incremental, caracterizados por estabelecerem uma relação de incrementalidade com os seus argumentos internos (com referência quantizada), possibilitam o estabelecimento de uma escala de progressão do evento, que permite avaliar a mudança de estado verificada no argumento interno.

Assumindo, na linha de Bochnak (2013) e Kwapiszewski (2020: 486), que os argumentos internos quantizados contêm um morfema partitivo que permite o estabelecimento de uma estrutura partitiva da entidade denotada (cf. (37)), então, a existência de um homomorfismo codificado no verbo implicará o mapeamento desta estrutura partitiva aos subeventos de um evento.

$$(37) [[\text{part}_{inc}]] = \lambda x \lambda y \lambda d \lambda e. \text{part}_{\Delta}(x)(y)(e) = d$$

Desse modo, a definição da escala de progressão do evento depende diretamente das características internas da Figura, o que permite compreender que,

quando o argumento interno é cumulativo (como ocorre, por exemplo, no caso de *bare plurals*), a escala de progressão do evento não pode ser definida, porque a estrutura do argumento interno não tem subpartes definidas.

Tal como proposto por Beavers (2011b; 2012), esta escala de progressão do evento é constituída por conjuntos de subpercursores (completos), que vão sendo sucessivamente adicionados aos subpercursores anteriores. Quer isto dizer que a escala de progressão de um evento como *comer a maçã* representa uma relação entre o número de subpartes em que essa maçã pode subdividir-se, por um lado, e o número de subeventos necessários para eliminar todas as subpartes da maçã. A escala de progressão do evento corresponde, por isso, a um conjunto de subpercursores completos que, em cada momento, relacionam, de forma exata, o número de partes da maçã comidas (completamente) com o número de subeventos: assim, o subpercurso₁ deverá corresponder a uma eliminação completa de uma subparte da maçã, como consequência do subevento₁, o subpercurso₂ corresponderá à eliminação total de exatamente 2 subpartes da maçã, a que foi consumida no primeiro subevento e a que foi consumida no segundo, e assim sucessivamente (cf. (38)).

(38) O João comeu a maçã.

a. Estrutura partitiva da maçã:

subparte 1	subparte 2	subparte 3	subparte 4

b. Estrutura eventiva:

subevento 1	subevento 2	subevento 3	subevento 4

c. Estrutura partitiva do percurso (real ou abstrato):

subpercurso1	subpercurso 2	subpercurso 3	subpercurso 4

Como a escala de progressão do evento é definida com base nas duas estruturas anteriores, i.e., a estrutura subeventiva e a estrutura partitiva do argumento interno, parece evidente que Beavers (2012) e Kardos (2012; 2016; 2019) estão corretos ao assumir a existência de um homomorfismo ternário, dado que esta escala mantém uma relação homomórfica com as anteriores. Consequentemente, qualquer alteração na configuração da figura ou do evento terá como consequência uma alteração na escala de progressão.

Na presente investigação, propõe-se, à luz do explicitado até aqui, que a presença de um argumento interno tem consequências na forma como o argumento de grau denotado por verbos escalares é preenchido. Assim, no caso de verbos de Tema incremental com argumento interno quantizado (explícito), o argumento de grau só poderá ser preenchido depois do estabelecimento das relações homomórficas previstas pela codificação da incrementalidade no verbo. Significa isto que a escala que vai preencher o argumento de grau é, precisamente, a escala de progressão do evento, e que o quantificador deverá atuar como modificador de grau sobre esta escala, atuando, assim, ao nível do SV.

O estabelecimento da escala de progressão do evento poderá ser explicado com recurso ao conceito de maximização, definido em Filip (2008; 2012; e.o.) (cf. (39)).

(39) O João *comeu a maçã*.

→ Evento máximo: O João comeu a maçã toda.

Se se considerar, à semelhança do que ocorre no Inglês, que, em PE, os verbos incrementais contêm um operador de maximização implícito, torna-se possível compreender que a escala de progressão do evento é definida tendo em conta uma operação de maximização, que garante uma correspondência exata entre o evento máximo e o grau máximo da escala de progressão. Desse modo, a marcação da

telicidade dos eventos depende da delimitação (máxima) da escala de progressão. O evento máximo corresponde àquele em que todas as subpartes da entidade denotada pelo argumento interno são afetadas no decurso do evento. Assim, por exemplo, num verbo de consumo, como é o caso de *comer a maçã*, a escala de progressão do evento relaciona a estrutura subeventiva desse evento com a estrutura partitiva do argumento interno, correspondendo o evento télico (ou seja, máximo) ao consumo (total) de todas as subpartes constitutivas da maçã (cf. (40)).

(40) A Rita *comeu a maçã*.

a. $[[\text{comer}]] = \lambda x \lambda y \lambda e \exists d. [\text{comer}(e)(\text{Rita})(a\text{-maçã}) \wedge \text{PROGRESSÃO}(e) = d \wedge [d = d_{\text{máx}}]]$

O estabelecimento de uma escala de progressão do evento é, assim, fundamental para explicar o comportamento de *muito* ao modificar verbos de Tema incremental com argumento interno explícito. Assume-se que o argumento de grau presente na denotação destes verbos vai ser preenchido pela escala de progressão do evento, como se verifica em (40), em que o grau máximo denota a existência de um evento máximo. *Muito* deverá, depois, atuar diretamente sobre esta escala, impondo-lhe uma modificação de grau. Este quantificador atua, então, sobre um predicado graduável que inclui uma variável de grau (d), sobre uma entidade individual (x) e sobre uma entidade eventiva (e). Sendo a variável de grau relativa a uma dimensão escalar do evento, neste caso, a escala de progressão, o resultado da modificação por *muito* é um evento graduável em que o grau d é obrigatoriamente maior do que um grau contextualmente relevante (d_s).

5.5.2. Verbos de criação/consumo

5.5.2.1. O caso dos verbos estritamente incrementais:

No caso de verbos de criação e de consumo estritamente incrementais, o evento máximo, decorrente de uma operação de maximização anterior à atuação do quantificador, corresponde a um evento de mudança de estado irreversível, já que o Tema é afetado de forma direta (é criado/consumido no decurso do evento) e total (ou seja, aparece ou desaparece totalmente). Esta característica impede que o quantificador atue na escala de progressão no sentido de denotar um grau superior a um grau *standard*, dado que este último corresponde à criação ou ao consumo total e irreversível da entidade denotada pelo SN argumento interno (cf. (41)-(41a.))¹⁷⁸.

(41) ??O Pedro comeu **muito** a maçã.

a. ??O engenheiro construiu **muito** o hospital.

Nos exemplos apresentados acima, os eventos são episódicos e irrepetíveis¹⁷⁹. Por esse motivo, a única possibilidade interpretativa é a que envolve a anulação da culminação e, conseqüentemente, a consideração de um evento (único) não culminado, i.e., não máximo, em que o argumento interno não é totalmente afetado no decurso do evento. Nestes casos, não facilmente aceitáveis para todos os falantes, o quantificador atua no sentido de cancelar a culminação, promovendo a existência de uma escala aberta, conforme previsto em Quadros Gomes (2011), conseqüentemente transformando o processo culminado em processo. Dessa forma, uma frase como *O Pedro comeu muito a maçã* terá de ser interpretada numa leitura partitiva, mais

¹⁷⁸Alguns falantes – embora em número reduzido – assumiram, para estes casos, uma leitura de intensidade, o que evidencia dificuldades no processamento das frases. Esta interpretação mostra que, perante esta dificuldade, os falantes assumiram que o quantificador atuava diretamente sobre a parte processual do verbo, o que revela que ignoraram a presença do argumento interno.

¹⁷⁹De facto, o estabelecimento de uma relação estritamente homomórfica e a afetação total do argumento Tema parecem conduzir a uma mudança obrigatoriamente quantizada, na terminologia de Beavers (2011b), e que induz um resultado específico ($\exists e \exists s [result'(x, s, g\Phi, e)]$), por ser possível estabelecer o estado inicial do Tema, que corresponde à *maçã completa*, bem como o estado final do mesmo, em que a maçã deixa de existir.

facilmente identificável em (42), parafraseável por *Um número elevado, não total e impreciso de partes da maçã foram comidas pelo João*.

(42) O Pedro comeu **muito** [d]a maçã *durante 2 minutos*.

Este comportamento explica a dificuldade de aceitação que certos verbos de criação e de consumo apresentam, quando construídos com SN quantizados, na combinação com *muito*, tendo-se mostrado que, nestes casos, a única interpretação possível é a que envolve uma afetação parcial do argumento interno, numa leitura partitiva (cf. (43a.)).

(43) O engenheiro construiu **muito** o hospital.

a. O engenheiro construiu **muito** [d]o hospital (*durante meio ano*).

Esta explicação não justifica, ainda assim, o que ocorre com outros verbos do mesmo tipo, nomeadamente verbos de incrementalidade não estrita, que aceitam bem a quantificação por *muito* (cf. (44)-(46)).

(44) O João correu **muito** a maratona.

(45) O João leu **muito** o livro.

(46) A Maria pintou **muito** a parede.

5.5.2.1.1. Verbos de incrementalidade não estrita

Alguns verbos de criação e de consumo estabelecem um homomorfismo não estrito com os seus argumentos internos, que permite que, no decurso do evento, a mesma subparte da Figura possa ser afetada mais do que uma vez (cf. Filip, 2008). De facto, e de acordo com o observado no capítulo anterior, eventos deste tipo permitem

uma leitura de episódio único, em que o evento denotado não atinge o ponto de culminação (cf. (47a.)-(49a.)), como ocorria nos casos apresentados acima, mas também uma leitura de frequência, em que todo o evento é repetido um número indeterminado de vezes (cf. (47b.)-(49b.)).

(47) A Rosa Mota *correu* **muito** a maratona.

- a. A Rosa Mota correu **muitas partes da maratona** (mas não chegou ao fim).
- b. A Rosa Mota correu **muitas vezes** a maratona (toda).

(48) O João *leu* **muito** o livro.

- a. O João *leu* **muitas partes do livro**.
- b. O João *leu* **muitas vezes** o livro (todo).

(49) A Maria *pintou* **muito** a parede.

- a. A Maria pintou **muitas partes da parede** (mas não conseguiu acabar).
- b. A Maria pintou **muitas vezes** a parede (toda).

Uma vez que estes verbos denotam uma relação incremental, também nestes casos o homomorfismo promoverá o estabelecimento de uma escala de progressão do evento, responsável por preencher o argumento de grau, podendo o quantificador atuar no sentido de abrir essa escala (cf. Quadros Gomes, 2011), retirando-lhe o limite máximo. Dessa forma, *muito* atua como modificador de grau, impondo um grau elevado, mas não máximo, na escala de progressão do evento. Como esta se relaciona homomorficamente com as estruturas do evento e da Figura, isto significa que também estas são afetadas no seu limite máximo, o que resulta na possibilidade de duas interpretações. Com efeito, a não delimitação da escala de progressão do evento impõe uma restrição na estrutura subeventiva, denotando que o evento não progrediu até ao fim (ou seja, o evento não é máximo). Como a operação de maximização é cancelada devido à presença do quantificador, o ponto de culminação e consequente estado resultante são também cancelados, o que explica a leitura partitiva verificada nos

exemplos em (47a.)-(49a.). Note-se que, na perspectiva do núcleo aspetual, a única fase que fica disponível é a processual, o que explica a interpretação de duração que alguns falantes atribuem à frase (50).

(50) O João *leu* **muito** o livro.

a. O João *leu* o livro **durante muito tempo**.

Até aqui, pelo comportamento descrito, não parecem existir diferenças entre os verbos estritamente incrementais e os verbos de incrementalidade não estrita. No entanto, os dois tipos de verbo distinguem-se pelo facto de os segundos, contrariamente aos primeiros, permitirem uma leitura de frequência. Uma explicação para este comportamento poderá relacionar-se com a forma como o Tema é afetado no decurso do evento: com *comer*, *beber*, *escrever*, *construir* e *destruir*, a afetação do argumento interno é direta, dado que este aparece/desaparece no decurso do evento. Pelo contrário, o Tema não é afetado de forma direta, no caso de *pintar a parede*, nem é afetado, de todo, no caso de *ler o livro* (ou seja, *a parede* e *o livro* existem previamente ao evento e continuam a existir posteriormente)¹⁸⁰.

5.5.2.1.1.1. A noção de afetação:

O conceito de afetação, inicialmente definido por Beavers (2011b), diz respeito à forma como um evento de mudança de estado se relaciona com a entidade que sofre

¹⁸⁰Note-se que, no caso de *ler o livro*, apesar desta afetação nula, este evento continua a constituir uma mudança de estado (cf. (i)), que se reflete, não *no livro* (argumento interno), mas sim no sujeito. Desse ponto de vista, na verdade, o que importa para definir a escala de progressão do evento diz respeito à *quantidade de partes do livro* que estiveram envolvidas no evento, o que reforça, uma vez mais, a ideia de que é a estruturação interna do argumento Tema que impõe a estruturação interna do evento.

(i) ??O João leu **muito** o livro, mas nada mudou.

P: O que é que o João fez ao livro?

R: ??Leu-o **muito** .

P: O que é que o João fez?

R: Leu **muito** o livro.

essa mudança. No caso do PE, conforme previsto pela análise dos exemplos acima, nem sempre as entidades denotadas pelo SN argumento interno são afetadas de forma direta no decurso do evento, como acontece com *comer* e *beber*, ou *construir* e *destruir*, em que o argumento interno aparece ou desaparece de forma irreversível (i.e., depois de se beber um determinado líquido, esse mesmo líquido não pode ser bebido novamente). De facto, em casos como *ler o livro* ou *pintar a parede*, por exemplo, que também constituem verbos de Tema incremental que envolvem criação/consumo, é possível *ler* várias vezes a mesma página ou *pintar* várias vezes a mesma parte da parede, ou a mesma parede na sua totalidade. Este comportamento demonstra a necessidade de introduzir uma distinção entre a noção de afetação direta e indireta, por um lado, e total ou parcial, por outro.

Assim, a afetação direta diz respeito ao aparecimento ou desaparecimento irreversível de subpartes de uma entidade, enquanto a afetação indireta se relaciona com uma mudança numa propriedade da entidade, e não na entidade em si. A distinção entre a afetação total e a afetação parcial de uma entidade, por sua vez, está relacionada com a quantidade de subpartes constitutivas dessa entidade que participam no evento: se todas as subpartes de uma entidade participarem/estiverem envolvidas no evento, mesmo sendo afetadas de forma indireta (i.e., numa propriedade), a afetação é total, havendo uma afetação parcial, se não houver um envolvimento de todas as subpartes da entidade no evento.

Para clarificar estas distinções, observem-se as diferenças entre os exemplos abaixo. Começamos pelos casos de *pintar o quadro* (cf. (51)) ou *escrever a tese de doutoramento* (cf. (52)), verbos de criação que envolvem uma afetação direta do Tema, já que este aparece à medida que o evento progride. Estes eventos são compatíveis com o quantificador *muito*, podendo ser interpretados com uma leitura de duração e, também, com uma leitura partitiva, ambas relacionadas com a anulação da culminação, resultante da atuação do quantificador sobre a escala de progressão do evento.¹⁸¹

¹⁸¹Particularmente em (52b.), a leitura é ambígua entre *A Maria escreveu muitas partes (diferentes) da tese* ou *A Maria escreveu muitas vezes a mesma parte da tese* (escreveu e reescreveu). Esta ambiguidade explica-se pela interferência do conhecimento que os falantes têm do processo relativo a

Assim, em ambos os casos, o resultado final é o mesmo: a progressão do evento não é total, ou seja, o evento não é máximo.

(51) O Luís pintou **muito** o quadro.

- a. O Luís pintou o quadro **durante muito tempo**.
- b. O Luís pintou **muitas partes do** quadro.

(52) A Maria escreveu **muito** a tese de doutoramento.

- a. A Maria escreveu a tese de doutoramento **durante muito tempo**.
- b. A Maria escreveu **muitas partes** da tese de doutoramento.

A compatibilidade com o quantificador explica-se, nestes casos, pela existência de uma afetação direta, mas parcial, ou seja, não existe um envolvimento de todas as subpartes do Tema no evento, como resultado da atuação do quantificador na escala de progressão do evento, que, pelo homomorfismo, tem como consequência a anulação da delimitação da escala relativa à estrutura partitiva do argumento interno.

Observe-se, agora, o caso de *pintar a parede* (cf. (53)), em que o argumento interno é sempre afetado de forma indireta, porque o evento envolve uma mudança numa propriedade constitutiva da parede (i.e., a sua cor). A escala de percurso que aqui se estabelece diz respeito às partes constitutivas da parede, no que diz respeito à sua área/extensão (física), o que permite conceber que a progressão do evento *pintar a parede* é definida pela relação entre as partes da figura (ou seja, as diferentes subáreas da parede) e as partes do evento (as ‘pinceladas’ dadas pela Maria). Dessa forma, a telicidade do evento denotado em (53) depende da afetação total da entidade, mesmo que essa afetação seja indireta, ou seja, todas as subpartes da parede são afetadas no evento, sofrendo uma mudança de estado numa propriedade, a cor.

escrever uma tese, em que cada uma das partes poderá ser reanalisada e ajustada, ou *pintar um quadro*, em que o pintor pode pintar umas camadas por cima das outras, assim ‘apagando’ as anteriores e, consequentemente, pintando várias vezes as mesmas partes do quadro.

(53) A Maria pintou a parede (toda).

Ao ser quantificado por *muito*, este evento poderá perder a leitura de evento máximo, na medida em que, ao atuar diretamente sobre a escala de progressão do evento, o quantificador força a abertura da escala no limite superior, passando a denotar um evento cuja progressão não foi completa. Uma vez que a escala de progressão do evento estabelece relações homomórficas com as escalas que denotam a estrutura partitiva do evento e do argumento interno, a imposição de um grau não máximo na escala de progressão do evento implica a imposição de um grau não máximo na estrutura partitiva do argumento interno, o que indica, então, uma afetação parcial do Tema, originando a interpretação em (54a.), equivalente a (54b.).

(54) A Maria pintou **muito** a parede.

- a. A Maria pintou **muitas partes** da parede.
- b. A Maria pintou **muito da** parede.

Esta explicação justifica, também, o comportamento verificado acima para *ler o livro*, caso em que o argumento interno não é afetado, nem de forma direta, nem indireta. Então, para que este evento seja télico, o que é necessário é que todas as subpartes do livro sejam lidas pelo sujeito, ou, dito por outras palavras, todas as subpartes do livro têm de entrar/participar no evento (cf. (55a.)).

(55) O Henrique *leu* o livro.

- a. Evento máximo: O Henrique leu todas as partes (relevantes) do livro.

Este comportamento parece indiciar que, em PE, os verbos de Tema incremental contêm, na sua denotação, um operador de maximização implícito. Ora, de acordo com

o proposto por Filip (2008; 2010; 2012, e.o.), os critérios necessários à atuação do operador verificam-se nos casos acima: i) o predicado contém um verbo que codifica uma relação de homomorfismo e ii) a escala de progressão do evento estabelece o critério de ordenação dos subeventos que se encontram na denotação do predicado verbal. No entanto, tal como observado, a escala de progressão do evento é definida tendo também em conta a estrutura partitiva da entidade denotada pelo argumento Tema, e, para que um evento seja máximo, todas as subpartes constitutivas desta entidade deverão ser afetadas no decurso do evento.

Parece, então, necessário acrescentar um terceiro critério à listagem anterior que, em PE, é condição necessária para a seleção do evento máximo: a maximização do evento envolve a maximização do número de subpartes da entidade denotada pelo argumento interno no evento. Dito por outras palavras, para que o grau da escala de progressão do evento seja fixado no limite máximo, e corresponda, assim, ao evento máximo, a estrutura partitiva do argumento interno, conforme definida por Bochnak (2013) e Kwapiszewski (2020)¹⁸², tem, também ela, de estar fixada no grau máximo ($d_{\text{máx}}$), ou seja, a escala de progressão do evento é maximamente determinada pelo conjunto total de subpartes do argumento interno (cf. (56)).

(56) O João leu o livro.

$$a. \quad [[\text{PART}_{\text{inc}}]] = \lambda x \lambda y \lambda d \lambda e. \text{part}_{\Delta}(x)(y)(e) = d \wedge [d = d_{\text{máx}}]$$

(adaptado de Kwapiszewski, 2020: 486)

A introdução do quantificador interage com a escala de progressão do evento, sendo responsável por modificar o grau da mesma, transformando-a numa escala aberta (e denotando um evento não culminado). Este comportamento tem importantes

¹⁸²A restrição da extensão do Tema a uma quantidade não máxima, pode explicar-se se se assumir, de acordo com Kwapiszewski (2020), que a função de medição da mudança (PART_{inc}) permite medir quanto do objeto participa num dado evento. Ao combinar-se com o objeto direto, a função PART_{inc} promove a subdivisão da entidade por este referida, de forma a identificar as subpartes que a constituem.

consequências ao nível da estrutura partitiva do argumento interno, que, por entrar numa relação homomórfica com a escala de progressão do evento, perde também o seu limite superior o que consequentemente implica que as partes envolvidas no evento não correspondem à totalidade das subpartes definidas na estrutura partitiva do argumento interno (cf. (57)).

(57) O João *leu* **muito** o livro.

$$a. \quad [[PART_{inc}]] = \lambda x \lambda y \lambda d \lambda e. \mathbf{part}_\Delta(x)(y)(e) = d \wedge [d < d_{\max}]$$

Seguindo esta lógica, então, o que é relevante para a marcação da telicidade é que haja uma progressão, ao longo do evento, por todas as subpartes que constituem a extensão física do argumento Tema, ou seja, o argumento interno tem de ser totalmente afetado, independentemente de a afetação ser direta, indireta ou nula. Deste ponto de vista, Bochnak (2013: 14-15) poderá ter razão quando afirma que, nestes casos, o argumento Tema não é constituído pela entidade, em si, mas pela quantidade de subpartes dessa entidade que efetivamente são afetadas no evento, conforme definido em (58). Assim, (58a.) denota um evento télico, que indica que todas as subpartes do Tema foram afetadas no evento, ao contrário de (58b.).

$$(58) \quad [[\mu^{183}]] = \lambda x \lambda d \lambda e. \exists y [y \leq x \ \& \ \text{theme}(e)(y) \ \& \ \text{quantity}(y) = d]$$

$$a. \quad [[[\mu]]] = \lambda x \lambda d \lambda e. \exists y [y \leq x \ \& \ \text{theme}(e)(y) \ \& \ \text{quantity}(y) = d \ \& \ [d = d_{\max}]]$$

$$b. \quad [[[\mu]]] = \lambda x \lambda d \lambda e. \exists y [y \leq x \ \& \ \text{theme}(e)(y) \ \& \ \text{quantity}(y) = d \ \& \ [d < d_{\max}]]$$

¹⁸³Contrariamente ao que ocorre em Sanchez Mendes (2015), que utiliza μ para identificar uma variável de dimensões associada a escalas indeterminadas, em Bochnak (2013), μ é utilizado para marcar uma função de medição associada ao argumento interno, que permite medir quantas partes deste foram afetadas no evento.

O que parece, então, ocorrer em (58) é que o Tema do evento corresponde, na realidade, à quantidade de subpartes *do livro* lidas pelo *João*. Assim, ao modificar o grau da escala de progressão do evento, o quantificador impõe simultaneamente uma restrição na escala relativa à estrutura partitiva do SN argumento interno, de tal forma que a quantidade de subpartes envolvidas no evento se encontra abaixo do número total de subpartes do livro.

Recapitulando, defende-se que a operação de maximização, promovida pela existência de um homomorfismo entre o verbo e o(s) seu(s) argumento(s) interno(s), permite o estabelecimento da escala de progressão do evento fixada no grau máximo, o que envolve a fixação do grau da escala partitiva relativa à entidade denotada pelo argumento Tema também no ponto máximo, ou seja, $d=d_{\text{máx}}$. Para que isso possa ocorrer, é necessário que o SN argumento interno tenha referência quantizada, o que possibilita a definição da quantidade exata de partes em que esta entidade pode subdividir-se. A fixação desta quantidade no grau máximo ($d=d_{\text{máx}}$) garante a telicidade do evento, ou seja, a afetação total do argumento interno é critério fundamental para a marcação da telicidade em PE.

Depois, a escala de progressão do evento preenche o argumento de grau presente na denotação dos verbos que representam os processos culmináveis em análise, ficando disponível para ser modificada por *muito*. Enquanto modificador de grau, ao atuar sobre esta escala, *muito* garante a abertura da mesma no limite superior, impondo um grau elevado e não máximo de progressão do evento e, por isso, denotando um evento que não chega a culminar (ou seja, a progressão não é total). Esta restrição tem consequências no número de subpartes da entidade envolvidas no evento, impondo que esse número não seja máximo ($d < d_{\text{máx}}$), por via do homomorfismo estabelecido entre as diversas escalas. Veja-se, a este propósito, (59):

$$(59) \llbracket \text{ler} \rrbracket = \lambda x \lambda y \lambda e \exists z \exists d. [\text{ler}(e)(x)(y) \wedge \text{João}(x) \wedge \text{livro}(y) \wedge \text{PROG}(e) = d \wedge [d < d_{\text{máx}}] \wedge z \leq y \wedge \text{theme}(e)(z) \wedge \text{QUANTIDADE}(y) = q \wedge [q < q_{\text{máx}}]]$$

Assim, tendo em conta a análise realizada, é possível conceber que, num mesmo evento, a entidade denotada pelo argumento Tema pode ser afetada de forma total ou parcial, independentemente de a afetação ser direta, indireta ou nula, como se explicita na tabela abaixo.

Tabela 5: Tipos de afetação do argumento interno em PE

Afetação	Direta	Indireta	Nula
Total	<i>O João comeu a maçã.</i>	<i>A Maria pintou a parede (do quarto).</i>	<i>O rapaz leu o livro.</i>
Parcial	<i>O João comeu (partes d)a maçã.</i>	<i>A Maria pintou (partes d)a parede do quarto.</i>	<i>O rapaz leu (partes d)o livro.</i>

Por outro lado, uma vez que, com *pintar a parede* e *ler o livro*, o argumento Tema não é afetado de forma direta, existe uma outra possibilidade de interpretação, relacionada com a frequência do evento (cf. (60)-(61)), que será analisada na subsecção seguinte.

(60) A Maria pintou muito a parede.

a. A Maria pintou **muitas vezes** a parede (toda).

(61) O João leu muito o livro.

a. O João leu **muitas vezes** o livro (todo).

5.5.2.1.1.2. Questões sobre frequência

Cunha (2015) propõe uma distinção entre os conceitos de frequência, habitualidade e iteração. Para este autor, “iteração, frequência e habitualidade representam três modos distintos de encarar a repetição de situações” (Cunha, 2015: 230). Deste ponto de vista, a interpretação frequentativa (cf. (62)) é responsável, apenas, por introduzir uma repetição de situações, não provocando alterações à classe

aspetual das eventualidades, e pode subdividir-se em *baixa*, *média* ou *alta*. Por sua vez, a leitura iterativa (cf. (63)) serve-se de um conjunto indefinido de eventos (repetidos) e transforma-o num processo derivado, no qual “as situações repetidas se apresentam como as suas [do processo] subfases constitutivas” (Cunha, 2015: 218). Isto significa que a leitura iterativa promove uma alteração aspetual, dando sempre origem a um processo, num intervalo temporal definido. Por fim, a habitualidade (cf. (64)) refere-se a um padrão de repetição de situações que ocorre preferencialmente num intervalo de tempo longo e dá conta de uma ‘*generalização sobre eventualidades*’, atribuindo-lhes características genéricas (ou habituais). Apesar das semelhanças que apresenta com os estados de indivíduo, a habitualidade não deve ser confundida com estes, dado que, ainda que forneça uma informação genérica sobre entidades, não altera “integralmente as situações básicas que nelas tomam parte” (Cunha, 2015: 228).

(62) Na semana passada, encontrei a Maria *várias vezes/frequentemente*.

a. No dia 10 de junho, o meu computador bloqueou *várias vezes/frequentemente*.

(63) O Guilherme comeu bolachas *durante meia hora/??em meia hora*.

a. O Pedro bateu à porta durante meia hora/??em meia hora.

(64) O João fuma.

a. A Ana *geralmente* vai de metropolitano para a faculdade.

(retirado de Cunha, 2015)

Ora, de acordo com os dados analisados na presente investigação, a introdução de *muito* induz, por vezes, uma leitura de frequência, que indica, precisamente, uma repetição das eventualidades descritas, como se confirma pela análise dos exemplos (cf. (65)-(67)).

(65) O Guilherme comeu **muito** bolachas.

a. O Pedro bateu **muito** à porta.

(66) Na semana passada, encontrei **muito** a Maria.

a. No dia 10 de junho, o meu computador bloqueou **muito** .

(67) O João fuma **muito** .

a. A Ana vai **muito** de metropolitano para a faculdade.

(adaptado de Cunha, 2015)

Quando a interpretação da frase quantificada por *muito* é relativa a uma frequência, de facto, parece verificar-se uma manutenção das características aspetuais básicas das predicções. Note-se (68), em que o evento quantificado é *fazer o almoço em 5 minutos* , e a leitura de frequência implica que cada evento multiplicado corresponda a um evento culminado, (ou seja, *o almoço* ficou feito); do mesmo modo, em (69), a introdução do quantificador não altera a classe aspetual básica do evento, um processo, que se mantém na leitura quantificada, como se demonstra pela compatibilidade com *durante 15 horas* . O mesmo se verifica no caso das culminações (cf. (70)) e dos pontos (cf. (71)).

(68) Quando trabalhava na fábrica, a Maria fez **muito** o almoço em 5 minutos.

(69) Quando estive emigrado, o João trabalhou **muito** durante 15 horas.

(70) Durante as férias, a Maria acordou **muito** às 8h da manhã.

(71) Durante o inverno, o António tossiu **muito** .

(adaptado de Cunha, 2015)

Em certos casos, porém, não é o quantificador *muito* que atribui um carácter de habitualidade às situações descritas, bastando para isso que haja um número suficiente de repetições de uma situação, para que se possa considera-la habitual ou genérica. Com efeito, nas frases abaixo (72)-(77) (adaptadas de Cunha (2015), exceto (72)-(73)), a

noção de habitualidade parece advir da presença de expressões como *costumar* ou pelos tempos verbais Presente e Pretérito Imperfeito (que se caracterizam, precisamente, por induzir habitualidade). Por outro lado, *muito* continua a contribuir com informações relativas à frequência, duração e/ou intensidade dos eventos descritos.

(72) Mónica segue novamente o irmão e é apanhada a espreitar pelo grupo com quem ele **costuma** beber **muito**. (*par=ext46184-soc-95a-2*, adaptado)

- a. Mónica [...] é apanhada a espreitar pelo grupo com quem o irmão costuma beber *muitas vezes/uma grande quantidade de bebidas*.

(73) O Partido Liberal (empresários), que **costuma** olhar **muito** com suspeição para o campo democrático, teve dez. (*par=ext62523-pol-95b-1*, adaptado)

- a. O Partido Liberal costuma olhar *muitas vezes* com suspeição para o campo democrático.

(74) O João *vai* **muito** de metro para a faculdade.

- a. O João *tem o hábito* de ir **muitas vezes** de metro para a faculdade.

(75) A Ana *telefonava* **muito** às amigas.

- a. A Ana *tinha o hábito* de telefonar **muitas vezes** às amigas.

(76) O João *fuma* **muito**.

- a. O João *tem o hábito* de fumar **uma grande quantidade** (de cigarros).

(77) O Manuel *nadava* **muito** nas piscinas do Fluvial.

- a. O Manuel *tinha o hábito* de nadar **muitas vezes/durante muito tempo/muito intensamente** nas piscinas do Fluvial.

Esta clara distinção entre habitualidade e frequência fica patente, também, na possibilidade de coexistência, na mesma frase, de adverbiais temporais que dão informações diferentes relativas ao evento: uma que mede a extensão da eventualidade descrita, e outra que mede a extensão do estado habitual (obrigatoriamente longa). De

facto, em (78), assere-se que, durante um período de tempo alargado, que correspondeu ao conjunto dos *primeiros anos da Ana na fábrica*, esta trabalhava *frequentemente* 8 horas por dia, ou seja, de cada vez que trabalhava, trabalhava durante 8 horas seguidas. Também em (79), *em duas horas* mede a duração do processo culminado *correr a maratona*, e *durante dois anos* denota o período de tempo ao longo do qual esse mesmo processo culminado foi repetido. O mesmo ocorre no caso das culminações representadas em (80) e (81), com a diferença de que, nestes casos, não durativos, o adverbial temporal adequado terá de ser do tipo *às x horas*, para denotar o ponto de culminação.

(78) A Ana trabalhava **muito** 8 horas por dia *durante os primeiros anos na fábrica*.

(79) A Rosa Mota correu **muito** a maratona em duas horas *durante dois anos*.

(80) O João adormeceu **muito** às 02h *durante 35 anos*.

(81) O meu relógio despertou **muito** às 8h *durante 10 anos*.

Isto significa, então, que a emergência de uma leitura habitual numa frase contendo um verbo quantificado por *muito* não deverá ser induzida pela presença deste quantificador, mas sim pela presença de outros elementos na frase, como um adverbial de duração temporal com extensão suficiente para permitir a caracterização da situação (repetida) como habitual ou, alternativamente, a utilização de tempos verbais indicadores de estatividade, como o Presente ou o Pretérito Imperfeito.

Conforme observado anteriormente, certos verbos que denotam Processos Culmináveis e representam verbos de criação e/ou de consumo (*comer, beber, construir, destruir, escrever*) apresentam alguma dificuldade quanto à aceitabilidade com o quantificador *muito*, que parece relacionar-se com a existência de uma afetação direta do argumento Tema, que se reflete numa mudança irreversível na entidade denotada pelo argumento interno. Como parece evidente, estes eventos não podem ser repetidos, porque não é possível que uma mesma entidade, após um evento em que o

Tema é consumido/criado, seja reconstituída para participar novamente num evento do mesmo tipo¹⁸⁴:

(82) *O João *comeu* uma maçã, e depois *comeu-a* novamente.

a. *O João *comeu* **muito** uma maçã, e depois *comeu-a* novamente.

Como já mencionado, em PE, a operação de maximização parece estar dependente de três critérios: i) o estabelecimento de um homomorfismo ternário, que garante a ordenação dos subeventos presentes na estrutura eventiva; ii) a presença de um argumento Tema quantizado, que atribui referência única e uma estrutura partitiva à entidade por ele denotada; e iii) a pressuposição de afetação total da entidade denotada pelo argumento Tema. A sensibilidade à presença do quantificador *muito* parece indicar que, pelo menos em PE, os únicos verbos que parecem preencher estes três requisitos em simultâneo são os verbos de consumo estritamente incrementais, que envolvem a afetação direta e total do seu argumento Tema.

Noutros casos, todavia, a leitura de frequência é possível, mesmo com verbos de criação e de consumo, e denota uma repetição de ocorrências em número elevado e indefinido cf. (83)).

(83) O João pintou **muito** a parede.

a. O João pintou **muitas vezes** a parede (toda).

¹⁸⁴Como já mencionado (ver Capítulo 4.2.3.1.), esta dificuldade desaparece quando o Tema passa a ser denotado por um SN indefinido, que passa a poder denotar uma entidade não específica (por exemplo, *uma maçã qualquer*) ou um tipo de entidade (por exemplo, *um tipo de maçã*, como a *maçã reineta*).

- (i) A criança *comeu* **muito** uma maçã.
- (ii) O estudante *leu* **muito** um livro.
- (iii) A Teresa *pintou* **muito** uma parede.
- (iv) A Rita *esfregou* **muito** uma banheira.

Como a frequência não altera as características aspetuais básicas das predicções (cf. Cunha, 2015), isto deverá significar que todos os subeventos na denotação do evento são máximos e correspondem a processos culminados. Daqui se deduz que, na leitura de frequência, contrariamente ao que ocorre na leitura de anulação da culminação, *muito* não altera o grau da escala de progressão do evento, que se mantém fixado no valor máximo. Desse modo, estes subeventos passam a ser vistos como "atomic predicates, denoting sets of atomic events" e, como "atoms are entities which count as one unit" (Rothstein, 2012: 96), as características internas de cada um dos subeventos deixam de ser relevantes para a interpretação final das frases, passando estes eventos a comportar-se de uma forma mais próxima aos eventos pontuais (pontos e culminações). A leitura de frequência parece assim retomar a incrementalidade estrita, o que significa que o evento multiplicado é aquele em que todas as subpartes da entidade denotada pelo SN argumento interno são afetadas no decurso do mesmo¹⁸⁵, como se clarifica em (84).

(84) O João pintou **muito** a parede.

- a. O João pintou **muitas vezes** a parede (de uma ponta à outra).
- b. $[[pintar]] = \lambda x \lambda y \lambda e \exists z \exists d. [pintar(e)(x)(y) \wedge \text{João}(x) \wedge \text{parede}(y) \wedge \text{PROG}(e) = d \wedge [d = d_{\text{máx}}] \wedge z \leq y \wedge \text{theme}(e)(z) \wedge \text{QUANTIDADE}(y) = q \wedge [q = q_{\text{máx}}]]$

¹⁸⁵O facto de que a conceção do evento máximo, no caso dos verbos de criação e de consumo analisados, depende da afetação total das subpartes constitutivas da entidade denotada pelo argumento interno é confirmado pela presença de *toda*, em (ia.), que parece mais natural do que a versão em (ib.), com um *proportional modifier*, tipicamente utilizado para testar a presença de uma escala fechada, particularmente no caso dos DAs. Enquanto, no primeiro caso, *toda* parece estar a afetar *parede*, comportando-se como um adjetivo, *completamente*, no segundo, parece estar a modificar o evento. Este assunto, no entanto, terá de ser investigado futuramente.

- (i) O João pintou **muito** a parede.
 - a. O João pintou **muitas vezes** a parede *toda*.
 - b. ?O João pintou **muitas vezes** a parede *completamente*.

A possibilidade de se interpretar um evento quantificado com leitura de frequência parece, assim, ser condicionada pelo tipo de afetação verificado no argumento interno. Se esta afetação for direta, como ocorre nos verbos de criação e de consumo estritamente incrementais, o evento não poderá ser repetido, porque a entidade aparece ou desaparece completamente no decurso do evento. Se, pelo contrário, a entidade for afetada de forma indireta (como ocorre com *pintar a parede*) ou não for, de todo, afetada (como em *ler o livro*), a leitura de frequência já é possível.

Em certos casos, a informação contextual não é suficiente para restringir de forma inequívoca a interpretação, como se demonstra em (85), abaixo, em que a presença de uma delimitação temporal (*nesse tempo*) parece contribuir para a definição de uma leitura de frequência (equivalente a *pintei muitas vezes no chão*), mantendo-se, ainda, a possibilidade de uma leitura de duração (*pintei durante muito tempo no chão*).

(85) O quarto cheirava a tinta e óleo de linhaça. *Nesse tempo pinteí muito*, sem cavalete, *no chão*. Guevara acompanhava-me da parede os charros a charuto. (L0062)

Noutros, pelo contrário, a presença desta informação contextual é fundamental para desambiguar a interpretação final, como em (86), onde o sintagma preposicional *às escondidas* dá informação sobre a maneira como os eventos de *ler (um livro)* decorreram, enquanto a expressão *na puberdade* delimita temporalmente a ocorrência destes mesmos eventos, o que obriga a uma interpretação de repetição de eventos, ou seja, frequência.

(86) A um canto, dentro do caixote onde tinha alguns livros velhos, livros do colégio, um catecismo e um livro que **li muito às escondidas na puberdade**. (L0275)

- a. $[[\text{ler}]] = \lambda x \lambda y \lambda e \exists z \exists d. [\text{ler}(e)(x)(y) \wedge \text{eu}(x) \wedge \text{livro}(y) \wedge \text{PROG}(e) = d \wedge [d = d_{\text{máx}}] \wedge z \leq y \wedge \text{theme}(e)(z) \wedge \text{QUANTIDADE}(y) = q \wedge [q = q_{\text{máx}}]]$

5.5.3. Verbos de Movimento

No caso dos verbos de movimento, conforme visto no capítulo anterior, o argumento Tema, quando presente, denota um percurso físico, como se demonstra em (87), em que *a maratona* é utilizada para referir um *percurso de 42 km* e (87a.), em que *os 500 metros* marcam o percurso a percorrer pelos atletas de remo, na prova de k2 e, ainda, (88), em que *a montanha* corresponde ao percurso percorrido pelos *habitantes de Monachil* no decurso do evento.

(87) Apesar de tudo, isso mostrou-se suficiente, num final cerrado, e Domingos saltou para o exclusivíssimo lote dos que *correram a maratona* em menos de 2h08m, superando o seu anterior máximo em mais de dois minutos. (par=ext192558-des-97a-2)

a. Já em K2, a dupla portuguesa *percorreu os 500 metros* em 1m32,33s, enquanto os vencedores, Kay Bluhm e Torsten Gutsche (Alemanha), registaram 1m28,11s. (par=ext514227-des-92b-1)

(88) Na tarde de terça-feira os habitantes da estância de Monachil *subiram a montanha* em procissão, atrás de uma imagem de Santo António, o seu patrono, rezando pela neve. (par=ext83104-des-95a-1)

No caso particular dos verbos de movimento, a presença do argumento interno, ao marcar um percurso pré-definido, denota uma tipologia de eventos e, por esse motivo, a quantificação por *muito* induz uma leitura de frequência, i.e., de repetição de eventos. De facto, se aceitáveis, os exemplos (89)-(91) só podem ser interpretados numa leitura que envolve frequência, na qual o evento multiplicado corresponde ao evento máximo, ou seja, o que é dito é que todo o percurso foi percorrido várias vezes (num determinado intervalo de tempo) (cf. (89a.)-(91a.)).

(89) Domingos *correu muito a maratona* (em menos de 2h08m) (adaptado).

a. Domingos *correu muitas vezes a maratona* em menos de 2h08m.

(90) Já em K2, a dupla portuguesa *percorreu muito os 500 metros* em 1m32,33s (adaptado).

- a. A dupla portuguesa *percorreu muitas vezes os 500 metros* em 1m32,33s.

(91) Os habitantes da estância de Monachil *subiram muito a montanha* em procissão.
(par=ext83104-des-95a-1)

- a. Os habitantes da estância de Monachil *subiram muitas vezes a montanha* em procissão.

Nestes casos, a anulação da culminação torna-se mais difícil, precisamente pelo facto de que o argumento interno marca uma tipologia de eventos, o que parece não se coadunar com uma leitura de episódio único. A presença de informação contextual poderá contribuir para esta marcação de evento único (cf. (92)-(93)) e, nesse caso, se aceitável, a única leitura possível é, sim, a de anulação da culminação (cf. (92a.)-(93a.)), na qual o quantificador retira o topo máximo à escala de progressão.

(92) ?Domingos *correu muito a maratona de ontem* (adaptado).

- a. ?Domingos correu *muitas partes* da maratona de ontem.

(93) ?Na tarde de terça-feira os habitantes da estância de Monachil subiram *muito a montanha* em procissão.

- a. ?Na tarde de terça-feira os habitantes da estância de Monachil subiram *muitas partes da montanha* em procissão

5.5.4. Verbos de Contacto com Superfícies

Tal como observado no capítulo anterior, com verbos de contacto com superfícies, como *limpar*, *esfregar* e *varrer*, três interpretações são possíveis: i) leitura partitiva, ii) leitura de frequência e iii) leitura de intensidade (cf. (94)-(96)).

(94) *Limpei muito o convés* (...). (noCOD_1057283, adaptado)

- a. *Limpei muitas partes do convés.*
- b. *Limpei muitas vezes o convés (todo).*
- c. *Limpei muito intensamente o convés.*

(95) (...) O empregado de limpeza de uma galeria alemã *esfregou muito a banheira suja* (noCOD_1058291, adaptado).

- a. O empregado de limpeza *esfregou muitas partes* da banheira.
- b. O empregado de limpeza *esfregou muitas vezes* a banheira (toda).
- c. O empregado de limpeza *esfregou muito intensamente a banheira.*

(96) O trolha **varreu muito o** telhado com uma vassoirinha (...). (L0223, adaptado)

- a. O trolha *varreu muitas partes do telhado.*
- b. O trolha *varreu muitas vezes o telhado* (todo).
- c. O trolha *varreu muito intensamente o telhado.*

As duas primeiras leituras são explicadas pela existência de uma relação homomórfica entre o verbo e os seus argumentos, que permite definir uma escala de progressão do evento. Desse modo, na leitura partitiva (cf. (94a.)-(96a.)), o quantificador anula a culminação do evento, pela anulação do grau máximo da escala de progressão e, por via das relações homomórficas estabelecidas, do grau máximo da escala relativa à estrutura partitiva da Figura, de onde deriva a leitura de partes mereológicas. No segundo caso, a escala de progressão define o evento máximo que é multiplicado por atuação do quantificador, originando as leituras de frequência identificadas em (94b.)-(96b.). A leitura de frequência é justificada pela afetação indireta (i.e., numa propriedade) do argumento interno.

Por sua vez, as leituras de intensidade, exemplificadas em (94c.)-(96c.), explicam-se pela não existência, nestes casos, de uma relação homomórfica entre o verbo e os seus argumentos. De facto, se esta relação não se estabelecer, não é possível definir a escala de progressão do evento, o que significa que esta não poderá preencher o argumento de grau disponível na denotação do verbo. Desse modo, na ausência de um

homomorfismo, a estrutura partitiva da entidade denotada pelo argumento interno deixa de ser relevante para o evento, e o evento deixa de ser visto como um processo culminado, passando a ser analisado como um processo. Deste ponto de vista, então, a escala de intensidade pode preencher o argumento de grau presente na denotação verbal, pelo princípio da indeterminação das escalas apresentado para estados e processos. Assim, em (94c.)-(96c.), o argumento interno, além de não ser afetado de forma direta, também não é afetado de forma total. Na verdade, estes eventos podem nem sequer fazer referência a uma mudança de estado, como se comprova em (97)-(99), o que demonstra, uma vez mais, que, nestes casos, a quantificação atua diretamente ao nível do verbo, sem ter em conta a presença dos argumentos internos.

(97) *Limpei **muito** o convés*, mas, mesmo assim, não consegui retirar a sujidade.

(98) O empregado de limpeza *esfregou **muito** a banheira*, mas a mancha amarela não desapareceu.

(99) O trolha *varreu **muito** o telhado*, mas as teias de aranha teimaram em não desaparecer.

Isto significa, então, que, com verbos de contacto com superfícies, contrariamente ao que ocorria com verbos de criação e de consumo, a incrementalidade, i.e., o estabelecimento de uma relação homomórfica entre o verbo e os seus argumentos é subespecificada. Quando ocorre, as leituras são as mesmas que nos verbos de criação e de consumo; quando não ocorre, os verbos passam a ser interpretados como processos

5.5.5. Degree Achievements

Por fim, os DAs apresentam um padrão diferente dos anteriores. Apesar de corresponderem a Processos Culmináveis, dado que podem apresentar leituras télicas e atélicas, a verdade é que, nestes casos, a telicidade não é explicada com base na escala de progressão do evento, porque o estabelecimento de uma relação homomórfica entre

o verbo e os seus argumentos não parece ser relevante para a definição da interpretação final (cf. (100)), mesmo quando o evento surge quantificado (cf. (101)).

(100) O pai aqueceu a sopa em 2 minutos.

a. O pai aqueceu a sopa durante 2 minutos.

(101) O pai aqueceu **muito** a sopa.

a. ??O pai aqueceu **muitas partes** da sopa.

b. O pai aqueceu **muitas vezes** a sopa (?toda).

Segundo Kardos (2016; 2019), a diferença entre um verbo télico e um verbo atélico relaciona-se com o estado final da entidade (em particular, relativamente à escala de propriedade selecionada): em (102), a leitura télica do evento depende, por um lado, da especificação do argumento Tema (i.e., *a sopa* que foi aquecida tem de ser uma sopa específica) com uma quantidade definida e, por outro lado, da consideração de um grau *standard* contextualmente definido (*quente*). Já em (103), a atelicidade do evento deve-se à impossibilidade de definir contextualmente o grau final da propriedade (*g*), mesmo que a quantidade exata do argumento interno seja conhecida; ou seja, existe uma mudança de estado, mas é impossível defini-la com precisão.¹⁸⁶

¹⁸⁶Kardos (2019) compara a denotação semântica dos verbos que representam *Degree Achievements* com os verbos que denotam criação e/ou consumo do seu argumento interno, defendendo que os segundos são mais específicos relativamente à mudança de estado escalar que codificam, desde que o argumento interno, (*x*), tenha referência quantizada, já que permitem especificar o estado inicial, *s*₀, e final (denotado pela função *f'*(*x*)) do argumento interno, a partir da extensão física da entidade por ele denotada (cf. Kardos, 2019: 516):

(i) *Peter ate two pears.*

a. $\exists s \exists x \exists e [eat'(peter, x, s, e) \wedge SOURCE(s_0, s, e) \wedge GOAL(f'(x), s, e) \wedge 2pears'(x)]$

O mesmo não ocorre quando o argumento interno tem referência cumulativa, que não permite a especificação do seu estado inicial ou final. Uma vez que esta impossibilidade impede, também, a consideração de uma mudança de estado específica, o estado final da entidade, relativamente à propriedade escalar em questão, é representado de forma imprecisa pela presença da variável *g* na sua denotação:

(ii) *Peter ate pears.*

(102) O Pedro aqueceu a sopa (em 10 minutos).

a. $\exists s \exists e [\text{aquecer}'(\text{sopa}, s, e) \wedge \text{GOAL}(\text{quente}, s, e)]$

(103) O Pedro aqueceu a sopa (durante 10 minutos).

a. $\exists s \exists g \exists e [\text{aquecer}'(\text{sopa}, s, e) \wedge \text{GOAL}(g, s, e)]$

(adaptado de Kardos, 2019: 516)

Assim, em (102) e (103), os eventos (e) envolvem uma mudança de estado ao longo de uma escala (s), que denota uma propriedade escalar diretamente relacionada com o evento, neste caso, a TEMPERATURA, e que é lexicalizada pelo verbo. Em ambos os casos, *sopa* recebe uma referência quantizada específica (i.e., existe uma porção ou quantidade precisa de *sopa* que sofre a mudança de estado), mas, em (102), o grau final de temperatura da sopa é definido contextualmente, de tal modo que a sopa passa a poder ser considerada como estando *quente*. Em (103), pelo contrário, esta possibilidade está vedada, o que significa que, na ausência de informação contextual, o grau final da propriedade verificado na entidade corresponde a um grau indefinido (g), do qual se sabe apenas que é superior ao grau da propriedade no início do evento.

A quantificação destes eventos por *muito* induz, tipicamente, uma leitura onde se indica que o grau final de uma determinada propriedade verificado na entidade que sofre a mudança de estado é superior ao grau *standard* (i.e., ao grau esperado) dessa propriedade, que deverá ser contextualmente definido. Vejam-se os exemplos (165)-(167) do Capítulo 4, aqui renumerados como (104)-(106), e (169) e (173), aqui renumerados como (107) e (108), respetivamente.

(104) O João aqueceu **muito** o leite.

a. O João aqueceu *demasiado* o leite. $\rightarrow$ O leite ficou *quente*.

a. $\exists s \exists x \exists g \exists e [\text{eat}'(\text{peter}, x, s, e) \wedge \text{GOAL}(g, s, e) \wedge \text{pears}'(x)]$

(105) O facto de não ter ar condicionado, tornou impossível descansar pela manhã. O calor a incidir no vidro, **aqueceu muito o quarto**.¹⁸⁷

a. O calor aqueceu *demasiado* o quarto. → O quarto ficou *quente*.

(106) A costureira alargou **muito** a saia.

a. A costureira alargou *demasiado* a saia. → A saia ficou *larga*.

(107) A chuva *encheu* **muito** a piscina.

a. A piscina *ficou* **muito** cheia.

(108) como tenho muitas marcas pós acne e estava a fazer um tratamento que me **secou muito** a pele, a Rute não só analisou a melhor maquilhagem para eu me sentir bonita e confortável, como viu as necessidades da minha pele.¹⁸⁸

a. A pele *ficou* **muito** seca.

Contrariamente ao que seria expectável, a única diferença entre *Degree Achievements* de escala aberta (cf. (104)-(106)) e de escala fechada (cf. (107)-(108)) é o grau final da propriedade (escalar) verificado na entidade que sofre a mudança de estado (cf. (104a.)-(108a.)). Este comportamento parece estar relacionado com a definição do grau *standard*, como se verá de seguida. Importa notar que, pelo facto de estes verbos herdarem a estrutura escalar dos adjetivos de que derivam, parece viável assumir que, nestes casos, *muito* apresenta a sua função prototípica de quantificador proporcional, atuando diretamente sobre uma propriedade escalar lexicalizada no verbo, e denotando, simultaneamente, que o grau final dessa propriedade é superior a um grau *standard*.

A seleção de um grau *standard* relaciona-se diretamente com o adjetivo graduável de que deriva o DA em questão. Como, nas escalas tipicamente definidas

¹⁸⁷“Diana”. [Comentário em *site*]. Disponível em: <https://www.booking.com/reviews/pt/hotel/florindo-lafoes-guest-house.pt-pt.html> [Consult. 08/01/2025]

¹⁸⁸“Mariana”. [Comentário em *blogue*]. Disponível em: <https://www.casamentos.pt/beleza-noivas/make-up-by-rute-mendes--e153337/opinioes> [Consult. 08/01/2025]

como abertas, não existe um grau máximo pré-definido, o grau *standard* deverá ser definido pelo contexto. Ao ser quantificado por *muito*, assume-se que, no decurso do evento, a entidade afetada sofreu uma mudança numa propriedade escalar até atingir um grau superior ao *standard*, o que significa que passa a poder considerar-se que a entidade contém a propriedade em questão. Assim, por exemplo, numa frase como *O João aqueceu a sopa*, sabe-se que a temperatura da entidade denotada por *a sopa* aumentou, mas não se sabe se esta atingiu um grau que permita definir que a sopa ficou quente, porque o grau de '*quente*' (i.e., o *standard*) tem de ser definido contextualmente. Pelo contrário, na mesma frase quantificada por *muito* (*O João aqueceu muito a sopa*), a presença do quantificador, ao indicar que se ultrapassou um dado grau *standard*, define o próprio grau *standard* (indicado por *quente*) e, relativamente a este, a comparação entre os dois graus indica que *a sopa ficou demasiado quente*.

Pelo contrário, no caso de DAs derivados de escalas fechadas, o grau *standard* corresponde ao ponto máximo lexicalizado pela estrutura escalar do próprio verbo, de tal modo que, para se poder afirmar que uma dada sala está *cheia*, esta deverá ter a totalidade do seu volume de ocupação preenchida. Nesse sentido, e de acordo com o que já foi visto até aqui, a atuação de *muito* deverá contribuir para abrir a escala, retirando-lhe o topo máximo. De facto, esse parece ser o comportamento prototípico do quantificador. Nestes casos, i.e., com DAs de escala fechada, a anulação do grau máximo da escala tem como consequência a redefinição do grau *standard* num valor inferior ao máximo ($d_s < d_{\text{máx}}$), o que permite considerar que, em (108), *a piscina* não ficou totalmente *cheia* e, em (109), *a pele* não ficou totalmente *seca*.¹⁸⁹

Nessa perspetiva, nestes casos, o estabelecimento da telicidade não depende da definição de uma relação homomórfica entre o verbo e os seus argumentos, antes estando diretamente dependente da definição de um grau *standard*, que pode, ainda,

¹⁸⁹Aplicando o mesmo tipo de raciocínio, a aceitabilidade de adjetivos de escala fechada com quantificadores proporcionais, como *muito* (como em *A caixa está muito cheia/vazia*), talvez possa ser justificada pelas mesmas razões.

ser fortemente condicionada pela presença de informação contextual, ou do conhecimento partilhado dos falantes (cf. (109)-(112)).

(109)

- a. O João aqueceu **muito** o leite para o meu gosto.
- b. O João aqueceu **muito** o leite, mas ainda pode aquecer mais.

(110)

- a. O calor a incidir no vidro, aqueceu **muito** o quarto *tendo em conta a temperatura ideal para um quarto*.
- b. O calor a incidir no vidro, aqueceu **muito** o quarto e, se assim continuar, vai aquecer ainda mais.

(111)

- a. A costureira alargou **muito** a saia *para a medida da minha cintura*.
- b. A costureira alargou **muito** a saia, mas ainda precisa de alargar mais.

(112)

- a. O tratamento secou-me **muito** a pele, tendo em conta *o nível de hidratação normal da minha pele*.
- b. O tratamento secou-me **muito** a pele, mas podia ter ficado ainda mais seca.

As leituras télicas ou atélicas surgem, então, a partir da comparação entre dois graus: o *standard* e o grau efetivamente observado na entidade no final do evento. Assim, nos casos acima, em (109a.)-(112a.), os eventos são télicos porque o que se indica é que o grau final da propriedade observado na entidade que sofreu a mudança de estado é superior ao grau *standard*. Já em (109b.)-(112b.), os eventos são atélicos, porque a informação contextual permite estabelecer que o grau contextualmente definido como máximo ainda não foi atingido. Tendo, assim, a concordar com Kardos (2012; 2016; 2019), quando afirma que a (a)telicidade, no caso dos DAs, é explicada pelo contexto, mas discordo da autora pelo facto de não considerar, para verbos deste tipo,

o estabelecimento de uma escala de consumo (ou progressão do evento), dado que, como se mostrou, o estabelecimento de um homomorfismo parece ser irrelevante para a definição da telicidade.

5.5.6. Uma nota final sobre a classe dos Processos Culmináveis

A proposta explicativa aqui apresentada permite demonstrar a relevância da divisão dos verbos que denotam Processos Culmináveis em quatro grupos: i) verbos de Tema incremental; ii) verbos de movimento; iii) verbos de contacto com superfícies; e iv) *Degree Achievements*. A forma como estes verbos se relacionam com o seu argumento interno, especificamente no que concerne ao tipo de relação homomórfica estabelecida, bem como ao tipo de afetação provocada no argumento interno, é que vai especificar a interpretação final, como se demonstra na tabela seguinte.

Tabela 6: Tipos de processos culmináveis em PE

Tipos de processos culmináveis					
Incrementalidade obrigatória		Afetação		Exemplo	Interpretação
	Grupo 1: Verbos de Consumo	Direta	Total	<i>Comer muito a maçã</i>	??
				<i>Destruir muito a floresta/o brinquedo</i>	??
			Parcial	<i>Comer muito [d]a maçã</i>	Partes mereológicas
				<i>Destruir muito [d]a floresta/[d]o brinquedo</i>	
		Indireta	Total	<i>Pintar muito a parede</i>	Frequência
			Parcial	<i>Pintar muito [d]a parede</i>	Partes mereológicas
		Nula	Total	<i>Ler muito o livro</i>	Frequência
			Parcial	<i>Ler muito [d]o livro</i>	Partes mereológicas

	Verbos de Criação	Direta	Total	<i>Desenhar muito o projeto do museu</i>	Frequência?? Duração??
				<i>Pintar muito o quadro</i>	Frequência?? Duração??
				<i>Construir muito o hospital</i>	??
				<i>Escrever muito a tese de doutoramento</i>	
			Parcial	<i>Desenhar muito [d]a planta</i>	Partes mereológicas
				<i>Construir muito [d]o hospital</i>	
				<i>Pintar muito [d]o quadro</i>	
				<i>Escrever muito [d]a tese de doutoramento</i>	
	Grupo 2: Verbos de Modo de Movimento	Nula	Total	<i>Correr muito a maratona</i>	Frequência
			Parcial	<i>Correr muito [d]a maratona</i>	Partes Mereológicas?
	Verbos de Movimento Direcionado	Nula	Total	<i>O João subiu muito a Serra da Estrela.</i>	Frequência
			Parcial	<i>O João subiu muito [d]a Serra da Estrela.</i>	Partes mereológicas?
Incrementalidade subespecificada	Grupo 3: Verbos de Contacto com superfícies	Indireta	Total	<i>Esfregar muito a banheira</i>	Frequência
		Indireta	Parcial	<i>Esfregar muito da banheira</i>	Partes mereológicas
Incrementalidade		Não incrementalidade	-	<i>Esfregar muito</i>	Duração Intensidade

	Grupo 4: Verbos de Mudança de estado	Incrementalidade irrelevante	-	<i>Aquecer muito a sopa</i> <i>Molhar muito a camisola</i>	$d > d_s$
			-	<i>Encher muito o copo</i> <i>Esvaziar muito a piscina</i>	$d > d_s$ $d_s = d_{máx}$

A partir desta divisão, levantou-se uma hipótese, que carece de maior investigação e validação, e que surgiu a partir da diferença entre as interpretações obtidas na ausência de complemento interno explícito. Assim, retomando as ideias de Oliveira & Leal (2015), em PE, a telicidade deverá ser lexicalmente codificada de três formas, originando três tipos de verbos [- télicos], [+ télicos] e [α télicos] (cf. Capítulo 1, Secção 1.3.6.). Os verbos que representam Processos Culmináveis deverão representar, por isso, verbos do terceiro tipo, o que significa que a codificação da telicidade dependerá do contexto final, como, aliás, se confirmou pela análise dos dados da presente tese. Apesar disso, na investigação dos próprios autores, são discutidos casos particulares, notando-se que existem certos verbos que são mais naturalmente encarados como télicos, como é o caso de *beber*, e outros que mais facilmente são interpretados como atélicos, como ocorre com *estudar*. De facto, esta possibilidade parece confirmada pela análise empreendida no presente estudo, já que, no caso de verbos de tema incremental estritos e não estritos, na ausência de complemento, a leitura preferencial é a que envolve uma quantidade, o que significa que o quantificador atua no sentido de ‘substituir’ ou completar a posição deixada vazia, específica para o argumento Tema (cf. (113)). O mesmo ocorre com verbos de contacto com superfícies (cf. (114)).

(113) O meu sobrinho comeu **muito**!

- a. O meu sobrinho comeu *uma grande quantidade de comida/matéria comestível/alimentos*.

(114) (Durante essa tarde,) A funcionária do hotel esfregou **muito**.

- a. A funcionária do hotel esfregou *muitas coisas*.

Pelo contrário, na ausência de argumento interno explícito, os verbos de movimento quantificados são interpretados da mesma forma que os processos, ou seja, o argumento de grau é preenchido por uma escala indeterminada, que pode referir-se a duração, intensidade, velocidade, distância ou outra.

(115) O atleta correu **muito**.

a. A Maria dançou **muito**.

Este comportamento parece permitir colocar a hipótese de que, no primeiro caso, os verbos correspondem a processos culminados que aceitam perder a culminação, ao contrário do que ocorre com os verbos de movimento, que parecem comportar-se como processos, que aceitam receber uma culminação pela introdução de um percurso delimitador do evento.

O caso dos DAs é ligeiramente diferente, já que, apesar de terem telicidade variável, estes verbos não podem aparecer sem argumento interno explícito (cf. (116)), e a possibilidade de surgirem em leituras télicas e atélicas depende da fixação de um valor para *standard* de comparação (cf. (116a.)-(116b.)).¹⁹⁰

(116) *O João *aqueceu* **muito**.

a. O João *aqueceu* **muito** o leite, de tal forma que o bebé não o conseguiu beber.

¹⁹⁰Note-se que, em certos casos, é possível que os verbos aceitem, aparentemente, ocorrer sem complemento explícito, como ocorre em (i). No entanto, neste caso, o complemento é obtido por inferência e corresponde ao corpo do João. Assim, a frase em (i) é parafraseável por *A temperatura corporal do João arrefeceu muito*. Esta leitura só é possível pela influência do conhecimento do Mundo.

(i) #O João arrefeceu **muito**.

- b. O João *aqueceu* **muito** o leite, mas não ficou suficientemente quente para o gosto do bebê.

5.6. Sumário

Neste capítulo, definiu-se uma proposta explicativa para a quantificação verbal em PE, tendo em conta as leituras obtidas a partir da análise realizada no capítulo anterior (ver Capítulo 4), que agora se apresenta de forma sintetizada.

- A distinção entre verbos escalares e não escalares e o argumento de grau implícito na denotação verbal:

Defende-se uma distinção fundamental entre verbos escalares e não escalares, em PE, que se distinguem segundo o critério da duratividade (segundo Beavers, 2002; e Wechsler, 2005), de acordo com o qual verbos durativos são tipicamente graduáveis e verbos não durativos são tipicamente não graduáveis. Propõe-se que a diferença entre verbos escalares e não escalares se relaciona com a presença de um argumento de grau na denotação do verbo, no primeiro caso, e com a sua ausência, no segundo. Desse modo, o argumento de grau dos verbos escalares deverá ser preenchido por uma escala, que corresponderá a uma propriedade graduável relacionada com o evento. Esta diferença tem consequências ao nível do comportamento do quantificador, que deverá atuar como modificador de grau, no caso dos verbos escalares, e como operador de frequência, com verbos não escalares, o que explica a leitura de frequência que se obteve para eventos correspondentes a culminações e pontos.

- Uma proposta de análise escalar para a quantificação verbal em PE: escalas indeterminadas e a escala de progressão do evento:

Dentro dos verbos escalares, i.e., estados, processos, processos culmináveis e processos culminados, verificou-se uma distinção entre estados e processos, por um lado, e processos com culminação, por outro. Propõe-se que, em PE, os estados e os

processos são preenchidos por uma escala indeterminada, seguindo-se os trabalhos de Sanchez-Mendes (2015) sobre o Karitiana, introduzidos no presente capítulo. Desse modo, assume-se que estes verbos lexicalizam um conjunto de escalas possíveis (como intensidade ou duração), e que é o contexto que vai ajudar a definir a escala e, consequentemente, a interpretação final da frase. A escala selecionada preenche, depois, o argumento de grau na denotação de verbo, ficando disponível para ser modificada por *muito*, que tem como função indicar um grau elevado, mas não máximo, da propriedade em questão.

Já no caso de processos com culminação (culminados e culmináveis com argumento interno explícito), de acordo com a proposta avançada na presente tese, estes distinguem-se de estados e processos pela forma como o argumento de grau na denotação verbal é preenchido. Assim, recorreu-se a um conjunto de trabalhos sobre verbos de Tema Incremental, tendo-se explicitado as propostas de Beavers (2008; 2012) e Kardos (2012; 2016; 2019) na secção 5.3.1, para propor que, em PE, o argumento de grau, nestes casos, deverá ser preenchido por uma escala de progressão do evento, estabelecida a partir do homomorfismo entre o verbo e o seu argumento interno. Daqui resulta uma escala que mede um percurso (real ou abstrato), e que estabelece, também ela, uma relação homomórfica com as anteriores, definindo, desse modo, a forma exata como o evento progride. A partir do momento em que o argumento de grau é preenchido pela escala de progressão do evento, *muito* pode atuar na sua função prototípica de modificador de grau proporcional, indicando que o evento não progrediu até ao fim (i.e., impondo uma anulação da culminação do evento), por um lado, e, por outro, denotando que as subpartes da entidade referida pelo argumento interno não foram afetadas na sua totalidade, de onde resulta a leitura de partes mereológicas.

- A noção de afetação e a classificação dos processos culmináveis em quatro subgrupos:

A partir da observação anterior, notou-se, porém, que, dentro da classe dos processos culmináveis, o comportamento não era homogéneo, o que levou à

consideração de quatro tipos de processos culmináveis, que se distinguem pelo tipo de homomorfismo que estabelecem com o seu argumento interno, bem como pela forma como o afetam: i) verbo de criação e de consumo; ii) verbos de movimento; iii) verbos de contacto com superfícies e, por fim, iv) *Degree Achievements*.

No caso de verbos de criação e de consumo de incrementalidade estrita, como *construir* e *comer*, o argumento interno é afetado de forma direta, aparecendo ou desaparecendo no decurso do evento, o que significa que estes eventos não podem ser repetidos. Por esse motivo, o homomorfismo (obrigatório) que se estabelece entre o verbo e o argumento interno define a escala de progressão do evento, que preenche o argumento de grau na denotação do verbo. Pela atuação do quantificador *muito*, a culminação é anulada, o que tem como consequência a emergência de uma leitura de partes mereológicas (*O João comeu muito [d]a maçã*). Esta interpretação de partes mereológicas põe em evidência uma afetação não total do argumento interno, i.e., as subpartes da maçã não foram todas afetadas, tendo havido partes da maçã que não foram comidas pelo João.

Já no caso de verbos de criação e de consumo de incrementalidade não estrita, o argumento interno pode ser afetado de forma indireta, como acontece com *pintar a parede*, verificando-se uma mudança numa propriedade da entidade denotada pelo SN argumento interno, ou nula, como ocorre com *ler o livro*, caso em que não se verifica qualquer mudança na entidade denotada pelo SN argumento interno. Nestes casos, então, além das interpretações relativas à anulação da culminação do evento (e partes mereológicas), surge ainda uma possibilidade interpretativa que se relaciona com a frequência, i.e., a repetição de eventos, leitura prototípica dos eventos pontuais (tipicamente denotados por verbos não escalares). A proposta explicativa que se avança, neste caso, é a de que a leitura de frequência, nestes casos, retoma a incrementalidade estrita. Assim, assume-se que cada evento repetido corresponde a um evento máximo (com base nas ideias de Filip, 2008; e.o.) e, conseqüentemente, deixam de ser relevantes as características internas de cada um desses eventos, que passam a ser encarados como atômicos (i.e., pontuais).

- O operador de maximização implícito na denotação verbal:

A partir desta reflexão, tornou-se possível definir que, em PE, os verbos contêm um operador de maximização implícito na denotação verbal e que a ativação deste mesmo operador depende de três critérios: os dois previamente definidos por Filip, i.e., o estabelecimento de uma relação homomórfica e a existência de uma relação de ordenação dos subeventos, e um terceiro, a afetação total (ou seja, de todas as subpartes) de entidade denotada pelo SN argumento interno.

No caso dos verbos de movimento, verificou-se que a presença de um argumento interno definido ou indefinido contribuía com um ‘tipo’ de percurso de referência (uma maratona, os 500 metros, o Monte Everest, etc.), o que permite estabelecer uma tipologia de eventos, representados no evento máximo, de onde surge, obrigatoriamente, uma leitura de frequência.

Já com verbos de contacto com superfícies, a interpretação final das frases contendo verbos quantificados depende do tipo de homomorfismo que se estabelece entre o verbo e o seu argumento interno. De facto, no caso particular destes verbos, o homomorfismo não é obrigatório. Assim, ao estabelecer-se uma relação homomórfica entre verbo e argumentos, as interpretações são as que se mencionaram até aqui: ou há uma anulação da culminação do evento, assumindo-se uma leitura de que as partes da entidade denotada pelo SN argumento interno não foram todas afetadas no decurso do evento; ou há uma retoma da incrementalidade estrita, repetindo-se, em número elevado e indeterminado, o evento máximo. No entanto, se o estabelecimento desta relação não ocorrer, o evento passa a ser encarado como um processo, e, daí, podem surgir leituras relativas a escalas indeterminadas (como intensidade ou duração).

Por fim, e contrariamente aos casos anteriores, mostrou-se, na subsecção final do presente capítulo, que os *Degree Achievements*, por derivarem de adjetivos graduáveis, lexicalizam uma escala correspondente a uma propriedade graduável do evento, o que tem como consequência o facto de que, nestes casos, o estabelecimento de um homomorfismo é irrelevante para o preenchimento do argumento de grau. Desse

modo, *muito* atua diretamente sobre a escala pré-definida pelo próprio verbo, indicando uma diferença elevada de grau entre o início e o fim do evento.

Conclusão

Apesar da investigação existente em quantificação no domínio nominal, em muitas línguas, entre elas, o PE, a quantificação verbal permanece relativamente pouco estudada, e a maior parte das propostas existentes foca-se num tópico específico. Sendo comum a quantificação no domínio verbal em PE, o objetivo central do presente trabalho relacionou-se com a análise da quantificação verbal numa perspetiva semântica, particularmente no que se refere a eventos quantificados com *muito*. A análise desenvolvida procurou estabelecer uma proposta capaz de articular questões normalmente abordadas de forma isolada relacionadas com a classe aspetual das eventualidades, a estrutura eventiva, a natureza dos argumentos envolvidos e a influência de outras informações contextuais relevantes no estabelecimento das interpretações finais das frases.

Chegando-se à fase final da investigação, estão agora reunidas as condições para responder, de forma integrada, às questões colocadas no início da investigação.

A análise dos dados permite responder à primeira questão de investigação, já que mostrou que a interpretação das eventualidades quantificadas com *muito* é condicionada por um conjunto de fatores linguísticos e contextuais, nomeadamente: i) a classe aspetual do verbo; ii) o tipo de verbo, quanto ao seu significado; iii) a presença e natureza do argumento interno; iv) a presença de elementos delimitadores da eventualidade; v) presença de modificadores ou outros elementos capazes de restringir o contexto e, por último, vi) tempos verbais.

Relativamente à compatibilidade de *muito* com as diferentes classes aspetuais, que constituía a segunda pergunta de investigação, a análise dos dados permitiu concluir que este quantificador é compatível com todas as classes aspetuais analisadas, embora apresente algumas restrições de aceitabilidade, especialmente com alguns processos culmináveis. De facto, nestes casos, especialmente na presença de um argumento interno com referência quantizada, notaram-se restrições de aceitabilidade e de interpretação. Culminações e pontos apresentam elevada compatibilidade com *muito*,

admitindo, apenas, leituras de frequência, associadas à repetição de ocorrências/episódios.

Partindo de uma análise baseada numa perspectiva escalar, propôs-se uma divisão entre verbos escalares e não escalares, que permitiu identificar duas funções principais desempenhadas por *muito* enquanto quantificador verbal em PE, o que constitui uma resposta à terceira questão colocada no início da investigação: i) modificador de grau, que atua sobre uma dimensão escalar do evento que modifica; ou ii) quantificador de eventos, caso em que apenas multiplica o número de ocorrências de um dado evento. A distinção entre verbos escalares e verbos não escalares assenta na presença de um argumento de grau na denotação verbal dos primeiros, e sua ausência nos segundos. Assim, verbos escalares deverão denotar eventos associados a estados, processos e processos culmináveis e culminados. Diferenças comportamentais observadas entre estas eventualidades são explicadas com recurso à forma como o argumento de grau é preenchido: com estados e processos, o argumento de grau é preenchido por uma escala indeterminada, selecionada a partir do significado lexical do verbo, conforme proposto em Sanchez-Mendes (2015) para o Karitiana. No caso dos processos culmináveis, mesmo na ausência de *muito* , a presença de um argumento interno quantizado acrescenta um subevento de mudança de estado à estrutura subeventiva, tornando-os processos culminados. Esta alteração conduz ao estabelecimento de relações homomórficas que permitem a definição de uma escala de progressão do evento, capaz de medir com relativa precisão a forma como este progride, espelhando inclusivamente a forma como o argumento interno é afetado ao longo do evento. Esta escala deverá ser utilizada para preencher o argumento de grau, sendo de seguida modificada por *muito* . Ao modificar a escala de progressão, *muito* , mantendo o seu comportamento de quantificador proporcional, indica um grau elevado (não máximo) da propriedade. Como, pela atuação de *muito* , a progressão do evento não é máxima, este perde a sua culminação. Por via do homomorfismo previamente estabelecido, a entidade denotada pelo argumento interno não é afetada de forma total (ou seja, em todas as suas subpartes), daí surgindo a leitura de partes mereológicas. Alternativamente, o quantificador pode selecionar o evento máximo, multiplicando-o e

indicando uma repetição de ocorrências; neste caso, a escala de progressão do evento não é modificada, mantendo-se fixada no grau máximo. Por fim, com culminações e pontos, *muito* apenas multiplica o número de ocorrências, numa leitura de frequência que não provoca qualquer alteração nas características aspetuais básicas das eventualidades.

De acordo com esta proposta, com estados e processos, este quantificador não promove qualquer alteração aspetual, limitando-se a ativar a seleção de uma escala indeterminada, a partir de um conjunto de opções disponibilizadas lexicalmente pelo verbo. No entanto, com processos com culminação, o estabelecimento de uma escala de progressão do evento, pré-definida no grau máximo, que preenche o argumento de grau, leva a que *muito* possa atuar diretamente sobre esta escala no sentido de anular o grau máximo da mesma (o evento completo, i.e., culminado). O quantificador é assim responsável por anular o ponto de culminação do evento, o que tem como consequência a transformação de um evento télico em atélico.

Alternativamente, em contextos que favorecem leituras de repetição de eventos, propõe-se que, nesses casos, o quantificador seleciona o evento máximo, repetindo-o. Esta repetição de subeventos máximos transforma o evento num processo (ou seja, numa eventualidade sem culminação). Ficam, assim, respondidas as perguntas de investigação 5. e 6.

Este comportamento evidenciou a necessidade de avaliar a relação entre *muito* e a estrutura subeventiva, particularmente com eventos complexos, questão colocada no início da investigação, tendo-se mostrado que, quanto mais complexa a estrutura subeventiva, maiores são as dificuldades na aceitação das frases contendo eventos quantificados por *muito*. O facto de, com processos culmináveis com argumento interno quantizado explícito, cuja estrutura subeventiva inclui um subevento de mudança de estado, a única leitura disponível ser a que envolve um evento que não chega a culminar, mostra que a presença de *muito* tem consequências diretas ao nível da telicidade, contribuindo para a atelicização de eventualidades télicas.

Os dados confirmaram que a presença e a natureza do argumento interno constituem fatores decisivos na interpretação dos eventos quantificados por *muito*. Para avaliar a relação entre a quantificação por *muito* e os argumentos verbais, testou-se a presença de argumentos de natureza diferente, recorrendo-se a SNs construídos com artigo definido e indefinido e, por último, *bare plurals* (que, contrariamente aos dois primeiros, apresentam referência cumulativa). Contrariamente ao que ocorre com argumentos internos com referência quantizada, que adicionam um subevento de mudança de estado à estrutura eventiva, a presença de um argumento interno com referência cumulativa conduz à interpretação dos eventos quantificados como processos. Esta leitura está normalmente associada a uma tipologia de eventos que envolve repetição de ocorrências (i.e., frequência) e, em alguns casos, também quantidade.

O presente estudo revelou que, em PE, a interpretação de eventos quantificados por *muito* não depende apenas da presença e natureza do argumento interno, mas também da forma como a entidade por ele denotada é afetada no decurso do evento. Observou-se que a entidade denotada pelo argumento Tema pode ser afetada de forma direta, indireta ou nula, por um lado, e total ou parcial, por outro, influenciando assim a telicidade das eventualidades. No primeiro caso, a entidade aparece ou desaparece no decurso do evento, sendo por isso afetada na sua extensão física de forma direta. Este é o comportamento canónico de verbos de criação e de consumo estritamente incrementais. A afetação indireta refere-se a uma mudança de estado que se verifica, não na extensão física, mas sim numa propriedade da entidade (cor, temperatura ou largura). Por fim, quando não se verifica qualquer mudança no estado da entidade no decurso do evento, esta não é afetada, pelo que a afetação é nula. Se se tiver em conta a quantidade de subpartes constitutivas da entidade que participam no evento, a afetação vai ser total, se todas as subpartes da entidade foram afetadas no decurso do evento, ou parcial, se apenas algumas subpartes forem afetadas. A afetação total ou parcial é independente da afetação direta, indireta ou nula das entidades.

Esta observação conduziu à proposta de que, tal como ocorre noutras línguas (cf. Filip, 2008; e.o.), em PE, os verbos poderão conter um operador de maximização

implícito. A ativação deste operador, em PE, depende, não de dois (conforme proposto por Filip), mas de três critérios:

- i) a existência de uma relação homomórfica entre o verbo e o(s) seu(s) argumento(s), que ordena os subeventos na denotação do evento, estabelecendo, de forma **relativamente** precisa, a progressão do evento relativamente à mudança sofrida pela entidade denotada pelo argumento Tema;
- ii) a presença de um argumento interno quantizado (construído com artigo definido ou indefinido específico), que atribua referência única e estrutura partitiva à entidade denotada pelo argumento Tema;
- iii) a afetação total da entidade denotada pelo argumento Tema;

Estes três critérios permitem explicar a difícil aceitabilidade de frases construídas com eventos quantificados representados por verbos de criação e de consumo de incrementalidade estrita, como *comer*, *beber*, *construir*, *destruir* e *escrever*. Estes verbos respondem afirmativamente aos três requisitos acima apresentados, garantindo a interpretação do evento máximo.

Os dados analisados permitiram ainda concluir que nem todos os verbos apresentam o mesmo comportamento relativamente à quantificação por *muito*, devido às diferentes relações que podem estabelecer-se entre o evento e o argumento interno. Os resultados permitiram categorizar os processos culmináveis analisados em quatro grupos distintos.

- i) Verbos de criação e de consumo

Os verbos de criação e de consumo caracterizam-se por estabelecerem uma relação homomórfica entre o evento e o argumento Tema, definindo, através desta, uma escala de progressão do evento. Quando se trata de verbos de incrementalidade estrita afetam de forma direta e irreversível o seu argumento Tema no decurso do

evento, impedindo, assim, uma leitura de frequência. Consequentemente, nestes casos, a única leitura possível, i.e. a anulação da culminação do evento, resulta da modificação de grau provocada por *muito* ao atuar diretamente sobre a escala de progressão do evento. Por sua vez, os verbos de incrementalidade não estrita permitem a repetição do evento, por não imporem a criação/consumo total e irreversível da entidade denotada pelo argumento interno. Por esse motivo, podem, adicionalmente, ser interpretados numa leitura de frequência, na qual os subeventos máximos são repetidos um número elevado e indefinido de vezes.

ii) Verbos de movimento

No caso dos verbos de movimento, o argumento interno não denota uma entidade, mas sim um percurso, o que significa que a relação homomórfica se estabelece entre o evento e esse percurso. A entidade que sofre a mudança de estado (neste caso, uma mudança na sua localização espacial) não é, por isso, afetada de forma direta, e estes eventos podem ser repetidos. Nestes casos, a introdução de um argumento interno que denota um percurso contribui para estabelecer uma tipologia de eventos, associada à frequência (p.ex., em *O João correu muitas vezes os 500m, os 500m* denota o ‘tipo de corrida’). Os eventos são novamente interpretados maximamente, assumindo-se que, o percurso é percorrido do início ao fim. Uma segunda alternativa disponível é a que envolve a anulação da culminação, embora, como se viu (cf. Capítulo 5), seja necessário especificar bastante o contexto para obter essa interpretação.

iii) Verbos de contacto com superfícies

Além das interpretações anteriormente mencionadas, os verbos de contacto com superfícies apresentam uma terceira possibilidade interpretativa, que envolve uma escala de intensidade. Este comportamento justifica-se pelo facto de o estabelecimento de uma relação homomórfica entre o evento e o seu argumento interno ser opcional. Assim, ao estabelecer-se o homomorfismo, este garante a existência de uma escala de

progressão do evento, permitindo as leituras previamente analisadas; pelo contrário, a falha no estabelecimento desta relação impede a consideração deste evento como um processo culminado, o que significa que este só poderá ser interpretado como um processo, o que se revela compatível com leituras de intensidade e duração.

iv) Degree Achievements

Por fim, no caso dos DAs, o estabelecimento de uma relação homomórfica entre o evento e o argumento interno é irrelevante para a interpretação final da frase. Desse modo, nestes casos, os eventos quantificados deverão ser interpretados como eventos de mudança de estado, relacionada com uma propriedade graduável associada ao evento, sendo a estrutura partitiva dessa entidade irrelevante para a interpretação da frase. Este comportamento dos DAs justifica-se pela lexicalização dos parâmetros escalares no próprio verbo, o que significa que o argumento de grau é preenchido por uma escala pré-definida lexicalmente, sobre a qual o quantificador atua diretamente como modificador de grau.

A presente investigação permitiu ainda inferir que a leitura de frequência associada à presença de *muito* depende da delimitação do evento. Eventos pontuais recebem naturalmente interpretações de frequência, ao contrário de eventos durativos, que só deverão apresentar esta leitura quando o contexto linguístico fornecer informação suficiente para a delimitação do evento, seja através da presença de um argumento interno, seja através de elementos delimitadores. Da análise empreendida, verificou-se que a presença de sintagmas preposicionais indicadores de uma localização espacial contribui para a delimitação espaço-temporal do evento, sendo responsável por induzir, normalmente, leituras de frequência. Observou-se, em concordância com Cunha (2015), que a frequência corresponde a um padrão de repetição de situações que não altera as características aspetuais básicas das eventualidades. No caso dos verbos durativos, particularmente verbos de Tema incremental, a presença de um argumento interno quantizado transforma os eventos em processos culminados. Nestes casos, a leitura de frequência impõe a retoma da incrementalidade estrita, indicando que todos

os subeventos na denotação deste evento são eventos máximos. Nesta interpretação, os subeventos passam então a ser vistos como atômicos, e as características internas específicas de cada um deles deixam de ser relevantes para o estabelecimento da interpretação final das frases, aproximando-se do comportamento de pontos. Com verbos durativos, então, a leitura de frequência depende da ativação do operador de maximização, estando disponível apenas no caso de verbos que imponham uma afetação indireta ou nula aos seus argumentos internos.

Outro fator que poderá contribuir para a delimitação do evento é a presença de uma localização temporal. Neste caso, a extensão temporal do evento, do próprio adverbial temporal delimitador (curta, média ou longa) e até mesmo o conhecimento do Mundo dos falantes confluem para o estabelecimento da interpretação final, determinando a possibilidade, ou não, de repetição do evento. De facto, adverbiais temporais indicadores de uma extensão temporal curta tendem a impedir a leitura de frequência, especialmente quando os eventos envolvem uma duração prolongada no tempo, como *pintar um quadro*, ou *ler um livro*. Neste caso, então, mesmo na presença de argumentos internos quantizados e específicos, os eventos tendem a ser interpretados como se de processos se tratassem, o que permite resolver a dificuldade no processamento das frases. Por outro lado, com extensões temporais intermédias e longas, é já possível obter-se uma leitura de frequência.

Por sua vez, os tempos verbais também deverão ter influência na interpretação final das frases. Com efeito, a partir da análise de exemplos com verbos no Presente, Pretérito Imperfeito e Pretérito Perfeito Composto, verificou-se que os tempos verbais e o quantificador contribuem com informações diferentes para o processamento das frases: enquanto *muito* tendencialmente introduz informação escalar, os tempos verbais analisados introduzem informação sobre um padrão de repetições, contribuindo para uma leitura habitual ou iterativa dos eventos. Ainda assim, a análise foi restrita a tempos verbais que induzem padrões de repetição de situações, pelo que seria relevante expandir o estudo a todos os tempos e modos verbais, para avaliar com mais rigor a interação com o quantificador *muito*. Esta constitui uma limitação da presente investigação.

Assim, as principais contribuições da presente investigação para o estudo da quantificação verbal em PE podem ser sintetizadas nos seguintes tópicos:

- Propôs-se uma distinção entre verbos escalares e não escalares, baseada na presença de um argumento de grau na denotação dos primeiros, e correspondente ausência nos segundos.
- Mostrou-se que *muito* pode funcionar como: i) modificador de grau, quando se combina com verbos escalares, operando sobre uma dimensão escalar associada ao evento; e ii) quantificador de eventos, quando se combina com verbos não escalares, dando origem a leituras de multiplicação de ocorrências.
- Propôs-se que, em PE, os verbos contêm um operador de maximização implícito na sua denotação, e que a sua ativação depende de três critérios: i) estabelecimento de uma relação homomórfica entre o evento e o argumento interno, ii) presença de um argumento interno com referência quantizada e iii) afetação total da entidade envolvida.
- Evidenciou-se a existência de diferentes tipos de afetação, relacionados com o tipo de mudança que induzem na entidade (afetação direta, indireta ou nula), ou com a quantidade de subpartes da entidade que são afetadas no decurso do evento (diferença entre afetação total e parcial).
- Apresentou-se uma análise escalar para explicar a interação entre *muito* e a estrutura subeventiva, segundo a qual a modificação por *muito* pode atuar numa escala, definida por um conjunto de relações homomórficas, que mede a progressão do evento, levando a uma anulação do ponto de culminação de eventos originalmente télicos, e explicando de forma sistemática os casos de alteração aspetual observados nos dados do PE.
- Apresentou-se uma divisão dos processos culmináveis em quatro grupos de verbos que correspondem (ou podem corresponder) a eventos deste tipo: i) verbos de criação e consumo; ii) verbos de movimento; iii) verbos de contacto com superfícies e iv) *Degree Achievements*.

- Foi possível identificar, numa proposta unificada, o conjunto de fatores linguísticos e contextuais que condicionam as interpretações das eventualidades quantificadas com *muito*, incluindo a classe aspetual, o significado lexical do verbo, a natureza do argumento interno, a presença de elementos delimitadores e o tempo verbal.

Tendo-se dado resposta às principais questões de investigação colocadas, mas sabendo-se que, como em todos os trabalhos de investigação, ao longo do presente estudo, surgiram dúvidas e questões a que não pôde dar-se a devida atenção, parece agora relevante apresentar algumas limitações do estudo, bem como propostas de investigação futura.

A divisão dos processos culmináveis em quatro grupos permitiu levantar uma hipótese sobre a sua estrutura subeventiva, nomeadamente no que diz respeito à presença (ou não) de um subevento de mudança de estado contido na denotação dos verbos. Conforme se observou, com verbos de criação e de consumo e verbos de contacto com superfícies, na ausência de complemento (*comeu muito*), o quantificador parece preencher a posição do argumento interno, contribuindo para o estabelecimento de uma interpretação de quantidade. Pelo contrário, com verbos de movimento (*correu muito*), as leituras obtidas já não se relacionam com uma quantidade, mas sim com uma intensidade, duração ou distância/velocidade, o que parece indicar que, neste caso, o quantificador não preenche a posição do argumento interno, promovendo a seleção de uma escala indeterminada, comportamento tipicamente demonstrado pelos Processos. Partindo desta observação, levantou-se a hipótese de que verbos de Tema incremental e verbos de contacto com superfícies poderão corresponder a processos culminados que aceitam perder a culminação, ao contrário dos verbos de movimento, que deverão corresponder a processos aos quais se pode adicionar uma culminação através da definição de um percurso que indica uma tipologia de eventos (*O Pedro correu muito a meia-maratona*). Esta hipótese, no entanto, carece de maior investigação, o que poderá constituir um possível trabalho futuro.

Um outro caminho relevante para continuar os passos iniciados nesta investigação poderá passar pelo aumento do número de verbos analisados, incluindo-se outras subclasses, especialmente no caso dos estados. De facto, tendo-se analisado estados de dois tipos, ficaram de fora casos como *temer muito*, *assustar muito* e *lamentar muito*, que poderão trazer novas contribuições ao estudo deste tema em PE.

Por fim, por motivos de complexidade da análise e de extensão da investigação, foi imperativo abandonar o quantificador *pouco*, pelo que, em investigação futura, poderia testar-se a compatibilidade dos diferentes verbos com este quantificador, bem como apresentar uma análise contrastiva relativamente a *muito*. Por fim, a introdução, na investigação, de outros advérbios de quantificação, como *imenso*, *bastante* e *bem* poderia, igualmente, ser produtiva, especificamente para a realização de um estudo contrastivo com o PB, especificamente quanto aos trabalhos de Quadros Gomes *et al.* (2021).

Referências Bibliográficas

- Abusch, D. (1986). *Verbs of change, causation and time*. [Report]. Stanford: Center for the Study of Language and Information.
- Abeillé, A.; Bonami, O.; Godard, D. & Tseng J. (2004). The syntax of French *de-N'* phrases. [Online] In S. Müller. *The 11th International Conference on Head-Driven Phrase Structure Grammar (HPSG 2004)* (pp. 6-26). Katholieke Universiteit Leuven: CSLI Publications. Disponível em: <http://www.lif.cnrs.fr/Gens/Abeille/abgt.pdf>
- Agrell, S. (1908). *Aspektänderung und Aktionsartbildung beim polnischen Zeitworte: ein Beitrag zum Studium der indogermanischen Präverbia und ihrer Bedeutungsfunktionen*.
- Alves, A. T. (1993). Introdução à teoria dos quantificadores generalizados. *Discursos*, 4. Universidade Aberta, pp. 65-82.
- Bach, E. (1981). On Time, Tense and Aspect: An Essay in English Metaphysics. In P. Cole (ed.), *Radical Pragmatics* (pp. 62-81). NY: Academic Press.
- Bach, E. (1986). The algebra of events. *Linguistics and Philosophy*, 1(9), pp. 5-16.
- Bach, E.; Jelinek, E.; Kratzer, A. & Partee, B. (eds.). (1995). *Quantification in Natural Languages*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Bartsch, R. & Vennemann, T. (1973). *Semantic structures: a study in the relation between semantics and syntax*. Frankfurt: Athäenum Verlag.
- Barwise, J. & Cooper, R. (1981). Generalized quantifiers and natural language. *Linguistics and Philosophy*, Vol. 4. pp. 159–219.
- Beavers, J. (2002). *Aspect and Distribution of Prepositional Resultative Phrases in English*. Paper presented at the annual meeting of the Linguistic Society of America, San Francisco
- Beavers, J. (2008a). Multiple Incremental Themes and Figure/Path Relations. In T. Friedman and S. Ito (eds.), *SALT XVIII*. Ithaca, NY: Cornell University, pp. 90-107.
- Beavers, J. (2008b). Scalar complexity and the structure of events. In J. Dölling, T. Heyde-Zybatow & M. Schäfer (eds.), *Event Structures in Linguistic Form and Interpretation*. Berlin: De Gruyter, pp. 245-268.

- Beavers, J. (2011a). An aspectual analysis of ditransitive verbs of caused possession in English. *Journal of Semantics* 28, pp. 1–54. doi: <http://dx.doi.org/10.1093/jos/ffq014>
- Beavers, J. (2011b). On affectedness. *Natural Language & Linguistic Theory*, Vol. 29, pp. 335-370.
- Beavers, J. (2012). Lexical aspect and multiple incremental themes. In V. Demonte & L. McNally (eds.), *Telicity, Change, and State: A cross-categorical view of event structure* (pp. 23-59). Oxford: Oxford University Press.
- Beavers, J. (2013). Aspectual Classes and Scales of Change. *Linguistics*, Vol. 51 (4), pp. 681-706.
- Beavers, J. & Koontz-Garboden, A. (2017). Result verbs, scalar change, and the typology of motion verbs. *Language* 93, pp. 842-876. Linguistic Society of America.
- Belletti, A. & Rizzi, L. (1988). Psych-verbs and θ theory. *Natural Language and Linguistic Theory* 6, pp. 291–352.
- Bennett, M. & Partee, B. (1972). Toward the Logic of Tense and Aspect in English. In Partee, Barbara (2004), *Compositionality in Formal Semantics: Selected Papers by Barbara H. Partee* (pp. 59-109). Oxford: Blackwell Publishing.
- Berman, S. (1987). Situation-based semantics for adverbs of quantification. In Juliette Bevens & Anne Vainikka (eds.), *Issues in semantics*, vol. 12. University of Massachusetts Occasional Papers in Linguistics. Amherst, MA: GLSA, pp. 45–68.
- Bierwisch, M. (1989). The semantics of gradation. In M. Bierwisch & E. Lang (eds.), *Dimensional Adjectives. Grammatical Structure and Conceptual Interpretation* (pp. 71-261) Alemanha: Springer-Verlag Berlin Heidelberg.
- Binnick, R. (1991). *Time and the Verb. A guide to Tense and Aspect*. Oxford: Oxford University Press.
- Bochnak, M. R. (2010). Quantity and gradability across categories. In N. Li & D. Lutz (eds.), *Proceedings of SALT 20*. LSA, pp. 251-268.

- Bochnak, M. R. (2013). Two sources of scalarity within the Verb Phrase. In B. Arsenijević; B. Gehrke & R. Marín (eds.), *Studies in the Composition and Decomposition of Event Predicates* (pp. 99-123). Dordrecht: Springer.
- Borer, H. (2005). *The normal course of events*. Oxford: Oxford University Press.
- Bosque, I. (1999). El nombre común. In I. Bosque & V. Demonte (eds.), *Gramática Descriptiva de la lengua española*, Vol. 1, Cap. 1. (pp. 3-76). Espanha: Espasa Calpe España. ISBN 84-239-7918-0.
- Bosque, I. & Masullo, P. J. (1998). On Verbal Quantification in Spanish. In O. Fullana & F. Roca (eds.), *Studies on the Syntax of Central Romance Language: Proceedings of the III Symposium on the Syntax of Central Romance Languages* (pp. 9-63). Universidade de Girona.
- Brito, A. M. (2003). Quantificadores e expressões quantitativas. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte & I. H. Faria (eds.), *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 355-365). Lisboa: Editora Caminho.
- Brito, A. M. (2003). Categorias Sintáticas. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte & I. H. Faria (eds.), *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 323-432). Lisboa: Caminho.
- Bybee, J. L. & Perkins, R. & Pagliuca, W. (1994). *The evolution of grammar: Tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press.
- Cantante, Inês (2023) Algumas notas sobre a quantificação de *Degree Achievements* em Português Europeu. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, N.º 10, 80-91.
- Carlson, G. (1977a). A Unified Analysis of the English Bare Plural. *Linguistics and Philosophy* 1, 413-457.
- Carlson, G. (1977b). Reference to kinds in English. [PhD Dissertation]. New York: Garland Press (1980).
- Carlson, G. (1981). Aspect and Quantification. In P. Tedeschi, A. Zaenen (eds.), *Syntax and Semantics 14, Tense and Aspect*. New York: Academic Press, pp. 31-64.

- Carlson, G. (1983). Logical forma: Types of evidence. *Linguistics and Philosophy* 6(3), 295-317.
- Carlson, G. (1998). Thematic Roles and the Individuation of Events. In S. Rothstein (ed.), *Events and Grammar* (pp.35-52). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Carnap, R. (1936). Testability and meaning. *Philosophy of Science*, 3(4), 419–471. doi: <https://doi.org/10.1086/286432>
- Carnap, R. (1956). *Meaning and Necessity: A study in Semantics and Modal Logic*. 2nd ed. Chicago: University of Chicago Press.
- Caudal, P. & Nicolas, D. (2005). Types of degrees and types of event structures. In C. Maienborn & A. Wöllstein (eds.), *Event Arguments: Foundations and Applications* (pp. 277-300). Berlin/Boston: Mouton de Gruyter.
- CETEMPúblico. **Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público**. Disponível em: <http://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO>
- Chief, L. (2007). *Scalarity and Incomplete Event Descriptions in Mandarin Chinese*. Buffalo: State University of New York [Tese de Doutoramento].
- Chierchia, G. (1995). Individual-level predicates as inherent generics. In G. Carlson & F. J. Pelletier (eds.), *The generic book* (pp. 176-224). Chicago and London: The University of Chicago Press.
- Chierchia, G. (1998). Reference to kinds across languages. *Natural Language Semantics* 6, 339-405.
- Chierchia, G. (2010). Mass nouns, vagueness and semantic variation. *Synthese: An international journal for Epistemology, Methodology and Philosophy of Science*, Vol. 174, 99-149.
- Chierchia, G. & McConnell-Ginet, S. (1990). *Meaning and Grammar: An introduction to Semantics*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Chierchia, G. & Turner, R. (1988). Semantics and property theory. *Linguistics and Philosophy* 11, 261-302.
- Comrie, B. (1976). *Aspect: An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Corver, N. (1997a). *Much support as a Last Resort*. *Linguistic Inquiry* 28.1, pp. 119-164.

- Corver, N. (1977b.). The Internal Syntax of the Dutch Extended Adjectival. *Natural Language and Linguistic Theory* 15, pp. 289-368.
- Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC). Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL).
- Cresswell, M. J. (1973). *Logics and Languages*. London: Methuen.
- Cresswell, M. J. (1976). The Semantics of Degree (pp. 261-292). In B. Partee (ed.), *Montague Grammar*. Academic Press.
- Cunha, L. F. (2004). *Semântica das Predicações Estativas: Para uma caracterização aspectual dos estados*. [Dissertação de doutoramento]. Porto: Universidade do Porto.
- Cunha, L. F. (2013). Aspeto. In Raposo, E.; Bacelar do Nascimento, M.; Coelho da Mota, M.; Segura, L. Mendes, A. (orgs.). *Gramática do Português* (Vol 1, Cap. 17, pp. 585-619). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cunha, L. F. (2015). Iteração, frequência e habitualidade. In P. Silvano & A. Leal (eds.), *Estudos de Semântica* (pp. 211-231). Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Cunha, L. F.; Leal, A. & Silvano, P. (2007). Some issues on quantification in consecutive clauses. *Verbum – Revue de Linguistique*, 29 (3), pp. 319-334.
- Czardybon, A. & Fleischhauer, J. (2014). Definiteness & perfectivity in telic incremental theme predications. In D. Gerland; C. Horn; A. Latrouite & A. Ortmann (eds.), *Meaning and Grammar of Nouns and Verbs* (pp. 373-400). Düsseldorf: Düsseldorf University Press. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/4ff7/e2cd2acc1c5a7b78e92e6dde401ef154624b.pdf>
- Dahl, O. (1985). *Tense and Aspect Systems*. Oxford: Blackwell.
- Davidson, D. (1967). The logical form of action sentences. In N. Rescher (ed.), *The Logic of Decision and Action* (pp. 81-95). Pittsburgh: Pittsburgh University Press.
- de Swaart, H. (1998). Aspect Shift and Coercion. *Natural Language & Linguistic Theory*, 16, pp. 347-385.

- Diesing, M. (1992). *Indefinites*. Linguistic Inquiry Monograph 20. [Col.]. Cambridge, MA: MIT Press.
- Doetjes, J. (1997). Quantifiers and selection: On the distribution of quantity expressions in French, Dutch and English. [Doctoral Thesis]. Leiden University: Holland Academic Graphics.
- Doetjes, J. (2007). Adverbs and quantification: Degrees versus frequency. *Lingua*, Vol. 117(4), pp. 685-720
- Dowty, D. (1979). *Word Meaning and Montague Grammar*. Studies in Linguistics and Philosophy, Vol. 7. [Col.] Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Dowty, D. (1991). Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language*, Vol. 67, N.3, pp. 547-619.
- Duarte, I. & Oliveira, F. (2003). Referência Nominal. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte & I. H. Faria (eds.), *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 205-242). Lisboa: Caminho.
- Duarte, I. & Oliveira, F. (2010). Princípios Resultativos. *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, APL, pp. 397-408
- Filip, H. (1993). *Aspect, situation types, and nominal reference* (Dissertação de doutoramento). University of California, Berkeley.
- Filip, H. (1996). Quantification, Aspect and Lexicon. In G. M. Kruijff; G. Morrill & D. Oehrle (eds.), *Proceedings of the ESSLI '96 Conference on Formal Grammar*, (pp. 43-56). Prague, Czech Republic: Charles University.
- Filip, H. (1999). *Aspect, Eventuality Types and Nominal Reference*. Routledge.
- Filip, H. (2008). Events and Maximalization: The Case of Telicity and Perfectivity. In S. Rothstein (ed.), *Theoretical and Crosslinguistic Approaches to the Semantics of Aspect*. John Benjamins Publishing Company, pp. 219-256.
- Filip, H. (2011). Aspectual Class and Aktionsart. In C. Maienborn; K. von Stechow & P. Portner (eds.), *Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning* (Vol. 2, Chapter 48, pp. 1186-1216). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.

- Filip, H. (2012). Lexical Aspect. In R. I. Binnick (ed.), *The Oxford Handbook of Tense and Aspect* (pp. 721–751). Oxford University Press.
- Filip, H. & Rothstein, S. (2006). Telicity as a semantic parameter. In J. Lavine; S. Franks; H. Filip & M. Tasseva-Kurktchieva (eds.), *Formal Approaches to Slavic Linguistics: The Princeton University Meeting* (pp. 139–156). Ann Arbor, MI: University of Michigan Slavic Publications.
- Fleischhauer, J. (2016). Degree gradation of verbs. [Doctoral Dissertation]. Düsseldorf: Düsseldorf University Press.
- Fleischhauer, J. & Gamerschlag, T. (2014). We are going through changes: How change of state verbs and arguments combine in scale composition. *Lingua* 141, pp. 30–47.
- Frege, G. (1879). *Begriffsschrift: A formal language of pure thought modeled upon the language of arithmetic*. Louis Nebert.
- Gamut, L. T. F. (1991). *Logic Language, and Meaning*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Garey, H. (1957). Aspectual Verbs in French. *Language*, 33, pp.91–110.
- Gawron, J. M. (2007). *Differentiating mereological and degree based approaches to aspect*. Paper presented at Workshop the Syntax and Semantics of Measurability. University of Tromsø, 17 September, 2007.
- Geach, P. T. (1962). *Reference and Generality: An examination of some medieval and modern theories* (3rd ed.). Ithaca and London: Cornell University Press.
- Gil, D. (1993). Nominal and Verbal Quantification. *Language Typology and Universals*, 46 (4). Berlim: Sprachtypol. Univ. Forsch (STUF), pp. 275–317. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1524/stuf.1993.46.14.275/html>
- Guimarães, M. R. (2007). *Intensificadores como quantificadores: os âmbitos da expressão da quantificação no português do Brasil*. [Tese de Doutorado] Curitiba: Universidade Federal do Paraná.
- Guimarães, M. R. (2008). Quantificadores de julgamento de valor: para uma análise unificada. *Anais do CELSUL* [Círculo de Estudos Linguísticos].

- Guimarães, M. R. (2010). Advérbios de quantidade, classes verbais e quantificação. *Revista Letras*, n. 81, maio/agosto 2010, pp. 231-262.
- Hale, K. & Keyser, S. (1991). On the Syntax of Argument Structure. *Lexicon Project Working Papers* 10. Cambridge, Mass: MIT, Center for Cognitive Science.
- Hale, K. & Keyser, S. (1992). The Syntactic Character of Thematic Structure. In I. Roca (ed.), *Thematic Structure* (pp. 107-143). De Gruyter Mouton.
- Hale, K. & Keyser, S. (1993). On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. In K. Hale & Keyser, S. (eds.), *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger* (pp. 53-109). Massachusetts: The MIT.
- Hale, K. & Keyser, S. (1994a). On the Complex Nature of Simple Predicators. *Complex Predicates*, 64, pp. 29-65.
- Hale, K. & Keyser, S. (1994b). Constraints on Argument Structure. In B. Lust; M. Sufier & J. Whitman (eds.), *Heads, Projections and Learnability*, vol. 1 (pp. 53-71). Hillsday: Lawrence Earlbaum Associates.
- Hay, J. (1998). The Non-Uniformity of *Degree Achievements*. Paper presented at the *72nd Annual Meeting of the LSA*. New York: NY.
- Hay, J.; Kennedy, C. & Levin, B. (1999) Scalar structure underlies telicity in “degree achievements”. *Proceedings of SALT 9*. CLC Publications, pp. 127–144
- Heim, I. (1982). *The semantics of definite and indefinite noun phrases*. [PhD Thesis]. University of Massachusetts: Amherst.
- Heim, I. (1985). Notes on comparatives and related matters. Austin: University of Texas.
- Heim, I. (2000). Degree Operators and Scope. In B. Jackson & T. Mathews (eds.), *Semantics and Linguistic Theory* 10 (pp. 40-64). NY: CLC Publication Ithaca.
- Hellan, L. (1981). *Towards an integrated analysis of comparatives*. Tübingen: Narr.
- Higginbotham, J. (1985). On Semantics. *Linguistic Inquiry* 16, pp. 547-593.
- Higginbotham, J. (1995). Mass and Count Quantifiers. In E. Bach; E. Jelinek; A. Kratzer & B. Partee (eds.), *Quantification in Natural Languages - Studies in Linguistics*

and Philosophy, vol 54. Dordrecht: Springer. https://doi.org/10.1007/978-94-017-2817-1_13

- Higginbotham, J. & Ramchand, G. (1997). The stage-level/individual-level distinction and the mapping hypothesis. *Oxford Working Papers in Linguistics, Philology and Phonetics* 2, pp. 53–83.
- Hinterwimmer, S. (2020). Nominal vs Adverbial Quantification. In L. Matthewson, C. Meier, H. Rullmann & T. E. Zimmermann (eds.), *The Blackwell Companion to Semantics* (pp. 2065-2093). Blackwell-Wiley, Malden.
- Hopper, P. J. & Thompson, S. A. (1980). Transitivity in Grammar and Discourse. *Language* 56, pp. 251-299.
- Jackendoff, R. (1990). *Semantic Structures*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Jackendoff, R. (1996). The proper treatment of measuring out, telicity, and perhaps even quantification in English. *Natural Language and Linguistic Theory* 14, pp. 305-354.
- Jelinek, E. (1988). Quantification without nouns in Salish. *Symposium in cross-linguistic Quantification*. LSA.
- Jespersen, O. (1924). *The philosophy of Grammar*. London: George Allen & Unwin Ltd.
- Kamp, H. (1979). Events, Instants and Temporal Reference. In R. Bäuerle; U. Egli & A. von Stechow (eds.), *Semantics from Different Points of View* (pp. 131-175). Berlin: Springer.
- Kamp, H. (1981). A Theory of Truth and Semantic Representation. In J. Groenendijk; T. Janssen & M. Stokhof (eds.), *Formal Methods in the Study of Language* (pp. 277-322). Amsterdam: Mathematisch Centrum.
- Kamp, H. & Reyle, U. (1993). *From Discourse to Logic: Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse representation Theory*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Kardos, E. (2012). Toward a scalar semantic analysis of telicity in Hungarian. [Tese de Doutoramento]. Hungria: University of Debrecen.
- Kardos, E. (2016). Telicity Marking in Hungarian. *Glossa: a Journal of General Linguistics* 1(1): 41, pp. 1-37.

- Kardos, E. (2019). Situation aspectual properties of creation/consumption predicates. *Acta Linguistica Academica* 66(4), pp. 491-525.
- Keenan, E. L. (1987). On the Semantic Definition of 'Indefinite NP'. In E. J. Reuland & A. G. B. ter Meulen (eds.), *The representation of (in)definiteness* (pp. 286-317). Cambridge, MA: The MIT Press.
- Keenan, E. L. (1992). Beyond the Frege Boundary. *Linguistics and Philosophy* 15, pp. 199-221.
- Keenan, E. L. (2002). Some Properties of Natural Language Quantifiers: Generalized Quantifier Theory. *Linguistics and Philosophy*, Vol. 25, N. 5/6 (Dec. 2002), pp. 627-654.
- Keenan, E. L. (2004). Excursions in Natural Logic. In C. Casadio; P. J. Scott & R. A. G. Seely (eds.), *Language and Grammar: Studies in Mathematical Linguistics and Natural Language*. Stanford: CSLI.
- Keenan, E. L. & Stavi, J. (1986). A semantic characterization of natural language determiners. *Linguistics and Philosophy* 9, pp. 253-326.
- Kenny, A. (1963). *Action, Emotion and Will*. London: Routledge & K. Paul.
- Kennedy, C. (1999). *Projecting the adjective: The syntax and semantics of gradability and comparison*. [PhD Thesis]. New York: Garland.
- Kennedy, C. (2007) The semantics of relative and absolute gradable adjectives. *Linguistics and Philosophy* 30 (1), pp. 1-45.
- Kennedy, C. (2012) The composition of incremental change. In Violeta Demonte & Louise McNally (orgs.), *Telicity, change, and state: A cross-categorical view of event-structure* (Part 1, pp. 103–121). Oxford University Press.
- Kennedy, C. & McNally, L. (2005) Scale structure and the semantic typology of gradable predicates. *Language* 81, pp. 345–381.
- Kennedy, C. & Levin, B. (2008) Measure of change: The adjectival core of degree achievements. In Louise McNally & Christopher Kennedy (eds.), *Adjectives and adverbs: Syntax, semantics and discourse* (pp.156–182). Oxford University Press.

- Kiss, K. E. (2008). Event structure and the left periphery. *Studies on Hungarian (Studies in natural language & linguistic theory 68)*. Dordrecht: Springer. doi: [10.1007/978-1-4020-4755-8](https://doi.org/10.1007/978-1-4020-4755-8)
- Klein, E. (1991). Comparatives. In A. von Stechow & D. Wunderlich (eds.), *Semantik: Ein internationales Handbuch der zeitgenössischen Forschung*. (pp. 673–691) Berlin: Walter de Gruyter.
- Kratzer, A. (1981). The notional category of modality. In H. J. Eikmeyer & H. Rieser (eds.), *Words, Worlds and Contexts. New Approaches in Word Semantics* (pp. 38-74). Berlin: Walter de Gruyter.
- Kratzer, A. (1989). An investigation of the lumps of thought. *Linguistics and Philosophy*, Vol. 12(5), pp. 607-653.
- Kratzer, A. (1991). Modality/Conditionals. In A. von Stechow & D. Wunderlich (eds.), *Semantik. Ein internationales Handbuch der zeitgenössischen Forschung* (pp. 639-659). Berlin: Walter de Gruyter.
- Kratzer, A. (1995). Stage-Level and Individual-Level Predicates. In G. Carlson & F. Pelletier, *The Generic Book* (pp. 125-175). Chicago/London: The University of Chicago Press.
- Krifka, M. (1989). Nominal Reference, Temporal Constitution and Quantification in Event Semantics. In R. Bartsch, J. van Benthem and P. van Emde Boas (eds.), *Semantics and Contextual Expression*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, pp. 75-116. <https://doi.org/10.1515/9783110877335-005>
- Krifka, M. (1992). Thematic Relations as Links between Nominal Reference and Temporal Constitution. In I. Sag & A. Szabolcsi (eds.), *Lexical Matters* (pp.29-54). Stanford: Center for the Study of Language and Information.
- Krifka, M. (1995). Common Nouns: A Contrastive Analysis of Chinese and English. In G. Carlson & F. Pelletier (eds.), *The Generic Book* (pp.398-411). Chicago: The University of Chicago Press.
- Krifka, M. (1998). The Origins of Telicity. In S. Rothstein (ed.), *Events and Grammar* (pp. 197-235). Dordrecht: Springer Science+Business Media.

- Kripke, S. (1959). A Completeness Theorem in Modal Logic. *Journal of Symbolic Logic* 24, pp. 1-14.
- Kripke, S. (1963). Semantical Considerations on Modal Logic. *Acta Philosophica Fennica* 16, pp. 83-94.
- Kwapiszewski, A. (2020). Extent scales are licensed by atomic Incremental Theme objects: evidence from begin DP. *Proceedings of Sinn und Bedeutung* 24 (1), pp. 482-496.
- Lakoff, G. (1965). *Stative adjectives and verbs in English*. Harvard: Harvard University.
- Landau, I. (2010). *The locative syntax of Experiencers*. Cambridge, MA: MIT Press
- Landman, F. (2004). Indefinites and the Type of Sets. Oxford: Blackwell Publishing.
- Landman, F. (2011). Count nouns, Mass Nouns, Neat Nouns – Mess Nouns. *The Baltic International Yearbook of Cognition, Logic and Communication* 6: 12. Disponível em:
<https://newprairiepress.org/cgi/viewcontent.cgi?article=1055&context=biyclc>
- Leal, A. (2009). *Semântica Aspetual e Nominal: contributo das expressões nominais para a construção aspetual da frase*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. [Tese de Doutoramento]
- Leal, A. & Oliveira, F. (2008). Subtipos de verbos de movimento e classes aspectuais. In M. Lobo & M. A. Coutinho (eds.), *Textos Seleccionados do XXIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 287-298). Lisboa: APL.
- Leal, A.; Ferreira, I. & Cunha, L.F. (2011). Algumas reflexões sobre escalaridade e «degree achievements» em Português Europeu. In *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp.316-324.
- Leal, A. & Oliveira, F. (2016). Verbos de movimento, preposições direcionais e escalas. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, N.º1, pp. 517-538. doi: <http://dx.doi.org/10.21747/2183-9077/rapla22>
- Leal, A., Oliveira, F., & Silvano, P. (2017). Verbos de movimento e preposições direcionais. *Revista Da Associação Portuguesa De Linguística*, N.º 3, pp. 119–133. doi: <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln3ano2017a8>

- Leal, A.; Oliveira, F. & Silvano, P. (2017). Movimento ascendente e descendente em Português Europeu: os casos dos verbos subir e descer. *Colóquio Internacional de Homenagem ao Professor Óscar Lopes*, Universidade do Porto, 6-7 de junho de 2017.
- Levin, B. (1993). *English Verb Classes and Alternations: a Preliminary Investigation*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Levin, B. & Rappaport-Hovav, M. (1995). *Unaccusativity: At the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Levin, B. & Rappaport-Hovav, M. (2005) *Argument Realization*, Research Surveys in Linguistics Series, Cambridge University Press, Cambridge, UK.
- Levin, B. & Rappaport Hovav, M. (2006). Constraints on the Complexity of Verb Meaning and VP Structure'. In H.M. Gaertner, R. Eckardt, R. Musan, and B. Stiebels (eds.), *Between 40 and 60 Puzzles for Krifka*.
- Levin, B. & Rappaport-Hovav, M. (2011a). Lexicalized Meaning and Manner/Result Complementarity. In B. Arsenijević, B. Gehrke, and R. Marín (eds.), *Subatomic Semantics of Event Predicates*. Dordrecht: Springer, pp. 49-70.
- Levin, B. & Rappaport-Hovav, M. (2011b). Lexical Conceptual Structure. In K. von Heusinger, C. Maienborn, and P. Portner, (eds.), *Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning* (Vol. 1, pp. 418-438). Berlin/Boston: Mouton de Gruyter.
- Levin, B. & Rappaport-Hovav, M. (2014). Manner and Result: A View from *clean*. In R. Pensalfini, M. Turpin, and D. Guillemin (eds.), *Language Description Informed by Theory*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 337-357.
- Levin, B. & Rappaport-Hovav, M. (2019). Lexicalization patterns. In R. Truswell (ed.), *The Oxford handbook of event structure*. Oxford: Oxford University Press, pp. 395-425.
- Lewis, D. (1973). *Counterfactuals*. Oxford: Blackwell.
- Lewis, D. (1975). Adverbs of Quantification. In E. L. Keenan (ed.), *Formal Semantics of Natural Language* (pp. 178–188). Cambridge: Cambridge University Press.

- Link, G. (1983). The logical analysis of plurals and mass terms: a lattice theoretical approach. In R. Bäuerle, C. Schwarze & A. von Stechow (eds.), *Meaning, use and interpretation of language* (pp. 302-323). Berlin: Walter de Gruyter.
- Lyons, J. (1977). *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Maienborn, C. (2011). Event Semantics. In C. Maienborn, K. von Heusinger & P. Portner (eds.), *Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning* (Vol. 1, Cap. 34, pp. 802-882). Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.
- McCawley, J. (1968a). Lexical Insertion in a Transformational Grammar without Deep Structure. *CLS* 4, pp. 71-80.
- McCawley, J. (1968b). *The Role of Semantics in a Grammar*. In E. Bach & R. Harms (orgs.), *Universals in Linguistic Theory* (pp. 124-169). New York: Holt, Rinehart & Winston.
- McCawley, J. (1971). Where Do Noun Phrases Come From? In D. D. Steinberg & L. A. Jakobovits (eds.), *Semantics: An Interdisciplinary Reader in Philosophy, Linguistics and Psychology* (pp. 217-231). Cambridge: Cambridge University Press.
- Milsark, G. (1974). Existential Sentences in English. [Tese de Doutorado]. Cambridge: MIT.
- Milsark, G. (1977). Towards an explanation of certain peculiarities of the existential construction in English. *Linguistic Analysis* 3, pp. 1–29.
- Moens, M. (1987). *Tense, Aspect and Temporal Reference*. [Tese de Doutorado]. Edimburgo: Universidade de Edimburgo.
- Moens, M. & Steedman, M. (1988). Temporal Ontology and Temporal Reference. *Computational Linguistics*, 14, pp.15-28.
- Montague, R. (1968). Pragmatics. In R. Kiblansky (ed.), *Contemporary Philosophy: A Survey, Florence* (pp. 102-122).
- Montague, R. (1970a). *English as a Formal Language*. In B. Visentini (ed.), *Linguaggi nella Societa a nella Tecnica* (pp. 188-221). Edizioni di Comunita.
- Montague, R. (1970b). Universal Grammar. *Theoria* 36, pp. 373-398.

- Montague, R. (1973). The Proper Treatment of Quantification in Ordinary English. In J. Hintikka, J. Moravcsik, and P. Suppes (eds.), *Approaches to Natural Language*. Dordrecht: Reidel.
- Montague, R. (1974). *Formal Philosophy: Selected Papers on Richard Montague*. Ed. By R. Thomason. New Haven: Yale University Press.
- Mostowski, A. (1957). On a generalization of quantifiers. *Fundamenta Mathematicae* 44.1, pp. 12-36. Disponível em: <http://eudml.org/doc/213418>.
- Mourelatos, A. (1978). Events, Processes and States. *Linguistics and Philosophy* 2, pp. 415-434.
- Nouwen, R. (2006). Natural Language Quantifiers. *The 18th European Summer School in Logic, Language and Information*, Málaga.
- Oliveira, F. (1996a). Semântica. In I. Faria et al. (orgs.) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* (pp. 333-379). Lisboa: Editora Caminho.
- Oliveira, F. (1996b). Aspecto: Algumas Questões, *Cadernos de Semântica* 20. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Oliveira, F. (2003). Tempo e Aspecto. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte & I. H. Faria (eds.), *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 127-178). Lisboa: Caminho.
- Oliveira, F. (2013). Tempo verbal. In Raposo, E.; Bacelar do Nascimento, M.; Coelho da Mota, M.; Segura, L. Mendes, A. (orgs.). *Gramática do Português* (Vol 1, Cap. 15, pp. 509- 556). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Oliveira, F. (2015). O imperfeito e o tempo dos indivíduos. In A. Leal & P. Silvano (coords.), *Estudos de Semântica* (pp.9-24). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Oliveira, F. (2017). Sobre a semântica de alguns indefinidos em Português Europeu. In O. Balas; A. Ciama; M. Enăchescu, A. Gebăilă & R. Voicu (eds.), *L'expression de l'imprécision dans les langues romanes* (pp. 65-79). Bucaresti: Ars Docendi.
- Oliveira, F. & Duarte, I. (2003). Referência Nominal. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte & I. H. Faria (eds.), *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 205-242). Lisboa: Caminho.

- Oliveira, F.; Cunha, L. F. & Gonçalves, A. (2004). Aspectual Verbs in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 3(1), pp. 141-173.
doi: <https://doi.org/10.5334/jpl.22>
- Oliveira, F. & Leal, A. (2012). Sobre a iteração do Pretérito Perfeito Composto em Português Europeu. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, Vol. 7, pp. 65 – 88.
- Oliveira, F. & Leal, A. (2015). Activities with culmination. In A. Simões; A. Barreiro; D. Santos; R. Sousa-Silva & S. E. O. Tagnin (eds.), *Linguística, Informática e Tradução: Mundos que se Cruzam* (pp. 457–470). Oslo Studies in Language 7(1). Disponível em: <https://journals.uio.no/public/journals/1/images/osla-7-1.pdf>
- Oliveira, F. & Leal, A. (2016). Verbos de movimento, preposições direcionais e escalas. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, N.º 1, pp. 517-538.
<https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln1ano2016td>
- Oliveira, F.; Leal, A. & Silva, F. (2014). Pretérito Perfeito Composto e quantificação em Português Europeu. *Textos Seleccionados do XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 407-418.
- Paiva Raposo, E. P. (2013). Estrutura da frase. In Raposo, E.; Bacelar do Nascimento, M.; Coelho da Mota, M.; Segura, L. Mendes, A. (orgs.). *Gramática do Português* (Vol 1, Cap. 11, pp. 303-400). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Parsons, T. (1990). *Events in the Semantics of English: A Study in Subatomic Semantics*. Massachusetts: The MIT Press.
- Partee, B. (1989). Binding implicit variables in quantified contexts. *Proceedings of the 25th Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago.
- Partee, B. H. (1990). Topic, Focus and Quantification. *Proceedings of SALT 1*, pp. 159-187. <https://doi.org/10.3765/salt.v1i0.2918>
- Partee, B. (1991). Adverbial quantification and event structures. *Proceedings of the Berkeley Linguistic Society* 17, pp. 439-456.
- Partee, B. (1995). Lexical semantics and compositionality. In D. Osherson (general ed.), *Invitation to Cognitive Science*, 2nd ed; L. Gleitman and M. Liberman (eds.), *Part I – Language* (pp. 311-360). Cambridge, MA: MIT Press.

- Partee, B. (2015). Montague Grammar. In James D. Wright (ed.), *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences* (2nd Edition, pp. 750-757). Amsterdam and New York: Elsevier.
- Partee, B.; ter Meulen, A. & Wall, R. (1990). *Mathematical Methods in Linguistics*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Pelletier, J. (1975). Non-Singular Reference: Some preliminaries. In F. J. Pelletier (ed.), *Mass Terms: Some Philosophical Problems* (pp. 1-14). Dordrecht: Reidel.
- Peres, J. (1992a). Questões de Semântica Nominal. *Cadernos de Semântica*, 1. Lisboa: Faculdade de Letras na Universidade de Lisboa.
- Peres, J. (1992b). Issues on Distributive and Collective Readings. *Cadernos de Semântica*, 4. Lisboa: Faculdade de Letras na Universidade de Lisboa.
- Peres, J. (1993). Esboço de uma Semântica das Estruturas Nominais. *Discursos*, 4, pp.15-36.
- Peres, J. (2013). Semântica do sintagma nominal. In Raposo, E.; Bacelar do Nascimento, M.; Coelho da Mota, M.; Segura, L. Mendes, A. (orgs.). *Gramática do Português* (Vol 1, Cap. 21, pp. 735-818). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Piñon, C. (2000). Happening gradually. *Proceedings of the 26th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*, pp. 445-457.
- Postal, P. M. (1971). *Cross-over phenomena*. New York: Holt, Rinehart and Winston
- Pullman, S. (2005). Lexical decomposition: for and against. In J. I. Tait. (ed.), *Charting a New Course: Natural Language Processing and Information Retrieval – Essays in Honour of Karen Spärck Jones* (pp. 155-173). Springer, Dordrecht.
- Pustejovsky, J. (1991). The syntax of event structure. *Cognition* 41, pp. 33–60.
- Quine, W. V. O. (1960). *Word and Object*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- Quadros Gomes, A. P. (2011a). A Semântica de grau em PB. *Anais do SILEL*, Vol. 2, N.º2. Uberlândia: EDUFU, pp. 1-9.
- Quadros Gomes, A. P. (2011b) Uma proposta de distinção semântica para os intensificadores muito e bem. *Estudos Linguísticos*, 40(1), jan-abr 2011, pp. 379-394.

- Quadros Gomes, A. P. (2018). Restrições aspectuais à distribuição do advérbio *baixo muito*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Vol. 60, n.º 1, pp. 198-221.
- Quadros Gomes, A. P.; Gomes, A. C. N. & Medeiros, B. S. (2021). Estrutura escalar em classes acionais: As propriedades aspectuais visíveis para a gramática. *Diacrítica*, Vol. 35, n.º1, pp. 78-103. DOI: doi.org/10.21814/diacritica.635
- Ramchand, G. (1997). *Aspect and Predication – The Semantics of Argument Structure*. Oxford: Clarendon Press.
- Ramchand, G. (2019). Event Structure and Verbal Decomposition. In R. Truswell (ed.), *The Oxford Handbook of Event Structure* (chapter 12, pp. 314-341). Oxford: Oxford University Press.
- Rappaport-Hovav, M. (2008). Lexicalized Meaning and the Internal Temporal Structure of Events. In S. Rothstein (ed.), *Theoretical and Crosslinguistic Approaches to the Semantics of Aspect*, John Benjamins Publishing Company, pp. 13-42.
- Rappaport-Hovav, M. & Levin, B. (1998). Building verb meanings. In M. Butt and W. Geuder (eds.), *The Projection of Arguments: Lexical and Compositional Factors*. Stanford: CSLI Publications, pp. 97–134.
- Rappaport-Hovav, M. & Levin, B. (2001). An event structure account of English resultatives. *Language* 77, pp. 766–797.
- Rappaport-Hovav, M. & Levin, B. (2004). Change of state verbs: implications for theories of argument projection. In N. Erteschik-Shir & T. Rapoport (eds.) *The Syntax of Aspect*. Oxford: Oxford University Press, pp. 274-286.
- Rappaport Hovav, M. & Levin, B. (2010). Reflections on Manner/Result Complementarity. In E. Doron, M. Rappaport Hovav, and I. Sichel (eds.), *Syntax, Lexical Semantics, and Event Structure*. Oxford: Oxford University Press, pp. 21-38.
- Rebouças, R. (2019). *Sobre o verbo Ficar em construções progressivas*. [Dissertação de Mestrado]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Reichenbach, H. (1947) The Tenses of Verbs. *Elements of Symbolic Logic* (pp.287-298). New York: The Macmillan Company.

- Ross, J. (1972). Act. In D. Davidson & G. Harman (eds.), *Semantics of Natural Language* (pp. 70-126). Dordrecht: Reidel.
- Rothstein, S. (1999). Fine-Grained Structure in the Eventuality Domain: the Semantics of Predicative Adjective Phrases and Be. *Natural Language Semantics*, Vol. 7, Nº 4, pp. 347-420.
- Rothstein, S. (2001). What are incremental Themes?. *ZAS Papers in Linguistics* 22, pp. 139 -157.
- Rothstein, S. (2004). *Structuring Events: a Study in the Semantics of Lexical Aspect*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd.
- Rothstein, S. (2008). Two puzzles for a theory of lexical aspect: Semelfactives and degree achievements. In. J. Dölling; T. Heyde-Zybatow & M. Schäfer, *Event Structures in Linguistic Form and Interpretation* (pp. 175-198). Berlin: De Gruyter.
- Rothstein, S. (2009). Counting and Measuring: a theoretical and cross-linguistic account. *Baltic International Yearbook of Cognition, Logic and Communication*, Vol. 11, pp. 1-49. Disponível em: <https://newprairiepress.org/cgi/viewcontent.cgi?article=1106&context=biyclc>
- Rothstein, S. (2010). Counting and the Mass/Count Distinction. *Journal of Semantics* 27, pp. 343–397. Disponível em: <https://semantics.uchicago.edu/kennedy/classes/f11/na/docs/rothstein10.pdf>.
- Rothstein, S. (2011). Counting, Measuring And The Semantics Of Classifiers. *Baltic International Yearbook of Cognition, Logic and Communication*, Vol. 6, pp. 1-42. doi: <https://doi.org/10.4148/biyclc.v6i0.1582>
- Rothstein, S. (2012). Another look at Accomplishments and Incrementality. In V. Demonte & L. McNally (eds.), *Telicity, Change, and State: A cross-categorical view of event structure*. Oxford: Oxford University Press, pp. 60-102.
- Rothstein, S. (2016). Aspect. In M. Aloni & P. Dekker (eds.), *The Cambridge Handbook of Formal Semantics* (pp. 342-368). Cambridge: Cambridge University Press.
- Rothstein, S. (2017). Object Mass Nouns, Measuring and Counting. In *Semantics for Counting and Measuring*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 117-145.

- Russell, B. (1903). *The Principles of Mathematics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ryle, G. (1949). *The Concept of Mind*. London: Barnes and Noble.
- Sánchez Lopéz, C. (1999). Los Cuantificadores: Clases de Cuantificadores y Estruturas Cuantificativas. In I. Bosque & V. Demonte (orgs.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (pp.1025-1127). Madrid: Espasa.
- Sanchez-Mendes, L. (2015). A modificação de grau no domínio verbal em Karitiana: Evidência para escalas indeterminadas. *Liames* (UNICAMP), v. 15, n. 1. pp. 125-147. doi: <https://doi.org/10.20396/liames.v15i1.8641499>
- Schwarzschild, R. (1989). Adverbs of Quantification as Generalized Quantifiers. In J. Carter & R. Déchaine (eds.), *Proceedings of the 19th Meeting of the North East Linguistic Society* (NELS 19). Amherst, MA: GLSA, pp. 390-404. Disponível em: scholarworks.umass.edu/nels/vol19/iss1/27
- Schwarzschild, R. (2005). Measure phrases as modifiers of adjectives. *Recherches linguistiques de Vincennes*, 34, pp. 207-228.
- Seres, D. & Espinal, M. T. (2018). Psychological verbs and their arguments. *Borealis: An International Journal of Hispanic Linguistics*, 7 (1), pp. 27-44. DOI: <http://dx.doi.org/10.7557/1.7.1.4404>
- Seuren, P. A. (1973). The comparative. In F. Kiefer, & N. Ruwet (eds.), *Generative grammar in Europe* (pp. 528–564). Dordrecht: Reidel.
- Silva, F. (2005). Quantificação na língua e no discurso: o caso de parte em português. In G. M. Rio-Torto; O. M. Figueiredo & F. Silva (coords.), *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, Vol.1 (pp. 201-211). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Silvano, P. (2011). Temporal and rhetorical relations: the semantics of sentences with adverbial subordination in European Portuguese. [Tese de Doutoramento]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Smith, C. (1991). *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer.
- Smollet, R. (2005). Quantized Direct Objects Don't Delimit After All: A revised account of the role of quantized direct objects in aspectual composition. In H. Verkuyl;

- H. de Swart & A. van Hout (eds.), *Perspectives on Aspect* (pp. 41-59). Dordrecht: Springer.
- Squartini, M. & Bertinetto, P. M. (2000). The Simple and Compound Past in Romance languages. In Ö. Dahl (ed.), *Tense and Aspect in the Languages of Europe* (pp. 403-440). Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Stanley, J. & Szabó, Z. (2000). On Quantifier Domain Restriction. *Mind & Language* 15, pp. 219-261.
- Stump, G. T. (1981). *The formal Semantics and Pragmatics of Free Adjuncts and Absolutes in English*. [Tese de Doutorado]. Ohio: Ohio State University.
- Stump, G. T. (1985). *The Semantic Variability of Absolute Constructions*. Dordrecht: Reidel.
- Talmy, L. (1985). Lexicalization Patterns: Semantic Structure in Lexical Forms. In T. Shopen (ed.), *Language Typology and Syntactic Description*, Volume III, Grammatical Categories and the Lexicon (pp. 57-149). Cambridge: Cambridge University Press.
- Tarski, A. (1936). On the concept of logical consequence. In A. Tarski (ed.), *Logic, Semantics, Metamathematics* (pp. 409-420). Oxford: Clarendon Press.
- Tarski, A. (1944). The Semantic Conception of Truth: and the Foundations of Semantics. *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. 4, N. 3, pp. 341-376.
- Taylor, B. (1977). Tense and Continuity. *Linguistics and Philosophy* 1(2), pp. 199-220.
- Travaglia, L. C. (2016). *O aspecto verbal no Português: a categoria e sua expressão*, 5ª ed. Uberlândia: EDUFU.
- Tenny, C. (1987). *Grammaticalizing aspect and affectedness*. [Tese de Doutorado]. MIT.
- Tenny, C. (1992). The aspectual interface hypothesis. In I. A. Sag & A. Szabolcsi (eds.), *Lexical Matters* (pp. 490-508). Stanford: Center for the Study of Language and Information Publications (Stanford University).
- Tenny, C. (1994). *Aspectual roles and the syntax-semantics interface*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

- Tenny, C. (2000). Core Events and adverbial modification. In C. Tenny & J. Pustejovsky (eds.), *Events as Grammatical Objects*. Stanford, Center for the Study of Language and Information.
- Van Vallin, R. (1993). Role and Reference Grammar. In *Work Papers of the Summer Institute of Linguistics, University of North Dakota Session* (Vol. 37, 5). North Dakota: University of North Dakota Session. DOI: 10.31356/silwp.vol37.05
- Van Vallin, R. (2005). *Exploring the Syntax-Semantics Interface*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Van Vallin, R. & LaPolla, R. (1997). *Syntax: Structure, Meaning and Function*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Vendler, Z. (1957). Verbs and Times. *The Philosophical Review*, Vol. 66, N.2, pp. 143-160.
- Verkuyl, H. J. (1972). On the Compositional Nature of the Aspects. Dordrecht: Reidel Publishing.
- Verkuyl, H. J. (1993). *A Theory of Aspectuality. The interaction between temporal and atemporal structure*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Verkuyl, H. J. (2000). Events as Dividuals: Aspectual Composition and Event Semantics. In J. Higginbotham; F. Pianesi & A. Varzi (eds.), *Speaking of Events* (pp. 169-206). Oxford: Oxford University Press.
- Verkuyl, H. J. (2005). Aspectual Composition: Surveying the ingredients. In H. J. Verkuyl, & H. de Swart (eds.), *Perspectives on Aspect. Studies in Theoretical Psycholinguistics* (pp. 19-39). Springer.
- Verkuyl, H.J., & Zwarts, J. (1992). Time and Space in Conceptual and Logical Semantics: The Notion of Path. *Linguistics*, 30, 483-511.
- Von Stechow, K. (1994). Restrictions on Quantifier Domains. [Tese de Doutorado]. University of Massachusetts.
- von Stechow, A. (1984). Comparing Semantic Theories of Comparison. *Journal of Semantics* 3, pp. 1-77.

- Wechsler, S. (2005). Resultatives Under the 'Event-Argument Homomorphism' Model of Telicity. In N. Erteschik-Shir & T. Rapoport (eds.), *The Syntax of Aspect: Deriving Thematic and Aspectual Interpretation* (Chapter 12, pp. 255-273)
- Westerståhl, D. (1999). Quantifiers in Formal and Natural Languages. In D. Gabbay & F. Guenther (eds.), *Handbook of Philosophical Logic – Topics in The Philosophy of Language* (Vol. IV) (pp. 1-131). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Wunderlich, D. (1997). Cause and The Structure of Verbs. *Linguistics Inquiry*, Vol.28(1). Massachusetts: The MIT Press, pp. 27-68.
- Zwarts, J. (1992). The Interpretation of Bare Plurals at Logical Form. In P. Coopmans, B. Schouten, & W. Zonneveld (eds.), *OTS Yearbook 1991* (pp. 93-112). OTS.

Anexos

Anexo 1: Questionários

Questionário:

O presente questionário insere-se no âmbito da investigação que estou a conduzir no meu Doutoramento em Linguística, sobre o tema 'Quantificação no Domínio Verbal'. Agradeço imenso o tempo e o esforço dispensados no seu preenchimento.

Idade: _____

Escolaridade:

- ☐ 4º ou 6º ano de escolaridade
- ☐ 9º ano de escolaridade
- ☐ 12º ano de escolaridade
- ☐ Superior

1.º Grupo:

1. Os exemplos a seguir são sobre aceitabilidade (a.) e interpretação (b.).

- A. Em todos os exemplos, assinale com uma cruz a opção que lhe parece mais adequada: 'Sim' para frases aceitáveis, 'Não' para frases inaceitáveis e 'Não sei', caso não tenha a certeza.
- B. Em cada um dos exemplos a que tenha respondido 'Sim', assinale com uma cruz **qual ou quais as interpretações**.

(1) A Teresa adorou muito a escultura.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei
- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

a. A Teresa adorou muito uma escultura.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

b. A Teresa adorou muito esculturas.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

(2) O primeiro-ministro esteve muito na Faculdade de Letras.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

a. O primeiro-ministro esteve muito numa Faculdade de Letras.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

b. O primeiro-ministro esteve muito em Faculdades de Letras.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)

- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

(3) O Henrique viveu muito em Leiria.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

(4) A criança brincou muito.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

(5) A Joana comeu muito.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

a. A Joana comeu muito a sanduíche.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)

- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

b. A Joana comeu muito uma sanduíche.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

c. A Joana comeu muito sanduíches.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

(6) O aluno leu muito.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

a. O aluno leu muito o livro.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

b. O aluno leu muito um livro.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

c. O aluno leu muito livros.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

(7) O Rui construiu muito.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

a. O Rui construiu muito o hospital.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

b. O Rui construiu muito um hospital.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

☐ Duração (durante muito tempo)

☐ Frequência (muitas vezes)

☐ Quantidade (grande quantidade)

☐ Distância (grande distância)

☐ Partes (muitas partes de)

☐ Outra: _____

c. O Rui construiu muito hospitais.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

☐ Duração (durante muito tempo)

☐ Frequência (muitas vezes)

☐ Quantidade (grande quantidade)

☐ Distância (grande distância)

☐ Partes (muitas partes de)

☐ Outra: _____

(8) A tempestade destruiu muito.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

☐ Duração (durante muito tempo)

☐ Frequência (muitas vezes)

☐ Quantidade (grande quantidade)

☐ Distância (grande distância)

☐ Partes (muitas partes de)

☐ Outra: _____

a. A tempestade destruiu muito a casa.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

☐ Duração (durante muito tempo)

☐ Frequência (muitas vezes)

☐ Quantidade (grande quantidade)

☐ Distância (grande distância)

☐ Partes (muitas partes de)

☐ Outra: _____

b. A tempestade destruiu muito uma casa.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

c. A tempestade destruiu muito casas.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

(9) A criança caiu muito.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

(10)

O avô tossiu muito.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

2º Grupo:

2. Os exemplos a seguir são sobre aceitabilidade (a.) e interpretação (b.).

- A. Em todos os exemplos, assinale com uma cruz a opção que lhe parece mais adequada: ‘Sim’ para frases aceitáveis, ‘Não’ para frases inaceitáveis e ‘Não sei’, caso não tenha a certeza.
- B. Em cada um dos exemplos a que tenha respondido ‘Sim’, assinale com uma cruz **qual ou quais as interpretações**.

(1) A Teresa adorou muito a escultura no museu de Serralves.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
☐ Duração (durante muito tempo)
☐ Frequência (muitas vezes)
☐ Quantidade (grande quantidade)
☐ Distância (grande distância)
☐ Partes (muitas partes de)
☐ Outra: _____

a. A Teresa adorou muito uma escultura no museu de Serralves.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
☐ Duração (durante muito tempo)
☐ Frequência (muitas vezes)
☐ Quantidade (grande quantidade)
☐ Distância (grande distância)
☐ Partes (muitas partes de)
☐ Outra: _____

b. A Teresa adorou muito esculturas no museu de Serralves.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
☐ Duração (durante muito tempo)
☐ Frequência (muitas vezes)
☐ Quantidade (grande quantidade)
☐ Distância (grande distância)
☐ Partes (muitas partes de)
☐ Outra: _____

(2) O primeiro-ministro esteve muito na Faculdade de Letras em Lisboa.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
☐ Duração (durante muito tempo)

- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

a. O primeiro-ministro esteve muito numa Faculdade de Letras em Lisboa.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

b. O primeiro-ministro esteve muito em Faculdades de Letras em Lisboa.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

(2) A criança brincou muito no jardim.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

(3) A Joana comeu muito no café.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)

- () Quantidade (grande quantidade)
- () Distância (grande distância)
- () Partes (muitas partes de)
- () Outra: _____

a. A Joana comeu muito a sanduíche no café.

- () Sim () Não () Não sei

- () Intensidade (muito intensamente)
- () Duração (durante muito tempo)
- () Frequência (muitas vezes)
- () Quantidade (grande quantidade)
- () Distância (grande distância)
- () Partes (muitas partes de)
- () Outra: _____

b. A Joana comeu muito uma sanduíche no café.

- () Sim () Não () Não sei

- () Intensidade (muito intensamente)
- () Duração (durante muito tempo)
- () Frequência (muitas vezes)
- () Quantidade (grande quantidade)
- () Distância (grande distância)
- () Partes (muitas partes de)
- () Outra: _____

c. A Joana comeu muito sanduíches no café.

- () Sim () Não () Não sei

- () Intensidade (muito intensamente)
- () Duração (durante muito tempo)
- () Frequência (muitas vezes)
- () Quantidade (grande quantidade)
- () Distância (grande distância)
- () Partes (muitas partes de)
- () Outra: _____

(4) O aluno leu muito na biblioteca.

- () Sim () Não () Não sei

- () Intensidade (muito intensamente)
- () Duração (durante muito tempo)
- () Frequência (muitas vezes)
- () Quantidade (grande quantidade)
- () Distância (grande distância)
- () Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

a. O aluno leu muito o livro na biblioteca.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

b. O aluno leu muito um livro na biblioteca.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

c. O aluno leu muito livros na biblioteca.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

(5) O Rui construiu muito no Alentejo.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

a. O Rui construiu muito o hospital no Alentejo.

() Sim () Não () Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

b. O Rui construiu muito um hospital no Alentejo.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

c. O Rui construiu muito hospitais no Alentejo.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

(6) A tempestade destruiu muito na aldeia.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

a. A tempestade destruiu muito a casa na aldeia.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)

- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

b. A tempestade destruiu muito uma casa na aldeia.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

c. A tempestade destruiu muito casas na aldeia.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

(7) A criança caiu muito na escola.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

(8) O avô tossiu muito na cama.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

3º Grupo:

3. Os exemplos a seguir são sobre aceitabilidade (a.) e interpretação (b.).

- A. Em todos os exemplos, assinale com uma cruz a opção que lhe parece mais adequada: ‘Sim’ para frases aceitáveis, ‘Não’ para frases inaceitáveis e ‘Não sei’, caso não tenha a certeza.
- B. Em cada um dos exemplos a que tenha respondido ‘Sim’, assinale com uma cruz **qual ou quais as interpretações**.

(1)

1.1.

- a. A Teresa adorou muito a escultura ontem.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

- b. A Teresa adorou muito a escultura a semana passada.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

- c. A Teresa adorou muito a escultura o ano passado.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

1.2.

a. A Teresa adorou muito uma escultura ontem.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

b. A Teresa adorou muito uma escultura a semana passada.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

c. A Teresa adorou muito uma escultura o ano passado.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

1.3.

a. A Teresa adorou muito esculturas ontem.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

b. A Teresa adorou muito esculturas a semana passada.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

☐ Duração (durante muito tempo)

☐ Frequência (muitas vezes)

☐ Quantidade (grande quantidade)

☐ Distância (grande distância)

☐ Partes (muitas partes de)

☐ Outra: _____

c. A Teresa adorou muito esculturas o ano passado.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

☐ Duração (durante muito tempo)

☐ Frequência (muitas vezes)

☐ Quantidade (grande quantidade)

☐ Distância (grande distância)

☐ Partes (muitas partes de)

☐ Outra: _____

(2)

2.1.

a. O primeiro-ministro esteve muito na Faculdade de Letras ontem.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

☐ Duração (durante muito tempo)

☐ Frequência (muitas vezes)

☐ Quantidade (grande quantidade)

☐ Distância (grande distância)

☐ Partes (muitas partes de)

☐ Outra: _____

b. O primeiro-ministro esteve muito na Faculdade de Letras a semana passada.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

☐ Duração (durante muito tempo)

☐ Frequência (muitas vezes)

☐ Quantidade (grande quantidade)

☐ Distância (grande distância)

☐ Partes (muitas partes de)

☐ Outra: _____

c. O primeiro-ministro esteve muito na Faculdade de Letras o ano passado.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

☐ Duração (durante muito tempo)

☐ Frequência (muitas vezes)

☐ Quantidade (grande quantidade)

☐ Distância (grande distância)

☐ Partes (muitas partes de)

☐ Outra: _____

2.2.

- a. O primeiro-ministro esteve muito numa Faculdade de Letras ontem.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

☐ Duração (durante muito tempo)

☐ Frequência (muitas vezes)

☐ Quantidade (grande quantidade)

☐ Distância (grande distância)

☐ Partes (muitas partes de)

☐ Outra: _____

- b. O primeiro-ministro esteve muito numa Faculdade de Letras a semana passada.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

☐ Duração (durante muito tempo)

☐ Frequência (muitas vezes)

☐ Quantidade (grande quantidade)

☐ Distância (grande distância)

☐ Partes (muitas partes de)

☐ Outra: _____

- c. O primeiro-ministro esteve muito numa Faculdade de Letras o ano passado.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

☐ Duração (durante muito tempo)

☐ Frequência (muitas vezes)

☐ Quantidade (grande quantidade)

☐ Distância (grande distância)

☐ Partes (muitas partes de)

☐ Outra: _____

2.3.

a. O primeiro-ministro esteve muito em Faculdades de Letras ontem.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

☐ Duração (durante muito tempo)

☐ Frequência (muitas vezes)

☐ Quantidade (grande quantidade)

☐ Distância (grande distância)

☐ Partes (muitas partes de)

☐ Outra: _____

b. O primeiro-ministro esteve muito em Faculdades de Letras a semana passada.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

☐ Duração (durante muito tempo)

☐ Frequência (muitas vezes)

☐ Quantidade (grande quantidade)

☐ Distância (grande distância)

☐ Partes (muitas partes de)

☐ Outra: _____

c. O primeiro-ministro esteve muito em Faculdade de Letras o ano passado.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

☐ Duração (durante muito tempo)

☐ Frequência (muitas vezes)

☐ Quantidade (grande quantidade)

☐ Distância (grande distância)

☐ Partes (muitas partes de)

☐ Outra: _____

(3)

a. O Henrique viveu muito em Leiria ontem.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

☐ Duração (durante muito tempo)

☐ Frequência (muitas vezes)

☐ Quantidade (grande quantidade)

☐ Distância (grande distância)

☐ Partes (muitas partes de)

☐ Outra: _____

b. O Henrique viveu muito em Leiria a semana passada.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

c. O Henrique viveu muito em Leiria o ano passado.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

(4)

a. A criança brincou muito ontem.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

b. A criança brincou muito a semana passada.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

c. A criança brincou muito o ano passado.

() Sim () Não () Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

(5)

a. A Joana comeu muito ontem.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

b. A Joana comeu muito a semana passada.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

c. A Joana comeu muito o ano passado.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

5.1.

a. A Joana comeu muito a sanduíche ontem.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)

- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

b. A Joana comeu muito a sanduíche a semana passada.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

c. A Joana comeu muito a sanduíche o ano passado.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

5.2.

a. A Joana comeu muito uma sanduíche ontem.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

b. A Joana comeu muito uma sanduíche a semana passada.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)

- ☐ Partes (muitas partes de)
☐ Outra: _____

c. A Joana comeu muito uma sanduíche o ano passado.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
☐ Duração (durante muito tempo)
☐ Frequência (muitas vezes)
☐ Quantidade (grande quantidade)
☐ Distância (grande distância)
☐ Partes (muitas partes de)
☐ Outra: _____

5.3.

a. A Joana comeu muito sanduíches ontem.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
☐ Duração (durante muito tempo)
☐ Frequência (muitas vezes)
☐ Quantidade (grande quantidade)
☐ Distância (grande distância)
☐ Partes (muitas partes de)
☐ Outra: _____

b. A Joana comeu muito sanduíches a semana passada.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
☐ Duração (durante muito tempo)
☐ Frequência (muitas vezes)
☐ Quantidade (grande quantidade)
☐ Distância (grande distância)
☐ Partes (muitas partes de)
☐ Outra: _____

c. A Joana comeu muito sanduíches o ano passado.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
☐ Duração (durante muito tempo)
☐ Frequência (muitas vezes)
☐ Quantidade (grande quantidade)
☐ Distância (grande distância)
☐ Partes (muitas partes de)
☐ Outra: _____

(6)

a. O aluno leu muito ontem.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

b. O aluno leu muito a semana passada.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

c. O aluno leu muito o ano passado.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

6.1.

a. O aluno leu muito o livro ontem.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

b. O aluno leu muito o livro a semana passada.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

☐ Duração (durante muito tempo)

☐ Frequência (muitas vezes)

☐ Quantidade (grande quantidade)

☐ Distância (grande distância)

☐ Partes (muitas partes de)

☐ Outra: _____

c. O aluno leu muito o livro o ano passado.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

☐ Duração (durante muito tempo)

☐ Frequência (muitas vezes)

☐ Quantidade (grande quantidade)

☐ Distância (grande distância)

☐ Partes (muitas partes de)

☐ Outra: _____

6.2.

a. O aluno leu um livro muito ontem.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

☐ Duração (durante muito tempo)

☐ Frequência (muitas vezes)

☐ Quantidade (grande quantidade)

☐ Distância (grande distância)

☐ Partes (muitas partes de)

☐ Outra: _____

b. O aluno leu muito um livro a semana passada.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

☐ Duração (durante muito tempo)

☐ Frequência (muitas vezes)

☐ Quantidade (grande quantidade)

☐ Distância (grande distância)

☐ Partes (muitas partes de)

☐ Outra: _____

c. O aluno leu muito um livro o ano passado.

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

☐ Intensidade (muito intensamente)

- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

6.3.

a. O aluno leu livros muito ontem.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

b. O aluno leu muito livros a semana passada.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

c. O aluno leu muito livros o ano passado.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

(7)

a. O Rui construiu muito ontem.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)

- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

b. O Rui construiu muito a semana passada.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

c. O Rui construiu muito o ano passado.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

7.1.

a. O Rui construiu muito o hospital ontem.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

b. O Rui construiu muito o hospital a semana passada.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)

- ☐ Partes (muitas partes de)
☐ Outra: _____

c. O Rui construiu muito o hospital o ano passado.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
☐ Duração (durante muito tempo)
☐ Frequência (muitas vezes)
☐ Quantidade (grande quantidade)
☐ Distância (grande distância)
☐ Partes (muitas partes de)
☐ Outra: _____

7.2.

a. O Rui construiu muito um hospital ontem.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
☐ Duração (durante muito tempo)
☐ Frequência (muitas vezes)
☐ Quantidade (grande quantidade)
☐ Distância (grande distância)
☐ Partes (muitas partes de)
☐ Outra: _____

b. O Rui construiu muito um hospital a semana passada.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
☐ Duração (durante muito tempo)
☐ Frequência (muitas vezes)
☐ Quantidade (grande quantidade)
☐ Distância (grande distância)
☐ Partes (muitas partes de)
☐ Outra: _____

c. O Rui construiu muito um hospital o ano passado.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
☐ Duração (durante muito tempo)
☐ Frequência (muitas vezes)
☐ Quantidade (grande quantidade)
☐ Distância (grande distância)
☐ Partes (muitas partes de)
☐ Outra: _____

7.3.

a. O Rui construiu muito hospitais ontem.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

b. O Rui construiu muito hospitais a semana passada.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

c. O Rui construiu muito hospitais o ano passado.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

(8)

a. A tempestade destruiu muito ontem.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

b. A tempestade destruiu muito a semana passada.

() Sim () Não () Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

c. A tempestade destruiu muito o ano passado.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

8.1.

a. A tempestade destruiu muito a casa ontem.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

b. A tempestade destruiu muito a casa a semana passada.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

c. A tempestade destruiu muito a casa o ano passado.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)

- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

8.2.

a. A tempestade destruiu muito uma casa ontem.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

b. A tempestade destruiu muito uma casa a semana passada.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

c. A tempestade destruiu muito uma casa o ano passado.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)
- ☐ Partes (muitas partes de)
- ☐ Outra: _____

8.3.

a. A tempestade destruiu muito casas ontem.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
- ☐ Duração (durante muito tempo)
- ☐ Frequência (muitas vezes)
- ☐ Quantidade (grande quantidade)
- ☐ Distância (grande distância)

- ☐ Partes (muitas partes de)
☐ Outra: _____

b. A tempestade destruiu muito casas a semana passada.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
☐ Duração (durante muito tempo)
☐ Frequência (muitas vezes)
☐ Quantidade (grande quantidade)
☐ Distância (grande distância)
☐ Partes (muitas partes de)
☐ Outra: _____

c. A tempestade destruiu muito casas o ano passado.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
☐ Duração (durante muito tempo)
☐ Frequência (muitas vezes)
☐ Quantidade (grande quantidade)
☐ Distância (grande distância)
☐ Partes (muitas partes de)
☐ Outra: _____

(9)

a. A criança caiu muito ontem.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
☐ Duração (durante muito tempo)
☐ Frequência (muitas vezes)
☐ Quantidade (grande quantidade)
☐ Distância (grande distância)
☐ Partes (muitas partes de)
☐ Outra: _____

b. A criança caiu muito a semana passada.

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

- ☐ Intensidade (muito intensamente)
☐ Duração (durante muito tempo)
☐ Frequência (muitas vezes)
☐ Quantidade (grande quantidade)
☐ Distância (grande distância)
☐ Partes (muitas partes de)
☐ Outra: _____

c. A criança caiu muito o ano passado.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

(10)

a. O avô tossiu muito ontem.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

b. O avô tossiu muito a semana passada.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

c. O avô tossiu muito o ano passado.

() Sim () Não () Não sei

() Intensidade (muito intensamente)

() Duração (durante muito tempo)

() Frequência (muitas vezes)

() Quantidade (grande quantidade)

() Distância (grande distância)

() Partes (muitas partes de)

() Outra: _____

Anexo 2: Tabelas com resultados (em percentagem)

As percentagens apresentadas foram calculadas da seguinte forma:

- Para avaliar a aceitabilidade total e padrões interpretativos gerais, considerou-se o número total de respostas (25) (cf. imediatamente abaixo da coluna “Aceitam” e “Não aceitam”);

- Para avaliar as interpretações preferenciais, considerou-se, para cálculo das percentagens, apenas o número de respostas dadas por informantes que consideravam as frases aceitáveis (cf. segunda linha das leituras preferenciais).

Relativamente à aceitabilidade das frases, as percentagens somadas terão de totalizar 100%; contudo, no caso das interpretações mais frequentes, tal não se aplica, uma vez que os falantes poderiam selecionar mais do que uma leitura para cada exemplo.

❖ Estados Psicológicos:

➤ *Adorar:*

Tabela 1 – Resultados em percentagem para [*adorou muito* + complemento]

Adorou muito					
	Aceitam		Não aceitam	NS	NR
SN Definido	72%		28%	0%	0%
	Intensidade	Duração			
	72%	20%			
	100%	27%			
SN Indefinido	76%		24%	0%	0%
	Intensidade	Duração			
	64%	28%			
	84%	37%			
Bare plural	36%		52%	12%	0%
	Intensidade	Frequência			
20%	16%				

	56%	44%	
--	-----	-----	--

Tabela 2 - Resultados em percentagem para [*adorou muito* + complemento + localização espacial]

Adorou muito [no museu de Serralves]					
	Aceitam		Não aceitam	NS	NR
SN Definido	60%		32%	8%	0%
	Intensidade	Duração			
	56%	16%			
	93%	27%			
SN Indefinido	76%		24%	0%	0%
	Intensidade	Duração			
	60%	24%			
	79%	32%			
<i>Bare plural</i>	44%		52%	4%	0%
	Intensidade	Duração	Quantidade		
	28%	20%	20%		
	64%	45%	45%		

Tabela 3 - Resultados em percentagem para [*adorou muito* + complemento + localização temporal curta]

<i>Ontem</i>					
	Aceitam		Não aceitam	NS	NR
SN Definido	64%		32%	4%	0%
	Intensidade	Duração			
	56%	24%			
	88%	38%			
SN Indefinido	68%		32%	0%	0%
	Intensidade	Duração			
	60%	32%			
	88%	47%			
<i>Bare plural</i>	52%		48%	0%	0%
	Intensidade	Duração	Quantidade	Frequência	
	40%	12%	12%	12%	

	77%	23%	23%	23%	
--	-----	-----	-----	-----	--

Tabela 4 - Resultados em percentagem para [adorou muito + complemento + localização temporal intermédia]

<i>A semana passada</i>					
	Aceitam		Não aceitam	NS	NR
SN Definido	56%		36%	8%	0%
	Intensidade	Duração			
	40%	20%			
	71%	36%			
SN Indefinido	64%		28%	8%	0%
	Intensidade	Duração			
	52%	28%			
	81%	44%			
<i>Bare plural</i>	52%		48%	0%	0%
	Intensidade	Duração			
	40%	28%			
	77%	54%			

Tabela 5 - Resultados em percentagem para [adorou muito + complemento + localização temporal longa]

<i>O ano passado</i>					
	Aceitam		Não aceitam	NS	NR
SN Definido	56%		36%	8%	0%
	Intensidade	Duração			
	44%	32%			
	79%	57%			
SN Indefinido	64%		28%	8%	0%
	Intensidade	Duração			
	56%	36%			
	88%	56%			
<i>Bare plural</i>	56%		44%	0%	0%
	Intensidade	Duração			

	44%	36%	
	79%	64%	

❖ Estados faseáveis com SPrep

➤ *Viver (em):*

Tabela 6 - Resultados em percentagem para [*viveu muito* em Leiria]

Viveu muito em Leiria				
Aceitam		Não aceitam	NS	NR
76%		16%	8%	0%
Intensidade	Duração			
56%	40%			
73%	53%			

Tabela 7 - Resultados em percentagem para [*viveu muito* em Leiria + localização temporal curta]

<i>Ontem</i>				
Aceitam		Não aceitam	NS	NR
72%		24%	4%	0%
Intensidade	Quantidade			
72%	12%			
100%	17%			

Tabela 8 - Resultados em percentagem para [*viveu muito* em Leiria + localização temporal intermédia]

<i>A semana passada</i>				
Aceitam		Não aceitam	NS	NR
76%		16%	8%	0%
Intensidade	Frequência			
64%	20%			
84%	26%			

Tabela 9 - Resultados em percentagem para [*viveu muito* em Leiria + localização temporal longa]

<i>O ano passado</i>				
Aceitam		Não aceitam	NS	NR

84%		12%	4%	0%
Intensidade	Duração			
60%	36%			
71%	43%			

➤ ***Estar (em):***

Tabela 10 - Resultados em percentagem para [*esteve muito (em)* + complemento]

Esteve muito em					
	Aceitam		Não aceitam	NS	NR
SN Definido	52%		48%	0%	0%
	Frequência	Duração			
	32%	24%			
	62%	46%			
SN Indefinido	56%		44%	4%	0%
	Frequência	Duração			
	40%	32%			
	71%	57%			
Bare plural	56%		44%	0%	0%
	Frequência	Duração			
	40%	32%			
	71%	57%			

Tabela 11 - Resultados em percentagem para [*esteve muito (em)* + complemento + localização espacial]

Esteve muito em [em Lisboa]					
	Aceitam		Não aceitam	NS	NR
SN Definido	68%		32%	0%	0%
	Frequência	Duração			
	52%	44%			
	76%	65%			
SN Indefinido	64%		36%	0%	0%
	Frequência	Duração			
	40%	40%			
	63%	63%			

<i>Bare plural</i>	48%		48%	4%	0%
	Frequência	Duração			
	36%	24%			
	75%	50%			

Tabela 12 - Resultados em percentagem para [*esteve muito (em)* + complemento + localização temporal curta]

Ontem						
	Aceitam			Não aceitam	NS	NR
SN Definido	56%			44%	0%	0%
	Duração 12%		Intensidade 8%			
	92%		23%			
SN Indefinido	52%			44%	4%	0%
	Duração 48%		Intensidade 12%			
	92%		23%			
Bare plural	40%			48%	12%	0
	Duração 24%	Frequência 16%	Quantidade 16%			
	60%	40%	40%			

Tabela 13 - Resultados em percentagem para [*esteve muito (em)* + complemento + localização temporal intermédia]

<i>A semana passada</i>					
	Aceitam		Não aceitam	NS	NR
SN Definido	64%		32%	4%	0%
	Frequência	Duração			
	48%	36%			
	75%	56%			
SN Indefinido	60%		32%	8%	0%
	Duração	Frequência			
	40%	32%			
	67%	53%			

<i>Bare Plural</i>	60%		36%	4%	0%
	Frequência 48%	Duração 36%			
	80 %	60 %			

Tabela 14 - Resultados em percentagem para [*esteve muito (em)* + complemento + localização temporal longa]

<i>O ano passado</i>					
	Aceitam		Não aceitam	NS	NR
SN Definido	72%		28%	0%	0%
	Frequência 56%	Duração 36%			
	78%	50%			
SN Indefinido	64%		32%	4%	0%
	Frequência 56%	Duração 28%			
	88%	44%			
<i>Bare Plural</i>	68%		32%	0%	0%
	Frequência 52%	Duração 36%			
	76%	53%			

❖ Processos

Tabela 15 - Resultados em percentagem para [*brincou muito*]

Brincou muito				
Aceitam		Não aceitam	NS	NR
100%		0%	0%	0%
Duração 88%	Intensidade 76%			

Tabela 16 - Resultados em percentagem para [*brincou muito* + localização espacial]

Brincou muito [no jardim]				
Aceitam		Não aceitam	NS	NR

92%			0%	0%	8%
Duração	Intensidade	Frequência			
80%	60%	8%			
87%	65%	26%			

Tabela 17 - Resultados em percentagem para [*brincou* + localização temporal curta]

<i>Ontem</i>				
Aceitam		Não aceitam	NS	NR
92%		8%	0%	0%
Duração	Intensidade			
64%	64%			
70%	70%			

Tabela 18 - Resultados em percentagem para [*brincou* + localização temporal intermédia]

<i>A semana passada</i>				
Aceitam		Não aceitam	NS	NR
96%		4%	0%	0%
Intensidade	Duração	Frequência		
64%	60%	48%		
67%	63%	50%		

Tabela 19 - Resultados em percentagem para [*brincou muito* + localização temporal longa]

<i>O ano passado</i>				
Aceitam		Não aceitam	NS	NR
92%		4%	4%	0
Duração	Intensidade			
72%	60%			
78%	65%			

❖ Processos com Culminação

➤ Comer:

Tabela 20 - Resultados em porcentagem para [comeu muito + complemento]

Comeu muito							
	Aceitam				Não aceitam	NS	NR
∅	100%				0%	0%	0%
	Quantidade 88%		Intensidade 16%				
SN Definido	28%				64%	8%	0%
	Intensidade 24%	Duração 8%	Frequência 8%	Quantidade 8%			
	75%	25%	25%	25%			
SN Indefinido	36%				52%	12%	0%
	Quantidade 16%		Frequência 16%				
	44%		44%				
Bare Plural	52%				44%	4%	0%
	Frequência 44%		Quantidade 28%				
	85%		54%				

Tabela 21 - Resultados em porcentagem para [comeu muito + complemento + localização espacial]

Comeu muito [no café]							
	Aceitam				Não aceitam	NS	NR
Ø	96%				4%	%0	0%
	Quantidade 80%		Frequência 20%				
	83%		21%				
SN Definido	20%				72%	8%	0%
	Intensidade 16%	Duração 4%	Frequência 4%	Quantidade 4%			
	80%	20%	20%	20%			
SN Indefinido	36%				52%	12%	0%
	Intensidade 16%		Frequência 16%				

	44%	44%			
<i>Bare Plural</i>	40%		48%	12%	0%
	Quantidade	Frequência			
	28%	20%			
	70%	50%			

Tabela 22 - Resultados em percentagem para [*comeu muito* + complemento + localização temporal curta]

<i>Ontem</i>					
	Aceitam		Não aceitam	NS	NR
∅	100%		0%	0%	0%
	Quantidade	Frequência			
	91%	20%			
SN Definido	20%		72%	8%	0%
	Intensidade	Duração			
	16%	8%			
	80%	40%	40%		
SN Indefinido	36%		56%	8%	0%
	Intensidade	Quantidade	Frequência		
	16%	16%	12%		
	44 %	44 %	33%		
<i>Bare Plural</i>	36%		60%	4%	0%
	Quantidade	Frequência			
	24%	20%			
	6 %	56%			

Tabela 23 - Resultados em percentagem para [*comeu muito* + complemento + localização temporal intermédia]

<i>A semana passada</i>					
	Aceitam		Não aceitam	NS	NR
∅	100%		0%	0%	0%
	Quantidade	Frequência			
	92%	28%			
SN Definido	20%		72%	8%	0%

	Intensidade 12%	Frequência 12%	Duração 8%	Quantidade 8%			
	60%	60%	40%	40%			
SN Indefinido	36%				52%	12%	0%
	Frequência 20%	Quantidade 20%	Intensidade 16%				
	56%	56%	44%				
Bare Plural	48%				48%	4%	0%
	Frequência 36%	Quantidade 32%					
	75%	67%					

Tabela 24 - Resultados em percentagem para [*comeu muito* + complemento + localização temporal longa]

O ano passado							
	Aceitam				Não aceitam	NS	NR
Ø	100%				0%	0%	0%
	Quantidade 80%		Frequência 40%				
SN Definido	20%				64%	12%	4%
	Intensidade 12%	Frequência 12%	Duração 8%	Quantidade 8%			
	60%	60%	40%	40%			
SN Indefinido	36%				48%	16%	0%
	Frequência 28%		Quantidade 16%				
	78%		44%				
Bare Plural	48%				48%	4%	0
	Frequência 36%		Quantidade 32%				
	75%		67%				

➤ **Construir:**

Tabela 25 - Resultados em percentagem para [construiu muito + complemento]

Construiu muito								
	Aceitam					Não aceitam	NS	NR
SN Definido	24%					64%	8%	4%
	Intensidade 16%		Partes 16%		Quantidade 12%			
	67%		67%		50%			
SN Indefinido	28%					60%	12%	0%
	Intensidade 16%	Quantidade 16%	Duração 12%	Frequência 12%	Partes 12%			
	57%	57%	43%	43%	43%			
<i>Bare Plural</i>	60%					36%	4%	0%
	Quantidade 52%		Frequência 28%					
	87%		47%					

Tabela 26 - Resultados em percentagem para [construiu muito + complemento + localização espacial]

Construiu muito [no Alentejo]						
	Aceitam			Não aceitam	NS	NR
SN Definido	28%			56%	16%	0%
	Intensidade 16%	Duração 16%	Partes 12%			
	57%	57%	43%			
SN Indefinido	32%			52%	12%	4%
	Duração 20%		Intensidade 16%			
	63%		50%			
Bare Plural	52%			36%	4%	8%
	Quantidade 40%		Duração 20%			
	77%		38%			

Tabela 27 - Resultados em percentagem para [*construiu muito* + complemento + localização temporal curta]

Ontem							
	Aceitam				Não aceitam	NS	NR
SN Definido	24%				64%	12%	0%
	Intensidade	Duração		Quantidade	Partes		
	12%	12%		12%	12%		
	50%	50%		50%	50%		
SN Indefinido	28%				60%	12%	0%
	Duração	Intensidade	Frequência	Quantidade	Partes		
	16%	12%	12%	12%	12%		
	57%	43%	43%	43%	43%		
Bare Plural	32%				60%	4%	4%
	Quantidade		Intensidade				
	24%		16%				
	75%		50%				

Tabela 28 - Resultados em percentagem para [*construiu muito* + complemento + localização temporal intermédia]

A semana passada							
	Aceitam				Não aceitam	NS	NR
SN Definido	36%				60%	4%	0%
	Intensidade	Duração	Frequência	Partes			
	16%	16%	12%	12%			
	44%	44%	33%	33%			
SN Indefinido	36%				56%	4%	4%
	Intensidade	Duração	Frequência	Quantidade			
	20%	20%	12%	12%			
	56%	56%	33%	33%			
Bare Plural	36%				60%	4%	0%
	Quantidade		Intensidade				
	28%		16%				
	78%		44%				

Tabela 29 - Resultados em percentagem para [*construiu muito* + complemento + localização temporal longa]

<i>O ano passado</i>					
	Aceitam			Não aceitam	NS NR
SN Definido	36%			56%	8% 0%
	Duração 20%	Intensidade 16%	Frequência 16%		
	56%	44%	44%		
SN Indefinido	40%			52%	8% 0%
	Duração 20%		Intensidade 16%		
	50%		40%		
<i>Bare Plural</i>	44%			56%	0% 0%
	Quantidade 40%	Intensidade 16%	Duração 16%		
	91%	36%	36%		

➤ ***Destruir:***

Tabela 30 - Resultados em percentagem para [*destruiu muito* + complemento]

Destruiu muito					
	Aceitam		Não aceitam	NS	NR
SN Definido	92%		8%	0%	0%
	Intensidade 88%	Partes 28%			
	96%	30%			
SN Indefinido	96%		4%	0%	0%
	Intensidade 92%	Partes 32%			
	96%	33%			
<i>Bare Plural</i>	52%		40%	8%	0%
	Intensidade 48%	Quantidade 40%			

	92%	77%	
--	-----	-----	--

Tabela 31 - Resultados em percentagem para [destruiu muito + complemento + localização espacial]

Destruiu muito [na aldeia]					
	Aceitam		Não aceitam	NS	NR
SN Definido	96%		4%	0%	0%
	Intensidade	Partes			
	92%	28%			
	96%	29%			
SN Indefinido	96%		4%	0%	0%
	Intensidade	Partes			
	92%	28%			
	96%	29%			
Bare Plural	52%		48%	0%	0%
	Intensidade	Quantidade			
	44%	36%			
	85%	69%			

Tabela 32 - Resultados em percentagem para [destruiu muito + complemento + localização temporal curta]

Ontem					
	Aceitam		Não aceitam	NS	NR
SN Definido	80%		8%	8%	4%
	Intensidade	Partes			
	72%	28%			
	90%	35%			
SN Indefinido	84%		16%	0%	0%
	Intensidade	Partes			
	76%	28%			
	90%	33%			
Bare Plural	48%		52%	0%	0%
	Intensidade	Quantidade			
	48%	32%			
	100%	67%			

Tabela 33 - Resultados em percentagem para [*destruiu muito* + complemento + localização temporal intermédia]

A semana passada					
	Aceitam		Não aceitam	NS	NR
SN Definido	84%		8%	8%	0%
	Intensidade	Partes			
	68%	28%			
	81%	33%			
SN Indefinido	84%		8%	8%	0%
	Intensidade	Partes			
	76%	28%			
	90%	33%			
Bare Plural	48%		44%	8%	0%
	Intensidade	Quantidade			
	48%	28%			
	100%	58%			

Tabela 34 - Resultados em percentagem para [*destruiu muito* + complemento + localização temporal longa]

O ano passado					
	Aceitam		Não aceitam	NS	NR
SN Definido	84%		8%	8%	0%
	Intensidade	Partes			
	76%	28%			
	90%	33%			
SN Indefinido	84%		8%	8%	0%
	Intensidade	Partes			
	72%	32%			
	86%	38%			
Bare Plural	48%		44%	8%	0%
	Intensidade	Quantidade			
	40%	36%			
	83%	75%			

➤ **Ler:**

Tabela 35 - Resultados em porcentagem para [leu muito + complemento]

Leu muito					
	Aceitam			Não aceitam	NS NR
∅	100%			0%	0% 0%
	Quantidade 64%	Duração 64%	Frequência 40%		
SN Definido	80%			20%	0% 0%
	Frequência 52%		Duração 32%		
	65%		40%		
SN Indefinido	76%			24%	0% 0%
	Frequência 60%		Duração 32%		
	79%		42%		
<i>Bare Plural</i>	60%			40%	0% 0%
	Quantidade 48%		Frequência 28%		
	80%		47%		

Tabela 36 - Resultados em porcentagem para [leu muito + complemento + localização espacial]

Leu muito [na biblioteca]						
	Aceitam			Não aceitam	NS	NR
∅	100%			0%	0%	0%
	Duração 76%	Frequência 56%				
SN Definido	80%			20%	0%	0%
	Duração 48%	Intensidade 24%	Quantidade 24%			
	60%	30%	30%			
SN Indefinido	76%			20%	4%	0%
	Frequência 36%	Duração 32%				
	47%	42%				
Bare Plural	60%			40%	0%	0%

	Frequência 40%	Quantidade 36%	
	67%	60%	

Tabela 37 - Resultados em percentagem para [leu muito + complemento + localização temporal curta]

<i>Ontem</i>					
	Aceitam		Não aceitam	NS	NR
∅	100%		0%	0%	0%
	Duração 84%	Quantidade 44%			
SN Definido	84%		12%	0%	4%
	Duração 56%	Intensidade 32%			
	67%	38%			
SN Indefinido	32%		68%	0%	0%
	Duração 16%	Quantidade 12%			
	50%	38%			
<i>Bare Plural</i>	20%		76%	4%	0%
	Quantidade 16%	Intensidade 8%	Duração 8%		
	80%	40%	40%		

Tabela 38 - Resultados em percentagem para [leu muito + complemento + localização temporal intermédia]

<i>A semana passada</i>					
	Aceitam		Não aceitam	NS	NR
∅	100%		0%	0%	0%
	Duração 76%	Frequência 48%			
SN Definido	84%		16%	0%	0%
	Duração 60%	Frequência 32%			
	71%	38%			
	76%		24%	0%	0%

SN Indefinido	Frequência 48%	Duração 28%	Intensidade 28%			
	63%	37%	37%			
<i>Bare Plural</i>	52%			48%	0%	0%
	Quantidade 40%	Frequência 24%				
	77%	46%				

Tabela 39 - Resultados em percentagem para [*leu muito* + complemento + localização temporal longa]

<i>O ano passado</i>						
	Aceitam			Não aceitam	NS	NR
∅	96%			4%	0%	0%
	Duração 68%	Frequência 52%	Quantidade 52%			
	71%	54%	54%			
SN Definido	80%			16%	4%	0%
	Frequência 52%		Duração 48%			
	65%		60%			
SN Indefinido	72%			24%	0%	4%
	Frequência 60%		Duração 32%			
	83%		44%			
<i>Bare Plural</i>	52%			48%	0%	0%
	Quantidade 44%		Frequência 24%			
	85%		46%			

❖ **Culminações:**

Tabela 40 - Resultados em percentagem para [*caiu muito*]

Caiu muito			
Aceitam		Não aceitam	NS
92%		4%	0%

Frequência	Intensidade	
88%	12%	
96%	13%	

Tabela 41 - Resultados em percentagem para [caiu muito + localização espacial]

Caiu muito [na escola]			
Aceitam		Não aceitam	NS NR
100%		0%	0% 0%
Frequência	Intensidade		
88%	20%		

Tabela 42 - Resultados em percentagem para [caiu muito + localização temporal curta]

Ontem			
Aceitam		Não aceitam	NS NR
100%		0	0 0
Frequência	Intensidade		
84%	20%		

Tabela 43 - Resultados em percentagem para [caiu muito + localização temporal intermédia]

A semana passada			
Aceitam		Não aceitam	NS NR
100%		0%	0% 0%
Frequência	Intensidade		
92%	16%		

Tabela 44 - Resultados em percentagem para [caiu muito + localização temporal longa]

O ano passado			
Aceitam		Não aceitam	NS NR
96%		4%	0% 0%
Frequência	Intensidade		
92%	12%		
96%	13%		

❖ Pontos

Tabela 45 - Resultados em percentagem para [tossiu muito]

Tossiu muito			
Aceitam		Não aceitam	
100%		0%	
Frequência	Intensidade		
76%	56%		

Tabela 46 - Resultados em percentagem para [tossiu muito + localização espacial]

Tossiu muito [na cama]			
Aceitam		Não aceitam	
100%		0	
Frequência	Intensidade		
76%	60%		

Tabela 47 - Resultados em percentagem para [tossiu muito + localização temporal curta]

Ontem			
Aceitam		Não aceitam	
100%		0%	
Frequência	Intensidade		
88%	56%		

Tabela 48 - Resultados em percentagem para [tossiu muito + localização temporal intermédia]

A semana passada			
Aceitam		Não aceitam	
100%		0%	
Frequência	Intensidade		
84%	48%		

Tabela 49 - Resultados em percentagem para [tossiu muito + localização temporal longa]

O ano passado			
Aceitam		Não aceitam	
96%		4%	
Frequência	Intensidade		
80%	44%		

83%	46%	
-----	-----	--